CASAIS TROCADOS

John Updike

dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by convertEPub

John Updike

Casais Trocados

Tradução: Pinheiro de Lemos

Sinopse

Grande parte do enredo de Casais (que tem início na noite de 24 de marco de 1962 e abarca eventos históricos como a perda do USS Thresher em 10 de abril e o assassinato de Kennedy em novembro de 1963) refere-se aos esforços dos personagens para equilibrar as pressões morais protestantes com o comportamento americano dos anos 60, cada vez mais flexível em relação ao sexo. O livro sugere que esse relaxamento pode ter sido impulsionado pelo desenvolvimento do controle de natalidade e a oportunidade de apreciar o que um personagem se refere como "o paraíso pós-pílula."

O livro é rico em detalhes de época. (Em 2009, o USA Today chamou a novela de "cápsula do tempo de uma era.) As descrições longas, frequentes, líricas e explícitas de sexo, incomuns para a época, tornaram o livro um sucesso. A Time tinha reservado reportagem de capa para Updike e seu romance antes de saber do que se tratava; quanto mais alto ele subia na hierarquia da revista, menos eles gostavam, conta-se.

O romance foi entusiasticamente recebido pela crítica, e aterrissou Updike afinal na capa da Time, local raro para um autor, detalhando as semelhanças entre a ficcional Tarbox, Massachusetts, e a real Ipswich, Massachusetts, onde o casal Updike partilhava com jovens casais uma vida de festas (Wikipedia).

PARA MARY

Ainda que goze de alta posição na sua profissão, o cidadão comum tem tendência a considerar que as decisões relativas à vida da sociedade a que pertence são obra do destino sobre as quais ele não tem influência — como os súditos romanos do mundo inteiro pensavam na época do Império Romano, o que é uma disposição favorável ao desenvolvimento da religião, mas desfavorável à manutenção de uma democracia atuante.

PAUL TILLICH
O Futuro das Religiões

Amamos a carne: seu sabor, seus tons,/seu odor carnal exalado através das fauces da Morte.../Temos culpa, então, de que vossos frágeis ossos estalem sob nossas mãos pesadas e ternas?

ALEXANDER BLOK
Os Citas

Capítulo um

BEM-VINDO A TARBOX

— Que foi que achou do novo casal?

Os Hanema, Piet e Angela, estavam tirando a roupa. O quarto era uma peça colonial de pé-direito baixo, de madeiras pintadas com o tom neutro de branco chamado comercialmente de casca-de-ovo.

Uma meia-noite de primavera se comprimia junto às janelas frias.

— Ora — respondeu vagamente Angela —, me pareceram jovens.

Era uma mulher de sedosos cabelos castanho-claros, de trinta e quatro anos, já de cintura e quadris cheios mas com os delgados e firmes tornozelos de uma moça e um andar experimental e incerto de moça, como se o ar estivesse frouxamente obstruído por panos. A idade só lhe atingira a linha abrandada do maxilar e as mãos de costas nodosas e pontas dos dedos avermelhadas.

— Jovens? Que idade exatamente?

— Sei lá... Ele tem trinta anos rodando para quarenta. Ela é mais moça. Vinte e oito? Vinte e nove? Está querendo fazer um casamento?

Piet riu sem vontade. Tinha cabelos ruivos e corpo compacto.

Não era mais alto do que Angela, mas era mais denso. As suas hereditárias e comuns feições holandesas eram ativadas intimamente por um quê americano adquirido — uma envergonhada cobiça jovial, uma interrogação

muda. A imprevisibilidade lânguida de sua mulher, um reservado frescor oriundo do seu autodomínio aristocrático, ainda o fascinava. Julgava-se rude e via-a como uma criatura fina, tão clara e fina que todos os gestos dela pareciam transparentemente condicionados por uma graça e uma sinceridade bem fora do seu alcance. Quando a conhecera, Angela Hamilton era uma jovem mulher que já ultrapassara a flor da idade, com o brilho já preguiçoso, um comovente e lento hábito de desviar o olhar, com o lado do pescoço exposto, uma beleza inexplicavelmente intata, que se divertia em ser professora e vivia com os pais em Nun's Bay. Ele estava trabalhando para o pai dela, em sociedade com um amigo do exército, num dos seus primeiros trabalhos, construindo uma pérgula diante do mar e do grande rochedo cor de chocolate escuro que sugeria de um ângulo ligeiramente diferente um perfil de mulher e as dobras de um véu de freira. Havia um penhasco, um vasto gramado verde e sebes podadas tão planas como mesas. Dentro da casa, havia uma profusão de relógios, de pêndulo ou de bordo, com acabamento de bronze dourado ou laca negra, relógios delicados em estojos de prata ou com um pêndulo de quatro bolas. O namoro passou como coisa instantaneamente esquecida, como um encantamento ou como um erro. O tempo fluía desordenadamente. Todos os relógios apressavam o seu tiquetaquear, fazendo-os passar além das suas dúvidas, contornando as arestas dos cantos e os nodosos pilares de escada de nogueira. O pai dela, homem de sorriso cheio de experiência e terno cinza, deixou de opor-se. Ela tinha sido uma dessas filhas tão mimadas que só a condição de solteirona poderia ter a coragem de pleiteá-la. Fertilidade a qualquer preço. Ele acertou negócios para o genro. O primeiro filho dos Hanema, uma menina, tinha nascido nove meses depois da noite nupcial. Nove anos depois, Piet ainda sentia com Angela que um poder

superior estava tentando utilizá-lo por intermédio dela. Disse como que em legítima defesa: — Só estava querendo saber em que fase do casamento eles estão. Ele me pareceu um pouco duro e distante.

— Espera que eles estejam em nossa fase?

O tom fino e frio dela, manifestado no momento em que ele acreditava que a intimidade dos dois, naquele quarto seguro e bem iluminado que a noite de abril rodeava, estivesse ganhando um pungente vigor suficiente para fazê-los superar as suas inibições, aborreceu-o. Sentiu-se como um idiota. E disse: — É verdade. O sétimo círculo da felicidade.

— É nele que nós estamos?

Ela parecia remotamente disposta a acreditar nele.

Cada um deles estava diante de um armário embutido, de um lado e do outro de uma lareira que não se usava, emoldurada em lambris de pinho e em estuque pintado de azul. O prédio era uma graciosa casa de fazenda do século XVIII com oito peças. Um galpão, um bom pátio quadrado e uma alta sebe de lilases vieram com a propriedade. Os proprietários anteriores, que eram rapazes adolescentes, tinham cravado um aro de basquetebol na parede do galpão e fizeram uma pequena quadra asfaltada. Em outro canto, havia um túnel de árvores tangente a um pomar vizinho. Mais além, ficava uma fazenda leiteira. Dez quilômetros adiante pela estrada, uma presença invisível, ficava a vila de Nun's Bay e, mais trinta quilômetros ao norte, Boston. Piet era de profissão um construtor, apaixonado pelo que era confortável e aberto em ângulos retos, e terminara adorando aquela casa, com os seus aposentos retangulares e baixos, os seus rodapés e guarda-cadeiras moldados e talhados a mão, os delgados varais das janelas cujas vidraças mais antigas eram salpicadas de bolhas oblongas e tinham um colorido azul-pálido, os tijolos gastos do fogão da lareira como portais de entrada

para um fuliginoso núcleo de tempo no alto, o sótão que ele havia forrado com papel isolante prateado que o fazia parecer uma abobadada caixa de jóias ou uma caverna de Aladim, o sólido porão recente que tinha sido uma adega cheia de terra quando eles se tinham mudado para ali, cinco anos antes. Gostava da maneira por que a casa colhia em todas as estações pequenas manchas em losango cor de limão de sol que giravam lentamente ao longo do dia como a ponte de um navio que seguisse uma rota curva. Todas as casas, todas as coisas que encerravam alguma coisa agradavam a Piet, mas o seu modesto senso holandês do canto do mundo que lhe era permitido separar e reter se satisfazia precisamente com aquele trecho plano a sessenta metros da estrada, a dois quilômetros do centro da vila e a se-te quilômetros do mar.

Angela, que descendia de rebeldes comandantes de navios baleeiros de New Bedford, queria uma propriedade com uma vista do Atlântico. Ficara aborrecida quando o novo casal na vila, os Whitman, havia comprado, por intermédio de Gallagher & Hanema, Imóveis e Empreitadas, uma casa que ela havia cobiçado, a velha propriedade Robinson, uma casa de veraneio mal acabada que precisava de reparos gerais. Tinha uma ampla vista das lagoas salgadas e era tão exposta ao vento que desafiava qualquer insulação. Ela e Piet tinham ido vê-la várias vezes no inverno anterior. A casa fora construída como um chalé de um só andar por volta de 1900.

Logo depois de 1920, tinha sido levantada sobre estacas, construindo-se sob ela outro andar térreo, com uma longa varanda fechada de tela que escurecia a sala de estar. Outros proprietários haviam acrescentado uma ala para os criados que estava em nível diferente da estrutura principal. Piet mostrou a Angela o mau trabalho de carpintaria, o estuque esboroado das paredes, os

encanamentos corroídos, a velha fiação com a borracha de isolamento caindo aos pedaços, os caixilhos das janelas gastos pelos animais e pela chuva. Havia uma goteira na clarabóia do quarto principal. O único aquecimento vinha de um único registro redondo no chão da sala, acima de uma fornalha de carvão alimentada a mão numa cova de calcário sem revestimento. Seria preciso escavar um porão completo. Eram essenciais sólidas paredes internas e todo um sistema novo de aquecimento. O teto tinha de ser substituído. Calhas, caixilhos, telhados. A cozinha era pitoresca e inútil. Os empregados a utilizavam apenas no verão, fazendo saladas de lagosta. Nos dois lados expostos ao vento as ripas tinham sido torcidas, esbranquiçadas ou arrancadas. O preço mínimo era quarenta mil dólares com doze mil de entrada. Era demais. De pé junto à pia de ardósia, olhando para a vista de inverno das lagoas e das ilhas de espinheiro, com o canal azul além e as dunas brancas como sal, cingidas finalmente pelo mar, Angela concordou afinal com ele. Era demais.

Agora, pensando na casa de cuja compra se livrara e em cuja venda tivera a sua parte de lucro, Piet se regozijava conservadoramente com a casa que tinha. Sentia em derredor dele a leve simetria da casa. Pensou em suas duas filhas de rosto redondo, adormecidas dentro da casa. Alegrou-se com a visão do corpo de sua mulher, de sua bela maturidade.

Tendo tirado o colar de pérolas da festa, Angela puxou pela cabeça o vestido preto decotado. A lã macia ficou presa nos grampos dos cabelos. Enquanto ela lutava para desprender o vestido, a luz da lâmpada acendeu um fogo em ziguezague na combinação e a eletricidade estática fez o náilon da combinação aderir ao seu flanco. A combinação levantou-se mostrando o alto das meias e as ligas. Sem a cabeça, ela toda era forma plena, doce e sólida.

Instigado pelo amor, ele a acusou:

— Você não é feliz comigo.

Ela conseguiu desembaraçar o vestido amassado e olhou-o obliquamente. A luz de um abajur de mesa com uma cobertura de linho pregueada plantava-lhe sombras na linha do maxilar. Ela estava envelhecendo. Um ano antes, ela teria negado a acusação.

— Como posso ser feliz quando você flerta com toda mulher que aparece?

— É mesmo?

— Bem sabe que sim. Grandes ou pequenas, velhas ou moças, você as come todas com os olhos. Até as amarelas como Bernadette Ong.

Até a pobre bebadazinha que é Bea Guerin, que já tem problemas de sobra.

— Você parecia muito feliz, conversando a noite toda com Freddy Thorne.

— Piet, não podemos continuar indo às festas para ficar de costas um para o outro. Volto para casa, sentindo-me enxovalhada.

É horrível viver como nós vivemos.

— Gostaria mais se ficássemos de barriga um para o outro? — perguntou ele. Estava nu da cintura para cima e ela sentiu repulsa de ver a sua expansão de pele esticada e nua como um escudo com o seu brasão em forma de cruz de cabelos cor de âmbar. — Quer-me dizer o que você e Freddy tiveram para conversar durante horas e horas? Ficaram metidos num canto como duas crianças, jogando damas.

Ele deu um passo à frente, com os olhos apertados e avermelhados que a festa irritara. Ela resistiu ao impulso de recuar, sabendo que aquela disposição ameaçadora dele era no fundo uma solicitação e devia acabar em sexo.

Em vez disso, meteu a mão por baixo da combinação para desapertar as ligas. O gesto, de tão vulnerável,

desarmou-o. Piet parou diante da lareira sentindo nos pés descalços a frialdade dos tijolos macios.

— Ele é um bobo — disse ela displicentemente de Freddy Thorne.

A voz era mais baixa em virtude da pressão do queixo sobre o peito. Os braços esticados para baixo faziam os seios juntarem-se num sulco escuro. — Mas fala de coisas que interessam às mulheres. Comida. Psicologia. Dentição das crianças.

— Que é que ele diz em matéria de psicologia?

— Falou esta noite do que todos nós vemos uns nos outros.

— Nós quem?

— Você sabe. Nós, os casais.

— O que Freddy Thorne vê em mim é bebida de graça. O que ele vê em você é uma mulher bem boa.

Ela deixou de lado o elogio.

— Ele pensa que nós somos um círculo, um círculo mágico de cabeças para afugentar a noite. Disse-me que fica amedrontado quando não nos vê num fim de semana. Acha que nós formamos uma espécie de igreja.

— É porque ele não vai a uma igreja de verdade.

— Ora, Piet, só quem vai é você. Sem contar os católicos. — Os católicos a quem conheciam socialmente eram os Gallagher e Bernadette Ong. Os Constantine tinham-se afastado.

— É essa a fonte da minha espantosa virilidade — disse Piet. — Uma consciência revigorante do pecado.

E com as calças de risca de giz do terno, inclinou-se de repente para a frente e plantou as mãos de grossos tendões no chão, ficando de cabeça para baixo. Os dedos esticados dos pés procuraram a ponta de sua sombra cônica no teto. As veias do pescoço e dos braços estavam bem grossas. Angela olhou para outro canto. Já tinha visto aquilo de sobra. O silêncio da mulher perturbou-o.

— Louvado seja Cristo! — disse ele, ficando novamente de pé e batendo palmas para aplaudir-se.

— Pare com isso. Olhe que pode acordar as crianças.

— E por que é que não posso acordá-las se elas sempre me acordam, as pestinhas. — Ficou de joelhos e se encaminhou para a cama.

— "Acorde, papai, acorde. O jornal já chegou. E quer saber de uma coisa: Jackie Kennedy está tendo um filho!"

— Não seja cruel — disse Angela, continuando a despir-se cuidadosamente, afastando com as mãos vagos obstáculos. Abriu a porta do armário, de modo que, de onde o marido estava, o corpo dela ficava escondido. A voz dela flutuou livremente — Outra coisa que Freddy acha é que as crianças sofrem por causa disso.

— Por causa de quê?

— Da nossa vida social.

— Ora, eu tenho de ter uma vida social, já que você não me dá uma vida sexual.

— Se você pensa que é dizendo coisas assim que se ganha o co-ração de uma mulher, ainda tem muito que aprender.

Ele teve raiva do tom em que ela dissera isso, pois fazia-o recordar os tempos em que ele não existia e ela ensinava crianças.

— Por que é que as crianças não podem sofrer? E até bom que sofram. Sem isso, como é que vão aprender a ser boas?

Ele sentia que em matéria de sofrimento sabia mais do que ela e, se não fosse ele, ela educaria as filhas como tinha sido educa-da, isto é, para viver num mundo que não existia.

Ela estava decidida a responder-lhe com seriedade, até que a sua paciência embotasse a disposição provocante do marido.

— Isso é quando se trata de sofrimento positivo. O que damos a elas é abandono, um abandono tão sutil

que elas nem sentem. Não somos abusivos, somos apenas evasivos. Por exemplo, Frankie Appleby é um menino bem inteligente, mas está-se estragando e não é mais do que o saco de pancadas de Jonathan Smith porque os pais dele estão sempre juntos.

— Conversa. Um dos principais motivos pelos quais vivemos neste buraco de cidade é o bem das crianças.

— Mas só nós é que nos divertimos. As crianças são apenas levadas de cambulhada. Não gozaram nada daquelas excursões de esquiagem do inverno passado. Limitaram-se a ficar na linha da partida, tristes e tremendo de frio. As meninas tiveram vontade durante to-do o inverno de ir num domingo a um museu, um museu bem aquecido e bem arrumado com uma porção de pássaros empalhados. Mas nós não as levamos porque teríamos de ir todos juntos como uma família e os nossos amigos poderiam fazer uma coisa divertida ou fantástica sem a nossa presença. Se Irene Saltz, Deus a abençoe, não as levasse, nunca teriam ido. Gosto de Irene. É a única de nós que conseguiu manter a sua liberdade, ficando livre de vulgaridade.

— Bebeu muito esta noite?

— Não, mas Freddy quase não me deixou falar.

— Ele é um bobo — disse Piet e, sufocado por um obscuro sentimento de exclusão, procurando ao menos obter a mercadoria negociável de uma rejeição direta, deu um pulo sobre os tijolos da lareira gastos como um corredor em Delft e empurrou de súbito com o pé a porta do armário da Angela, quase batendo nela. Estava nua.

Ele também estava nu. As mãos, os pés, a cabeça e os órgãos genitais de Piet eram de um homem maior, como se quem o fez, vendo que o corpo modelado saíra muito pequeno, houvesse injetado uma onda final de plasma que se havia coagulado pesadamente nessas extremidades. Comportava-se fisicamente, com as palmas calejadas pelos instrumentos e as costas de

acrobata um pouco encurvadas, como se tivesse consciência de uma forte carga.

Angela tinha recuado e, por fim, ficou imóvel, com um braço a proteger os seios. Uma luminosa palidez polínica, sombra do maio de banho do verão anterior, realçava-lhe as partes pudendas surpreendentemente luxuriantes. A fraca inclinação para a frente do ventre lembrava as vezes em que estivera grávida. As pernas e coxas, grossas, eram varicosas. Mas os braços curvos, simples e si-métricos, pareciam de uma virgem e os pés brancos eram bem arqueados, sem que nenhum dos pequenos dedos tocasse o chão. O pescoço, os pulsos e a moita triangular pareciam os pivôs para algum irresistível impulso de fuga, mas como Eva num portal, ela parecia encolhida de vergonha e na pedra. Estava rígida. As íris azuis retinham a luz como os gatos, rasamente. A pele dela transpirava ódio.

Ele não se atreveu a tocar nela, embora a sua beleza tão próxima lhe secasse a língua. Os corpos caíam sobre eles como vestes exageradas. Piet sentiu nos tornozelos o vento que vinha pela lareira e percebeu a noite além dos seus ombros encolhidos, uma vastidão que se comprimia de encontro às vidraças cheias de bolhas e aos frágeis varais, uma escuridão pejada com a dor do primeiro crescimento e os esqueletos suspensos de Virgem, Leão e Gêmeos.

— Grosseirão — disse ela.

— Você é linda — disse ele.

— É uma pena. Vou vestir minha camisola.

Suspirando, imerso num clamor de luz e tintas, os Hanema se vestiram e foram para a cama, exaustos.

Como sempre, depois de uma festa, Piet custou a dormir. Não tinha ido a muitas festas quando moço e elas agora o deixavam superexcitado e túmido. Tocou em si mesmo para poder dormir. Daí a pouco, a mulher foi como um peso morto ao lado dele. Ela se gabava de que

nunca sonhava. Com pena dela, colocou a mão por baixo da camisola de algodão transparente ao seu contato e lhe massageou a compacta macieza das costas ardentes, na esperança de agitar nas profundezas daquele sono uma ondulação, uma fábula fluida que ela pudesse contar a si mesma e lhe viesse à lembrança pela manhã. Ela seria um vale e ele uma tempestade de areia. Ele seria um lindo leão a banhar-se no rio que era ela. Não podia acreditar que ela nunca sonhasse. Como se podia deixar de sonhar? Ele sempre sonhava. Sonhara na noite passada que era um velho ministro fazendo as suas visitas. Andando pelo campo, havia cruzado uma auto-estrada e esperara muito tempo na faixa do meio. Enquanto esperava viu lá embaixo um vale rural onde havia casinhas que lançavam fumaça das chaminés. Ali é que teria de fazer as suas visitas. Atravessou o resto da estrada e ficou aliviado quando um polícia parou com a motocicleta ao lado dele e, falando em alemão, o prendeu.

A festa fora dada pelos Appleby em honra ao novo casal, os Whitman. Frank tinha conhecido Ted, ou Dan, em Exeter ou Harvard.

Exeter, Harvard: isso era para Piet como olhar para as vidraças da estufa borrifadas de cal para atenuar a luz do sol. Afastou a estufa. Não queria lembrar-se da estufa. Era um penhasco.

Os dedos endureceram, cansados de tentar dar um sonho à mulher: um menino no rio dela, Moisés na manhã do Nilo, encontrado encalhado entre os papiros sussurrantes, servas egípcias, flancos de salgueiro, o lótus único, fácil acesso. A parte sexual da natureza antes de Cristo. Grosseirão. Cadela. Ocupando três quartos da cama como se tivesse cumprido o seu dever. Respirando com a boca aberta e os lábios frouxos. Palavras que entram e saem. Virgens engravidadas pelo ouvido. Falar a mim de psicologia. De preferência tocou

de novo em si mesmo. De cera. Pétalas de camélia murchas. Na sua mocidade uma vara de marfim pronta. À idéia de uma greta ou, na escola, de uma flecha de sol pousada em sua coxa: levantar-se para recitar: "Ali respira alguém com a alma morta". To-da a classe rindo dele todo curvado. A moça na carteira ao lado usava blusas de linho tão transparentes que as alças do sutiã apareciam e de mangas tão curtas que as suas axilas se mostravam, raspadas. Vojt. Annabelle Vojt. Um homem, um Vojt. Os fáceis costumes holandeses. Casou-se com um criador de galinhas de Grand Rapids. Uma ponta de língua maravilhosa, ágil e meio quadrada. Uma vez, depois de uma dança, beijou-o com a língua com o carro parado perto da pedreira e ele ejaculou por dentro da braguilha. Mais in-tenso naquele tempo, o canal mais estreito, maior velocidade. Não era sua pequena, mas acetinada debaixo das calcinhas, um distante odor de turfa, roçar de saias rodadas, baile de gala. Rápida como um piscar de olhos, a língua escura e suculenta sob a dele. O corpo dele transmitiu instantaneamente a notícia de nervo a nervo.

Rígido num instante. Toque. Uma pétala de cera pousada num travesseiro de frisado sensível: acorde. Bebida. Coisa errada que embota. Engrossa o sangue, mina o tom muscular. Virou-se para o outro lado, bateu o travesseiro, estendeu-se a fio comprido, tentando ajustar-se a um rumo invisível, o rumo do mundo do destino. Descontraia-se. Pense na festa.

Twist. O careca Freddy Thorne com um sorriso rebrilhante e molhado pondo o disco. Gorducho. *Agora, agora! Todo mundo no twist.*

Terapia para todo mundo ficar horroroso. Estavam ficando velhos e horrorosos nas casas uns dos outros. Só Carol sabia entre as mulheres, com as pontas da bacia fazendo requebros fáceis em forma de oito, as mãos suspensas como facas delicadas, o peso mudando de um

pé para o outro, num bater silencioso, sem sapatos, estreito, faminto, com o seu magro jeito de beleza de colegial, mais do seu nível social, o movimento, friamente límpido, os pés esquecidos, as pálpebras elegantemente quase fechadas, fazendo certamente enevoado Frank Appleby que se torcia ao lado dela, sem qualquer lógica nos quadris, os dentes projetados para fora zurrando, com as gengivas à mostra, com um hábito pardo e uma aspersão desagradável. Todo mundo no *twist*. Os pés pretos galhofeiros de Smith. Pequena. O queixo de Georgene esticado determinadamente como para servir a segunda bola. Angela, mole demais, um pouco vacilante.

Gallagher, uma marionete sacudida. John Ong olhava tranqüilo, sorridente, silencioso, fumando. Voltando-se para Piet produziu sons amistosos e altos que, no tumulto, pareciam feitos só de vogais.

Piet sabia que o coreano valia mais do que eles todos juntos no feixe balançado e contorcido, mas não podia compreender o que ele dizia: Quem nunca disse a si mesmo. Bernadette apareceu, larga e plana mulher em duas dimensões, metade japonesa, a outra metade católica, de Baltimore, e perguntou a Piet: *Twist*? Na repleta sala sacudida, que era a sala de brinquedos dos filhos de Appleby, com patos cor-de-rosa pintados nas paredes, Bernadette batia nele, chocava-se com ele por suas macias superfícies planas, com o crucifixo pulando no espaço raso entre os seios, batendo nele com as coxas e os pulsos, o perigo amarelo. *Uffrueeieu. Uau.* Um *foxtrot* era melhor. Tornando-se ridículo, desperdiçando energia, isto aqui está ficando muito suburbano. As janelas estavam pregadas de tinta. Paredes de livros.

Piet se sentia um bravo e pequeno rapaz holandês, com um perigo torrencial pairando acima dos seus amigos, naquela cidade onde fora acolhido porque Angela tinha sido uma Hamilton. Os homens tinham

parado de ter uma carreira e as mulheres tinham parado de ter filhos. Restavam a bebida e o amor. Bea Guerin, quando dançaram ao som de Connie Francis, com a sua frouxidão de bêbada jogada sobre ele a ponto de sua perna e seu pescoço doerem daquele lado, com os peitos suados a mancharem-lhe a camisa, parecia estar perguntando por que ele não a fornicava. Não tinha certeza de que ela tivesse dito mesmo isso. Parecia alguma coisa em holandês, *fokker, in defuik lopen*, chegando até ele como se viesse dos pais conversando na sala dos fundos de estufa. O pequeno Piet, *amerikander*, não podia compreender. Mas ele gostava de ficar ali com eles, no calor da estufa, vendo o pai encher as caixas de musgo com os dedos manchados e os pálidos dedos finos da mãe envolvendo os vasos em papel prateado e espetando as tabuletazinhas com os preços. Uma vez mais, com os seus olhos de criança, Piet viu os rolos de fita de papel, as caixas com pedrinhas coloridas para os pequenos quadros em vasos de cactos, violetas, casas de porcelana e figurinhas de animais com pontas de reflexos nos focinhos e a gaveta cheia de cartões empilhados para os presentes dizendo em relevo prateado Hanema, seu nome, resumindo constelado nas letras todo o seu destino, *Hanema, ama, amen*. Ao lado do escritório dos fundos, onde mamãe preparava os vasos e papai pagava as contas, ficavam as frias portas molhadas, onde as rosas e os cravos cortados eram tingidos e as belas íris e gladíolos se curvavam refrigerados e mortos.

Piet sentiu a tensão e apagou a estufa juntamente com a festa.

O novo casal. Pareciam notáveis para si mesmos, satisfeitos consigo como gladíolos. Mudas transplantadas de Cambridge, altas e selecionadas. Gente nova que chegava aborrecia Piet. O solo ficava cheio e não era tão rico assim. Ted? Ken. Um riso fácil, mas uma deprimida

apatia, um interesse menos do que irônico em ser correto. Alguma coisa de ciência, não matemática como Ong ou miniaturização como Saltz. Bioquímica. Papai não gostava de adubos inorgânicos e recolhia excrementos de galinhas das granjas: *Isto é o que eu conheço, minha terra*. Ela era estranhamente chamada de Foxy (Raposinha), nome de solteira? De Fairfox, Virgínia? Tinha um quê de sulista. Alta, cabelos de carvalho e mel, um rubor constante como de erupção ou de febre. Parecia intimamente perturbada e por duas vezes passara muito tempo no banheiro lá em cima. Quando descia pela segunda vez, mostrou o alto das meias a Piet, que se reclinava, acrobaticamente embaixo. Bordas escuras de cinza numa campânula de sombra voltada para cima. Ela o viu olhar e encarou-o até fazê-lo baixar a vista. Olhos de âmbar lindos. Olhos castanhos de uma peliça lisa com fundo de ouro.

Que foi que você disse, Bea? Acho que estou surdo.

Ouviu bem, meu doce Piet. Acho que estou bêbada. Desculpe.

Você dança divinamente.

Não zombe de mim. Sei que não lhe posso interessar porque você tem Georgene e eu não posso me comparar com ela. É maravilhosa e como joga tênis bem.

Isso é muito lisonjeiro. Pensa mesmo que tenho alguma coisa com Georgene?

Está certo, com voz cantante e olhos voltados para uma distância confusa, não se dê ao trabalho de negar, mas Piet... Piet?

Hein? Estou aqui. Você ainda não mudou de par. Está zombando de mim. Isso é mesquinho, não é digno de você, Piet. Piet?

De novo: hein?

Eu seria boa para você. E algum dia você vai precisar de quem seja boa para você porque — não vá se zangar — está cercado de gente sem bondade.

Quem, por exemplo? A pobre Angela?

Zangou. Sinto em seu corpo que você está zangado.

Não, disse ele, e se afastou dela, de modo que o peso dela não lhe caiu mais sobre o corpo e ela se encolheu, mas depois se aprumou piscando os olhos e ofendida, enquanto ele continuou, *isso me acontece sempre que procuro tratar bem uma pessoa bêbada. Acabo sendo insultado.*

A cal se gastava depois de dois ou três aguaceiros, mas depois da guerra as companhias de produtos químicos apareceram com uma mistura que durava bem até o inverno. No inverno, não podia haver muita luz. As neves de Michigan se empilhavam em camadas em torno das paredes de vidro e dentro da estufa havia um canto embalador de água gotejante e ásperos murmúrios nos canos enferrujados até ficarem cor de terra quando se estendiam sinuosamente pelo chão de terra mosqueado de pequenos cravos. Uma criança chorava no sono.

Como se a estivessem estrangulando em sonho. Pela voz, calculou que tinha sido Nancy. Ela, que com três anos já sabia amarrar os sapatos, começara recentemente, com cinco anos, a chupar o dedo e a falar em morte. *Nunca vou crescer e nunca vou morrer em toda a minha vida*. Ruth, irmã dela, que fizera nove anos em novembro, ficava irritada de ouvi-la. Você vai morrer sim, tudo morre, até as árvores. Piet pensou em ir ao quarto de Nancy, mas o choro não se repetiu. No vácuo dos seus ouvidos correu um rangido rítmico, insistente como uma respiração. Uma agulha em ação dentro da noite.

Dera um ratinho *hamster* a Ruth como presente de aniversário. O animalzinho, que tinha a forma de um saco e era avermelhado, passava o dia dormindo e andava a noite inteira na sua roda de exercício. Piet jurou que iria pôr óleo na roda, mas enquanto isso, procurou sincronizar a sua respiração com o rangido. Muito rápido.

O coração disparou e pareceu crescer como uma mochila quando ele abruptamente empurrou lá para dentro dois pensamentos que, dentro das perspectivas da noite, pareciam temíveis: teria de começar em breve a construir casas de fazenda em Indian Hill e Angela não queria mais filhos. Ele nunca teria um filho homem. *Ique, eque, ique, eque. Acalme-se. Amanhã é domingo.*

Um caminhão passou na estrada e seus ouvidos o seguiram, concentrando-se nele até sumir. Em criança, tinha-se acalmado com a sensação de coisas que passavam na noite, automóveis e trens, com os seus barulhos feltrados e resmungados aproximando-se e parando num platô momentâneo para depois afastarem-se, deixando-o esquecido e intato, a caminho de Chicago ou Detroit, Kalamazoo ou Battle Creek ou então para a neve pontilhada de rastros de animais, da península do norte que só se podia alcançar de barco. Depois haviam construído uma ponte. Tinha imaginado que era o Super-Homem, com um peito de aço em que as rodas com verdugo das locomotivas não podiam fazer mossa, passando por cima dele. Os apitos que se afastavam desses trens das planícies pareciam traçados com um lápis de ponta tão fina que na realidade se quebrava. Não havia na natureza coisas como um ponto, um círculo perfeito, o infinito ou o futuro. O caminhão havia desaparecido. Mas tinha de continuar a existir. Tinha mesmo. Em algum lugar.

O tráfego àquelas horas naquele canto da Nova Inglaterra, entre Plymouth e Quincy, entre Nun's Bay e Lacetown, era esparso e ele teve de esperar muito tempo para que passasse outro caminhão e o embalasse. Angela se mexeu, evitando languidamente algum obstáculo no caudal do seu sono, um sonho que queria nascer, e ele se lembrou da última vez em que se tinham amado, havia mais de uma semana, em outra estação, no inverno. Embora ele tivesse patinado pacientemente,

esperando que a pele dela se acelerasse embaixo, ela havia finalmente desistido de gozar e pedira a ele simplesmente que a possuísse e acabasse logo com aquilo. Liberada, ela se voltara para o outro lado e quando ele passou os braços em torno do peito dela, roçou os dedos por uma inesperada e triste solidez.

Angela, seus peitos estão duros.

Que tem isso?

Você está excitada e poderia ter gozado.

Acho que não. Isso quer dizer apenas que estou com frio.

Deixe-me fazer você gozar. Com minha boca.

Não. Estou toda molhada.

Mas é de mim que está molhada.

Quero é dormir.

Mas é tão triste. Você gostava afinal de contas de estar comigo.

Não vejo nada de triste. Qualquer outra noite, estaremos todos aqui de novo.

Estava deitado de costas como uma cidade suspensa de um campanário. Sentia no rosto uma corrente de ar bem leve que vinha de algum ponto da sua casa confortável, de uma janela mal fechada, algum rasgão no revestimento do sótão, um assassino forçando uma porta. Virou-se de bruços e a estufa se derramou sobre ele. As mesas como grandes bandejas de madeira, as flores em botão, que desabrochavam e deixavam cair as pétalas sem serem compradas. Em criança, tivera pena das flores que não eram compradas, suplicantes na difusa luz cinzenta de estufa com as suas esperançosas corolas e o seu tépido perfume. Correu os olhos pela festa à procura de uma mulher a quem pudesse levar para casa e escolheu Bea Guerin. Querida Bea, é claro que eu quero fornicar você. Como podia não querer você com esse corpinho suado, tão cansado, tão pequeno e tão bonzinho? Tudo é lirial em você, não é mesmo?

Agora, abra as pernas. Fácil, fácil. Ah. A umidade e a luz dentro da estufa eram tão constantes e fortes que até as ervas daninhas cresciam.

Até quando a neve brilhante se amontoava junto às paredes de vidro como um corte transversal num livro escolar, o trevo que não se sabia de onde vinha vicejava entre as pernas das mesas e ao lado dos canos enferrujados, e o chão de terra criava uma patina de musgo, mergulhando num odor incomparavelmente quieto, fixo e profundo. Via-os, o pai e mãe, *vader en moeder*, movendo-se mansamente naquele coração poliédrico de luz que fugia cavado na natureza úmida, com os corpos transparentes e o espírito dele chegava à beira de um penhasco — um escorregão e então um deslizar em mergulho para baixo. Com o punho esquerdo fechado sobre si mesmo, tateava na cabeça à procura da festa, mas ela não estava mais lá.

Deus me proteja, me proteja, me livre disso. *Ique, eque, ique, eque.* Bom Deus, fazei-me dormir. Amém.

Um galo dourado girava no alto, acima de Tarbox. A igreja congregacional, um templo grego com uma cúpula e uma torre, dividia uma elevação plana, outrora uma pastagem comum, com uma cerca de campo de beisebol e um coreto de ferro que só era usado no Dia dos Mortos nas Guerras, quando dava abrigo a preces gritadas, e pelo Natal, quando se tornava um presépio. Três edifícios tinham sucedido à primeira casa de oração, um forte de colmo e o último, renovado em 1896 e 1939, levantava bem acima de trinta metros no ar um galo dourado que marcava a direção do vento, aproveitado da igreja anterior e, portanto, originário dos tempos coloniais. Tinha por olho um *penny* inglês de cobre. Derrubado uma vez em cada geração por furacões, raios ou consertos, era sempre restaurado, muito dobrado e soldado. Rodava com o vento rebrilhando ao sol e servia de ponto de referência aos pescadores na baía de Massachusetts.

Havia crianças no lugar que cresciam com a idéia de que a ave era Deus. Isto é, se Deus estivesse materialmente presente em Tarbox, seria sob a forma daquele galo inatingível que de toda a parte se via. E se o seu olho de *penny* pudesse enxergar, veria tudo estendido lá embaixo como um mapa vivo. Os três quilômetros quadrados do centro de Tarbox continham uma fábrica de meias convertida para a manufatura de brinquedos de plástico, três dúzias de casas de negócios, um hectare e pouco de locais de estacionamento de carros e centenas de casas com pequenos quintais. As casas eram variadas: os saleiros sobreviventes do século XVII que os primitivos Kimball, Sewell. Tarbox e Cogswell tinham levantado à beira de incertas pastagens, designadas estranhamente pelos nomes das virtudes, que se irradiavam do campo comunal; os descascados cubos federalistas com plataformas no teto; as mansões muito ornamentadas que davam testemunho dos tempos da prosperidade da indústria de tecidos; as ruas compactas de casas de tijolos projetadas para abrigar os operários importados da Polônia; os domicílios da classe média antes da Depressão com varandas baixas e chaminés estreitas e casas de madeira cor de mostarda, de salsa, de grafita e de vinho; os conjuntos novos como dentes claros, iguais, devorando as matas da distante Indian Hill. Depois havia uma rede venosa de estradas, uma linha férrea direta como uma flecha e abandonada, um rio cuja água era doce acima da cachoeira amarela ao lado da fábrica e salobra abaixo dela, um campo de golfe pontilhado de trecho de areia em forma de feijão, algumas fazendas teimosas e pomares em xadrez, um cintilante estábulo de vacas leiteiras na Estrada de Nun's Bay num campo em que se moviam diminutos pontos que eram cavalos a galope, extensões planas de lagoas salgadas interrompidas por ilhas e esteiros e com o horizonte curvo manchado, em dias claros como aquele,

pela sombra violeta que era a ponta do Cabo Cod, o mar de leste. Lançando o *penny* do seu olhar diretamente para baixo, o galo teria visto em vertiginosa perspectiva os pontos pretos das cabeças dos crentes reunidos diante da igreja e, apressando-se pelo caminho cinza, a cabeça ruiva de Piet Hanema, um retardatário.

O interior da igreja era branco. Efeitos de alabastro que tinham sido habilmente imitados em madeira. Graciosas abóbadas redondas culminavam num teto de estuque suspenso. Um balcão com caneluras dóricas acentuavam verticalmente o parapeito projetado co-mo se fosse imponderável dos lados do santuário e debaixo do órgão vitoriano pintado no fundo. O trabalho de marcenaria dos velhos bancos da igreja era admirável. Era raro Piet entrar na igreja sem refletir que os carpinteiros que a haviam construído estavam mortos e ninguém da mesma qualidade aparecera para substituí-los. Tomou o lugar de costume num banco da esquerda nos fundos. Fechou a porta almofadada do banco e ficou sozinho com uma esfiapada almofada cor de uva — uma campanha para a substituição dessas velhas almofadas não tivera grande êxito — e um par de velhos hinários azuis e uma horrível prateleira de nogueira para o copo da comunhão preso ao velho pinho do banco em obediência a um legado. Piet sempre ficava sozinho. Os seus amigos não iam à igreja. Ajeitou a almofada e escolheu o menos esfarrapado dos dois hinários. A organista, uma solteirona de cabelos cor de malva de Lacetown. enveredou por um prelúdio de Bach. O primeiro hino foi o número 195: "Saúdem todos o poder". A sua voz, tímida e desafinada, de vez em quando lhe chegava aos ouvidos. "... nesta bola terrestre... caiam prostrados os anjos... e coroem o Senhor de tudo..." Obedecendo ao sinal, Piet sentou-se e rezou. A oração era para ele um estado de espírito incerto. Quando dava resultado, ele parecia, intermitentemente, estar no canto

extremo de uma profunda cova, um pequeno animal peludo e amável todo encolhido como se fosse hibernar. Nessa condição, sentia-se perto de mim um imenso segredo quente, como o coração de lava no centro da terra. A sua existência por um momento parecia fugir ao declínio. Mas a igreja era muito excitante, muito cheia de luz e de música, para que a prece fosse possível e o seu espírito deslizava das palavras que eram cantadas, passava por vários fragmentos de propriedade que lhe interessavam, roçava pelas faces e pelos membros das mulheres que conhecia e pulava da imagem de suas filhas para a memória de seus pais, tão injusta e continuamente mortos.

Tinham morrido juntos, a mãe dentro de minutos e o pai três horas depois no hospital, num desastre de automóvel uma semana antes do Natal de 1949, à tardinha. Voltavam de Grand Rapids. onde tinham ido assistir a uma reunião de uma associação agrícola. Havia um trecho quase em linha reta da Estrada 21 que ficava quase sempre coberto de gelo. O rio passava perto. Tinha começado a nevar. Um Lincoln derrapou de frente para eles. Quem dirigia o Lincoln, um rapaz de Ionia, sobreviveu com profundas lesões. A posição dos automóveis não deixava ver bem que havia derrapado, mas Piet, que sabia como o pai dirigia tão laboriosamente como quando plantava gerânios, de quilômetro a quilômetro, não teve dúvida de que a culpa tinha sido do rapaz. Contudo... a luz crepuscular podia gerar confusão e o pai estava ficando velho. Talvez, num instante sem perspectiva naquela enganosa terra plana, ao aparecerem os faróis em sentido contrário, as rodas deslizassem por um instante e o velho sentisse pânico. Teria havido naquele bom jardineiro plácido, com os dentes postiços, o andar pesado e as pálidas sobrancelhas curtas, uma reserva fatal de insensatez que explodira e destruíra duas vidas? Todos aqueles

orçamentos acumulados, esperanças amealhadas e sementes pacientemente frutificadas? Piet imaginou os vidros quebrados que juncavam a estrada e viu a neve continuar a cair, cintilante, às luzes agitadas pelos polícias. Estava no segundo ano da Universidade Estadual de Michigan, estudando para obter o diploma de arquiteto, e se sentiu sem condições de continuar, com dinheiro emprestado e a tolerância do mundo. Havia em sua cabeça uma agitação que ele não conseguia eliminar. Deixou seu irmão Joan — Joop — comprar bem barato a sua parte das estufas e deixou-se recrutar para o serviço militar. Depois desse acidente, o mundo apresentou a Piet uma superfície escorregadia. Ficava na casca das coisas na atitude de um homem que experimentasse o gelo novo, a cabeça inclinada para escutar o estalo de advertência, a espinha dobrada para tornar-se mais leve.

"... e erguemos o coração em prece pelos que morreram, pelos que na maturidade do tempo partiram para o além..." Piet curvou os pensamentos para a esperança da imortalidade de seus pais, viu-os vagos e pequenos entre as nuvens com as suas roupas de trabalho na estufa e compreendeu que se eles permaneciam era como estranhos para ele, cegos para ele, mais do que um oceano, distantes das preocupações terrenas de que ele — bebê, menino, rapaz e quase homem — tinha sido uma. *Kijk, daar is je vader. Pas op, Piet, die hond bijt. Naa Kum*, está mais frio lá fora. Seja polido e não saia com moças com quem você teria vergonha de se casar. Do estranho fato da morte dos dois o seu espírito em prece passou para a estranha certeza da sua própria morte, que a branca madeira do banco bem feito e a translúcida janela alta ao lado dele pareciam facilmente negar.

Piet fora criado numa igreja mais severa, a Reformada Holandesa, entre carvalhos polidos e sombrios vitrais onde os pastores eram paralisados em teias de chumbo.

Entrara para aquela igreja irmã, filha mais velha de Calvino, por transigência com Angela, que não acreditava em nada. Piet não sabia o que lhe barrava o caminho para as numerosas fileiras dos bem-aventurados que não acre-ditavam em nada. Coragem, talvez. O seu ânimo se perdera com a morte dos pais. Romper com uma fé exige um momento de coragem, a coragem é uma espécie de margem dentro de nós e, depois da morte rápida de seus pais, Piet não dispunha mais de margem. Vivia rigidamente sob a pele e o seu rosto plano tinha marcas de tensão. Por outro lado o seu senso europeu de ordem exigia que ele colocasse as filhas dentro da cristandade. Naquele momento sua filha Ruth, que herdara o rosto dele e o majestoso corpo inconsciente da mãe, cantava no coro das crianças. Ao vê-la mover submissamente os lábios, o sangue dele gritou Senhor e a morte se curvou acima dele como um prato de vidro perfeitamente claro.

O canto do coro das crianças, um vacilante roubo de melodia enquanto o órgão continuava na ponta dos pés, cessou. Em silêncio, os auxiliares da igreja continuavam com a sua coleta de farfalhares de roupas e de tosses. Havia muita gente naquele dia, Domingo de Ramos. Piet pôs o rosto para a frente, sorridente, para que a filha o visse quando, como ele esperava, procurasse na congregação. Ela o viu e sorriu, ficou vermelha e olhou para os joelhos cobertos pelo manto. Enquanto com Nancy a sua virilidade tinha o poder de assustar, com Ruth, podia apenas embaraçar. Os auxiliares subiram os degraus, atapetados de escarlate, com passo descompassado. Atravessando uma ponte. Vibração. O ministro abriu os braços como as asas de um anjo para recebê-los. Os pratos de ouro foram empilhados. O hino: "Estamos Subindo a Escada de Jacó". Entre ianques tentando cantar com escravos, Piet quase chorou, sabendo que a Igreja Reformada Holandesa nunca teria condescendido com essa tentativa cristã. "Pecador, amas

o teu Jesus?" Abolicionismo. Filhos da luz. "Cada degrau é mais alto, mais alto..." Dois dos quatro auxiliares vieram para o banco em frente ao de Piet e um deles tinha orelhas de sátiro com os ouvidos cheios de cabelos duros. A nuca era toda cruzada de sulcos, marcada de varíola pelo tempo.

Minutos. Meteoros. Bombardeando-nos. O sermão começou.

O Reverendo Horace Pedrick era um homem esquelético e ignorante de sessenta anos. Concentrava no dinheiro as suas ilusões.

Nunca tivera dinheiro suficiente. Filho pobre de uma família de pescadores do Maine, tinha entrado para o sacerdócio depois de duas falências provocadas pela sua extrema cautela e medo da pobreza. Muito tímido e velho para conseguir uma igreja citadina, gasto por privações de cinco anos em somíticas aldeias da Nova Inglaterra, imaginava que o seu rebanho era composto de "homens práticos", empresários cujas atividades tinham a amplidão e a inexorabilidade dos fenômenos naturais. No púlpito, com os cabelos brancos espetados depois que a água que os molhava secara, prevenia-se contra a imaginada zombaria e os seus sermões, com contorções que o faziam de vez em quando dobrar o corpo, procuravam traduzir em termos financeiros as ressecadas formas do cristianismo. "O homem Jesus" — era uma das suas frases favoritas — "O homem Jesus não nos pede para dar um golpe espetacular para o futuro. Não chega junto de nós e diz: 'Aqui está um título para especulação. Compre a oito e um oitavo e poderá vendê-lo na Terra Prometida por cem'. Não, ele nos oferece títulos do presente a quatro e meio por cento, capitalizáveis os juros ao fim de cada trimestre! Sei que estou falando a homens realistas, homens de negócio cujas decisões são de longo alcance no mundo prático além deste santuário..."

Piet pensou se os cabelos que brotavam das orelhas diante dele eram ou não aparados. Tinham um jeito de moita cerrada. Um barbeador elétrico resolveria a coisa num instante. Passou os dedos no nariz e a cócega se ramificou através dele; teve de conter um espirro. Olhou para a cruz dourada do altar e ficou em dúvida sobre se Freddy Thorne tinha razão em dizer que Jesus fora crucificado numa cruz em forma de X que a Igreja tivera de falsificar em vista da imodéstia da posição. Cristo tinha virilha. Não se dava muita atenção à Sua Virgindade. Mencionada sequer na Bíblia? Não era provável, meninos árabes aos doze anos de idade, cultura rural, sodomia, parte da natureza, fácil acesso, lótus egípcio. Juntam-se na África nos campos mesmo enquanto trabalham: um gole de água. É engraçado como trepar torna límpido o olhar de uma mulher. A virilha de Cristo era árabe, mas o ar translúcido impulsionava pelo teto desta igreja. Seu olhar. Piet temia Freddy Thorne e o seu apetite de hiena pelas verdades imundas. Temia-o, mas se colocara em servidão a ele, tinha-lhe dado um refém, aberto em forma de X, com a greta úmida vermelha. O brilho sábio de Freddy. A cabeça de rugas cruzadas na nuca raspada sob o olhar de Piet voltou-se e o buraco do ouvido se tornou um olho castanho redondo. No sermão de Pedrick, as palmas espalhadas à frente de Jesus se tinham transformado em dólares e o roubo do jumento, uma laboriosa dissertação sobre o direito de propriedade. Pedrick lutava e não se convencia.

Como Deus era alegre e despreocupado; essa inesperada conclusão animava Piet a viver. "E assim, senhores, há alguma coisa no dinheiro, queiram ou não queiram: um poder que aceita um vidro de ungüento caro sem querer saber o preço, que tem a coragem de derrubar os balcões de respeitáveis banqueiros e homens de negócios como são os presentes. Possamos ter hoje a

luz para acolher esse poder com hosanas em nosso coração. Amém."

Cantaram "Levantai a Cabeça, Portões Majestosos" e sentaram-se para orar. Prece e masturbação tinham-se por tanto tempo misturado nos hábitos de Piet que, ao ouvir a bênção, retratou sua amante nua, com um reflexo de sol derramado entre os seios, queixo perfeito estendido e os olhos verdes levemente saltados, clareados.

Um calor erótico se infundiu nos cumprimentos de Piet quando desceu pelo centro da igreja, através de uma confusão de loja de louças de senhoras que batiam com a cabeça, até o pórtico redolente de papéis molhados, e, passando demorado aperto de mãos córneas de Pedrick, ao ar livre.

Na porta, Piet recebeu uma palma das mãos de um menino bem penteado de calções de veludo.

Ficou esperando a filha, encostado a uma coluna branca e quente, com a palma na mão direita. Fora do santuário, o dia era extremamente sentimental: um leve cheiro de cinzas e seiva, sombras rendadas, árvores sem folhas, as casas de madeira em torno do prado comunal verde tomando sol neutramente. O coreto de metal, pintado de verde, acentuava o aspecto alegre de um cenário de teatro.

O céu esmaltado de azul, camada sobre camada. No alto, imóvel contra o vento, com as patas puxadas para cima como ganchos paralelos, uma gaivota era realçada por um preto que se adensava nas pontas das asas. Cada pedra, cada mato, cada marca de calcanhar e cada cavidade de erosão na lama em torno da porta da igreja tinham recebido a sua sombra própria do meio-dia. Piet fora criado detestando o chão sem cultivo, mas em dez anos tinha acabado por amar aquela terra. Cada terreno era uma vantagem, Gallagher gostava de dizer que não vendiam casas, vendiam vistas. Olhando para baixo, para

o distrito comercial cujo ápice era formado no ponto onde Divinity Street se unia a Charity Street no drugstore de Cogswell, fazendo uma curva em ângulo reto ladeira acima, Piet percebeu alguma coisa branca que em virtude de alguma ressonância inconsciente obrigava a olhar. Quem? Sabia que sabia. A pessoa com a cabeça velada para o lado movia-se com a flutuante rigidez de uma noiva.

Era estranho o branco ali naquela época do ano, quando nada ainda desabrochara em brotos salvo os boldos prateados. Talvez como Piet ele fosse de uma parte do país onde a primavera chegava mais cedo.

Levava numa luva comprida um hinário preto e o rosado do rosto era forte como se ela estivesse ruborizada. Sabia. A nova mulher.

Whitman. Era evidentemente episcopal. A igreja episcopal de St. Stephen, de pedras toscas e sem campanário, ficava mais embaixo da colina. Com um passo apressado, a Sra. Whitman se encaminhou para um MG preto estacionado ao pé do prado, longe da igreja dela. Talvez como Piet ela chegasse habitualmente atrasada. Um desdém sutil. Pensando que não a estavam vendo, ela entrou no carro com violenta graça, levantando a saia, reclinando-se paia trás no banco e batendo a porta, tudo num só movimento. O fraco barulho da porta batida chegou a Piet um momento depois da visão vivida. O distante motor começou a funcionar. O peso do MG irrompeu nos pneus externos e ela deu a volta à ilha de pedras ladeira abaixo do prado e saiu da cidade para casa dela perto das lagoas. As mulheres que Piet conhecia dirigiam, quase todas, camionetas. Angela tinha um Peugeot. Voltou de novo a cabeça para o alto do céu. A gaivota imóvel tinha desaparecido. O fogo do azul acima, camada sobre camada de luz de estrelas apagada, era dividido por um rastro de jato que se dissolvia. Fechou os olhos e

imaginou a seiva elevando-se em vagos deltas em torno dele. Uma lavagem de cinzas. Um calor neutro. Um doce gosto de noivado. Timidamente, receando despertá-lo, o toque de mão de sua filha mais velha fez-se sentir na palma da mão pendente, da mão que empunhava a palma que dava a Jesus as boas-vindas a Jerusalém.

Depois do que pareceu a Foxy uma hora de coquetel comprida demais, enquanto os homens discutiam a cotação das suas ações, as suas esquiagens e a proposta recente para o restabelecimento do tráfego ferroviário por meio de um contrato da cidade com uma companhia, e Ken, que ia para a Universidade de Boston no seu MG, parecia desinteressado e enfadado, com um tornozelo sobre o joelho, ponderando sobre as complexidades dos seus cordões de sapatos como se um código pudesse ser elaborado ali, Bea Guerin, como a dona da casa, convidou-os hesitantemente para jantar: "Jantar. Façam o favor de vir. Tragam os drinques se quiserem, mas há vinho". Os Guerin viviam num velho caixão na Rua Prudência, cujo madeirame e cuja lareira principal datavam pelo menos de 1680. A casa fora tão dispendiosa e minuciosamente restaurada que tinha para Foxy a inquietante falta de jeito de uma casa nova. Foxy sentia empatia por casais sem filhos que conspiram para mimar os móveis.

Levantando-se e depositando os drinques, a companhia se encaminhou para a sala de jantar por um corredor baixo e envernizado onde num falso banco de sapateiro os seus casacos e chapéus estavam empilhados como um montão de pessoas não convidadas. Foxy tinha a impressão de que aquele grupo de casais — os Guerin, os Appleby, os Smith, a quem todo mundo chamava de Smith Pequenos, e os Thorne — compreendiam a metade mais "simpática" da pequena sociedade que estava procurando cercar a ela e a Ken. Para ficar à vontade, ela bebera um pouco além da

conta. Diante da mecânica insistência do dono da casa de cenho inflexivelmente franzido, aceitara dois martínis e, depois, com falso espírito juvenil, o terceiro.

Sentindo um princípio de náusea, fora à cozinha à procura de um pouco de vermute diluído e havia contado o seu segredo à dona da casa, num gesto de mocinha bêbada que teria aborrecido a Ken, mas que ela julgava que era a espécie de impulso que se desejava dela naquela companhia. Com uma precipitação ofegante, Bea Guerin tinha dito, pousando prontamente a mão trêmula no braço de Foxy: Foi muito bom você fazer isso. Embora até esse momento Bea tivesse parecido vulnerável a Foxy defensivamente instável e tonta, usando um vestido Império de veludo vermelho um pouco nu demais com um laço de fita caído abaixo do busto, que Foxy teria sumariamente eliminado, ela se tornou naquele momento a mulher marcadamente mais velha, que habilmente derramou o martíni na pia, reteve a casca de limão com a ponta do dedo e substituiu o gim por vermute seco. *Não finja nem beber se não estiver com vontade. Esse forno é engraçado. Tivemos de colocá-lo numa lareira e o vento da chaminé não pára de apagar o piloto. É por isso que o carneiro ainda não está pronto e tudo está atrasado*. Foxy achava bom que Bea. embora Roger fosse tão rico que os outros viviam fazendo pilhérias com o dinheiro dele, tão rico que parecia apenas fingir que trabalhava e ia a Boston principalmente para almoçar e jogar squash, trabalhasse na cozinha e sem se queixar. Janet Appleby tinha-lhe dito que uma das coisas de que ela e suas amigas gostavam em Tarbox era não haver clubes de campos nem empregadas. Viver com simplicidade era muito mais elegante. Bea abriu a porta do forno e tornou a fechá-la imediatamente numa espécie de medo fingido. Tinha no braço uma mancha oval azulada que devia ter sido uma contusão. Quando ria, mostrava os dentes da frente

encantadoramente afastados. *Querida, você é admirável. Tenho inveja, muita inveja de você*. O toque da mão dela foi úmido, pois ela havia pegado no copo de martíni. Foxy saiu da cozinha sentindo-se ainda incerta.

Abril era o seu segundo mês de gravidez e ela havia esperado que o enjôo dos primeiros tempos diminuísse. Sentia-se ofendida com essas manifestações de censura e repulsa que vinham de dentro dela. Tinha esperado muito para ficar grávida, aborrecia com o prudente adiamento do marido e com os intermináveis estudos dele, pensando, aos vinte e oito anos de idade, que talvez o corpo de uma mulher mais jovem suportasse melhor a tensão. Tinha imaginado que tudo seria como o desabrochar sem resistência de uma flor, uma planta que brotasse através da neve.

A luz das velas brilhava inconstante sobre uma comprida mesa com uma toalha bordada. Foxy estava atenta. O estômago se levantara como se ela estivesse voando sobre aquela fumegante cidade em miniatura de porcelanas, copos e pratarias rebrilhantes de pontos alaranjados. Tinham sido distribuídos pelos lugares cartões com os nomes escritos numa bela caligrafia redonda. Roger Guerin fê-la sentar-se com uma firmeza e uma precisão levemente excessiva. Ela queria ser tratada com displicência, mas sentia que muito antes, num incidente que certamente não fora culpa dela mas pelo qual ela parecia ser considerada responsável, ela havia ofendido Roger e tornara hostil o seu contato. A nuvem de vapor do consome envolveu-lhe o rosto e lhe restabeleceu o equilíbrio. Uma fatia de li-mão repousava no líquido numa paz fetal. Foxy esperou instintivamente que rezassem em ação de graças. Em lugar disso, houve a tácita recusa que se havia estabelecido, uma breve corcova de silêncio durante a qual todos prenderam a respiração. Em seguida, a serena colher de Bea foi

mergulhada na sopa, o encantamento se quebrou e teve início o jantar.

Roger, à sua direita, perguntou a Foxy:

— Sua nova casa, dos Robinson. Está contente com ela?

Moreno, com as unhas compridas e amareladas, o dono da casa parecia mais velho do que realmente era. As sobrancelhas escuras e cerradas faziam constantes exigências ao resto do rosto. A boca era a menor boca de homem que ela já vira, uma ninharia de boca.

— Muito — respondeu ela. — É primitiva e decerto muito boa para nós.

O homem à esquerda dela, o dentista calvo chamado Thorne, disse:

— Primitiva como? Quer explicar?

A sopa estava boa, clara mas forte, com um toque de salsa e um horizonte remoto de cereja. Ela queria tomar bem o gosto da sopa.

Era tão raro ultimamente gostar de alguma comida. Disse então:

— Quero dizer primitiva mesmo. É uma velha casa de verão. Faz frio. Compramos aquecedores elétricos para o quarto e para a cozinha, mas eles só servem mesmo é para assar os tornozelos da gente.

Precisava ver como ficamos pulando de manhã com as queimaduras; parece uma dança folclórica. É muito bom ainda não termos filhos.

A mesa tinha ficado em silêncio, a escutá-la. Ela havia falado mais do que pretendia. Um pouco vermelha, baixou o rosto para as rasas profundezas ambarinas onde a fatia de limão se balouçava co-mo um embrião.

— A palavra "primitiva" eu compreendo — insistiu Freddy Thorne. — Pedi que me explicasse por que pensava que era boa para vocês.

— Ora, eu creio que qualquer dificuldade serve para fortalecer o caráter. Não acha?

— Defina "caráter".

— Defina "defina".

Ela havia interpretado a implicância socrática dele como um artifício, um método que ele havia desenvolvido com as mulheres, para desentocá-las. Depois de cada frase, havia um movimento dos lábios dele para dentro como um peixe, que parecia uma demonstração de como se devia morder a isca. Os dentes não se mostravam na boca. Esperou por um momento, com a boca entreaberta, que ela entrasse. Como boca, não era masculina, nem feminina e não inteiramente infantil. O nariz era insignificante. Os olhos se perdiam por trás das lentes côncavas dos óculos que transbordavam da luz trêmula das velas. Os cabelos podiam ter sido outrora castanhos ou ruivos, mas se haviam tornado uma confusão incolor, uma sombra circundante atrás das orelhas. Como todas as cabeças calvas, a dele tinha um brilho que parecia arrogante. Repulsivo como era, Freddy assumia a fácil intromissão de um homem muito simpático.

Ouvindo a réplica dela, o homem em frente dela do outro lado da mesa, Smith, disse:

— Dê nele, menina — acrescentando à guisa de esclarecimento: —

Le donnez-lui.

Era evidentemente um hábito, um tique lingüístico. Roger Guerin interveio. Foxy sentiu nele o desejo de dar àquele grupo presunçoso uma lição de moral mínima. Perguntou a ela:

— Já contratou algum construtor?

— Não. O único que conhecemos é o homem que é sócio do homem que nos vendeu a casa. Piet... ?

— Piet Hanema — disse a mulher de Smith, falando do outro lado de Freddy Thorne e inclinando-se para a frente a fim de poder ser vista. Era uma moreninha nervosa, com os cabelos marcadamente partidos no meio e

brincos irrequietos, cujas cintilações se lhe espalhavam pelo rosto. — O primeiro nome rima com "convite".

— Com "gastrite" — disse Freddy Thorne.

— Todos o conhecem? — perguntou Foxy.

A mesa toda riu com vontade.

— É o maior neurótico da cidade — explicou Freddy Thorne. — Perdeu os pais num desastre de automóvel há dez anos mais ou menos e vive atazanando todo mundo porque ainda vive obcecado por isso.

Pelo amor de Deus, não faça negócio com ele. Vai demorar uma vida e lhe cobrar um dinheirão. Se não for ele, será o sócio explorador dele, Gallagher.

— Freddy — disse a mulher dele, sentada à frente de Foxy. Era uma mulher baixa de aspecto sadio com um firme queixo sardento e um estreito nariz à Donatello.

— Não acho que esteja sendo justo, Freddy — disse Frank Appleby do outro lado da mesa, além de Marcia Smith Pequeno. Mostrava os grandes dentes e as gengivas quando falava e havia uma efusão salival que brilhava à luz das velas. O rosto era vermelho e os olhos se mostravam injetados. Tinha mãos grandes e bem feitas.

Foxy gostou dele e percebeu uma intenção bondosa nas suas pilhérias. — Pensei que na última reunião que nós tivemos o chefe dos bombeiros ganhou a eleição de maior neurótico da cidade. Se você tinha outro candidato, devia ter falado na ocasião. — Explicou então a Foxy: — O nome do chefe dos bombeiros é Buzz Kappiotis e é um dos gregos daqui cujos tios são donos da cidade. A mulher dele é gerente da Lavanderia Suprema e ela é bem suprema também. Chega a ser mais gorda do que Janet. — A mulher dele deu-lhe a língua. — Tem um medo patológico de ultrapassar os limites de velocidade e grita todas as vezes que o caminhão com a escada de incêndio dobra uma esquina.

Harold Smith Pequeno, cujo nariz arrebitado mostrava uma dupla ponta pequena e curiosa, disse: — Tem medo também de alturas, de calor, de água e de cachorros. *L'eau et les chiens.*

Appleby continuou: — O único meio que tem de botar sua casa no seguro nesta cidade é dar preferência a Liberty Mutual.

Smith Pequeno acrescentou:

— Sempre que há um alarma de incêndio, os garotos correm para o local levando *marshmallows* e pipocas.

Roger Guerin disse a Foxy:

— É verdade que os prêmios de seguro aqui são os mais altos do condado. Mas também nós temos muitas casas velhas de madeira.

— A sua foi lindamente restaurada — disse-lhe Foxy.

— Achamos a restauração um tanto proibitiva quanto aos móveis.

Quem se encarregou de tudo foi Piet Hanema.

Sentada entre Ken e Smith Pequeno, Janet Appleby, um rosto empoado e gordo com pálpebras enegrecidas e lábios pintados em arco, exclamou:

— E aquele alarma! — inclinando-se para Foxy a fim de explicar, mergulhou cremosamente na luz o alto dos seios. — Não o pode ouvir lá da lagoa, mas nós moramos logo do outro lado do rio e é o barulho mais horrível que já vi alguma coisa pública fazer. As crianças da cidade chamam o alarma a Morte da Vaca.

— Ficamos escravos dos leilões — continuava Roger Guerin. Pela forma quadrada da cabeça, parecia a Foxy de origem mais suíça do que francesa.

Cutucaram-na de lado e Freddy Thorne disse a ela: — Roger pensa que os leilões são como um jogo de monopólio.

Através de Rhode Island e New Hampshire, ele é conhecido como o Maluco de Tarbox. É louco por cômodas.

— Freddy está exagerando — disse Roger.

— Ele escolhe muito as coisas — disse Bea do seu canto da mesa.

— Não foi esse o nome que me disseram — dizia Harold Smith Pequeno a Janet.

— E qual foi o nome que lhe disseram, meu caro? — perguntou Janet.

Harold mergulhou os dedos no seu copo de água e sacudiu-os no rosto dela; três ou quatro gotas, cada qual com o seu pingo de reflexo, apareceram-lhe nos ombros nus.

— *Femme Méchante* — murmurou ele.

Frank Appleby interveio, dizendo a Ken e a Foxy:

— A frase que as crianças dizem quando o alarma começa a tocar pode ser traduzida em linguagem decente assim: "A Divindade está soltando gases".

Bea Guerin e a calada mulher de Freddy Thorne levantaram-se e tiraram os pratos de sopa. Foxy ainda não tinha acabado e a Sra.

Thorne polidamente hesitou. Foxy largou a colher e pousou as mãos no colo. A sopa desapareceu. Dand voltou à mesa, Bea disse com voz cantante:

— O meu tipo popular na cidade é a velha do National Geographic.

Smith Pequeno, percebendo que Ken não havia dito uma palavra, virou-se polidamente para ele; feericamente iluminada, a ponta do nariz sugeria alguma coisa diabólica, como um pé de cabra.

— Frank me disse que o senhor era geógrafo. Ou é geólogo?

— Bioquímico — disse Ken.

— Ele devia conhecer Ben Saltz — disse Janet.

— A perspectiva é ainda pior do que a morte — disse Freddy —, se não me reprova por ser anti-semita.

Foxy perguntou ao ar cheio do cheiro das velas:

— National Geographic?

— Ela tem todos os números — disse a mulher de Smith Pequeno, inclinando-se não para Foxy, mas para Ken, do outro lado da mesa.

Do ângulo de Foxy, ela estava de perfil, com o lábio inferior elegantemente retraído e o brinco tilintando ao lado do maxilar, como se fosse uma pequena máquina. Ken de repente riu. Tinha o riso de um garoto, súbito, alto e desproporcionado. Em particular com ela, raramente ria.

Estimulados, os outros continuaram. A velha era a última pessoa da família Tarbox e vivia em um ou dois quartos num velho casarão vitoriano na Rua da Divindade, perto da estação dos bombeiros e do consultório de Freddy. O pai dela, que tinha sido o dono da fábrica de meias que agora fazia patos de plástico para banheiras e argolas de dentição, tinha sido um assinante fundador. As revistas estavam bem arrumadas em prateleiras, doze números por ano, desde 1888.

— O engenheiro da cidade — disse Frank Appleby — calculou que com a chegada do número de novembro de 1984, ela morrerá esmagada.

— Parece um personagem de Poe — disse Smith Pequeno, e perguntou deliberadamente à mulher: — Qual, Marcia? O Poço e o Pêndulo não é.

— Está fazendo confusão com A Casa de Usher, Harold — disse ela.

— *Non, non, tu es confuse* — disse ele, e Foxy teve a impressão de que se não estivessem separados pela mesa teriam caído de unhas um no outro. — Há uma história de paredes que se estreitam.

— Isso acontece a todo o tempo na televisão — disse Janet, e continuou falando de uma maneira geral: — Que é que podemos fazer para que os nossos filhos não vejam essas coisas? Frank está ficando um verdadeiro zumbi.

— Por falar em televisão — disse Marcia —, sabem o que foi que li há pouco? Que no ano de 1990 vão colocar uma televisão em cada sala e quarto, de modo que todo mundo possa ser vigiado. O artigo diz... — ela hesitou um pouco, mas continuou rapidamente: — ... que ninguém mais poderá cometer adultério.

Houve a passagem de um anjo, tamanho foi o silêncio.

— Não é possível! — exclamou Frank. — Será um golpe de morte na instituição do casamento.

Foxy achou que o riso que se seguiu era catártico. Harold Smith Pequeno não estava satisfeito. Mudou de assunto dizendo:

— Foi um choque o que aconteceu com o submarino Thresher, não acham?

— Choque por quê? — perguntou Freddy com o seu escorregadio subtom projetado. Não era, portanto, apenas com as mulheres que ele o usava.

— Penso que é horrível — disse Smith Pequeno — ver em tempos supostamente de paz cem jovens esmagados no fundo do mar.

— Eles se alistaram — disse Freddy. — Todos nós passamos por isso, meu caro Harry. Nós nos arriscamos na nossa lua-de-mel com Tio Sam e assim aconteceu com ele. *Che sará sará*, como diz tão a-certadamente Dodo Day.

— Por que diz que os tempos são supostamente de paz? — perguntou Janet a Harold.

— Estaremos em guerra com a China dentro de cinco anos. Já estamos em guerra, aliás. Kennedy incrementará a participação no Laos para manter o ritmo econômico. Nós precisamos no Laos é de outro Diem.

— Isso é tolice reacionária, Harold — disse Janet. — Já basta o que eu ouço de Frank.

Roger Guerin disse a Foxy: — Não os leve muito a sério. Nada há de romântico ou de excêntrico em Tarbox. Os puritanos tentaram fazer disto aqui um porto, mas as

areias fecharam tudo. Como o resto da Nova Inglaterra, isto aqui faz parte do passado, só que um pouco mais.

— Roger — protestou Janet —, isto é lá coisa que você diga a essa menina, quando temos igrejas tão belas, velhas casas, as lagoas e uma praia absolutamente soberba? Acho que somos a cidade mais bela e menos pretensiosa do país.

Ela não deu atenção a isso, mas, enquanto falava, Harold Smith Pequeno enxugava com a ponta do indicador cada uma das gotas de água que lhe sacudira nos ombros.

Frank Appleby gritou:

— Por que vocês dois não pegam uma toalha?

Um pernil de carneiro e uma terrina de verdura foram levados para a mesa. O dono da casa se levantou para trinchar. As suas mãos de longas unhas polidas poderiam ter posado para ilustrações de um livro de cozinha. Um corte de profundidade, depois um corte lateral em torno do osso e as fatias verticais exatas como pétalas, duas em cada prato. Os pratos eram passados para Bea, na outra ponta da mesa, e ela acrescentava ervilhas, batatas e geléia de hortelã. Comida simples de interior, pensou Foxy. Ela e Ken tinham vivido seis anos em Cambridge, uma região de complicadas iguarias, gulashs húngaros, saladas de alho, carne de porco com recheio de pato e pâncreas sauté. Entre aqueles convivas menos complicados, Foxy sentiu que ela própria podia ser uma raridade, uma princesa. Frank Appleby recebeu duas garrafas de Mordeaux dos armazéns locais para abrir e deu volta à mesa duas vezes, servindo da primeira vez as senhoras e, da segunda, os homens. Em Cambridge, o Chianti era passado de mão em mão, sem qualquer cerimônia.

Freddy Thorne propôs um brinde.

— Aos nossos bravos rapazes mortos no Thresher.

— Isso é mórbido, Freddy! — exclamou Marcia Smith Pequeno.

— Francamente, Freddy — disse Janet.

Freddy encolheu os ombros e disse:

— Foi do fundo do coração. Aceitem ou rejeitem. *Mea culpa, mea culpa*.

Foxy viu que ele estava habituado à rejeição. Saboreou-a como se um diagnóstico sombrio fosse confirmado. Além disso, ela compreendeu que o fato de desprezá-lo servia de traço de união para os outros, dava-lhes uma identidade comum como os casais que toleravam Freddy Thorne. Foxy olhou cheia de curiosidade para a mulher de Thorne. Sentindo-se observada por Foxy, levantou a cabeça. Os olhos eram de um espantado verde-claro, levemente saltados, penetrados por pupilas que eram como os olhos dos bustos romanos. Foxy pensou que ela devia ser feita de um material muito resistente para não mostrar qualquer cicatriz de tal casamento.

— Não penso absolutamente que você esteja sendo sincero, Freddy — disse Janet. — Você está é encantado de que fossem eles e não você.

— Claro que sim. E vocês todos também. Somos todos sobreviventes. Um grupo cada vez menor de sobreviventes. Já me arrisquei.

Servi o meu tempo a Deus e a Tio Sam.

— Você ficou foi sentado a uma mesa de aço lendo pornografia japonesa — disse Harold.

Freddy pareceu atônito, com sua boca informe imóvel.

— Não foi o que fez todo mundo? Soubemos de muitas coisas sobre você e suas gueixas. Pobres moças mal alimentadas que se contentavam com um maço de cigarros e meia barra de chocolate.

Os olhos verde-garrafa da mulher dele olhavam-no como se ele pertencesse a outra pessoa.

— Gostaria de saber o que eles pensaram — disse Freddy, nadando, tentando não afundar no desprezo geral, com a boca negra levantada. — As agulhas dos mostradores começaram a rodar, os canos foram-se quebrando e em que foi que eles pensaram? Na mãe? Na bandeira? Em Jesus Cristo? A última mulher com quem se deitaram?

Um silêncio desdenhoso caiu da parte dos homens.

— O que eu achei comovente — disse cantando a voz entrecortada de Bea Guerin — foi o tênder... É assim mesmo que se chama?

— É sim — disse o marido dela.

— Bem, foi o tênder com esse nome, Skylark (Cotovia). Passou toda a manhã chamando e circulando no mar que lá de baixo deve parecer um céu, circulando e chamando, sem ninguém responder. Pobre Skylark.

Frank Appleby levantou-se.

– Água demais para ti, pobre Ofélia. Proponho um brinde ao novo casal, os Whitman.

– Atenção — disse Roger Guerin, ficando sério.

— Possam eles por muito tempo concorrer para os nossos impostos, cujo índice é alto e cujos benefícios são nulos.

— Atenção, atenção — disse Smith Pequeno. — *Écoutez.*

— Obrigada — disse Foxy, ficando vermelha e sentindo uma nova onda levantar-se dentro dela. Largou imediatamente o garfo. O carneiro estava mal assado.

Smith Pequeno puxou de novo conversa com Ken.

— Que é que faz como bioquímico?

— Muitas coisas. Penso na fotossíntese. Costumava cortar as estrelas-do-mar em fatias extremamente finas para estudar o metabolismo das mesmas.

Janet Appleby inclinou-se de novo para a frente, banhando na luz quente o alto cremoso dos seios.

— E então elas sobrevivem em duas dimensões?

Através de uma lúcida onda encurvada de náusea, Foxy viu que o marido estava sendo flertado. Ken riu.

— Não, morrem. É essa a dificuldade no meu campo. A vida não gosta de ser analisada.

— A bioquímica é coisa muito complexa? — perguntou Bea.

— Muito. Incrivelmente. Se um teólogo hábil pudesse ver como é complexa, faria todos nós voltarmos a acreditar em Deus.

Afastado por Bea, Janet olhou para todos e perguntou:

— Por falar nisso, por que o velho Papa João XXIII nos importuna tanto? Age como se todos nós tivéssemos votado nele.

— Gosto dele — disse Harold. — *Je l'adore.*

— Mas você gosta de Khruchev também.

— Gosto dos velhos. Podem ser uns patifes admiráveis porque nada têm a perder. Só os bebês e os velhos podem ser o que são.

— Bem — disse Janet —, tentei ler *Pacem in Terris* e achei uma coisa tão cacete quanto as publicações da ONU.

— Roger — perguntou Freddy defronte de Foxy, com a sua respiração vigorosa —, gostou de ver Tchombe batido no Congo? É preciso um negro para vencer um negro.

— Acho admirável a complexidade — disse Bea com firmeza a Ken, tocando-lhe na manga do paletó. — Não quero ser compreendida.

— Felizmente — disse Ken — os processos são quase os mesmos através do reino da vida. Um pouco de fermento e você, por exemplo, reduzirá a glicose em ácido pirúvico exatamente nas mesmas oito transformações.

Era um aspecto dele que Foxy quase não via mais, o jovem que podia falar no "reino da vida". Quem ele pensava que era, rei?

— Oh! — murmurou Bea. — Há dias em que me sinto um pouco mofada.

Freddy persistiu, embora a boca de Roger se fechasse em resposta.

— O mal de Hammarskjöld — disse ele — é que ele era muito parecido com você e comigo, Roger. Bons sujeitos.

Marcia Smith Pequeno perguntou ao marido:

— Quem é que não deixa você ser um velho patife admirável, querido? Sou eu?

— Na realidade, Hass — disse Frank Appleby —, vejo em você o Bertrand Russel local.

— Pois eu o considero mais um tipo como Schweitzer — disse Freddy Thorne.

— Patifes, estou falando a sério. — A ponta do nariz se levantou defensivamente como o focinho de uma toupeira. — Vejam Kennedy. Há alguma coisa dentro daquele autômato, mas não se atreve porque ele é moço demais. Ele seria crucificado.

— Por que não falamos de noticias? — perguntou Janet Appleby.

— Sempre falamos de pessoas. Tenho lido os jornais enquanto Frank lê Shakespeare. Por que o Egito se está unindo com os outros árabes? Não sabem que Israel está entre eles? É uma coisa tão ruim quanto nós e o Alasca.

— Adoro você, Janet — disse Bea. — Pensa como eu.

— Aqueles países não são países — disse Harold. — São apenas filiais da Standard Oil.

— Diga-nos alguma coisa de Shakespeare — disse Freddy.

— Rimos — disse Frank — de ver as velas conceberem, e encherem o ventre com o vento lascivo. *Sonho de uma Noite de Verão*. Não é uma grande imagem? Está na minha cabeça há dias. Enchendo o ventre com o vento lascivo.

Levantou-se e serviu mais vinho. Foxy cobriu o copo com a mão.

Freddy curvou-se para ela e disse:

— Não está com muito apetite. Sente alguma coisa na barriga?

— Francamente — disse Roger Guerin do outro lado dela —, eu não teria hesitação em chamar Hanema para ao menos fazer um orçamento. Faz um trabalho muito sólido. Por exemplo, é um dos poucos construtores que ainda fazem paredes de estuque honestas. E o que ele fez para nós, embora demorasse um pouco, foi realmente muito bonito. A restauração é provavelmente o seu forte.

— É um homem à antiga e muito simpático.

— Vai-se arrepender — disse Freddy Thorne.

Frank Appleby disse:

— Pode também encomendar-lhe um dique para que Ken possa ex-plorar a lagoa. Pode-se ganhar uma fortuna com as ervas salgadas como forragem. Servem também para proteger os pés de alcachofra.

Foxy voltou-se para o homem que a atormentava.

— Por que não gosta dele?

Tinha-se lembrado de repente de quem era Hanema. Na festa de Frank, um homem de cabelos ruivos grotescamente deitado ao pé das escadas, tinha olhado por baixo do vestido dela.

— Mas eu gosto dele — disse-lhe Freddy. — Amo-o até. Amo-o co-mo a um irmão.

— E ele a você — disse Smith Pequeno.

– Para dizer a verdade, sinto-me homossexualmente atraído por ele — disse Thorne.

— Freddy — disse a mulher dele numa voz baixa que dificilmente podia ter a intenção de ser ouvida.

— Ele tem uma bela mulher — disse Roger.

— É bela sim — disse Bea Guerin. — Tão serena. Invejo o andar magnífico que ela tem. Você não,

Georgene?

— Angela — disse Frank Appleby — é realmente um robô, com Jack Kennedy dentro dela querendo sair.

— Não sei se ela é tão perfeita assim — disse Georgene Thorne.

— Não creio que ela dê muito a Piet.

— Ela lhe dá aprumo social — disse Harold.

— Aposto que ela lhe dá uma emoção de vez em quando — disse Freddy. — Ela é humana. Todo mundo é humano. É essa a minha teoria.

— Que é que ele faz de neurótico? — perguntou-lhe Foxy.

— Ouvi Roger dizer como é que ele constrói. É analmente certo.

E vai também à igreja.

— Eu também vou à igreja. Não posso deixar de ir.

— Frank — disse Freddy —, acho que encontrei a quarta.

Foxy calculou que ele queria dizer que ela era a quarta pessoa neurótica da cidade, depois do chefe dos bombeiros, do construtor holandês e da velha condenada a ser esmagada pelas revistas. Foxy era de Maryland e tinha a agressividade das mulheres sulistas.

— Deve-me dizer o que entende por "neurótico".

Thorne sorriu. A boca doentia convidava-a à luz das velas.

— Ainda não me disse como define "caráter".

— Talvez — disse Foxy, desdenhosamente risonha — a nossa definição seja a mesma.

Detestava aquele homem. Não se lembrava de um homem que lhe houvesse desagradado mais e ela tentou extrair da confusão que havia dentro do seu corpo uma clara expressão desse fato.

Ele inclinou a cabeça para ela e disse:

— Como um pouco do carneiro de Bea mesmo que esteja quase cru, apenas por delicadeza.

Voltou-se então para o lado, como se estivesse tratando mal um pedinte, e acendeu o cigarro de Marcia. Quando fez isso, a coxa dele escorregou deliberadamente de encontro à de Foxy. Ela espantada, divertida, aborrecida. O idiota imaginava que havia feito uma conquista. Ela sentia e temia nele um desejo de intrometer-se e de figurar no destino dela. Aumentou a pressão da coxa e naquela embaladora meia-luz ela experimentou uma vontade evasionista de dormir. Correu os olhos em torno à procura de auxílio. O dono da casa, com as sobrancelhas tiranicamente franzidas acima do nariz, concentrava-se em trinchar mais a carne de carneiro. Do outro lado da mesa, seu marido, pai da necessidade de sono que sentia, ria entre Bea Guerin e Janet Appleby. A sombra apunhalante no sulco entre os seios fartos de Janet mudou de forma enquanto as mãos de-la se agitavam para acentuar frases inaudíveis. Mais vinho foi servido. Foxy fez um gesto afirmativo em resposta a uma pergunta que julgava que lhe haviam feito e ergueu bruscamente a cabeça com receio de ter adormecido. Sentiu de novo a pressão na coxa. Ninguém falava com ela. Roger Guerin estava procurando consolar fosse lá porque fosse Georgene Thorne. O riso forte de Ken soou e o rosto dele, habitualmente tão ascético, parecia informe e irreal como sob o foco de um holofote. Ele estava se divertindo. Ela ainda estava a horas da cama.

Quando voltavam para casa de carro, a noite a reanimou. O ar era fresco e o céu, como uma grande onda que se quebrava, rebrilhando de estrelas na crista. Os faróis do carro pegavam coisas para correspondência, sebes, montões de neve numa vala. O MG dançava em cada curva da estrada da praia.

— Morreu? — perguntou ele.

— Estou bem agora. Mas tive muito medo de não poder chegar até o fim quando estávamos na mesa.

— Terrível aquilo, não?

— Pareciam tão excitados uns pelos outros.

— Gente engraçada — disse ele, e acrescentou, como se fosse culpado: — Pobre Foxy, sentada ali bocejando de barriga grande.

— Pareci muito sem jeito? Eu disse a Bea.

— Pelo amor de Deus ! Por quê?

— Eu queria um martíni sem gim. Tem vergonha de eu estar grávida?

— Não, mas por que fazer propaganda disso? Daqui a pouco, todo mundo vai ver.

— Ela não dirá a ninguém.

— Isso não importa.

Como isso importa pouco a você, pensou Foxy. As árvores ao la-do da estrada se afastavam e corriam para trás em bando, tendo revelado nos intervalos entre elas frios trechos de lagoa banhados pelo luar. As caixas de correspondência foram diminuindo. Menos luzes de casas apareciam. Foxy apertou em torno do corpo o casaco de gabardina guarnecida de peles com um corte que imitava o capote de um general russo. Pensou na casa fria com as paredes delgadas e a fornalha senil.

— Temos de conseguir um construtor. Posso pedir um orçamento a esse tal Hanema? — perguntou ela.

— Thorne diz que ele não vale nada.

— Talvez seja uma projeção dele mesmo.

— Janet me disse que ele quase comprou a casa. Parece que a mulher dele gostou da vista.

— Janet, hein?

— Notou o antagonismo entre Frank e o tal que chamam de Smith Pequeno?

— Não trabalham ambos com ações? Talvez sejam concorrentes.

— Ken, você leva tudo para o lado do trabalho. Pois eu achei que isso tinha relação com sexo.

— Com Janet?

— Bem, ela sem dúvida estava querendo provar alguma coisa com aquele busto dela.

Ele riu. Pare com isso que você não é assim, pensou ela.

— Uma coisa não, duas coisas.

— Eu sabia que você ia dizer isso — disse ela.

Havia uma subida na estrada que as ondulações de gelo abriam em crateras. Dali, via-se pela primeira vez o mar. Foxy viu que o luar vivia na água, prateado e constante, deslizando com o movimento do carro, mantendo, porém, miríades de violentas oscilações como, supunha ela, a própria matéria. Era onde Ken trabalhava, no ponto em que os prótons se balançam de molécula para molécula e os elementos se entrelaçam em longas escadas em caracol. Uma visão das dunas como ossos esbranquiçados. O carro desceu. Havia quatro dessas subidas e descidas entre o deserto e fechado posto de venda de sorvete e o caminho para a casa deles. Viviam perto do fim da estrada, um posto avançado no inverno. Foxy desejou abruptamente a luminosidade, a liberdade do verão.

— Seu amigo Thorne faz um conceito muito baixo de Hanema —

disse Ken.

— Ele não é meu amigo. É um homem odioso e eu não compreendo por que todo mundo gosta tanto dele.

— Ele é dentista. Todo mundo precisa de um dentista. Janet me disse que ele queria ser psiquiatra mas foi reprovado na Faculdade de Medicina.

— Ele é horrível, todo pegajoso e repulsivo e eu senti todo o tempo que ele queria meter as mãos por dentro de mim. Houve uma hora em que o fiz calar-se e ele pensou que isso era uma entrada.

Tentou encostar-se em mim. Creio que a opinião desfavorável dele deve ser considerada ao contrário.

Ken nada disse. Foxy continuou:

— Roger Guerin disse que ele é um homem construtor. Foi quem restaurou a casa deles. Com o dinheiro que têm, podiam chamar quem quisessem.

– Vamos pensar sobre isso. Prefiro alguém que ninguém conheça.

Não quero que fiquemos muito envolvidos na nossa casinha aqui.

– Pensei que um dos motivos da nossa mudança para cá tivesse sido para que as nossas amizades não ficassem tanto ao sabor dos seus conhecimentos profissionais.

— Repita isso.

— Você sabe o que eu disse. Nunca tive amigas minhas. Apenas esposas de químicos.

— É o que todos nós somos, Foxy, químicos.

Ele sabia que ela não acreditava nisso. Por que então dizia?

Quando a deixaria sair da escola?

Uma caixa de correspondência derrubada por um limpa-neve pendia vaziamente para o chão ao luar. A caixa era de uma casa de veranistas e levaria ainda meses para ser consertada. Foxy apertou o grande casaco em torno dela e no mesmo movimento apertou o corpo, o seu em torno da pequena aflição ácida que lhe fermentava no útero, aquela vida alheia que lhe explorava furtivamente a vida. Sentia-se feia e usada e disse: — Você gostou mesmo daquelas mulheres com aqueles sutiãs caí-

dos e aqueles risos equívocos? — As mulheres que ela conhecera em Cambridge eram feias moças *quakers* placidamente casadas a rotinas crescentes ou então mulheres blindadas de um repelente brilho próprio, intocáveis belezas ciganas que tinham opiniões inflamadas sobre a soberania cubana ou a culpa alemã. — Bem, dizem que os homens pegam a primeira amante quando a mulher fica grávida.

Ele a olhou surpreso demais para falar e ela compreendeu que ele seria incapaz de traí-la, estranhando a sua decepção. Espantou-se. Nunca na sua vida conjugal dependera mais dele ou tivera mais motivos de gratidão. Entretanto, uma química de inquietação surgira dentro do seu corpo e ela não se conformava com a separação dele da mesma. Sempre sentira nele e sentia naquele momento uma meticulosa e infalível contabilidade que evitava a culpa que ela obscuramente sentia que pertencia à vida, deixando-a assim com uma parte dupla.

— Que é que está sugerindo? — disse ele afinal. — Fomos convidados e fomos. Podíamos muito bem fazer um esforço para gostar.

Nada tenho contra gente medíocre, desde que eu não tenha de ensinar-lhe alguma coisa.

Ken tinha 32 anos. Tinham-se conhecido quando ele era um estudante diplomado que fazia um curso de Biologia 10 e ela era uma estudante do último ano de Radcliffe que precisava de um título em Ciências. Desde o seu segundo ano, Foxy tivera amores com um estudante de Belas-Artes, um judeu ursino de Detroit. Depois, ele se tornara um escultor cujos grandes conjuntos soldados de metal de ferro-velho apareciam de vez em quando nas revistas. Tinha havido mesmo então uma algazarra em torno dele, um ar abafadamente explosivo de autoparódia, com a sua massa de cabelo que parecia uma peruca penteada toda para a frente e um nariz tão recurvo que a sua extremidade parecia apontar para o lábio inferior. As curvas do rosto se aglomeravam em torno de um certo desdém. A língua podia prontamente desenrolar-se. *Coma-me, pequena shiksa, sou um velho sujo. Espirro catarro preto. Rebento as minhas hemorróidas com uma escova de dentes profilática.* Reprovava qualquer sinal de medo da parte dela. Ensinou-a a chupar. Com o membro enorme na

boca, ela sentia que o amor que tinha por ele era um crescente e delicado rasgar de véus dentro dela. Antes que ele a tomasse, tinha-se sentido pálida, alta, rígida, fria, imprestável. Ele tinha costas peludas e corcundamente musculosas através das omoplatas e fartamente semeadas, como por uma praga, de sinais escuros.

Com um tato mais arrasador do que a proibição brutal, os pais dela tornaram pouco a pouco o seu amor grotesco e insustentável.

Nunca soube como conseguiram isso. Era como se seus pais e Peter se comunicassem por intermédio dela, sem que ela soubesse o que se dizia, até que o *Não* partiu dos dois lados, encontrando-se abaixo das costelas dela. Uma dor de colegial alimentada por uma infinidade de cigarros. No seu último ano em Radcliffe, nevou sem parar. Lembrava-se do chilrear das bicicletas empurradas pelos caminhos, do canto das galochas desabotoadas, da manta úmida em torno do seu pescoço, do esvoaçar dos cristais de neve meigos como pensamentos ante as altas e serenas janelas do Fogg. Lembrava-se da luz lívida que enchia o seu quarto todas as manhãs antes que ela acordasse para o sofrimento dentro do seu peito.

Ken pareceu mais alto do que ela, querendo-a aceitável e aceito de todos os lados; do mesmo modo, incômodos, problemas matemáticos resolveram-se de repente. Foxy não podia ver defeito nele e isso desafiava, pondo em ação a sua obstinada veia de desconfiança. Sentia entre a beleza e a inteligência dele uma contradição que poderia transformar-se no tortuoso humorismo do seu judeu.

Ken parecia um homem rico e trabalhava como se fosse pobre. Natural de Farmington, era filho único de um advogado de Hartford, que nunca perdera uma causa. Foxy chegou a imaginar que o nascimento dele fora frio e sem dor, sem uma lágrima ou um grito. Nada o

perturbava. Havia coisas desconhecidas, mas não mistérios. Depois do degradante erro de cálculo que ela cometera — era o que devia ter sido o seu primeiro romance, pois terminara em tamanha confusão de sofrimento —, Foxy procurou abrigo na retidão à prova das intempéries de Ken. Aceitou gratamente a superioridade simples dele em relação às outras pessoas. Era mais bonito, pensava melhor e era uma melhor máquina. Só erraria se a considerasse, baseado na fria pose que a sua altura impunha, como outra pessoa da mesma raça.

Ela, Elizabeth Foxy, de Bethesda, se conhecia a si mesma em termos de ardor contido. O seu coração adolescente a vira com aplausos encaminhar-se para animais extraviados, crianças perdidas, heroínas abandonadas e para os feridos enfaixados que perambulavam pelo recém-construído hospital com as suas horríveis altas fileiras de janelas como fechos fechados. Tinham-se mudado da parte leste de Washington em 1941, quando estavam construindo o hospital. O pai dela era um oficial de marinha, com algum conhecimento de engenharia e um exagerado orgulho de família. Um dos seus avós tinha sido um soldado da Virgínia; o outro, um pároco de Nova Jersey. Julgava-se um aristocrata e disse a Foxy, quando ela tinha doze anos e queria ser enfermeira, que ela era muito inteligente e devia estudar um dia numa universidade. Em Radcliffe, pensando no que acontecera, chegou à conclusão de que o seu sentimento de desviada ternura datava das longas ausências do pai por ocasião da Segunda Guerra Mundial. O acidente da guerra total a havia privado da transição filial para relações heterossexuais livres de escravidão e das humilhações expiatórias que ela instigava Peter a infligir-lhe. Agora, casada, mais branda e menos matemática nas suas análises introspectivas, pensava que talvez a

tristeza, o que havia de mutilado e incompleto na sua educação, fosse mais velho do que a guerra e viesse do tempo da Depressão, cujo ar sombrio de magnificente impotência, de bondes e sinusites, ainda pairava sobre os mausoléus oficiais de Washington quando fora fazer uma visita a sua mãe. Talvez o mal tivesse sido apenas que a mãe, embora esperta e em outros tempos bonita, tinha sido não uma aristocrata, mas a filha de um merceeiro de Maryland.

Logo depois do casamento de Foxy, os pais dela se divorciaram.

O pai, havendo completado os seus trinta anos de serviço na marinha, aceitara um lugar bem remunerado de consultor na indústria de construções navais e se mudara para San Diego. A mãe, como se quisesse mostrar num desafio que também podia navegar nas águas da prosperidade, casara-se de novo com um rico viúvo de Georgetown, um tal Roth, que possuía uma cadeia de casas com máquinas de lavar públicas que funcionavam com uma moeda, principalmente nos bairros negros. A mãe de Foxy passara a cuidar-se, punha cinta até para fazer compras, criava um poodle, fumava cigarros de filtro de ponta vermelha, era chamada pelas amigas de "Connie" e sempre se referia ao marido como "Roth".

O casal que os pais de Foxy tinham sido desapareceu. A estreita casa fechada de madeira na Rua Rosedale. A varanda da frente que ninguém usava. As cortinas escuras sempre descidas para diminuir o calor. O ventilador da cozinha balançando a lenta cabeça de um lado para outro como um imbecil que censurasse monotonamente. O

Philco cheio de estática transmitindo Lowell Thomas. O correio do tempo da guerra fazendo brotar uma carta através da vibrante ranhura. A empregada negra, que aparecia uma vez por semana, chamava-se Gracelyn e

tinha os bolsos do avental cheirando a cascas de laranja e drops. Verônica, a cadela *terrier* esterilizada e nervosa que tivera como sucessora Merle, uma *chow* servil de língua preta.

O ressecado jardim sem flores onde Elizabeth procurava tampinhas de garrafas e "indícios", as longas noites de sorvete e jornais, o oleado de xadrez vermelho da mesa da cozinha já esfiapado nas duas refeições, a maneira pela qual a mãe se sentava à noite depois das notícias e antes de levar a filha para a cama, fumando um Chesterfield e alisando com um movimento convulsivo e automático a pele debaixo dos olhos arregalados — essas imagens tinham-se apagado em toda a parte, menos no coração de Foxy. Ia à igreja para ver se salvava alguma coisa. O episcopalismo — com os seus hinos barito-nados rolando para o mar, os bancos resplandecentes dos dourados dos oficiais — tinha pertencido ao bravo clube dos amigos de papai, chefiados pelo Sr. Roosevelt, de quepe, que lutou e venceu a guerra.

Ela se formou e casou em junho de 1956.

Todo casamento é uma aposta protegida. Foxy entrou na vida conjugal esperando que, fosse o que fosse que o destino lhes reservasse, havia certas espécies de excessos que nunca ocorrera a seu marido infligir-lhe. Ele estava além disso, como o estão na sua maioria os americanos de arrancar olhos e estripar. Tivera razão. Ele se havia revelado não só delicado mas também requintado demais para ser cruel. Não tinha queixas justas, mas tinha a injusta de que o prazo em que esperara, sem ter filhos, que Ken completasse seu doutorado fora longo demais. Quatro anos previstos para o seu trabalho de pós-diplomação se haviam estendido para cinco, nas agonias da preparação da tese. Mais dois foram gastos numa bolsa depois do doutorado concedida pelo Serviço de Saúde Pública dos Estados Unidos.

Depois disso, Ken gastou mais um ano co-mo docente na vizinhança daqueles mesmos magnéticos deuses de Harvard, cujos nomes até Foxy acabara por odiar. Para ela, tinha havido empregos, pequenos postos de assistente entre gravuras flamengas de fósseis de fetos do mesozóico em confortáveis porões poeirentos de Harvard, uma mesa de recepcionista na universidade, um interesse num projeto de instrução para crianças mentalmente retardadas, que fizera Foxy pensar numa carreira em serviço social e depois em fugir dela, alguns esparsos cursos de pós-diplomação, uma tentativa de obter um grau de mestre, dois períodos de estudo de desenho em Boston, férias e até flertes, mas nada que frutificasse. Sete anos são muito tempo, contados em meses pagos com uma taxa pontual de sangue, em semanas de prazer nunca livre do constrangedor aparelhamento anticoncepcional, mais tempo do que uma guerra. Queria dar um filho a Ken, para destilar a excelência dele no calor dela. Parecia o melhor dom que poderia fazer-lhe, desde que crescera para saber que havia alguma coisa dela que podia ser negada. Um filho, que seria a mistura dos processos químicos dos dois e representaria um penhor sincero da sua admiração e confiança e os afastaria para sempre do plano onde a suficiência de tais sentimentos poderia ser posta em dúvida. Esse dom era agora permitido. Ken era professor-assistente na universidade do outro lado do rio, onde o Departamento de Bioquímica era mais permeável à promoção rápida. Os seus motivos de ser feliz eram tão amplos como a vista que se descortinava da casa nova.

Ken é que havia escolhido a casa. Ela tinha pensado que eles deviam morar mais perto de Boston, em Lexington talvez, entre gente como eles mesmos. Tarbox ficava nos extremos limites, a uma hora de automóvel, mas ele, que teria de fazer a viagem todos os dias, tomara a casa como se toda a vida tivesse esperado uma

vista tão vazia e tão pura quanto aquelas lagoas, aquelas dunas distantes e aquela orla do mar. Talvez fosse, pensou Foxy, uma questão de escala: o seu trabalho ao microscópio reclamava a compensação daquela vastidão. Para isso tinha contribuído o fato de que ele e o agente imobiliário Gallagher tivessem gostado um do outro. Embora ela tivesse feito todas as objeções naturais, Foxy gostara de vê-lo, depois da longa estagnação da vida de estudante, aparecer querendo alguma coisa nova, física, real. O fato de que ele tivesse em si mesmo aquela branda qualidade estranha parecia (como se fosse uma questão de desespero) dar alguma esperança.

Naquela noite, a casa estava fria, com um depósito de frialdade velha. Cotton, o gato deles, trotou barulhentamente para eles da sala de estar escura e, com o corpo entorpecido de sono, se espreguiçou. Era um gato amarelo de pata pesada que, no correr dos anos em que era único animal de estimação deles, adquirira um pouco do instinto de companhia de um cachorro e um pouco da arrogância de um bebê. Arqueou o corpo cortesmente diante deles, com a cauda curvada num ponto de interrogação, as unhas da frente plantadas no tapete de retalhos que os Robinson haviam deixado na casa. Cotton soltou as patas com um leve ruído desprendido e ronronou à espera de que Foxy fosse pegá-lo. Ela o sustentou, com o motor da garganta em funcionamento, debaixo do queixo, e, como uma criança, se desejou magicamente dentro do pêlo dele.

Ken acendeu uma luz na sala de estar. As paredes nuas apareceram, as protuberâncias expostas, os intervalos do verniz, o revestimento de estuque a esboroar-se, as lembranças emolduradas de verões passados — coleções de conchas em forma de leque e secos exemplares da flora litorânea — deixadas pelos Robinson. Nunca se haviam visto, mas Foxy os via como uma família grande e desleixada, cheia de pilhérias,

apelidos e manias, as aquarelas da mãe (o andar de cima estava cheio delas, pregadas com tachas nas paredes), os filhos mais velhos andando de barco na lagoa, a moça sonhadoramente colecionando discos e sendo troçada, e o filho mais moço e o pai sistematicamente vasculhando a praia à procura de exemplares classificáveis de vida. A sala cheirava como se o verão tivesse sido ali hermeticamente fechado e, apesar disso, escapasse. As portas envidraçadas que davam para um jardim ao lado, de rosas e peônias, estavam pregadas com tábuas. As cortinas eram presas sobre as janelas que se abriam para a varanda e para a lagoa. Os móveis cheios de arestas de Cambridge, metade comprada em liquidação e metade planejada, apareciam esparsos e perdidos. A sala era de bom tamanho e quase quadrada. Tinha possibilidades.

Precisava de pintura, de paredes consertadas, de luz, de amor e de estilo.

— Temos de começar a fazer as coisas — disse ela.

Ken sentiu o registro com a mão e disse:

— A fornalha está apagada outra vez.

— Deixe para amanhã. De qualquer maneira, o calor não virá cá em cima.

— Não gosto de dar-me por vencido. Vou aprender a maneira de cuidar dessa fornalha.

— Fico mais preocupada é em morrer dormindo com gás do carvão.

— Não há perigo disso. A casa é uma peneira.

— Faça o favor de telefonar para Hanema, Ken.

— Por que você não telefona?

— O homem da casa é você.

— Não sei se será ele o homem indicado.

— Você gosta de Gallagher.

— Eles não são gêmeos; são sócios.

— Procure então outra pessoa.

— Se você o quer, telefone para ele.

— Acho que é mesmo o que eu vou fazer.

— Vá em frente, ótimo. — Foi até a porta que descia para o estreito buraco que fazia as vezes de porão. O registro começou a estalar e a soltar um cheiro horrível. Foxy levou Cotton para a cozinha, ligou o aquecedor elétrico e serviu duas tigelas de leite. Colocou uma no chão para o gato e quebrou biscoitos dentro da outra para ela. Cotton fungou, desdenhou a oferta, e miou interrogativamente. Foxy não ligou a ele e comeu avidamente com uma colher de sopa. Biscoitos e leite tinham sido uma delícia do tempo da infância, entre o noticiário do rádio e a cama. O desejo disso tinha lhe chegado como uma súbita libertação da febre, como uma lufada de saúde. Enquanto o calor do aquecedor e o esfregar suplicante de pêlo se alternavam em suas pernas, ela passou uma boa camada de manteiga num pedaço de pão branco, partindo-o e comendo os nacos um atrás do outro, faminta demais para pensar em torradas, com o impulso irresistível de quem estivesse bêbado. As pontas dos seus dedos rebrilhavam de manteiga.

Depois de lavar as mãos, encostou-se na pia e olhou pela janela. A maré estava alta. O luar mostrava uma saturação prateada que transbordava do xadrez lineal das valas. Contra a claridade, estava silhuetada uma ilha deserta cheia de espinheiros. Ao longe, no braço extremo da baía de Tarbox, viam-se as luzes de outra localidade, cujo nome não aprendera ainda, enchendo o horizonte. Um farol giratório atingira ritmicamente a superfície do mar. O feixe de lua lhe chegava ao rosto em intervalos irregulares. Contou: cinco, dois, cinco, dois. Um duplo facho de luz. Os segundos passavam, desapareciam: cinco, dois. Virou-se apressadamente e enrolou o pão num pedaço de celofane. Uma volumosa tristeza fora talhada para ela no seio da noite. Já passava da meia-noite. Era domingo de Páscoa. Tinha de levantar-se cedo para ir à igreja.

Ken voltou da fornalha e riu dos vestígios da fome dela — a manteiga esburacada, as migalhas de pão, a tigela vazia.

— É mesmo desse pão barato que eu tenho vontade — disse ela. —

O pão velho e borrachento com todas as substâncias químicas.

— Propionato de cálcio — disse ele. — Nosso filho será um monstrinho aglutinado.

— Está falando mesmo a sério? Quer que eu telefone para esse holandês?

— Por que não? Veja o que ele diz. Deve conhecer a casa, já que a mulher dele queria comprá-la.

Mas ela sentiu a dúvida na voz calma do marido e mudou de assunto.

— Sabe o que foi que mais me aborreceu naquela gente esta noite?

— Eram todos republicanos.

— Não seja bobo. Isso para mim não tem a menor importância. O

que me aborreceu foi a vontade que mostravam de que nós gostássemos deles. Nada tinham de que se pudesse gostar, mas era isso que queriam.

Ele riu. Por que era que o riso dele a irritava?

— Talvez fosse isso também o que você queria — disse ele.

Subiram para dormir por uma escada cortada e riscada a lápis por crianças que nunca tinham visto. Foxy presumiu que, com a renovação do seu apetite, iria ter um fartão animal de sono. Ken beijou-lhe o ombro em sinal do amor que não teriam naquele mês, virou-se para o outro lado e ficou imediatamente imóvel. Quase não se ouvia a sua respiração e ele não se movia. A tranqüilidade do corpo dele criou uma tensão que ela não podia penetrar como uma agulha na superfície da água. Lá embaixo, as pesadas patas de Cotton, que andava de

um lado para outro, insatisfeito, pareciam fazer a casa toda tremer. A lua, tão clara que não tinha face, estava emoldurada pela clarabóia e durante uma hora de insônia ardeu no centro da testa dela como um brilhante.

Manhã de segunda-feira, com altos e baixos. Um céu azul pulverizado da cor de um hinário. A luz do sol irrompia em código por entre rolos e escunas de cúmulos. O solário dos Thorne — o teto plano revestido de alcatrão da garagem, resguardado do vento por altos larícios e ao qual se chegava por portas envidraçadas corrediças do quarto — conservava o calor. Todos os anos, Georgene começava a ficar queimada antes de qualquer outra pessoa. Hoje parecia já sardenta, austera e distante na sua saúde.

Ela havia estendido a sua manta escocesa no canto onde pregara tiras de folha de alumínio na balaustrada. Piet tirou o casaco de camurça cor de abricó e se deitou. O sol, tépido e com um pouco de vento para um homem de pé, lhe queimara a pele do rosto largo e avermelhara os olhos.

— Felicidade — murmurou ele.

Ela voltou ao seu lugar na manta e o braço dela tocou no dele.

O contato foi como de uma lixa fina com uma ponta de calor picante do atrito. Ela estava apenas com as roupas de baixo. Ele se apoiou no cotovelo e lhe beijou a barriga plana, suave e quente. Lembrou-se da tábua de passar ferro de sua mãe e de como esta o fazia curar as suas dores de ouvido no seu confortante calor. Encostou o ouvido à barriga de Georgene e ouviu um secreto burburinho de digestão. Ainda atenta ao sol, ela passou os dedos pelos cabelos dele e lhe mediu desajeitadamente os ombros.

— Você está com muita roupa.

A voz lhe saiu entrecortada e suplicante.

— Não tenho tempo, meu bem. Eu já devia estar em Indian Hill.

Estamos derrubando as árvores.

Escutou, à procura do barulho das suas serras a vapor. O lugar ficava a dois quilômetros de distância.

— Fique mais um minuto. Não veio só para me torturar, não foi?

— Não nos podemos amar. Não vim torturar você. Vim apenas ver você e lhe dizer a saudade que tive no fim de semana. Não estivemos nas mesmas festas. Fomos à casa dos Gallagher com os Ong.

Muito sem graça.

— Falamos sobre você na casa dos Guerin no sábado à noite. E

isso me encheu de saudade. — Ela se sentou e começou a desabotoar a camisa dele. O lábio inferior se curvou debaixo da língua. Angela também ficava assim com a língua quando abotoava as roupas. Todas as mulheres, tão solenes nas suas pequenas tarefas... Era uma coisa que o excitava e exaltava ver de repente o mundo todo concentrar-se nessa seriedade feminina diante das coisas materiais — desabotoar, passar a ferro, tomar banho de sol, cozinhar, amar. O

mundo todo unido por essas tarefas. Deixou-se mexer na camisa e beijou a penugenta costeleta, que só era visível ao sol à frente da orelha dela. Ali mesmo, uma sarda fora plantar-se. Semente. Entre espinhos. Caída. Ela abriu a camisa e tentou puxá-la pelos ombros, um esforço que a fez encostar nele o sutiã modestamente repleto e a terna brancura do externo acima. O ângulo do pescoço de-la pareceu-lhe cheio de meiguice. Ele tirou a camisa e a camiseta.

Imponderáveis, como insetos aquáticos, os pontinhos de sol coados através da folha de alumínio patinaram pela pele branca e pelos cabelos cor de âmbar do peito dele.

Piet puxou Georgene para a sombra cinzenta projetada pelos seus ombros. A carne dela delicada nas roupas de baixo possuía uma magreza juvenil bem diferente da ilusória abundância de Angela.

Tocava-se em Angela e ela desaparecia. Tocava-se em Georgene e ela continuava firme ali. Essa simplicidade fazia com que o amor deles parecesse às vezes incestuoso a Piet, numa associação muito direta. Ele suspeitava de que a tolerância de Georgene aumentava o que já era fraco e extremo nela. Todo amor é uma traição, pois lisonjeia a vida. O homem sem amor está mais bem armado. Um Deus ciumento. Ela abriu bem a boca e lhe atraiu a língua para um informe espaço molhado. A vibração se dissolveu num completo envolvimento.

Sentiu-se perdido e recuou, alarmado. Os lábios dela pareciam manchados e dilacerados. A sombra dele acentuava o verde dos olhos de Georgene.

— Que foi que disseram? — perguntou ele.

Olhando além dele, ela murmurou:

— Os Whitman estavam querendo saber — por falar nisso, ela está esperando um filho —, bem, queriam saber se deviam chamar você para reformar a casa deles. Frank disse que você não servia e Roger sustentou que você era formidável.

— Appleby falou contra mim, foi? Que filho de uma égua, que foi que eu fiz a ele? Nunca dormi com Janet.

— Talvez fosse Smith, não me lembro mais. Mas foi apenas uma observação, uma pilhéria, pode-se dizer.

O rosto dela estava cheio de reservas, em repouso, com o queixo levantado e os cantos da boca caídos, com uma tristeza estuda-da. As sombras dos galhos dos larícios passavam sobre eles. Piet calculou que tinha sido o marido dela e mudou de assunto.

— Então aquela loira alta e fria de rosto rosado está grávida?

— Foi o que ela disse a Bea na cozinha. Mas devo dizer que ela me pareceu grosseira. Freddy estava sendo como um cachorrinho para ela e, depois da sopa, ela resolveu ficar calada. É do Sul. E dizem que as mulheres de lá têm medo de serem violadas.

— Eu a vi sair de automóvel da igreja fez ontem oito dias.

Queimou mesmo os pneus na estrada. Alguma coisa está mesmo cozinhando dentro dela.

— O nome da coisa é feto — disse ela com o queixo firme. E acrescentou: — Não creio que como um casal os dois se dêem bem.

Freddy acha que ele é um chato. Fiquei sentada diante dela do outro lado da mesa e vi que aqueles grandes olhos castanhos dela não pararam um instante. Não perdiam nada. Era insultuoso. Freddy estava sendo amável como de costume com ela e eu percebi que ela não sabia que juízo fazer de mim.

— Nenhum de nós sabe que juízo fazer de você.

Fingindo-se ofendida e, entretanto, verdadeiramente ofendida, sentiu Piet, pelo interesse que ele demonstrava pela tal Whitman, Georgene se afastou dos braços dele e se estendeu de novo na manta. Dando uma chance ao sol: puta. Os reflexos da folha metálica lhe decoravam o rosto com pinceladas parabólicas, névoas e jorros.

Piet tirou ciumentamente os sapatos, as meias e as calças, ficando apenas de cuecas estampadas. Ele era um secreto elegante. Deitou-se ao lado dela e, quando ela se virou para olhá-lo, estendeu a mão e lhe desabotoou o sutiã, explicando: "gêmeos", querendo dizer que estavam ambos vestidos de maneira igual, apenas com a roupa de baixo.

Os seios dela eram menores do que os de Angela, com bicos menores e mais claros e, assim despidos, pareciam clamar por proteção. Ele colou o peito ao dela para cobri-lo e os dois ficaram assim juntos debaixo das

árvores sussurrantes como João e Maria perdidos. As agulhas caídas dos larícios tinham-se juntado em regos e poças no piso alcatroado e de encontro à base de alumínio das portas corrediças. Piet acariciou a curva ininterrupta das costas dela, correndo o polegar pela espinha desde os ossos como nós de dedos da nuca até o cóccix estranhamente preeminente. Georgene tinha um bom começo de cauda. Era mais ossuda do que Angela.

O corpo dela apertado junto ao dele parecia tão natural e fraternal que ele não sentira ainda nenhum rebate. Entretanto, com Angela bastava o contato do pé dela no seu pé e ele ficou em dúvida ali, sob o céu, o topo das árvores e o canto dos pássaros, sobre qual delas ele realmente amava.

Antes do caso entre eles, não tinha tomado conhecimento de Georgene. Ela ficara escondida dele em virtude do desprezo que ele sentia pelo marido dela. A antipatia dele e de Angela por Freddy Thorne tinha sido instantânea, embora nos primeiros anos que tinham passado em Tarbox os Thorne tivessem sido muito corteses com eles. Os Hanema, ao contrário, tinham sido tão rudes que chegaram ao ponto de rejeitar vários convites sem dar uma desculpa ou sequer uma resposta. Nessa época, não sentiam muita necessidade de amizades. Piet, que ainda não tinha consciência de ser infeliz com Angela, tinha vagamente sonhado em possuir outras mulheres, Janet ou a majestosa Terry Gallagher de cabelos de cigana, mas como as fantasias que se evocam para conciliar o sono. Mas, havia dois verões, os Ong tinham feito uma quadra de tênis e eles tinham passado a ver mais Georgene. E, quando um ano antes, os sonhos de Piet começaram a traduzir-se em realidade e, sem que tivesse consciência plena disso, ele se afastou de Angela e se tornou uma questão aberta, foi Georgene, num contato casual numa festa, numa viagem aparentemente não planejada para a quadra de tênis e

de volta de lá, que procurou uma resposta e a encontrou. Ela disse que estava havia anos à espera dele.

— Que mais? — perguntou ele.

— Que mais o quê? — Debaixo da máscara banhada de sol do seu rosto, os sentidos dela estavam à esperada mão de Piet.

— Que é que me conta mais? Como está o resfriado de Whitney?

— Pobre Whitney. Teve febre ontem, mas eu o mandei hoje para a escola, pois você podia querer vir aqui.

— Não devia ter feito isso.

— Não tem importância. Todo mundo na primavera se resfria.

— Menos você.

Ela acentuou a nota de preocupação.

— Piet, o que foi que você quis dizer ainda há pouco, quando eu disse que Frank o havia criticado e você disse que nunca tinha dormido com Janet?

— Eu nunca dormi mesmo. Já se foi o tempo em que tive vontade.

— Mas você pensa (pare com essa mão que está começando a me fazer cócegas) que é por isso que Freddy não gosta de você? Eu menti, sabe? Foi Freddy quem disse aos Whitman que você não servia como empreiteiro.

— É claro. Que patife!

— Não deve ter raiva dele.

— É isso que me conserva jovem.

— Mas você acha que ele sabe? Freddy sabe do que há entre nós dois?

A curiosidade dela era insultuosa; ele queria que ela se esquecesse por completo de Freddy.

— Saber de fato, não sabe. Mas talvez por osmose... Bea Guerin me deu a entender outra noite que todo mundo sabe.

— E você confirmou?

— Claro que não. Mas o que é que há? Ele sabe?

Ela ficou em silêncio. Um pontinho de luz se equilibrou numa das pálpebras tremulamente. O vento agitava as folhas de alumínio criando uma nervosa trovoada em miniatura. Ela murmurou cuidadosamente:

— Ele me diz que eu devo ter outra pessoa, pois não o quero tanto como dantes. Sente-se ameaçado. E se tivesse de escrever uma lista dos suspeitos, o seu nome devia vir em primeiro lugar. Mas por algum motivo ele não chega a uma conclusão. Talvez ele saiba e esteja guardando o fato para uso posterior.

Isso o assustou e alterou o tom do seu corpo. Ela sentiu isso e abriu os olhos, cujo verde estava manchado de esmaecimento. As suas pupilas ao sol eram pequenas como o centro de um lápis.

— Acha que está na hora de acabarmos? — perguntou ele.

Quando desafiada, Georgene, filha de um banqueiro de Filadélfia, fingia um sotaque de imigrante, que era parte de *vendeu-se,* parte de *vamp*. Disse a ele que deixasse de ser tolo e, levantando o corpo, apertou o centro do corpo contra o dele, de modo que o seu algodão sentiu a seda dela. Ela o prendeu. Tinha os braços fortes e podia vencê-lo num *set* no tênis. Lutou para soltar-se e, na luta, os seios dela se balançaram arredondados acima dele e, depois, se derramaram achatando-se quando ele, com os joelhos nas coxas e as mãos nos pulsos dela, prendeu-a de encontro ao chão. A luzidia pele dela olhava. Ferida pela vitória, ele baixou a cabeça e com os lábios suplicantes segurou um bico, levemente salgado e ácido. De repente, ela sentiu que tudo eram círculos, círculos que se dividiam para formar mais círculos. Os pássaros chilreavam além da borda irisada da premência circular e molhada que o prendia. A mão dela, leve como uma pena, estabeleceu outra premência, encontrando o centro dele. Se se fosse dar

crédito ao contato dela, os testículos dele eram de veludo e o falo de pura prata.

— É preciso ficarmos com tanta roupa? — perguntou ele, delicadamente.

A delicadeza era real. Não estando ligados pelo casamento ou por qualquer contrato, tinham desenvolvido entre eles um código de consideração mútua. O adultério deles era dividido precisamente meio a meio. Atrevendo-se a mencionar um rompimento, incitando-a com essa possibilidade, Piet havia pedido a Georgene que transpusesse a fronteira. Era a vez dela de perguntar e a dele de fazer a travessia.

— E as árvores de Indian Hill? — perguntou ela.

— Podem ser derrubadas sem mim — disse ele. O sol estava levantando um leve cheiro de cidra das agulhas caídas, perto da beira da manta. O piso cintilava. Boa qualidade. O material custara quatro dólares e vinte e cinco centavos o rolo em 1960. Ele é que fizera aquele piso. — Você é que não sei se pode.

— Ah, eu não sou tão caída assim — disse Georgene e prontamente sentou-se, depois do que, ajoelhando-se, estendeu os braços ostensivamente para os cantos do céu. Aquela mulher conscienciosa de clubes e aquela mãe firme tinha um dom inesperado e belo. A sua sexualidade era inocente. Formara-se nos primeiros anos do seu casamento com Freddy e tinha a naturalidade da comida e a facilidade de uma carreira. As suas entranhas eram inocentes. Nunca tivera um caso amoroso antes e, embora Piet não compreendesse as qualidades que ela via nele, tinha certeza de que ela não teria outro amante depois dele. Ela não tinha o amor da culpa. No começo, quando se decidira ao adultério com ela, Piet se havia preparado para terríveis sensações de remorso, como um mergulhador ainda no ar antecipa as correntes submarinas. Ao contrário, na primeira vez — fora em setembro, com maçãs na cozinha e as crianças na

escola, salvo Judy, que estava dormindo —, Georgene levou-o sem esforço por um dedo para a cama dela lá em cima. Despiram-se prontamente, ela a ele e ele a ela. Quando ele se preocupou em evitar, ela riu. Angela ainda não usava Enovid? Seja bem-vindo ao paraíso depois da pílula, disse ela uma despreocupada blasfêmia que imensamente o aliviou. Com Angela, o ato do amor era carregado de lembranças de falta de jeito dele e da incapacidade dela de tolerar a falta de jeito e da irritação que ela sentia com a súplica implícita no ta-to, o desdém igual que ela sentia pelos seus avanços vestidos de pijama e o seu furor quando estava nu, a irremediável transparência dele e o opaco desencanto dela. Georgene em vinte minutos eliminou essas laminações de contradição e mostrou-se alguma coisa fundamental.

Naquele momento, ela se ajoelhou ao sol e Piet se levantou para estar com ela e com extremo cuidado, como se estivesse colocando no lugar as últimas engrenagens minúsculas de um relógio, beijou-lhe a ponta luzidia do osso do ombro esquerdo e, depois, o do direito. Ela era dupla em toda parte, menos nas bocas. Todas as coisas duplas, sem dualidade, entropia. O espelho de Deus do universo.

— Você está-me tirando o sol — disse ela.

— É muito cedo ainda para ficar queimada — disse ele, e acrescentou polidamente: — Gostaria de ir lá dentro?

As portas corrediças levavam, através de um quarto de brinquedos, para o grande quarto, adornado Com lanternas chinesas e máscaras africanas e chifres de animais esculpidos de vários países.

A casa, que tinha um teto de mansarda do fim do período vitoriano, com cornijas e platibandas enfeitadas, pára-raios trabalhados, ripas onduladas, goteiras de zinco, telhados de ardósia cor-de-rosa em filas graduadas, era mobiliada num estilo de alegre hibridismo

— grandes arcas espanholas pretas, cômodas Chippendale envernizadas em madeiras diferentes que descascavam, incríveis móveis modernos de pranchas e tubos, lembranças coloniais, cadeiras Hitchcock com algumas tiras a menos, cadeiras de balanço *art nouveau,* gravuras japonesas, gigantescas almofadas de veludo e tapetes filipinos tecidos com rosetas de palha. Impenetrável como um bordel, era uma boa casa para uma festa. Graças às suas ilícitas visitas matinais, Piet viera a conhecer aquelas peças com outra luz, quando os quartos que as crianças tinham deixado estavam cheios de migalhas de comida, enquanto elas corriam pelo jardim para pegar o ônibus da escola, o jornal ainda aberto no chão na página das historinhas. Pouco a pouco, o mobiliário — as lâmpadas antigas, as máscaras de olhos abertos — foi aprendendo a cumprimentar a ele, que era às vezes o homem da casa. Com ares de proprietário, ele se deitava na grande cama de casal dos Thorne, sem tocar com os dedos nus a madeira dos pés, enquanto Georgene tomava o seu banho preparatório de chuveiro. Ele folheava com curiosidade os livros de cabeceira de Thorne — Henry Miller em amarfanhadas edições parisienses, Sigmund Freud em edição da Modern Library, Nossa Senhora das Flores e Memórias de uma Mulher de Prazer, recém-saídas da Grove Press, psicologia inspiracional dos Menninger, um manual de capa cinza sobre hipnotismo, a Psychopalhia Sexualis, em formato de tratado, um álbum delicadamente colorido e de páginas grossas contrabandeado de Quioto, os poemas de Safo publicados por Peter Pau-per, uma versão não expurgada em dois volumes dentro de uma caixa das Mil e Uma Noites, obras de Theodor Reik e Wilhelm Reich, e vários livros de bolso sem valor.

Georgene chegava então fumegante do banheiro com uma toalha purpúrea enrolada como um turbante na cabeça e o surpreendeu, respondendo:

— Vamos lá para fora para variar.

Piet sentiu que ainda estava sendo punido.

— Não iremos ofender a Deus?

— Ainda não sabe que Deus é uma mulher? Nada a ofende.

Ela puxou para si o elástico das suas cuecas e desceu-as. O

olhar dela se tornou complacente. Uma nuvem que passava cobriu o sol. Sentindo e temendo uma testemunha, Piet olhou para o alto e sentiu-se intimidado como por alguma coisa inexplicável pelo imperturbado movimento para a frente da frota de nuvens de fundo azul, navios que singravam num rumo único. A pequena nuvem eclipsa-dora ardia em ouro nos seus tênues mastros e na popa. Uma salva de canhão de iridescência e passou. Passou sem risco acima dele. O

sol se renovava em audazes flechas na terra estalada de abril, nas encharcadas folhas outonais, nos brotos de coral nas bétulas e cor de mostarda nos larícios, nas agulhas secas, no piso, nas roupas abandonadas. Entre os orifícios frisados as calças dela mostravam uma suave mancha de mel. Entre os seus seios, o suor era cintilante e salgado. Ele a abraçou, afagando-lhe as pontas escorregadias que queriam, o talo dentro da fenda, moitas. O sol e a saliva estenderam uma espuma nevoenta sobre os cabelos do púbis. Piet se lembrou de um gatinho aprendendo a beber leite num pires. Apressou-se, pedindo-lhe perdão porque o seu amor por ela, à beira da satisfação, se tornara sombrio, arrependido, precipitado. Abriu-lhe as coxas estreitas e possuiu-a com a simplicidade que ela permitia. Uma ponta de resistência e então um fácil aprofundamento, um deslizamento por etapas. O seu ingresso crescente lhe arregalou lentamente os olhos. Com medo de achar feio o rosto abandonado, ele fechou os olhos. O sussurro dos ramos se filtrava acima deles.

Serras ao longe trabalhavam. O vento lhe instigava as nádegas sob pressão. Ele se aborreceu de ouvir pássaros às suas costas, um coro contratado por Thorne, fazendo espionagem.

— Tão bom, tão bom — murmurou Georgene.

Piet se atreveu a chegar ao fim e viu as pálpebras dela em êxtase sulcadas de veias purpúreas e uma gota de saliva acumulando-se num canto dos lábios. Teve uma vertiginosa impressão de desperdício. Embora palpitasse, o seu coração ficou triste. Mordeu o ombro dela, macio como uma laranja ao sol, e viajou numa parábola abafada cujas paredes vermelhas e quentes eram ela e em cujo fim ela também esperava. O rosto dela virou-se para o lado. Penas molhadas puxaram-lhe a ponta: oh. Tão boa era ela, ficar ali para ele, por mais que tateasse para achar o caminho dela. No estranho espaço dela, ele saltou e tornou a saltar. Ela disse: oh.

O vulto cor de alfazema dela estava estendido sob a sombra dele, com os cantos dos lábios manchados.

— Bom?

— Não pergunte, querido.

— Não foi muito bom. Não estou muito habituado a essa vida ao ar livre.

Georgene encolheu os ombros sob ele. Os pescoços e os ombros estavam luzidios. Uma partícula de pó de construção, um grão de alcatrão dos cabelos dele aderia ao rosto dela.

— Você foi você. Eu amo você. Amo você dentro de mim.

Piet teve vontade de chorar, de derramar grossas lágrimas sobre os seus seios esvaziados.

— Sentiu-me grande bastante?

Ela riu, mostrando dentes perfeitos, os dentes da mulher de um dentista.

— Não. Você foi bem pequeno. — Vendo-o pronto, no seu dilatado estado de ansiedade, a acreditar nela, ela

explicou solenemente: —

Você me machucou. Fico dolorida depois.

— É mesmo? É mesmo? Como foi bom você me dizer isso. Mas você devia-se queixar.

— É tudo por uma boa causa. Agora, saía de mim. Vá para Indian Hill.

Abandonado ao lado dela, sentiu-se tão fraco e protegido como uma criança. Vigorosas necessidades lhe agitavam os dedos e a boca.

— Que foi que Freddy disse contra mim?

— Que você cobrava caro e era muito demorado.

— Ora, acho que isso pode ser verdade.

Piet começou a vestir-se. O canto dos pássaros tinha-se tornado o tiquetaque de um relógio. Como um pouco de manteiga ao sol, a sua nudez estava começando a ficar rançosa. Ela estava deitada como devia ficar muitas vezes, aceitando inteiramente o sol. Os limites do maio de banho não eram tão visíveis no corpo dela, como no de Angela. A manta escocesa tinha sido amarfanhada e puxada de sob a sua cabeça e algumas agulhas de larícios lhe aderiam aos cabelos, preto misturado com cinza. Em vista à acesa tendência de seus cabelos, ela os usava curtos.

— Meu bem — disse ele, para preencher o silêncio sussurrante enquanto ele se vestia —, pouco me importa o que Freddy disser.

Não quero esse trabalho dos Whitman. Quando se começa com uma casa velha assim, nunca se sabe o que se vai encontrar. Gallagher acha que perdemos muito tempo restaurando coisas velhas para nossos amigos e os amigos de nossos amigos. Ele quer três casas novas pelo outono em Indian Hill. Os meninos nascidos durante a guerra estão crescendo. É aí que está o dinheiro.

— Dinheiro — murmurou ela. — Já está começando a falar como os outros.

— Ora, não posso ser uma virgem para sempre. A corrupção tem de chegar até para mim.

Acabara de vestir-se. O ar frio lhe circundou os ombros e ele vestiu o casaco cor de abricó. Com as boas maneiras que raramente deixavam de ser observadas entre eles, ela o levou até a porta.

Ele a admirava e, apesar disso, sentia-se um pouco escandalizado que ela pudesse andar nua pela casa com tanta facilidade, passando pelas portas, pelos brinquedos dos filhos, pelos livros do marido, pela escada, por uma prateleira cheia de objetos de limpeza e pela cozinha muito limpa até a porta lateral. Esse lado da casa, onde a lenha era empilhada e um copado olmo espalhava uma vasta rede de sombra, tinha um toque rural e pacífico diverso da massa bárbara da casa. Não havia ali um caminho de tijolos ou de pedras, mas uma trilha através da grama, naquele dia lamacenta, dobrava o canto da garagem, onde Piet escondera a sua camioneta, um Chevrolet oliva, onde um garoto escrevera ME LAVE. Georgene, descalça, não passou da porta, mas inclinou-se silenciosa e sorridente da porta aberta, deixando no espírito de Piet uma impressão complexa: de um animal doméstico, de uma mulher possuída, de um garoto zombeteiro, de adeus.

No domingo seguinte, um pouco depois do meio-dia, quando Foxy acabara de voltar da igreja e tinha colocado o chapéu com o véu na mesa de pernas de grade onde ficava o telefone, este tocou impudentemente. Conheceu a voz: Piet Hanema. Tinha pensado em telefonar-lhe durante toda a semana e, por isso, estava preparada, embora eles nunca se tivessem realmente falado, para reconhecer-lhe a voz, mais hesitante e respeitosa do que a dos outros homens do lugar, com uma baixa entonação cantante do Médio Oeste. Ele disse que queria falar com Ken. Ela foi até à cozinha chamar o marido e

deliberadamente não escutou, porque era o que ela queria fazer.

Durante toda a semana, não conseguira, diante da resistência silenciosa de Ken, telefonar para o empreiteiro e naquele momento as mãos lhe tremiam como se fosse culpada. Serviu-se um copo de vermute seco. Na verdade, ir à igreja se tornaria, à medida que o tempo ficasse melhor, um sacrifício. Botões de magnólia crescidos com o calor se mostravam no pequeno espaço revelado pelo vidro de ventilação levantado dos vitrais comemorativos, pássaros cantavam no pequeno cemitério do fim do período vitoriano entre a igreja e o rio, o sermão era interminável e os bancos estalavam sem parar.

Ken voltou do telefone, dizendo:

— Ele me convidou para ir jogar basquete em casa dele às duas horas da tarde.

Basquetebol era o único esporte que já havia interessado a Ken. Jogara por Exeter e pela sua casa de Harvard, coisa que, como confessara a ela, não era muito decente.

— Engraçado — disse Foxy.

— Parece que ele tem aros de basquete na parede de um galpão e uma pequena quadra asfaltada. Disse que na primavera, entre a esquiagem e o tênis, alguns dos homens gostam de jogar basquete.

Precisam de mim para completar seis, três de cada lado.

— Você disse que ia?

— Pensei que você quisesse dar um passeio pela praia.

— Podemos fazer isso em qualquer outra ocasião. Posso dar o passeio sozinha.

— Não seja mártir. Que é isso? Vermute seco?

— Sim, fiquei gostando depois que tomei em casa dos Guerin.

— E não se esqueça de que hoje à noite vamos ter Ned e Gretchen.

— Só chegarão aqui depois das oito e você bem sabe como essa gente de Cambridge é arrogante. Telefone para ele e diga que você vai jogar. É uma coisa que lhe fará bem.

— Bem — confessou Ken —, eu disse a ele que talvez aparecesse.

Foxy riu, encantada de ter sido enganada.

— Bem, se você disse, por que é que está tão cheio de dedos?

— E que eu não queria deixar você aqui sozinha a tarde toda.

Porque você está grávida, era a premissa oculta. A sua opressiva preocupação o traía. Tinham ficado sem filhos por muito tempo e ele temia essa mudança e o encargo a mais. Foxy levou o caso na brincadeira, mostrando-se alegre.

— Não posso ir também para ver? Pensei que esta cidade fosse das esposas.

Foxy foi a única mulher a ir ver o basquetebol e Angela Hanema saiu da casa para fazer-lhe companhia. Era um dia agradável para estar ao ar livre. Nada na maneira da outra mulher exigia uma explicação. As duas carregaram juntas um banco, curtido pelo tempo e ainda úmido, com um encosto de hastes verticais, do lado do galpão para um ponto no caminho de saibro onde podiam ao mesmo tempo ver os homens jogarem, receber o sol no rosto e vigiar as numerosas crianças que brincavam de esconder no grande pátio quadrado, e olhar além para a cortina rendada dos bosques em botão.

— De quem são todas essas crianças? — perguntou Foxy.

— Duas são nossas, duas meninas. Uma delas está ali perto do bebedouro dos pássaros, chupando o dedo. É

Nancy.

— Faz mal chupar o dedo?

Era uma pergunta talvez ingênua que outra mãe não teria feito, mas Foxy era curiosa e sentiu que não podia ter o menor constrangimento diante de Angela, que parecia tão graciosa e serenamente bem-humorada.

— Não é estético — disse ela. — Nancy não fez isso quando era menor. Começou no inverno passado. Anda preocupada com a morte.

Não sei onde é que ela foi buscar essa idéia. Piet teima em levá-

las para a escola dominical e com certeza falaram nisso lá.

— Acham que devem falar, sem dúvida.

— Também creio. As outras crianças que está vendo, aquelas muito alegres que gritam muito, pertencem ao nosso vizinho da granja leiteira e as outras vieram com os seus orgulhosos pais.

— Não os conheço todos... Estou vendo Harold... Por que é que o chamam de Smith Pequeno?

— É uma dessas coisas de que ninguém consegue mais livrar-se.

Houve um tempo em que havia outros Smith na cidade, mas agora todos eles se mudaram.

— E aquele homem grande e imponente foi o que nos vendeu a casa.

— Matt Gallagher. É sócio de meu marido. O que está pulando agora com os cabelos vermelhos é meu marido.

Foxy achou que ele era engraçado e disse:

— Ele estava na festa que os Appleby nos ofereceram.

— Todos nós estávamos. Aquele de barba que está rindo é Ben Saltz, S-a-l-t-z. Acho que o nome é abreviado.

— Tem um aspecto bem diabólico.

— Para mim, não. Talvez uma barba seja elegante, mas a mim só me lembra os menomitas. A barba dele é para esconder algumas marcas de varíola. Logo que

chegamos aqui à cidade, a barba dele era muito maior, mas ele a corta agora quadrada. É uma coisa que engana, pois ele é um homem muito bom e muito pegado à mulher. Irene é quem movimenta a Liga, o Grupo da Boa Casa e tudo o que se faz de bom nesta cidade. Ben trabalha numa daquelas fábricas da Estrada 128 que dão a impressão de que estão fazendo sorvete.

— Não há um que é chinês?

— Coreano. É John Ong. Não está aqui. As únicas coisas que ele joga são xadrez e tênis, este muito mal. Mas joga bem xadrez, segundo me disse Freddy Thorne. É um físico nuclear e trabalha no Instituto de Tecnologia de Massachusetts. No Instituto, não. Debaixo do Instituto. É uma grande oficina subterrânea, na qual só se pode entrar com um passe especial.

— Com um cíclotron? — perguntou Foxy.

— Ah, me esqueci de que seu marido também é cientista. Mas não faço idéia. Nem ele, nem Ben podem falar muito sobre o trabalho que fazem porque é tudo para o governo. Isso faz todo mundo sentir-se de fora. Creio que um pequeno interruptor em alguma coisa que quase chegou à Lua foi idéia de Ben. Trabalha em miniaturas.

Mostrou-nos uma vez rádios do tamanho de uma unha.

— Na festa, tentei falar com — Ong, não é? — todos aqui têm uns nomes tão engraçados.

— Ora, todos os nomes são engraçados até que a gente se acostume a eles. Pense em Shakespeare e Churchill. Ou em Pillsbury.

— De qualquer maneira, tentei falar com ele e não entendi uma palavra.

— Eu sei. Pronuncia as consoantes de uma maneira que ninguém espera. Veio para cá mais ou menos como os despojos da guerra da Coréia. Não creio que ele se tivesse bandeado do outro lado. Não parece que tivesse

algum dia pensado como eles, embora gozasse de muito prestígio entre os vermelhos. Durante algum tempo ensinou na Universidade John Hopkins e conheceu Bernadette em Baltimore. Se algum dia jogarem uma bomba H em Tarbox será por causa dele. Mas tem razão. Ele não é sexy.

O tom de Angela implicava um desdém do sexo misturado com o magnânimo reconhecimento de que outras pessoas poderiam deixar-se levar por ele. Estudando os lábios da outra mulher, pálidos ao sol e articulados na premeditação de um sorriso, Foxy sentiu que estava olhando para outro mundo isolado e luxuoso, onde as observações e impressões desfilavam cumprimentando-se cerimoniosamente como aristocratas a passeio. Todo casamento significa em geral a união de um aristocrata e de um rústico. De um professor e de um aluno.

Foxy, embora mais alta do que Angela dois ou três centímetros, sentia-se abaixo de Angela, como uma estudante ao mesmo tempo protegida e desafiada. Descobrindo que estava ficando vermelha, perguntou apressadamente:

— Quem é aquele ligeiro, com olhos de fantasma?

— São mesmo de fantasma. Eu pensava que eram de aço, mas agora vejo que estava errada. Chama-se Eddie Constantine. É piloto na aviação comercial. Mudou-se para cá com a família há coisa de um ano e vive numa grande casa triste perto do prado. O rapaz alto que parece o Apoio do Belvedere é filho de um vizinho que ele trouxe porque talvez não houvesse seis pessoas para jogarem. Piet não tinha certeza de que seu marido viria ou não.

— Ken desacertou os lados, então?

— De modo algum. Ficam sempre muito contentes de terem outro jogador. O basquetebol não é muito popular,

pois não pode ser jogado com mulheres. Mas seu marido é muito bom, sabe?

Foxy olhou. O rapaz vizinho, gracioso mesmo quando estava parado, ficara um pouco à parte enquanto os seis adultos ofegavam e corriam, batiam a bola e driblavam. Pareciam desajeitados, amontoados no pequeno pedaço de asfalto cujas bordas se misturavam com a lama amaciada e batida pelos pés dos espectadores. Ken e Gallagher eram os mais altos e ela viu Ken, cujos movimentos tinham uma certa economia elegante que ela não via manifestar-se havia anos, levantar a bola até a altura da cabeça e arremessar. A bola rodou no aro e não entrou. Ficou satisfeita com isso. Por quê? Ele tinha parecido tão confiante e todo o seu corpo em bom equilíbrio havia externado a confiança de que ele encestaria a bola. Constantine pegou o rebote e driblou bem baixo, protegendo a bola com um cotovelo esticado para fora. Foxy sentiu que ele se havia criado numa cidade. Os olhos com a sua transparência fantasmagórica sugeriam um papel fotográfico, ora prateados, ora pretos, ora claros, de-pendendo daquilo que estivessem fixando. Com o rosto agudo afogueado, Smith Pequeno estava batendo os pés como se quisesse criar confusão. Não tinha movimentos instintivos e Foxy estranhou que ele estivesse jogando. Saltz, a quem ela estava preparada para adorar, movia-se nas bordas da quadra cautelosamente, inclinado e sorridente como se quisesse confessar que estava tomando parte num jogo de crianças. Tinha costas largas e em vez de sapatos de basquete usava sapatos pretos com cordões, como os que aparecem sob a batina de um padre. Enquanto ela olhava, Hanema, tomado de súbito impulso, tirou a bola de Constantine, desafiando-lhe o cotovelo, passou por Ken de uma maneira que devia ser ilegal, desviou o corpo, saltou e arremessou. Quando a bola entrou, ele saltou de brincadeira nas costas de Gallagher. O irlandês,

que tinha maxilares tão largos que o seu rosto parecia pentagonal, carregou docilmente o sócio numa carreira pela pista.

— Você andou — protestava Saltz.

— E fez falta no camarada novo — disse Constantine. — Você é muito desleal mesmo no jogo.

As vozes deles eram estridentes como se fossem adolescentes.

— Está bem. Já que estão chorando, vou parar de jogar — disse Hanema, fazendo sinal ao rapaz para entrar no lugar dele. — Querem que chame Thorne para fazer quatro de cada lado?

Ninguém respondeu. O jogo já havia recomeçado. Hanema amarrou um suéter no pescoço e parou acima das duas mulheres que o olhavam. Foxy não podia examinar-lhe o rosto, que era uma mancha circular arroxeada contra o sol. Um cheiro masculino de suor se desprendia dele. Com a sua voz artificialmente polida, perguntou à mulher: — Quer que eu telefone para Thorne ou você telefona? Ele é seu amigo.

Angela respondeu:

— Não será delicado chamá-lo agora. Ele vai estranhar que você não tivesse telefonado mais cedo.

A voz dela, levantada para o homem, pareceu a Foxy diminuída, como que amedrontada.

— Ninguém pode ser indelicado com Thorne. Se ele se incomodasse com a falta de delicadeza, há muito tempo que teria saído da cidade. De qualquer maneira, todo mundo sabe que aos domingos ele só almoça depois de tomar cinco martíni e não poderia chegar mais cedo.

— Telefone, então, para ele — disse Angela. — E fale com Foxy.

— Perdão. Como vai, Sra. Whitman?

— Bem, muito obrigada, Sr. Hanema. — Ela estava decidida a não se amedrontar também e sentiu que não se amedrontara.

O sol orlava a cabeça dele de filamentos irisados. Ele permanecia como uma sombra ereta diante dela, emanando calor, mas a voz dele se alterou, como que contida por alguma coisa na voz dela.

— É muito gentil da sua parte — disse ele e repetiu —, muito gentil vir ver o nosso jogo. Precisamos de público.

E a sua súbita explosão de energia, o seu empurrão em Ken, o seu salto para as costas de Gallagher foram explicados retrospectivamente pelo fato de que ela estivesse olhando. Tinha feito aquilo tudo para ela ver.

— Todos aqui parecem muito enérgicos — disse Foxy. — Estou impressionada.

— Gostaria de jogar? — perguntou ele.

— Claro que não — disse ela, estranhando que ele não soubesse que ela estava grávida, lembrando-se de como ele a olhara por baixo da saia e chegando à conclusão de que ele devia saber, pois procuraria certificar-se.

— Neste caso, vou telefonar para Thorne — disse ele, encaminhando-se para a casa.

Angela, retomando o seu modo tranqüilo, disse a Foxy:

— As mulheres às vezes jogam. Para dizer a verdade, Janet e Georgene não são de todo más. Ao menos, parece que sabem o que estão fazendo.

— Hóquei de campo é o meu único esporte — disse Foxy.

— Em que posição jogava? Eu era *center-half.*

— Jogou também? Eu quase sempre era meia-direita. Às vezes, jogava na ponta.

— É um belo esporte — disse Angela. — Acho que foi a única vez em minha vida em que eu gostei de ser agressiva. Os homens são assim durante quase todo o tempo. — Havia um ritmo e uma autoridade na maneira fluente com que ela falava que levaram Foxy a concordar, a fazer gestos ansiosos de assentimento, enquanto o sol baixava num montão de nuvens cor de salmão. Com os rostos pálidos voltados para a luz pálida,

aquelas duas falavam de hóquei ("Eu gostava de ser *center-half*", dizia Angela, "porque era ao mesmo tempo ofensiva e defensiva sem que ninguém pudesse culpar-me de nada"); de esportes em geral ("É tão bom ver Ken praticar um esporte", dizia Foxy. "Acho que viver com estudantes o tempo todo envelhece a gente. Eu me sentia às vezes uma anciã em Cambridge"); da profissão de Ken ("Ele não me fala mais do trabalho que faz", disse Foxy. "Dantes, eram estrelas-do-mar e era de certo modo divertido. Passamos um verão em Woods Hole. Mas agora ele se dedica mais à clorofila e todas as descobertas têm sido agora em outros campos, ADN e não sei mais o quê"); da casa de Piet ("Ele gosta porque tudo aqui é quadrado", disse Angela. "Adorei a casa que é de você agora. Tantas coisas que se podiam fazer ali e ela positivamente flutua dentro da lagoa! Piet ficou preocupado com os mosquitos. Aqui, nós temos as horríveis moscas do estábulo. Acontece que ele é do interior e o mar o intimida. Gosta de patinar, mas não nada muito bem. Acha que o mar é um desperdício, ao passo que eu prefiro as coisas um tanto informes. Piet gosta de tudo acabado e completo"); e das crianças que de vez em quando apareciam, trazendo um machucado, uma queixa, um presente: — Muito obrigada, Franklin ! O que é que você acha que é isso?

— Uma pastilha para a garganta. De uma coruja ou de um gavião.

Era um menino de oito ou nove anos, inteligente mas de crescimento um pouco lento e de pele delicada. A pastilha para a garganta estava na mão de Angela, menor do que uma bola de golfe, uma concreção regular seca em que havia visivelmente alguns pequenos ossos curvos.

— Bem bonito no seu jeito — disse Angela. — Que é que você quer que eu faça com isso?

— Guarde para mim até eu levar para casa. Mas não vá dar a Ruth. Ela diz que é dela, as árvores são dela, mas eu quero fazer uma coleção e fui eu que vi primeiro e ela pegou porque quis.

Depois dessa comprida fala, o menino estava quase chorando.

— Frankie — disse Angela —, diga a Ruth que venha falar comigo.

O menino bateu as pestanas e saiu correndo.

— Esse menino não é Frankie Appleby? Mas o pai dele não está aqui.

— Foi Harold que o trouxe. O menino é muito amigo do Jonathan deles.

— Pensei que o filho dos Smith fosse muito mais velho.

— E é, mas naturalmente vivem juntos. Naturalmente?

Três crianças vieram do bosque — quatro, contando a pequena Nancy Hanema, que voltou para junto do bebedouro dos pássaros e, com o polegar na boca, abriu os outros dedos em leque como para esconder o rosto do olhar de Foxy.

Ruth era uma garotinha sólida e alta, de rosto redondo. Todo o seu corpo se agitava e ela bateu com os pés com indignada energia.

— Mamãe, ele está dizendo que viu primeiro, mas só viu depois que eu apanhei. Depois disse que era dele porque ele viu primeiro.

O rapaz mais alto, com uma expressão inteligente e breve, disse:

— É verdade, Sra. Hanema. Franklin quer passar a mão em tudo o que vê.

O jovem Appleby, sem mais preâmbulos, começou a soluçar.

— Mentira — disse ele, e gostaria de dizer mais, porém os soluços lhe embargaram a voz.

— Deixe de choro, Frank — disse o garoto dos Smith.

— Mamãe — disse Ruth, batendo com o pé no chão para chamar de novo a atenção de Angela. — No verão passado, nós achamos um ninho e Frankie disse que era dele para uma coleção e arrebatou de minha mão. O ninho então se desmanchou todo e virou em nada, tudo por causa dele!

Ela se agitava tanto que seu cabelo voava no espaço.

Jonathan Smith Pequeno disse:

— Vejam, Frankie está chorando de novo. Que coisa mais feia!

Chorão!

Com um grito gutural, o garoto mais moço atacou o amigo a soco. Jonathan riu. Estendeu o braço, tocou no frenético rosto afogueado diante dele e empurrou. Angela se levantou e separou-os.

Foxy a achou sólida e graciosa e imaginou-a como devia ter sido nos tempos em que jogava hóquei, plantada, abstraída mas impenetrável no centro do campo marcado com cal, com os folgados calções azuis. Quando ela se voltou, o corpo dela mostrou um traço do processo que faz as mulheres de meia-idade, com os troncos mais grossos e as pernas afinadas, parecerem empenhadas num número de equilibrismo.

— Ora, Jonathan — disse Angela, segurando com igualdade a mão de cada um dos garotos. — Frankie quer começar uma coleção. Você também quer uma coleção?

— Eu não! Pouco me interessa o que os passarinhos põem para fora. Foi de Ruth que ele roubou isso.

— Ruth está aqui todo o tempo e eu sei que ela pode encontrar outro no bosque. Quero que todos vocês a ajudem. Há um coruja que grita a noite inteira no bosque. Se descobrirem a árvore onde mora, vão encontrar muitas dessas bolas.

A menina se aproximou e disse, sem tirar o dedo da boca:

— O rato morreu.

— Foi, sim — disse Ruth, voltando-se vivamente e fazendo o cabelo flutuar como uma asa —, e se você não tomar cuidado, a coruja vem comer você e seu dedo e você vai ficar dentro de uma bola como esta, só com os olhos de fora.

— Ruth ! — gritou Angela, mas já era tarde. Ruth tinha voltado na carreira para o bosque, com as pernas compridas a moverem se rapidamente sob a saia esvoaçante. Os meninos, unidos na necessidade de perseguição, seguiram-na. Nancy foi para o colo da mãe e foi distraidamente acariciada. — Você daqui a pouco vai conhecer tudo isso — disse Angela a Foxy.

Isso queria dizer que todos já sabiam da gravidez dela. Veri-ficou então que isso não a aborrecia e disse:

— Ficarei contente quando chegar a essa fase. Por ora, sinto-me mal a maior parte do tempo e inútil no resto.

— Mais tarde, é uma coisa esplêndida — disse Angela. — Você se sente inteiramente em paz com o mundo. Chega então a pequena encomenda e depende inteiramente de nós com as suas pequenas necessidades agudas que podemos satisfazer todas. Adoro ter filhos. Mas é preciso criá-los depois.

Os olhos da menina meio deitada no colo dela escutavam muito abertos. Os lábios dela em torno do polegar faziam um barulho secreto e úmido.

— É muito boa com as crianças — disse Foxy.

— Gosto de ensinar — disse Angela. — É mais fácil do que aprender.

Com um barulho derramado de freios no saibro, um conversível amarelo, com a capota arriada, entrou pela alameda e parou a cerca de um metro do banco. Era Thorne que estava dirigindo. A cabeça rosada emergiu da concha de metal como a carne de um molusco. No banco de trás, estava um jovem de aspecto doentio parecido

com ele e uma menina mais nova, de uns seis anos mais ou menos, cujos olhos verdes eram ligeiramente saltados. Foxy ficou surpresa com a rapidez com que Angela se levantou para recebê-los. Depois de ter partilhado com ela durante uma hora de um banco e do sol, sentiu ciúmes. Angela apresentou as crianças.

— Whitney e Martha Thorne. Dêem boa tarde à Sra. Whitney.

— Conheço a senhora — disse o garoto. — Foi a senhora que se mudou para a casa mal-assombrada no fim da estrada.

— E a casa é mal-assombrada? — perguntou Foxy.

— Ele quer dizer — explicou Angela — que a casa ficou vazia muito tempo. As crianças podem vê-la da praia.

— Estava toda fechada — disse Whitney —, sem ninguém lá dentro, mas saía fumaça da chaminé.

— São alucinações do garoto — disse o pai. — Come nescau todo dia de manhã com o café.

Whitney procurou defender-se.

— Iggy Kappiotis disse que ele e alguns camaradas estiveram um dia na varanda e ouviram vozes lá dentro.

— Conversas de crianças — disse Freddy Thorne, piscando os olhos para o sol. À luz do dia, a sua amorfa suavidade era menos ameaçadora, mas digna de compaixão. Estava com uma camisa esporte peluda cor de vinho clarete com enfeites de foulard verde e botas de cano alto como as que usam as crianças de tornozelos fracos.

— Olá, Freddy! — gritou Harold Smith Pequeno da quadra.

O jogo tinha parado.

— Alô, campeão! — gritou Hanema do lado da varanda.

— Parece mais um mascarado — disse Gallagher. — Os campeões se conhecem pelos olhos.

— Que olhos? — perguntou Hanema, aproximando-se de Thorne e pegando-o pelo cotovelo. — Este homem é um gim puro.

— Com essas botas você não pode jogar basquete — disse Ben Saltz.

— Isso aí são sapatos de Frankenstein — disse Eddie Constantine. Fingiu que estava com o corpo rígido e deu vacilantemente os poucos passos necessários para chocar-se com o peito de Thorne.

Cheirou o hálito de Thorne, levou as mãos à garganta e gritou: —

Ai que eu sufoco!

Thorne sorriu e disse:

— Vou só olhar. Vocês não precisam de mim. Já têm gente de sobra. Para que me chamaram?

— Precisamos de você — insistiu Hanema, segurando-lhe de novo o cotovelo e parecendo exultar com a sua relativa falta de gente.

— Quatro de cada lado. Você vai ficar do lado de Matt, Eddie e Ben.

— Muito obrigado pela escalação safada — disse Eddie Constantine.

— Quantas cestas vão nos dar de partida? — perguntou Gallagher.

— Nenhuma — disse Hanema. — Freddy é um bom elemento. Está é destreinado. Pratique um pouco, Freddy — acrescentou ele, batendo a bola no asfalto para fazê-la pular no estômago de Thorne. — Estão vendo?

Do jeito pelo qual Thorne segurou a bola, Foxy viu que não tinha nada de um atleta. Era tão desajeitado e pisava tão mal com os pés chatos plantados no chão que ela olhou para o outro lado.

Ao lado dela, Angela disse:

— Com certeza, alguns casais de namorados entraram na casa.

Têm tão poucos lugares para onde possam ir.

— Quem era a gente que morava lá antes?

— Os Robinson. Quase não os conhecíamos. Só apareciam no verão e nos fins de semana. Era um casal de meia-idade, com uma penca de filhos e que se divorciou de repente. De vez em quando, eu a via na cidade com a correia do binóculo passada pelo pescoço. Era uma mulher bonita com um coque nos cabelos e a pele queimada, vestida de *tweed*. Ele era um homenzinho horroroso, de voz grossa, que sempre ameaçava intentar uma ação contra a Prefeitura se alargassem a estrada para a praia. Bernadette Ong, que os conhecia, diz que foi ele quem quis o divórcio. Ele tocava violoncelo e ela, violino, e formaram um quarteto de cordas com uma gente de Duxbury. Nunca pregaram um prego naquela casa. Foxy então disse precipitadamente: — Seu marido gostaria de olhar a casa para nós? Para fazer um orçamento ou nos dar alguma noção do que devemos fazer?

Angela olhou para o bosque, um labirinto linear onde os corpos das crianças estavam escondidos. Disse então cuidadosamente:

— Matt quer que Piet só trate de novas construções.

— Mas quem sabe se ele não pode indicar outro construtor? Temos de tratar disso quanto antes. Ken parece que gosta da casa, mas quando o inverno chegar será impossível morar ali.

— Claro. — A confirmação lacônica espantou Foxy. Olhando para as árvores, Angela continuou com hesitação, como se a procura das palavras fosse dificultada por um florescimento de coisas invisíveis. — Seu marido... talvez possa conversar com Piet. Mas não hoje depois do basquetebol. Todos vão ficar para tomar cerveja.

— Mas nós temos de voltar cedo, pois alguns amigos de Cambridge vão nos visitar hoje.

Uma leve divergência foi assim estabelecida entre elas. Estavam juntas, mas olhavam para pontos diferentes, Angela para o bosque cheio de crianças, Foxy para o jogo dos homens. Quatro de cada lado era muita gente. A quadra, já totalmente coberta pela sombra do galpão, estava muito cheia de Thorne, com o seu posterior protuberante e os seus movimentos confusos, atrapalhava todo mundo.

Hanema estava com a bola. Colidindo persistentemente com Thorne nas suas tentativas de driblar por entre a gritaria, passou a bola para o rapaz que era vizinho dos Constantine. No mesmo movimento, enganchou o pé num dos tornozelos de Thorne e, jogando o peso para trás, fez o homem cair. Thorne caiu por etapas, estendendo um braço e depois rolando de rosto no chão lamacento de asfalto, com a mão por baixo dele.

O jogo parou. Foxy e Angela correram para onde estavam os homens. Hanema tinha-se abaixado ao lado de Thorne. Os outros formavam em torno deles um círculo silencioso. Com um sorriso emporcalhado e a camisa cheia de lama, Thorne sentou-se no chão e mostrou a mão trêmula, na qual o dedo mínimo, mais branco, estava fora da sua posição normal.

— Desloquei o dedo — disse ele numa voz de que a dor havia espremido toda a elasticidade. Hanema, abaixo ao lado dele, exclamou:

— Oh, Freddy, desculpe. É terrível. Pode processar-me.

— Não é a primeira vez que isso acontece — disse Thorne.

Pegou a mão machucada com a outra, fez uma careta e puxou.

Um estalo mais suave do que um galho se quebrasse, mais como o estouro de uma vagem, impressionou o círculo em silêncio. Freddy levantou-se e pousou a mão com o dedo já no lugar sobre o peito, como se fosse

alguma coisa frágil que não podia ser tocada. Perguntou a Angela: — Tem aí esparadrapo e alguma coisa para entalar — um abaixa-dor de língua, um pau de sorvete? Até uma colher serve.

Levantando-se com ele, Hanema perguntou:

— Vai poder trabalhar com esse dedo assim, Freddy?

Thorne sorriu ao ver o rosto cheio de ansiedade do outro.

Foxy percebeu que ele estava sentindo a sua vantagem aumentar.

Ela pensava que só as mulheres usavam a dor como arma.

— Bem, daqui a um mês é possível. Não posso mexer na boca de ninguém com o dedo engessado, posso?

— Processe-me — disse de novo Hanema.

O rosto dele era uma estranha mistura sob tensão de sardas e palidez, do calor da batalha e de arrependimento. Os outros jogadores tinham-se dividido igualmente em dois grupos cheios de compaixão. Freddy Thorne, levando a mão à frente, encaminhou-se em triunfo para casa, seguido de Angela, de Constantine, do rapaz vizinho e de Saltz. Entretanto, Foxy teve a impressão de que ele tinha sido, por momento antes de iniciar a exploração do caso, instintivamente estóico.

— Não foi de propósito que você fez isso — disse Smith Pequeno a Hanema. Foxy estranhou que ele, amigo de Thorne, tivesse ficado do lado de fora, junto com o culpado. Os moldes de união eram múltiplos.

— Mas foi de propósito mesmo — disse Piet. — Dei-lhe deliberadamente uma rasteira porque ele já me estava irritando com tanta falta de jeito.

— Ele não entende o jogo — disse Gallagher.

Gallagher seria um homem bonito se não fosse uma certa estreiteza na boca, alguma coisa predeterminada e rígida expressa pelas rugas recurvas que acentuavam os cantos da boca, tal como pregas formalistas. Entre os

homens com a barba crescida dos domingos, ele estava bem barbeado. Tinha ido à missa.

— Creio que todos são tremendamente ásperos uns com os outros

— disse Foxy.

— *C'est la guerre* — disse Smith Pequeno.

Ken, no intervalo, estava treinando arremessos à cesta, aperfeiçoando-se. Foxy sentiu-se submersa em sombras e correntes submarinas, enquanto ele estava à tona, deliberadamente ignorante, vazio e flutuante. As batidas da bola e o choque trêmulo com o aro irritavam-na mais do que qualquer monólogo.

Hanema se aproximou dela e disse surpreendentemente:

— Não gosto de ser sujo e não fui outra coisa. Convidei-o para jogar e depois machuquei-o.

Era em parte uma confissão, em parte uma fanfarronada. Foxy ficou perturbada com o fato de que ele lhe dissesse isso, como se tivesse deitado a cabeça no colo dela. Ela recuou, calada, aborrecida de que, tendo sentido de um ângulo inesperado a propalada força dele, a sua necessidade de franqueza de órfão, ela se tivesse mostrado tímida como Angela.

O saibro da alameda foi de novo tocado por freios. Um velho carro marrom parou, refletindo no seu pára-brisa galhos de árvore e farrapos de nuvem. Janet Appleby saltou do lado da direção, carregando dois pacotes com seis latas de cerveja cada um. Georgene Thorne saiu pela outra porta, tendo nos braços uma criança de uma idade incômoda, coberta de tantas roupas que as pernas estavam abertas como as hastes de um H. Pela vermelhidão das faces, a criança mostrava ser uma Appleby.

Smith Pequeno e Hanema foram imediatamente cumprimentá-las.

Gallagher foi treinar arremessos com Ken. Embora não desejasse intrometer-se, Foxy chegou à conclusão de que o seu sexo lhe dava direito a aproximar-se das mulheres, e encaminhou-se lentamente para elas, enquanto Smith Pequeno falava agitadamente da ocorrência com o dedo de Freddy — *le doigt disloqué.*

— Bem feito — disse Georgene. — Já disse muitas vezes a ele que não faça esporte quando estiver alto.

As pálpebras dela estavam rosadas, como se ela tivesse tomado banhos de sol.

Piet Hanema disse a ela:

— Fui eu que o convidei especialmente para vir, para que nós pudéssemos fazer dois times de quatro pessoas.

— Ora, ele teria vindo de qualquer maneira. Acha então que ele iria passar toda a tarde de domingo comigo?

— Por que não? — perguntou Piet e Foxy julgou ver alguma hostilidade nos olhos dele. — Não quer entrar e ver como ele está?

— Deve estar muito bem — disse ela. — Angela não está com ele? Vamos deixá-los que estão felizes.

Janet e Harold estavam conferenciando urgentemente em sussurros. A conversa deles parecia eminentemente prática, referindo-se a horários e à colocação de carros e de crianças. Quando o pequeno Appleby agarrou uma gata no gramado e tentou suspendê-la pelos quartos traseiros como quem despeja um saco de bombons, foi Smith Pequeno quem interveio, enquanto Janet levantava o rosto para o céu nesse momento de folga. A gata malhada, doente de um olho, fugiu e foi esconder-se na sebe dos lilases.

— É sua? — perguntou Foxy a Hanema.

— A gata ou o menino? — perguntou Hanema, como se também percebesse que a paternidade da criança estava em dúvida.

— O gato malhado. Temos um gato chamado Cotton.

— Traga então Cotton de outra vez que vier ver o basquete — disse Georgene. Estendeu um braço atlético para o bosque e acrescentou: — As árvores não me deixam ver as crianças. — Era como se essa explicação suavizasse a aspereza da sua primeira frase, com a sua indignação implícita diante da simples presença de Foxy.

— A gata é do estábulo — explicou Hanema — mas as crianças de vez em quando lhe dão comida. Deixaram o bicho entrar na casa e ela agora está cheia de pulgas.

Freddy Thorne apareceu, saindo da casa. O dedo mínimo estava enfaixado numa colher de plástico verde. A ponta do dedo pousava na concha da colher e a curva do cabo se adaptava perfeitamente ao dedo. O fato de que Angela tivesse improvisado isso fortalecia a impressão de Foxy de que havia alguma afeição ilícita entre os dois. Freddy estava visivelmente orgulhoso.

— Ficou formidável, Freddy — disse Janet. Usava calças brancas tão justas que se enrugavam horizontalmente ao longo da bacia. O

seu jérsei de veludo turquesa mudava de tom quando contornava a curva dos seus seios. Quando ela se moveu, a frente do corpo era uma vibração elétrica de sombras. Um corte no jérsei mostrava um retalho de carne malva. Os lábios tinham sido vigorosamente pintados, mas o rosto branco denotava falta de sono. Como o filho, tinha pele delicada e ainda em formação.

— Foi o garoto que fez isso — disse Freddy.

O jovem vizinho de Constantine explicou:

— Tivemos no acampamento de verão um pequeno curso de pronto socorro.

A voz saía rouca e rasa da forma da virilidade: um rato sobre um pinto.

— Ele vai de vez em quando lá em casa e faz massagens nas costas de Carol.

— E ela sofre das costas? — perguntou Freddy.

— Só quando eu passo muito tempo fora de casa.

Ken e Gallagher pararam de treinar e se juntaram aos adultos.

As caixas de cerveja foram abertas e as latas distribuídas.

— Não tolero as novas lingüetas dessas latas — disse Smith Pequeno puxando a tira metálica. — Todo mundo que eu conheço está com os dedos cortados. São os novos estigmas.

Foxy viu que ele tinha procurado a palavra francesa que significava "estigmas".

— Não consigo abrir isto. Estou muito fraca e cansada. Quer abrir para mim? — disse Janet e entregou a lata... a Ken!

Todos os olhos notaram. Harold Smith Pequeno levantou o nariz e disse com voz nervosa:

— Freddy Thorne, o homem do dedo plástico. *Le doigt plastique.*

— Que aborrecimento, Freddy! — disse Georgene e Foxy viu nisso um esforço de compaixão.

— Fora de brincadeira — disse Constantine —, como é que você vai chegar agora aos espaços entre os dentes dos clientes?

Estava francamente curioso, e os seus olhos, que Foxy por um momento pôde encarar bem de frente, refletiram, na ausência de inteligência, o alumínio, o vento e o céu cinza-pérola das grandes atitudes. Ele costumava andar lá no alto, na metálica vastidão acima das nuvens e queria saber como Freddy conseguiria chegar aonde tinha de ir.

— Com um raio laser — disse Thorne e estendeu a colher verde como um raio da morte que apontou, fazendo um chiado entre os dentes, para Constantine, para Hanema, para Foxy. — ZISS... Morra, ZISSSS... Você morreu.

Os que estavam perto dele riram exageradamente. Eram cortesãos e Freddy era um rei, o rei do caos.

Embora ferida de morte, Foxy não riu. Atrás dela, sem darem atenção a Freddy, Georgene e Piet trocavam palavras que confundiam na sua grave simplicidade.

— Como vai?

— Mais ou menos.

— Tem tomado banho de sol?

— Tenho.

— Que tal? Bom?

— Muito sozinha.

Ouvindo-os, Foxy sentiu-se atraída como quando escutava em criança os pais sussurrando e resmungando atrás de uma porta fechada, com as palavras comuns que pronunciavam exaltadas pela intimidade numa exaltada magia.

A voz de Ben Saltz fez-se ouvir. Os seus lábios em movimento tinham um ar de isolamento como se fossem impulsionados por uma bateria escondida na barba.

— Falando a sério, Freddy, sabe que se estão fazendo agora grandes coisas com a odontologia não-tátil?

— Epa! — exclamou Freddy Thorne. — Isso deixa de lado os tipos táteis como eu.

Deu então uma palmada no assento biforme das calças brancas justas de Janet. Ela interrompeu a conversa com Ken e se voltou para lançar a Freddy um olhar menos de surpresa do que de advertência, advertência essa que, Foxy julgou, não se referia tanto à palmada quanto ao fato de que a mesma tivesse sido dada em público.

Saltz aproveitou a oportunidade para puxar conversa com Ken.

— Diga-me, se me pode dar um instante de atenção, se já sentiu na bioquímica os efeitos do raio laser? Li na semana passada no Globe que estão tendo algum êxito com ele no câncer dos ratos.

— Qualquer pessoa pode fazer milagres com ratos — disse Ken, olhando tristemente o posterior de Janet. Foxy

já sabia desde muitos anos que ele não se sentia bem quando falava com judeus. Tinha sido vencido muitas vezes na competição com eles.

— Faça-me um favor — continuou Saltz — e fale-me sobre o DNA.

Por que diabo, é esse o meu pensamento, por que diabo uma estrutura complexa pode surgir espontaneamente do caos?

— A matéria não é caos — disse Ken. — Tem suas leis, fixadas pelo que não pode acontecer.

— Posso compreender muito bem como nos nossos Estados do Oeste, sendo o melhor exemplo o Grande Canyon, uma rocha pode ser esculpida pela erosão e tomar a forma de uma catedral. Mas se olho dentro e vejo uma porção de bancos arrumados numa ordem perfeita, em filas, já começo a estranhar.

— Talvez você mesmo tenha colocado os bancos lá dentro? — Ben Saltz riu.

— Está aí, gostei dessa resposta. — O riso de Saltz era uma espantosa reversão, uma explosão facial que lhe transformava os olhos em estreitas fendas e lhe tomava todo o rosto como o rugido na cara de um leão num baixo-relevo assírio. — Gostei muito dessa resposta. Está se referindo ao Inconsciente Cósmico. Como sabe, Javé foi originariamente um deus de vulcão. Acho ridículo as pessoas religiosas terem medo da majestade e da força do universo.

Angela gritou da varanda.

— Será que ninguém está sentindo frio senão eu? Façam o favor de vir para casa, todos.

Isso deu o sinal para alguns irem e outros ficarem. Eddie Constantine amassou a sua lata de cerveja e deu-a a Janet Appleby, que a colocou acima dos seios como se fosse um pequeno buquê de lata. Ele então se dirigiu para a sua lambreta e, passando perto de Foxy, bateu no estômago dela. "Bote a barriga para dentro." Foram

essas as palavras dele. O rapaz dos vizinhos se sentou na lambreta atrás dele e ali ficou imóvel. Constantine partiu e algumas pedras foram levantadas da sua roda traseira quando ele desceu a alameda e alcançou a estrada além da sebe de lilases que estava perdendo a sua transparência em virtude do crescimento dos botões.

O gato pulou da sebe aterrorizado e correu em silêncio pelo gramado, com o corpo alongado. As crianças saindo do bosque já escuro.

A meta de estava chorando. Na realidade, só Frankie Appleby estava chorando. Jonathan Smith e Whitney Thorne haviam-no amarrado a uma árvore com os cordões dos seus sapatos e, depois, não puderam desatar os nós de modo que tiveram de cortar os cordões e ele agora estava com os sapatos desamarrados mas a culpa não era dele. Tropeçava e arrastava os pés em demonstração e Harold Smith Pequeno correu para ajudá-lo, enquanto a mãe, Janet, continuava fria, gorda e vaidosa na varanda, olhando para onde o sol, uma laranja colhida na rede, pairava no esguio bosque. Atravessaram então o gramado as rosadas meninas Hanema e um belo garoto que parecia uma figura de Gainsborough à luz romântica do entardecer, de cabelos pretos encaracolados e um ágil comportamento consciente. Com um firme gesto de despedida, Gallagher tomou o belo menino pela mão e levou-o para o seu carro, o Mercedes cinza de cujas janelas altas e limpas Foxy vira Tarbox pela primeira vez. Saltz e os Thorne se encaminharam para a casa. Na estreita porta da entrada, os dois homens, um barbado e o outro calvo, chocaram-se e Thorne estendeu inesperadamente o braço com a mão de ponta verde em torno do judeu e abraçou-o solidamente de lado. Saltz fez brilhar o seu riso leonino e disse alguma coisa a que Thorne respondeu: — Sou um camarada indestrutível. Vou-lhe falar sobre a hipnose dentária.

A agradável casa aceitou-os. Foxy e Ken prepararam se para partir.

— Não saiam todos — pediu Angela. — Não gostariam de beber alguma coisa de verdade?

— Temos de voltar — disse Foxy, verdadeiramente triste.

Iria experimentar essa tristeza muitas vezes, a crônica tristeza dos fins de tarde do domingo, quando os casais haviam esgotado o seu divertimento, basquetebol, praia, tênis ou futebol *touch,* e a noite começava a pesar sobre todos, uma noite sem divertimentos, passada entre lâmpadas vacilantes, crianças irritadiças e restos de comida, com o importuno jornal lido sem vontade e que falava de portentos cansados e atrocidades, uma noite em que as pessoas casadas se fechavam dentro de si mesmas como flores longe do sol, uma noite que dava como uma janela empoeirada para a segunda-feira e para a longa semana onde teriam todas de desempenhar os seus papéis de trabalhadores, corretores, dentistas e engenheiros, de mães de família e donas de casa, de adultos que não são os convidados mas os hospedeiros do mundo.

Janet e Harold estavam discutindo em voz baixa. Janet voltou-se e proclamou:

— Não podemos, querido. Temos de salvar Marcia e Frank, que devem estar mergulhados na conversa.

Ela e Smith Pequeno arrebanharam os filhos esparsos e saíram no carro marrom de Janet. Quando fizeram manobra na alameda, o sol poente penetrou por um instante no pára-brisa e lhes embranqueceu os rostos em profundo detalhe, como santos sob uma redoma.

— Adeus — disse Piet Hanema polidamente da varanda.

Foxy o havia esquecido. Parecia tão abatido com o incidente do dedo que ela lhe gritou:

— Coragem.

Quando estavam em segurança no MG, Ken disse:

— Upa! Amanhã, vou acordar com o corpo todo dolorido.

— Mas não se divertiu?

— Bem, foi um exercício. E você? Aborreceu-se muito?

— Não. Adorei Angela.

— Por quê?

— Não sei. Ela é graciosa, displicente e superior a tudo isso, ao mesmo tempo. Não tem as mesmas exigências das outras.

— Deve ter sido muito bonita.

— E acha que não é mais? Vou lhe dizer uma coisa. A sua pintada amiga Janet não me impressionou esteticamente muito com aquelas calças de marinheiro apertadas principalmente atrás.

— Que foi que achou dela, Foxy?

— Achei que é menos feliz do que devia ser. Devia ser uma gorda alegre e não conseguiu.

— Acha que ela tem um caso com Smith?

Foxy riu.

— Os homens são tão observadores. É tão evidente que deve ser coisa a caminho de acabar. Acho que ela teve um caso com Smith, está procurando ter um caso agora com Thorne e está reservando você para o futuro.

O riso lânguido com que ele recebeu as suas palavras irritou-a.

— Tenho uma confissão a fazer — disse ela.

— Está tendo um caso com Saltz. Como os judeus são pesados.

Dão importância demais a tudo. O Inconsciente Cósmico, meu Deus!

— Não. Mas foi uma coisa também muito ruim. Eu disse a Angela que queríamos que o marido dela fosse ver nossa casa.

A voz dele tornou-se reservada, com um tom de calma reflexão.

— Marcou dia?

— Não, mas acho que devemos fazer isso. Você precisa telefonar. Ela é de opinião, aliás, que ele não está interessado.

Ken dirigia em velocidade pela estrada que já conhecia de cor, de modo que os corpos de ambos foram jogados um pouco para o lado numa curva.

— Em todo caso — disse Ken, depois de um silêncio —, espero que ele não construa casas como joga basquete. O jogo dele é um bocado ríspido.

Ruth, de pé junto à cama com uma silhueta quase de mulher, estava chorando e, quando falou, acordou-o de um sonho em que uma mulher alta e afastada o esperava ao fim de um corredor curvo.

— Papai, Nancy está lá embaixo e o ratinho não está mais na gaiola. Estou com medo de olhar.

Piet lembrou-se do *ique-eque* com que se habituara a embalar o seu sono e saiu da cama com um bolo de medo no estômago. Angela deu um suspiro mas não se moveu. O chão e a escada estavam frios.

Nancy, encolhida na sua camisola cor-de-rosa no sofá pardo da sala de estar à luz sem sombras do princípio da manhã, tirou o dedo da boca e disse:

— Não fui eu! Não fui eu!

— Não foi você o quê? Onde está o animal?

A menina o encarou com olhos tão grandes e tão puros que um espaço muito maior do que o da sala de teto baixo pareceu encerrá-

los. Os próprios móveis, emergindo da escuridão uniforme, pareciam sensíveis, embora paralisados.

Piet insistiu.

— Onde está o animal de que você falou a Ruth, Nancy?

— Não fui eu — disse ela , e debulhou-se em lágrimas. O rosto macio se desintegrou como um prodígio de embalsamamento subitamente exposto ao ar e Piet

sentiu-se atordoado pela força que emanava da abertura feita pelo rosto dela na luz cinzenta da ma-nhã.

— Chorona, chorona! Pare com isso! — disse Ruth e Nancy arrolhou de novo o rosto com o polegar.

O animalzinho em forma de saco estava caído de barriga para cima no centro do linóleo da cozinha. O gato do estábulo olhava de longe, entre covarde e justificado, por trás de uma cadeira da cozinha. O seu trabalho rápido e instintivo tinha sido bem feito.

Embora quase sem marcas, o ratinho estava morto. O corpo cedeu com uma plácida elasticidade à pressão exploradora do dedo de Piet. O

lábio superior estava levantado para mostrar dentes tão finos quanto os de um pente e os olhos, com uma incongruente dignidade humana, estavam fechados. Um traço de pestanas. As quatro patas encolhidas. O carocento focinho sem pelos.

Ruth perguntou, embora estivesse à porta da cozinha e pudesse ver por si mesma:

— É ele?

— É, sim, querida. Está morto.

— Eu sei.

A aventura era fácil de imaginar. Ruth, julgando que o ratinho precisava de mais espaço para correr e suspeitando de que havia crueldade na interminável tarefa da roda e sem acreditar, na sua inteligência em desenvolvimento, que alguma criatura viva pudesse não ter sensibilidade bastante para sofrer com aquele cativeiro, tinha improvisado em torno da pequena gaiola do animal uma gaiola maior com telas de janelas que encontrara no sótão, empilhadas à espera do verão. Amarrara as janelas com barbante e Piet não cumprira a sua promessa de fazer uma gaiola mais forte. Várias vezes o ratinho tinha saído, para fazer viagens de exploração no quarto dela. Na noite passada, tinha feito a viagem no andar de baixo, descobrindo na escuridão

banhada de luar continentes nunca sonhados, florestas de pernas de móveis, vastos tapetes que arfavam com odores oceânicos. Ao amanhecer, um gigante inocente numa camisola de dormir deixara entrar um leão com um olho doente. O ratinho nunca tivera motivo de ter medo e não teve nenhum até o momento em que garras surgiram de um súbito céu que recendia aos aromas recém-descobertos de gato, vaca e orvalho.

Angela desceu no seu roupão azul e Piet não soube explicar-lhe por que achava o acidente tão desalentador, a pequena exploração de um juízo rudimentar que terminara naquele turbilhão de morte. O

linóleo da cozinha, da cor da relva, parecia lustroso por baixo dele. O dia que nascia lá fora parecia neutro, vazio e frio, como mais um daqueles com que a Nova Inglaterra frustra a primavera. A preocupação de Angela, depois de um olhar para ele. para Ruth e para o corpo do ratinho, se concentrou em Nancy. Foi buscá-la nos braços da sala para a relativa luz da cozinha. Com um pouco de nojo, Piet embrulhou num jornal o cadaverzinho avermelhado, estranhamente denso, e as rédeas do sangue se afrouxaram no papel.

Nancy disse que queria ver.

Piet olhou para Angela pedindo permissão e abriu o jornal.

KENNEDY ELOGIA A INDÚSTRIA SIDERÚRGICA.

Nancy olhou e perguntou:

— Não vai acordar?

Ruth disse, com a voz forçada entre lágrimas.

— Não, idiota, não vai acordar porque está morto e quem morre não acorda mais, nunca mais.

— Quando é que ele vai para o céu?

As três olharam para Piet à espera de uma resposta.

— Não sei — disse ele. — Talvez já esteja lá e andando de um lado para outro em cima de uma roda.

Imitou o rangido da roda. Ruth riu e era a ela que ele tinha querido divertir. A curiosidade ansiosa de Nancy procurava alguma coisa que ele havia enterrado dentro de si mesmo e ele ficou aborrecido com a menina por isso. Angela, que estava com ela nos braços, parecia fazer parte da mesma tentativa de desmascará-lo e desvirilizá-lo, de expor a seu vergonhoso segredo, a crença infantil de que extraía a sua virilidade.

Perguntou a Nancy com um pouco de rispidez:

— Você viu como foi?

— Não, Piet — disse Angela. — Ela não quer pensar nisso. Mas Nancy queria e disse, olhando para o chão vazio onde tudo acontecera.

— O gato e o ratinho estavam brincando. O ratinho quis sair e o gato não deixou.

— Você sabia que o ratinho estava cá embaixo quando deixou o gato entrar?

Nancy meteu imediatamente o dedo na boca.

— Tenho certeza de que ela não sabia — disse Angela.

— Quero vê-lo mais uma vez — disse Ruth e, mostrando-lhe o corpo compacto com o coração confrangido, Piet viu como o animal havia possuído o saliente traseiro quadrado do macho da sua espé-

cie, uma esperançosa vaidade sexual cuja negação final pareceu a Piet uma espécie de alívio. Com Ruth, conheceu naquele momento o profundo ressecamento interior, o suave incêndio que ocorreu depois do pior, quando este se verifica indiscutivelmente. Ela saiu para a escola, descendo a alameda de saibro com o seu casaco amarelo da Páscoa para esperar o ônibus amarelo, com todas as suas lágrimas choradas, sob um céu nevoento que prometia chuva.

Piet lhe havia prometido outro ratinho e uma gaiola melhor.

Enterrou o ratinho na orla do bosque, perto de uma moita de lírios azuis, onde a terra era macia e turgosa.

Uma pancada com a pá abriu a sepultura, a segunda aprofundou-a. As árvores estavam começando a enfolhar e a vegetação rasteira ainda era fina e misturava as hastes verdes com talos secos, esbranquiçados pelo inverno, delicados como palhas, como ossos de pássaros. Num movimento do ar, o ar indiferente que resvala passivamente pelas encostas, sentiu-se dominado pelo terror da primavera. O lento estuar do que crescia pareceu-lhe uma confusa corrida para a morte. As tímidas pontas verdes pareceram-lhe diminutas armas apontadas para o nada. O toque satisfeito de seu pai no que era verde. A terra ingrata, receptiva. Numa hora de resfriamento, o ratinho tinha perdido peso e forma para os elementos. Tudo o que havia articulado numa presença digna de ser prateada, as patas humanóides e o inquieto focinho trêmulo, cuja curiosidade, quando Ruth o soltava em cima da colcha, fazia toda a cama vibrar de leve, tinha-se sumido numa vasta ausência. O corpo desceu com o focinho para baixo no buraco aberto pela pá. Piet cobriu-o com uma rapidez envergonhada. Em quase cinco anos que viviam ali, um pequeno cemitério se tinha acumulado ali, na orla do bosque: pássaros feridos de que tinham em vão tratado, tartarugas compradas nas lojas nada-além que tinham amolecido, esbranquiçado e morrido, um gato esmagado por uma porta que batera, um esquilo que uma ave de rapina incompleta rasgara do pescoço à barriga deixando-o com uma centelha de vida que durara toda uma longa tarde de junho. No outono anterior, quando os tentilhões estavam fazendo a sua migração, Nancy encontrara um deles com as costas quebradas ao lado do galpão, lutando ansiosamente por voar e juntar-se aos outros, arrastando-se pela quadra de basquete. Erguido pela pura força do seu coraçãozinho foi até ao centro do gramado, onde os quatro Hanema estavam reunidos na esperança de vê-lo levantar vôo, subitamente curado.

Mas o pássaro estava desconjuntado, como tinha ficado o pai de Piet, e nunca mais poderia voar, ainda que tivesse pulmões para sobreviver. As crianças, cansadas de ver as tentativas do pobre pássaro de conseguir um milagre, saíram de lá. Só Piet, ali postado sem poder sair como ao lado de um convidado para uma festa que se nega a retirar-se, assistira ao esforço final, ao assimétrico abrir das asas sujas e a um impulso que arremessou o bico do pássaro diretamente no chão relvoso. O pássaro emitiu um pio diminuto, um ponto de ruído pequeno como uma estrela e relaxou o corpo. Só Piet ouvira aquele grito. Só Piet, como naquele momento, se encarregara do enterramento.

Angela apareceu e se encaminhou para onde ele estava com a pá.

Estava vestida com um costume de *tweed* sal-e-pimenta de aparência britânica. A quarta-feira era o seu dia de ensinar como mãe no jardim de infância onde Nancy estudava.

— Foi uma pena que, de todos nós, Nancy é que tivesse visto o caso acontecer — disse ela. — Agora ela quer que eu a leve até o céu para ver se deram um lugar bom para ele e uma roda. Não sei, Piet, se a religião não complica as coisas mais do que é necessário. Ela pode ver que eu não acredito em nada disso.

Piet se inclinou sobre o cabo da pá e murmurou, arremedando um velho camponês:

— Tudo isso é muito bom para uma madame distinta como a senhora, mas nós, no campo, precisamos de um pouco de água benta de vez em quando para afastar o reumatismo e o mau-olhado.

— Detesto imitações, sejam feitas por você ou por Georgene Thorne. E detesto ser obrigada a convencer meus filhos da existência do céu.

— Mas, Angela, meu anjo, todos nós pensamos que você nunca saiu do céu.

— Pare com essa história de zombar de mim e ter pena da menina. Ela pensa na morte todo o tempo. Não compreende por que tem apenas dois avós em vez de quatro como as outras crianças.

— Está falando como se se tivesse casado com um homem aleijado de uma perna.

— Estou apenas expondo os fatos e não me queixando. Ao contrário de você, não o considero culpado por aquele desastre.

— Muito obrigado, madame. Vou fazer uma gaiola melhor e conseguir um novo ratinho para a menina.

— Não é Ruth que me preocupa.

Eram as linhas habituais. O coração de Angela procurava colocar num altar a inocência da filha mais nova. Piet amava mais a brava corrupção da mais velha que cantava no coro e havia bruscamente transposto o limiar do medo onde Nancy permanecia de olhos arregalados.

Angela e Nancy saíram juntas para o jardim de infância. Piet saiu na camioneta para o centro de Tarbox e parou na casa dos irmãos Spiros, onde comprou cinco metros de tela galvanizada para gaiolas, um pedaço de três por quatro de madeira compensada de dois centímetros, seis metros de tábuas de pinho de cinco centímetros de boa qualidade, duzentos e cinqüenta gramas de pregos e mesma quantidade de grampos. Jerry Spiros, o mais moço dos dois irmãos, falou a Piet da sua bronquite que já durava desde o Natal e que dez dias de sol na Jamaica não tinham conseguido acabar.

— Aqueles pretos são danados. São capazes de roubar o relógio do pulso da gente — disse ele e tossiu prolongadamente.

Piet mandou debitar o material para a gaiola na conta de Gallagher & Hanema e levou tudo para a traseira do caminhão, fechando a porta onde haviam escrito ME LAVE, e seguiu para Indian Hill, tomando o caminho mais

comprido. Passou pelo seu escritório para ver se o Mercedes cinzento de Gallagher estava lá. O escritório ficava numa ala térrea e era como uma cabana, num conjunto com uma pista de asfalto quase todo inocupado na Rua Esperança que se esgalhava da Caridade, como um caminho mais curto para a estação da estrada de ferro. Caridade, que era a principal rua comercial, cortava Divindade em ângulo reto e Divindade subia a ladeira, depois de passar pela *drugstore* de Cogswell. A igreja assomava branca ao lado do prado.

Grande construção. Vinte e quatro vidraças em cada meia-janela. Muitas vezes, enquanto Pedrick se esfalfava com o sermão, ele as contava. Eram quarenta e oito vidraças ao todo, mas não havia qualquer simbolismo, pois quando a igreja fora construída não havia tantos Estados na União, Arizona, Oklahoma, Território índio. A madeira de que aquela gente dispunha. Para queimar. Desperdício. Dava um sentido à cidade. Seria muito triste sem a igreja.

Naquele dia pesado e frio, tudo parecia precisar de uma mão de tinta. A maresia estraga tudo. Em Michigan, os galpões continuavam vermelhos um bocado de tempo.

O prado era em forma de ampulheta, sendo cortado ao meio por um caminho, a parte da igreja separada da parte onde ficava o campo de beisebol. Virando para a esquerda pelo meio do prado, Piet olhou para o quintal dos Constantine, na esperança de ver Carol estendendo roupas com os braços abertos e os seios achatados. Nas danças gregas, tomava a frente, com as trancas finas, o pé calçado na sandália voltado para fora, ligada por um lenço ao corpo flexível do rapaz vizinho. As classes baixas têm essa flexibilidade.

Prefiro os pobres. Gerações de fome. Prefiro os pobres. Marcia frágil, Janet gorda, Angela destroçada e aquela mulher de Whitman desajeitada, com uma sutil rigidez e um ar um tanto resistente. A lambreta de Eddie, mas não

o Ford, que era o carro de Carol. Ele estava em casa e ela estava fazendo compras. Comprando linimento para as costas. *Sinto dores depois.* A entrada de carros da casa funerária mostrava um Cadillac fúnebre e uma criança em idade pré-

escolar brincando com pedras. Criando-se no cheiro do óleo de embalsamamento e não de flores, cadáveres na geladeira, uma estufa é melhor, aprende-se a amar a beleza, mas aquilo podia dissipar alguns medos tolos. Morte. Ratinho. Cacos de vidro. Levantou um pouco o pé do acelerador.

Flores como um ondulante nevoeiro amarelo desabrochavam em quintais, cercas, sebes e garagens, no mesmo amarelo contínuo, dançando de quintal a quintal, cobrando as dívidas do inverno. Per doai... Piet desceu a Rua Prudência, passando pela casa dos Guerin. Bela restauração, seis mil, um dos primeiros trabalhos deles em Tarbox, Gallagher não era tão ávido por dinheiro naquele tempo.

Adams e Comeau tinham feito todo o acabamento. Ninguém de menos de sessenta anos sabia colocar uma porta. Toda a estrutura tinha cedido. Madeira seca e apodrecida. A casa no alto da colina ainda enterrada na terra úmida. Tinham passado um vergão de reforço de cinco metros e meio pela trave principal até uma escora forrada de ferro no sótão. Sólido mas ainda um pouco aquém do certo. *Por que não quer trepar comigo*? Boa pergunta. Fidelidade a Georgene, fidelidade errada, o botão do ano passado é o galho deste ano, a amante se torna uma esposa. Ajeita-se. O jeito determinado do queixo de Georgene. Nem sempre bonita. Olhos verdes de garrafa, nua como manteiga, rançosa, o piso gretado, espiões de Freddy. Os pensamentos de Piet se afastaram de uma colher verde de plástico.

Lá embaixo, um carteiro caminhava atrapalhado pelo peso da sacola. Uniforme azul, horário de trabalho

regular, anda quilômetros, músculos firmes, vida longa. Numa esquina dois cachorros estavam dizendo alô. *Alô. Olé.*

Passou pela Rua Musquenomenee ao lado do rio, a maré chegava até a cascata da fábrica, estava baixa naquele momento, a lama negra salgada rebrilhando em largas poças espumosas, a origem da vi-da. Do outro lado do rio, ficavam as ruas coroadas de olmos e casas de janelas ovais e clarabóias de chumbo construídas nos tilintantes anos dos carros de gelo. Calções com meias , bigodes, colarinhos de celulóide. Nostalgia de um tempo em que ele não existia.

Piet não via ninguém. Ninguém estava na rua. Os boldos prateados estavam floridos em cachos vermelhos e os olmos em borlas escuras.

Rugas num céu lilás. A natureza mói, tristemente fino, sementes e pragas.

O seu ânimo subiu um pouco quando ele passou pelo cemitério protestante, uma extensão em forma de leque que se estendia de uma cunha puritana de pedras inclinadas e adornadas com caveiras aladas e líquenes circulares. Reinava a ordem. Dentro em breve, cemitérios e campos de golfe seriam os únicos lugares com relva. Hordas famintas, trigo para a índia. No campo de golfe, dois solitários jogavam. Muito cedo, lama, jogo difícil, as traves dos sapatos comem a grama, proprietários ávidos de dinheiro, louvar a parcimônia, terra faminta, dar-lhe um cala-boca. Rato. Rito. Passou por novos conjuntos residenciais de cores neutras, gramados mal feitos e fachadas mal arrumadas e estradas lamacentas e esburacadas ao lado de hidrantes e ralos de esgoto já instalados em obediência às posturas municipais, até o seu local em Indian Hill.

A escavadeira tinha chegado. Isso devia alegrá-lo, mas a má-

quina, uma Vase Construction King com pá hidráulica atrás e carregador na frente, esmagava-o com o seu furioso peso, as suas alarmantes despesas. Vinte e cinco dólares para o transporte, vinte e dois dólares e meio por hora com o motorista, um grande negro de macacão de Mather. Sentado no seu barulhento trono, ele dava a impressão de que a força da máquina vinha dele e que, se as engrenagens deixassem de funcionar, ele mesmo saltaria e arrancaria a mão os tocos da insultada terra vermelha. Não havia força de imaginação que fizesse Piet acreditar que ele fora uma das causas para que aquele homem e sua máquina estivessem fazendo barulho, trepidando, dando descargas e acelerando naquele lugar onde costumavam esconder-se crianças e passarinhos. Mas o negro levantou a mão para cumprimentá-lo e o jovem capataz Leon Jazinski correu ao encontro dele sobre a lama massacrada e a obra marchava bem. Tocos com as raízes coalhadas de lama que secava e pedras que viviam desde milênios na escuridão tinham sido espalhados num alto ossuário para ser removido pelo caminhão. O negro estava descendo nesse momento, metro a metro, para o porão da casa, assinalado por barbante e tábuas de ponta vermelha. Aquela casa teria a melhor vista, voltada para o cemitério em forma de leque e para a cidade com o seu ereto campanário e o seu cintilante galo. As outras duas olhariam mais para o lado do sul, no rumo de Lacetown, uma área indeterminada de barreiros, lotes internos e bosques pouco econômicos, na sua púrpura com uma infusão de cobre, e deviam ser vendidas por mil ou dois mil dólares menos. Piet viu a primeira casa, a casa onde ele estava, com paredes de pinho e sequóia manchada e o piso tipo C, o gramado do terraço plantado e unido por cinco degraus de pedra à pista asfaltada para os carros até à garagem debaixo da cozinha, a entrada calçada de lajes e a campainha de carrilhão da porta, o rodapé a óleo, o

aquecimento forçado com água quente e o pátio de tijolos nos fundos para o jantar no verão e talvez para banhos de sol, uma combinação de persianas de alumínio para todas as estações, acessórios embutidos no teto com o reostato, cozinha eficiente em Pearl Mist e uma janela panorâmica de Thermopane, devendo ser vendida a dezenove mil e novecentos dólares ou a dezoito mil e quinhentos nas negociações se Gallagher ficasse com medo, dando um lucro superior aos salários, inclusive o dele, cento e cinqüenta por semana, três ou quatro vezes, dependendo da maneira pela qual conseguissem entender-se com os subempreiteiros. Mas isso de repente não pareceu bastante, bastante para contentar a Gallagher, bastante para justificar aquele furor e aquele barulho às suas costas, aquela violação de um abrigo precioso para as tímidas criaturas ornamentais que não precisavam de casa. Os construtores enterravam o mundo feito por Deus. O trator de duas cabeças, da cor de um ônibus escolar, esmagava, agarrava, rugia, enraivava. Rolos azuis de fumaça saíam do buraco. O negro montado, negro debaixo da camisa de meia, era um rei canibal num dragão gotejante de óleo. Riu para Piet e declarou a sua satisfação por não ter encontrado nenhuma formação rochosa.

— Este é o lado fácil da colina — gritou Piet sem ser ouvido.

Sentia entre si mesmo e aquele homem uma separação continental, um abismo entre uma selva impiedosa e uma terra mimada e retilínea conquistada ao mar. O negro estava no seu elemento ali, naquele tumulto de pedras levantadas de barulho e fumaça, de combustão interna, na terra dos livres. Ele era Cam e a herdaria. Piet tentou imaginar o jovem casal que moraria ali na casa que visualizava e não gostou dele. Nenhum dos seus amigos moraria numa casa assim.

Abaixou-se e apanhou um osso que surgia da terra, por onde havia passado já a lagarta da escavadeira, e mostrou-o cheio de curiosidade a Jazinski.

— Osso de vaca — disse Jazinski.

— Não lhe parece muito delicado?

— De veado?

— Não dizem que houve um cemitério de índios por aqui, dos lados do sul?

— Sei lá — disse Jazinski, encolhendo os ombros.

Leon era um homem moço, mirrado e de peito sumido, natural de Nashua, em New Hampshire. Era um dos três homens que figuravam permanentemente na folha de pagamento de Gallagher & Hanema. Os outros dois eram os veneráveis carpinteiros Adams e Comeau, que Piet havia herdado de Ed Byrd, um construtor excessivamente amável de Tarbox, que abrira falência em 1857. Piet escolhera Jazinski entre um grupo de trabalhadores ocasionais de verão, havia cerca de dois anos. Leon tinha bom olho e cabeça certa, um olho para o ângulo certo e a junção despercebida e o instinto da mistura rítmica de blefe e cálculo com a qual um pequeno empresário consegue regularizar o uso dos homens, do material e dos aluguéis do equipamento, reduzindo com isso o tempo, que é dinheiro. Gallagher, que era discretamente partidário do uso de material de segunda ordem — paredes de vinil em lugar de madeira, painéis de madeira compensada em lugar de estuque —, quisera despedir Jazinski no inverno. Piet tinha-lhe pedido que conservasse o rapaz, oferecendo-se até para reduzir o seu salário a cento e vinte e cinco dólares, temendo que alguma coisa de si mesmo, o seu eu mais jovem, se perderia se deixassem de contar um pouco mais com o instinto natural de Leon para o sólido, o firme, o necessário.

Piet sentia que o osso que tinha na mão era humano. Perguntou a Leon:

— Ainda não viu pontas de flechas por aqui? Contas, cacos de vasos?

— Não — disse Jazinski, sacudindo lentamente a pequena cabeça.

— Só lixo da Mãe Terra.

— Bem, fique de olhos abertos. Podemos estar em terreno sagrado. — Deixou cair o osso, pequeno demais para ter sido de uma coxa, talvez tivesse sido de um braço. No rosto de Leon, sumido sob o telhado louro da cabeleira, percebeu a sombra de um sorriso.

Disse então no seu tom funcional, já sem nenhum calor:

— Quando é que podemos correr o cimento? No começo da semana que vem?

— Depende. Eu estou aqui sozinho. Se Adams e Comeau acabassem logo com aquela garagem...

— Não é possível fazê-los trabalhar depressa...

— A impermeabilização das fundações leva ao menos um dia.

— Mas não pode deixar de ser feita.

— Se não fosse, quem é que iria saber?

Piet falou prontamente, sabendo que, se não atacasse imediatamente, o rapaz se tornaria desonesto pelo resto da vida.

— Nós saberíamos. E daqui a alguns anos, quando a casa assentasse e a água começasse a aparecer no porão, todo mundo iria saber. Vou lhe dizer uma coisa a respeito de casas. Tudo se descobre, todas as desonestidades, todos os remendos. Quero as fundações completamente impermeabilizadas, quero polietileno debaixo da laje, quero muito saibro embaixo e em cima do cano do esgoto. Quero feltro em volta das juntas para que não haja entupimentos. Nunca pense que uma coisa não existe só porque está coberta. Os outros têm o faro do que é malfeito e quando se é um construtor a gente

nunca mais se livra do mau cheiro. Agora vamos ver as plantas.

O rosto de Leon tinha ficado vermelho com a reprimenda. Olhou para o buraco que crescia na terra e disse:

— Aqueles dois velhos preguiçosos já estão há um mês trabalhando numa garagem que eu e meus dois garotos teríamos aprontado numa semana.

O impulso pedagógico de Piet estava esgotado. Disse cansada-mente:

— Estão acabando o serviço. Passarei por lá para ver se não poderão estar aqui amanhã. Encomendarei um caminhão de saibro hoje à tarde e vou ver se a misturadeira pode estar pronta em North Mather na segunda-feira. Faremos as três coisas ao mesmo tempo, um dia para cada uma. Eu mesmo darei uma mão se Gallagher não puder conseguir alguns rapazes da escola profissional.

Durante uma hora, usando como mesa uma pedra sob os galhos de um grande carvalho que daria sombra ao pátio, ele e Leon analisaram as plantas mandadas pelo correio por uma fábrica de arquitetura de Chicago. Piet sentiu que o outro estava procurando falhas nas suas observações, experimentando-as. Descobriu, enquanto projetavam a marcha da obra, que Leon não gostava dele e que sabia bastante sobre a vida dele para considerá-lo um perdulário, um bêbado, um palhaço que imigrara na vida social da cidade, infiel à esposa e farto da sua profissão. Essa opinião soprou friamente sobre o rosto de Piet, enquanto ele traçava linhas e dimensões com a unha do polegar e anotava a lápis os ajustamentos exigidos por aquele terreno em rampa. Leon concordava com gestos da cabeça, mas não atenuava a fria pressão que parecia uma parte da realidade daqueles bosques onde os jovens deviam atacar os que já não eram tão

jovens e os ambiciosos aos preocupados. Piet estava impaciente para sair dali.

Ao partir, voltou-se um momento para o negro, que se tinha retirado com uma marmita e uma garrafa térmica para a borda da escavação. Os lados cortados mostravam uma rede venosa de estratificação. Páginas de um livro que não fora lido. Vidas vegetais em impacto. Piet perguntou-lhe:

— Já encontrou sepulturas de índios?

— Há alguns ossos.

— Que é que faz quando os encontra?

— Ora, sigo em frente.

Piet riu, sentindo-se liberado, perdoado, comovido e abraçado por alguma coisa humana vindo de grande distância, imaginando no fundo das palavras displicentes proferidas uma filosofia, uma vida noturna.

Mas os lábios do negro apenas se franziram, como se quisesse dizer que o riso não mais bastaria para a sua raça. Os músculos dos ombros eram maiores do que bolas de futebol. O lábio superior estava aljofrado de suor. Um leve cheiro tigrino de alcatrão. Pi-et, que estava na direção do vento, bateu com a cabeça.

— Perdão, Dr. King.

Piet deixou os dois homens na obra e desceu na camioneta para a cidade, indo até o fim da Avenida Temperança, onde Adams e Comeau estavam construindo uma garagem nos fundos de uma casa. Comeau era magro e Adams, gordo, mas, depois de anos de trabalharem juntos, moviam-se como planetas conjugados girando mesmo em cantos opostos da garagem, de costas um para o outro, com uma tácita consciência gravitacional da outra presença. Encaminhando-se para a caixa de ferramentas colocada numa tábua entre cavaletes, cruzavam o caminho um do outro, mas não colidiam. Nenhum deles tomou conhecimento da chegada de Piet. Ele ficou no retângulo

vazio à espera de uma porta que correria sobre trilhos, e seria levantada por meio de um mecanismo com mola, aspirou o cheiro da madeira lavrada, com o senso de espaço assegurado. A não ser pela porta, a estrutura parecia completa. Piet pigarreou e perguntou: — Quando é que esperam terminar aqui?

— Umas coisinhas ainda — disse Comeau.

Estava passando a plaina por um caixilho de janela, muito embora o caixilho tivesse vindo pronto de uma fábrica. Adams estava aparafusando um suporte de prateleira em forma de L entre dois postes verticais. Adams fumava um cachimbo e usava um macacão que tinha tantos bolsos quanto as gavetas de uma loja de ferragens.

— Quando estiver pronto — disse Adams.

— Quando será isso? Não vejo mais nem um dia de trabalho aqui.

Só falta a porta.

Comeau usava sempre camisas azuis recém-lavadas e tinha os dedos amarelados pela fumaça dos cigarros. Acrescentou: — Quando acabarmos, a viúva terá de arranjar-se por si mesma.

A propriedade pertencia a uma mulher cujo marido, um soldado, fora assassinado — a faca — pelo jovem apaixonado de sua pequena em Hamburgo.

— Temos de deixar tudo em perfeita ordem — disse Adams. Piet, fazendo uma inspeção, parou para examinar um detalhe da estrutura.

Um suporte diagonal de cinco por dez centímetros tinha sido encaixado num poste vertical e, embora o ângulo não fosse fácil e aquilo tivesse dado muito trabalho, o suporte estava ajustado com tanta exatidão quanto o engaste de uma jóia. Desperdício. Piet teve a impressão de que lhe tinham oferecido uma flor. Mas teve de dizer: — Leon precisa de vocês lá em cima para fazer as formas de cimento para as fundações.

— Jack é ligeiro — disse Comeau, apagando um fósforo.

— A porta ainda não chegou de Mather — disse Adams.

— Vou telefonar para lá — disse Piet. — De qualquer maneira, se ela não chegar hoje à tarde, subam amanhã de manhã. A garagem da viúva está muito bonita, mas a seis dólares e cinqüenta por hora não podemos exagerar. Ela deve ter amiguinhos que a ajudem a colocar as prateleiras. Tenho de voltar para a colina.

Quando saiu para a rua, ouviu Comeau, que ainda estava passando a plaina no caixilho, dizer:

— Gallagher gosta tanto de dinheiro que não lhe dá descanso.

Piet foi para casa. O pátio e a casa estavam acolhedores e vazios. Levou as tábuas e a tela que tinha comprado para a oficina do porão, que ele não usara durante todo o inverno. Cortou alguns pedaços de tábua de pinho de cinco centímetros mas descobriu que a trama da tela era tão forte que ele precisaria de um complicado sistema de suportes para manter os lados no lugar. Formou, então, outro plano mentalmente. Enquanto trabalhava, as mãos tremiam de exaltação. Era a agitação da criação que desde a infância tinha muitas vezes posto a perder os seus projetos — viveiros de pássaros, carrinhos, castelos de areia — nos toques trêmulos finais. A gaiola terminada pareceu-lhe bela, um hangar transparente que derivava a sua forma de leis descobertas no seu íntimo, inventadas por ele. Antecipou a surpresa alegre de Ruth. a admiração relutante de Angela e o prazer e a insistência de Nancy em entrar no abrigo do tamanho de uma criança. Carregou a gaiola para a cozinha lá em cima e, sentindo a necessidade de partilhar a sua satisfação com alguém, discou o número do telefone dos Thorne.

— É da Padaria Sueca?

Era a fórmula adotada, caso outra pessoa atendesse ou ela não pudesse falar no momento. Georgene riu.

— Alô, Piet. Como vai?

— Muito mal.

— Por quê?

Ele falou do rato e do trabalho indiferente em Indian Hill, mas não pôde identificar precisamente a causa da sua depressão, a sua impressão de falha e falta de conexão entre os fenômenos. A ausência do sol e das sombras. A reserva de Angela. A conversa com o preto. A demora na chegada da primavera.

— Pobre Piet. Meu pobre amor.

— Não está um dia para banhos de sol, não é, Georgene?

— Estou arrumando a casa. Há sessão da Liga esta noite e Irene me assusta, com a sua eficiência e capacidade.

— Como está o dedo de Freddy?

— Muito bem. Tirou a colher hoje.

— Nem queira saber como fiquei aborrecido. Não sei por que tive vontade de machucá-lo, desde que, embora sem saber, ele me deixa ter você.

— É isso o que você acha? Sempre pensei que eu é quem deixava você me ter.

— Claro que é, não tem nem dúvida. Muito obrigado. Mas por que é que eu tenho tanto ódio dele?

— Não faço a menor idéia.

Quando se falavam ao telefone, havia sempre a estranheza de não se poderem tocar e a revelação de que a voz firme e pronta de-la podia ser irritadiça.

— Escute aqui... Eu posso... você quer que eu a vá visitar agora por um minuto? Só para saber como é que você vai. Não temos tempo de nos deitarmos juntos. Tenho de voltar para a obra.

A pausa que ela fez, durante a qual não se podiam tocar, foi muito estranha.

— Gostaria muito, Piet...

— Mas?

— Mas não sei se devemos hoje. Aconteceu-me alguma coisa.

Grávida? De quem? Havia um espelho diante do telefone e ele se viu, um pai de rosto tenso, com o chão em posição oblíqua embaixo dele.

Ela continuou com alguma hesitação, ela que lhe havia confiado tudo, os seus amores juvenis, a primeira vez em que estivera com Freddy, as vezes em que se deitavam juntos depois do seu caso com Piet, os seus períodos mensais, o desejo momentâneo que tinha por outros homens, tudo.

— Acho que descobri que Freddy está se encontrando com Janet.

Encontrei uma carta no bolso de um terno que ia mandar para o tintureiro.

— Que falta de cuidado. Talvez ele quisesse mesmo que você visse. Que é que dizia a carta?

— Pouca coisa. Dizia: "Vamos parar. Nada mais de telefonemas"

etc, o que pode significar qualquer coisa que se queira. Pode ser que ela esteja fazendo pressão sobre ele para se divorciar de mim.

— Por que iria ela querer se casar com Freddy? — disse ele, mas compreendeu logo que estava agindo sem tato e tentou disfarçar com outra pergunta: — Tem certeza de que é ela?

— Absoluta. Ela assinou a carta com um "J" e, além disso, a letra dela é inconfundível, toda esparramada. Você a deve ter visto nos cartões de Natal.

— Mas, querida, isso vem andando no ar já há algum tempo. Foi surpresa para você?

— Ora, acho que é um pouco de orgulho feminino — disse Georgene. — Mas não é só isso. A idéia do divórcio me apavora. Se chegarmos a esse ponto, não quero que

ele tenha nada a alegar contra mim e que as crianças possam ler no jornal. Freddy pouco se importa com isso, mas eu me importo.

— E que relação tem isso conosco?

— Nenhuma, senão que devemos ter muito cuidado.

— Que é que você chama de cuidado?

— Não lhe preciso dizer o que você representa para mim, Piet.

Tenho provado isso de uma forma que uma mulher não pode fingir.

Acho apenas que não posso ter você hoje. Depois, já é quase meio-dia.

— Já falou a Freddy do que descobriu?

O homem no espelho começou a apertar os olhos, como se a sua pontada de medo se tivesse transformado em astúcia. Georgene, falando com mais franqueza, disse:

— Não. Tenho muito medo. Ele poderá contar a Janet e ela então saberá que eu sei e eu prefiro ficar calada até que saiba o que vou fazer.

— É uma surpresa saber que Freddy significa tanto para você...

— Ora, meu bem, ele é meu marido.

— Claro que é. Você o escolheu e ele é todo seu. Não sei é por que eu devo ser sacrificado pelo simples fato de Freddy lhe ser infiel.

— Talvez ele seja a mim porque eu sou a ele. Ambos somos. De qualquer maneira você me dá a impressão de que quer mesmo ser sacrificado.

— Diga-me quando é que eu posso ver você.

— A qualquer hora, querido. Mas hoje não. Hoje não sou eu mesma.

— Perdoe-me, doce Georgene. Estou sendo muito idiota e cheio de egoísmo ameaçado.

— Gosto do seu egoísmo. Está bem. Venha agora, se quiser. Ela só vai voltar do jardim de infância meia hora

depois do meio-dia.

— Não, é claro que não irei. Não a quero se você não estiver disposta. E você está hoje com um sentimento de culpa. Acha que empurrou o justo e monógamo Freddy para os braços daquela vigarista.

— Eu gosto de Janet. Acho que é muito divertida e animosa.

Frank é impossível e creio que ela faz muito bem em pensar com cuidado.

Piet gostava de Frank. Resistiu à vontade que tinha de discutir o caso. Toda nova afirmação de Georgene, enquanto ela se descontraía graças à certeza de que ele não iria à casa dela, aumentava a raiva de Piet.

— De qualquer maneira, acabei de ouvir o apito de meio-dia da fábrica. Não quero que Judy chegue em casa dizendo: "Mamãe, quem é que está aí debaixo das cobertas? Pelo cheiro, parece o pai de Nancy".

Cheiros: o bosque, a terra, a pele do negro, a madeira aplainada da garagem, o uísque no hálito de Bea Guerin.

— Estou afastando-o de mim, Piet? Eu quero você.

— Eu sei. Não é preciso pedir desculpas. Você tem sido uma boa amante.

Ela não notou que ele falara no passado.

— Quando encontrei a carta, o primeiro impulso que eu tive foi lhe telefonar, e sabe para quê? Para chorar no seu ombro, com você deitado na cama ao meu lado. Era na segunda-feira à noite, Freddy estava no Lions. Sentime de repente aterrorizada. Estava sozinha dentro de uma casa enorme e terrível com um pedaço de papel na mão, que não era possível fazer desaparecer.

— Não se apavore. Você é uma ótima parceira dupla e uma excelente mulher para Freddy. Quem mais poderia suportá-lo? Se ele a perdesse, seria a pior coisa que já aconteceu a ele depois que foi reprovado na Faculdade de Medicina. — Teria ela notado a equiparação dela, sem qualquer intenção, com a odontologia, prática, limpa,

simples, um recurso? Por essa mesma equiparação, Angela seria alguma coisa difícil que ele, Piet, não havia conseguido? — Em to-do o caso, não creio que nem Freddy nem Janet tenham coragem atualmente de se darem muito a alguém.

— É tão triste isso, Piet. Você veio procurar consolo comigo e acabou tendo de me consolar. Oh, meu Deus, o Volks de Bernadette está chegando. O jardim de infância soltou mais cedo hoje. É algum feriado?

— Vinte e três de abril? O jornal diz que é aniversário de Shakespeare. Mas isso aconteceu há trezentos e noventa e nove anos.

— Tenho que desligar, Piet. Há ainda uma porção de coisas que não dissemos. Temos de nos ver em breve.

— Está bem — disse Piet. Ouviu o estalo do beijo dela quando já estava quase descansando o fone no gancho. O homem no espelho estava com o corpo encolhido, uma sombra prestes a saltar. A luz do dia sem sol se coava na sala atrás dele. Julgou-se mais jovem, com as rugas dos cantos dos olhos e os bolsões empapuçados amacia-dos pela sombra. Lembrou-se da primeira conversa que ele e Georgene tinham tido como amantes. Ela se mostrara tão alegre, tão animada, quando o levara para a cama dela no andar de cima, naquele dia de setembro, que ele quase não podia acreditar que fosse o primeiro amante dela. O fulgor refletido do outono invadia-lhe a casa e dava calor aos móveis exóticos de bambu, às rosetas de palha, ao batik e ao pano grosso das velas. Vistosas almofadas da Guatemala amontoadas na cama o haviam surpreendido.

— Aqui? Na cama de Freddy?

— A cama é minha também. Prefere no chão?

— Não, não. É muito complicado. Que livros são aqueles?

— Pornografias de Freddy. Acho isso horrível. Faça o favor de me dar atenção.

— É o que estou fazendo. . . Não acha que devemos fazer alguma coisa para evitar?

— Você é tão ingênuo, querido. Angela ainda não toma Enovid?

— Você toma? Dá resultado?

— Claro que dá. É maravilhoso. Seja bem-vindo ao paraíso depois da pílula.

Ali, de pé na sala de pé-direito baixo, onde o papel das paredes pranteava o seu esquivo visitante, o sol, e cuja mobília escassa e séria refletia o gosto singularmente semelhante na sua austeridade dele e de Angela, Piet se lembrava de como as faces sardentas de Georgene, depois de um verão de banhos de sol, se preguearam quando ela dissera isso. A maneira dela tinha sido uma leve provocação que diminuía a importância do clamor do coração dele e ela até então sempre levara ao caso dele, como um dote de véus virginais, aquela leveza, aquela inocência. Se ela se sentia manchada e ofendida com a prevaricação de Freddy, onde poderia ele achar uma absolvição? Naquela primeira vez, tinha-se ela lavado?

Não, e isso tornou-se um hábito para ela quando ele manifestou o desejo de beijá-la entre as coxas. Seria a jovialidade fácil e tranqüila dela um artifício inventado por ela para ajustar-se a algum empecilho na maneira que ele tinha de amar, talvez uma seriedade incômoda que ameaçava a vida conjugal dela? Os elogios dele haviam-na divertido. Sempre dissera que todas as mulheres gostavam de estar com um homem e que todas as mulheres eram belas, como um vaso sanitário, quando se precisava delas. Mas, à luz do dia, ele havia descoberto no rosto romano extasiado dela uma expressão mais profunda do que o sono de uma criança que a escuridão da noite nunca lhe havia revelado no rosto de sua mulher. Visitante maritalmente furtivo, jamais conhecera Angela como conhecera tantas vezes a

bela mulher com quem estava de maneira simples e realista em tantas manhãs. A linha do seu estreito nariz alto era um duplo arabesco. Os cabelos brancos que não combinavam com a juventude do seu corpo. O ossudo começo de cauda.

A recusa dela tornou mais vazio o enfadonho meio-dia. Os brotos das árvores procuravam mais luz através do cinzento ar sem sol. Almoçou um salame que tinha gosto de morte. Foi afinal para o seu escritório. A sua voz ao telefone tinha um tom rouco de derrota. Não havia portas de garagem do tipo necessário em Mather e era preciso encomendá-lo em Akron. O preço do saibro tinha subido dois dólares por tonelada e o caminhão não poderia fazer a entrega antes de sexta-feira. A renovação urbana em Boston havia arrebanhado todos os carpinteiros da região e seis telefonemas pro-duziram apenas dois aprendizes de uma escola profissional a trinta quilômetros de distância. As construções da primavera haviam começado e ele se descuidara. Os silêncios de Gallagher, embora a sua conversa fosse compreensiva, equivaliam a uma acusação.

Piet conhecera Matt no Exército em Okinawa, em 1951. Ali, naquela planície sem rio de barracas e areia, de cerveja em latas vazias e de apáticas prostitutas de Luchuan, onde o perigo de morte em combate era tão irreal quanto a pátria cuja música comercial soava nas cantinas. Piet foi atraído pelas brincadeiras de menino de coro de Matt, a sua preocupação em vestir-se, os seus olhos e cabelos pretos, a distância que guardava do cansado vocabulário, da sujeira e do desdém e da sua confiante capacidade de vender.

Tinha-se vendido a Piet como um atalho para arquitetura, e, quando ambos deram baixa, havia-o levado para a Nova Inglaterra e para aquela vida. A amizade de Piet andava ultimamente abalada. Achava que Matt se tornara instável, formalista, apressado nos

seus julgamentos, capcioso em matéria de finanças. Sonhava em corromper encostas inteiras, mas queria conservar-se pessoalmente imaculado.

Protegia a mulher e o filho único por trás da muralha do catolicismo. No pequeno mundo transparente de casais cujas intrigas haviam dominado e transformado Piet, Matt se destacava como opaca-mente moral.

Quando o seu telefone tocou, Piet teve medo de que fosse Georgene, procurando uma reconciliação. Não gostava de ofender Matt com a sua duplicidade. Pensava em Matt com o mesmo sentimento com que pensava em seu pai, o fantasma que circulava pacientemente na luminosa estufa, esperando em silêncio que Piet agisse direito e prosseguisse.

Não era Georgene, mas Angela. Nancy tinha desatado em pranto no jardim de infância por causa do rato. A criança percebera de repente, com uma clareza visionária, que tinha sido culpada da morte do animal. Papai disse, afirmava ela. O nervosismo dela tinha sido incontrolável. Angela a levara para fora da sala e, desde que estava ensinando, a aula terminou cedo. Não foram para casa.

Para comer só havia lá presunto. Na esperança de distrair Nancy com sorvete, Angela a levara para comer na Pancake House em North Mather. Naquele momento, a criança, chupando o dedo e com um pouco de febre, estava dormindo no sofá.

— Nancy sabe sem dúvida como despertar compaixão — disse Piet.

— Mas não do pai, evidentemente. Não lhe telefonei para comovê-lo com isso, mas a verdade é que acho que você procedeu no caso com muita inabilidade. Inabilidade ou crueldade. Telefonei para pedir que pegue Ruth com o carro depois da escola e leve-a para a loja de animais em Lacetown para comprar-lhe outro ratinho. Acho que devemos fazer isso instantaneamente.

Magia. O novo rato iria transformar-se no velho por um golpe de prestidigitação, enquanto o outro apodrecia de focinho para baixo embaixo da terra. Uma religião de ficções delicadas. A idéia de um rato persiste, eterna. Platão. Piet era aristotélico. Disse que naquela tarde talvez não fosse possível, tinha uma porção de coisas para fazer, as contas do trimestre para verificar, tinha de apressar a construção das casas na colina, um milhão de detalhes, o negócio de construções ia muito mal. Percebia com grande desagrado que Gallagher estava escutando tudo o que ele dizia. Acrescentou em voz mais baixa: — Passei a manhã toda fazendo uma nova gaiola. Não viu na cozinha?

— Ah! Aquilo é uma gaiola? — disse Angela. — Não sabíamos o que podia ser, com aquele formato tão esquisito. Nancy pensou que fosse uma prisão para ela.

— Diga à menina que eu quero muito bem a ela e que não deve pensar mais nisso. Adeus.

Os livros mostravam menos do que os vinte por cento de lucro que Gallagher gostava de apurar. A conta dos Irmãos Shapiro trazia em anexo uma fórmula impressa com a ameaça de suspender os forne-cimentos. O saldo devedor era de mil cento e oitenta e nove dólares e vinte e quatro centavos. Gallagher gostava de retardar o pagamento das contas, com base na teoria de que o dinheiro se desvalorizava constantemente. As cifras criaram uma névoa em torno da cabeça de Piet e para agravar a sua claustrofobia a tal Whitman, que fora ver o basquete sem ser convidada, lhe telefonou pedindo que fosse olhar a casa dela. Não queria aquele serviço. Não gostava de trabalhar para as pessoas que conhecia socialmente. Mas na situação em que se encontrava, para fugir ao telefone, às contas e à proximidade constrangedora de Gallagher, entrou na camioneta em cuja traseira haviam escrito ME LAVE e partiu para lá.

As lagoas se mostraram à direita, majestosas, na tarde que mor ria. Uma faixa de azul esmaltado no horizonte do mar. Ladrilhos coloridos em torno de uma banheira. As primeiras gotas de uma chuva displicente lhe bateram nas costas das mãos quando saltou da camioneta. Os lilases à porta da casa dos Robinson eram mais ex-tensos do que os da sebe dele à beira da estrada. Mais sol no mar.

Mais vida. Pequenos botões cor de vinho que seriam flores daí a uma semana. Umidade. Orvalho. Sol. Vento. Piet levantou o ferrolho de alumínio atacado pela maresia e entrou. Mesmo com as nuvens, a vista era ampla, uma bela vastidão limitada pela pureza das dunas e do mar. Errara e fora cauteloso demais. Aquela casa deveria ser de Angela.

O campo de competência especial de Ken Whitman, depois do interesse inicial pelo metabolismo dos equinóides, era a fotossíntese. A sua tese de doutoramento versara sobre a sedo-heptulose do açúcar do carbono-7, que ocupa um lugar momentâneo dentro da imensa cadeia de reações em virtude da qual os cinco sextos da combinação do triosefosfato que não forma amido é transformado em fosfato-5 de ribulose. O processo era elegante e poucos homens de menos de quarenta anos sentiam-se mais à vontade do que Ken na gigantesca escada, forjada pela luz, que o bióxido de carbono desce para transformar-se em hidrato de carbono. No momento, estava orientando dois estudantes diplomados em pesquisa relativa ao transporte das moléculas de glicose através das paredes das células.

Nessa altura da sua carreira, Ken tinha chegado a sentir-se impaciente com a política molecular do açúcar e desejava aproximar-se do misterioso coração da fixação do C02 — a transformação da clorofila de luz visível em energia química. Mas ali, naquela última câmara, a

reação isolada que contrabalança os vastos dispêndios da respiração, que inverte a decomposição e a morte. Ken sentia-se barrado. A biofísica e a eletrônica dominavam. Os grãos de quanta armazenados eram estruturados como os cristais dos transistores.

Os fótons provocavam um afluxo de elétrons na nuvem de partículas presentes na clorofila. Embora ele tivesse idéias — por que a clorofila? por que não qualquer número de compostos igualmente complexos? Seria a explicação o átomo de magnésio? — teria de estudar para fazer algum progresso e, aos trinta e dois anos, sentia-se velho demais para isso. Ficava preso ao ciclo sem prestígio do carbono enquanto homens mais jovens conseguiam fama e opulentos donativos em campos promissores como a neurobiologia, a virologia e a admirável selva nova dos ácidos nucléicos. Tinha uma mulher, iria ter breve um filho e havia uma casa que tinha de ser remodelada. Estava sobrecarregado. A vida, cujos graciosos segredos ele queria penetrar, fazia pressão sobre ele.

Como se estivesse andando no fundo do mar, atravessou a hora final daquele pesado dia cinzento. Um futuro irreversível e estreito se preparava nos aparelhos do laboratório, o fantástico alfabeto de vidro dos vasos e retortas, os grampos, as lâminas e os tubos, as balanças eletromagnéticas com uma sensibilidade de centésimo de miligrama, as experiências provavelmente já feitas em Berkeley ou do outro lado do rio. Ken trabalhava no quarto andar de um monumental prédio neogrego doado por alguém, sujo de fuligem por fora e obsoleto por dentro, datado de 1911. A janela dominava Boston. Avenidas alimentavam capilarmente o corcovado centro denso de tijolos vermelhos, dominado pela cúpula da Assembléia Estadual como um núcleo dourado. Escavações poeirentas diretamente abaixo.

No pátio embaixo, alunas em vistosos vestidos de primavera — elementos microconstituintes com corante — transitavam pelos caminhos entre polígonos de clorofila. Ken olhava-as com um cansaço inconsciente. Tinha chovido. A mesma chuva devia estar naquele momento caindo em Tarbox. O dia estava tão sombrio que a janela era parcialmente um espelho em que a sua boa presença, esse estranho apêndice à sua carreira, olhava para ele com as sobrancelhas apertadas, uma boca indistinta e um brilho de olho branco. Ken afastou-se desse fantasma; durante a maior parte da sua vida tinha cuidadosamente evitado o narcisismo. Em criança, tinha-se decidido a ser um santo da ciência e aquele rosto suave tinha acabado por tornar-se um inimigo. Virou-se para o outro canto da sala, onde, por falta de espaço, estava colocado o contador de cintilação líquida, embora tivesse custado quinze mil dólares ao departamento.

Estava trabalhando no momento, com certeza, com uma cadeia de soluções isotopicamente rotuladas, talvez de fígados de rato de Neusner. Um homem ruivo de pescoço grosso, com mais de quarenta anos, judeu apenas nas pálpebras sonolentas; Neusner comportava-se com a confiança dos que são energicamente de segunda ordem. As suas aulas eram cheias de pilhérias e os seus trabalhos viviam repletos de conclusões apressadas. Entretanto, era estimado e havia estabelecido definitivamente a configuração especial de uma enzima. Ken o invejava e não se aborrecia de ver, às quatro e meia, o laboratório do outro vazio. Neusner gostava de concertos, de vinhos e de mulheres e era um dos principais elementos do clube de jantar dos professores. Fazia viagens com os políticos de Cambridge e ainda na véspera havia contado a Ken, na sua voz apressada e enfática, a última anedota de Kennedy. "Uma noite, às três horas da madrugada, Jackie ouve

Jack chegar à Casa Branca e vai-se encontrar com ele na escada. O colarinho está todo amarfanhado, há uma marca de batom no queixo e ela pergunta: 'Onde era que você estava?' 'Estava numa conferência com Madame Nhu', diz ele. 'Oh', murmura ela e não pensa mais no assunto até que na semana seguinte a mesma coisa volta a acontecer e dessa vez ele diz que tinha ficado até tarde travando uma discussão sobre ideologia com Nina Khruchev..." Um pálido estudante diplomado estava fazendo a arrumação dos laboratórios desertos. Um punhado de ratos brancos estripados pareciam uvas estouradas numa bandeja. Outros, engaiolados de olhos róseos, esperavam vivamente o aniquilamento. Neusner gostava de computadores e de teoria estatística, e os seus trabalhos eram famosos pela profusão de números que disfarçavam a fantasia das suas conclusões. Na porta ao lado, o velho Prichard, o precioso ornamento do departamento, estava às voltas com o seu brinquedo novo, a identificação e análise de uma substância de memória segregada pelo cérebro. Ken invejava no velho a sua infantil leviandade, a sua liberdade em atravessar florestas de evidência à procura de tal pássaro azul. Neusner e Prichard eram ambos livres de uma maneira que Ken não era. Por quê? Todos sentiam isso, sentiam que havia alguma coisa de errado em Ken, tão inteligente, tão simpático, tão cuidadoso, tão seguro — e, na seqüência da série, um composto instável, antinatural. Prichard, um santo, tentava corri-gir a situação, para fazer Ken reagir, cortando o ar com as pálidas mãos manchadas, batendo com a incerta cabeça magra e derramando a sua leve gagueira: "O importante, Wh-Whitman, é compreender que estamos fazendo ap-penas remendos. Não deve s-supor que a vida nos deve alguma coisa. Nós é que d-devemos tirar dela t-tudo o que for p-possível". Ao lado do seu laboratório, o estreito gabinete do velho era uma confusão de recortes de

jornais, caricaturas, instantâneos dos filhos e netos de outras pessoas, diplomas de títulos honorários, citações douradas, borboletas montadas, dizeres de sepulturas e outros detritos dos inúmeros interesses e manias do velho. Ken parou melancolicamente à porta desse caderno de recortes vivos, querendo um momento de estímulo e sem saber por que nunca possuiria uma cela santificada como aquela. O velho vivia sozinho. Na sua mocidade tinha havido um escândalo, uma esposa que o deixara. Ken duvidava disso. Como poderia qualquer mulher deixar um homem tão bom?

Teve um momento de inspiração e pensou que as virtudes de Prichard poderiam ser um produto do abandono pela mulher, uma redução metabólica necessária ao crescimento, uma fragmentação frutífera.

A inspiração morreu. Olhou para dentro de si mesmo e encontrou uma superfície decepcionantemente lisa. Na mesa atravancada de Prichard, o jornal do dia declarava: "Erhard deverá suceder a Adenauer".

Morris Stein estava à espera dele com um problema, uma enzima que não podia ser cristalizada. Depois disso, já passava das cinco. Dirigiu o carro de volta para casa com perícia e até um pouco de arrogância, correndo pela Southeastern Expressway como um homem habituado a resolver aquela fórmula, mudando de pista sempre que lhe convinha. Prichard, Neusner e Stein lhe vieram à cabeça enquanto automóveis de diferentes marcas corriam e manobravam, ultrapassavam e eram ultrapassados ao lado das suas janelas em disparada. Pensou na gente de Tarbox, em Hanema, que andava por toda a parte com aquela velha camioneta suja e chocalhante, nos Appleby, que conservavam aquele velho Mercury marrom embora tivessem dinheiro para trocar de carro. Admirava-se de que Prichard nunca tivesse recebido o Prêmio Nobel e chegou à conclusão de que a pesquisa dele era como os seus passatempos,

flamejando de um lado para outro com mais entusiasmo do que rigor. Pensou na fotossíntese e pareceu-lhe que havia uma tendência profunda e detestável ao flerte na natureza, a qual escondia os seus segredos enquanto a Igreja queimava astrônomos e as crianças morriam de leucemia. Ela cedia por capricho, frivolamente, aos que a cortejavam sem cerimônia, com um displicente ardor que a Ken lhe faltava. C-cadela, co-mo dizia Prichard.

As chaminés e os gasômetros de Boston Sul cederam o lugar aos bosques de nogueiras da Estrada de Nun's Bay. Chegou a casa antes do escurecer. A hora de verão havia começado. Sozinho na sala, Cotton estava dormindo todo encurvado na cadeira de lona da Pesquisa de Formas. Ken chamou por Foxy. Ela respondeu em voz distante da varanda. Alguém tinha arrancado as tábuas que fechavam as portas envidraçadas. Estava sentada numa cadeira de vime, com um grande copo de gim na mão, olhando para o mar através das telas enferrujadas da varanda. O céu estava clareando depois da breve chuva. Nuvens azul-escuras finas como cartas de jogar vistas de banda duplicavam a linha do horizonte. O farol estava tocado de uma gota alaranjada do sol em despedida.

— Não está sentindo frio, Foxy?

— Não. Estou quente. E gorda.

Queria tocá-la para ter sorte, para sentir-se seguro, como quando no tempo de criança em Farmington, brincando de esconder, tocava a árvore do pique. Olhando na luz agonizante além da lagoa esverdeada, ela tinha a compacta serenidade de uma árvore. Os cabelos louros, a pele rosada e os olhos castanhos eram de um só matiz na varanda cheia de sombras. Com um movimento quase alado, a luz tinha morrido. Curvando-se para beijá-la, achou estranho o contato da pele. Ela tremia e os braços estavam arrepiados.

— É melhor entrar — disse ele.

— Mas aqui está tão bonito. Não estamos pagando por isso?

Achou estranha a expressão. Nunca tinham dado muita importância ao dinheiro. Promoção, excelência — eram essas as coisas que tinham valor. Como se lhe tivesse ouvido os pensamentos, ela continuou:

— Todos nós vivemos escondidos, não lhe parece? Quase nunca nos abrimos para a beleza que nos cerca. Mas ela está aí todos os dias, diante das nossas vistas, quer a olhemos, quer não. É um esplêndido desperdício, não é mesmo?

— Vou entrar e preparar um drinque.

Ela entrou com ele e começou a contar-lhe o dia que passara.

Havia roçado e afofado a terra do terreno do lado. Havia resolvido plantar rosas brancas e vermelhas, misturadas na parede sem janelas dos alojamentos dos empregados, no lado sul. A agência da Plymouth tinha telefonado para dizer que o carro dela — tinham comprado para ela uma camioneta de segunda mão desde que sem um carro ela era praticamente uma prisioneira naquele fim da estrada da praia — ficaria pronto na quinta-feira, já emplacado e com um certificado de inspeção. Ken tinha-se esquecido do carro, embora ela evidentemente precisasse dele. Em Cambridge, tinham vivido muito bem sem carro. Pouco antes da hora do almoço, Irene Saltz, com o pequeno Jeremiah às costas num arranjo de panos como o das índias, tinha aparecido de volta da praia. Ela era conservacionista e estava triste com o número de dunas esboroadas pelas tempestades do inverno. Em qualquer cidade que não fosse Tarbox, aquelas dunas já estariam havia muito protegidas com cercas e moitas plantadas.

Convidara Foxy a entrar para a Liga das Eleitoras e tomara três xícaras de café. Tendo um marido que vivia num monólogo constante, era natural que ela procurasse

outras saídas eróticas, mas o mal das mulheres que se dedicavam a obras de beneficência era esperarem que as outras fizessem o mesmo e se derramassem nas boas obras, ainda que tivessem maridos tão bonitos, encantadores e atenciosos como você, Ken... Ken tomou um gole do drinque e tentou adivinhar o que era que ela queria. Parecia pálida à luz da sala de estar, mas com as orelhas e a ponta do nariz rosadas. Ela estava muito interessada em outra coisa.

Que mais tinha acontecido? Ah sim, no meio do seu cochilo (e, por falar nisso, já havia começado o segundo volume da vida de Proust por Painter, que não parecia tão interessante, pois não falava mais da infância de Proust). Carol Constantine tinha telefonado, convidando-o para uma festa no dia 1º de maio, o que parecia um tanto orgíaco. E, por fim, ela havia criado coragem e telefonara para o tal Hanema para que viesse ver a casa.

— Quando é que ele virá?

— Já veio.

— Que foi que disse?

— Falou em quinze mil dólares, mais ou menos. Depende do que quisermos fazer. Gostaria de nos ver com um porão completo, mas acha que bastaria cobrir metade da cozinha com película plástica... parece que foi isso que ele disse... Prefere aquecimento com água quente, mas disse que o ar quente vai sair mais barato, pois poderemos instalar os canos nas paredes que vamos ter de construir de qualquer maneira. Você terá de falar pessoalmente com ele. Tudo parecia depender de mais alguma coisa.

— E quanto ao telhado e às ripas?

— Telhado novo. Ele acha que por enquanto podemos fazer um conserto nas ripas.

— Os quinze mil dólares incluem a reforma daquelas horríveis janelinhas lá de cima e daquela clarabóia com goteira?

— Não fomos lá em cima. Aliás, ele já conhece a casa. Acha que o mais importante de tudo é o porão. Mostrou-se um tanto delicado e gentil. Mas, quando falou das crianças engatinhando num bom piso aquecido, não pôde deixar de olhar para a minha barriga.

Ken sentiu um peso descer sobre ele, mas insistiu.

— E a cozinha?

— Acha que vamos gastar uns quatro mil dólares na cozinha.

Quer derrubar a divisão da copa e fazer tudo de novo, menos a pia.

Concordou comigo que a pia de ardósia deve ser conservada. Mas o encanamento tem de ser todo novo. E a instalação elétrica também.

Quer mais um pouco de *bourbon,* querido?

Foxy pegou o copo dele e, como uma vela impelida pelo vento, encaminhou-se para a cozinha.

— Muito pouco — disse ele e, quando ela voltou com o drinque, perguntou:

— Mas você gostou dele?

Foxy parou um momento, com a boca pálida franzida como se fosse cantarolar.

— Posso entender-me com ele. Estava um pouco deprimido hoje.

Um ratinho que a filha dele criava foi comido por um gato da vizinhança.

Ken lembrou-se da bandeja de ratos estripados de Neusner e se admirou de que alguns homens ainda pudessem permitir-se tanto sentimentalismo.

— Você é que terá de entender-se com ele — disse Ken.

Ela se moveu de novo com uma leve presteza, como se tivesse examinado uma possibilidade e a abandonasse.

— Acho que ele não quer fazer a obra. Está construindo com seu amigo novas casas para a explosão

populacional.

— Gallagher não é exatamente meu amigo. Hanema recomendou outro construtor?

— Não, embora eu houvesse pedido. Disse que não havia ninguém em quem pudesse confiar inteiramente. Mostrou-se muito indeciso.

Pareceu-me ter algum sentimento de posse a respeito desta casa.

— A mulher dele queria vir morar aqui.

— Não sei quantas vezes você já disse isso. — As reações dela tinham uma rapidez e os olhos um brilho duro que eram fora do comum. Ken sentiu que havia um fator invisível em ação, um agente químico imprevisto. Ela havia antipatizado com Hanema. Essa hipótese, tão lisonjeira para ele, inevitável em função de si mesmo, tornou-o favorável ao homem e ele disse:

— Por que não podemos fazer uma experiência? Exerça o seu encanto.

Ela se movia agilmente, levemente pela sala, fazendo talvez uma espécie de inventário, tocando em superfícies ásperas que em breve estariam macias, despedindo-se daquelas lembranças horrendas, da coleção de conchas em forma de leque, dos galhos secos de plantas da praia, que lhe haviam feito companhia na casa por algum tempo, naquele primeiro mês de gravidez. Ela mudou de assunto.

— E você? Como passou o dia?

— Senti-me um pouco deprimido hoje — confessou ele.

Você está precisando de outra mulher, pensou ela. E disse:

— É que você viaja muito de casa para o trabalho.

— Pois eu acho que é um excesso de medíocre rotina mental. Da minha parte, pelo menos. Eu devia era ter estudado. Direito. Isso, sim, é que estava para mim. O velho não precisa de muito crânio para ganhar a vida e

todo mundo em Hartford acha que ele é um alho. — Ela riu e ele a olhou, espantado. O vocabulário dele voltava a ser juvenil quando ele pensava em Hartford e ele não tinha a menor consciência disso. Ken continuou tristemente: — Estive pensando em Prichard hoje e cheguei à conclusão de que não tenho o que ele tem, o faro científico. Tudo me parece apenas um montão de detalhes, como parece a qualquer leigo.

— Prichard está velho. Você é moço. Os velhos nada têm de sé-

rio em que pensar.

O que ela via de "sério" era a sombra dentro dela, o filho, o mundo sombrio da geração.

— Exceto a morte — disse Ken, e era uma coisa muito estranha para ele dizer. Ela havia julgado que ele pensava tanto em morte quanto um relógio pensa no seu funcionamento. Pensava que ele houvesse resolvido essa questão desde a infância e havia trabalhado na sua solução pessoal independentemente dele.

Foxy disse ansiosamente:

— Não! Só se pensa nisso quando se é moço. Desse modo, quando se fica velho, não se tem mais nada a fazer senão ser feliz em cada dia que passa.

Ela se encaminhou para uma prateleira horizontal entre dois barrotes onde estava uma esquecida bola de gude cor de âmbar com uma fina espiral de um branco de mel. Ela colocou a bola na rosada palma oval, tentou ver no seu centro e imaginou Deus como um homem tão velho que cada dia o tornava absolutamente feliz. Não sabia por que ela não podia partilhar Deus com Ken; era tão inocente quanto aquela bola de gude, meigo e pequeno, mas presente. Ela não pedia que ele acreditasse senão nisso. Mas, na presença dele, ficava envergonhada e sentia-se culpada de duplicidade.

Ken levantou a vista como se estivesse despertando.

— Quem tirou as tábuas das portas da varanda?

— Foi ele. Hanema.

— Com as mãos mesmo?

Com suas mãos mesmo?

Claro. Por que não? Porque ainda não fizeram isso.

Pensamos que isso tinha alguma finalidade especial.

Tinha de fato, mas o inverno já acabou. Abra a casa à primavera. Pronto. Agora o ferrolho pode ser aberto com um pouco de jeito. Agora. Venha.

Creio que é a primeira vez que venho à varanda. Ainda é possível consertar essas telas?

Ele pegou um pedaço solto de tela enferrujada e amassou-o, mostrando a ela o pó alaranjado como pólen em sua palma. *Novas telas serão uma das menores despesas que terão. A Alcoa fabrica um bom material de alumínio que podemos adaptar aqui em trilhos. Será fácil tirá-los no outono. No verão, esta varanda deverá ser o melhor lugar da casa. Fresquíssima.*

Mas faz a sala tão escura. Estive pensando em mandar tirá-la.

Nunca abra a mão de um espaço livre. Comprou a vista. E é aqui que ela está.

De modo algum. Esta casa pode ser ótima. Aqui já há o esqueleto e o tamanho. Só é preciso agora dinheiro.

Foi meu marido que gostou dela. Eu gostaria de viver mais perto de Boston, em Lexington ou Newton.

Sabe de... Em vez de concluir a frase, começou a andar para cima e para baixo na varanda, experimentando as tábuas.

Sim.

Sua varanda ainda precisa de sustentação. Não promova nenhuma dança aqui.

Ia dizer alguma coisa.

Não. Nada.

Ela tinha esperado.

Ia dizer que sua vista me entristeceu porque minha mulher gostou dela e eu não tive a coragem de fazer o

que seu marido fez e comprar a casa.

Acha que foi coragem. Pode ler sido mais uma questão de amor-próprio. Talvez.

Talvez não seja este tipo de lugar.

Obrigado, pois também penso assim. Não sou homem de viver na praia. Gosto de sentir muita terra em torno de mim, no caso de umainundação.

Acho que é também o meu caso. Não gosto de sentir os pés molhados.

Mas é feliz aqui, não é? Disseram-me ter ouvido isso de sua boca. É claro que isso não é de minha conta.

Ele tinha parecido tão cortês e embaraçado, tão pronto a colocar-se no seu papel de homem contratado, que ela se apressou em atenuar essa impressão. *Sim, sou feliz bastante, embora um pouco aborrecida. Mas gosto de terra e gosto das pessoas que já conheço.*

Gosta mesmo?

Diz isso com tanta surpresa.

Não tive essa intenção. Acho que já passei da fase em que me perguntava se gostava deles ou não. Agora são a minha gente. E é deles também?

De Certo modo. Cuidado que isso lhe pode acontecer também.

Não. Ken e eu sempre fomos muito independentes. Nunca nos envolvemos muito com os outros. Acho que somos ambos um pouco frios.

Ele tinha puxado um canivete e estava esgaravatando alguma coisa, de costas para ela. *Os caixilhos das janelas têm de ser todos substituídos.*

As janelas de inverno não fazem isso desnecessário? Algumas madeiras estão tão fracas que não seria possível aparafusar nelas uma janela de inverno. Eu espero. . . Espera o quê?

Ia dizer que espero que possa trazer sua mulher aqui, quando a casa ficar pronta. Já estou com medo de que ela não aprove o que nós fizemos.

Ele tinha tido um riso que vinha mais de dentro do que o riso da maioria dos homens, mais quente, um pouco desconcertante, mais invasor.

Ela tinha procurado defender-se. *Não sei por que estou me preocupando com a aprovação de sua mulher. Ela é uma ótima pessoa. O riso se repetiu. E seu marido é um ótimo homem.*

Capítulo dois

APPLESMITH E OUTROS JOGOS

Foxy estava ao mesmo tempo certa e errada a respeito de Janet.

Esta nunca se deitara realmente com Freddy Thorne, embora ela e Freddy tivessem falado a sério sobre isso, e o caso dela com Harold Smith Pequeno tinha-se revelado inesperadamente difícil de liquidar e terminar.

Os Appleby e os Smith Pequenos tinham-se mudado para Tarbox no meio da década de 1950 sem se conhecerem, embora ambos trabalhas-sem em títulos em State Street, Harold como corretor e Frank como funcionário da carteira de títulos de um banco. Frank tinha estudado em Harvard e Harold em Princeton. Pertenciam ao setor da sua geração da camada mais alta da classe média que se rebelava moderadamente contra a reserva e a disciplina com que a riqueza manteve as suas boas maneiras durante as perturbações da Depressão e da guerra mundial. Criados em segurança em meio a essas crises nacionais e introduzidos como adultos numa economia indulgente, numa atmosfera empresarial estranhamente mesclada de revigorantes imagens juvenis e uma despersonalização básica, de proveitosos jogos em pequena escala executados contra um fundo de desenfreada diversificação e da influência final de um governo cujos impostos, comissões e apetite por armamentos estabelecia limites por toda a parte, introduzidos numa nação cuja liderança permitia que um moralismo sem dentes simulasse uma certa astúcia hábil, numa cultura onde as paixões adolescentes e as filosofias homossexuais ainda não estavam inteiramente

triunfantes, num clima ainda *furtivamente* hedonista, num país ainda muito abertamente ameaçado de fora para sentir-se inflexivelmente culpado, num clima de transição, de reserva e dia-a-dia, onde todas as generalizações, até as negativas, pareciam pouco inteligentes — a esse novo mundo os Appleby e os Smith Pequenos levaram uma modesta determinação de serem livres, flexíveis e decentes. Separados dos pais por babás, professores e criadagem, procurariam criar famílias grandes e intimamente ligadas: mudavam fraldas, ajudavam nos trabalhos de casa e faziam os consertos necessários, trabalhavam no jardim ou removiam a neve no inverno com uma sensação de saúde renovada. Transportados, quando meninos, em Packard e Chrysler pretos com chofer, dirigiam carros usados de cores sortidas. eLivross desde cedo em internatos, resolviam usar e melhorar as escolas locais. Tendo sofrido com a rígida vida conjugal dos pais e as suas formalizadas evasões, procuraram substituir um grupo de essencial fidelidade por uma matriz de fácil e aberto companheirismo entre casais. Substituíram a fórmula do *country club* pela participação informal num círculo de amigos e num ciclo de festas e jogos. Renegaram as estratificadas cidades de veraneio da infância, com as suas restritivas distinções e as suas aborrecidas trocas de gentilezas, vivendo o ano to-do em lugares desconhecidos, em cidades pastorais fabris como Tarbox, tentando improvisar ali uma maneira nova de viver. O dever e o trabalho ficavam como ideais abaixo da verdade e do divertimento. A virtude não era mais procurada no templo ou na feira, mas no lar — no próprio e. depois, no lar dos amigos.

Nos seus primeiros anos de Tarbox, a vida social dos Smith e dos Appleby se passara entre homens e mulheres mais velhos. Tias vizinhas fizeram devidamente as suas visitas e foram polidamente recebidas para, no

fim, serem resolutamente barradas. "Como é cacete e cavalar essa gente", dizia Marcia e, quando ela e Janet se tornaram íntimas, forjaram uma expressão, "o grande C", para abranger toda essa gente, tão esperançosamente desligada e tão persistentemente atenciosa, que fazia tudo o que era certo, uma ema-ranhada rede de conhecidas e primas que se estendia de Quogue a Bar Harbor. Quando se encontravam numa reunião cavalar em Millbrook ou Seituate, a que cada uma delas, numa grande demonstração de resignação conjugal, tinha acedido em comparecer, Janet e Marcia, à guisa de cumprimento, relinchavam uma para a outra. O relincho delicadamente nasal de Janet, seguido do movimento de casco de um pé, era muito malicioso e interessante, até porque ela era mais magra nessa época. Na verdade, elas raramente declinavam desses convites, embora eles fossem pouco a pouco diminuindo desde que elas deixavam de retribuí-los. Essa gente assim zombava, por mais nasal e obtusa que fosse, admitida a presença dos Appleby e dos Smith em virtude do nome que tinham e do nome dos pais deles. Muitos anos passaram até que Tarbox lhes proporcionasse uma sociedade tão lisonjeira e substancial quanto a do desprezado "grande C".

Os Thorne e os Guerin já viviam em Tarbox, mas havia alguma coisa desagradável em relação aos dois casais, alguma coisa inexplicada e embaraçosa a respeito dos homens — um deles, um dentista, e o outro aparentemente sem trabalhar, embora fosse freqüentemente a Boston. As duas mulheres eram tímidas. Bea não bebia muito nesse tempo e era capaz de passar uma noite inteira calada e com um sorriso forçado. Quando Roger a olhava, encolhia-se como um coelho. Harold chamava-lhes *Barbe Bleu et Fatime*. Todos achavam ridículas as pretensões de Freddy Thorne a viver sorrindo e à vontade. Naquele tempo, ainda tinha um pouco de cabelo — que era ondulado, claro e

comprido, sendo penteado de um lado para o outro sobre a calva. Georgene era evidentemente outra bem amestrada e bem criada égua do "grande C", seção de Filadélfia. Os casais se ofereciam mutuamente infreqüentes jantares de cerimônia e trocavam roupas de criança — só que Bea nunca ficava grávida.

As pessoas que davam festas em Tarbox eram uns dez anos mais velhas e pareciam um pouco rudes e espalhafatosas — Dan Mills, bronzeado, coxo e alcoólico proprietário da fracassada fábrica de barcos; Eddie Warner, superintendente de uma fábrica de tintas de Mather, um ex-atleta de cabeça redonda ainda capaz nos piqueniques encervejados da praia de fazer flutuar uma bola na extensão de mais de um quilômetro na tarde de um cinzento de gaivota; o Dr.

Allen; o velho Ed Byrd; alguns professores das escolas de Tarbox, defensivos na sua rotina; e as esposas, mulheres irrequietas com as cabeças cheias de sexo e de letras de rock, com filhos adolescentes. Pareciam a Janet pessoas desesperadas, ignorantes, provincianas e barulhentas. As infidelidades que delas transpiravam pareciam-lhe lamentáveis; a sua evidente e pronunciada tendência à bebida enchiam-na de desgosto. Ela havia acabado de produzir um bebê, Franklin Júnior, que nascera com três quilos e oitocentos gramas. A pele das têmporas dele pulsava estranhamente quando se amamentava no seus peitos, de modo que não só as vozes roucamente jocosas e os hábitos acres, mas também as compleições imperfeitas da "turma dos barcos", como ela e Marcia a haviam batizado, ofendiam-na. Leprosos não deviam querer dançar. A turma dos barcos, uma hierarquia de pós-guerra de veteranos, que tinha empregos locais e carecia de instrução universitária, sabia que era olhada com desdém por esses casais mais moços e frios e não se aborreceu de modo algum quando eles resolveram formar um grupo

separado e deixá-la sozinha, com a sua bebida, os seus jogos de bridge e as suas recordações de Anzio e Guadalcanal.

Se eles tivessem sido menos desagradáveis, Janet dificilmente teria tido qualquer aproximação social com os Saltz e os Ong, que se mudaram para lados opostos da cidade em 1957 e eram pelo menos diplomados em universidade. John Ong, por sinal, era considerado muito brilhante. Trabalhava em Cambridge, tentando decifrar mate-maticamente a matéria, num programa que era financiado pelo governo. Devia ser fascinante, mas era impossível compreender o seu inglês. Bernadette, a mulher dele, era uma mestiça japonesa de ombros largos, de Baltimore, filha de um português. Era exótica, esfuziante, simpática e cansativa, como se estivesse sozinha tentando mostrar espírito gregário por dois. Os Saltz eram proibitiva-mente sérios, mas Irene podia tornar-se interessante depois do terceiro martíni, quando fazia imitações de todos os funcionários e chefes de serviço da Prefeitura com quem o seu espírito de cruzada a fazia entrar em contato. Bem só sabia de uma imitação, que ela fazia inconscientemente — a de um rabino, de barba encaracola-da, costas encurvadas, mãos entrelaçadas para trás e um ar triste de tolerância. Mas só em 1958, quando Hanema e Gallagher abriram o seu escritório na Rua Esperança, foi que a ecologia definitiva dos casais foi estabelecida. Com esses dois homens, o irlandês e o holandês, formando um par como Dom Quixote e Sancho Pança, começou a ronda dos esportes — futebol *touch*, esquiagem. basquete, iatismo, tênis, futebol *touch* ainda — que deu aos casais um pretexto inesgotável para se reunirem: um ciclo distribuído pela folhinha de reuniões para antecipar e recordar, de motivos para festas improvisadas. E as duas novas mulheres, Terry e Angela, trouxeram consigo um estilo, uma amabilidade distraída de que as outras mulheres

puderam imitar o único tom, displicente e divertido, que poderia tornar suportável tamanha carga de hospitalidade e convívio.

Em 1960 os Constantine foram viver no sinistro casarão à beira do prado. Carol pintava e Eddie voava. Como um casal, os dois tinham um ar atraentemente perigoso. E, por fim, em 1963, os Whitman se haviam mudado para a velha casa dos Robinson.

Durante aqueles anos, a turma dos barcos tinha marchado do declínio para a desintegração. Dois casais se tinham divorciado, os professores tinham-se transferido ou foram dispensados e o pobre e alcoólico Dan Mills perdera a sua fábrica de barcos para o banco e fora para a Flórida sozinho, sem a mulher, cujas pernas magras e fortes tinham-se mostrado tão ligeiras em aprender todos os passos das novas danças. O contato ainda vigente com a turma dos barcos era feito por telefone, quando se queria sair e se chamava uma das filhas mocinhas deles para ir tomar conta das crianças. A existência deles, que poderia ter sido inteiramente esquecida, era recordada por outro vestígio, irritante para Harold e Marcia, dentro do grupo mais jovem de casais. Tinha havido, naqueles primeiros anos de Tarbox, outro casal chamado Smith, dois grandes, vermelhos arrivistas sociais, destituídos de senso de humor, que depois se haviam mudado para Newton, mas que, durante um ano, estiveram presentes às mesmas festas a que os Smith menores eram convidados. Os nomes tinham sido dados para facilitar as conversas, mas tinham sobrevivido à necessidade da distinção, ficando ligados a Harold e Marcia, embora já então poucos dos seus amigos soubessem quem tinham sido os Smith Grandes ou sequer se lembrassem dos seus rostos grandes, corados, de boneco que não paravam de acenar afirmativamente, balançando-se como cartazes numa passeata. Era um motivo anual de hilaridade o fato de

que os Smith distantes de Newton, com a sua inexorável e perseverante amabilidade, que tinha sido o sistema para os Thorne, os Guerin, os Appleby e os seus homônimos.

Na saudação a Harold e a Marcia, acrescentavam infalivelmente —

aos nossos xarás de Tarbox, os Smith "Pequenos"— com "pequenos"

sempre entre aspas.

O caso entre os Applesmith começou — a maledicência presumia erradamente que de Janet é que havia partido tudo — quando Marcia notou as mãos de Frank. Cronologicamente, a beleza das mãos dele tinha emergido da anterior flacidez das mesmas, graças à dieta para a cura de uma úlcera produzida pela queda acentuada do mercado de títulos em abril e maio de 1962. Essa baixa, que afetou mais os fundos administrados por Frank (promovido pouco antes a chefe da carteira) do que os negócios de corretagem de Harold e que, além disso, surpreendeu Frank com milhares de dólares seus aplicados em companhias eletrônicas e de produtos farmacêuticos, aproximou mais do que de costume os dois casais na primavera e no verão daquele ano. Tomaram o costume de comerem no domingo à noite, depois do tênis, mexilhões ou lagosta que traziam em fumegantes sacos de papel de um restaurante em North Mather. Uma noite, quando estavam sentados em almofadas e poltronas em torno da marchetada mesa de café dos Smith Pequenos, Marcia ficou hipnotizada pela elegante energia com que os dedos de Frank, cujas pontas brilhavam de leves toques de gordura, manobravam as rodelas de cebolas. A dieta tinha tirado deles uma boa camada de gordura, de modo que os dedos compridos com alguma coisa de especialmente bem modelado nos nós e nas vizinhanças das unhas se revelaram como aristocráticos. Os polegares eram

eloqüentes em todos os sentidos. Nos pulsos peludos, através das encordoadas veias tributárias que se elevavam nas costas das mãos até as pontas dos dedos, corria uma força que podia destruir ou plasmar. A poda das roseiras tinha produzido nas mãos de Frank pequenos cortes que sugeriam os de um abridor de mexilhões ou de um escultor e Marcia levantou os olhos para o rosto dele e viu ali, naquele aspecto gordo e colegial, o mesmo marcado, usado e inconsciente ar de quem muito trabalhou, de quem pertence a uma força impetuosa que lhe floria as faces e avermelhava os olhos. Ali estava um homem. Tinha o jeito golpeado de ter sido arrastado para a frente através de obstáculos. Depois dessa revelação, todo o movimento dele alterava o interior de Marcia, com uma leve comoção, um redemoinho na corrente dentro dela. Ela era uma mulher. Sentia nele agora uma preciosa temibilidade e quando eles se levantaram para sair e Janet, no oitavo mês de gravidez, perdeu o equilíbrio e aceitou a mão que Frank prontamente lhe ofereceu para apoiar-se, Marcia, percebendo como nunca até então o pronto intercâmbio de compressão do casal, sentiu-se insultada. Um roubo acabava de ser deslavadamente perpetrado diante das suas vistas.

Nascida Burnaham, Marcia era filha de um médico e neta de um bispo. A sua percepção de uma beleza masculina em Frank Appleby tomou a princípio a forma de uma inocente e alegre satisfação com a companhia do outro casal e de uma correspondente insatisfação nos fins de semana em que não deviam encontrar-se com eles, muito embora ela sempre achasse um meio de telefonar a Janet e combinar ao menos um drinque juntas ou um passeio com as crianças de ambas no barco dos Appleby. Esse prazer possessivo e experimental quase não se distinguia da anterior amizade, embora nas danças ou nas festas em que acabavam dançando ela se

sentisse dominada pela vontade de ir para os braços de Frank. Ele nunca fora um dançarino e Marcia, trancada no seu passo irregular, consciente das pisadelas nos pés e com a mão fresca e perfumada desaparecendo na úmida adesão da mão dele com os seus soluços acumulando-se no seu colo nu como a névoa produzida por um menino que respira em cima de uma vidraça, olhava invejosamente para o marido e Janet ou Carol Constantine que valsavam de canto a canto pela borda em sombra da sala cujo centro iluminado ela e Frank estaticamente ocupavam. Harold dançava bem e até brilhantemente e às vezes depois de um longo estirão com Frank, ela o fazia dançar com ela e rodar pela sala, a fim de atenuar a tensão do pescoço e a dor entre as espáduas de ter levantado muito os braços. Mas havia em Frank uma solidez que faltava a Harold. Harold nunca tinha sofrido; limitava-se a esquivar-se. No trem em que iam para o trabalho, Harold lia Barron's ou Ian Fleming. Frank lia Shakespeare.

O que Marcia não sabia era que ela tinha vivido antes de Shakespeare. Para Frank, a baixa dos títulos, as noites insones com dispepsia, o nascimento do segundo filho e os olhares cintilantes e as estranhas ternuras da mulher de seu amigo faziam parte de uma experiência, de uma ouverture da meia-idade, de um prelúdio à mortalidade, a que ele reagia à maneira de seu pai, um ardente sinólogo amador, mergulhando profundamente no passado, onde reinava a paz. *Quando bem alto o vento sopra/E a tosse afoga a voz do pároco*

/E sobre a neve as aves quedam... Essas tosses desvanecidas, a neve derretida, as aves mortas, tudo parecia selado em âmbar, em coisa mais fina do que o âmbar, porque o movimento poderia ocorrer dentro dela. *Vou mandar ensinar um estorninho/A dizer "Mortimer "*

e dar a ele/Para manter-lhe a cólera em ação. Quando Frank contemplava essa paixão, perfeitamente

conservada, segura para sempre, o seu estômago se esquecia. Não era um leitor natural, não podia concentrar-se em duas linhas de Dante ou de Milton, não gostava de peças ou de romances, e só encontrava essa qualidade calmante, de fluxo confinado com todas as suas cores, em Shakespeare.

— Tudo está nele — disse a Marcia, flertando, porque não falava com ninguém a respeito de Shakespeare, especialmente com Janet, que interpretava o gosto dele pela leitura como um acinte a ela que não tinha concluído o curso universitário, preferindo casar-se com ele. — Tudo o que podemos ter esperança de ter, e tudo acaba mal.

— Até as comédias?

— As comédias terminam em casamento e Shakespeare foi infeliz no casamento.

— Eu sinto — disse Marcia, porque era uma mulher nervosa e tensa que gostava de ver as coisas bem claras — que você está procurando me dizer que nós vamos acabar mal.

— Nós? Você e eu?

Então, ele não tinha querido dizer a ela que era infeliz no casamento. Mas continuou:

— Isso se nós... começarmos alguma coisa.

— E devemos começar alguma coisa? Aí está uma idéia. Sim! — A grande cabeça corada pareceu cair mais pesadamente sobre os ombros, como se a idéia houvesse mergulhado nela. — E Harold e Janet? Devemos consultá-los antes? É melhor não fazermos isso e agirmos como se tivéssemos feito.

Ele se mostrava tão sem tato e tão irônico que ela se sentiu magoada.

— Esqueça o que disse. É um defeito feminino tentar sexualizar a amizade. Quero você apenas como amigo.

— Por quê? Você já tem a amizade de Janet. Faça o favor de me sexualizar. Parece um bom processo. Com o

mercado incerto como anda, é provavelmente o melhor investimento que resta.

Estavam encostados ao para-lama marrom do Mercury dos Appleby, depois do tênis, ao lado da casa de Gallagher, quase parecida com uma fortaleza, na estrada de North Mather. Matt tinha tido licença para utilizar a quadra de um vizinho. Harold estava dentro da casa, bebendo; Janet estava em casa cuidando do bebê. Tinham tido uma menina, a quem tinham dado o nome de Catharine, em honra de uma tia de quem Frank se lembrava como um montão de veludo poeirento com os dedos cheios de granadas cor de sangue.

Marcia disse, depois de rir com gosto:

— Você é chocante com as suas responsabilidades dobradas.

— Dobra, dobra, ferve, enreda. Janet está intolerável há mais de nove meses. Ao menos, vamos almoçar juntos em Boston. Preciso de ter férias. Como vive você nas terças-feiras?

— Neste dia, fico sem o carro.

— Oh. Nas quartas-feiras, costumo almoçar com Harold no Harvard Club. Ele não faz senão beliscar. Devo desmarcar?

— Não, nada disso. Harold detesta qualquer modificação da sua rotina. Deixe-me ver se consigo uma babá para Henrietta na quinta-feira. Mas vamo-nos entender, Frank. É apenas para conversarmos.

— É claro. Eu lhe falarei dos homens cujas cabeças crescem abaixo dos ombros.

— Otelo?

— Exato.

— Escute, Frank. Estou com uma fixação por você. Sei que é absurdo e estou pedindo que me ajude. Como um amigo.

— Antes ou depois da sexualização?

— Estou falando a sério. Nunca falei mais a sério na minha vi-da. É por minha vida que estou lutando. Sei que você não me ama e acho que também não amo você, mas preciso falar. Preciso tanto e —

nesse ponto ela baixou a cabeça com um pouco de artificialismo, para esconder lágrimas que, afinal de contas, eram reais — tenho medo.

— Não tenha medo, minha cara Marcia.

Almoçaram naquele dia e almoçaram depois muitas outras vezes, encontrando-se nas esquinas dos novos edifícios de vidro ou na porta das lojas de flores. Era um homem sorridente e vermelho com o ar tranqüilo de quem passou bem pela escola e uma mulher pequena, morena e eficiente que parecia um pouco ofegante. Procuravam de mãos dadas através dos odores marinhos do cais e da luz ofuscante de Washington Street o restaurante obscuro perfeito, com a mesa do canto, o homem do bar de aspecto paternal e a ausência de conhecidos do mundo dos negócios ou da universidade. Conversavam, tocando-se os pés, roçando as mãos rapidamente em admoestação ou compaixão. Falavam de si mesmos, da infância passada por trás de sebes podadas, de Shakespeare e de psiquiatria, que tinha sido a especialidade do pai de Marcia, de Harold e de Janet, que, como gentilmente continuavam a ser iludidos, mereciam ainda mais terna consideração, de tal modo se tornavam quase sagrados na sua ignorância, admiráveis na sua falibilidade, tão magnanimamente perdoados pela sua frigidez, exigência, obtusidade de vaidade, que a ligação entre eles dois parecia uma conspiração para louvar os ausentes. Havia uma casa de campo ao norte de Boston — e, assim, ainda mais segura e remota da vida real dos dois — que pertencia a uma das tias de Frank, a qual escondia a chave atrás de uma das colunas de fundação. Quando Frank era menino, a procura da chave escondida tinha parecido uma aventura de pirata,

o saque de uma gruta que cheirava fortemente a terra, creosoto e excremento de ratos. Agora a chave parecia pateticamente acessível e ele pensou que talvez muitas outras pessoas, estranhas à família, tivessem usado aqueles mesmos colchões, tivessem mesmo tirado aqueles grossos cobertores militares da arca de cedro e tivessem depois jogado a cinza dos cigarros no envoltório de celofane tirado dos maços.

Na cozinha, havia um rato morto numa ratoeira. Tinha-se virado, morrendo, e estava de barriga para cima, mostrando um branco sujo como um algodão jogado fora no consultório de um médico. Frank e Marcia tiraram um pouco de sherry do armário, mas não tocaram no rato. Não estavam ali. A casa só era usada nos fins de semana. Da sua segurança entre pinheiros e carvalhos dominava a estreita península de Nahant. O cheiro do mar que se infiltrava pelas persianas era mais salino e acre do que o da praia de Tarbox, onde naquele momento Janet e as crianças deviam estar tomando sol. Marcia tinha parecido a Frank estranhamente pequena, mas mais atlética e flexível do que Janet, sem a agitada e forte ressonância da outra, mas com uma agradável e acentuada firmeza que lhe recordou, na sua passagem para o seu corpo, as pequenas amantes da corte francesa, as prostitutas japonesas de que Harold havia um dia falado quando estava bêbado e rapazes esbeltos e suaves que tinham sido Rosalind, Kate e Ofélia. Havia em Marcia uma corrutibilidade que era desconhecida para ele. Os ombros magros dela cintilavam entre os seus braços vermelhos. O rosto, descansado, sereno, parecia, como uma lente, estar cheio do rosto dele.

— Adoro suas mãos — disse ela.

— Você já me disse isso.

— Gosto de que elas me peguem. São grandes.

— Só relativamente — disse ele e arrependeu-se de ter dito isso porque levara Harold para a cama com ele.

Sabendo disso, sabendo que eles nunca poderiam ficar sozinhos, ela perguntou:

— Acha que eu sou diferente de Janet?

— É, sim.

— Meus seios são tão pequenos.

— Seus seios são lindos. Como uma estátua grega. Vênus sempre mostra seios pequenos. Os de Janet... os de Janet estão agora cheios de leite. É um aborrecimento.

— Qual é o gosto?

— O gosto de quê? Do leite de Janet?

— Não é obrigado a me dizer.

— Por que não? É doce. Doce demais até.

— Você é um homem tão delicado — disse Marcia. — Não estou habituada a ser amada com tanta delicadeza.

Assim ela lançou a Frank a sugestão, que os enfraquecia como amantes, mas fortalecia como confidentes, de que ele tinha sido delicado demais, que Harold era mais impetuoso, mais exigente e satisfatório, sem dúvida, com um membro maior. Como se estivesse saudando um vago vulto baixo numa praia enevoada, Frank considerou melancolicamente o endomórfico nele existente. A sua exigente amante profundamente côncava, ectomórfica, repousava deitada ao seu lado. As peles se tocavam suarentamente ao longo do corpo dela. A cintilação neural do rosto de Marcia estava acalmada. Um brinco pendente descansava diagonalmente para a frente do lobo da orelha, paralelamente à linha da maçã do rosto. A rígida raia central dos cabelos pretos tinha sido levada por uma espécie de ventania. Estaria adormecida? Tateou ao lado da cama, procurando, entre as roupas, o seu relógio de pulso. Iria aprender em breve, quando se despisse, a deixar o relógio discretamente visível. O rosto silencioso orlado de ouro do relógio, uma cara de pequeno banqueiro, anunciou que ele já estava

fora para o almoço uma hora e quarenta minutos. Um toque de azia começou a agitar-se no seu estômago.

O caso deles passou despercebido durante dois meses. Não é difícil enganar a primeira vez, porque a pessoa enganada não dispõe de anticorpos, não está vacinada pela suspeita e não dá atenção aos atrasos, aceita as explicações mais absurdas, permite que os mais desajeitados remendos consertem grandes rasgões no quotidiano.

- Onde é que você esteve? — perguntou Janet a Frank num dia de sábado.

— Na lixeira.

— Duas horas na lixeira?

— Bem, passei pelo *drugstore* e conversei com Buzz Kappiotis a respeito dos novos impostos e da taxa de quatro por cento para os bombeiros.

– Pensei que Buzz estivesse pescando no Maine.

A lavadeira de Buzz era vizinha deles.

— Que cabeça a minha. Não foi Buzz, foi Iggy Galanis. Acho que estou perdendo o juízo.

— Também acho. Você se mexeu tanto na cama esta noite que me tirou o sono.

— São as minhas úlceras de estimação.

— Não sei por que você anda tão nervoso ultimamente. O mercado está calmo de novo, com a redução da margem. E como foi que você amarrotou tanto a roupa?

Ele olhou para si mesmo e viu um longo cabelo preto da cabeça de Marcia preso à braguilha das suas calças de veludo. Olhando, sentiu sob a fazenda alguma coisa quente e usada palpitar doce-mente. Tirou o cabelo e disse:

— Carregando as latas de lixo.

Mas um caso amoroso quer mesmo ser difundido, partilhar com o mundo a sua glória. Nenhum ato é tão privado que não procure receber aplausos. Em público,

Frank mal podia conter o seu sentimento de orgulho e proteção em relação a Marcia. A maneira pela qual, ao fim da noite, pegava o casaco para ela e o ajeitava no corpo dela, era tão diferente da maneira pela qual ajudava Georgene Thorne a vestir o casaco quanto receber o Senhor em comunhão é diferente de comer um *hors d'oeuvre*. Todos os gestos e pausas vazios desse pequeno ato social eram luxuriantemente impregnados de magia. Os dedos de Frank ajustando a gola roçavam a nuca de Marcia. Ela ajustava as lapelas do seu próprio casaco como se fossem as mãos de Frank cruzadas sobre os seus seios e rolava os olhos como se fosse uma espanhola. Essa inocente pantomima de vestir era encharcada de reminiscências da nudez de ambos. Os espíritos e as bocas eram obrigados à estabilidade e à dissimulação, enquanto os corpos reclamavam erupção, violência, transformação. Os Smith Pequenos partiram afinal uma noite — enquanto Harold muito alto tagarelava e Marcia lançou um derradeiro olhar sombrio como uma rosa crestada pelo inverno — e a porta foi afinal fechada.

— Você está tendo um caso com Marcia? — perguntou Janet.

— Que pergunta mais esquisita!

— Não se incomode com a pergunta. Quero saber é a resposta.

— É claro que não.

— O seu jeito não convence. Convença-me. Faça o favor de convencer-me.

Ele encolheu os ombros.

— Não tenho tempo nem vontade de convencer ninguém. Ela não é meu tipo. É pequena, nervosa e sem seios. Depois, você é que é minha mulher e que é que eu quero mais? Você é soberba, imperial, egípcia! Os sumos sacerdotes a abençoam quando você está com vontade. Vamos para a cama.

— Temos primeiro de lavar os pratos. De qualquer maneira, não pense que me convenceu coisa nenhuma. Como foi que de repente ela começou a saber tanta coisa sobre Shakespeare?

— Deve estar lendo as obras dele.

— Para agradar a você. E para me insultar também.

— Insultar a você como?

— Ela sabe que eu não gosto de ler.

— Mas você encontra livros nos regatos que correm, sermões nas pedras e o bem em tudo.

— Ha, ha! E aquela cachorrinha vive a me dizer que tem um segredo.

— Ela diz isso?

— Diz com os olhos. E com o rabo. Eu pensava que ela fosse muito mirrada e intelectual, mas ela anda fazendo um bocado de requebro com aquelas cadeiras.

— Talvez ela esteja tendo um caso com Freddy Thorne.

— Tire essa expressão da sua cara!

— Que expressão?

— Esse ar de contentamento. Tire! Tire logo, Frank! É revoltante!

E de repente ela o atacou a socos em que punha todo o seu peso. Ele a apertou com os braços sabendo que, mesmo naquele momento em que ela o agredia com os punhos fechados atingindo-lhe os ombros, com o rosto contorcido de choro e o corpo a recender do seu perfume forte, a expressão de serena superioridade, de um belo segredo continuamente experimentado, continuava em seu rosto.

Harold Smith Pequeno não conseguiu saber de pronto quem era a mulher que lhe telefonava para o seu escritório naquela manhã. Ele e Janet pouco falavam ao telefone. Eram Marcia e Janet, ou Marcia e Frank, que combinavam tudo — tênis e passeios de barco, o teatro nas noites de sexta-feira e os concertos nas noites de

sábados — o que os dois casais fizeram juntos naquele verão. A voz de mulher disse: – Passei a manhã toda na cidade fazendo compras e não encontrei nada do que queria. Estou com fome, aborrecida e quero saber se quer almoçar comigo. E nada de mexilhões, ouviu?

Bem na hora, ele reconheceu Janet.

— É Janet mesmo? É uma boa idéia, mas este é o dia em que costumo almoçar com Frank. Por que não almoçamos juntos os três?

— A idéia não é essa, Harold. Não pode telefonar para Frank e cancelar o almoço? Dê uma desculpa qualquer. Diga que vai jantar com uma pequena. Não tenha medo de Frank, Harold.

— Quem foi que disse que eu tenho?

— Neste caso, faça o favor. Pode achar isso muito engraçado e esquisito, mas preciso falar com você e foi essa a única maneira que pude encontrar. Eu sabia que a quinta-feira é o dia de você almoçar com Frank e que, não sendo isso, estaria livre.

Harold ainda hesitava. Tinha uma certa liberdade de palavra e de pensamento porque sua vida, da infância em diante, tinha sido externamente ordenada e obediente. A vida era uma espécie de mara-tona que podia ser corrida com facilidade desde que se tocassem todos os pontos de controle. E o seu almoço semanal com Frank era um desses pontos de controle. Discutiam títulos e cotações, raramente falando da vida doméstica de ambos em Tarbox.

— Não precisa pagar o meu almoço, Harold. Basta comer junto de mim.

Isso o ofendeu, pois ele se julgava um homem educado e elegante à maneira antiga. Na primavera anterior, em Saint Louis, dera a uma mulher duzentos dólares para passar a noite com ele. Indicou a Janet o Ritz na parte de cima a uma hora da tarde e desligou.

Era estranho ela dizer que ele não devia ter medo de Frank, pois sempre dela é que Harold tivera medo. Qualquer vulgaridade que não pudesse ser paga e dispensada imediatamente intimidava-o.

Logo que conhecera os Appleby, ele tinha estranhado que Frank se tivesse casado com uma moça tão comum. Devia ser soberba na cama, mas casar para quê? Embora ela pertencesse a uma família respeitável (o pai dela tinha uma fábrica de produtos farmacêuticos em Buffalo e o sobrenome de solteira dela era visto nas prateleiras das farmácias de todo o país), Janet era uma das poucas mulheres do círculo social de Harold que poderia ter sido, sem qualquer alteração no seu estilo físico, garçonete, *vendeu-se* numa loja americana (na verdade, ela trabalhara durante dois anos no verão vendendo jóias para homens atrás de um balcão) ou uma pequena de dancing.

Ela ficaria um dia gorda e não ia demorar muito. Já havia uma prega de carne na parte da frente dos seus tornozelos, a carne dos braços já estava ficando solta e os seus quadris tinham uma dureza que indicavam a presença de uma cinta. Nem por isso, Harold deixava de achá-la bonita. E isso justamente fazia parte do seu medo.

A beleza dela parecia um dom de que ela poderia abusar como um garoto com uma espingarda ou dissipar como um desmiolado com a sua fortuna. Ela lhe parecia um mau investidor que comprava na alta e vendia depois da baixa e arrastava com ela todos os que pudesse.

Por isso, atravessou Milk, passando pelo grosso da grande população excêntrica de Boston, seguiu Tremont e costeou o Prado e o Jardim Público, dentro de um sentimento apurado de cautela. O passeio estava tão quente que ele sentia o calor através das solas finas dos seus sapatos de tipo italiano. Apesar disso, pedaços de veludo e retalhos de pele branca acetinada desfilavam-

lhe pela cabeça. Tinha sido um pouco romântico da parte dele não ter tomado um táxi. Dos quatro Applesmith, Harold era o que tinha maior experiência sexual. Possuía o ar trivial, mas seguro e complacente, com que as mulheres gostam de fazer experiência e antes de se casar dormira com tantas que chegara a perder a conta. Depois do casamento (casara-se velho, com 26 anos), tinha havido viagens de negócios e *call girls*, em geral pastosas e aborrecidas, com hálito de uísque e voz repulsiva. Mas nunca traíra Marcia com uma mulher da mesma condição social.

Depois de tomar o segundo martíni, Janet disse:

— É a respeito de Marcia e de Frank que eu lhe quero falar, Harold.

— Os dois parecem muito amigos ultimamente.

— É muito natural. Eu sei que os dois estão se vendo.

— Você sabe? Tem provas? Provas?

— Não preciso de provas para saber. Eu sei. Há um tom diferente entre eles. Frank está sempre falando nela, como quem não quer nada. "Não achou Marcia um pouco nervosa hoje à noite?" "Que tal achou o vestido de Marcia?" Uma ova para o vestido de Marcia!

– Mas você tem provas? Houve alguma confissão de Frank? Ele lhe propôs separação?

– Separação para quê? Está muito feliz assim. Está tirando leite de duas vacas.

— Não me parece que você esteja encarando a situação com muita delicadeza, Janet.

— A delicadeza que vá para o inferno. Se você pode ser delicado, seja. Com certeza, está habituado a ver sua mulher dormir com os outros.

— Pois saiba que não estou. E acontece que não acredito nisso.

Não duvido de que haja alguma atração entre Marcia e Frank. É muito natural, desde que nos vemos com tanta

freqüência. Por falar nisso, há também uma atração entre você e mim. *Toi et moi.*

— É a primeira vez que ouço isso.

— Ora, deixe disso. Você bem sabe o que você é. Sabe como você olha para os homens. A verdade é que eu gostaria de ir para a cama com você.

— Você também não está encarando as coisas com muita delicadeza.

— Claro que não. Somos casados agora e já passamos do tempo das aventuras, das *escapades romantiques*. Temos outras pessoas em quem pensar.

— E é das outras pessoas que eu estou falando. Marcia e Frank.

Você disse que você e eu devemos ir para a cama juntos. Mas eles já estão indo para a cama. Que é que você vai fazer, Harold?

— Apresente-me alguma prova e eu me entenderei com ele.

— Que espécie de provas você exige? Fotografias imorais dos dois? Um diafragma anticoncepcional autografado pelos dois?

Círculos de vibrações, finos como molas de relógio, oscilaram na superfície do seu copo quando ele riu. Havia uma inesperada poesia naquela mulher, frente a frente com ele numa mesa para dois, com o seu vestido e a sua macieza agitados por uma apaixonada preocupação. Do outro lado das janelas, as árvores do Jardim Público eram cascatas silenciosas e a grande faia vermelha parecia uma cintilante torrente de lava.

— Vamos ver — disse Janet. — Como tem achado Marcia ultimamente na cama? Melhor ou pior?

Como era vulgar tudo aquilo! Cheirava a conversa de comadres, a bruxarias, a curas e augúrios de mulher, a grampos de cabelos e tampões menstruais roubados. O garçom, um homem grisalho a quem a profissão polira e encurvara como uma colher, chegou à mesa e Harold

pediu sem consultar Janet *potage à la reine, quiche lorraine,* salada e um Chablis leve e seco.

Depois, disse a ela:

— Em resposta à sua pergunta. Melhor, eu acho.

— Está vendo? Vive excitada e nada mais chega para ela. Insaciável.

Ele riu. O copo estava vazio e não houve mais molas de relógio.

— Ora, Janet, você esperava que eu dissesse pior, não é mesmo?

— E tem sido pior?

— Não. Fui honesto. Ela tem sido muito amorosa ultimamente. A sua tese é de que as mulheres são polígamas e quanto mais têm mais querem?

— Não sei. Harold. Nunca fui infiel a Frank, não acha engraça-do? Mas eu acho, como mulher...

Como mulher... A frase gorda e macia pronunciada por ela deu-lhe o mesmo prazer que ele sentira quando, uma noite, ao chegar alto de uma festa, fora tomar banho de chuveiro e Marcia se escandalizara de que ele tivesse colocado sobre o peito molhado o sutiã dela.

— ... Como mulher, acho que ela tem um sentimento de culpa em relação a você e quer provar que isso não está afetando em nada a sua vida conjugal e que ela tem força bastante para os dois. E ao mesmo tempo ela quer que você saiba disso, dessa coisa maravilhosa que lhe aconteceu, de tudo mais. Da minha parte, sei que Frank começou de repente a fazer coisas que eu nunca lhe ensinei.

A ponta fina de uma dor de cabeça entrou na fonte direta de Harold. Estendeu a mão num ato reflexo para o copo vazio, sem saber se Marcia tinha mudado ou não, porque pouco havia para ser lembrado daquelas comunicações dos corpos em transe, além da lenta ascensão em companhia para os platôs branqueados pela lua onde se representavam pantomimas de comer,

de matar e de morrer com ambos os lados desempenhando todos os papéis. Achava Marcia felina como uma gata, depois tigrina, em seguida curiosamente abstrata, fria e mecânica e por fim, depois, muito grata, terna, loquaz e apagada.

Janet sorriu, passando um pouco de bebida para o copo dele.

Pobre Harold — disse ela. — Ele odeia conversas indiscretas. Tudo isso é muito feminino e o ameaça. Mas, quer saber de uma coisa —

continuou ela, compreendendo que ele estava no ponto para uma experiência —, não posso falar à vontade com uma mulher. Só poderia dizer essas coisas a um homem.

Ela disse isso com o ar de quem fazia uma comovente confissão, mas ele achou a frase presunçosa e ofensiva. Achava que as mulheres deviam falar melhor com as mulheres e os homens com os homens.

A comunicação entre os sexos era um jogo polido e perigoso, com regras reconhecidas, principalmente financeiras, e rigorosos limites de tempo. Noventa minutos eram em geral suficientes e aquele almoço durava mais do que isso.

Combinaram almoçar de novo, na semana seguinte, a fim de confrontar as suas notas. Harold voltou do trabalho para uma casa mais transparente. A sua intimidade tinha sido desbaratada. Enquanto os Appleby viviam na cidade, em centro de terreno do outro lado do Musquenomenee, numa vasta casa branca sem estilo definido e cujo conforto interior era essencialmente emprestado ou herdado, os Smith Pequenos tinham construído e projetado em todos os seus detalhes uma casa de sequóia moderna de teto plano, numa pequena plataforma bem abrigada sobre a lagoa, do lado do sul. O vestíbulo tinha piso de lajes. À direita, uma escada descia para um andar de tipo de porão onde dormiam as três

crianças (Jonathan, Júlia, Henrietta), lavava-se a roupa e os carros eram guardados. Acima do porão, no andar da entrada, ficavam a cozinha, a sala de jantar, um grande quarto, um salão envernizado em cujas paredes se viam reproduções de gravuras de Rembrandt, Dürer, Piranesi e Picasso. À

esquerda do vestíbulo, abria-se uma sala de estar dramaticamente longa, com um peludo tapete azul, dois sofás brancos defronte um do outro, alto-falantes simétricos de alta fidelidade, um piano de cauda Baldwin e. ao fundo, uma grande lareira alta com um bojo de cobre. A casa sugeria dinheiro aliado a bom gosto. Nas tardes de verão, Harold vinha da estação no seu carro dentro da luz que desaparecia longamente acima da lagoa pardacenta, transbordante ou um pouco seca, de acordo com a maré, e encontrava a mulher, com os cabelos pretos bem penteados e partidos, à espera no mais comprido dos sofás, que não era exatamente branco mas forrado de uma lã iraniana grossa embranquecida até a palidez de areia misturada com cinza. Um disco Glenn Gould ou Dino Lipati tocando Bach ou Schuann emitia galhos claros de som da invisível raiz dentro do armá-

rio da alta fidelidade. Um jarro de martini tinha sido preparado e estava guardado na geladeira à espera do precioso momento da sua chegada diária a casa. O toque de verde do vermute era intensificado pelo verde de folha, hera, amieiro, abeto e azevinho, acumulando-se através das paredes corrediças de vidro. Do lado de fora, no gramado que cintilava à luz declinante quando o sol se aproximava lentamente da distante estação de radar — estranho disco prateado sempre em movimento —, Jonathan, de calções de banho e uma camisa listrada, brincava com Júlia ou algumas crianças dos veranistas das vizinhanças, jogando uma bola de esponja, uma pequena lua esburacada, de um lado para outro através

das hastes que giravam irrigando o gramado. Henrietta, tão simpática e viva de feições quanto a própria Marcia, vestida com a roupa de dormir e de banho tomado, corria para Harold descalça pelo tapete azul. para ser carregada, abraçada e rodada, e Marcia servia dois martínis esverdeados em copos que imediatamente começavam a suar e a bola caía longe e ficava iluminada em meia-lua pelo sol, encharcando-se de água, enquanto as crianças discutiam mudamente para saber quem iria buscá-la e se molharia, e toda a casa, até a borboleta branca extraviada na lareira, sentia-se à beira da felicidade, como uma caixa de música com toda a corda.

Não percebia muita mudança em Marcia. Tinham-se conhecido num verão em Long Island, casando-se no verão seguinte e as coisas tinham corrido, mais ou menos, tão encantadoramente quanto eles haviam previsto. Tinham ambos perto de vinte e cinco anos e eram considerados pelos seus contemporâneos um pouco intelectuais e frios. Descobriram mutuamente que eram sensuais mas deixaram que essa frieza caracterizasse a sua vida conjugal. Nunca discutiam em público e raramente em particular. Cada qual esperava que o outro visse claramente o mecanismo da união de ambos e fizesse sem comentários os descontos e ajustamentos necessários. Ele justificava as *call girls* que de vez em quando procurava como uma questão de higiene. Eram como os comprimidos de aspirina que tomava quando estava com dor de cabeça dentro do banheiro com a porta fechada, sem se queixar a Marcia. Era capaz de acreditar na infidelidade de Marcia, mas como uma espécie de serviço a ele mesmo, para poupar-lhe problemas e acomodá-lo com nova sutileza. Casara-se com ela depois que quase todos os seus amigos já estavam casados. Ele a havia tirado daquela estúpida sociedade endinheirada do Atlântico, na qual ela havia parecido pomposa e frágil. Confiava em que ela sempre

seria dele. Sorridente, ela ergueu o martini. O gim e os brincos tremeram. Harold provou o martini. A frescura era deliciosa.

Embora não parecesse, eram um pouco mais velhos do que a maioria dos seus amigos em Tarbox. Harold tinha trinta e oito anos e Marcia trinta e seis.

Ela parecia ultimamente mais inventiva e solícita. Uma calçada de tábuas precárias, necessitada de reparos todos os anos pela primavera, tinha sido comprada com a terra, pertencendo à velha casa de verão que eles tinham demolido. A calçada descia para um pequeno regato alimentado pelo mar e muito raso para quase todas as lanchas a motor. Ali, na maré alta, entre as margens bordadas de caniços, em água mais quente do que a do mar na praia, eles, seus amigos e os filhos de seus amigos tomavam banho. Agora, naquele verão, à noite, quando a maré estava boa e as crianças dormiam, Marcia tinha dado para convidá-lo para irem tomar juntos um banho sem maio antes de se deitarem. Desciam ao luar por entre urtigas e plantas espinhosas, pisando com cuidado, chegando à velha calçada tão remendada, cujas tábuas de madeiras diversas pareciam as teclas de um gigantesco piano e depois, no cais de madeira estalada e macia, tiravam a roupa e ficavam, marido e mulher, nus e juntos, com arrepios pelo corpo, criando coragem para se lançarem do expectante ar do verão na água negra que se agitava entre os caniços. Ao lado dele, os seios adejantes de Marcia, os braços arqueados, o rosto levantado e cortado pelas pontas negras dos cabelos borbulhavam através da espuma e desciam brilhantes e ágeis. Os milhões de filamentos da água sugavam da ponta dos nervos de Harold os detritos da sujeira da cidade. O nosso primeiro amor, o amor dos elementos, leva-os de volta a um eu mais jovem. Às vezes, na maré alta, como um laborioso elefante ciclópico, uma lancha aparecia, enchendo o canal com o seu holofote e eles,

como aborígines. iam esconder-se embaixo do cais de madeira e ali ficavam dentro da lama cheia de raízes até que a lancha passasse. Depois Harold e Marcia se enxugavam um ao outro. Ela lhe enxugava os órgãos genitais que gotejavam hesitantemente, pensando como os mesmos faziam parte inocentemente do corpo dele, sem constituir uma segunda vida parasitária projetada dele. Quando ela subia à frente pela calçada de tábuas, agarrando as roupas de encontro aos seios, as nádegas dançavam à luz firme da lua. Se se amavam na cama com os corpos salgados e os cabelos molhados, ela lhe elogiava o ardor — "tão impetuoso" — e perícia — "oh, você me conhece tão bem" — como se um padrão de comparação, alguém delicado e desajeitado, houvesse aparecido. E ela exclamava "amo você" com uma nova ênfase, como se o "você" fosse obscurecido pela sombra de um tácito "não obstante".

Quando almoçaram de novo, Janet nada teve para comunicar além de queixas sobre os constantes telefonemas de Marcia com sugestões para que fizessem coisas juntos como casais — iatismo, banhos de mar, tênis, festas. Estava querendo até interessá-la no Comitê de Habitação Decente de Tarbox, que Irene Saltz e Bernadette Ong estavam organizando.

— Eu disse a ela: "Mas não há um só negro na cidade". Ela respondeu: "É justamente isso. Sofremos uma deficiência cultural, os nosso filhos não sabem o que é um negro". Fiquei zangada mesmo e disse: "Não vêem televisão? E depois não me parece justo para o negro trazê-lo para cá, só para que nossos filhos possam vê-lo.

Por que não olham para Bernadette num dia de sol?" Eu não devia ter dito isso. Gosto muito de Bernadette, mas a idéia desse comitê me irrita pelo seu esnobismo. Tudo porque as outras cidades têm um comitê assim. Como se fosse uma banda de música.

Janet pareceu velha a Harold, embora fosse alguns anos mais moça do que ele, velha, de papada no queixo e rabujenta, irritando-se com o que ele sabia que era simples instinto gregário, a sua inocente necessidade de fazer alguma coisa. Mudou de assunto.

— De que era que você e Piet estavam falando com tanto interesse na festa dos Thorne?

A boca em coração, empastada de batom, franziu-se.

— Estava me dizendo que a mulher dele não quer mais nada com ele. Diz isso a todas as mulheres.

— A Marcia nunca disse.

— Porque ela não lhe contou. Piet anda louco há muito tempo para desgarrar e não sei por que ainda não tratou disso. Georgene está mesmo aí à espera dele.

Era fascinante ver os amigos através de janelas inteiramente novas.

— E Freddy Thorne? — perguntou ele cautelosamente, pois havia muito queria saber se Janet tinha dormido com Freddy.

— Freddy é meu amigo — disse ela. — É um homem que compreende as mulheres.

— E só o que você quer dizer sobre ele?

— E só o que eu tenho para dizer. Nunca fomos juntos para a cama. Gosto de Freddy, mas ele é inofensivo. Por que vocês, homens, implicam tanto com ele?

– Apenas porque vocês, mulheres, são gentis demais com ele.

Achando graça em descobrir dentro de si aquela ponta de ciúme, Harold olhou para os dedos que estavam estendidos paralelamente às pratas da mesa e perguntou:

— Acha que os Hanema vão acabar divorciados?

Ele gostava de Angela, uma das poucas mulheres da cidade que podiam falar a língua dele. Gostava da timidez com que ela procurava elevar-se, da maneira

maternal pela qual presidia as reuniões das noites de verão. Todos gostavam um pouco de Angela.

— Nunca — disse Janet categoricamente. — Piet está muito domesticado e tem a consciência muito pesada. Continuará junto da mulher e das filhas, pegando qualquer coisa que lhe passar ao alcance das mãos. O ruim de uma mulher que provoca e não faz nada como Angela é que ela solta o seu homem no mundo e arranja uma porção de complicações para as outras mulheres. Piet pode ser irresistível.

— Você fala como quem sabe, *elle qui sait.*

— Ele tem dado suas entradas, mas nada de sério. Entre outros problemas que tem, Piet é tímido.

— Pobre Piet — murmurou Harold sem saber por que, embora Janet fizesse com a cabeça um sinal de confirmação.

Naquele fim de semana, perguntou a Marcia depois de uma festa, quando ambos estavam bem altos:

— Você me ama?

— Amo, sim, Harold, mas esta noite, não. Estamos ambos bêbados e com sono. Podemos tirar um cochilo a qualquer hora, amanhã.

Amanhã era domingo.

— Não é nisso que estou pensando. O que eu quero saber sinceramente é se, *après douze années três heureuses,* você não está cansada de mim? Nunca pensa no que poderia ser com outros homens?

— Talvez um pouco, mas não muito conscientemente.

Ela estava usando uma camisola de *chiffon* cor de caqui e, quando subiu para a cama, os braços e as pernas morenos lembraram um macaco. Subir para a cama exigia agilidade da parte dela porque a cama era alta. Era dura também porque achavam que um colchão assim era melhor para o amor. O quarto dos Smith Pequenos, tal como eles haviam projetado, era um santuário, um severo espaço sagrado.

A mobília consistia em pouco mais do que duas cômodas de teca, um abajur para leitura embutido na cabeceira da cama, um espelho na porta do armário embutido, um filodendro e, como tapete, o couro de uma zebra que o avô de Harold matara num safári com Teddy Roosevelt. Logo que ela se acomodou, ele apagou a luz. A escuridão era purpúrea e no alto da janela a lua se movia entre nuvens de um lado para outro como o disco de uma pêndula.

— Pode-me dizer que eu não ficarei magoado — disse ele.

— OK. Vá perguntando os homens.

— Já quis algum dia se deitar com Piet Hanema?

— Na verdade, não. Ele me lembra muito um elfo paternal. É

muito paternal e compassivo. Uma vez, em casa dos Guerin, ficamos sozinhos na sala com a lareira grande e ele começou a me acariciar as costas, como se eu fosse um bebê e ele me quisesse fazer arrotar depois da mamada. Acho que Piet gosta de mulheres maiores. Georgene, Bea e eu somos pequenas demais para ele.

— Freddy Thorne?

— Nunca, nunca. É muito viscoso e femeeiro, mas desconfio de que sexo com ele é mais conversa do que outra coisa. Janet reage a ele mais do que eu. Pergunte a ela.

— Você sabe que eu não posso conversar com Janet. O vocabulário dela é intolerável.

— E está ficando pior ultimamente, não acha?

— E Frank?

Diferentes luzes — compridos losangos de luar estendidos no tapete de couro de zebra e, num canto da cama, um filete de luz que se coava do corredor pela porta entreaberta para tranqüilizar as crianças, uma mancha azulada no teto de um lampião em arco na estrada da praia — se levantaram na escuridão enquanto

Harold prendia a respiração, à espera da resposta de Marcia.

A resposta foi dada meio displicentemente, numa voz sonolenta.

— Oh, Frank é um velho amigo e é difícil pensar nele dessa maneira. Além disso, tem um hábito permanente de uísque e sofre de uma úlcera. Não, muito obrigada. — Ainda estudando as luzes que se hospedavam no quarto, ele nada disse. Ela então ajeitou-se na cama e perguntou: — Por quê? Está querendo Janet?

Ele riu um pouco alto e exclamou:

— *Mon Dieu,* não! Aquilo é pura complicação!

— Ela tem sido muito hostil comigo ultimamente.

— Acho — disse Harold, passando o braço pelo corpo dela e, a-ninhando os seus órgãos genitais na curva quentura do posterior de Marcia — que devemos fazer um esforço para não freqüentar tanto os Appleby. Vamos procurar mais os Guerin. Ou talvez gente nova como os Constantine. A mulher parece muito sofisticada.

Marcia não deu resposta. Ele cutucou-a com o braço e ela disse:

— Os Guerin são tão depressivos.

Janet se mostrou mais alegre no almoço seguinte e pareceu cinco anos mais moça. Era um dos dias muito quentes do fim de agosto, quando o verão parece a uma mulher um amante que se afasta e que deve ser amado com completo abandono. Não é mais tempo de preocupar-se com as aparências: o amor não desdenha coisa alguma. O suor mancha a maquilagem e empasta os penteados. Os braços flutuam livremente no ar. As fervilhantes ruas da cidade atopetadas de secretárias têm a voluptuosidade de um serralho. Janet estava com um vestido de algodão sem mangas, estampado, com garças de cabeça para baixo em campo turquesa, e se movia como se nada no mundo natural, sol ou tempestade, pudesse fazer-lhe algum mal. Os pés nus

calçados de sandálias estavam empoeirados e Harold pensou, caminhando ao lado dela no calor por Federal Street, em como seria bom limpar com a boca aqueles dez dedinhos, um por um. Tirou o paletó e pendurou-o nas costas da cadeira como um grosseirão. Tinham ido comer numa cafeteria cujas portas de vidro estavam abertas dos dois lados como os portões de uma comporta. Os barulhos se derramavam em torno dele — descargas de caminhões, tilintar de talheres, pratos pedidos e as palavras da moça diante deles com o rosto redondo suarento e o batom escorrendo.

— Como foi de fim de semana? — perguntou ela.

— Muito bem. E você deve saber. Nós nos vimos a todos os instantes, salvo quando algum de nós tinha de ir ao banheiro.

— Sei disso, e não é tremendamente aborrecido? Frank e Marcia passaram o tempo todo paparicando-se e trocando os olhares mais melosos do mundo.

— Você está exagerando.

— Não me encha o saco, Harold. Frank fica absolutamente frenético quando não pode conseguir Marcia para fazer dupla com ele no tênis. E, quando estão jogando um contra o outro, ele rebate sempre para ela bolas tão fáceis e tão besuntadas de pieguismo que me dá vontade de vomitar. E ele está sempre "passando" por sua casa. "Vou passar pela casa de Smith para pegar Frankie." "Passei pela casa dos Smith para deixar as obras completas de Shakespeare e eles me fizeram entrar para tomar um drinque." Acontece que eles quer dizer Marcia apenas e que você estava na cidade numa reunião dos republicanos. Harold, por que é que você é tão conservador?

Isso é apenas uma pose.

Ele suportou essa tirada com prazer, como se fosse uma massagem ou uma chuveirada.

— Mas você nada tem ainda de definido.

— Não sei o que você vai considerar definido. Harold, você não compreende que ele sabe demais das coisas? Sabia que vocês iriam ao concerto da Sinfônica no sábado à noite com os Gallagher. Sabia que Júlia deslocou o ombro mergulhando do cais na quinta-feira.

Quando eu falo com Marcia e depois digo a ele o que ela me disse, ele nem se dá ao trabalho de me escutar porque já sabe de tudo.

Sabe, por exemplo, que você e ela vão tomar banho nus em pêlo no seu cais e que depois trepam.

— Mas todo mundo não sabe disso? Pelo menos, da parte do cais?

A outra parte nem sempre acontece.

— Como é que todo mundo iria saber? Acha que ninguém tem mais nada que fazer senão espiar vocês na lagoa com binóculo?

— Marcia poderia ter dito a Bea, a Georgene ou mesmo a Irene.

— Por que então não me disse nada que sou considerada a melhor amiga dela? Quem me diz é Frank.

— Perguntei a ela uma noite destas se ela estava tendo alguma coisa com Frank.

Janet deu uma dentada no sanduíche e olhou para ele.

— E que foi que ela disse?

— Não me lembro exatamente do que ela disse. Estávamos ambos com muito sono. Mas disse que ele era um velho amigo e sofria de uma úlcera.

— Pois isso é ainda melhor razão. Não há mulher que não tenha um complexo de enfermeira. E por que não se pode dormir com um amigo? E melhor do que dormir com um inimigo. Nunca pude compreender por que as pessoas ficam escandalizadas quando um homem dorme com a mulher de seu melhor amigo. É evidente que a mulher de seu melhor amigo é a que ele vê com mais freqüência.

— De qualquer modo, ela me convenceu — disse ele, tentando expor as razões do seu coração. — Não vivemos tão infelizes que ela tenha vontade de me fazer uma sujeira.

— Muito bem. Ela é pura como Branca de Neve e as manchas nas cuecas de Frank são simples acidentes naturais. Vamos esquecê-los.

É melhor falar de nós. Por que você não gosta de mim, Harold? Eu gosto de você. Gosto do jeito de seu nariz terminar em duas pontas como um morango mais claro. Por que não tira uma folga esta tarde e não vai comigo até Newbury Street para olharmos os quadros? Você entende de pintura. Que história é essa de agora pintar quadros como se fossem historietas em quadrinhos?

Ela colocou a mão com a palma para cima sobre a mesa. Estava úmida, como um pires rosado e enrugado de suor sobre a fórmica salpicada de prata. Quando ele colocou a mão sobre a dela, o gesto entre o barulho e a confusão da cafeteria pareceu imensamente cheio de significação. Duas grandes mãos brancas que se juntavam como as duas metades de um sanduíche para anunciar o amor. Com a outra mão, ela colhia pedaços de presunto no prato com o resto do pão.

— A idéia é maravilhosa — disse ele —, mas, infelizmente, não posso. Temos de ir para o Maine na sexta-feira, depois do feriado de amanhã, de modo que só me resta um dia no escritório. Tenho muito que fazer esta tarde. O que você quer saber se chama arte pop.

— Vai então passar o fim de semana todo fora?

Ela retirou a mão para limpar as pontas dos dedos, uma por uma, com um guardanapo de papel. O rosto parecia desolado. A sombra dos olhos tinha corrido, dando-lhe um ar teatralmente cansado.

— É verdade — disse Harold. — E vamos passar mais uns dias depois do feriado e eu vou sentir falta do almoço com você na semana que vem. *Je regrette.*

— Vai sentir mesmo? — Despedindo-se, aquela mulher afogueada com as garças de cabeça para baixo disse, com um gesto do braço bem feito de nadadora: — Divirta-se com Marcia.

O tom foi insolente. Saíram, então, cada um por um lado da cafeteria, ela para pegar o carro marrom da Garagem Subterrânea, ele para o seu escritório na Praça do Correio, feliz por ver-se livre.

A casa da família no Maine ficava à beira de uma baía mosqueada azul repleta de velas brancas, bóias que dançavam e surpreendentes rochedos que surgiam da água quase no mesmo ângulo, indi-cando uma convulsão geológica milênios antes. Os rochedos maiores ostentavam relva e arbustos e eram, portanto, ilhas. A água era muito fria e as praias, muito diferentes das intermináveis dunas de Tarbox, eram minguados pedaços de seixos e de um cascalho pardacento que se espalhava com o ancinho. Entretanto, Harold, que durante todo o verão só ia uma ou duas vezes à praia de Tarbox, nadava ali todas as manhãs antes do café. Sentia-se muito feliz no Maine. Comia a lagosta com salada de batatas que a mãe colocava à sua frente e lia livros de mistérios e narrações de viagens em brochuras velhas e meio esfarrapadas, andava de barco ao açoite das ondas, pilheriava muito com as irmãs e os cunhados e dormia como uma pedra, depois de ter feito amor com Marcia como um marinheiro depois de meses no mar. Ela parecia a sua prostituta. Agachava-se e gemia por cima dele, com os bicos dos seios a provocar-lhe os lábios. Chegava-se a ele ganindo como uma cadela. Era uma novidade essa qualidade de prostituição, essa disposição a fazer-lhe todas as vontades e a conseguir o seu prazer como uma subdivisão do prazer dele. O corpo firme e macio tinha perdido toda a vergonha mas não revelava mais, como tinha acontecido em momentos passados e mais recatados, as pétalas íntimas mergulhadas em

abandonado néctar. Ela se mantinha um pouco rígida e seca. Ele não queria saber da origem dessa transformação na química de Marcia, porque a achava um melhoramento. Havia necessidade de menos tato e menos autocontrole da parte dele. Por isso mesmo ele talvez tivesse abusado dela, porque, do meio para o fim do seu período de fé-

rias, ela se negou a ele. Disse depois a Frank que não pôde mais suportar o contato confiante das mãos de Harold. "Tive a impressão de que era um desconhecido lascivo que procedia como se me estivesse pagando." Tê-lo dentro dela era desagradável "como um bocado de comida que eu não pudesse engolir". Talvez, no Maine, Marcia tivesse feito experiências bem sucedidas com a corrupção. Tendo dentro dela como um dispositivo anticoncepcional o conhecimento do seu amante, ela infligira ao marido uma sensualidade desenfreada e se decepcionara com a ansiosa submissão que encontrara. Ela compreendeu que podia servir a vários homens numa cama, a muitos homens numa noite — e que essa possibilidade fazia parte da sua natureza — e, em vista disso, atirou se ao amor exclusivo de Frank.

Estar com Harold perdeu de repente toda a seriedade. O que faziam com o corpo um do outro tornou-se de repente tão trivial como defecar e foi só meses depois, quando a maneira dele levava a carga de uma tensa ameaça de abandoná-la, que a maldição da repugnância se afastou das suas relações físicas.

Os Smith Pequenos voltaram para Tarbox na quinta-feira à noite. Harold sabia que tinha interrompido abruptamente a série de encontros com Janet e duvidava, sem pesar consciente, de que os encontros fossem continuar. A hipótese dele estava errada e talvez nunca fosse mais do que um pretexto. Fora criado em companhia de três irmãs e isso o deixara com um pouco de respeito pela mentalidade feminina. Tinha visto as

irmãs se transformarem de pequenos animais que viviam gritando e lutando em criaturas fingidas, condenadas a assegurar a sobrevivência sem agressão declarada, com uma sensibilidade necessariamente mórbida. Janet era, na melhor das hipóteses, alguém que não raciocinava bem e, na pior, uma paranóica. Na hora de engordar e perder a beleza, ao lado de um marido bilioso e aborrecido, voltara-se em desespero para um homem que não estava absolutamente desesperado. Os corretores estavam habituados a fazer a sua colheita com bom e com mau tempo e Marcia havia demonstrado uma nova versatilidade e violência no seu amor por ele.

Esperava que Janet telefonasse para o seu escritório na sexta-feira e, quando não houve telefonema, ficou aborrecido de ver com que ansiedade o esperara. Durante todo o dia, enquanto escavava através do montão de correspondência à sua espera e de obsoletas flutuações do mercado, um sinal do espaço exterior ficou a ressoar no seu ouvido interno. Lembrava-se da estranha maneira de ela usar os vestidos, até que eles se lhe desprenderam do corpo e ficaram a esvoaçar na sua visão mental. Talvez se vissem naquele fim de semana. Tinha a esperança de que ela fosse provocar uma cena. A indignação dele era tão... frívola. A secretária perguntou por que ele estava sorrindo.

Na manhã de sábado Marcia foi de carro até o centro de Tarbox para falar com Irene Saltz sobre o grupo da Habitação Decente.

Marcia tinha concordado em figurar no comitê de educação, cuja principal realização até aquele momento tinha sido oferecer à biblioteca da escola secundária uma assinatura de Ebony, a revista dos negros.

— Posso me demorar, você bem sabe como ela fala. Quer almoçar e dar almoço às crianças se eu não estiver de volta ao meio-dia?

Há pastrami na geladeira que você pode esquentar. As instruções estão no pacote. O importante é ferver a coisa sem tirar o celofane.

Tinham tomado uns drinques com os Thorne e os Hanema na noite anterior e Harold se contentou em trabalhar ativamente pela casa, guardando as coisas do verão, dobrando a piscina de plástico vazia e dilacerada, enrolando a mangueira e tirando do jardim as hastes de irrigação. Jonathan pegou uma bola num armário e ele e Harold jogaram-na um para o outro até chegar um companheiro de jogos, o rechonchudo Frankie Appleby, em companhia da mãe. Janet usava slacks de brim azul, uma blusa de jérsei listrada de laranja e um suéter de cashmere cor de pêssego pendurado nos ombros como um manto.

— Onde está Marcia? — perguntou ela, mal os meninos se afastaram do jardim.

— Na cidade, conferenciando com Irene. E Frank?

— Disse-me que ia cortar o cabelo, mas não quis levar Frankie porque podia passar pelo *drugstore* e ter de discutir política.

Ela riu ironicamente, com um som eqüino, e bateu o pé nervosamente. Estava encolhida sob uma campânula radiante e a luz límpida e forte de setembro se estendia por quilômetros em torno dela até a margem das lagoas, até a península repleta de bangalôs de East Mather e o disco fantasmal do radar, voltado para o norte. Janet estava de olhos fundos e pálida, repleta de agitação nervosa, uma repleção superficial e sem controle.

— Você acha que ele mentiu? — disse Harold.

— Claro que mentiu. Mas temos de ficar aqui fora? O sol está incomodando.

— Pensei que você gostasse do sol, que fosse *une amoureuse du soleil.*

— Hoje não. Estou aborrecida com o que tenho de fazer.

— A quem?

— A você.

Harold abriu para ela a porta que do jardim dava para a parte baixa da casa, onde as crianças dormiam e se lavava a roupa. Havia na lavanderia um cheiro de cimento e sabão, acompanhado naquela manhã por um cheiro azedo de roupas sujas amontoadas em cima do secador. As ferramentas de jardinagem e carpintaria e as prateleiras de tinta, sementes e cal estavam arrumadas junto à parede do outro lado, que cheirava a gasolina do cortador de grama mecânico.

Entre essas fragrâncias, Janet tomou uma decisão e disse.

— Enquanto você estava no Maine, a transmissão de meu carro quebrou e eu tive de ir fazer compras no Corvair de Frank. Gosto de comprar algumas coisas em Lacetown, e, quando ia voltando, aquele velho guarda atencioso de Lacetown, o que tem um dente de ouro, sabe?, me fez parar por ter avançado o sinal. Fiquei louca de raiva, pois estava quase em Tarbox, onde a polícia nem se incomoda com a gente. Bem, o caso foi que abri o porta-luvas para procurar os documentos e ali, debaixo de uma porção de mapas, encontrei isso.

Tirou da bolsa um pedaço de papel meio amarfanhado, dobrado duas vezes. Harold reconheceu a borda anilada do papel de cartas que Marcia usava. Esse papel tinha sido dado a Marcia como um presente de casamento por uma tia de Southampton. O papel tinha as suas novas iniciais e havia caixas dele. Marcia tinha rido, achando aquilo muito pretensioso e a verdadeira essência de tudo aquilo de que queria fugir casando-se com Harold. Usava-o tão raramente, depois de ter escrito as cartas em que agradeceu os presentes de casamento, que depois de onze anos havia ainda grande quantidade do papel. Chegou a pensar que Janet roubara aquela folha, pois era tão difícil Marcia escrever alguma coisa

naquele papel. Estendeu a mão mas Janet não lhe entregou logo o papel.

— Tem certeza de que quer mesmo ler?

— É claro.

— É tremendamente revelador.

— Deixe de conversa. Dê-me logo isso.

Ela cedeu, murmurando:

— Você não vai gostar.

A letra era de Marcia e a carta dizia:

"Querido Frank, a quem quero mas não posso chamar de muito querido:

Estou chegando da praia e lhe escrevo esta carta rápida para ficar com você enquanto eu estiver no Maine. Vim de carro para casa da nossa visita de Nahant, levei as crianças para a praia e.

quando estava ali, o sol desprendeu de minha pele o seu cheiro e eu murmurei: 'É ele'. Cheirei as mãos e encontrei você de novo.

Fechei os olhos e estendi-me ao sol enquanto Irene e Bernadette conversavam e as crianças gritavam dentro do mar — as ondas estavam excepcionalmente fortes hoje. "Sinto que deixei você triste hoje. Sinto muito que o telefone tivesse tocado — como se jogassem água gelada em cima de nós — e que eu o tivesse provocado a ficar mais tempo comigo. Sei que sou provocante mesmo. Perdoe-me e acredite que eu adoro os nossos encontros por mais insatisfatoriamente abreviados que sejam, e que você me deve aceitar como puder, sem preocupações nem sentimentos de culpa. Não é só tecnicamente que o amor se satisfaz. Pense em mim que estarei no Maine, desejando você ao meu lado e feliz mesmo com esse desejo, meu 'pássaro de lascívia'.

Com amor e pressa, M".

A assinatura era dela, o "M" anguloso com três traços bem marcados, mas o texto da carta era escrito com uma fluidez não muito familiar, como se estivesse

bêbada ou em transe — mas já havia anos que ele não examinava a caligrafia dela. Levantou os olhos da carta e o rosto de Janet estava mostrando toda a desolação que ele ainda estava esperando sentir.

— Bem — disse ele —, há muito que tenho vontade de saber em que é que as mulheres pensam quando tomam banho de sol.

— Oh, Harold — exclamou ela —, se você pudesse ver a sua cara.

Correu para ele e atirou-se ao seu despreparado abraço com tal ímpeto que ele teve de afastar a carta de Marcia para não ficar inteiramente amarrotada entre eles dois. O papel com a sua borda azul caiu no chão de cimento. Na outra parede, o jardim ensolarado inundava a janela de um alinhavo dourado, como um quadro de Wyeth.

O peito e os quadris de Janet, almofadas ensopadas e compaixão, comprimiram-se contra a borda esmaltada do secador. Estava emaranhado na confluência de lágrimas frias com hálito quente. Ele lhe beijou a boca escancarada, o pó sulcado das faces, as protuberâncias tímidas dos olhos fechados. O corpo dela era da altura dele e os dois se arrastaram para o chão, caindo sobre um montão de roupa suja, pontas esvoaçantes de mangas de camisa e de calças de pijama, com o chão duro debaixo deles como um osso úmido. Em soluços, ela tirou o suéter e a blusa de jérsei listrada de laranja e, num momento de raivosa tensão, desabotoou o sutiã e os seus seios branco-azulados caíram pelo próprio peso, grandes demais para ficarem presos, saíram como roupa para lavar da entornada cesta de si mesma, com os botões dos bicos e veias de um verde de algas.

Ele estava embaixo. As unhas frias de Janet contemplavam os lados tensos da boca de Harold que a chupava e, de vez em quando, um de-do lhe procurava curiosamente a língua. Harold abriu os olhos para ver

que a grande janela que dava para o jardim estava compactamente dourada, sem sombra de crianças que espiassem. As vozes soavam de uma distância sem perigo lá para os lados do cais. O rosto dele estava meio pousado em roupas que cheiravam um pouco a sua família, Jonathan, Júlia, Henrietta e Marcia. Estava deitado sobre fantasmas que havia inocentemente suado. Janet tateava com os dedos pela sua braguilha e ele achou os dentes de insetos do fecho escondido num lado do corpo dela. Sizzizic… Puxou o fecho e o pequeno ruído seco e assustado os fez voltarem a si.

— Não — disse ela. — Não podemos. Aqui não.

— Mais um beijo — pediu ele.

Ela tinha na boca uma umidade, enquanto os seios dela lhe transbordavam das mãos, uma umidade cujo horizonte a língua dele queria alcançar.

— Isto é uma loucura — disse ela, ajoelhando-se no cimento e aprisionando os seios em taças de renda preta que o fizeram recordar os panos rendados que a avó dele usava em Tarrytown. Era o la-do dela da família que tinha conhecido Teddy Roosevelt, o homem que fora caçar com o avô. — As crianças podem aparecer a qualquer instante — disse Janet, vestindo a blusa. — E Marcia pode voltar.

— Nada disso. Ela e Frank devem estar agora copulando à vontade.

— Acha que eles vão fazer isso hoje?

— Por que não? Um grande encontro, com ela de volta do Maine com o monstro carnudo. *Avec le coucou*. Prepararam tudo conosco para ficarem ausentes durante horas. Corte de cabelo. Habitação decente.

Ela ajustou o suéter, que ficou parecendo outra vez uma capa.

Ficando de pé, limpou os joelhos dos slacks. Ele continuou estendido sobre a roupa suja e ela o olhava, como uma compra que parece diferente em casa do que era na loja. Perguntou:

— É verdade mesmo que só agora você começou a suspeitar dela?

— Não. Nunca pensei que ela tivesse coragem para tanto. Quando me casei com ela, não passava de um ratinho medroso. Mas parece que minha menina cresceu.

— Não está revoltado?

— Estou é desolado. Mas falemos de você.

Ela ajeitou as roupas com pensativa firmeza.

— O que aconteceu agora foi uma coisa puramente instintiva.

Não conte comigo para coisa alguma.

— Mas não posso deixar de te contar. Adoro você. *Ta poitrine, elle est magnifique.*

Como se o elogio houvesse aderido, ela tirou um fiapo da blusa de jérsei.

— Já não são o que eram. Você devia ter-me visto era quando eu tinha dezenove anos.

— São maravilhosos. Por favor, vamos lá para cima.

Achou que era delicado levantar-se para fazer o convite. Assim, o momento de amor deles ficou reduzido a um montão amassado de roupa suja. Tendo-se rendido à evidência, ele estava à mercê dela.

— É impossível. As crianças — disse Janet, esboçando desajeitadamente com as mãos múltiplas considerações.

— Não poderemos nunca estar juntos?

— E Marcia e Frank?

— Que é que tem? Estão-nos fazendo algum mal? Não podemos honestamente dar-nos o que eles se dão um ao outro?

— Não sou tão fria assim, Harold. Tenho uma natureza muito ciumenta e moralista. Quero que eles sejam punidos.

— Todos nós seremos punidos, seja qual for a maneira pela qual as coisas se passem. A punição é uma das regras da vida. As pessoas são punidas por serem boas e são punidas por serem más. Um homem em nosso

escritório tomou comprimidos de vitamina a vida inteira e outro dia caiu de repente duro no elevador cheio de beberrões de boa saúde. As pessoas são punidas até por não fazerem na-da. Há freiras que morrem de câncer no útero porque não fizeram nada com ele. Quais são as suas intenções comigo? Pensei que me estivesse oferecendo alguma coisa...

— E estava, mas...

— Aceito.

– Tive pena de você. Não sei bem o que me deu. Harold, isso é corrupto demais. Que é que vamos fazer agora? Contar tudo a eles e combinar uma escala de trocas todas as noites?

– Você está tirando da coisa todo o romantismo. Dizer a eles para quê? Primeiro, precisamos ter alguma coisa para dizer. Vamo-nos encontrar e ver como serão as coisas. Não sente curiosidade?

Você me obrigou a querer você, sabe disso? Você é que me perseguiu nas ruas de Boston com os seus vestidos de verão provocantes. Você não me quer por mim mesmo nenhum pouquinho, Janet? Não sou senão uma maneira de você se vingar de Frank?

Ele passou a mão pela curva do seio esquerdo e, depois, pela do direito. A transformação que se estampou no rosto dela mostrou que era aquele o caminho. Tocá-la, não parar de tocá-la. Os seios dela estão caindo e querem ser acariciados. Não lhe dar tempo de pensar. Ela tem raiva do que sabe e não quer a oportunidade. Não parar.

Ela falou pausadamente, experimentando o céu da boca com a ponta da língua e pegando em todos os botões da camisa dele de cima para baixo.

— Frank vai a Nova York no princípio da semana que vem — disse ela.

— *Quelle coincidence*! Marcia está falando também em ir ao concerto da Sinfônica na terça-feira, resolver

uma porção de casos na manhã de quarta-feira e talvez passar a noite na cidade. Creio que ela deve ser estimulada a fazer isso, não acha? Pobre santa, quanto sacrifício!

Janet olhou por cima do ombro, com a boca, cujo lábio superior mais comprido e arrebitado não se ajustava de maneira tão encantadora com o lábio inferior, tristemente franzida.

— O caso está mesmo nesse ponto? Passam noites inteiras juntos?

— Que é que vamos fazer? — perguntou ele, dizendo a si mesmo: Não pare. — É um luxo adormecer ao lado da pessoa amada. *Un luxe.*

Não vamos recusar-lhes isso.

Continuou a acariciá-la.

— Sabe de uma coisa — disse Janet —, eu gosto de Marcia. Vive alegre, tem sempre alguma coisa para dizer e me tem ajudado muitas vezes nas horas em que me sinto deprimida. O que mais me aborrece não é tanto Frank — não temos vivido muito bem na cama nestes últimos anos e o pobrezinho precisa divertir-se — mas o fato de que ela tivesse feito isso a mim.

— Ouviu o que disse sobre a noite de terça-feira?

— Ouvi.

— Quem de nós deve arranjar quem tome conta das crianças?

Assim, naquele outono, Harold e Janet dormiram juntos sem que Frank e Marcia soubessem. Harold achou a princípio sua amante muito lenta; o orgasmo dele, irresistivelmente estimulado pela riqueza visual dela, era sempre prematuro. Só na sexta vez em que estiveram juntos, numa hora roubada no quarto dos hóspedes dos Appleby, sob uma prateleira de objetos de templo chinês e de pergaminho herdados do pai de Frank, Janet conseguiu o seu orgasmo desprendendo Harold por completo das suas raízes na sua colossal satisfação, a tal

ponto que ele no fim riu de alívio por ter sobrevivido, tendo sentido, num instante alarmante, que não era mais nada senão um coração a bater trovejantemente perdido dentro dela.

Gostava de olhar para ela, para a unidade da sua nudez feita de tantos matizes de creme, rosa e lilás, para as solas amarelas dos seus pés, para as suas veias de um verde de alga e para o alabastro da sua barriga. Encontrou nela uma moléstia e uma esquivança que lhe nutriram a afeição, porque lhe agradava o papel de professor, de entendido. Gostava de ficar sentado ao lado dela e estudar-lhe o corpo até que ela, cansada de encolher-se, aceitava serenamente o olhar dele como se fosse o modelo de um pintor. Julgava que a estava instruindo sobre a própria beleza, que ela tinha acabado por depreciar, embora a sua rudeza e pretensão a houvessem claramente presumido outrora, sentindo que era a mesma beleza de quinze anos antes, quando ela tinha tido a idade do mulato de Saint Louis. Harold acreditava que a beleza era o que acontecia entre as pessoas, era de certo modo o sinal do que havia acontecido, de tal modo que a achava, embora levemente enrugada, gorda e flácida, mais bela do que a mocinha sem uso cujas ruínas ela julgava estar habitando. Essa generosidade de percepção se voltava sobre ele. Quando estava deitado com Janet, derramando-se em elogios, Harold sentia-se como se um ardente tumor de vida eterna estivesse consumindo as células da sua mortalidade.

No outono de 1962 os dois casais estiveram extaticamente, escandalosamente unidos, Frank e Marcia se encantavam de ver-se juntos com tanta freqüência sem se esforçarem para isso. Janet e Harold pilheriavam em particular sobre os estratagemas já então transparentes dos dois amantes. Essas pilhérias começaram a aparecer nas suas conversas a quatro. Ao

ritual da comida que se ia buscar nas noites de domingo tinham sido acrescentadas reuniões nos dias de semana, drinques prolongados em jantares improvisados sob o pretexto de levar as crianças (Frankie e Jonathan se detestavam mutuamente e Catharine era muito menina para corresponder ao desajeitado tratamento maternal de Júlia e de Henrietta) de uma casa para outra. Enquanto as mulheres cozinhavam, se agitavam e se arrumavam em torno deles, Frank e Harold, com incansável pertinácia alcoólica, discutiam Shakespeare, história, música, as incertezas do mercado, monopólios, a fusão tácita dos empresários e do governo, as batalhas de Kennedy com Cuba e a indústria siderúrgica, a semelhança entre a formação de Kennedy e as deles, as diferenças, o passado de ambos, os pais, a revolta, seguida de compreensão e finalmente de amor pelos pais, a antipatia e o medo inspirados pelas mães, sexo, a visão do mundo como um lugar onde era preciso fazer um trabalho insensato para custear prazeres passageiros. "A maturidade é tudo", dizia às vezes Frank quando o silêncio afinal abria as asas sobre as quatro cabeças que rodavam intoxicadas por uma intensidade de amizade jamais conhecida desde a infância.

Ou Janet dizia, sabendo que se esperava dela alguma coisa escandalosa:

— Não sei por que é que acham o incesto uma coisa tão errada.

Por que há um tabu tão grande sobre isso? Muitas vezes tive vontade de dormir com meu irmão e eu sei que ele não se importaria de dormir comigo. Costumávamos tomar banho juntos e ele um dia ficou duro e fez uma coisa em minha barriga que eu pensei que estivesse urinando. Ele agora está dirigindo o laboratório de antibióticos de meu pai em Buffalo e não podemos.

— É justamente essa a razão, querida — disse-lhe Harold, inclinando-se sobre a mesa redonda, de couro, de café na sala iluminada por uma lanterna dos Appebly. — É por isso que é tabu. Porque todo mundo tem vontade de fazer isso. Exceto eu. Eu tinha três irmãs e, se fizesse alguma coisa com uma, as outras duas ficariam criticando. *Trois soeurs est trop beaucoup.*

Marcia sentiu uma causa à sua frente e levantou o corpo, dizendo:

— Li outro dia que os Ptolemeus, aqueles tais metidos a faraós, casavam irmãos com irmãs, a torto e a direito, e não nascia nenhum aleijado. Por isso, eu penso que todo esse medo da consanguinidade é puritanismo.

Os brincos dela cintilavam.

— Os gatos fazem isso — disse Frank. — Os gatos da mesma ninhada vivem trepando.

— Mas os gatos que trepam são sempre irmãos? — perguntou Janet.

— Conversei uma vez com um banqueiro — disse Harold, que parecia empenhado em contrariar Marcia — que fez muito financiamento para os amish em Lancaster, na Pensilvânia, e ele me disse que as pessoas dessa seita são muito pequenas. *Petites, trés petites.* Ficam menores de geração para geração. Ai está o resultado da endogamia, Marcia. Não são maiores do que você.

— Ela é de muito bom tamanho — disse Frank.

— Estou de acordo com você — disse Marcia. — Tive um irmão sonhador mais moço, que tocava oboé e era pacifista. Seria muito bom ter-me casado com ele e não ter de explicar todo o tempo que a gente é como é. Ter-me casado com alguém a par de todas as brincadeiras da família e sensível a todas as suas fases. Não como esses dois palermas.

— Vice-versa — disse Harold, insistente —, sabe por que os americanos são cada vez maiores? Não se pode

explicar isso apenas pela nutrição. Exogamia. As pessoas se casam longe do lugar onde nascem. Vão procurar mulher do outro lado do continente, em Denver, em Saint Louis.

— Por que Saint Louis? — perguntou Marcia. — Denver eu posso compreender.

Harold continuou, aborrecido com o seu descuido (nenhuma das duas mulheres sabia da mulata, mas Frank sabia).

— Os genes são frescos. Fertilização híbrida. O conselho "Ama o teu próximo" é biologicamente desastroso. Como tantos outros.

— O conselho é para amar, não para se deitar com o seu próximo — disse Janet.

— Quero meu irmão sonhador — disse Marcia, servindo-se de um pouco mais de *bourbon* e fingindo voz de choro.

— A maturidade é tudo — disse Frank, ao fim de um silêncio.

Ou então se sentavam em torno da mesa marchetada da sala dos Smith Pequenos com a sua iluminação direta e ficavam vendo Harold, de mãos nuas, gesticulando, reger discos do Tristão, de Wagner, da Flauta Mágica, de Mozart, ou da Missa de Réquiem, de Britten.

Frank Appleby só gostava de música barroca e ficava ali estupidificado, com os olhos avermelhados e a barriga saliente doente, enquanto Harold, bracejando como um guarda do trânsito japonês, ia buscar o som de um triângulo no fundo da orquestra ou fazia gigantescos movimentos de abraços assinalados em oceanos ondulantes de cordas. Janet olhava de curiosidade. Que poderia ela estar vendo de interessante naquela coisa de maníaco? Como poderia uma mulher que dormia todas as noites na mesma cama com Frank ter algum interesse ainda que remoto por aquela patética vazão dos desejos de Harold? Uma noite, depois que os Appleby tinham

saído, ela perguntou a Harold: — Você está dormindo com Janet?

— Por quê? Você está dormindo com Frank?

— É claro que não.

— Neste caso, eu não estou dormindo com Janet.

Ela tentou um novo meio.

— Será que você ainda não está cansado dos Appleby? Que foi que houve com nossos outros amigos?

— Os Smith Grandes se mudaram para Newton.

— Eles nunca foram nossos amigos. Estou falando nos Thorne, nos Guerin, nos Saltz, nos Gallagher e nos Hanema. Sabe o que foi que Georgene me disse outro dia? Matt encontrou um pretendente para a casa dos Robinson, que Angela queria. É um casal de Cambridge.

— Como é que Georgene consegue tantas informações? Ela está ficando uma verdadeira especialista em matéria de Hanema. *Une vraie spécialiste.*

— Não acha que Freddy e Angela se gostam?

— *Tu es comique* — disse Harold. — Angela será a última pessoa da cidade a prevaricar. Depois de você, é claro.

— Você acha que Georgene tem alguma coisa com Piet?

— Bem, ela tem um sorriso muito indulgente quando olha para ele.

— Como o de Janet quando olha para você?

— *Tu est trop comique*. Ela tem duas vezes o meu tamanho.

— Mas você tem...

— Partes grandes?

— Idéias esquisitas, era o que eu ia dizer.

Os outros casais juntaram os dois nomes e começaram a chamá-los os Applesmith. Angela Hanema, que nunca sonhava, sonhou que tinha ido à casa dos Appleby, levando um bolo. Na varanda, com a sua

lanterna hexagonal de boas-vindas, compreendeu que não podia entrar pela porta da frente porque a casa estava cheia de convites de casamento. Marcia Smith Pequeno apareceu no lado da casa de short balançando na mão um taco vermelho de cricket e disse: "Está tudo certo, minha querida. Vamos ser muito felizes". Todos então, uma verdadeira multidão, começaram a caminhar por um caminho que parecia o do cais. Angela levava ainda o bolo na palma da mão e disse a Frank Appleby: "Mas você pode ajeitar as apólices de seguros?" Era muito estranho porque Angela nunca se incomodara com seguros. Piscando os olhos, gargantuescamente, ele lhe assegurou: "Vou colocar no mercado uma emissão de títulos". E só disso pôde ela lembrar-se, salvo que os dois lados do caminho estavam cheios de violetas, jacintos e pequenos lírios azuis. Tomou café no dia seguinte com Georgene depois do jardim de infância e, sentindo-se inquieta nos últimos tempos com Georgene, contou-lhe nervosamente o sonho. Georgene contou a Bea e a Irene, ao passo que Piet, que tinha sabido do sonho na hora do café da manhã, contou a Matt no escritório. Assim, Bernadette Ong ouviu o sonho de duas fontes, de Irene numa reunião da Habitação Decente, e de Terry Gallagher depois de um ensaio da Sociedade Coral de Tarbox-North Mather-Lacetown. Os cantores sedentos em geral iam tomar uma cerveja em casa dos Ong.

Mas foi Bea, cuja malícia era inseparável da sua tendência a flertar, por sua vez inseparável de sua esterilidade e do seu gosto pela bebida, quem disse a Marcia. Esta ficou confusa e não achou graça. Não acreditava nem por um momento que Janet e Harold estivessem dormindo juntos. Não achava que Harold fosse capaz disso. Um certo receio de Janet, como lhe inspiravam todas as mulheres grandes, tinha sido acentuado pelo fato de amar o marido daquela mulher. Não havia suspeitado de que de fora os casais pudessem

parecer iguais em cumplicidade. Sentiu-se escandalizada e amedrontada. Contou a Harold e ele riu. Contaram aos Appleby juntos e foi Janet quem riu, enquanto Frank se mostrava aborrecido.

— Por que essa gente não se mete com a sua vida suja?

— Em lugar de se meterem com a nossa vida suja? — disse Harold jovialmente, levantando a ponta dupla do nariz como se fosse, pensou Marcia, um traseiro de abelha.

— Veja lá como fala! — exclamou Marcia, espinhada.

— Calma, *mon petit chou* — disse-lhe Harold. — Angela não tem culpa dos sonhos dela. Ela é a mulher mais sublimada que nós conhecemos. Bea não é culpada de provocar você com isso. O marido bate nela, ela não pode ter filhos e tem de conseguir uma compensação seja lá como for.

— Ela deve pedir para apanhar — disse Janet preguiçosamente.

Ela escolheu Roger e, portanto, deve ter sido o que ela queria.

— Mas isso acontece com todos — disse Harold. — *Tout le monde.*

Conseguimos o que inconscientemente queremos.

Marcia protestou.

— Mas eles devem pensar que nós fazemos tudo, o que me parece uma indignidade da parte deles. São incapazes de compreender uma simples amizade.

— É difícil imaginar — disse Harold, pensando que talvez sorrir fosse demais. Estavam todos sob intensa pressão. Olhou para Janet, reclinada sonolentamente com um cigarro na poltrona amarela de espaldar alto dos Appleby com a blusa de seda vincada pelos reflexos da poltrona e a saia negligentemente levantada, mostrando o alto das meias e as ligas bem como um pedaço de carne macia e conhecida, e pensou como seria fácil e

direito levá-la naquele momento para o andar de cima, enquanto aqueles dois acabavam de beber e iam também para a cama.

— Estão com fome — disse Frank. — A vida conjugal deles azedou e eles pensam que tudo que lhes faz cócegas no nariz é champanha.

Gostamos de repousar na companhia uns dos outros e não devemos tomar conhecimento deles. — Pigarreou para fazer a citação. — "Os mutáveis e malcheirosos muitos."

Essa conversa evocou uma noite maliciosa para todos eles. Os olhos de Marcia, voltados para Frank, estavam escuros, tão escuros como estrelas muito densas para deixar que a luz escapasse e se sentia como um poço formado para receber aquele homem de sangue lento e mão macia cuja fala, depois que ela era amante dele, adquiria cada vez mais cor e dignidade shakespearianas. Tudo que lhes faz cócegas no nariz é champanha.

Os Smith Pequenos saíram à uma e meia e atravessaram a cidade, cujas luzes livres das folhas em novembro pareciam cochichar coisas a respeito deles. Da janela do quarto, a lagoa e os canais que se ramificavam, entre sulcos e tufos de vegetação, compunham uma paisagem lunar e a lua que espiava do alto parecia uma Terra inteiramente no espaço. Agitadamente, contritamente se amaram, enquanto a quilômetros de distância, do outro lado da cidade desfolhada, o outro casal, também nu, fazia o mesmo como que num espelho.

A confissão plena esperou até o inverno. A neve caiu cedo no New Hampshire e, durante as férias de Natal, os Hanema, os Appleby, os Thorne, os Gallagher e os Smith Pequenos foram ao norte para esquiar com os filhos mais velhos. A tabela de notícias do pavilhão de hospedagem mostrava muitas fotografias do lugar no inverno, vendo-se canoas e casais que jogavam argolas, além de maiôs

de banho molhados estendidos na balaustrada da varanda. No Natal, a neve rangia sob os pés nos degraus da varanda, um cartaz proibia que se andasse com botas de esquiar no salão de jantar, o jantar era sopa de ervilhas, presunto cozido e pastel de maçã à vontade, as crianças depois batiam os pés e corriam ao longo do corredor de cima entre o dormitório das meninas e o dos rapazes e, embaixo, os pais se aqueciam diante da lareira pensando complacentemente no exercício que tinham feito. O uísque se apressava em substituir as calorias que o ar livre lhes havia queimado do organismo. Georgene folheava metodicamente as páginas de Sky. Freddy murmurava alguma coisa a Janet, sentado com ela num sofá e ela parecia aborrecida.

Frank jogava cartas com seu filho e com Jonathan Smith Pequeno e estava perdendo porque pensava mais no seu mal-estar do que no jogo. Talvez tivesse sido o presunto, que tinha um molho de passas muito grosso. Fazendo tilintar alegremente os cubos de gelo, Harold estava preparando um drinque para Angela, cuja pele fina havia adquirido naquelas alturas inóspitas um brilho estranho, atingindo um nível além do declínio. Parecia mais uma moça de vinte e dois anos do que uma mulher de trinta e quatro. Marcia estava escutando o que Matt Gallagher dizia sobre a provável decisão do Vaticano em relação ao controle da natalidade, depois do adiamento do concilio ecumênico. "Não, não nos darão sexo, mas poderão dar-nos carne às sextas-feiras." Marcia bateu com a cabeça compreensivamente — um amante lhe dera maior compreensão de tudo, até da fidelidade literal de Matt Gallagher a uma igreja sem amor — e olhou para Terry. Esta estava sentada no chão, com as pernas metidas em calças pretas bem justas a tanger as cordas do seu alaúde. Era um instrumento em forma de cabeça e de aspecto suntuoso, cujas oito cordas produziam um som fino e distante. Matt o havia comprado para ela

como presente de Natal, dentro da sua política de ostensivo consumo que já determinara a compra do Mercedes ou talvez com uma intenção mais simbólica, desde que o brilho loiro e a elegância incrustada pareciam sacramentais como a sua vida conjugal. Piet estava deitado ao lado dela no tapete, olhando para o pano esticado entre as pernas dela. A costura estava com um ponto solto.

Consciente de Georgene aborrecida atrás dele, rolou o corpo e fez um movimento de pedalar no ar, imaginando se entre os católicos era diferente, lembrando o seu amor irrealizado por Terry, no tempo em que ele e Matt se haviam tornado sócios. Whitney e Martha Thorne, Ruth Hanema. Tommy Gallagher com a sua fragilidade de garoto de Gainsborough e Júlia Smith de tranças pretas assistiam a um filme da Segunda Guerra Mundial estrelado por Brian Donlevy. O

canal da televisão, que era de Manchester, estava chegando muito fraco. O jogo de cartas acabou. Em grupos de dois e três, as crianças foram levadas para a cama nas cabanas aquecidas a gás atrás das bétulas descarnadas e brancas. Um jogo de bridge entre estranhos junto à lareira também acabou. Georgene Thorne, mulher bem arrumada com os cabelos finos cortados e um perfil de rapaz de Donatello, cabeceava com House & Garden nas mãos e foi com os filhos para dormir na cabana. Freddy jogou-lhe um beijo. Caminhando sozinha pelo caminho que rangia sob os seus pés, pensou zangadamente em Piet — o seu flerte, as suas acrobacias — e compreendeu que isso fazia parte do trato, que ela tinha o que queria. O seu hábito era branco no ar escuro. O lago invisível gemia e estalava congelando-se ainda mais. Os galhos das bétulas matraqueavam. Harold e Marcia tentaram organizar jogos de salão, mas todos estavam por demais repletos de sensações físicas para jogar. A televisão, que ninguém

olhava, exaltou-se sozinha com o noticiário das onze horas sobre a ação militar da ONU na província congolesa de Catanga, sendo desligada. Piet pediu a Terry Gallagher que lhe desse um concerto e ela, olhando como que contra a vontade os dedos brancos enfeitiçados tomarem as posições no instrumento, tocou a única melodia que conseguira aprender. Os outros tentaram cantar com ela, mas ninguém se lembrava da letra. A cabeça estava inclinada para o lado e os longos cabelos negros caíam em linha reta de um lado da cabeça. Quando ela acabou, Matt, com uma rapidez militar, se levantou e os Gallagher saíram, indo para a sua cabana. No breve instante em que a porta foi aberta ouviu-se barulho de um limpa-neve que trabalhava na estrada superior. Do alto de um canto empoeirado, um relógio de cuco atrasado bateu onze horas. Angela, majestosamente, com as faces claras chamejantes, levantou-se e Piet, musculoso como um cachorro de pêlo solto que gosta de ser coçado, subiu com ela para o quarto. Só ficaram na sala os Applesmith e Freddy Thorne.

O casal de meia-idade que dirigia o pavilhão entrou, depois de lavar uma montanha de pratos do jantar, e economicamente apagou todas as luzes menos uma e separou os troncos de lenha para que o fogo daí a algum tempo morresse. Os sorrisos de boa vontade com que se despediram dos hóspedes eram infelizmente enfraquecidos pelo desprezo.

- Boa noite.

— Boa noite.

— Até amanhã.

— *Bonsoir.*

Por mais uma hora ainda, na quase-escuridão e no frio que aumentava, Freddy continuou ali, sem poder desprender-se de uma beleza que ele sentia, de uma bondade que os casais criavam pelo simples fato de estarem reunidos.

– Vocês são mulheres tão bonitas! De que é que está rindo, Marcia? Toda vez que digo às pessoas alguma coisa gentil na frente delas começam a rir. As pessoas não gostam do amor. Sentem-se ameaçadas por ele, sabem? É como a cárie. Cheira mal e dói. Eu sou o único homem a quem ela não ameaça, pois avanço contra ela armado de broca e espelho. Eu gosto de todos vocês, homens, mulheres, crianças neuróticas, cachorros aleijados, gatos sarnentos, baratas. As pessoas são a única coisa que resta à gente desde que Deus arrumou as malas. Por pessoas eu entendo sexo, o velho sexo. Hip, hip, hurra! Frank, você acredita na diferença entre tragédia e co-média? Diga-me, por amor do sexo. Estou falando a sério.

Frank falou cautelosamente, mudando um pouco a posição encurvada que lhe parecia aliviar o estômago.

— Acredito nisso como uma distinção formal em que Shakespeare acreditava. Mas não lhe atribuo nenhum valor absoluto.

— Bonito, Frankfurt! É isso o que qualquer homem de inteligência média diria. Mas acontece que eu discordo. Acredito que há coisas trágicas e coisas cômicas. O pior é que quase tudo o que existe, das estrelas amarelas lá no alto aos saprófitos vorazes que se multiplicam dentro da sua boca, é trágico. Veja, o nosso fogo que os donos do pavilhão apagaram para economizar um níquel.

Trágico. Escutem o vento. Bem trágico, não é? Em todo o mundo ocidental; a igreja cristã e as mulheres, nuas. Não temos Lênin, de modo que temos de ficar nisso. Tudo mais nos diz que estamos mortos. Pense nisso. E pense nos dois seios pulando. Dá vontade de rir, não dá? Ou de sorrir pelo menos? Pense na pobre Marilyn Monroe. Os únicos filmes que fez foram comédias.

— E a igreja cristã? — perguntou Marcia, olhando de lado para Frank, como para avaliar nervosamente a dor que estava sentindo.

— Oh, eu gostaria de acreditar nela — disse Freddy. — Em qualquer delas. Só um pouquinho. Para mim bastaria que um barril de água virasse vinho. Ou meio barril. Um garrafão mesmo. Eu seria capaz de contentar-me com um litro.

— Vá em frente e acredite — disse Janet, com a sua voz preguiçosa.

— Não posso. Marcia, deixe de estar observando Frank. Ele é hiperalgésico, mas escapará. Vamos ter uma conversa corajosa. Vamos jogar o grande jogo da verdade. Veja você com esse suéter peludo. Você é formidável. Parece um poodle bem tratado, todo nervos e unhas, um campeão de fato. Se seu avô não tivesse sido bispo, não sei mais de onde você teria sido uma prostituta notável. Janet, seu caso é engraçado. Às vezes você está cem por cento e derruba todos os paus do boliche. Outras vezes erra tudo. Há alguma coisa curiosa em torno de sua boca. Esta noite você está de fato presente. Está tremendamente aborrecida com alguma coisa tola, talvez Harold esteja fazendo pouco caso de você, talvez você esteja com a bandeira vermelha hasteada, mas está presente. E isso nem sempre acontece. Onde você deveria estar? Meu Deus, você está em todas as farmácias e todo mundo me diz que é um laxante ótimo só que eu nunca precisei tomar laxantes, francamente.

— Estamos diversificados agora — disse Janet. — Fabricamos muitos antibióticos. Além disso, não é laxante. É óleo mineral.

— Mais poder para ele. Você perdeu algum peso e fez muito bem.

Durante algum tempo, você mostrou alguma coisa esquisita aí embaixo do queixo. Sabe de uma coisa, meu bem? Você é um pedaço de mulher fantástico. Digo isso desinteressadamente, como fosse de mulher para mulher, e não tem necessidade de usar essas roupas

espalhafatosas para provar seja o que for. É você, Janet, Janet Applesauce, Janet molho-de-maçã, gorda ou magra, que nós queremos de sobremesa. Amamos você, não se preocupe mais. Como disse, vocês todas são belas mulheres. Quase morri esta noite, senti mesmo um frio na barriga, vendo Terry Coisa Apertada sentada ali com as pernas esticadas e os cabelos saindo daquele pobre melão. Já repararam na boca que ela tem? É enorme. A língua é do tamanho de uma cama. Sempre que trabalho nos molares dela sinto a tentação de encolher-me lá dentro e dormir.

— Você está bêbado, Freddy — disse Marcia.

— Deixe-o falar, que eu gosto — disse Harold. — *Je t'aime.* As árias de Freddy.

— Oh, Deus — disse Frank —, os homens põem um inimigo na boca para roubarem-lhe os cérebros.

— Chega de nós, Freddy — disse Janet. — Fale-nos agora de Angela e de Georgene.

– Belas meninas. Belas. Não estou brincando. Vocês todas desdenham Angela...

– Nós não — protestou Marcia.

– Vocês todas desdenham aquela santa, mas ela tem o rabo mais eloqüente que eu já vi, salvo num avestruz.

– As girafas também têm traseiros bonitos — disse Harold.

– Isso está fora da sua classe — disse Frank.

Harold virou-se com o nariz levantado e disse:

— Hipopótamo!

— Calma, meninos — disse Janet.

Freddy continuou:

— E ela não estava bem bonita hoje? Angela.

Harold, que tinha uma voz nasal de baixo de que se orgulhava, fingiu que cantava uma ária.

— E ela, não, nãão estava, bem boni-taaa hoje? AAaangelaaa!

Freddy apelou para as duas mulheres.

— Digam-me com toda a sinceridade. Vocês são mulheres e têm olhos claros de lésbicas. Ela não parecia hoje ter vinte anos, vinte anos virginais, com aqueles olhos cheios de céu, aquela pele rosada? É com toda a sinceridade que digo que vocês duas são muito bonitas, mas Angela é meu ideal. Eu a idolatro. Olho para aquele rabo e penso no céu. Vinte quilômetros de azulões cantando e de morangos com creme.

Os dois casais riram atônitos. Freddy piscou os olhos para se orientar. O seu copo de uísque tornara a se encher como por encanto.

— E Georgene, Freddy? — perguntou Marcia. — Ainda não falou em sua mulher.

— É uma menina sadia — disse Freddy. — Cozinha bem, joga tênis bem. Na cama — fechou os olhos calculando, torceu a mão para um lado e para o outro — é assim, assim. *Comme ci, comme ça.* Eu gosto de demorar, de levar toda a vida, de tomar um pouco de vinho e mais um pouco de vinho, de brincar, de experimentar às avessas, sabem como é, de tornar a coisa mais humana. Ela não. Acaba muito depressa para que possa ir cuidar da casa. Dei-lhe o Kama Sutra como presente de Natal e ela nem olhou para as gravuras. E não é capaz de chupar a não ser que esteja realmente excitada. Como foi que o Bardo disse? Trepar é humano; chupar é divino.

Freddy, como de costume, havia passado de todos os limites. Os Smith e os Appleby fizeram movimentos nervosos de fuga. Janet pegou o cinzeiro e jogou as pontas de cigarro na lareira que morria.

Frank ajuntou as cartas que tinham ficado espalhadas na mesa. Harold colocou os pés nos braços do sofá e fingiu complicadamente que estava com sono. Só Marcia, brincando com um dos seus brincos, conservou uma aparência de interesse.

Freddy estava olhando para um canto da sala, acima do relógio de cuco, onde uma massa escura de teias de aranha tinha o ar espectral de um reflexo invertido na água. Disse então:

— Vi a luz. Sabem por que fomos postos aqui na terra?

Das profundezas do seu sono espúrio, Harold perguntou:

— Por quê?

— Isso me ocorreu agora. Como uma visão. Estamos aqui para nos humanizarmos uns aos outros.

— Você é tão imbecil, Freddy — disse Marcia —, mas você se interessa, não é mesmo? É esse o seu encanto. Você se interessa.

— Nós somos uma célula subversiva — continuou Freddy. — Como nas catacumbas. Só que eles estavam tentando fugir do hedonismo. E

nós estamos procurando voltar a ele. Não é fácil.

Janet riu e pós a mão sobre os lábios de Frank antes que ele pudesse dizer "A maturidade é tudo".

De repente, a fadiga e a derrota apareceram entre eles sem dar aviso. A sala estava fria e o silêncio montava sentinela. Freddy levantou-se preguiçosamente e disse:

— Até amanhã, na pista de esqui.

E saiu rumo à sua cabana. O lago negro além das bétulas alvas parecia uma boca aberta à espera de que lhe dessem atenção. O suor alcoólico do seu peito se congelou numa carapaça. A calva se contraiu. Andou mais depressa pelo caminho rangedor em busca de Georgene, cujo perdão era o repúdio.

Mas os dois casais não estavam com pressa de subir. As tristes frescurices de Freddy haviam excitado a todos. Marcia e Janet andaram de um lado para outro, apanhando copos e arrumando revistas, depois do que tornaram a se sentar. Frank pigarreou e os seus olhos se avermelharam. Harold cruzou e tornou a cruzar as pernas

como dardos nas calças esticadas e disse, como se estivesse falando por Frank: — Freddy é um doente. *Trés malade.*

Atrás do guarda-fogo, as brasas dos troncos separados formavam uma constelação que parecia estar fugindo. O silêncio se tornou adesivo, intolerável. Marcia levantou-se do sofá e Janet, movendo-se no seu suéter cor de pêssego e slacks brancos como uma dançarina que quisesse deslizar dos bastidores antes do salto e da pirueta iniciais, seguiu-a pela escada e subiu. Os dois casais tinham quartos no andar de cima do pavilhão. Frank e Harold continuaram na sala e ouviram o barulho da água e o tremer dos canos ativados.

Apagando depois a luz que restava, Frank tornou a pigarrear mas nada disse.

No corredor do andar de cima, com as suas filas de portas que dormiam, Harold sentiu que lhe tocavam o braço. Estava esperando por isso. Frank murmurou, com voz mortificada e rouca:

— Acha que estamos nos quartos certos?

— Nós estamos no nove e vocês no onze — disse prontamente Harold.

— O que eu queria dizer é se nós, você e eu, podemos trocar de quarto?

Da elevação do seu superior conhecimento, Harold sentiu a tentação de ter pena daquele homem desajeitado afogado em desejo.

Pensou um pouco e disse:

— Não acha que elas devem ser consultadas? Duvido que vão concordar.

Uma lâmpada única iluminava o corredor e, à sua luz, que se mantinha por toda a noite, a cabeça esticada para a frente de Frank parecia sobrecarregada a tal ponto que ele tinha de fazer esforço para não explodir.

— Está tudo certo. Janet tem dito muitas vezes que simpatiza com você. Fique com ela. Com minha

aprovação. Que diabo! É preciso deixar a cópula florescer.

Harold fingiu-se muito espantado.

— E Marcia? Será que ela o quer?

O outro bateu com a cabeça nervosa e apressadamente.

— Está tudo certo.

As portas dos quartos nove e onze estavam entreabertas.

Harold se lembrou dos braços nus de Janet a balançar-se trans-pirando nas ruas de Boston que o verão acendia em cintilações de mica e não pôde resistir ao desejo de atormentar mais um pouco o seu rival.

— Você e Janet... fazem isso muitas vezes?

— Não, nunca. É a primeira vez. Diga sim ou não. Não complique mais as coisas. Estou com sono e meu estômago está doendo.

Na inflexão de voz de Frank havia uma nota acentuada do homem mais importante a quem Harold temia. Havia também o fato de que da sua carreira no banco de Frank tinha mandado a Harold, como corretor, uma fortuna em comissões. O depósito de segredos que Harold tinha na cabeça pareceu tênue e não mais negociável. A grande cabeça chifruda de Frank estava caída. As duas portas esperavam entreabertas. Atrás de uma estava Marcia, com quem, estendido lado a lado, ele partilhava todas as noites. Atrás da outra, estava Janet, cujo corpo era um cofre de perfume. Viu que a fraude que havia elaborado com ela perderia depois daquilo todo o valor. Mas há sempre um tempo para vender. O importante na Bolsa é saber quando.

Janet esperava como um título com alguma margem de lucro. Encolheu os ombros cuidadosamente.

— Por que não? *Pourquoi non*? Eu gostaria. Mas seja delicado.

Foi muito estranho esse acréscimo, mas ali, entre as frágeis paredes e o linóleo do corredor, quando com a cabeça levantada Frank resfolegou pesadamente, ele sentiu que o outro era tremendamente pesado. Receou que a mulher nervosa e magra não pudesse suportar aquele peso e então se lembrou de que ela já o havia procurado muitas vezes. A presença de Frank — os dentes asininos curvados para fora, os globos oculares carregados com estopins vermelhos — pareceu-lhe uma afronta.

Harold encaminhou-se para a porta do número nove, tocou nela e a porta se abriu como se a escuridão estivesse à espera.

O trinco estalou. Uma luz vinda de além do telhado da varanda coberto de neve se estendeu confusamente pelas paredes, Janet sentou-se na cama e as suas palavras entrecortadas pareceram fósforos riscados num perigoso espaço interno.

— Você? Por quê? Por que agora? Não, Harold!

Ele tateou até a cama, sentou-se e viu que ela estava usando um suéter sobre a camisola de dormir.

— A idéia foi de seu marido. Limitei-me a concordar. Os dois pensarão que é a primeira vez para nós.

— Mas agora vão saber. E nos vigiarão. Não compreende? Você devia ter-se mostrado escandalizado e dizer que nem sonharia com uma coisa dessas. Frank sabe quando está bêbado e não se importaria com a sua recusa. Oh, Harold!

Ela se aproximou dele sem qualquer reação de sexo. Ele passou os braços pelas costas arredondadas, cobertas pelo suéter como as de um inválido.

— Mas eu queria você, Janet.

— Mas você pode me ter a qualquer hora.

— A qualquer hora, não. Quando eu poderia passar uma noite inteira com você?

— Mas como pode apreciar isso, com os dois aí no quarto ao la-do?

— Não me incomodo. Gosto dos dois. Que se divirtam à vontade.

— Pois eu não vou tolerar isso. Não sou tão fria quanto você.

Vou agora mesmo lá acabar com tudo.

— Não.

— Que tom de comando é esse? Você não é meu pai nem nada. E eu estou a ponto de estourar.

— Deite-se nos meus braços apenas. Não teremos de fazer amor.

Deite-se nos meus braços e durma.

— Mas não sente que isso é errado? Agora, sim, somos realmente corruptos.

Ele se deitou ao lado dela, por cima dos cobertores. A neve na janela estava mais clara.

— Acha que isso tem alguma importância lá na Lua, Janet?

— O pior de tudo é Marcia. Agora ela terá isso contra mim.

— Tanto quanto você tem contra ela.

— Mas ela terminou a universidade e eu não.

Ele riu com surpresa.

— Estou compreendendo. Ela terminou a universidade e sabe mais técnica erótica do que você. Por isso, consegue mais de Frank do que você de mim. Agora mesmo, está fazendo a Mordida do Peixe seguida pela posição montada, tão recomendada pelo departamento de higiene de Bryn Mawr.

Janet meteu os braços embaixo das cobertas e disse desdenhosamente:

– Não é nada disso. Mas parece que é justamente isso o que você acha.

Ele supôs que, em vista da sua irritação pela falta de ardor dela, havia-se ofendido irremediavelmente. Tudo

perdido, pensou ele, suspirando pelo nariz.

Depois de uma pausa, ela lhe perguntou na voz sem confiança de uma *vendeu-se* diante de um freguês indeciso.

— Por que não se deita embaixo dos cobertores?

Foi o que ele fez e viajou através de um palácio de panos e escadas que deslizavam até chegar ao cofre de perfume que ela derramou sobre ele de uma dúzia de ângulos, todos radiosos. O radiador, ao lado da pia, ronronava pelas suas sete gargantas paralelas. Ali estava ela, Janet, opaca, pálida, empoada, pesada, doce, batalhadora, maternal. Ela quase não pediu descanso a Harold, que estava com o rosto estreito entre os seus seios e a língua projetada para fora como a de um lagarto paralisado.

Enquanto isso, para Frank, um espaço de distância, Marcia se mostrava transparente, flutuante, esquiva, confundida com as sombras do quarto. Ele cresceu, cresceu até que ela desapareceu por completo e a escuridão estava compacta como ele mesmo. Minguou então, permitindo que a voz leve e contida dela murmurasse: — Que bom! Mais! Que bom! Mais! Mais!

Entre os dois casais, no quarto dez, Piet e Angela Hanema dormiam costas com costas, esquecidos de tudo. Piet sonhava com encaixes de vigas desagradavelmente misturados com o salto e o deslizamento e os ombros caídos de uma lição de esqui que recebera naquela tarde. Angela não sonhava com coisa alguma, apenas com vi-sões intermitentes de crianças sem nome, de neve caindo num lugar montanhoso onde ela sabia que nunca tinha estado, de uma grande mesa com pés de leão onde estava um vaso azul vazio mas perfeito de forma *mei ping* — sonhos de que não se lembraria quando acordasse.

Harold não se esqueceria da fria grandeza de Janet naquela noite, da réstia de luz nos ombros gordos acima

dele, da graça da submissão dela ao demorado trabalho do segundo orgasmo a que ele chegara naquela noite. A fadiga e o perturbador problema decorrente da sua intimidade declarada aos dois tinham-no tornado excepcionalmente lento. Ela ficou debaixo dele com a passividade dos sacrificados, com o pescoço levantado e os ombros na sombra.

— Desculpe — disse ele. — Estou levando uma vida inteira.

— Não tem importância. Eu gosto.

— Quer que eu pare?

— Não. Não!

A melancólica tranqüilidade da voz dela comoveu-o tanto que ele chegou ao fim, caiu do seu suspense e libertou-a da servidão.

Ela se virou para o outro lado e dormiu. Como se ele e ela estivessem numa gangorra. o peso morto de Janet fê-lo subir para a insônia. A neve ao lado de fora da janela estava insistentemente brilhante, como um pedaço de filme excessivamente exposto. O travesseiro pelo qual se espalhavam os cabelos revoltos dela parecia uma segunda neve. Todas as vezes que Harold fechava os olhos, tornava a ver a encosta da montanha, os pinheiros enfezados e carregados de neve no alto, ao lado da casinha do elevador, as poças de gelo, a poeira de neve da superfície, os montículos de neve dura formados por muitas curvas de esquis e sentia as pernas vibrarem com o tenso esforço. A barriga das pernas estava dolorida. Mú-

sica, trechos translúcidos de música, tal como em Debussy. tentavam chegar até ele, nos intervalos entre as respirações. Ele se virou e encostou o corpo no dela. Janet suspirou com voz de criança.

— Não, meu bem. Outra vez não.

Cochilando, acordou ao amanhecer. Ouviu passos no corredor.

Marcia. Sua mulher repudiada, humilhada e perto da loucura, estava à procura dele. A corpulência estranha de Janet se aconchegou inconscientemente a ele, fazendo-o transpirar. Como um espião que abre furtivamente um envelope, ele saiu cuidadosamente da cama. A carne da noite começava a acusar a sua fragilidade, esfarelando-se em partículas cinzentas de detalhes visuais distintos — fragmentos de poeira encravados entre as fendas do assoalho, os pés dele estreitos e machucados nas palmas pelas botas de esquiar, as luvas de seda de Janet que secavam no radiador como pequenos polvos e um vidro de loção para as mãos em cima da mesa nua de pinho, absorvendo a claridade. Das roupas com que tinha entrado no quarto, demorou muito para vestir apenas as calças e o suéter. Ouviu de novo passos no corredor, dessa vez mais perto da porta. Abriu-a devagar, com uma máscara de ternura no rosto.

Era Frank, que voltava do banheiro, com os olhos arregalados e mosqueados sob a luz do corredor. Ao ver Harold, os seus olhos sofreram uma dolorosa metamorfose, tornando-se evasivos e ao mesmo tempo arrogantes e também envergonhados e indefesos no seu mal-estar.

— Que é que há? — perguntou Harold em voz baixa.

— Estômago. Bebi demais.

— *Et ma femme*? *Dorme-elle*?

— Como uma pedra. E Jan-Jan?

— *La même.*

Frank ponderou, analisando o seu estado.

— É como se eu tivesse uma bola de piche num lugar que eu não posso alcançar. Afinal vomitei. Agora estou melhor. Talvez tudo seja nervosismo.

— Não quer voltar para o seu quarto?

— Acho que é o que devemos fazer. As crianças daqui a pouco estarão acordadas e poderão entrar.

— Boa noite, doce príncipe. Que os vôos de anjos, *etc.*

— Obrigado. Até a encosta.

— *Oui*. Até a encosta.

Harold tentou lembrar-se de como era "encosta" em francês, não conseguiu e riu como se a graça de alguma coisa lhe tivesse sido tardiamente revelada.

Janet tinha acordado com a saída de Harold e com os sussurros no corredor. Sabia que era Frank que estava voltando para a cama, embora fingisse que estava dormindo. Talvez nesse momento tivesse começado a sua irritada certeza de ter sido desconsiderada. Janet era uma mulher em que a beleza desde cedo gerara grandes esperanças. As decepções acarretaram um idealismo azedo, um idealismo capaz apenas de achar o mundo em falta para com ela. Chegou à conclusão de que, com a aquiescência de Harold ao fim da fraude, ela tinha sido traída. Marcia se lançara no adultério livremente, ao passo que ela se atirara sobre Harold para atenuar o desespero de ambos. Uma troca cínica lhe roubava tal justificação. Cada encontro com Harold era uma prestação de vingança, uma dose de justiça ministrada em segredo. Mas o caso tinha acabado não como uma vingança mas como uma conveniência e o idealismo de Janet exigia da vida mais do que uma administração retangular de tranqüilidade e de sexo. Mais profundamente do que as suas reservas morais, assaltava-a a suspeita de que Marcia era mais sensual do que ela e muito melhor na cama. Janet não via por que se devia submeter a dois homens inadequados e inoportunos só para que Marcia pudesse ser respeitavelmente uma ninfomaníaca. Aquela mulher, a quem Janet sempre considerara seca e relaxada, era realmente diabólica e Janet se exasperava de pensar que, se houvesse escândalo, todos teriam pena dela e lançariam a culpa de tudo sobre Janet.

Os homens se mostravam inadequados e inoportunos logo que Janet fazia resistência. Estavam sentados, no

fim de semana depois da troca dos quartos, na sala dos Appleby, com a sua mesa de couro redonda de café e as suas prateleiras de obras completas herdadas: Balzac em vermelho, Walter Scott em ocre, D'Annunzio em couro com frisos dourados, Mann nas edições pretas da Knopf e o Shaw em verde de Dodd, Mead. Aquela parede de livros que nunca eram tocados lhes absorvia o fumo e a conversa. A neve, na primeira tempestade que visitava Tarbox naquele inverno, os fechava ali dentro. Frank tinha preparado um ponche quente de rum e eles estavam todos bêbados. À meia-noite, disse: — Vamos subir.

— Não — disse Janet.

— Não estou dizendo comigo — explicou Frank. — Pode ficar com ele.

— Acho vocês dois perfeitamente resistíveis.

— Janet! — exclamou Harold, mas não com muita surpresa, pois ela havia dormido com ele na quarta-feira e lhe dissera quais eram os seus sentimentos.

— Creio que o que estamos fazendo é sujeira demais — disse e-la. — Não acha, Marcia?

Marcia pegou o brinco da orelha esquerda, como se ele tivesse tocado.

— Não, se nos respeitarmos reciprocamente.

— Desculpem — disse Janet —, mas não posso respeitar nenhum de vocês. Não posso respeitar principalmente uma mulher que precisa de tantos homens.

— Dois só — protestou Frank.

— Sinto muito, Marcia, mas acho que você deve procurar um mé-

dico.

— Serão então três homens — disse Harold. Ele estava intimamente apostando que a resistência de Janet era uma espécie de névoa que de longe parecia compacta mas que se mostrava capaz de ser rompida quando se chegava perto: era como jogar golfe em dia de nevoeiro.

— Está querendo dizer que eu preciso de algum conserto? — perguntou Marcia.

— Não me estou referindo a um clínico, mas a um psicanalista.

Frank me contou tudo sobre o caso de vocês e eu acho que a maneira pela qual você se atirou para ele dificilmente pode ser considerada normal. Não estou falando como uma mulher enganada, pois diria o mesmo se se tratasse de outro homem qualquer. E, para dizer a verdade, podia mesmo ter sido qualquer homem.

— Minha querida Janet, aprecio muito a sua preocupação. Mas acontece que eu não me atirei para Frank. Nós nos aproximamos naturalmente porque você estava infernando a vida dele. Você estava fazendo-o ficar com uma úlcera.

— O estômago dele ficou dez vezes pior nestes últimos meses.

— Imagino também que você tenha piorado. Depois da descrição que Harold me fez do seu *strip tease* na lavanderia, muito me espanta saber que você é tão cheia de luxos.

Janet se voltou para Harold.

— Você contou a ela.

Ele encolheu os ombros e coçou a ponta da orelha esquerda.

— Ela me contou tudo a respeito de Frank. E eu não quis deixá-

la com sentimento de culpa.

Janet começou a chorar, com o corpo imóvel, sem qualquer concessão de movimentos dos braços ou das mãos.

Marcia acendeu um cigarro e olhou para a outra mulher com os olhos secos.

— Não se preocupe — disse ela —, eu não iria ficar com Frank, ainda que você me pedisse. Nem hoje nem em qualquer outro dia.

Quero que fique com ele até reduzi-lo a nada. Venho agüentando-o há seis meses e a verdade é que estou mortalmente cansada. A última coisa que espero são os seus agradecimentos.

Janet ficou calada e os dois homens intercederam em favor de-la.

— Foi a baixa da Bolsa que me deu a úlcera — disse Frank — e não qualquer coisa que Jan-Jan tivesse feito.

— Ela é bela na cama — disse Harold a sua mulher. — *Belle en lit.*

Marcia disse a Frank:

— Copule então com ela. Leve-a para cima, copule com ela e depois não venha rastejando para mim com os seus trechos de terceira ordem de Shakespeare. Estou farta dessas mulheres grandes e burras que não sabem fazer outra coisa senão deixar que o mundo lamba os belos *derrières* delas. Divorcie-se de mim, Harold. Divorcie-se e case-se com ela, já que ela tem umas tetas tão bonitas. Não me venha com histórias de impedimentos, não é mesmo, Frank? Isto é o fim. Você, eu, todos nós estamos podres.

E ficou de pé, vendo a desolação estampada em todos os rostos abaixo dela.

— Marcia — disse Harold —, deixe de estar intimidando Janet com essa linguagem suja.

— Ela não está me intimidando — disse Janet. — Concordo com ela.

— Vou aquecer de novo o ponche — disse Frank. — Ou preferem cerveja?

— Frank, você é um príncipe — disse Harold —, mas, se não vamos para a cama, eu quero mesmo é ir dormir em casa. Deixamos uma das moças Mills tomando conta das crianças e ela tem de ir amanhã cedo para a Universidade de Boston, onde está estudando.

— Meu amigo de Exeter, que vai comprar a casa dos Robinson, ensina na Universidade de Boston — disse

Frank.

— Ouvi dizer que é um homem muito simpático — disse Janet.

Marcia compreendeu que a estavam roubando da sua cena e disse:

— Não posso suportar nenhum de vocês nem esta casa triste.

Encaminhou-se para o hall a fim de pegar o casaco que era cinzento e velho. Harold acompanhou-a, pensando que ela tinha botado na bolsa um diafragma anticoncepcional e que talvez o quisesse usar quando chegasse a casa. Mas os Smith Pequenos tinham demorado muito para sair e os Appleby, primeiro Frank e depois Janet, tiveram de caminhar por dentro da neve e ir empurrar o Porsche de Harold para o motor pegar na descida. Quando as luzes vermelhas do carro piscaram afastando-se, Janet disse: — Espero que não apareçam mais. São mesquinhos e, embora não tenham culpa disso, venenosos também. A noite está linda, não acha. Frank? Creio que deixei de ver essas coisas desde que nos me-temos com essa gente.

No espaço entre as árvores, fracamente iluminados pela distante luz da varanda, os flocos de neve desciam apressadamente para tocá-los levemente e sumiam logo que os tocavam. Mas no hall aquecido, quando ela se inclinou para tirar as galochas, Frank deu-lhe uma palmadinha nas costas.

Ela, no mesmo instante, ergueu vivamente o corpo e disse:

— Não se atreva a tocar em mim. É ela que você quer. Vá procurá-la. Pode ir agora mesmo.

Janet desejava tremendamente não ser frígida. Toda a sua educação fora de qualquer escola, da *Branca de Neve* de Disney ao último número de *Life*, lhe havia ensinado a atribuir os mais altos valores ao amor. Bastava um beijo para desfazer todos os malefícios da

maçã envenenada. Marchamos desde que nascemos até que morremos no meio de uma multidão, e o nome desse desfile é amor. Por menos ideal que isso fosse, ela tinha medo de ser deixada para trás. Por isso, ela não podia deixar de flertar, não podia deixar de estender os braços procurando, embora dentro dela houvesse uma desconfiança, uma amargura como um resíduo a todo o movimento de seu coração. A bebida ajudava essa manobra.

Durante algumas semanas os Appleby e os Smith Pequenos viveram afastados. Marcia e Janet divulgaram a notícia de que tinha havido uma briga. Os outros casais não os convidavam juntos para as reuniões. Quando Harold telefonou para Janet, esta lhe disse:

— Sinto muito, Harold. Eu gostava de estar com você como duas pessoas, homem e mulher, pois você sabe de fato despertar o sentimento de uma mulher. Mas acho que fazer isso com os casais trocados dá uma confusão tremenda e eu terei de desligar de outra vez que você telefonar. Pense nas crianças, se não quiser pensar em nada mais.

Quando Frank telefonou para Marcia, esta disse:

— Quero estar com você, Frank, apenas com você em qualquer lugar. Desejo isso mais do que qualquer homem pode imaginar. Mas não quero, não quero mesmo, dar mais munição a Janet. Se eu achasse que você me amava, seria diferente. Mas compreendi naquela noite no pavilhão, quando você abandonou minha cama, que você ainda está muito interessado nela e eu tenho de pensar em mim mesma e de proteger-me. Ela me destruiria se pudesse. Não quero ser melodramática. Esse é o estilo dela e não o meu. Não lhe estou dizendo adeus para sempre. Quando você e ela resolverem o seu caso e forem cada qual para o seu lado, adorarei vê-lo de novo. Infelizmente, você é o amor de minha vida.

Frank não podia livrar-se da impressão de que ela lhe estava exigindo o divórcio. Enquanto isso, a posição de assessoria dos Estados Unidos no Vietnam estava começando a deteriorar-se e o mercado estava assustado, mas também excitado pelas probabilidades de expansão da guerra. O empresariado vivia basicamente inquieto em relação a Kennedy. Havia nele alguma coisa que não convencia.

Num sábado de janeiro todos os casais de Tarbox foram a Boston para jantar no Athens Olympia e depois assistir a um jogo de hóquei. Os Smith Pequenos e os Appleby deixaram de ir com a impressão errada de que o outro casal iria. Isso os deixou sozinhos em Tarbox e aconteceu que, desde que Jonathan e Frank Júnior tinham aos sábados lições de esqui juntos na colina de East Mather, abaixo da estação de radar, os pais combinaram para que Frank Appleby os fosse buscar às quatro e meia. Chegando à casa dos Smith Pequenos, não pôde recusar o drinque que lhe ofereceram e depois outro, até que às seis horas, instigado pelos Smith Pequenos sorridentes, ele telefonou para Janet em casa com a sugestão de que ela arranjasse alguém para tomar conta das crianças, comprasse uma pizza e fosse para lá. Na verdade, muito do que eles consideravam moralidade era apenas a consciência de que os outros casais os observavam.

Janet telefonou daí a dez minutos para dizer que não tinha encontrado quem ficasse em casa, pois a partida de hóquei esvaziara a cidade. Harold tomou o fone e disse a ela que levasse Catharine e eles a arrumariam para dormir no quarto de Henrietta.

Janet chegou às sete e meia, com a filha num braço e um saco de papel fumegante na outra mão. Estava com uma capa de vison que lhe chegava até os joelhos. Era um casaco que possuía desde o início da sua vida conjugal, mas que, sendo pretensioso e até ridículo em

Tarbox, vivia guardado num saco à prova de traças. Por baixo do casaco estava apuradamente vestida com uma blusa de seda de um vermelho alaranjado e calças *blue jeans* amarrotadas e manchadas como as dos adolescentes e botas brancas até o meio das pernas que ela tirou para mostrar os pés nus. Vendo-a assim vestida na sala comprida (no tapete azul felpudo, os dedos dos pés estavam rosados de frio, os arcos e os lados dos pés estavam levemente arroxeados e as juntas dos dedos empoeiradas de pólen), Harold sentiu todo o corpo descontrair se e enternecer-se. A própria Marcia se comoveu de pensar que o marido já possuíra uma amante tão esplêndida.

Frank encaminhou-se solicitamente para ela, como se fosse uma in-válida ou um ser etéreo que poderia de repente desaparecer.

Beberam de sete até as oito. Entre as oito e as nove, puseram as crianças na cama. Franklin Júnior, secretamente com o desdenhoso Jonathan. Puseram-no então na casa de lona no quarto de Henrietta. Restava Catharine Appleby, com as faces vermelhas como odres de vinho vazados. Foi levada para a grande cama conjugal quadrada, no centro de um lençol de borracha. Janet deitou-se ao lado dela e cantou para niná-la enquanto Marcia tratava de aquecer a pizza no forno. Harold deu para Frank Júnior um livro juvenil com o título de *Minerais* enquanto Frank via Jonathan acomodar-se desdenhosamente sob as cobertas com uma novela juvenil de detetives que se chamava *O Visitante Indesejado*. De nove às dez os adultos comeram. De dez às onze conversaram. De onze até meia-noite dançaram. Harold colocou na *hi-fi* um velho disco de Ella e os dois casais dançaram ao som de "Essas Coisas Loucas". "Você E o Máximo" e "Andei pelo Mundo Inteiro". Harold e Janet dançavam pelos cantos, enquanto Frank e Marcia ocupavam o centro do chão sem tapete. As portas

envidraçadas corrediças que davam para a lagoa duplicavam-lhes as imagens, de modo que parecia estar havendo uma festa simétrica, com os dois pares de um lado aproximando-se e afastando-se dos outros dois como manchas de tinta num papel dobrado ou como as pessoas que olham para um aquário violeta e, não vendo peixes, se aproximam mais do vidro e descobrem na água as sombras tremulantes de mulheres e homens.

Marcia, quase imóvel, olhava a mão de Harold agarrar confiantemente o *derrière* de Janet enquanto rodavam de um canto para outro, e Janet rodopiando via de relance Marcia aconchegar-se mais ao abraço extasiado de Frank, que lhe dizia coisas ao ouvido. O

rosto dele estava luzidio, encharcado de bebida. A outra mão dele, que não estava nas costas de Marcia, estava entre o queixo dela e o peito dele e Janet soube, enquanto as coxas de Harold se metiam entre as coxas dela, que Frank estava com um só dedo acariciando hipnoticamente o colo de Marcia e chegando até a ponta dos seios.

Era um truque dele, um dos poucos. Noutra volta, viu que a mão de Frank que não estava nos seios dela corria o fecho das costas do vestido preto de Marcia. Então, de outro ângulo, viu entre os lá-

bios de Marcia, com se fosse um cigarro, a contração de crueldade que sempre aparecia, segundo Janet havia observado, quando ela estava muito cansada ou muito à vontade. Para Marcia, os olhos de Janet, do outro lado da sala, pareciam imensos, tão dilatados que continham a sala no seu círculo de visão como uma bola de metal de jardim contém, deformada e comprimida, toda uma paisagem. A mão delicada de Frank lhe desabotoou o sutiã e deslizou mais sobre os seus seios. Ela sentiu o corpo dissolver-se e o desejo crescer.

"Voei num avião através do mundo", cantava Ella como um espírito purpúreo, "decidi revoluções na

Espanha." Janet, tonta de rodar, sentia-se espicaçada por uma pressão insistente num botão que um fecho cerrava entre escorregos de lagarto e achava muito triste que Harold estivesse fazendo papel de bobo ali na presença daquelas duas pessoas cruéis, quando ela sozinha com ele, numa reclusão ideal, teria perdoado com tanta facilidade aquelas explorações presunçosas e aquelas insinuações epidérmicas. Quando a imagem de-la se expandiu, leite, pólen e papoulas, até as tábuas paralelas de sequóia do teto marchetado com as pequenas luzes amortecidas, pareceu a Janet que o instinto maternal fora sempre a sua especialidade.

Por isso, foi ela que, quando a música parou, disse: — Estou tonta e com sono. Quem é que me vai levar para a cama?

Frank, que estava no centro da sala, não fez qualquer movimento e Harold ficou ao lado dela.

Para terem espaço, os dois casais tiveram de arrumar de novo as crianças. Catharine Appleby, com a cabeça pesada e vermelha a balançar-se, foi levada para a cama da delicada Júlia Smith de seis anos e a porta do quarto de Jonathan (que pegara no sono com a luz acesa e *O Visitante Indesejado* caído em cima da cama) foi fechada para que nenhum barulho no quarto grande o acordasse. Os dois sofás brancos foram unidos para formar outra cama. Pareceu muito estranha a Janet, tão estranha quanto uma visita a Sikkim ou ao Alto Peru, a viagem de volta para casa, entre as três e quatro horas da madrugada. Embrulhar as crianças em cobertores emprestados e carregá-las através do pátio dos Smith Pequenos, duro de gelo, até os seus dois carros; sussurrar adeuses e trocar as últimas carícias por cima das roupas que pareciam, depois de vestidas, estranhas e falsas como fantasia de carnaval; guiar o carro atrás das luzes vermelhas do carro de Frank através de uma paisagem desolada coberta de fragmentos de neve meio

derretida; entrar numa casa vazia carregando crianças como ladrões com sacos de furtos; adormecer ao lado de um homem desconhecido e rude que era também seu marido; sentir o sêmen de outro homem ainda úmido entre as coxas; acordar e achar na manhã a estranheza banida sem deixar vestígios salvo uma congestionada evasiva nos olhos gratos de Frank e uma impressão penosamente discordante, talvez inexatamente executada, nas cores do suplemento de história do jornal do domingo.

Esse ritmo, de briga e reconciliação, de repulsa e entrega, se repetiu três ou quatro vezes naquele inverno, enquanto aviões se chocavam na Turquia, golpes eram descobertos no Iraque e em Togo, a terra tremia na Líbia, um tumulto se havia verificado nas Ilhas Canárias e no Equador uma capela se desmoronava, causando a morte de cento e vinte moças e freiras. Janet tinha dado para ler os jornais, como se essa esbatida visão da vida dos outros pudesse mostrar uma saída para a vida dela. Por que não estava satisfeita?

Os outros três estavam e havia pouco na sua educação religiosa —

francamente presbiteriana; o pai dela, embora fizesse generosos donativos, era rico demais para ir à igreja, como um homem embaraçaria os criados se aparecesse na festa deles — para justificar aquele incômodo sentimento de culpa. Desconfiava que Marcia, Harold e Frank, tendo terminado os estudos na universidade, sabiam segredos e os usavam. Ela sentia a sua carne elogiada por ele. Era triste o tesouro deles. Uma vez, quando servia ovos em casa dela depois da meia-noite, usando um roupão de banho sobre a camisola de dormir (tinha ido para a cama com dor de cabeça e uma ponta de febre, mas descera depois de escutar durante uma hora os risos dos três), Janet se inclinara sobre a mesa da cozinha com frigideira e Frank a havia acariciado de um

lado e Harold do outro, enquanto Marcia os olhava, sorrindo. Tornara-se para eles um animal de estimação, uma coisa. Não podia compreender-lhes a claustrofobia e a indignação e discutiam o seu "problema" com ela, como se o problema pudesse estar em outro ponto, senão naqueles três.

— Viu alguma vez seus pais na cama amando-se? — perguntou Harold, quando se sentaram em volta da mesa de couro manchada de gordura.

— Nunca. O que chegava mais perto disso era a porta do quarto deles fechada nas manhãs de domingo.

— Querida Janet — murmurou Marcia. — Pobre Janet, andando na ponta dos pés pelo corredor com o seu vestido da escola dominical e tentando empurrar aquela porta.

— Merda — exclamou Janet. — Nunca tentei empurrar porta nenhuma. Só se você fazia isso.

— Coitada — disse Marcia. — Acho que isso lhe devia doer muito.

— Você é má, Janet — disse Harold. — Você me empurrou lá na lavanderia.

— Fiz isso porque você parecia tão desconsolado — disse Janet tentando não chorar, pois sabia que isso os provocaria ainda mais.

— Deixem Jan-Jan em paz — disse Frank. — É uma boa pequena e a mãe de meus herdeiros.

— Lá está. Frank dando-se herdeiros de novo — disse Marcia ao marido.

A intimidade entre eles tinha imposto a cada um deles um papel e Marcia tinha assumido o de uma pessoa seca e espirituosa, quando, na verdade, como Janet sabia, era séria e conscienciosa, com emoções fortes e destituídas de senso de humor. Janet olhou para ela e viu uma menina nervosa e inocentemente maliciosa.

— Não é preciso defender Janet — disse Harold a Frank. — Eu a amo.

— Você a deseja — disse Marcia, corrigindo-o.

Harold continuou, levemente bêbado, com o nariz de ponta dupla brilhando.

— Ela é a melhor p...

— Peça — completou Marcia, tirando um cigarro do seu maço amarrotado de Newports.

— *Pièce de non resistance* que já conheci — concluiu Harold. E

acrescentou: — Extraconjugalmente, é claro.

— O chifre, o chifre, o lascivo chifre — disse Frank — não é coisa de rir, nem de desprezar.

Janet viu que a conversa o estava deprimindo também.

Harold continuou com Janet:

— As suas primeiras experiências com os garotos no mato foram interessantes ou desagradáveis?

— Os garotos de Buffalo não me levaram para o mato. Eu era muito gorda e rica.

— Nós nunca fomos, a bem dizer, ricos — disse Marcia. — Apenas respeitáveis. Eu julgava meu pai um santo homem.

— Pois eu achava meu pai um homem dominado — disse Janet, começando a interessar-se e a achar que talvez lhe pudessem ensinar alguma coisa. — Minha mãe fazia dele o que bem entendia. Ela tinha sido muito bonita e nunca tinha pensado em controlar o peso. Mesmo depois de ficar muito gorda, ainda pensava que era bonita. Dizia que eu era o seu patinho feio. Costumava me dizer: "Não posso entender você. Seu pai é um homem tão bonito".

— Você devia ir a um psiquiatra — disse Marcia com uma compaixão instintiva a iluminar-lhe o rosto.

— Não é preciso, pois estamos aqui — disse Harold. — *Pas besoin avec nous ici*. É claro que ela nunca teve margem de passar do amor homossexual da mãe para a normalidade heterossexual. O primeiro objeto do nosso

amor são os peitos maternos. Os nossos primeiros presentes à pessoa amada são fezes, fezes de criança. E o pai dela fabrica laxantes. Oh, Janet, é evidente por que você não quer dormir conosco.

— Ela dorme comigo — disse Frank.

— Não seja gabola — disse Marcia, e o interesse carinhoso que ela mostrava por baixo da sua secura aumentou para Janet o valor de Frank. Viu-o do outro lado da pequena jangada, coalhada de garrafas e copos vazios, como um companheiro de naufrágio, queimado pelo sol e alucinado de ter bebido água do mar.

— Por que você tem de estragar tudo? — perguntou Frank de repente a ela.

— Não gosto de brinquedos sujos — disse Janet.

— Nunca brincou quando era criança com lama, ou você tinha uma babá anal?

— Babá anal — murmurou Marcia. — Até parece diálogo de comédia musical.

— Qual é o mal? — perguntou Frank a Janet, com o seu desalinho bêbado, os olhos injetados e a pesada cabeça a amedrontá-la, embora ela houvesse feito dormir aquele seu Minotauro, durante as noites de dez anos. Ele gritou a todos: — Vamos! Vamos todos no mesmo quarto! Cubra minha ovelha branca, quero vê-la gemer!

Harold suspirou.

— Está vendo? — disse ele a Janet. — Você está enlouquecendo seu marido com a sua frigidez. E eu estou ficando com dor de cabeça.

— Vamos nos humanizar uns aos outros — disse Frank.

Marcia voltou-se para ele com o ar de proprietária dos seus pensamentos.

— Frank, não me venha citar Freddy Thorne. Acho que você devia ter mais dignidade intelectual.

Mas foi Freddy Thorne quem sentiu o problema e quem tentou explorá-lo em proveito próprio.

— Soube que há uma serpente em Applesmithsville — disse ele a Janet.

— Onde fica isso?

Estavam na casa dela, na festa dada em abril para dar as boas-vindas aos Whitman. Janet estava absorvida pelos seus deveres de dona de casa. Imaginava que as pessoas e os casais precisavam dela em toda a parte. Piet Hanema estava deitado na escada e Foxy Whitman descia do banheiro, levando-o a espiar por baixo da saia dela.

Ela devia levar Foxy para um canto e explicar quem era Piet.

— Oh — exclamou Freddy, exigindo a atenção dela aqui e ali, em toda parte. — O mundo inteiro é Applesmithsville. — No canto em que ficava a parede das obras completas, John Ong, o rosto sem idade, tenso e cortês, escutava Ben Saltz, que falava laboriosamente. Janet pensou que uma mulher devia interpor-se, mas com essa alternativa ela se aproximou mais do que Freddy Thorne murmurava.

Se ele é dentista, pensou ele, por que tem uma boca que parece tão desdentada? — Você está sendo explorada, Jan-Jan — disse ele. —

Está servindo a dois garanhões e Marcia está na sela.

— Não quero saber das suas fantasias vulgares, Freddy — disse Janet, imitando Marcia. — Ao contrário do que parece à imaginação popular, eu e Harold nunca dormimos juntos. A possibilidade chegou a ser mencionada, mas chegamos à conclusão de que seria uma coisa muito confusa.

— Você é linda — disse Freddy. — A maneira pela qual você me olha bem de frente e me diz essa mentira é encantadora. O que você não compreende a respeito de si mesma é que você tem de fato *sex appeal*. É diferente

das outras. Marcia não tem e está vendo se o consegue com brincadeiras. Bea procura chegar a esse ponto bebendo. Angela faz o possível para ser superior a isso. Você tem aí mesmo. Faça um favor e não minta para seu velho Freddy.

Janet riu. As palavras dele eram como a água perfumada que ele dava para lavar a boca no consultório. Não se podia beber mas era deliciosa.

— E Georgene? — perguntou ela. — Tem ou não tem?

— Ela é OK vestida para o tênis, não a desdenhe. Sabe trabalhar na cama e sabe cozinhar, mas que diabo é isso? Não estou propondo casamento a ninguém.

— Freddy, não me faça ofender os seus sentimentos.

— Quer sair, não quer?

— Sim e não. Não sou, como é a palavra mesmo?, ambidestra?

— Ambivalente. Andrógina. Androdextrogerógina.

— Nós nos divertimos com os Smith, conversando calmamente. Nem eu nem Frank tivemos até agora amigos tão íntimos. Você não é capaz de imaginar uma amizade pura e simples, é?

Ele bateu na calva luzidia e em súbita exultação esfregou-a vigorosamente.

— Entre nós dois, posso, sim. Amizade é o que um peixe sente pelo peixe que está comendo. Você quer sair disso e esse serviço eu lhe posso prestar. Tenha um pequeno caso comigo e o circo que você está sustentando arrumará as malas e tentará outro lugar. você então poderá viver mais à vontade e ser de novo o que você quer ser.

— Mas que é que você chama de pequeno?

— Oh — disse ele. movendo as mãos como se tocasse um acordeão invisível. — Tanto quanto for conveniente. Sem magoar, sem aborrecer. Se não der certo, não deu. Não ficará borra na garrafa.

— Por que me propõe isso? Não simpatiza muito comigo. A quem você quer é Angela.

— Primeiro, não quero; segundo, simpatizo: terceiro, gosto de ajudar os outros. Você está a ponto de sentir pânico e isso não me agrada. Você é muito *Schnapps* para isso. Veste-se muito bem. Hoje, por exemplo, está com um vestido notável. Está grávida?

— Não seja bobo. Isto é a linha Império.

— Seria horrível pegar um filho sem saber quem era o pai. não é mesmo? Escute, está tomando a pílula?

— Não estou gostando nada desta conversa, Freddy.

— OK, OK, vamos deixar a coisa em banho-maria. Como disse Kruchev quando instalou os foguetes em Cuba, quem não arrisca, não petisca. Estou aí mesmo se você achar que pode se servir de mim.

— Obrigada, Freddy. Você é um bom sujeito. — A consciência de Janet deu-lhe uma alfinetada e ela acrescentou: — Sim.

— Sim o quê?

— Sim, em resposta à sua pergunta sobre a pílula. Estou tomando, mas Marcia não. Tem medo de câncer.

Freddy sorriu.

— Você é de ouro. A última pequena de ouro.

Janet pensou a sério na proposta. Circulando por entre a confusão da sua festa, a coisa não lhe pareceu implausível. Freddy devia saber tratar uma mulher. Marcia, Frank e Harold ficariam horrorizados. A vaidade de Harold seria imperdoavelmente ofendida.

O amor persegue o amor. São coisas que acontecem. Ali estava Piet tentando arrumar-se com a pobre Bea Guerin. Frank estava dançando grotescamente *twist* (e a digestão dele?) diante de Carol Constantine. Eddie, sentado no sofá, estava demonstrando com as mãos, voando de palmas para cima, a Bernadette Ong o plano de tráfego aéreo existente nos aeroportos de La Guardia e Idlewild, por que os turbojatos e os aviões particulares

pousavam antes dos jatos simples, os belos e novos 707 e DC-8, porque a cada novo tipo de avião comercial algumas centenas de passageiros morriam em conseqüência de erros do piloto e por que os estorninhos e as gaivotas em Logan representavam uma especial ameaça. Por fim, pousou a cabeça estreita e ondulada no ombro sedoso dela e pareceu dormir. Os convidados de honra não se estavam sentindo bem na festa. Foxy estava enjoada e os Whitman saíram cedo. Quando todos tinham saído, à exceção dos Smith Pequenos, e estavam sentados em torno à mesa bebendo os restos, Janet perguntou a Marcia: — Achou Freddy Thorne simpático esta noite?

Marcia riu e o brilho de seus brincos bateu na superfície do seu rosto.

— Não! Que idéia! Ele me perguntou se eu vivia feliz em Applesmithsville.

— Que foi que você disse?

— Tratei-o com muita frieza e ele se afastou. Pobre Georgene.

— Ele me fez uma proposta. — Janet não tinha certeza de que aquilo fosse uma boa tática, mas o Benedictine convenceu-a de que era. — Na realidade, propôs ter um caso comigo.

— O que ele é, na verdade, é um cretino fantástico — disse Frank. Conhaque era o que podia haver de pior para ele e já estava no terceiro copo.

Harold rodou pensativamente o seu cálice de Grand Marnier.

— Por que nos está dizendo isso?

— Não sei. Fiquei surpresa de ver que eu não achava a idéia tão ruim assim. Desde que ele perdeu todo o cabelo, ficou simpático, sinistramente simpático.

— Falsamente simpático — disse Marcia que estava tomando um anisete.

— Janet, você me desgosta — disse Harold. — Como pode dizer uma *merde* dessas a três pessoas que adoram você?

— Eu a adoro pela metade — disse Marcia.

— A duas pessoas e meia que adoram você — disse Harold. — *Deux personnes et demie.*

— Não sei. Acho que queria que vocês me dissuadissem disso, conversando. Não sei por que parecem ofendidos. Isso poderia meter Georgene em nosso grupo e não precisamos de sangue novo? Parece que já dissemos tudo o que temos para dizer mais de sessenta vezes. Sabemos de tudo a respeito da úlcera de Frank e do pai de Frank que se livrou da úlcera procurando saber tudo sobre a China e ainda de que Shakespeare não fez o mesmo efeito que a China talvez por ser mais ácido. Sabemos todos que santos o pai e o avô bispo de Marcia foram e de como ela detestava Long Island e gosta muito disto aqui, apesar dos tipos que jogam badminton com as azeitonas dos martini. Sabemos tudo a respeito das prostitutas de Harold, da mulatinha de Saint Louis e de como nenhuma de nós é tão boa...

— Meta-se com Freddy — disse Frank, estofado de ameaças — e terá de entrar para um convento. Eu me divorciarei logo de você.

— Não — disse Janet. — Neste caso, eu teria de revelar publicamente tudo a nosso respeito e ficaríamos tão ridículos nos jornais. As coisas são muito difíceis de explicar, embora sejam perfeitamente óbvias para os amigos.

— Para mim é óbvio — disse Freddy Thorne a ela no fim de semana seguinte, quando estavam sozinhos na cozinha depois de um jantar dado pelos Guerin — que você nunca amou Harold. Só o procurou para acertar as suas contas com Marcia.

Naquela semana, ela tinha marcado hora com ele nos intervalos profiláticos. Ele lhe arrancara a versão dela de todo o caso.

— Como é que pode julgar uma coisa dessas, Freddy? — perguntou ela, comendo um salgadinho de queijo com aipo que ficara dos *hors d'oeuvre*. — Por que acha que pode penetrar assim na vida dos outros? Harold, quando ele e eu estamos sozinhos é uma coisa que você não pode nem imaginar. Chega a ser irresistível.

— Todos nós somos assim. A irresistibilidade está diretamente em função da decisão da mulher de resistir ou não.

Freddy parecia estar suando por trás dos óculos de vidros grossos que lhe deformavam os olhos. Freddy tinha dificuldade em ver. Tinha recentemente instalado no consultório uma broca com uma ligação de jato de água e, durante a hora dela, tivera necessidade várias vezes de enxugar os óculos.

— Quer saber de uma coisa, Freddy? Não gosto de ser instigada e provocada. É preciso primeiro fazer da mulher uma amiga.

— Sou seu amigo desde que você chegou à cidade. — Alisou o braço dela abaixo da blusa de rendas pretas. A luz das velas tremia na sala onde os outros estavam conversando. — Pensando bem, acho que você quis Harold não para magoar os outros, mas para obsequiá-los, para conquistar-lhes a amizade. Embora você seja um pedaço de mulher e, ainda por cima, não tenha a menor confiança em si mesma.

— Como um idiota míope que é também dentista, você tem confiança demais em si mesmo. Por falar nisso, deixe de jogar-se para Foxy Whitman. Ela está grávida.

— Ora viva! Mais homens para os submarinos americanos. Ela ainda não sabe disso, mas é um bocado sexual. As mulheres de pele quente como ela são em

geral fantásticas na cama. O coração delas bate com mais força.

— Você é mesmo muito sujo — disse Janet, cuja pele, embora muito branca, era um pouco áspera e opaca.

Refletiu mais tarde que Freddy tinha razão quanto à sua vontade de obsequiar os outros. Os Applesmith tinham chegado aos limites de uma situação na qual as suas necessidades se fundiam e uma cortesia geral substituía os desejos individuais. As mulheres dormiam com os homens de pena e cada qual cedia o seu homem à outra em conseqüência de uma gentileza atenuada e sem esperança. Um tato com muitas ramificações e uma trama de preocupação estavam dando às suas casas um jeito insalubre de hospital. Frank e Harold tinham ficado paralisados pelo hábito da lascívia. Ela e Marcia, entre as explosões, eram tão reservadas e atenciosas uma com a outra como duas internadas anônimas numa enfermaria de acidentados.

Na semana seguinte ela trocou uma obturação de porcelana e Freddy lhe telefonou diariamente ao meio-dia, sempre para convidá-

la para dormir com ele. Mas ele nunca se referiu a um lugar aonde pudessem ir, nunca sugeria uma ocasião determinada. Ela percebeu então que ele não tinha uma intenção física séria. A intimidade verbal da conversa o satisfazia. Nesse meio tempo, Harold, pedindo-lhe que voltasse a estar com ele, dera-se ao trabalho de adquirir a chave de um apartamento de solteiro em Beacon Street que ficava o dia inteiro vazio. Cheia da curiosidade de saber como vivia um homem solteiro, ela estivera ali com ele na sexta-feira, dois dias antes do domingo em que Piet quebrou o dedo de Freddy. Compreendeu no instante em que entrou que os moradores eram homossexuais. Os móveis eram lindamente harmonizados, mas o vime e o veludo alaranjado predominavam. Um dos homens pintava, ou melhor,

fazia colagens grudando anúncios de revistas e manchetes sobre a guerra, nus desodorizados com axilas nacaradas e camponeses bombardeados todos ensangüentados, selos verdes, Robert McNamara e modelos fascinados com cintas estriadas, com canhões de histórias em quadrinhos colados entre as pernas. Era tudo feio e malicioso, mas a sala era impossível de escandalizar e as magnólias começavam a florir ao sul de Beacon Street. Harold foi delicado, tímido, paternal, reminiscente, comovente. Ela deixou que ele lhe tirasse as roupas e, sentindo-se prontamente excitada, acabou junto com ele.

Mais tarde, depois de um cigarro e um pouco de vinho, deixou-o de novo arrojar-se sem dor nas dilatadas amplidões medianas dela.

Tremendo como se o estivessem chicoteando, ele lhe lambeu as pálpebras e chupou os dedos dos pés, um por um. A sensação foi histericamente divertida. No dia seguinte, que foi um sábado, ela escreveu a Freddy esta carta:

"Caro Freddy:

Sou muito grata a você pelo seu interesse. Sinceramente. Mas estou mais do que nunca convencida de que o meu futuro está com Frank. Por isso, deve deixar de me telefonar. De hoje em diante, desligarei ao ouvir a sua voz. Podemos continuar cordiais e amigos? Por favor, não quero mudar de dentista. Você tem todas as minhas fichas.

Afetuosamente, J".

Mandou a carta pelo correio para o consultório dele na Rua Divindade. Freddy recebeu-a na segunda-feira, leu-a com um sorriso, sem ficar decepcionado, e pensou em queimá-la no bico de gás do consultório, mas, desde que as lembranças da sua vida amorosa eram poucas, amassou o envelope e jogou-o na cesta e guardou a carta no bolso do paletó, onde Georgene a encontrou

naquela noite, quando ele tinha ido à reunião do Lions. No dia seguinte, confessou o seu terror a Piet e ofendeu-o irremediavelmente.

Assim, Foxy tinha e, ao mesmo tempo, não tinha razão a respeito de Janet. Sobrestimava a liberdade de Janet e tinha-se enga-nado a respeito da sexualidade de Freddy Thorne. Embora ele parecesse agressivo para com as mulheres, o que ele realmente queria era fazer aliança com elas. Mas, então, o verão esmagou as conjeturas de Foxy sobre a vida amorosa dos outros e a arrastou como para o mar a um posto de observação de onde os casais na praia de Tarbox pareciam um fio de contas coloridas.

Piet Hanema foi mandado para fora da sala e resolveram que ele seria Ho Chi Minh. Frank Appleby queria que ele fosse Casanova.

mas Irene disse que não podia ser uma personagem de ficção. Frank teve de dizer a Irene que Casanova tinha sido tão real quanto ela e ele, mas todos acharam que a escolha não caía bem. Irene sugeriu o vice-presidente Johnson, mas todos protestaram dizendo que era uma pessoa muito sem graça. Terry Gallagher lembrou Ho Chi Minh e todos acharam perfeito. Isso fez bem a Terry. Depois de ter o alaúde, ela estava mais em harmonia com as coisas, era mais humana.

Durante toda a primavera tinha tido aulas do instrumento com uma velha em Norwell. Tinha deixado os longos cabelos negros caírem.

Os lábios grossos eram repuxados nos cantos como se ela estivesse com uma moeda ou um bombom na boca. Olhando para Terry, Eddie Constantine sugeriu que Piet fosse Joan Baez, mas o resto votou a favor de Ho Chi Minh e Georgene foi até ao pé da escada dos Saltz para chamar Piet.

Era a última noite de domingo do mês de junho. Os compactos cones cor de vinho dos lilases que Piet tinha notado ao hesitar diante do portão de Foxy tinham-se

desprendido e expandido com a primeira semana quente de maio em mitras papais de flores, primeiro cor de alfazema e, depois, as mais altas mais sagradas e mais asceticamente brancas escondidas entre as folhas em forma de coração cujo verde perdera de repente o valor. Os lilases murcharam e morreram, e a sua grinalda de noivado caiu e se empoeirou ao lado dos caminhos e das entradas de garagem. A Flecha, a mais elegante das constelações, voava sem se mover entre o Cisne e a Águia, gigantescos aviões de pedras preciosas cujos pilotos eram Deneb e Altair. A Via-Láctea vagueava como uma corda de roupa no céu esbranquiçado pelo calor. Festas esparsas, organizadas com dificuldade, urtigas sociais, brotaram para encher as noites pálidas hipertrofiadas pela Hora de Verão, festas mistas de sobrados do tê-

nis e meios-casais queimados de sol, salame frio, pizza comprada feita, Bitter Lemon e crianças esquecidas na areia embaladas pelo clarão azul da televisão. A triunfal excursão do Presidente Kennedy pela Europa Ocidental baixou hoje para conversações tranqüilas em Sussex, Inglaterra. . .

Os Saltz, grandes observadores de aves e caminheiros, como se a natureza fosse um curso difícil que estivessem fazendo, tinham chegado tarde à praia para ver os maçaricos e nadar. Irene estava com queimaduras de sol e se aventurou a sair ao meio-dia com chapéus de abas enormes e blusas de jérsei de mangas compridas, só entrando na água à tardinha. No alto dos rochedos do outro lado da praia, ela e Ben encontraram os Hanema, os quatro, com os Whitman, os dois. Ken gostava de caça submarina e as meninas Hanema tinham ficado fascinadas com o seu equipamento. A praia, ali junto dos rochedos, tinha uma inclinação bastante pronunciada que a tornava ótima para a caça submarina. Piet estava dando uma lição a

Ruth, tendo-lhe colocado a máscara e as nadadeiras nos pés, enquanto Nancy com medo do que pudesse acontecer à irmã e ao mesmo tempo com inveja, chorava. Ken e Angela estavam juntos, quase um casal de deuses, imperturbados, invulneráveis, olhando para o horizonte, onde uma regata de barcos a vela estava em andamento, com as bujarronas coloridas e bojudas. Foxy com um maio maternal amarelo-limão com meia saia, estava deitada numa pedra lisa, sorridente e de olhos fechados. Irene sentiu inveja da felicidade e da calma de todo mundo debaixo daquele mesmo sol que a atormentava tanto com a pele em fogo. Estavam todos ali desde o meio-dia. Impulsivamente e ainda com um pouco de esperança de convencer a mulher de Whitman, ainda tão complacentemente desligada de tudo, a trabalhar numa das suas causas (ensino pré-primário, habitação decente, conservação do solo), convidou a todos para um drinque depois da praia. Os Saltz moravam perto do prado, numa estreita casa de telhado de abeto, visível da casa dos Constantine. Estes viram os carros e apareceram na casa. Levaram com eles Terry Gallagher. Carol, que tinha aprendido balé e que cosia, tecia e pintava, tocava também violão e naquele verão as duas mulheres se encontraram muitas vezes para pequenos concertos. Por sugestão de Eddie, Ben Saltz telefonou para os Appleby e os Smith Pequenos e os Thorne para um jantar improvisado. Metade desse grupo apareceu — Frank, Marcia e Georgene. Já então passava das oito horas. Antes que a luz do dia desaparecesse, Eddie levou Angela, nem mais nem menos, na sua lambreta para a casa italiana na Estrada 123 e os dois voltaram com cinco pizzas. Entrando de novo na estreita sala dos Saltz, Angela tinha um aspecto vitorioso, ainda emocionada com o vento, com o medo e com o esforço de equilibrar as caixas de papelão com as pizzas. Estava com uma toalha molhada enrolada na cintura do maiô

preto úmido e, quando se curvou para pegar uma fatia de pizza, Pi-et viu-lhe os bicos dos seios. Sua mulher. Tinha beijado aqueles bicos. Não pensavam que a reunião demorasse muito e tinham levado os filhos. Ruth, com os grandes olhos lacrimejantes, olhava torrentes de televisão em companhia de Bernard, filho mais velho dos Saltz, e Nancy tinha pegado no sono no quarto do pequeno Jeremiah.

Irene gostava muito de jogos com palavras. Às onze e meia, quando Ken Whitman estava estudando os cordões dos sapatos e os olhos de Frank Appleby tinham rolado para dentro atentos ao desenrolar da sua digestão, e Janet havia telefonado duas vezes para ter certeza de que ele e Marcia não tinham saído sozinhos para algum lugar e para perguntar como era que ela podia desvencilhar-se de Freddy, os convivas dos Saltz já haviam quase esgotado os jogos de salão que conheciam. Só restava o de impressões, em que uma pessoa tinha de descobrir o papel que lhe haviam atribuído. Eddie Constantine tinha sido o primeiro e não tivera grande dificuldade em identificar-se com o falecido Papa João XXIII. Georgene demorara mais um pouco a descobrir que ela era Athea Gibson. Piet ofereceu-se, então, para ser o terceiro, porque queria ir ao banheiro lá em cima e também ver como estava Nancy. (*Nunca vou crescer e nunca vou morrer em toda a minha vida*.) Os cabelos estavam emaranhados e um pouco duros da água do mar. O maiô escorregando para cima no sono mostrava as meias-luas do pequeno traseiro cheio de areia. Piet teve pena do corpo da menina, mas a atração da vida lá embaixo o dominava. (*Dorme. Perdoa-nos em ter sono*.) E fizeram dele Ho Chi Minh.

Chegando ao pé da escada, bateu com o lado da mão no flanco de Georgene em lembrança dos velhos tempos, ao mesmo tempo que olhava diretamente em frente. Entrou na sala. Estava de suéter e calções de banho

escoceses. Os pés nus pareciam nodosos e espalmados no chão e aos olhos de Foxy as pernas nuas tinham um halo de pêlos pálidos.

— Em que espécie de paisagem estou eu? — perguntou ele.

— Na selva — disse Georgene.

— Campos de arroz — disse Marcia Smith Pequeno.

— Dilacerada — disse Terry Gallagher.

— Uma paisagem dilacerada? — perguntou Piet.

— Talvez fosse melhor dizer pacificada.

Angela fechou os olhos.

— Vejo um templo, com colunas avermelhadas, um ídolo com a cabeça arrancada, coberto de mato, e alguém fez cálculos matemáticos com um pedaço de giz na parte mais larga de uma das coxas.

— Sexual — murmurou Eddie Constantine.

Georgene disse, endurecendo a linha do maxilar:

— Não é justo um casal usar telepatia.

— Mais alguém? — perguntou Piet. — Foxy? Ken?

Ken disse:

— Penso em Indiana, não sei por quê.

Todos riram, menos Foxy, que disse:

— Ele tem razão. Alguma coisa sossegada, cinzenta e comum? Oregon? Dakota do Sul?

— Quer dizer Dakota do Norte — disse Frank Appleby.

— Nada de sugestões — protestou Carol Constantine. Estava sentada no chão na posição de alguém que tecesse, rezasse ou jogasse monopólio. As pernas estavam dobradas sob a corola de lírio verde de uma saia de dançarina de que o seu corpo emergia como uma haste. A cintura era notavelmente fina e flexível e as compridas fendas das narinas pareciam sempre estar inalando.

— Que flor? — perguntou Piet.

— Papoula.

— Papoula.

— Uma orquídea pogônia — disse Irene Saltz. — Ou talvez uma orquídea franjada.

— Uma orquídea franjada à sombra de uma enorme tulipa chinesa

— disse Frank Appleby.

Carol disse a Marcia:

— Tenho a impressão de que Frank não compreende o jogo. Está sempre fazendo sugestões bem claras.

— Vejo alguma coisa cinzenta. Visco.

— Está vendo tudo cinza — disse Piet com uma entonação estranha e perguntou a Angela: — Flor? Ken?

— Espirradeira — disse Ken, talvez com antagonismo, olhando para os pés.

— Nenhuma flor ou qualquer flor — disse Angela. — Um lírio oferecido por uma criança à mulher do major num dia de festa.

— Uma gardênia murcha no paletó de um garçom — disse Terry Gallagher, com um amplo sorriso depois que todos a elogiaram. Sentiam que ela se desenvolvia e estava chegando ao florescimento.

— Um cardo. Do ponto de vista oficial — disse Georgene.

— Não posso nem saber, do que disseram, se gostam da pessoa ou não — disse Piet.

— Que sexo você está calculando? — perguntou Carol.

O rosto dela, embora calmo e suave, mostrava pontos discordantes de sombra nos cantos da boca e debaixo do lábio inferior esticado, onde parecia haver uma mancha. Piet percebeu que ela aumentava a linha das pálpebras com maquilagem e percebeu que os olhos eram pequenos e muito juntos, tão juntos que em determinados jogos de luz a sua atitude de dignidade parecia de uma pessoa estrábica. Sentiu-se melhor em relação a ela, menos fascinado. Os cabelos eram de um castanho indistinto e penteados num rabo-de-cavalo que não condizia com a idade dela.

— Masculino — respondeu ele. — Mas parece que isso não tem importância. Não é por ser homem que ele é famoso.

— Ao contrário de quem? — perguntou Carol, friamente.

Piet ficou devidamente vermelho.

— Que... que período de pintura?

— *Art nouveau* — disse Angela prontamente.

— Cavernas espanholas — disse Foxy, também com presteza.

Frank Appleby rolou os olhos e disse:

— Só estou vendo o que Carol não quer que eu veja.

— O que é?

— Cartazes soviéticos.

— Não — disse Carol —, com isso não me importo. Não é muito bom, mas não faz mal.

Piet perguntou pacientemente:

— Qualquer outro período de pintura?

— Não — disse Marcia. — Acho que a pintura não ajuda muito. É

muito literal. Escolha outro rumo, Piet.

Piet viu que Frank estava ficando aborrecido e perguntou:

— Em que peça de Shakespeare é que eu estou, Frank?

Frank ponderou inquietamente a pergunta, tomou um gole de conhaque e disse:

— *Antônio e Cleópatra*, do ponto de vista de Augusto.

Marcia, com solicitude toda conjugal, perguntou:

— *Titus Andronicus,* não?

— Muito confusa — disse Frank. — Esse homem é eficiente.

Foxy Whitman — que tinha passado em casa para mudar de roupa e estava com um amplo vestido amarelo-canário — estava procurando conseguir atenção.

— Que tal um *Otelo* em que Iago tenha razão?

— Ele tem sempre razão — disse Frank com uma gargalhada.

Ben Saltz, com aspecto cansado, levantou-se e perguntou:

— Quem quer mais cerveja? Ou conhaque? Há muito gim, mas falta Bitter Lemon.

— Você está demorando muito — disse Georgene. — Temos dado belas respostas e você nada.

— Vocês me confundem com tanta beleza. Vamos ver: qual é a bebida comum?

— Chá.

— Chá.

— Mais *souchong* do que *Orange pekoe.*

— Chá com noz-moscada — disse Angela.

— Você gosta mesmo dessa pessoa, não gosta, Angela? — perguntou Terry.

— Tenho de gostar. É meu marido.

— Detesto chá — disse Piet. — Principalmente com noz-moscada.

— Você nunca tomou chá com noz-moscada — disse Angela.

— É o que você pensa. — Os outros se calaram, dando-lhes margem para a discussão. Piet se apressou em dizer: — Que espécie de comida?

— Arroz.

— Arroz, mas você quer mais — disse Ben, voltando com mais cerveja.

— Arroz como? Cozido ou frito? — perguntou Piet.

— Cozido. É mais puro — disse Angela.

— Delicadamente frito — disse Marcia.

Frank Appleby disse:

— Não quero saber de nada. Vou dizer o que eu estou pensando.

Churrasco de monge.

Carol gritou, muito nervosa, com os pés saindo de baixo da saia.

— Frank, você é um sujo! Agora só faltou dizer o nome!

Piet disse com grande satisfação:

— Sou Ngo Diem.

As vozes dos outros exclamaram:

— Ngo, não. Está quente, mas...

— Sou Ho Chi Minh — disse afinal Piet.

O jogo terminou com palmas alegres. A cerveja circulou. Terry Gallagher e Ken Whitman se levantaram ao mesmo tempo e se olharam, surpresos da coincidência.

— Foi uma traição — dizia Piet. — As impressões de vocês foram muito afetuosas. Tantas flores e tons cinzentos para esse inimigo da nossa democracia.

Georgene compreendeu que a queixa dele se dirigia a Angela e Foxy.

— Você pediu flores.

— Não pediu animais. Uma fuinha barbada.

— Um panda muito magro.

— Odiá-lo por quê? Ele é o que querem que seja.

Quem disse isso foi Irene, que tinha estado surpreendentemente silenciosa.

— *Chacun à son goût*, como diria Harold, se estivesse aqui —

murmurou Marcia com estranha lealdade.

— Fiquei satisfeita de me lembrar que ele foi garçom em Paris

— disse Terry. — Bem, pessoal, muito obrigada, mas tenho de ir-me embora. Fomos bem cedo à missa hoje de manhã e o pobre Matt passou o dia mostrando casas a fregueses.

— Apoio a sugestão — disse Ken. — Vamos, Foxy.

Mas a impressão momentânea de Terry e Ken, juntos de pé como um formoso par, altos, de cabelos pretos e sérios, levou os outros a provocarem Foxy.

— Por favor — disse Carol. — Fique para mais uma adivinhação de pessoa.

— Dessa vez vai ser Foxy.

— Foxy, sim.

— Todas as mulheres grávidas deixem a sala.

Foxy olhou para Ken. Ele leu no rosto dela uma tocante indecisão. Aquela companhia de gente um pouco alta a tentava. A casa de-la estava cheia de mosquitos e de obras de carpintaria inacabadas.

Entretanto, ela estava cansada, era mulher dele e fiel.

— Não, eu não. Não adivinharia nada. Para dizer a verdade, nem compreendo bem o jogo.

— Compreende, sim.

— O jogo é adivinhar quem você é.

— As suas impressões são ótimas.

— Escolheremos alguém simples. Margaret Truman. Jackie não.

Levará dez minutos.

Ela vacilou e Ken falou-lhe com perfeita delicadeza, mas, apesar disso, a voz dele a amedrontou.

— Estou cansado, Foxy. Mas fique e se divirta. Marcia pode levá-la para casa.

— Mas isso não é direito. Marcia já tem Harold com que se preocupar. Vou com você.

— Não pode ir — disseram todos. — Você tem de ficar.

— Fique — disse Ken e virou-se para sair. Ela se sentiu desligada, rejeitada na sua redondeza. A deformidade dela ofendia-o.

Ela tinha pedido que ele a salvasse da sua indecisão e ele a havia ostensivamente deixado à deriva. Zangada, resolveu ficar e subiu, indo para onde Piet tinha estado. Ele não deixara indícios.

Não levaram muito tempo para decidir, pois junho tinha sido um mês fértil em notícias: o Papa João XXIII tinha morrido. Quang Duc se imolara, Valentina Terechkova fora a primeira mulher no espaço, John

Profumo renunciara e o Pai-Nosso fora abolido nas escolas públicas americanas. Dentro em pouco, Georgene chegou à escada e chamou:

— Elizabeth! Elizabeth Fox Whitman, pode descer! — Era a voz da sua tia de Wilmington.

Foxy entrou na sala como uma menina repreendida; o fulgor humano da sala parecia selvagem. Os aposentos escuros lá em cima, com mapas pregados nas paredes e vestígios esparsos de brinquedos, com crianças dormindo em silêncio e torneiras dóceis, tinham sido um mundo melhor. Pensou no quarto dela e na lua que participava da sua insônia. O travesseiro vazio ao lado da cabeça de Ken era de-la.

Ken e Terry Gallagher tinham saído. Frank Appleby estava dormindo com os pés metidos em sandálias em cima da mesa de café falsamente colonial dos Saltz, a boca entreaberta e roncando desaba-ladamente. Foxy ouviu também sussurros na cozinha e viu que faltavam também Eddie Constantine e Irene. Os seis sobreviventes, quatro dos quais mulheres, pareciam cansados e tolerantes e ela compreendeu que devia ter ido para casa com Ken. O jogo estava exausto. Estavam apenas sendo gentis com ela, para fazê-la sentir-se estimada e integrada com eles. Tinha de adivinhar depressa e ir-se embora.

— Que... que espécie de mar sou eu?

Fox não tinha certeza de que as regras impedissem o emprego de associações usadas pelos outros e queria ser criadora sensível, original. Sentado no sofá ao lado da mulher, Piet Hanema olhava para o copo.

— Que espécie de mar? — repetiu Carol. — Muito estranho. Agitado, eu acho.

— Às vezes agitado — disse Marcia. — Às vezes muito calmo e como que encantado. Às vezes como uma grande onda.

— Limpo — disse Piet.

— Limpo?

— Os barcos o atravessam de um lado para outro e não deixam traço. Você os aceita todos e eles não o marcam.

— Um pedaço de mar onde há uma sereia — disse Ben, rindo.

— Nada de sugestões diretas! — exclamou Carol.

Imersa de repente em timidez, Foxy perguntou:

— Angela? Qualquer mar?

— Não é mar — disse Angela. — Uma triste poça de água.

— Triste?

— Mais ou menos enlameada — disse Georgene.

Era um insulto direto, mas todos, especialmente os homens, riram, concordando.

— Bem, que hora do dia?

— Duas horas da madrugada.

— Onze horas da manhã, com lençóis amarfanhados.

— A qualquer hora. O dia inteiro.

De novo, o riso malicioso. Um lento rubor se espalhou pelo rosto de Foxy. Queria gostar daquela pessoa que ela era, apesar deles. Angela tentou ajudá-la.

— Vejo a pessoa saindo de casa às nove horas da noite para as luzes da cidade, feliz à sua moda e sem juízo.

— Ou talvez — acrescentou Marcia — às quatro e meia da tarde, passeando num parque, sem chapéu, sorrindo para os velhos, os esquilos e as crianças.

— E para os *policemen* — disse Piet.

— Estamos ficando muito específicos — disse Carol com voz modulada e olhou para a sussurrante cozinha com o abrupto volteio da cabeça que as bailarinas usam nas piruetas.

Segundo a indicação de Piet, tratava-se de uma pessoa inglesa.

Enlameada, a Rainha Elizabeth? Virgínia Woolf. As ondas. Mas havia os lençóis amarfanhados. Talvez algum efeminado. Cecil Beaton. Alec Guinness, Piet tendo dito que os navios passavam de um lado para outro sem deixar traço, como os papéis de um ator. Mas uma poça de lama? Como estava sendo errada! Tinha receio de errar, estava confusa e paralisada. Os móveis da sala dos Saltz comprimiam-na no vácuo em que se via. Poltronas de veludo escuro com panos rendados nos braços, estantes com números de Scientific American, Newsweek e Look, lâmpadas que se inclinavam para o lado esquerdo das poltronas, Van Gogh iluminando as paredes, fotografias de casamento congeladas no alto de um piano de cauda com teclas amarelas, um cabide de casacos com um espelho manchado no vestíbulo escuro, degraus estreitos que subiam perigosamente, forçando as crianças todas as noites a uma luta com o medo. As primas de sua mãe em Delaware tinham morado em casas assim, construídas rente à rua, cercadas de moitas de hortênsias onde uma criança podia urinar ou esconder-se dos primos. Os judeus haviam herdado a classe média.

Ninguém mais a queria.

— Que classe social? — perguntou Foxy.

— Direto demais — disse Carol.

— Classe baixa — disse Georgene.

— Média baixa — disse Piet. — Algumas qualidades.

— Fora de todas as classes — disse Angela. — Mais baixa do que a classe baixa, mais alta do que a classe alta.

— Você parece uma devota agnóstica — disse Ben Saltz a Angela de uma maneira pedante.

— Que observação mais pernóstica — disse Marcia.

— Não compreendo é como temos qualquer conhecimento dessa pessoa que parece tão comum! — exclamou Foxy.

— Ela tem talentos ocultos — disse Piet.

— Ele ou ela — corrigiu Carol.

— Que ave sou eu? — perguntou Foxy.

— Do paraíso — disse Angela.

— Pardal.

— Pardal.

— Pomba suja.

— Pomba suja está bem.

— Vejo uma ave um pouco alta — disse Piet —, com o peito brilhante. Cacatua?

— Você é um pássaro preto — disse Georgene a Foxy.

— Isso não é direito! — disse Piet a Georgene.

Georgene encolheu os ombros.

— É um pássaro que se serve dos ninhos dos outros.

Foxy pensou que era como se estivesse nua sem saber, como se estivesse morta numa mesa de autópsia e ainda pudesse ouvir o que diziam, as pilhérias indiferentes. Queria estar com Ken. Queria tomar a presença que despertava dentro dela e fugir. Tinha pecado.

— Que figura eu sou na Bíblia? Sei que vão dizer Dalila.

— Não — disse Piet —, está sendo muito cruel consigo mesma.

Talvez você seja Agar.

— Não — disse Ben. — Ela é Abisaag, a moça que levaram para Davi quando ele estava morrendo, a fim de dar-lhe algum calor. *Vecham leadoni hamelekh*, em hebreu.

— E que foi que aconteceu? — perguntou Marcia.

— *Vehamelekh lob yada-ah*. O rei não a conheceu.

— Acho maravilhosa, Ben — disse Marcia —, a maneira pela qual você pode falar isso. Hebreu.

— Estudei a língua durante dez anos. Éramos conservadores.

— Até naqueles gorrinhos para cabeça?

— *Yarmulks.* — O sorriso era emocionante, leonino, com os dentes brilhando dentro da barba. — Mandavam-me no verão para o Campo Ramah.

— Georgene? — perguntou Foxy.

— Não conheço a Bíblia. Acho que devia dizer Dalila. Ou Mada-lena, se não fosse muito presunçoso.

— Vejo-a como uma das mulheres de Jerusalém que nunca apareceram na Bíblia — disse Angela. — Ela apenas não queria se amo-lar. Estava flertando com um soldado romano quando levantaram a Cruz.

— Que mulher terrível — disse Foxy. — Uma poça de água enlameada, um pássaro preto.

— É que você só está escutando o que Georgene diz — murmurou Piet. — Ela está muito moralista esta noite.

— Você também não gosta dela. Angela e Ben são os únicos que gostam dela.

Isso fez ciúmes a Foxy porque não queria que Ben e Angela fossem assim ligados. Ela vagamente queria Ben — não o Ben real mas os ecos que ele despertava — como seu judeu particular.

Os sussurros na cozinha tinham cessado.

— Isso está demorando demais — disse Carol e levantou-se, com o corpo rígido do tempo todo em que estivera sentada, com o pescoço e os pulsos duros e tensos. Não se atreveu a entrar na cozinha.

Limitou-se a dar um passo em direção à porta aberta e a dizer: —

Venham ajudar-nos, vocês dois. Ela está enguiçada.

— Desisto — disse Foxy. — Quem sou eu? Tenho certeza de que nunca ouvi falar de mim.

— Ouviu, sim — disse Piet, querendo que ela se saísse bem e estava embaraçado por ela.

— Sou alguma pequena estrela desinteressante em cujo nome nunca reparei.

— Neste momento — disse Piet — você é uma estrela.

— Neste momento? Julie Andrews. Liz Taylor.

— Não. Você está em rumo errado.

— Que pena! — disse Foxy. — Gostaria tanto de ser uma delas.

São ambas inglesas. Serei por acaso a Dama May Whitty?

— Está sendo tola — observou Carol.

— Pense em alguém importante — disse Piet. — Alguém que o mundo inteiro conhece.

— Faça mais algumas perguntas — disse Ben.

Estavam todos a ajudá-la, soprando a criança que se esquecera dos versos no meio do recitativo. Os olhos duros de Georgene estavam evidentemente satisfeitos. Marcia disse:

— Pergunte a Frank em que peça de Shakespeare você está. Vou acordá-lo.

Marcia deslizou para onde Frank estava esvaziado e mergulhado num canto do sofá gordo e disse conjugalmente alguma coisa ao ouvido dele até que Frank se moveu, abriu os olhos e mirou à frente, desconsoladamente. Foxy sentiu que os olhos dele, ainda tontos, olhavam através dela.

— Socorro, Frank — disse ela. — Em que peça de Shakespeare estou eu?

— Troilus e Cressida — disse ele e fechou os olhos.

— Nunca li — disse Foxy.

— Para mim, você está nos sonetos — disse Marcia.

— Em russo e em inglês, *en face* — disse Piet e todos, todos riram.

— Vocês todos são muito brilhantes — disse Foxy. — Agora, sim, estou totalmente perdida. Eu estava pensando na Princesa Margaret.

— O seu riso se renovou por si mesmo e acrescentou: — Estou com raiva de vocês todos. Quero desistir e ir para casa.

— Não desista — disse Piet. — Tenho certeza de que você sabe quem é. Está-se esforçando muito.

— Qual é o contrário de uma princesa? — perguntou Ben.

— Uma trapeira. Ou uma vendedora de flores. Eliza Doolittle.

Mas julguei que não era possível escolher personagens de ficção.

— E não é mesmo. Você não é Eliza — disse Georgene. — Qual é o contrário de uma virgem?

Angela disse:

— Acho que Foxy tem direito a desistir se quiser.

— Ela não pode desistir. Está perto demais — disse Carol.

Passando a mão pelos cabelos, Irene Saltz voltou à sala. As sobrancelhas pretas pareciam asas de morcego. Disse a Carol:

— Eddie me pediu que lhe dissesse que ele foi para casa. Tem de voar amanhã e saiu pela porta da cozinha.

— Está bem — disse Carol e se reanimou. A sua espinha, quando ela se sentou de novo no chão, tornou a parecer uma haste de flor, esbelta e ereta. Pediu a Foxy: — Tente mais uma impressão.

Com um suspiro de capitulação, Foxy perguntou:

— Que flor?

As respostas foram trabalhadas porque todos queriam que ela adivinhasse, que soubesse.

— Um lírio tigrino transplantado do jardim de aldeia para as ruas da cidade.

— Porque alguém se iria dar a esse trabalho — disse Georgene.

— Vejo uma flor grosseira mas vistosa. Uma papoula.

— Mas Ho Chi Minh já foi uma papoula — disse Piet.

— Sim, pode haver uma afinidade — disse Georgene e voltou para ele os olhos levemente estofados e indignados, que, com a pele queimada e cabelos grisalhos, pertenciam à mulher cáustica de meia-idade que ela se ia tornar. Foxy se lembrou do silêncio de

Georgene durante o jantar à luz das velas em casa dos Guerin, um silêncio secreto e concentrado que tinha parecido, naquela noite desagradável, ser da mesma natureza química da gravidez de Foxy.

Desde então, aquela mulher tinha envelhecido impiedosamente.

— Não sei quem é — disse Irene. Quando Carol lhe segredou o nome ao ouvido, disse logo: — Madressilva silvestre.

— Não houve no Japão uma flor que, depois das nossas bombas, brotou ninguém sabe como e vicejou na área radiativa? — perguntou Angela. — Pois é assim que eu vejo essa pessoa, transformando os nossos venenos modernos em alguma coisa doce.

Foxy olhou-a, agradecida.

— Muito bonito isso. Angela. Já não me incomodo tanto de ser essa pessoa.

— Chicória — disse Marcia. — Ou qualquer coisa de estufa.

— Às vezes — disse Ben Saltz —, quando se limpa o jardim, encontra-se uma planta daninha, evidentemente daninha, mas não se tem coragem de arrancá-la porque naquele momento ela é muito ornamental.

— Todos nós somos assim — murmurou Angela.

— Fale por si mesma, bonequinha — disse Georgene.

— Um gerânio mudado de janela para janela a fim de pegar sol.

Um jacinto vendido num vaso de plástico — disse Piet. — Talvez uma rosa Lady Palmerston. Foxy, já viu alguma vez numa estufa mergulharem cravos num vaso de tinta? É assim que fazem cravos verdes para o dia de S. Patrício. Acho que você é um cravo amarelo a quem embeberam em tinta roxa, de modo que você parece de uma negrura incrível, e as pessoas que tocam em você pensam que deve ser artificial e ficam espantadas de

que você seja mesmo uma flor. Mas, quando morrer, voltará a ser amarela.

O rosto dele, rígido e comum, tinha esse mesmo descoramento da flor muito tocada.

— Há uma despreocupada dureza que não estamos sugerindo — disse Carol.

— Vamos ver agora livros — disse Marcia com impaciência.

— *Moll Flanders* por Ian Fleming.

— *Phineas Finn*, resumido por Playboy — disse Angela.

— *Chapeuzinho Vermelho* pelo Marquês de Sade — disse Ben.

— Chega! — exclamou Foxy. — Desisto. Não sou nada perspicaz. Diga-me quem é, Angela.

— Você é Christine Keeler — disse-lhe Piet.

No silêncio, o estômago de Foxy resmungou.

— Sou aquela... vigarista? Oh, que tristeza !

Sem querer, sem avisar, sem saber o que estava ocorrendo com ela naquele instante, virando a cabeça em lágrimas, Foxy começou a chorar, cheia de fadiga e confusão, sendo então claro para todo mundo, exceto Angela e Ben, que, como suspeitavam, ela se estava encontrando com Piet.

Capítulo três

GELO FINO

Do mesmo modo que no sono precisamos sonhar, quando estamos acordados precisamos falar e tocar, que nos falem e nos toquem.

Foxy?

Que é, Piet? Os simples nomes tinham uma magia, a magia de uma carícia que procura o que há de monstruoso e de terno nos órgãos genitais do outro.

Pensa que estamos errados.

Errados? O conceito pareceu gravitar para ela de outro cosmos de pensamentos. *Não sei. Creio que não*.

Como você é boa! Por não pensar assim?

Sim, sim. Não pense assim nunca. Justifique tudo para mim. Sabe que sonhei com você na noite passada? É a primeira vez que isso me acontece. É engraçado ver as pessoas que nos aparecem em sonhos. É um clube regido pelas regras mais absurdas. Vivo sonhando com Freddy Thorne e não posso suportá-lo.

Que era que eu fazia no seu sonho? *Era erótica*?

Não, era muito casta. Eu estava numa loja de departamento sob um teto de vidro. Você era uma caixeirinha e eu parei diante do seu balcão sem saber o que era que eu queria.

Eu era caixeirinha, era? Ela tinha esse jeito de provocante antagonismo para atender a um orgulho melindroso. — *E que era que eu estava vendendo?*

Você parecia deslocada naquele meio. Estava distante e alhea-da, tanto quanto você pode ser. Eu não conseguia dizer nada. Você se abaixou atrás do balcão como para procurar alguma coisa, desaparecendo, e eu acordei com uma tremenda ereção.

Às vezes, quando a insônia o acometia naquele verão, Piet, estendido na cama ao lado de Angela que dormia, levantava a mão e lhe estudava a forma marcada em preto nas vidraças azul-claras da janela de caixilhos cruciformes. A mão parecia levantada da água um instante antes do mergulho final. A respiração despreocupada e lenta de Angela parecia uma onda na superfície das profundezas a que ele podia descer. Sentia falta dos rangidos, como raios de luz, da roda do ratinho. Tinha sido tímido e circunspecto com Foxy, como um homem assalariado dentro da casa dela e sem a menor intenção de desejá-la. Mas ela lhe fizera companhia durante o projeto de remodelação da velha casa, do lado de fora e de dentro, detalhe por detalhe, com uma ansiedade leve e fugidia que o tinha estranhamente confundido com a madeira nua em que ela tocava.

Aqui podemos colocar prateleiras.

Ou armários.

Não prefere prateleiras abertas? *As portas dos armários podem ser muito independentes. Ou emperram ou não fecham direito.*

Os armários podem ser esconderijos magníficos a salvo de surpresas. As prateleiras abertas são uma tentação. Você tem um gato e vai ter filhos. Vai precisar de um espaço que possa fechar. Tenho dois velhos carpinteiros que podem fazer armários muito bons.

Chamam-se Adams e Comeau.

E você quer dar-lhes trabalho?

Piet foi colhido de surpresa. Aquela mulher parecia, ao mover-se de um lado para outro na sua velha cozinha, no seu folgado robe maternal, mais leve do que as outras mulheres, mais rápida em adivinhar-lhe os pensamentos, como se ele aparecesse diante dela não como ele mesmo mas como outra pessoa, a quem ela em outros tempos havia conhecido bem e em quem ainda despertava alguma emoção. Disse-lhe reservadamente: *São homens*

que trabalham com muita dedicação e eu gosto de vê-los trabalhar para pessoas que entendem.

Ela se voltou e abriu os braços para a vista como para um ícone e disse com entusiasmo: *Quero prateleiras abertas, portas abertas e tudo aberto para o mar e o ar do mar. Tenho passado toda a minha rida em quartinhos bem arrumados que procuravam sempre economizar espaço.* E saiu da cozinha com o robe cor de limão a esvoaçar em torno dela, com o rosto corado. Piet viu que ela ia ser um problema.

Georgene perguntou-lhe:

— Por que aceitou a obra? Disse-me que iam construir casas de fazenda.

Estavam ao lado da quadra de tênis dos Ong na manhã do domingo. Piet tinha desistido de ir à igreja para que Angela pudesse aceitar um desafio insistentemente feito por Freddy Thorne. Piet perdeu aquela hora de meditação sentado e de canto de pé. Sentia também a cabeça apertada por geladas faixas rígidas do gim da noite anterior. O desafio, feito em voz alta na casa dos Constantine na véspera, era para um encontro entre Freddy e Angela em singles.

Mas, naquela manhã, Bernadette já estava voltando da missa com os três filhos e foi preciso convidar os Ong para jogarem na sua pró-

pria quadra. Esta tinha sido cortada de um terreno em rampa adjacente à casa recém-construída. A casa exótica e dispendiosa, toda em beirais chatos, lajes e escadarias suspensas, projetada por um arquiteto que John conhecera em Cambridge e era ligado a I. M. Pei, era um lembrete desconcertante para os jovens casais de Tarbox que se consideravam importantes do incongruente prestígio de John Ong. Este, um homem baixo, magro e bem moreno, que adorava tudo o que era americano, das câmaras de bolha do laboratório aos cigarros de filtro, tinha pelo tênis um entusiasmo desprovido de

competência. Jogava invariavelmente com roupas brancas bem passadas, completadas pelas faixas dos pulsos e por uma pala verde. As suas rebatidas cuidadosas, que ele sublinhava com gritos de estímulo e resmungos de decepção, eram rudemente respondidas por seus amigos ocidentais. Bernadette era, porém, uma adversária difícil.

Ela e Freddy, que ficava comicamente de pés espalmados e servia bolas facílimas, jogavam contra John e Angela, cuja maneira de jogar era graciosa e técnica, exceto na rede, onde ela não tinha o menor senso de fazer ponto. Piet e Georgene assistiam ao jogo e conversavam. Falavam aparentemente em tom normal, mas tinham o cuidado de não serem ouvidos.

— As casas de fazenda acabam cansando — explicou Piet. — São todas parecidas.

Georgene ficou indignada.

— Os dentes também. São todos parecidos. Ações e títulos também são parecidos. Todos os homens trabalham com coisas que são sempre as mesmas. Por que é que iria ser diferente com você? Por que vive procurando divertir-se? E nem para dizer que você tem dinheiro.

Desde a infância qualquer censura dava a Piet cãibras cere-brais. Parecia-lhe um paradoxo matemático muito difícil de contemplar o fato de que o mundo fosse capaz, em qualquer ponto da sua imensa superfície, de não o amar.

— Vocês todos têm dinheiro para mim — disse ele.

— É esse o seu estilo, não é? Você toma. Toma, agradece e dá o fora.

Com o rosto de perfil, parecia o valete de espadas. O brilho do sol salgava-lhe o queixo.

— Foi você — disse ele, depois de esperar que uma série de rebatidas e exclamações do jogo lhe escondesse

a voz — que disse que devíamos ter cuidado. Foi por causa da carta de Janet, lembra-se?

Eu precisava de você naquele dia e você me repeliu.

— Isso foi há muitos meses. Eu disse que precisávamos ter cuidado, não que devíamos acabar.

— Não gosto que me digam que eu devo ter cuidado.

— Claro que não, porque você não precisa ter cuidado. Angela sabe perfeitamente de tudo o que você faz, mas prefere não ver.

Angela, ouvindo o nome dela, voltou a cabeça, e Piet disse:

— Georgene está admirando o seu estilo. — Disse então a Georgene como se se tratasse de uma conversa normal: — E quanto a você e seu marido? Acabou pedindo-lhe explicações sobre a carta.

— Claro que sim.

— E ele?

Ela virou a raquete de tênis entre os joelhos e olhou as cordas. Áspera, macia. Áspera, macia.

— Não me lembro mais. Conseguiu desvencilhar-se. Disse que era uma coisa puramente paternal e que ele estava tentando livrar Janet da confusão dos Applesmith, que ela estava neurótica e tinha recorrido a ele. Isso era perfeitamente plausível da maneira pela qual a carta estava escrita.

— E, então, tranqüilizada, você foi para a cama com ele.

— Fui, sim.

— E foi esplêndido.

— Não foi mau.

— Vocês tiveram sete orgasmos e nos intervalos leram Henry Miller.

— Parece até que você estava presente.

— Deduzi das suas múltiplas e vívidas descrições.

— Deixe de ser bandido, Piet. Estou cansada de viver como uma cadela. Venha-me ver. Só para tomar um café.

— Se formos apanhados, tomar um café será tão ruim quanto ir para a cama com você.

— Tenho tantas saudades de você.

— E eu não estou aqui?

— Há outra, não há?

— Não seja boba. Você já devia me conhecer.

— Não posso acreditar que seja aquela tal Whitman. É tão em-proada e alambicada. Não é seu tipo.

— Tem razão. Não é ela. É Júlia Smith Pequeno.

— Foxy é alta demais para você. Deixa-o em posição ridícula.

— Agora, sou não apenas pobre. Sou anão também. Como foi que uma menina de classe como você foi-se juntar a um sujeito como eu?

Georgene olhou-o friamente. À frente dos seus olhos verdes e do nariz alto, a tela da quadra de tênis. Além, a encosta coberta da verde grama do verão que se esbranquiçava nos pontos onde o vento a tocava. Ondas. Grades. Combinar e separar. Dissolução.

— Não sei. Deve ter sido coisa puramente química — murmurou ela.

A tristeza do desejo surgiu abaixo do cinto de Piet. Tinham chegado juntos. Muitas vezes. Os larícios, o piso de alcatrão. O

turbante púrpura.

Mais um ponto e o jogo acabou. Angela e John Ong, que tinham vencido, se aproximaram, luzidios de suor. John falou e Piet não compreendeu o que ele dizia. As vogais convergiam todas para o "a"

e enfiadas entre consoantes discordantes. Piet, com os olhos apertados, sentia a inteligência esforçar-se por alcançá-lo de trás daquela lisa máscara dourada.

— Ele diz que não tem mais fôlego — disse Bernadette por ele.

Ela era larga de ombros e de bacia e o seu rosto tinha a amplitude de um sorriso mesmo quando ela não estava

sorrindo. Piet gostava dos Ong. Deixavam-no usar a quadra de tênis deles, nunca se mostravam superiores e a presença deles em Tarbox era tão contingente quanto a dele. John acendeu um cigarro e sentiu um acesso de tosse seca e Piet ficou surpreso de ver que a tosse dele era inteligível. Era um vocabulário elementar para todos os homens. A tosse, o riso, o soluço, o grito, o peido, o suspiro. Amém.

John, com o corpo dobrado pela tosse, conseguiu dizer que os dois casais deviam jogar depois. Os Ong voltaram juntos para casa com o seu trio de garotos que pediam coisas.

Os Hanema enfrentaram os Thorne na quadra. Georgene havia posto óculos escuros e o resto do rosto parecia feito a cinzel. O sol estava forte. A reverberação patinava no piso verde da quadra. Angela serviu. O seu serviço, embora exato, carecia de ritmo e caía redondamente em posição para a rebatida. Foi Georgene quem rebateu com um dos seus *forehands* firmes e determinados, lançado para Piet, encurvado perto da rede. A raiva havia acelerado um pouco a rebatida e a bola bateu na parte superior da rede à altura da cintura de Piet e caiu parada ao lado de Georgene.

Angela marcou em voz alta a contagem e se preparou na ponta dos pés para servir de novo.

Piet mudou de lugar na quadra. Diante dele, Freddy Thorne vestia escandalosos calções escoceses, uma efeminada camisa cor de rosa, um casquete em bico de pato para cobrir-lhe a calva, soquetes azuis e sapatos de basquete que pareciam grandes demais para ele. Freddy tinha os pés esticados para fora e levantava a raquete até à altura do ombro como se fosse um bastão de beisebol. Angela, tendo rido e perdido o ritmo, cometeu falta dupla.

— Quinze tudo — disse ela e Piet ficou de novo diante de Georgene. Era um traiçoeiro jogo fluido. As vantagens

se transferiam rapidamente. O amor se transformava em ódio. Foi você que me fez assim, Georgene, sem olhos, com o corpo em posição para o serviço, calculou-o para o seu *forehand,* levou a raquete atrás, deu um passo à frente e Piet, agarrando a sua raquete com tanta força que o suor lhe corria pela mão, sufocou um grito em que pedia misericórdia.

— Estou bonita, papai?

O queixo de Piet doeu com a supressão de um bocejo. Tinha pensado que a sua tarefa estava terminada. Vira Nancy escovar os dentes e lera com ela pela vigésima vez *Onde Estão as Coisas Selvagens* e recitara com ela, o que faziam cada vez mais raramente, a oração da noite, uma pequena litania de pedidos de bênção na qual Piet nunca sabia se devia inserir ou não o nome dos pais. Achava que eles também, do mesmo modo que os avós maternos, deviam ser lembrados pela menina, mas a morte inalterável deles perturbava Nancy. Por isso, Jacobus e Marte Hanema eram quase sempre excluí-

dos dos pedidos de bênçãos e no céu os seus espíritos murchavam ainda mais à míngua de água.

— Você é bem bonita, sim, Nancy. Quando crescer, será tão bonita como mamãe.

— E sou bonita agora?

— Não está sendo bobinha? Claro que você é bonita já.

— E as outras meninas são bonitas?

— Que outras meninas?

— Martha e Júlia.

Pequenas mulheres sem parte superior dando gritinhos na água fria da baía de Tarbox. Pernas e braços roliços açucarados com areia. Agachadas à luz do crepúsculo para represar a maré.

— Que é que você acha, Nancy?

— Elas são feias.

— Não, são bonitas ao jeito delas. Martha é bonita ao jeito dos Thorne. E Júlia, é bonita de que jeito?

— O jeito dos Smith.

— Exato. E Catharine, de que jeito?

— Appleby.

— Do jeito dos Appleby. E quando a Sra. Whitman tiver um bebê, ele será bonito do jeito dos Whitman. — Era errado fazer uso dos ouvidos inocentes de uma criança, mas Piet sentia prazer em pronunciar o nome de Foxy, conservá-lo demoradamente na boca e sentir o corpo inundado pela recordação dela. Angela, mais sensível do que de hábito e além da sua compreensão consciente, ficava irritada quando ele falava dos Whitman com cautelosa displicência e o nome fora subliminarmente proibido na casa.

Nancy já havia compreendido o jogo. Com o rosto redondo pousado sorridentemente no travesseiro, disse:

— E quando Jackie Kennedy tiver bebê dela, ele será bonito do jeito dos Kennedy.

— Isso. Agora durma, Nancy bonita, ou você ficará aborrecida e preguiçosa amanhã de manhã.

Mas havia na menina, mais do que em sua irmã de sangue holandês, a velha obstinação feminina.

— Mas eu sou a mais bonita de todas, não sou?

— Escute, nós já vimos que cada uma é bonita do seu jeito e ninguém quer mudar, porque então seria tudo igualzinho. Como limões.

Ele tinha deixado um martini lá embaixo na sua poltrona e o gelo devia estar-se derretendo, aguando o gim cristalino.

O rosto de Nancy estava deformado pelo esforço que ela fazia para não chorar.

— Mas então eu vou morrer — disse ela.

Piet procurou apreender-lhe o pensamento.

— Acha que, se você for a mais bonita de todas, Deus não deixará você morrer?

Ela fez um sinal afirmativo com a cabeça sem falar. O polegar tinha ido parar na boca e ela tinha os olhos mais escuros, como se estivesse chupando tinta do dedo.

— Mas as pessoas bonitas morrem também, Nancy. Não seria justo que só as feias morressem. E ninguém parece feio para as pessoas por quem é amado.

— Como as mamães e os papais — disse ela, tirando o dedo da boca apenas um instante.

— Exatamente.

— E os namorados e as namoradas.

— Acho que sim.

— Eu sei quem é a sua namorada, papai.

— Sabe mesmo? Quem é?

— Mamãe.

Piet riu.

— E quem é o namorado da mamãe? — perguntou. Simetria.

— O papai de Martha?

— Aquele homem horrível?

— Ele é engraçado — explicou Nancy. — Fala "quage"

— Acha então que, se eu dissesse "quage", seria engraçado também.

Ela riu. O riso borbulhante foi levado de perto da porta até o reino do sono.

— Você disse "quage". Que vergonha, papai!

O silêncio caiu entre eles. As folhas dos lilases, sem flores, tinham chegado à altura da janela de Nancy e, como coraçõezinhos verdes, a roçavam. O medo batia na janela, arranhava. Piet não tinha coragem de sair.

— Tem mesmo medo de morrer, minha filha?

Nancy bateu solenemente com a cabeça.

— Mamãe diz que eu vou viver até ficar bem velha para então morrer.

— Será ótimo, não acha? Quando você for bem velha, poderá sentar-se na sua cadeira de balanço e dizer aos

seus tetranetos que um dia você teve um pai que dizia "quage".

O desejado riso subiu à tona do rosto ensombrado da menina e logo, sem um som, submergiu. Ela estava olhando para o horror que o pai havia evocado.

— Eu não quero ser velha! Não quero crescer!

— Mas você já está mais crescida do que era. Houve um tempo em que você era deste tamanhozinho assim. Você não quer ser outra vez pequena como era. Não sabia falar, nem andar, nem nada.

— Quero, sim, papai. Vá-se embora e chame mamãe.

— Escute, Nancy. Você não vai morrer. O que dentro de você diz que é "Nancy" nunca vai morrer. Deus não deixa ninguém morrer. To-ma as pessoas e as leva para o céu. A coisa velha que põem debaixo da terra não é você coisa nenhuma.

— Quero mamãe!

Piet, aborrecido, viu que Angela, na sua simplicidade, formulara aquela doutrina de esperança, da única esperança, estranha e temível para a menina.

— Mamãe está lavando os pratos lá embaixo.

— Quero mamãe!

— Ela virá dar um beijo em você quando você estiver dormindo.

— Quero mamãe agora.

— E não quer papai?

— Não.

Às vezes, naquelas noites quentes e pálidas, quando o ar refrescava e os carros que passavam deixavam um rastro fosforescente de música de rádio, Angela se voltava para Piet, ali estendido à espera de que a fadiga o vencesse. Parecia crucial que ele não tivesse o menor gesto de desejo por ela e não dissesse uma só palavra, como se um visitante do espaço houvesse usurpado o corpo da esposa. Angela se aconchegava a ele e com os dedos curvados seguia-lhe curiosamente os contornos do

lado da espinha. Também em silêncio, para não quebrar o sortilégio, ele lhe correspondia às carícias, descobrindo a camisola, em geral um obstáculo estorvante, que escorregava e caía do corpo dela como uma mortalha apodrecida que cai de um corpo ressuscitado no vigor da sua força. Ela mostrava atrás e entre as pernas uma riqueza de curvas e umidades atentas. Ele lhe suspendeu a camisola até o pescoço e com os dedos prendeu ao alcance da boca um seio chamejante, formando com ela um "ah" de apreensão. Quando com insistente simetria ela rolou para o lado a fim de que ele usasse o outro seio, a mão dele descobriu o monte de Vênus inflado, a sua carne bela e flutuante projetada para uma divindade, uma presença que Piet tinha a sorte de haver encontrado e capturado em sua própria forma escura. A beleza da mulher lhe acariciava os olhos. Baixou a cabeça desgrenhada para a antiga alameda onde, como altiva rainha, ela mais espumava. Explorou com a língua os grandes lábios ácidos até achá-los doces. Ela o puxou pelos cabelos. Venha! "Quer entrar em mim?" Ele, que havia entrado em Foxy Whitman na tarde anterior, compreendeu, maravilha-do, que não havia no mundo vagina como a de Angela, tão sumarenta e repleta. Perdeu-se até o cabo sem resistência. A agudez da química dela fê-lo gemer. O problema com o amor deles era que ele sempre a tinha achado rica demais para ser manejada. Ela lhe tocou o peito cabeludo, espere, botou a mão em si mesma e ele esperou, misturado com os dedos dela como o rastro de um cometa, até que a mão dela voou para empurrá-lo pelas nádegas e, pedindo-lhe que a matasse, perdeu o ar e absolveu-se da tensão.

— Minha cara esposa — disse ele. — Que boa surpresa.

Ela sorriu, estendida de costas no lençol banhado de suor, com os ombros nus polidos pela luz das estrelas.

— Eu também fico com vontade. Como suas outras mulheres.

— Não tenho outras mulheres — disse ele, afagando e alisando a transbordante coroa dos cabelos. — A sua vagina é celestial.

Angela afastou-se e ele virou-se para o outro lado a fim de dormir. Desde que se tinham casado, ela tinha o costume de dormir nua depois que se amavam.

— Tenho certeza de que lá dentro todas nós somos iguais — murmurou ela.

— Não é verdade — disse ele. — Não é absolutamente verdade.

Mas ela não tomou conhecimento da confissão dele.

Ele tinha sido tímido e circunspecto com Foxy, sem a menor intenção de desejá-la. Passava a maior parte do dia em Indian Hill trabalhando nas três casas, que já se elevavam nas suas estruturas das fundações de concreto: um alfabeto de tábuas, formando aqui um N ou um T, um M ou um H, traves, pranchas, vigas, soleiras, planos entrelaçados. De martelo na mão, Piet gostava de sentir a penetração feita na gravidade. A estrutura que suportava o peso era uma coisa que ele podia ver e uma casa nunca lhe parecia tão bela quanto assim no seu arcabouço antes que os materiais e os ofícios espúrios eclipsassem a honesta carpintaria e antes que a obra fosse retardada e procrastinada pelos subempreiteiros — os eletricistas como fuinhas, os desleixados bombeiros, os obstinados e imóveis pedreiros.

Assim, em muitos dias, só depois das três ou quatro horas da tarde ele tomava a estrada da praia rumo à casa dos Robinson. O

maior problema, que era a falta de um porão, tinha sido o primeiro a ser resolvido. A ala dos empregados, quatro pequenos quartos com trapeiras e uma abandonada *kitchenette*, tinha sido demolida, permitindo a uma escavadeira abrir em dois dias um buraco de três

metros de profundidade à beira da cozinha. Quatro universitários, munidos de pás, tinham levado uma semana para cavar abaixo da cozinha e do corredor até chegar ao buraco existente da fornalha sob a sala. Durante alguns dias, enquanto o concreto era corrido e espalhado (a operação coincidiu com uma onda de calor no começo de junho e a cena embaixo da casa, com os rapazes nus da cintura para cima e com os pés na lama, era infernal), metade da casa de Foxy se sustentou em algumas vigas de cedro e em colunas de aço assentadas em blocos de concreto. Então, acima do porão, no lugar onde ficara a ala dos empregados, Piet construíra um anexo térreo, com dois quartos, um deles podendo servir de quarto de crianças e o outro de sala de jogos, com uma varanda fechada de tela para os lados da lagoa e ligada à cozinha por uma passagem onde podiam ser guardadas ferramentas de jardinagem. Antes do fim de junho, Foxy encomendara às estufas de Vos & Sons seis canteiros de mudas de roseiras e as plantara no fundo da nova ala e estava tentando fazer as plantas vingarem na terra argilosa ainda cheia de lascas de madeira e marcas de tratores.

Em cinco dias de julho, uma turma de trabalhadores havia tirado do chão a massa informe de ripas e caibros, armando-a num telhado plano e bem feito.

A velha varanda de assoalho irregular fora derrubada. A luz inundava a sala de estar, cujas paredes, depois que tubos de ar quente procedentes da nova fornalha foram instalados, se revestiram de uma tela de arame, sendo estucadas por um velho checo de Lacetown, que trabalhava com um sobrinho aleijado. Eram os últimos estucadores ao sul de Mather. Essas grandes reformas, substancial-mente completadas em agosto, custaram a Ken Whitman onze mil dólares, dos quais apenas dois mil e oitocentos couberam à firma de Piet, só algumas centenas podendo ser consideradas como lucro. O

resto foi gasto em material, em pagamento aos trabalhadores, a Adams e Comeau, ao empreiteiro do aquecimento, ao fornecedor de concreto, ao empreiteiro dos encanamentos. Os melhoramentos da cozinha — nos aparelhos, encanamentos novos, armários e linóleo —

andaram em mais três mil dólares e Piet, com pena de Whitman (que nunca reclamava compaixão e compreendia as necessidades e as despesas com uma série de remotos gestos de aquiescência, à medida que a casa se tornava menos dele e mais de Foxy), cobrava a parte dele quase pelo custo. Como todos, especialmente Gallagher, haviam previsto, a obra estava dando prejuízo.

Mas Piet sentia prazer em ver Foxy, grávida, ler uma carta ao lado de uma parede imaculadamente branca, com a sua sombra levemente dourada. Ele queria que ela ficasse contente com o trabalho dele. Cada modificação que ele fazia estabelecia com mais firmeza uma propriedade essencial. À noite e durante as longas horas do dia em que ele não estava mais com ela, via-a protegida e vigiada por sentinelas que ele havia distribuído: colunas de aço esbeltas e fortes no porão, superfícies de estuque de uma atenta uniformidade lisa, portas vigilantes habilmente pousadas nos velhos caixilhos e uma clarabóia renovada e reforçada, acima da cabeça adormecida. Via-a sempre adormecida quando ele não estava presente, amadurecendo na inconsciência. Às vezes, quando ele chegava no meio da tarde, ela estava tirando um cochilo. O mar cintilava sombriamente nos sinuosos canais. O farol de Lacetown tremia ao longe dentro do calor. O cheiro de feno do verão recobria forte mente a encosta, descendo até a lagoa. Ao lado da porta havia hastes de lilases: Não havia carros de trabalhadores estacionados; só a sua camioneta Plymouth azul como um hinário.

Levantou o ferrolho do portão de alumínio. Examinou a estrutura inacabada do anexo, notou duas tábuas mal pregadas e lascadas, deu a volta pela frente da casa onde tinha sido a varanda e onde havia então um montão confuso de lama, pingos de concreto endurecidos, sacos de papel empoeirados e tiras de película de polietileno e lá do insulamento, e, continuando, bateu na porta lateral, uma porta que parecia fechar com pressão para fora com o silêncio que continha. Dentro, alguma coisa fez a casa tremer ligeiramente. Era Cotton, o gato malhado de passo pesado dos Whitman.

Piet entrou e o gato, arqueando o corpo, espreguiçando-se e ronronando na antecipação de ser pegado no colo, acolheu-o por entre o sacrossanto odor dos cavalos.

Foxy estava lá em cima. Com movimentos furtivos que visavam a acordá-la pouco a pouco, Piet percorreu as peças inacabadas, veri-ficando as juntas com o canivete, abrindo e fechando as portas dos armários que se cerravam com uma leve atração magnética. Acima dele, houve um passo mais pesado do que o de um gato. Piet se concentrou furiosamente nos detalhes do encanamento de cobre colocado embaixo da velha pia de ardósia, parado no meio da conexão, onde os bombeiros o haviam deixado, aberto como um grito. Ela chegou perto dele, com um roupão de banho mal amarrado sobre uma combinação, com o rosto deformado pelo sono, os cabelos loiros empastados do lado que estivera em contato com o travesseiro.

Disseram que iam voltar.

Eu estava querendo imaginar por que foi que eles saíram.

Eles me explicaram. Disseram que era uma peça de junção que faltava.

São a praga da indústria de construções. Bombeiros e pedreiros.

Há falta deles?

Sim, estão desaparecendo, mas até nisso são lentos. Você e Ken devem estar cansados de ver a casa nesta confusão.

Nada disso. Ken nunca está aqui durante o dia e eu me divirto em ter homens presentes aqui em casa. Adams e Comeau ficaram hoje sentados à mesa do café muito tempo comigo falando dos velhos tempos de Tarbox.

Que velhos tempos?

Parece que isto aqui já foi uma cidade bem agitada. Escute, quer beber alguma coisa? Acordei com uma sede terrível e posso fazer limonada.

Eu devia voltar ao escritório e brigar com os bombeiros.

Prometeram voltar para que eu tivesse água quente. Quer cor de rosa ?

Limonada cor-de-rosa? Era assim que minha mãe fazia. Com morangos.

Nos velhos tempos, segundo me disseram Adams e Comeau, o bonde passava pela Rua Divindade e os bêbados superlotavam o carro, porque esta era a única cidade em que não havia lei seca entre Boston e Plymouth. Isso acontecia até nos dias de nevasca.

É uma coisa curiosa o que aconteceu aos bondes. Desapareceram por completo.

Eu não gostava deles. Eram muito abafados e quase todos os mo-torneiros fumavam charuto.

Agora me lembrei. Que é que quer no lugar onde era a sua varanda? *Um gramado, um pátio*?

Gostaria de uma latada com uma parreira. De que é que está rindo?

Iria perder com uma latada toda a luz que ganhou. Você vai gostar daquela vista das janelas.

Não tenho interesse pela vista. Isso é com Ken. Está sempre olhando para fora. Que é que me diz sobre latadas?

Você é quem vai dizer.

Quando eu estava crescendo, no verão antes de Pearl Harbour, meus pais tiveram vontade de sair de Bethesda e alugaram por um mês uma casa na Virgínia onde havia uma enorme parreira sobre ladrilhos, onde as formigas faziam montinhos de terra. Deve ter sido em 1941. Desculpe, mas em geral não falo tanto assim.

Eu sei.

Lembro-me de que os galhos da parreira formavam letras assim.

Fez um A com os dedos. Tentei ver se encontrava todas as letras do alfabeto, de A a Z.

Até onde chegou?

Até o D, eu acho. Nunca pude encontrar um E que me satisfizesse. Não podia deixar de haver um ali.

Você devia ter passado para o F.

Eu era muito supersticiosa e achava que não podia fazer isso.

Vivia cercando-me de proibições.

Piet fez uma careta. A limonada precisava de mais açúcar.

Inibições. Com o tempo desaparecem. Mas é uma coisa de que eu sinto falta, sabe?

Não diga uma coisa dessas. Por quê? Não sinto nenhuma falta.

Desde que fiquei grávida, passei a ser desleixada. Estou agora mesmo com este roupão. Mas eu gosto. Os lábios dela pareciam esbranquiçados no rosto rosado. *Posso lhe dizer um segredo*?

É melhor não dizer. Escute aqui, qual é o tom de branco que prefere para as madeiras da sala? *Branco simples, brilhante, marfim ou casca de ovo*?

Meu segredo é tão inocente. Durante muitos anos, tive vontade de ficar grávida e medo também. Não apenas de ficar com o corpo deformado, pois sempre fui tão magra que isso não poderia ter importância, mas de meu corpo causar constrangimento aos outros.

Passei meses sem dizer a ninguém senão a Bea Guerin.

Que disse a todo mundo.

Sim, e foi bom. A verdade é que isso não tem importância. Os outros não se interessam. Foi muita pretensão minha julgar que se interessavam. Na realidade, gostam um pouco mais da gente quando se parece usada.

Você não me parece muito usada.

Nem você a mim.

E os homens ficam usados? Eles é que usam.

Nisso você está errado. Nós usamos os homens todo o tempo. É

só o que sabemos fazer. Mas você dizer isso combina com a falta que sente das inibições. Você é muito puritano, muito severo consigo mesmo. A princípio, pensei que você se deitava nas escadas e fazia acrobacias para se mostrar. Mas agora sei que faz isso na esperança de se machucar. De que é que está rindo?

De ver como você é inteligente.

Não sou. Diga-me alguma coisa da sua infância. A minha foi triste. Meus pais acabaram conseguindo o divórcio. Para mim foi uma surpresa.

Tínhamos uma estufa. Meus pais falavam com um pesado sotaque irlandês que eu fiz o possível para perder. Morreram ambos há alguns anos num desastre de automóvel.

Eu sei. Freddy Thorne chama a você nosso órfão.

Você vê muito Freddy Thorne?

Não mais do que devo. Ele fala comigo nas festas.

Ele fala com todo mundo nas festas.

Sei disso. Não era preciso me dizer.

Não lhe quis dizer nada. Tenho certeza de que já sabe tudo o que deve saber. Quero apenas fazer essa obra para que você e seu filho passem o inverno com mais conforto.

Os lábios dela se franziram descorados, como se medissem um espaço de ar com compassos. Ela disse: *Não estamos nem em julho.*

O tempo voa, disse ele. Não estavam nem em julho e ele ainda não havia tocado nela, salvo nas convenções dos cumprimentos e na dança. Quando dançavam, embora quase tão alta quanto ele, ela se mostrava dócil e submissa à direção dele, descansando nas costas dele o braço sem peso com uns contatos suaves da barriga macia.

Naquele momento, ele a sentia na expectativa, sentada calmamente numa cadeira da cozinha com um roupão indiferente, agressivo até, mas pouco atraente, cheia que estava da flatulência e da palidez da gravidez.

Ele disse displicentemente: *Boa limonada*, no mesmo momento em que ela perguntou vivamente: *Por que é que você vai à igreja*?

E você? *Por que é que vai*?

Perguntei primeiro.

Pelos motivos comuns. Sou covarde. Sou conservador. Republicano e religioso. Os espíritos de meus pais estão presentes e minha filha canta no coro. É uma menina corajosa.

Sinto muito que seja republicano. Meus pais adoravam Roosevelt.

Pois os meus ficavam ofendidos porque ele tinha sangue holandês e eles achavam que um holandês não devia querer governar o país. Pensavam que o poder representava um pecado. Eu não tenho opiniões sérias a esse respeito. Ou melhor, tenho uma. Acho que os Estados Unidos são agora uma criança sem amor e

entupida de bombons. Ou como uma mulher de meia-idade a quem o marido leva um presente ao fim de cada viagem que faz porque lhe foi infiel. Mas, logo depois de casados, ele nunca pensava em dar presentes.

Quem é o marido ?

Deus. Naturalmente. Deus não nos ama mais. Ama a Rússia. Ama Uganda. Engordamos, temos o rosto cheio de espinhas e vivemos pedindo mais bombons. Não temos mais a graça.

Você pensa muito no amor, não pensa?

Mais do que o comum das pessoas?

Eu acho.

Pois a verdade é que nunca penso no amor. Deixo isso para seu amigo Freddy Thorne.

Gostaria de me beijar?

Gostaria muito.

E por que não beija?

Não parece direito. Não tenho coragem. Você tem dentro de si o filho de outro homem.

Foxy levantou-se impacientemente, exclamando, *Ken tem medo de meu filho. Eu o amedronto e amedronto você*. Piet tinha-se levantado da sua cadeira e ela ficou ao lado dele, perguntando numa voz tão baixa quanto a distância entre eles. *Não estamos em nossa casa? Você não está construindo esta casa para mim?*

Antes de beijá-la, ainda depois que todas as alternativas se haviam fechado para ele, Piet viu-lhe o rosto tão perfeitamente firme e livre de sentimento, como uma chama de vela imóvel na cessação do vento, ou uma estrada reta sem desvios, como as estradas do seu Estado natal ou os canais da Holanda. As mãos no corpo dela sob o roupão frouxo encontraram a mesma qualidade, um tecido quase inerte mas vivo e já dele. Tão prontamente conhecido o corpo dela se mostrou que não houve cogitação, nem necessidade de que ele a tomasse naquela tarde como um marido e uma mulher que se

beijam e esperam porque sabem que dentro em pouco terão toda a noite à sua disposição, quando as crianças estarão dormindo e nenhum carteiro tocará a campainha.

Quando saiu, entre o barco marcado de rodas, os cavacos, os feixes de ripas e os talos dos lilases, Piet se lembrou de como os cabelos dela, mais aloirados pelo sol de Tarbox, tinham estado estampados nas suas fontes com algumas madeixas úmidas. Ela havia afastado o rosto ruborizado do beijo dele como para respirar, exalando um suspiro e olhando além do ombro dele para um canto afastado da sala inacabada. Os lábios, visualmente finos, tinham-se mostrado ao contato largos, quentes e molhados. A recordação, lá fora, como se quimicamente transformada pelo contato com o oxigênio, entorpeceu Piet com uma penetrante apatia.

A vida dele com Angela passava por uma inércia, um entorpeci-mento como ele nunca havia sentido no tempo de Georgene. O seu sangue pensava em Foxy. Fazia desfilar interminavelmente os fragmentos dela que lhe tinham sido revelados — a delicada pilosidade púbica, os gritos estridentes no momento do prazer, as prolongadas, ternas e não sonhadas meditações da boca no seu falo. Tornou-se um proprietário interior obcecado, um jardineiro secreto.

Não sabia que era loira aí também.

Que é que eu poderia ser? Você é ruivo.

Mas em você são tão delicados, transparentes. Como a penugem de uma rosa.

Ela riu. *Aprendi a viver com isso e você terá de aprender a viver também.*

Ele vivia na penumbra, tateante, entre esses momentos fulgurantes em que ambos rapidamente se livravam das roupas e ela se estendia ao lado dele com a esticada barriga a luzir e como uma lente que ele abrisse, enquanto como um esquiador ofuscado ele se perdia nas encostas daquela presença. Julho era o quinto

mês de gravidez e o estado dela impunha acomodações simples. Desde que lhe era difícil curvar-se, ela escorregava pela cama a fim de beijá-lo.

Gosta mesmo de fazer isso?

Muito.

Tem gosto?

Um gosto ótimo. Salgado e forte. Um tanto amargo, como limão.

Tenho receio de abusar de você.

Não tenha. Deixe.

Ela nunca chegava ao gozo. Por mais alegremente que o recebesse, por mais perícia que ele exercesse em vibrar-lhe o corpo no torno da luz, modelando-a com a língua e com as mãos, acabavam seguindo rumos separados. *Venha.*

Já quer?

Quero você em mim.

Piet sentia-lhe a música interior parar. A viagem era jovem e confortável. Uma espécie de exasperação fazia-o precipitar-se e, enquanto ela gemia, ele ejaculava e, com um suspiro, ela recuava.

Mas no perdão dela e no perdão dele, na culpa que ela se atribuía e na discordância dele, na aceitação comum da culpa, o amor de ambos se exercitava e expandia. Os olhos castanhos de Foxy, arregalados, mostravam em cada qual uma miniatura da clarabóia quadrada acima dele. Ela se justificava.

Desculpe. Nunca posso me esquecer de que é você.

Quem era que eu devia ser?

Ninguém. Um homem apenas. Eu penso na sua personalidade e isso me desorienta.

Com Ken é a mesma coisa?

Não. Com ele, às vezes eu chego primeiro ao fim. Nós nos conhecemos há tanto tempo que ficamos desligados um do outro e nos usamos mutuamente. De qualquer

modo, como acho que já lhe disse, deixamos quase de estar juntos desde que engordei.

Acho isso estranho. Você é linda assim. A pele fica brilhante e até a forma do corpo parece bem. Não me posso imaginar amando-a com uma barriga sumida. Não seria você. Faltaria grandeza.

Ken é muito esquisito. Ele procura manter o sexo num compartimento. Casou-se comigo e isso resolveu o problema, pelo menos quanto a ele. Nunca quis que eu tivesse um filho. Não foi falta de dinheiro. Foi apenas o egoísmo dele. Nunca fui uma esposa para ele. Era apenas, durante todos esses anos, a prostituta a quem ele ia procurar uma vez por semana.

Tenho ciúmes.

Não tenha, Piet, e não se sinta triste com o fato de eu não gozar. O problema é eu amar demais você.

Você é muito boa. Mas a verdade é que eu não sou muito bom nisso. Como no esqui e no golfe. Comecei tarde demais.

Você é um homem horroroso. Detesto você quando fica querendo elogios. Como todas as mulheres devem-lhe dizer, você é incrível, incrivelmente carinhoso.

Todo homem que levar você para a cama sem roupas não poderá deixar de ser carinhoso.

Não. Já conheci três homens e os outros dois não foram especialmente carinhosos.

Nem o judeu?

Ela já lhe falara do judeu.

Ele ria de mim. As vezes me maltratava. Mas acho que, como eu era virgem, ele não podia deixar de me machucar. Talvez agora ele não me machucasse mais.

Você ainda o deseja?

Eu o tenho. É horrível dizer isso? Eu o tenho em você, e, ainda por cima, tenho você. É melhor. Ele era um tarado.

Mas você é tarada também.

Os olhos castanhos se arregalaram infantilmente. *Como? Quer dizer* — tocou os lábios com a ponta dos dedos e depois o pênis —

isso? Mas qual é a tara? Você não gosta?

Gosto e acho que isso nos une mais, mas tenho medo.

Tem mesmo? Fico contente com isso. Pensei que só eu é que tivesse medo. Piet, que é que o mundo fará conosco?

Está pensando no mundo ou em Deus?

Acha que há alguma diferença? Para mim, não há.

Talvez seja isso o que eu tenho em vista quando digo que você é tarada. O rosto dela tão perto parecia um paradigma, um padrão de todos os rostos que já se haviam aproximado dele. A fronte lisa e a respiração poderiam ser de Angela. Mas Foxy virou a cabeça no travesseiro de modo que o rosto rosado passou a receber a luz de cima e não foi mais Angela, evidentemente, e sim, a Whitman, a jovem adúltera.

Ela era amedrontada, impudente, tímida, lasciva, aterrada de si mesma, impenitente. O adultério iluminava-a de dentro, como a camisa pálida de uma lâmpada ou como se toda uma casa de cortinas leves e divisões estivesse em fogo mas resistisse a ser consumida e, ao contrário, se inflasse e brilhasse com a sua estrutura incandescente. O fato de que ela o tivesse cortejado; de que ela tivesse ao mesmo tempo indiferença e orgulho pela sua gravidez; de que ela dormisse com ele; de que o pai dela tivesse sido um inflexível burocrata da marinha orgulhoso de sua família; de que a mãe dela se tivesse casado com um empresário de lavanderias automáticas; de que pelo nascimento e pelo casamento ela estivesse acima dele na escala social; de que ela tomasse o membro estofado de sangue nas superfícies florais da boca; de que tivesse havido um judeu que ela voltara a encontrar nele: de que o espírito dela entre as vascas do amor pudesse ser tão seco e

direto quanto o de um homem; de que a sua trama fosse delicada e frágil e ardesse com outra vida; de que ela era sua escrava; de que ele era um homem assalariado a ela; de que ela vivesse amedrontada — comparada com essas cambiantes e luminosas transparências, Angela era uma massa informe, uma barreira, uma porta fechada. A ignorância que tinha do caso, embora todos os outros casais o pressentissem, era o centro da sua enlouquecedora opacidade. Ela não participava do que se havia tornado a questão central da vida deles. Era mutilada e muda e, nas salas pintadas a casca de ovo da graciosa casa colonial onde moravam, ela chocava e exasperava os nervos tensos de Piet, Vivia tão cheio de Foxy, tão grávido do corpo dela, dos seus cheiros, dos seus gritos, remorsos, recuos e flagrantes regressos, tão cheio do amor deles, que sentia o espírito como gelo fino. Pedia a Angela que adivinhasse e a resistência dela parecia perversa e a sua gratidão a ela por permitir se ser enganada se tornava, enquanto o seu segredo fermentava em cerrada escuridão, numa raiva que explodia irracionalmente.

— Acorde!

Ela estava sentada a ler um livro à luz de um abajur e piscou os olhos que, levantados da página iluminada, não puderam logo vê-

lo:

— Estou acordada.

— Não está. Você está boiando através da vida num transe. Não sente o que está acontecendo conosco?

— Só sinto que você se está tornando dia a dia mais mesquinho.

Mariposas chamuscadas batiam e ficavam no abajur acima do ombro dela.

— Estou preocupado — disse ele.

— Com quê?

— Com tudo. Com o sanguessuga de boca apertada que é Gallagher. Com aquelas horríveis casas na colina. Com Jazinski, que pensa que eu sou um bêbado. Com a obra em casa de Whitman. Estou perdendo a camisa para o patife e ele nem se mostra agradecido.

— Pensei que você gostasse de ir até lá todos os dias fazer uma visita à princesinha.

Ele riu, satisfeito.

— É isso que você pensa dela?

— Penso que ela é jovem. Penso que é arrogante. Penso que acabará mais madura. Penso que ter um filho lhe fará bem. E não penso que ela precise especialmente das suas atenções paternais.

— Por que acha que as minhas atenções são paternais?

— Seja lá o que forem. Posso voltar a ler o meu livro? Não tenho interesse algum em Foxy Whitman, nem nessa conversa.

— Como você é superior, meu Deus! Está tão fantasticamente acima de tudo que chega a feder.

— Escute, prometo ser sua esta noite, mas deixe-me acabar este capítulo.

— Por mim, pode chegar até o fim desse livro de merda. Pode até metê-lo lá dentro. Terá assim uma verdadeira emoção literária.

Ela ouviu o apelo com a sua violência e tentou levantar a cabeça, mas a página impressa lhe prendeu o olhar. Perguntou displicentemente:

— Não pode controlar-se durante dez minutos? Só me faltam cinco páginas.

Ele se levantou num repelão, deu dois passos até o espelho acima do telefone e voltou:

— Preciso sair. Preciso de uma festa. Gostaria de saber o que os Applesmith estão fazendo. Ou os Saltine.

— São onze horas. Silêncio, por favor.

— Estou morrendo. Sou um empreiteiro de trinta e quatro anos em vôo noturno. Não tenho filhos homens, minha mulher me despreza, meus empregados fazem pouco de mim, meus amigos são todos amigos de minha mulher. Sou um órfão, um pária.

— Você é um animal enjaulado.

— Sim. — Ele tomou uma posição agressiva, ficando diante dela com as mãos nos quadris, um impetuoso homem ruivo cujas mangas arregaçadas mostravam braços sardentos. — Mas quem foi que fez a jaula. Angela? Quem foi? Quem foi?

Ele queria que ela o encarasse e descobrisse o seu segredo, para ser apavorada e encantada por ele, para decifrar e alimentar com ele a complexa vida desse segredo. Mas, encerrada no mundo das alternativas — um mundo exótico, mas rigoroso, que misturava o despudor de um amante e a compaixão de um pai — que se levantava do seu colo, ela não reagiu. O livro vinha dos tempos da universidade, quando não era muito apreciado, e estava manchado por anotações juvenis e por translúcidos pingos do óleo que ela e as companheiras de quarto tinham usado sob as lâmpadas solares. Era a edição da Modern Library de *A Interpretação dos Sonhos.*

Janet Appleby havia confessado a Angela na praia que estava consultando um psiquiatra. Angela explicou a Piet:

— Ela vai lá duas vezes por semana para fazer uma cura e não para se submeter realmente a uma análise. Frank está de acordo, embora a idéia fosse dela. Ela me disse que voltou para casa uma noite às três horas da madrugada depois de uma terrível cena na casa dos Smith Pequenos com Marcia e percebeu de repente que tinha necessidade da ajuda de alguém que não fosse amigo, nem amante e não tivesse qualquer razão de interessar-se por ela. Só poucas vezes esteve no

consultório mas já está convencida de que não sabe por que faz as coisas que faz. Nunca amou Harold e, assim, por que é que vai para a cama com ele? Ela pensava que era porque tinha pena dele, mas ele não tem especialmente pena de si mesmo, e, portanto, a quem era que ela estava enganando? E por que agora que não dormem mais juntos, pelo menos ela e Harold se não podem afastar do outro casal nos fins de semana? Ela diz que agora incorporaram os Thorne, especialmente Freddy...

— Aquele patife!

— ... e tudo isso faz uma tremenda confusão. Rodelas de cebola e gim. Os Thorne parece que nunca vão para casa. Georgene limita-se a ficar sentada e beber, coisa que ela nunca fez antes, e Freddy escreve nos joelhos uma interminável peça pornográfica.

— Janet tem, então, de ir a um psiquiatra porque Georgene está bebendo?

— É claro que não. É porque Janet pensa que é neurótica.

— O que é ser neurótica?

Janet tinha uma coleção de biquínis e semibiquínis e Piet a imaginou, fazendo a sua confissão deitada de bruços na areia, com a parte de cima desatada para o banho de sol, o rosto metido numa toalha embrulhada como um travesseiro e parte dos seios brancos aparecendo quando ela se levantava apoiada num cotovelo para explicar melhor ou para vigiar os filhos.

— Você sabe o que é ser neurótico — disse Angela. — Você faz as coisas sem saber por quê. Dorme com as mulheres quando no fundo está querendo é matar a própria mãe.

— E se a mãe já estiver morta?

— Neste caso, a pessoa pode estar querendo fazê-la ressuscitar. O ego tenta ser um mediador entre a realidade externa e o id, que são os nossos desejos. O

ego leva todas as más notícias de um lado para outro, mas o id se nega a escutar e continua a tentar fazer o que quer, ainda que o ego lhe tenha dado as costas. Não estou explicando muito bem, porque não compreendo perfeitamente.

Mas os sonhos são uma maneira de dar vazão a esses recalques, que se referem principalmente ao sexo, o qual se refere principalmente aos pais, que se tornaram um superego e vivem atormentando o ego pelo outro lado. Você sabe disso, todo mundo sabe.

— Bem, você acha alguma coisa fora do comum que Janet durma de vez em quando com Harold? Frank pode ser um tremendo chato. Você gostaria de ir para a cama com ele pelo resto da sua vida, uma noite atrás da outra?

— Não se trata de saber o que é fora do comum ou comum, natural ou antinatural, certo ou errado. O que é preciso é compreender por que as coisas são assim para que se possa dar um jeito nelas.

Ou para que se possa ter prazer com elas. É verdade que Janet não procura ser feliz. Não aprecia muito nem os filhos, nem o sexo e nem mesmo o dinheiro. Ela podia viver otimamente, sabe? Tem tudo.

— Mas são justamente as pessoas que têm tudo que são infelizes. Quem tem muito cede facilmente ao pânico. Os outros, como nós, estão muito empenhados na luta.

— Você está adotando uma atitude muito primitiva, Piet. Está dizendo, na verdade, que um rico não pode passar pelo fundo de uma agulha. Os primeiros serão os últimos.

— Não troce da Bíblia. Qual é o seu interesse nessa conversa toda de egos e de ids? Por que defende tanto essas coisas? Com certeza, quer ir consultar também um psiquiatra.

— Quero mesmo.

— Pois não vai, não. Pelo menos, enquanto for minha mulher.

— Ah! Está pensando em ter outra mulher?

— Claro que não. Mas o que você está dizendo é um insulto. No fundo, equivale a dizer que eu não a contento sexualmente.

— Não há tal insinuação.

— Dou a você mais sexo do que você precisa.

— É exatamente isso. Talvez um psiquiatra possa me dizer por que eu não quero mais. Quero e não quero. Odeio a mim mesma por ser como sou. Isso está complicando a vida para nós dois.

Piet foi colhido de surpresa. Tinha intimamente presumido que Angela estava a par de tudo, de que a quantidade de sexo que ela permitia era a correta e que o excedente constituía o problema, o defeito pessoal dele. Perguntou a ela:

— Não acha que a nossa vida sexual seja certa?

— É horrível, horrível! Você sabe muito bem disso.

Ele procurou precisar a opinião dela.

— Como é que você a marcaria numa escala de um a dez?

— Dois.

— Ora, deixe disso, não é tão ruim assim. Você pode ser maravilhosa.

— Mas isso é muito raro. E não faço uso no amor das mãos, da boca, de coisa alguma. Sou uma doente. Preciso de ajuda, Piet. Estou transformando você num conquistador e num prevaricador e estou virando uma dessas velhas secas de quem todo mundo diz que é impossível recordar como foram bonitas na mocidade.

Começou a chorar. Quando chorava, o rosto dela ficava gordo como o de Nancy. Piet ficou emocionado. Estavam na cozinha, ela com um cálice de vermute e ele com gim e Bitter Lemon. As crianças estavam na cama. Contra as diminutas flores do papel da parede, a cabeça

de Angela, graciosamente oval, com um penteado de coque, tinha uma nobre elegância casta. Compreendeu então que de uma maneira social ela o estava preparando para outra noite sem amor. A confissão de sua frigidez sancionava tudo.

— Mas todo mundo a ama, Angela. Não há um homem na cidade que não gostaria de ir para a cama com você. Até Eddie Constantine flerta com você. Até John Ong a adora, desde que você possa compreender o que ele diz.

— Eu sei. Mas não me agrada saber. Não quero ir para a cama com ninguém. Sinto que não sou de fato uma mulher. Sou uma espécie de ser neutro com esse *sex appeal* jogado nele como uma sinistra pilhéria.

— Minha pobre Angela. É como se tivessem escrito atrás de você: "Dêem-me um pontapé".

— Exatamente. Cheguei a pensar, ouvindo Janet falar, em como somos iguais. Muita conversa e simpatia com esse vácuo repulsivo dentro do coração. Nós ambas somos de boa família, temos bunda grande e tentamos ser espirituosas e divertidas. Sabe que ela só dorme com comprimidos e que há noites em que ela toma tantos que perde a conta?

— Bem, isso você não faz.

— Mas posso fazer. Quando ela falou comigo, nem a idéia, nem a sensação me pareceram desconhecidas. Gosto de dormir, gosto do sono delicioso e profundo. Gostaria de nunca mais acordar.

— Angela! O que você acabou de dizer é um pecado.

— A maior diferença entre Janet e mim é que eu reprimo e ela tenta exprimir. Não acha?

— Não pergunte a mim.

— Tenho certeza de que você já teve um caso com ela e sabe muito bem o que estou querendo dizer. Diga alguma coisa sobre nós duas, Piet.

— Você é uma mulher escandalosa, Angela. Nunca me deitei com Janet.

— De certo modo, gostaria de que você fizesse isso. De um modo lésbico. Senti-me atraída por ela, ao vê-la deitada ao meu lado na praia. Devo ser sáfica. Gostaria de ter uma escola de moças, onde todas vestiriam túnicas e jogariam hóquei e ficariam sentadas em torno de mim escutando poesia depois de tomarem banhos quentes.

— Se você já se analisou assim, não precisa de um analista.

— Não. Estou apenas fantasiando. O analista provavelmente diria que a verdade é justamente o contrário. Eu, por exemplo, não posso tolerar ser tocada por outras mulheres. Carol Constantine está sempre pegando na gente e Bea também. Poderia dizer que eu sou por demais heterossexual para o país como hoje está. Por que, por exemplo, ninguém se casou comigo até você aparecer? Acho que eu amedrontava os homens.

— Acho que era seu pai quem os amedrontava.

— Quer saber de mais uma coisa doentia? Pode agüentar?

— Diga.

— Eu me masturbo.

— Oh, meu bem. Quando?

— Mais no verão do que no inverno. Acordo em algumas manhãs, entre quatro e cinco horas, quando os pássaros estão começando a cantar ou um caminhão passa pela estrada e sinto as cobertas terrivelmente sensíveis sobre a minha pele. É então que faço isso.

— Não me parece fora do normal. Pensa então em alguém, em determinado homem?

— Com muita clareza, não. É quase apenas sensação. Você é o único homem que eu já conheci, de modo que se penso em alguém é em você. Agora, me diga por que é que eu não acordo o verdadeiro você que está a meu lado?

— Porque é muito gentil e tímida.

— Ora bolas, Piet. Bolas!

— Você deve deixar de conversar com Freddy Thorne nas festas.

Está ficando com uma linguagem pouco recomendável.

— Sou pouco recomendável. Não sei como agir nesta cloaca sexual.

— Cloaca sexual?

— Tarbox. Tire-me daqui ou leve-me a um médico.

— Não seja tola. A cidade não é diferente das outras do país.

O que você está dizendo é que é boa demais para este mundo. E boa demais para andar com qualquer de nós.

— Não levante a voz. Nada me aborrece mais do que você falar alto.

— Bem, você me odeia. Por que não vai odiar minha voz?

— Não odeio você.

— Pois deve odiar, porque estou começando a odiá-la.

— Quem está dizendo é você.

— Não é bem verdade. Acho você maravilhosa. Mas é muito egocêntrica. Você não faz a menor idéia de como me sinto por dentro...

— Está querendo dizer que tem um caso amoroso e quer que eu adivinhe quem é a mulher?

— Não é isso.

— Foxy Whitman.

— Não seja ridícula. Ela está grávida, e adora aquele marido frio que tem e está-me dando uma dor de cabeça com aquelas obras.

— É claro... mas por que eu imagino isso? Sei que não é normal, mas sempre que você chega de lá todo afetuoso comigo e com as meninas, tenho a impressão de que você dormiu com ela. Olho a cara dela e vejo que

ela tem um segredo. Mostra-se tão delicada e tão alegre quando conversa comigo. Ela me conhece muito bem e só está na cidade desde o mês de março.

— Ela gosta de você. Talvez seja lésbica também.

— E não é apenas Foxy. Pode ser Janet, Marcia ou mesmo Georgene. Tenho um ciúme louco. E, quanto mais ciumenta fico, menos tenho vontade de estar com você. É muito triste. É uma miséria. Ontem o seu telefone esteve ocupado durante uma hora e eu preparei um martíni para mim às onze horas da manhã, imaginando que fosse alguma mulher.

O rosto oval estava ansioso por chorar um pouco, mas um complicado mecanismo dentro dela produziu em lugar disso um começo de riso. Piet olhou constrangidamente para o chão e para os pés nus de Angela. Nenhum dos seus dedos tocava no linóleo. A querida, pobre, cega e traída Angela. Com que direito ele a arrancara do onipotente pai? Piet disse a ela: — Não tenho o dinheiro dos Appleby e não posso custear seu tratamento.

— Não posso tratar disso? Eu poderia ir a Boston neste outono e conseguir bastantes títulos na universidade que me permitissem ao menos ensinar numa escola particular. Nancy já estará cursando o primeiro ano primário e ficará o dia inteiro fora. E eu terei de fazer alguma coisa com o meu tempo. Poderei fazer o tratamento juntamente com as minhas aulas. Serei uma mulher admirável, Piet.

Saberei de tudo!

Piet aborreceu-se com o pedido dela e de vê-la planejar tudo.

Ela se estava considerando útil, ainda útil para ele, explorando-se corajosamente para uma nova exploração quando para ele ela já estava exausta, um labirinto mofado de cujos meandros tinha de livrar-se para chegar ao ar livre e a Foxy. Foxy adormecida, banhada pelo luar

e passando a mão obliquamente pela fonte. Diante dessa visão, sentiu um aperto no estômago, uma umidade na pele e uma dormência nas pontas dos dedos e na língua. Havia um caminho prateado abaixo das estrelas. Era evidente que Angela lhe barrava a passagem.

— Não! — exclamou ele em pânico, como se sentisse o tempo passar, as casas, as árvores, a vida destroçada, as oportunidades perdidas, as nebulosas afastando-se. — Não! Não vê o que está fazendo comigo? Deixe-me ir!

Ao ouvir-lhe a voz, ela empalideceu. O seu ansioso rubor e a oferta dos seus olhos cessaram.

— Muito bem — disse ela —, pode ir. Posso saber para onde?

Piet abriu a boca para dizer, mas o gelo que encerrava o seu segredo resistiu.

Angela deu-lhe as costas e disse:

— A sua maneira de agir está-se tornando cada vez menos engraçada.

— Acorde, papai! O bebê de Jackie Kennedy morreu porque nasceu pequeno demais!

O rosto de Nancy era uma lua que nascera no horizonte do sono.

Os olhos dela estavam abertos e claros, luminosos de agitação. Estrias vermelhas como um pé de galinha. Matança. O prematuro dos Kennedy estava havia dois dias entre a vida e a morte. Nancy devia ter sabido da notícia pela televisão.

— Que pena — murmurou ele.

A voz estava grossa, pesada e desafinada. Agosto era para Piet o mês dos resfriados. Pensou como era estranha a maneira pela qual a tragédia procurava aquele casal. Nem riqueza, nem beleza, nem honrarias os protegiam. O sofrimento vivia puxando o manto real.

Os nossos deuses frágeis.

— Papai?

— Hein?

— O bebê teve medo?

O medo, como o cheiro penetrante de um gato almiscarado, se irradiava através do perfume de flanela da pele da menina. Ele tinha sonhado. Com o irmão. O irmão congelado sob vidro, como os despojos de um papa. Piet se desculpava de não ter ficado para ajudá-lo, como sócio na estufa. *Is het koud, Joop*? Congelado por excesso de trabalho, colhendo *edelweiss*. Virou-se e explicou aos outros, *Mijn broeder is dood*. Mas Foxy estava também no sonho, embora não de maneira visível. A sua presença, como o advento da graça, como um regato subterrâneo que cantava de poço em poço.

corria abaixo da pele do sonho como da realidade, numa fragilidade viva continuamente ameaçada.

— O bebê era tão pequeno que não teve medo. Não teve consciência de nada, Nancy. Ainda não tinha pensamento.

— Ele quer a mamãe dele — disse Nancy, batendo com o pé. —

Chora, chora e ninguém o escuta. Todo mundo está contente de que ele tenha morrido.

— Ninguém está contente — disse Piet, virando a cabeça para o outro lado no travesseiro. A menina tinha razão, ninguém escutava.

A janela contra cujas vidraças a mão dele era silhuetada à noite como um monstro de muitos chifres dava, naquele momento da manhã, para uma vista suave de folhas, lilases em forma de coração e finos e distantes olmos. Parece que o espaço redime. Piet estendeu a mão e puxou Nancy para ele, para o calor que restava do seu sono.

Ela resistiu, sentindo que se tratava de uma tentativa de dissolver e sufocar o problema. O rosto largo da menina olhava-o zangado e com um sentimento de revolta por ter sido ludibriada. Naquele verão, tinham aparecido no nariz dela sardas pequenas como marcas

de moscas, embora todos tivessem pensado que ela havia herdado a pele macia e morena de Angela. Ela tinha a forma de Angela, espinhada pela natureza inquieta do pai. Manchas plúmbeas no condensado fumo azul das suas íris. Uma vaga luz vira forma, vira pensamento, vira alma e morre. Nada fica na retina.

— Onde está mamãe? — perguntou Piet.

— Já se levantou. Levante-se, papai.

— Vá dizer a mamãe o que houve com o bebê Kennedy enquanto papai se veste. — Naquela noite, tentara estar com Angela e, embora ela se houvesse recusado, ele dormira nu. Não queria assustar a menina com seu corpo. — Vá lá para baixo, Nancy. Papai não se está sentindo bem.

— Está bêbado? — Havia aprendido a palavra e sentia-se ameaça-da por ela. Uma vez Frank Appleby tinha entrado no cercado e quebrado um pato de plástico e depois lhe explicaram que ele estava bêbado.

— Não. Mas estive e agora estou arrependido. Estou com dor de cabeça. Estou com muita pena do bebê Kennedy.

— Mamãe disse que eu só vou morrer quando for bem velha e usar brincos.

— Essa é a absoluta verdade.

Mas... Isso ficou sem ser dito. Precisando impacientemente de urinar, ele afastou as cobertas. O seu corpo encheu os olhos da menina e ela começou a chorar. Ele disse:

— Você acha que o bebê ainda era menor do que você?

Ela bateu com a cabeça desamparadamente.

Piet ajoelhou-se e abraçou-a reconhecendo nos braços dela o mesmo timbre tépido e mudo que ele muitas vezes despertara no corpo maior de Angela. Disse ansiosamente:

— O que houve foi que o bebê chegou cedo demais. Foi um erro.

Deus nunca teve a intenção de fazê-lo viver até ser uma menina grande, forte e robusta como você.

A nudez dele em contato com o ar e a maciez da pele dela estavam delicadamente repercutindo no seu pênis. Uma fenda ou uma fresta de sol.

Nancy desprendeu-se dos braços dele e gritou da cabeceira da escada:

— Deus devia ter ensinado o bebê a não nascer!

— Já se levantou, Piet? — perguntou Angela, lá de baixo.

— Vou descer daqui a três minutos — disse ele.

Fez a barba e começou a vestir-se. Ia trabalhar naquele dia no escritório. Da janela do quarto, o gramado do jardim parecia queimado. Tinha sido um verão bem seco. Os ventos estavam mudando. As calotas polares se derretiam. As grandes florestas rareavam. Em Indian Hill, nuvens de pó cobriam as construções, infiltrando-se nas estruturas inacabadas e acumulando-se nas tábuas de madeira compensada e nos fios soltos. Aqui e ali, no bosque, um bordo faminto aparecia. Os grilos cantavam mais alto à noite. Mas das janelas de Foxy Whitman, os pântanos, que não precisavam de chuva, absorvendo a água do mar materno, se espraiavam viçosos e jovens, verdes como a primavera e lavrados como pelúcia pelos meandros dos braços salgados. Em algumas tardes, quando a maré estava alta, ficavam quase inteiramente submersas e Piet sentia a terra estender-se para a lua. Atlântida. Ararat.

A estreita escada descia por dois patamares e ia terminar a um passo da porta da rua, num hall tão pequeno que a porta aberta batia no pilar da escada. À direita de Piet, numa sala que a aglomeração dos lilases obscurecia um pouco e onde, como sentinelas nas sombras de um castelo, os copos vazios usados na noite

anterior pelos Smith Pequenos, Saltz e Guerin estavam ainda postados nos braços das poltronas e na beira das mesas, Nancy e Ruth estavam vendo televisão. Um funcionário dos correios da Inglaterra, retransmitido por satélite, estava falando de um recente roubo de sete milhões de dólares de um trem postal de Londres, o maior roubo da história — "sem contar, é claro, assaltos e confiscos, que podem com mais propriedade ser chamados de atos políticos. Tanto quanto já apuramos até agora, esses ladrões nada têm de políticos". A televisão as levava ao mundo exterior. O brilho do pequeno vídeo implicava um universo de profunda frieza além do quente círculo de Tarbox, da família e dos amigos. Espelhos plantados em Nova York e Los Angeles observavam a superfície inabitável entre si e transmitiam imagens que banhavam o rosto das crianças de um azul venenoso e trêmulo. Esse veneno era a vida nacional. Desde a guerra da Coréia, Piet não dava atenção às notícias. Estas coisas que sucediam com os outros.

À esquerda, na cozinha já banhada de sol, Angela colocava os pratos do café em quatro esteirinhas retangulares. Prato, copo, colher, faca. Os bicos dos seios esticavam escuramente a camisola por dentro. Os cabelos estavam caídos e dançavam ao sol enquanto ela se movia agilmente. Parecia a Piet mais bela ainda, como se estivesse a afastar-se dele para abstratos reinos de beleza.

— Pobre Nancy — disse ele. — Ficou toda abalada com a notícia.

— Ela me perguntou se o bebê Kennedy estava lá em cima no céu com o ratinho na sua roda. Sinceramente, Piet, não sei se a religião vale a pena e se não é melhor dizer-lhe a verdade, dizer que vamos para debaixo da terra, não sabemos de mais nada e que só sobrevivemos como capim.

— E somos comidos pelas vacas. Não sei por que vocês, estóicos, acham a morte tão danadamente sadia. Quando menos se esperar, você vai entrar numa banheira com água quente e cortar os pulsos para provar isso.

— Oh, essa idéia lhe agrada.

Nancy entrou na cozinha, aos soluços.

— Ruth diz... Ruth diz...

Ruth apareceu logo depois dela, arrogante.

— Eu disse que Deus é um retardado. — Olhou desdenhosamente para Nancy. — *Bebezinha*!

— Ruth! — exclamou Angela.

— Retardado? — perguntou Piet. Era um adjetivo que a geração da filha aplicava a tudo o que se mostrava incapaz de cooperação.

A professora retardada nos obriga a ficar na sala depois da aula.

Esta pena retardada não escreve mais. Frankie é um retardado.

— E é mesmo! — exclamou Ruth. — Deixa os bebês morrerem, faz os gatos comerem os passarinhos e assim por diante. Não quero mais cantar no coro.

— Aposto que isso vai servir de lição a Deus — disse Piet.

— Não sei por que a menina deve ser forçada a cantar no coro todos os domingos — disse Angela, toda curvada para Nancy, que chorava no seu colo. Os cabelos dela cobriam a menina. Maternidade. Procurando o carinho de que tinha fugido em Piet. Ama mais a ela do que a mim. Cada um com cada um. Simbiose.

— Pela mesma razão que me faz passar a vida rodeada de mulheres queixosas — disse ele a Angela.

Comeu sob um pesado silêncio. Sentia, entretanto, que tinha feito uma boa ação, salvando Nancy das garras da morte. A raiva era melhor do que o medo. Matar era melhor do que ser morto.

Foi de carro para o escritório, descendo pela Caridade e parando o carro na Esperança. Hoje havia espaço. Amanhã talvez não houvesse. Já se falava em instalar um sinal luminoso na esquina com Divindade. Fazia confusão para quem não era da cidade. Muitos carros. Muita gente. A solução seria o homossexualismo? Ou a pílula? Gallagher estava falando ao telefone, fazendo vir à tona o seu sotaque irlandês. "Temos trinta e três quartos, Irmã. Basta derrubar uma só parede e isso nos dará um bom refeitório." Piet aqueceu água no fogareiro elétrico e fez uma xícara de café solúvel. Maxwell. Faraday. Sentou-se à mesa para concentrar-se no seu trabalho de escritório. Madeiras, total do débito vencido: sete-centos e sessenta e nove dólares e oitenta e dois cents. Se esse débito escapou à sua atenção, pedimos a fineza de saldá-lo com a possível brevidade, pois o crédito, etc.... Os condutos nasais co-cavam e os olhos lacrimejavam. Outro dia horrível de agosto. Foxy longe. As horas de distância. O riso, os pêlos. *Visitar a princesinha. Bonitinha demais para você*. O telefone tocou.

— Alô, moço. — Havia já um mês que não se falavam.

— Alô. — Usou a sua voz sem inflexões de empreiteiro.

— Está com alguém? Matt está aí?

— Não. Sim.

Tinham instalado havia pouco no pequeno espaço de que dispunham uma divisão de vidro fosco, que conservava Gallagher à parte, mas fazia-o sutilmente parecer o chefe do escritório. Mas a divisão era fina e, quando não tinha clientes no escritório, Gallagher deixava a porta aberta para ventilar. Precisava de ventilação, se não a sua camisa se enrugaria. Havia-se emparedado ali sem uma janela. Tinha com ele um relógio elétrico, uma folhinha da Agência Ford, um mapa colorido com o zoneamento de Tarbox, uma fotografia aérea dos arredores da cidade e da zona da praia, um mapa geral do comando de Plymouth, um guia laranja

das ruas de Tarbox, os relatórios municipais azuis desde 1958, um livro fino e vermelho intitulado Avaliação de Propriedades. Enquanto Piet trabalhava, quando trabalhava, numa velha mesa de carvalho que tinha sido de uma escola e vivia cheia de amostras de material e de catálogos de fabricantes, a mesa de Gallagher era de um aço cinzento de aspecto militar e ficava vazia, salvo por um conjunto de caneta numa armação de metal, um mata-borrão, fotografias emolduradas de Terry e Tommy e dois telefones. Atrás de sua cadeira, via-se emoldurada a sua licença da Junta de Registro dos Corretores de Imóveis. Tinha acabado de comprar uma propriedade em Lacetown com trinta e tantos quartos e cerca de vinte hectares de terreno. Tivera a intenção de lotear as terras, mas tinha depois sabido de uma ordem de freiras que estava procurando um local para estabelecer um noviciado. Como disse exultantemente a Piet, a Igreja não regateia. Nesse meio tempo, o seu pequeno escritório contava entre as suas dívidas uma hipoteca de cem mil dólares, o que tornava tudo mais precário. Mas o jogo era a essência da natureza de Gallagher e o fato de ter ti-do coragem de fazer a transação aumentava o espaço psíquico que ele ocupava. Piet teve receio de que a voz de Georgene estivesse chegando muito alta e apertou mais o receptor de encontro ao ouvido.

— Não se preocupe que eu vou desligar já — disse ela. — Foi apenas um impulso irresistível que eu tive de telefonar para saber como você vai. Presunção da minha parte? Ou tenho alguns direitos?

Quer dizer, você e eu somos alguma coisa real, não somos?

— Compreendo perfeitamente — disse Piet.

— Não pode falar agora, não é?

— Exatamente.

— Bem, se você me telefonasse de vez em quando, isso não aconteceria. Soubemos que vocês deram uma

festinha ontem à noite e eu fiquei muito magoada de não termos sido convidados. A maneira pela qual Irene me deu a noticia foi positivamente maliciosa.

— Bem — disse Piet, com voz incerta —, as encomendas são um pouco reduzidas nesta época do ano. O governo está comprando muita madeira na costa oeste.

— Piet, estou com tantas saudades suas, que não agüento mais.

Não podia aparecer para tomar um café de vez em quando, a caminho de qualquer outro lugar? Hoje de manhã, por exemplo? A segurança é perfeita. Whitney está no acampamento de verão e Irene levou Martha e Judy para a praia. Eu disse a ela que tinha chamado um bombeiro para fazer uns consertos na casa. Não viva para sempre no alto de um morro. Por que não vem até aqui? Só para conversarmos... Prometo que não exigirei nada de você. Procedi como uma cadela em casa dos Ong.

— As perspectivas são desanimadoras.

— Estou sofrendo, Piet. Não tolero mais viver com aquele homem. Está cada vez pior. Estou perdendo todo o senso de mim mesma como uma mulher.

— Julguei que ele trabalhava bem.

Georgene riu, num breve riso formal.

— Tenho certeza de que você não está enganando Matt nem um pingo. Que coisas vocês são obrigados a fazer aí. Mas, se quer mesmo saber, ele não trabalha bem. Freddy é horrível na cama. Foi o que você sempre quis ouvir, não foi? E eu mentia a você para protegê-lo. Ele só pode conseguir alguma condição quando está bêbado e, então, além de valer pouco, cai logo no sono. Murcha. Compreende o que estou dizendo?

— Estamos falando de estacas de sustentação.

— É tão triste tudo isso. Não tenho mais confiança em coisa alguma. Ontem, Terry e eu perdemos dois sets para

Bernadette e Angela por seis a dois e seis a três. Angela deve ter-lhe dito, toda vaidosa.

— Não.

— Por favor, venha cá. Estou tão deprimida, tão deprimida. Não o importunarei, palavra. Sei que você tem alguém, mas não me importo mais. E eu nunca fui exigente, não é mesmo? Aceitei você co-mo você era.

— Sim.

Gallagher mexeu ruidosamente em alguns papéis e bateu com estrondo uma gaveta da mesa de aço.

— Estou detestando o som de minha voz, Piet. Estou detestando ter de pedir. Há semanas estou criando coragem para telefonar para você. Não quero levar você para a cama, juro. Quero apenas conversar meia hora. Quinze minutos.

— Acho que agora estamos atrasados.

— Venha, se não eu contarei a Freddy tudo a nosso respeito.

Contarei tudo a Freddy e a Angela. Não, deixe Angela para lá. Vou contar é a Foxy. Irei até lá agora mesmo e ela ficará sabendo com que espécie de patife se meteu.

— Depois eu lhe telefono. Vou examinar de novo a minha agenda.

Ela começou a chorar. Era raro Georgene chorar. O som era desagradável e pouco inteligente e Piet teve receio de que inundasse o escritório como lhe estava inundando a cabeça.

— Não sei — disse ela soluçando. — Sinto tanta falta de você... Não sabia que você tinha penetrado tão fundo dentro de mim... Você sabia que estava fazendo isso comigo, seu canalha, seu maravilhoso, pobre e querido canalha. Você me está fazendo sofrer porque seus pais morreram num desastre. Piet, não fui eu que matei seus pais. Eu estava em Filadélfia quando isso aconteceu e nem os conhecia, não conhecia você... Oh, perdão, não sei mais o que estou dizendo...

— Enquanto isso — disse Piet —, preste atenção para ver se há algum vazamento.

E desligou.

Houve um silêncio de curiosidade atrás dele. Disse então:

— Bea Guerin. Pensa que a casa está cedendo. Não confia nas estarás de sustentação de cedro que eu coloquei lá porque soube que eu coloquei postes de aço na obra dos Whitman. Acho que ela está é histérica. É uma pena, mas ela só precisa é ter um filho.

Por falar nisso, Matt, quero sua opinião sobre uma coisa. Angela está querendo consultar um psiquiatra.

Como Piet esperava, o segundo fato atraiu a atenção de Matt. A verdade é sempre mais interessante do que uma mentira.

— Angela é a mulher de mais juízo que eu conheço — disse Matt.

— Ora, Matt, neste nosso mundo errado, ter juízo e gozar saúde não são a mesma coisa.

Gallagher franziu a testa. Fazia parte do seu catolicismo evitar qualquer referência, mesmo remota, a um conceito religioso e lhe pareceu que a frase de Piet podia acabar nisso. Piet havia adotado em presença de Gallagher um tom jocoso para disfarçar a separação cada vez maior que existia entre eles. Sem uma preparação assim, Piet dificilmente poderia falar com Gallagher.

— Mas certamente ela não tem mais juízo do que Terry.

— Não sei... Terry ficou positivamente transtornada com aquele alaúde. Vai a Norwell duas vezes por semana e agora está falando em tomar lições de cerâmica com o marido da mulher.

— Terry tem espírito criador.

— Acho que sim. Mas não toca para mim. Não sei mais como devo tratar Terry.

Piet abriu-se de repente.

— Na realidade, Angela precisa é de um amante, não de um psiquiatra.

O rosto de Matt, o queixo tão bem escanhoado que parecia envernizado se contraiu ao ouvir isso e a boca se cerrou. Sentia na cadeia de associações de Piet alguma parte endereçada a ele mesmo.

Apesar de tudo, sentia curiosidade, pois era humano, como diria Freddy Thorne.

— E você seria capaz de deixar? — perguntou ele.

— Bem, contanto que ela, por decência, fizesse tudo escondido, sim. Eu não iria investigar. Mas, se a coisa se tornasse pública, não poderia deixar de me aborrecer.

Estavam falando através da porta. Matt mostrava o seu vulto através do vidro fosco. O escritório era tão pequeno que eles não tinham necessidade de altear a voz. Matt disse:

— Piet, se eu posso dizer alguma coisa...

— Pode, sim, meu caro. Um homem honesto é a melhor obra de Deus.

— Você parece ter muito ciúme dela. Terry e eu sempre nos impressionamos com vocês dois, sempre atenciosos e cuidadosos um com o outro, embora procurem fingir o contrário.

— E procuramos fingir o contrário? — A voz de Piet tinha um tom de zanga, mas Matt estava muito atento ao que dizia para perceber.

— Terry e eu — disse ele — não temos espaço para manobras como vocês. A fidelidade não pode ser posta em dúvida. Sabe que, do ponto de vista da Igreja, o casamento é um sacramento ministrado pelo próprio casal?

— Talvez parte do sacramento fosse dar ao outro um pouco de liberdade. Por que tanta agitação em torno do que fazem os corpos?

Daqui a cinqüenta anos estaremos todos debaixo da terra. Sabe o que era que me pareceria um sacramento?

Angela trepando com outro homem e eu acima deles jogando pétalas de rosas. Espalhando bênçãos sobre as costas peludas do homem.

— Mãe e pai — disse Gallagher.

— De quem?

— Seus. Quando você descreveu isso, imaginei um menino ao lado da cama dos pais. Ama a mãe, mas sabe que não pode fazer coisa alguma com ela e deixa o velho fazer o que quer enquanto ele distribui as bênçãos.

Piet, de novo ofendido, disse:

— Todo mundo virou de repente danadamente psicanalítico. Vou lhe fazer uma pergunta. Suponha que você descobre que Terry não vai absolutamente dar lições de música.

— Eu me negaria a descobrir isso — respondeu Gallagher com uma presteza catequética e sorriu. Os sorrisos dos irlandeses nunca deixam de despertar uma centelha. Têm nos olhos o jeito acerado dos que viveram muito tempo oprimidos. A fagulha da ironia. — Você tem uma espécie de liberdade que eu não tenho. Você pode ser um aventureiro, mas eu não. Todas as minhas aventuras têm de ser aqui. — Bateu com a mão na mesa de aço. A mão tinha as costas cabeludas. Grandes poros. Rude dogma.

— E tudo isso me faz muito nervoso — disse Piet. — Que é mesmo que você pretende com aquele velho casarão em Lacetown? Você não pode derrubar aquela parede de que falou à freira. É uma parede de sustentação.

— Sabe de uma coisa, Piet? Isto não é negócio para você, que é conservador demais. Falta-lhe coragem. O que você tem de compreender é que a terra não pode dar prejuízo. A quantidade de terra é limitada e há cada vez mais gente no mundo.

— Graças ao papa.

— Você tem mais filhos do que eu.

— Não sei como você consegue isso. É um milagre.

— Autodomínio. Experimente.

Era o dia de combate de Piet. O fato de que Gallagher, com a esposa em companhia de algum velho ceramista, pudesse dar instruções enfureceu tanto Piet que ele se levantou da sua rangedora cadeira giratória e disse:

— Por falar nisso, vou até lá em cima para ver se estão usando naquelas casas madeira ou papelão, como você quer que usem.

O rosto de Matt era um cristal que se alargava no queixo, nas faces escanhoadas e nas têmporas planas.

— E, de passagem, veja como vão as coisas em casa da Sra.

Whitman — disse ele.

— Obrigado por me ter lembrado. É o que eu vou fazer.

Saindo na Rua Esperança desprovida de árvores, Piet foi atingido com tal violência pela luz do verão que teve de piscar os olhos e o mundo lhe pareceu líquido. Tudo o que ele via — antenas de televisão e pedras da calçada — lhe parecia frustrado. Casamentos, amizades, conversas, tudo frustrado e desagregado por procurar a luz cedo demais.

No morro, as três casas tinham chegado a um triste estado de inconclusão. As estruturas estavam completas, mas as peças internas estavam à espera dos eletricistas, bombeiros e estucadores. As ripas de cedro estavam empilhadas no chão úmido. Jazinski estava vendo dois rapazes da escola profissional pregarem tábuas e Piet ficou aborrecido com a sua fiscalização displicente. Disse a ele "Pegue um martelo" e passou a manhã ao lado dele, alinhando e pregando as tábuas de cedro sobre a lâmina de insulação. O cedro tinha uma velha fragrância e o método de alinhar as ripas, batendo nelas um cordão em que se esfregaria giz, era agradavelmente primitivo. O sol aquecia as costas de Piet e lhe derretia as

preocupações. Era agradável trabalhar, fazer revestimentos contra as intempéries, imbricar as escamas de peixe do madeirame. Ele era Noé.

O jovem polonês de braços magros que brandia um martelo juntamente com ele era talvez um filho. Piet tentou conversar com Leon. Mas, nos intervalos das marteladas, o rapaz respondia com pronunciamentos que, mal-humorados mas definitivos, eram completos em si mesmos e não levavam propriamente a uma conversa.

Sobre a morte do filho dos Kennedy: "Aquela gente tem tudo, menos sorte. O velho Joe não encontrou sorte para comprar". Sobre a religião católica: "Acredito num Ente Supremo, mas em mais nada do resto. Minha mulher está de acordo comigo e isso foi uma surpresa para mim". Sobre o progresso da obra: "Estamos esperando agora os bombeiros. Duas casas já estão vendidas e as famílias querem-se mudar quando as aulas começarem. Vai telefonar para os bombeiros ou quer que eu telefone?" Sobre o tratorista preto de quem Piet se lembrava com simpatia, pois fora cordial com ele num dia de morte: "O que eu sinto em relação aos pretos é o seguinte: se eles se mostram competentes e corretos, devem ser tratados como qualquer outra pessoa. Isso não quer dizer que eu queira ser vizinho de nenhum deles". Sobre o futuro: "Talvez eu não esteja aqui no verão do ano que vem. Estou olhando as coisas. Tenho responsabilidades comigo mesmo".

— Ora, Leon, talvez eu não esteja aqui no ano que vem e você possa tomar o meu lugar.

O rapaz nada disse e Piet, olhando-o, estranhou que os braços dele fossem tão brancos quanto os de um empregado de escritório, embora ele trabalhasse ao sol durante todo o verão.

No silêncio rítmico, Piet começou a falar mentalmente com Foxy. Colheria uma flor à beira da estrada — um

galho de chicória com flores tão azuis quanto os olhos de uma ninfomaníaca.

Para mim?

Para quem podia ser?

Você é tão carinhoso. Quando você não está comigo, eu me lembro da paixão, mas esqueço o carinho.

Ele ria. *Como eu poderia deixar de ser carinhoso?*

Outros homens podem, eu acho. Não tenho muita experiência.

Pois eu creio que tem experiência suficiente.

Que é que você pode ver em mim? Estou ficando enorme, não chego ao fim com você e não sou boa nem inteligente como Angela.

Acho você bem inteligente.

Vamos para a cama?

Só por um momento. Para descansar.

Sim, para descansar.

Adoro essas roupas de maternidade que você usa. O jeito que têm de ondular e flutuar. Gosto da dureza de sua barriga e do jeito com que me empurra. Dentro de um mês, começará a dar pontapés.

Gosta mesmo de mim assim? Estou com veias estofadas nas pernas.

Belas veias azuis. Minha Foxy azul, loira peluda, rosada.

Tire essas roupas horríveis, Piet. Quero beijar você.

Está bem.

Ele se deitaria, leonino. Com pálpebras baixas, as faces de pó de rosa marcadas pela abertura forçada dos maxilares, o rosto dormido dela eclipsaria a nodosa parte sufocada dele que um sussurro calvinista ao lado do berço lhe ensinara a considerar vil. Toques de dentes como fulgurações luminosas. O cerco da língua vibrante e dos lábios. Os cabelos dela agitariam o ar entre as coxas levantadas, bicos de seios e unhas, ecos embriagadores do sangue. Ele procuraria a luz com um

impulso e ela ficaria sufocada. Pediria penitentemente *Venha* e o rosto dela esgotado e em transes nadaria para o dele e os lábios frios e lânguidos teriam, ao serem beijados, um cheiro pasmado, derretido e azedo cuja vileza ela recebera em si mesma. Juntariam inocentemente as cinturas, com a barriga enorme e cintilante pousada na dele e, embora ofegante e abandonada, ela não chegaria plenamente ao fim. Isso tinha acontecido e voltaria a acontecer naquele verão do eclipse solar.

Três semanas antes, o eclipse fora de noventa por cento na latitude dele. Um glutão invisível avançara pelo disco do sol por entre uma confusão de nuvens testemunhas. As malhas de luz sob o olmo tinham a forma de meias-luas. Os pássaros cantavam como ao entardecer. Visto através de um vidro enfumaçado, o sol era uma apara, uma sobrancelha oblíqua, um barquinho de crianças navegando num tumulto de cúmulos contorcidos. O falso crepúsculo tomou rumo contrário. As pontas das meias-luas sob as árvores se voltaram para uma direção contrária. Os pássaros cantaram para saudar o dia.

Não fazia um mês que ele se deitara pela primeira vez com Foxy.

Só uma outra ocasião tinha sido tão sinistra: a quarta-feira de outubro de 1962 em que Kennedy enfrentara Khruchev no caso de Cuba. Piet tinha uma partida de golfe combinada com Roger Guerin.

Resolveram ir jogar assim mesmo. "É um lugar tão bom quanto qualquer outro para se ficar", tinha dito Roger pelo telefone. Os momentos difíceis se ajustavam ao seu temperamento. Quando Piet ia no seu carro para o campo de golfe, o Bay View, ouviu pelo rádio que o primeiro navio russo se estava aproximando do bloqueio. Jogaram a partida numa tarde de uma claridade perfeita e entre as tacadas olhavam para o céu à procura dos

bombardeiros russos. Chicago e Detroit seriam atacadas em primeiro lugar e haveria gritaria na sede do clube quando os boletins começassem a chegar. O

campo estava quase vazio. Parecia o grande convés agitado e verde de um navio com a luz do sol brilhando na folhagem sacudida. Como americanos, tinham gozado a magnífica navegação do país e, naquele momento, tinham a honra de ir para o fundo com ele. Roger, com violentos impulsos irados, concentrado, com a testa franzida em todas as tacadas, encerrou o dia abaixo de noventa. Piet não tinha jogado tão bem. Tinha sido muito feliz. Jogava melhor e manejava o taco mais facilmente quando estava de ressaca ou com um resfriado.

Tivera a atração distraída por aquele brilho de coisas caído do céu — a grama das pistas, as folhas caídas e as bandeiras inclinadas — e visto de encontro à imanência de ônix da morte, contra a vivida transparência do céu onde podiam materializar-se aviões.

Impulsionando a bola, ficava satisfeito de que um mês antes tivesse deixado de ser fiel a Angela, dormindo com Georgene. Tinha passado do interior para o ar livre. Encontravam-se na praia, nas varandas, sob as árvores translúcidas. Lembrando-se todo feliz dela, vendo a imagem dos seus membros nítidos, Piet dispersava as tacadas, errava e jogava cada *hole* à beira de um precipício imaginá-

rio. De volta para casa, ouviu no rádio do carro que os russos se haviam submetido à fiscalização e tinham tido licença para passar.

Ficaria decepcionado, sabendo que deviam continuar — todos eles, Georgene, Angela, Freddy e ele mesmo — para um desemaranhamento menos involuntário e fatal. Naquele tempo, o seu amor era novo.

Leon disse:

— Este sol é uma brutalidade. Por mim, gosto é do inverno. Minha mulher e eu estamos com idéia de ir

esquiar este ano.

Passou o meio-dia, uma hora. A pele de ligação entre o polegar e a palma da mão, onde o martelo havia roçado, ardia como se fosse empolar. Piet deixou Leon, seguiu para a cidade, atravessou a cidade e tomou a estrada da paia. Flores empoeiradas se ostentavam à beira da estrada, mas ele estava com pressa demais para colhê-las.

Queria trazer-lhe uma flor, mas vir até aqui me pareceu urgente e eu trouxe a mim mesmo.

Ótimo! Que belo presente!

A casa dela estava vazia. Nem camioneta Plymouth, nem caminhão de trabalhadores na entrada de carros. A porta não estava trancada. O tapete do hall se mostrava torto. Cotton dormia na cadeira de lona azul. As obras estavam quase terminadas e os estucadores já haviam concluído o seu trabalho. Um termostato redondo e um interruptor de luz quadrado apareciam lado a lado na parede lisa.

Arestas ásperas. Livros de amostras de papel de parede estavam voltados para cima do chão raspado e calafetado. Um caderno de tons de tinta estava encostado no rodapé de pinho. Na cozinha, só faltavam a tinta branca e a chegada do lavador de pratos já encomendado. Ainda viviam na casa cheiros de pó de serra e de terra. A maresia se encarregaria de levá-los. Ela prometera convidar Piet e Angela quando a casa estivesse terminada. Os livros de papel de parede estavam abertos em amostras que não eram do gosto de Angela.

Onde estaria ela? Nunca ia fazer compras àquela hora, quando costumava tirar o seu cochilo. Tê-la possuído seria apenas um sonho? A maré estava baixa e os canais vistos das janelas da cozinha eram fitas que cintilavam profundamente entre margens de barro veludoso. Três veados vermelhos pulavam através do alagadiço para a

ilha inabitada e com vegetação. A temporada de caça estava encerrada. O céu cristalino mostrava riscos de cirros numa extremidade, como marcas de esquis freados. Aborto. Médicos, trabalhadores voltando. Sem ela, sentia a casa hostil. As paredes o repeliam com vontade própria. Cedo, muito cedo. Ficou ansioso por partir e, voltando para a cidade, virou num impulso para a longa estrada de carros dos Thorne.

Os Saltz e os Constantine, maliciosamente chamados de Saltine pelos outros casais, tinham comprado juntos o barco dos Appleby, com um motor de seis cavalos, e, depois de um sábado ou de um domingo de passeios de barco, bebiam cerveja ou sauterne da Califórnia com os maiôs molhados e recebiam outros casais. Na noite do domingo antes do Dia do Trabalho, uma verdadeira multidão se reuniu na mansão vitoriana e desarrumada dos Constantine. Os casais estavam excitados e exaustos graças ao tênis. Aquele era o fim de semana do Torneio Aberto do Clube de Tênis de North Mather. Todos os anos, os homens de North Mather, esguios vendedores de automóveis ou agentes de companhias de seguros, que treinavam durante todo o inverno em duas quadras cobertas e gramadas com fibra plástica, eliminavam com facilidade até os melhores homens de Tarbox, como Matt Gallagher. Em compensação, as mulheres de North Mather sucumbiam ante o ímpeto das suas colegas de Tarbox. Invariavelmente Georgene e Angela, Terry e Bernadette dominavam as finais femininas e, semanas antes do Dia do Trabalho, os homens de North Mather, centauros em busca de amazonas, se sucediam ao telefone convidando as fabulosas mulheres de Tarbox para participarem de duplas mistas com eles.

Nenhum dos Saltine jogava. Uma delicada linha social se estabelecera e firmara, não tendo sido transposta. Em vez disso, tinham levado Freddy Thorne, que jogava terrivelmente mal, para fazer caça submarina na baía.

Ele gostava de ficar com a roupa molhada em cima do corpo. A aparência dele na pele justa e rebrilhante de borracha preta era perturbadoramente andrógina. Via-se que ele tinha quadris arredondados como os de uma mulher e com a delicadeza obscena das pétalas predatórias de uma hidra as longas mãos emergiam nuas da carapaça flexível das mangas. Aquele curvilíneo homem de borracha viera de outro elemento. Como um gigantesco monóculo, a sua máscara ciclópica se projetava do crânio nu e os pés espatulados batiam grotescamente nos esfiapados tapetes orientais dos Constantine. Quando ele se sentava numa poltrona com panos rendados nos braços e, com um cigarro entre os dedos, cruzava as pernas, o efeito era tão monstruoso e cômico que até Piet Hanema ria, sentindo no ato de Freddy os sonhos maus contidos da vida.

— Leia-nos a sua peça — pediu Carol Constantine. Ela estava com uma camisa de homem sobre um biquíni laranja. Alguma coisa tinha-lhe dado coragem naquela noite. Havia uma semana, tingira os cabelos de laranja.
— Vamos todos escolher papéis.

Falara-se durante todo o verão que Freddy estava escrevendo uma peça pornográfica. Naquele momento, ele fingiu que não estava entendendo.

— Que peça?

Por baixo da máscara nublada, sentia falta dos óculos habituais. Os olhos eram cegos e vagos. A boca sem lábios curvava-se para dentro de uma maneira satisfeita, mas confusa.

— Já vi a peça, Freddy — exclamou Janet Appleby. — Pelo menos, já vi a relação das personagens.

Com a dignidade de um monarca senil, Freddy voltou a cabeça lentamente para ela.

— Que é você? Ah, já sei. É Jan-Jan Applesauce (molho-de-maçã). Não a reconheci assim, isolada. Onde estão seus amiguinhos?

— Estão no Maine, graças a Deus.

— Não seja chato como de costume, Freddy — disse Carol, sentando-se nos braços da poltrona e passando os braços esguios pelos ombros de borracha dele. O movimento lhe entreabriu a camisa. Pi-et, sentado no chão e pernas cruzadas, viu o umbigo dela: um olho de pálpebras grossas. Carol acariciou o tubo de ar de Freddy, que lhe pendia do pescoço. — Queremos representar a sua peça — disse ela.

— Podemos fazer um filme com ela — disse Eddie Constantine.

Ele voava intermitentemente e já fazia três dias que estava em casa. Com a barba crescida, lembrava um comando cruel e precisado de sono. Tinha uma lata de cerveja em cada mão. Vendo a mulher ati-rada sobre Freddy, esqueceu-se da pessoa para quem fora buscar as latas e os seus olhos vazios tomaram o tom do mesmo alumínio. Abruptamente, como se estivesse lançando uma granada, entregou uma lata a Ben Saltz, que estava sentado num canto.

— Quero abrir a porta — disse Carol. — Todos os filmes sujos não começam com uma mulher que vai abrir a porta?

Ben olhava tudo, com os olhos negros molhados de inquietação.

Tinha raspado recentemente a barba e parecia enfraquecido, com o queixo bambo, jocosamente vestido com roupas marítimas — um jérsei até o pescoço, um casaco de couro, um boné branco de oficial e calças cortadas para fazer calções, franjados de fios soltos. As pernas de Ben eram pesada e melancolicamente cabeludas. Piet viu-se assim mesmo naquela antiquada lanzudice masculina, embora os cabelos do seu corpo fossem mais vermelhos, mais finos, mais alegres e menos carregados. Os cabelos felpudos de Ben se juntavam para formar faixas negras, como feridas que

desciam até o alto dos sapatos comicamente novos. Salvo no nariz queimado de sol, a pele de Ben era empastada e nauseante. Tinha marcas de varíola. O seu amor ofendido a Carol pesava no ar da sala e dava aos casais uma agitada importância, como crianças a salvo durante uma trovoada.

— O que é um filme sujo? — perguntou Freddy, piscando os olhos e fingindo-se confuso.

— *Tom Jones* — disse Terry Gallagher.

Angela se levantou inesperadamente e disse:

— Vamos tirar a roupa dele, Carol. Sei que ele está com a peça no bolso.

— Acha que ele está com a roupa de baixo? — perguntou Piet calmamente, trocando com Foxy um olhar interrogativo sobre a incomum manifestação de energia flertante da parte de Angela. Os dois tinham-se tornado os pais dos seus cônjuges cujas faltas perdoavam e cuja inofensividade aplaudiam da altura onisciente do seu adultério.

Foxy tinha ido à reunião sem Ken, mas com Terry Gallagher. Ken e Matt, depois de derrotados com facilidade em North Mather, tinham passado a tarde jogando um tênis de consolação na quadra dos Ong. Os dois homens, que se sentiam desejados na companhia dos casais, sentiam-se bem um com o outro. Foxy e Terry tinham em comum a altura e uma esquiva qualidade de relutância, de encanto levemente proibitivo, um reflexo talvez da semelhança que havia entre seus maridos. Mas Foxy era Branca de Neve e Terry era como uma rosa — alguma coisa de celta lhe vibrava nos lábios cheios, nas mãos musicais, nos grandes músculos que lhe ligavam os quadris às coxas. Levantou se com toda a sua altura e tomou parte no assalto, perguntando a Janet: — Onde estão as calças dele? Você me disse que ele sempre leva a peça nas calças.

— Lá em cima — disse Carol, com voz entrecortada. lutando com Freddy para abrir-lhe os botões enferrujados da roupa. — No quarto de Kevin. Mas não o acorde.

Janet, que havia dois meses estava consultando um psicanalista, olhou a luta e murmurou:

— Isso é infantil.

Angela tentou segurar Freddy pelos tornozelos quando ele escorregou da poltrona. Um dos seus pés de pato derrubou um tamborete onde havia um cinzeiro e um vaso com uma planta. Angela varreu a cinza e as pontas de cigarros com dois números de Art News, Eddie derramou cuidadosamente cerveja na cabeça de Freddy e Ben Saltz ficou ali siderado pela visão de Carol, com cabelos de uma cor que jamais foi natural para cabelos na natureza debatendo-se quase nua entre os braços negros do homem. A borracha da roupa rangeu quando a pele nua da mulher escorregou pelo colo de Freddy.

A camisa de Carol tinha subido até as axilas. A parte superior do biquíni laranja foi torcida e um pequeno seio pulou fora. Carol prontamente arrumou-se, mas ajoelhou-se por algum tempo, ofegante e sem coragem de olhar para canto algum. Todo mundo tinha visto o bico do seu seio. Tinha sido tingido de laranja.

Na sala da frente, à qual se chegava por uma porta onde pendia uma cortina de contas. Irene Saltz estava dizendo:

— Não posso crer que você saiba o que está dizendo, Frank. Conheço você e sei que você é um ser humano. — Estava embriagada.

A voz dele respondeu, exaltada e aflita.

— É você que quer prendê-los e dar-lhes numa bandeja tudo o que todo mundo neste país tem de conquistar com o seu trabalho.

— Trabalho! Qual foi o trabalho honesto que você já fez? — Janet Appleby gritou para eles:

— Trabalhou para ganhar uma úlcera, Irene. Venha cá e leve para casa seu marido, que parece que não se está sentindo bem.

A casa dos Constantine era grande, mas muito do seu espaço era tomado por grandiloqüentes escadarias de carvalho, amplos corredores e cavernosos armários embutidos, de modo que não havia uma sala suficientemente grande para uma festa, a qual se espraiava por várias delas, criando problemas de trânsito e de acústica. Janet não foi ouvida, mas a voz de Frank chegou claramente a todos: — O governo federal nunca foi feito para ser uma mãe carinhosa que abrisse os braços a tudo quanto fosse menino chorão. Um mínimo de governo foi o ideal dos fundadores. Os direitos dos Estados. Os direitos dos indivíduos.

A voz de Irene na discussão era pastosa, mas afetuosa.

— Suponha que você é a Sra. Medgar Evers, Frank. Iria chorar ou não?

— Pergunte a qualquer negro inteligente o que o cheque da assistência social fez à raça dele. Os negros o odeiam porque ele os castra. Estou de acordo com Malcolm X.

— Você não me está respondendo, Frank. Que me diz de Medgar Evers? Que me diz das seis crianças da escola dominical de Birmingham?

— Devem ter a proteção da lei, como todos — disse Frank. — Nem mais, nem menos. Não aceito a legislação discriminatória e isso é o que é a Lei de Habitação Decente de Massachusetts. A constituição, minha cara Irene, procura assegurar igualdade de oportunidades e não igualdade de situação.

— Situação e oportunidade são inseparáveis — disse Irene.

— Não podemos fazê-los calar? — perguntou Eddie Constantine.

— Isso para Irene é sexo — disse-lhe Carol, levantando-se e abotoando a camisa. — Irene gosta de discutir com homens da direita. Acha que eles são mais bem servidos.

Janet abriu a boca para falar, mas olhando de Carol para Freddy e para Ben, ficou calada. O conhecimento de si mesma a estava transformando numa observadora, numa hesitante.

Terry Gallagher desceu a escada dos Constantine com um papel na mão.

— Não é nada — disse ela. — Nem começou ainda. É apenas uma lista de personagens. Freddy, você é um impostor.

— Mas as personagens são belas — protestou Freddy.

Entre risos, cerveja e vinho branco, através dos odores da água salgada e do suor do tênis, a peça foi passada de mão em mão.

Não tinha título. A caligrafia, iniciada no alto com letras de imprensa cuidadosamente ornamentadas, havia degenerado na letra informe de Freddy sem talho definido e com uma tendência para o final das palavras descer depressivamente.

PERSONAGENS

Ereque São, herói
Ora Fício, heroína
Cume Lingo, jovem irlandesa cheia de truques Tes Tículo, velho maníaco e debochado
Viola São Anal
Ona Nismo ninfas
Lábia Minoris
Tia Orgasmo, parenta rica e importante

ATO I

Ereque(entrando):!
Ora(entrada):Oh!

— Não é direito — disse Janet. — Ninguém se chama Ereque ou Ora.

— Acho que o problema é que Ereque entra cedo demais — disse Piet.

— Eu estava guardando Tia Orgasmo para o terceiro ato — disse Freddy.

— É muito bom Matt não estar aqui — disse Terry.

Foxy disse:

— Ken adora jogos de palavras.

— Bom trabalho, Freddy — disse Eddie Constantine. — Compro-lhe a peça.

Deu uma palmada nas costas de Ben Saltz e lhe colocou o papel diante dos olhos. O rosto de Ben tinha ficado branco, mais branco do que a pele sensível ao sol de sua mulher. Foxy aproximou se dele e, desajeitada na sua gravidez, ajoelhou-se e murmurou-lhe alguma coisa ao ouvido.

Piet estava improvisando. A rude energia que os outros apreciavam nele tinha sido despertada.

— Precisamos de mais ação nessa peça — disse ele. — Acho que Ora Fício deve ter um meio-irmão chamado P. Enis. Fizeram coisas feias juntos no berço e agora ele voltou do estrangeiro.

— De Peitópolis — disse Eddie. Era de todos os homens presentes o menos instruído, o que estava menos afastado mentalmente da escola primária. Apesar disso, tinha transportado milhares de vidas sem perigo através do continente. Todos o aceitavam.

— Vocês todos são fantasticamente desagradáveis — disse Janet.

— O que me enfurece é que vou ter de gastar toda uma sessão de vinte dólares com o analista para me livrar dos efeitos grotescos desta noite.

— Por que não sai? — perguntou Carol.

Piet continuava a gesticular amplamente, com os cabelos ruivos enrolando-se nos largos braços.

— Ora receia a volta do irmão. Ainda existirá o velho encanto?

Queira Deus que não! Basta um olhar. Ainda. "Ora"! ejacula ele.

"Agora, sou a Sra. Nismo", responde ela friamente, toda trêmula por dentro.

— Vocês estão misturando as minhas belas personagens — disse Freddy.

— Vamos brincar de algum jogo novo — disse Carol, agachando-se para juntar o resíduo das cinzas derramadas. Os pequenos seios dançavam soltos aos olhos de Piet. Seja bem-vindo a Peitópolis, sombria cidade de indisfarçável sugabilidade: o seu coração deu um pulo à frente e se derramou sobre a agachada Carol. O amor por ela venceu a série de obstáculos da sua coberta bacia. Os pés descalços dela, com os dedos compridos, cheiravam como mexilhões. Os cabelos pintados descaíam, derivando-lhe para a boca. Ela se levantou, com cinza e pétalas na mão lirial e olhou para o canto onde, sob uma gravura de Miro, Foxy estava socorrendo com palavras o imobilizado Ben Saltz.

— Nada disso — disse-lhe Freddy Thorne. — É bom que as pessoas liberem as suas fantasias.

Angela deu um pulo, afogueada pelo vinho, disposta a ver o blefe de Freddy e anunciou:

— Quero tirar todas as minhas roupas!

— Ótimo, ótimo — disse Freddy, batendo calmamente com a cabeça. Apagou o cigarro na fronte, na máscara de ciclope da roupa submarina. O cigarro chiou, apagando-

se. O suor escorria pelo seu rosto de velha sábia, com os lábios puxados para dentro.

— Por que não tira isso? — perguntou Piet. — A pessoa não acaba morrendo se a pele não pode respirar?

— Sou eu mesmo, Pietzinho, esta roupa é minha pele. Sou um monstro das profundezas submarinas.

Angela tinha parado com a mão no meio do caminho do fecho nas costas do seu vestido branco pregueado de tênis.

— Ninguém está olhando — disse ela.

Piet tocou a mão dela e puxou o fecho para cima, produzindo um som leve de beijo.

— Deixe que é bom — exclamou Freddy. — Ela quer ostentar-se em toda a sua glória. Sempre desejei ver Angela nua.

— Ela é bela — disse-lhe Piet.

— Não duvido disso nem por um segundo. Deixe-a tirar a roupa.

É isso que ela quer. Você não compreende sua mulher. Trata-se de uma exibicionista. Não é absolutamente a violeta tímida que você pensa.

— Ele está passando mal — disse Foxy a Carol, falando de Ben.

— Quem sabe se ele não gostaria de ficar sozinho? — perguntou Carol.

— Ele diz que vocês deram a ele lagosta e rum no jantar.

Ben gemeu.

— Não fale nisso.

Piet reconheceu uma sombra para atrair a atenção, um uso econômico do sofrimento. Mas viu também que Ben exageraria no seu desejo de ser bem sucedido e acabaria vencido. O rosto do judeu estava de uma palidez de cera. Esaú morto. No lugar onde tinha havido a barba a palidez era dobrada.

— Lagosta. Tem casca — explicou Eddie a todos. — Não é *kosher.*

— Deixe-o descansar, Foxy — disse Carol. — Ele pode subir e se deitar numa cama, se for preciso.

— Será que ele não sabe onde são as camas? — perguntou Freddy.

— Freddy, por que não bota essa máscara na boca?

A pele de Carol tremia como se todos os nervos estivessem irritados. A noite estava esfriando e a fornalha de aquecimento tinha sido fechada durante o verão. Os lábios dela estavam arregaçados sobre os dentes cerrados como os de uma criança depois do banho de mar, e Piet, sentindo-se emocionado e com vontade de emocionar, perguntou: — Por que você está tão nervosa esta noite?

— Porque Braque morreu.

As paredes estavam cheias de quadros, gravuras clássicas e as telas pintadas por ela, medíocres e sem graça, grosseiras no colorido, largamente convencionais nas pinceladas, mostrando os filhos sentados em cadeiras, o cais e a garagem dos barcos de Tarbox, Eddie numa camisa *roulée*, os desgraciosos fundos da Igreja Congregacional e árvores vistas da janela e apresentadas de maneira espalhafatosa, irreal e pretensiosa. Cézanne e John Marin, Utrillo e Ben Sharn — o estilo dela confundia os deles e Piet pensou como todos somos provincianos, medíocres e perdidos.

Carol sentiu que ele tinha pensado isso e voltou-se para ele.

— Há muito tempo que tenho vontade de lhe perguntar uma coisa, Piet, e agora o vinho me dá coragem. Por que você constrói casas tão feias? Você é inteligente e não precisava fazer isso.

Os olhos dele encontraram os de Foxy que também os procuravam.

Os olhares entrelaçaram-se, arderam e separaram-se. Ele respondeu a Carol:

— Não são feias. São apenas comuns.

— São horrorosas. O que você está fazendo em Indian Hill é um insulto.

A esbelta Carol tinha deliberadamente formado em torno dela um círculo de espanto. Uma das regras tácitas do grupo era não criticar as profissões. O trabalho da pessoa era um pacto com o mundo sentido que ficava além do círculo dos casais.

— Ele constrói com Matt o que julgam que as pessoas querem —

disse Terry Gallagher.

— Gosto das casas de Piet — disse Freddy. — Têm um toque holandês, um curioso ajustamento. Lembram-me dentes. Não riam que é isso mesmo. Piet e eu somos irmãos espirituais. Eu coloco prata nas minhas cavidades, ele coloca gente nas dele. É isso! Quando se tenta dizer alguma coisa séria a essa gente, todo mundo ri.

— Você está sendo absurda, Carol — disse Angela.

— Não — disse Piet —, ela tem razão. Odeio as casas que faço.

E como as odeio!

— Alguém mais morreu no mês passado — disse Janet. — Um poeta.

Marcia ficou muito sentida. Disse que era o maior da América e que não era tão velho assim.

— Frost morreu em janeiro deste ano — disse Terry.

— Não é Frost. Um nome alemão. Marcia e Harold é que sabem.

Nenhum de nós sabe nada.

— Eu já sabia que você ia começar a sentir falta deles — disse Frank.

Janet, sentada no chão, descansou sonolentamente a cabeça num pufe. Ela tinha mudado de duas consultas de tratamento por semana para a análise e ia de carro para

Brookline todos os dias da semana às sete e meia da manhã. Dizia-se que Frank havia também iniciado um tratamento psicoterápico. — Precisamos de um jogo novo — disse ela.

— Vamos brincar de impressões, Freddy — disse Terry.

— Vamos pensar é em mais nomes para a minha peça — disse ele.

— Nem todos precisam ser indecentes. — Apertou os olhos olhando para o espaço e disse: — F. Lação.

— Aposto que você já havia pensado nisso — disse Janet. — Mas Harold uma noite dessas bolou um bom trocadilho. Qual foi, Frank?

Com um talar da cortina de contas, o par tinha voltado da outra sala, Frank parecia desconfiado e Irene estava com os lábios mais carregados.

— João Py K. Reta — disse Frank, olhando para Janet e querendo ir para casa.

Carol disse então no tom de um observador muito longe dali:

— Irene, seu marido está passando cada vez pior. Já disse que ele devia ir lá para cima, mas parece que ninguém se incomodou com isso. Para mim, não faz diferença, mas é melhor que ele não me estrague o tapete.

A expressão de Irene, quando olhou para Ben, foi estranha. A sua preocupação maternal tinha-se tornado impaciente e ofendida.

Dalila olhava para o Sansão a quem havia tosquiado. No centro da sala, Eddie Constantine, um homem pequeno, e eficiente, sem religião, nem pensamentos ocultos, nervoso, queimado de sol e quase musculoso, competia com a saúde do marido pela atenção dela. Uma lata de cerveja brilhava na mão dele e os seus olhos cinzentos seriam capazes de encontrar o caminho por entre himalaias turbilhonantes de nuvens. Enquanto ele olhava para ela, todos na sala compreenderam que ela

valia a pena ser destruída. Embora pálida e pesada, tinha a graça peitoral de uma pomba.

— Por que não pode ir para a casa dele, que fica tão perto? —

perguntou Irene.

— Vou levá-lo — disse Eddie e, metendo a cabeça por baixo do ombro de Ben, levantou-o habilmente da cadeira.

O movimento súbito, como um barulho forte para quem está dormindo, desatou as qualidades conversacionais de Ben.

— Estou muito interessado nisso — disse ele distintamente. —

Qual deve ser a estética da casa moderna? Deve ser alguma coisa acima da utilidade e do custo?

A voz de Freddy Thorne fez-se ouvir alegremente:

— Que preocupação tinham com a estética os camponeses que faziam casas de palha? Entretanto, agora, todos nós amamos o Cristo das casas de palha.

— Exatamente — disse Ben. Parecia no seu juízo perfeito e mais ou menos bem, mas as palavras lhe saíam da boca espectral com meia velocidade. — Mas talvez uma cultura mais oral e sacramental tenha um senso instintivo de beleza que o capitalismo destrói com o seu sistema de funcionamento em linha de montagem. *Commentary* deste mês tem um artigo fascinante...

— Ambição — disse Carol, veementemente. — As casas modernas tresandam a ambição, ambição, vergonha e encanamentos. Por que um banheiro tem de ser tão secreto? Todos nós não fazemos isso? Não devia ser indiferente para mim fazer cocô na frente de vocês todos?

— Carol! — exclamou Angela. — Isso é ainda mais admirável do que querer tirar as roupas.

— Vamos brincar de "Admirável" — disse Freddy Thorne, acrescentando: — Estou morrendo dentro desta

danada roupa. Posso tirar isso?

— Não — disse Piet. — Isso não é você?

Foxy perguntou:

— Como é que se brinca de "Admirável"?

— Não é preciso nem ensaiar — disse-lhe Freddy.

— O jogo é parecido com "Impressões"? — perguntou Terry.

Ben disse, descansando todo o peso em cima de Eddie, com o rosto sem cor voltado para o chão: — Eu gostaria de discutir isso a sério alguma vez. As supercidades, por exemplo, e o dessalga-mento da água do mar. Para mim, a indústria de construções neste país está ficando perigosamente atrasada. Está perdendo o vapor.

— Piii! Piii! — disse Eddie, puxando a corda de um apito imaginário e carregando Ben para a porta.

Irene perguntou:

— Devo ir também?

A expressão dela era de novo de indecisão. Estar com o marido era estar com o amante. O romântico sombreado semita das pálpebras inferiores estava em conflito com os pontos pragmáticos dos olhos e dos lábios que pediam a opinião daqueles herdeiros dos puritanos.

Eddie olhou-a agudamente, considerou-lhe o amadurecimento, escolheu o seu caminho e disse:

— Eu o levarei e você o porá na cama.

Assim, os três fizeram o seu êxodo da sala abafada, passando pelo grande corredor que desperdiçava espaço e cheirava o ano inteiro a velhos guarda-chuvas para a noite cheia de folhas e criva-da das manchas dos lampiões azuis.

Carol balançou os braços, aliviada e agitada. Os Appleby trocaram solícitas confidências — o estômago de Frank, a cabeça de Janet — e saíram também relutantemente. Essa maneira de sair significava um fim,

um fim para aquele verão de muitos jogos, e a consciência de que estavam entrando num outono de responsabilidades, de séria interdependência e de deveres. Só Freddy pediu que não saíssem. Havia tirado a roupa de caça submarina e estava com uma camisa de meia de mangas curtas e calções amarfanhados. A pele dos braços e das pernas tinha sido amolecida e enrugada pelo longo encerramento, como as palmas das mãos de uma lavadeira. A saída dos Appleby deixou Freddy e Piet sozinhos com muitas mulheres.

Foxy se levantou, majestosa nos seus muitos metros de linho, e disse:

— Tenho de ir também.

— Não pode, meu bem — disse Freddy. — Temos de jogar "Admirável".

Foxy olhou para Piet e ele compreendeu que de qualquer maneira ela veria escrito no rosto dele: *Não vá.* Disse então:

— Não vá.

Terry perguntou a Freddy:

— *Como é que se joga?*

Piet imaginou Gallagher, severo como uma mãe à espera dela, e se admirou de que ela não quisesse ir e pudesse ficar ali com tanta calma. As mulheres não têm consciência. E a culpa não é delas, mas da serpente que me enganou.

Freddy passou a língua pelos lábios e respondeu francamente:

— Cada um de nós diz qual é a coisa mais admirável de que pode se lembrar. Angela, onde é que está essa danada fornalha? Estou gelado.

Ela foi buscar em outra sala uma manta afegã que ele enrolou no corpo como um xale.

— Você está ficando velho, Freddy — disse ela.

— Obrigado. Agora façam o favor de sentarem-se e parem de cochichar. Eddie e Irene foram botar Ben na

cama. Deverão estar de volta num minuto. E que é que tem se não estiverem? O mundo não vai parar por isso. Imaginem que Eddie esteja pilotando um avião num vôo para Miami. *Che sara, sara*. É o que eu digo a todo mundo.

— Explique o mecanismo do jogo — disse Terry.

— A finalidade do jogo, Terry querida, é que no fim nós nos conheceremos melhor uns aos outros.

— Não quero conhecer melhor nenhum de vocês — disse Angela.

— E eu não quero que nenhum de vocês me conheça melhor — murmurou Foxy.

— E há algum elemento de competição? — perguntou Piet. — Como é que se pode ganhar ou perder?

Freddy respondeu a Piet com oracular cuidado. Estava bêbado, mais bêbado do que qualquer pessoa, exceto Angela, que se tinha embriagado com vinho branco, uma embriaguez translúcida e quente cuja verdade eleva o espírito.

— Você não pode perder, Piet. Que tal isso para variar? Por que você, Piet... posso dizer o que sinto?

— À vontade — disse Piet, rolando no chão. — Diga, diga!

Freddy falou solenemente, procurando ser categórico.

— Você é um camarada engraçado. É um paradoxo. Há muito tempo, quando eu era garotinho, observando papai e mamãe, cheguei à conclusão de que só há duas espécies de pessoas no mundo: A, as que trepam; B, as que são trepadas. O engraçado em você, Petrov, é que você pensa que é A mas, na realidade, é B.

— E o engraçado em você — disse Piet —, é que você não é nem uma coisa nem outra.

Antes que ele começasse a dormir com Foxy, quando Freddy, por menos que soubesse, tinha Georgene como refém, ele não teria sido tão pronto nem tão agressivo na

sua resposta. Freddy bateu os olhos, surpreso de deparar com um Piet livre e mais abertamente seu inimigo.

— Se vocês dois, como estrelas temperamentais, já acabaram de brigar, podemos começar o jogo — disse Terry.

— O que eu acho admirável é um pouco mais de vinho — disse Carol. — Quem é mais que quer?

— Eu — disse Angela, estendendo um braço bem feito e um copo vazio. — Tenho de enfrentar Georgene nas finais amanhã.

— Onde está Georgene? — perguntou Piet polidamente a Freddy, com receio de que tivesse ido longe demais pouco antes.

— Está descansando para o grande encontro — respondeu Freddy, aparentemente perdoando tudo.

— Temos mesmo de sair daqui a pouco — disse Foxy a Terry.

— Nós também — disse Piet a Angela. Nos raros momentos de liberação dela, Angela representava para ele o perigo de revelar grandes riquezas dentro de si mesma, mostrando-lhe a extensão do prejuízo com que se congelara durante a vida conjugal dos dois.

Carol serviu o vinho de Almadén, ao mesmo tempo que fazia um número de dança. Seis copos foram servidos.

— OK! — disse Freddy. — Carol começou dizendo que mais vinho era admirável.

— Mas não disse que era a coisa mais admirável que eu podia imaginar. Ainda tenho a minha vez.

— Está muito bem. É sua a vez. Você é a dona da casa. Comece.

— Vou ser mesmo a primeira?

Todos disseram que sim, que devia ser ela. Enquanto Carol permanecia em silêncio e descalça, Angela perguntou a alguém em particular:

— Não é empolgante?

Carol chegou a uma decisão.

— As unhas de um bebê.

Isso foi acolhido por exclamações de espanto. Freddy tinha apanhado um lápis e escreveu num pedaço de papel, nas costas da sua peça.

— As unhas de um bebê. Muito bem. Quer fazer o favor de explicar?

— Tenho de explicar? Bem, estou me referindo a todo o processo, à química da coisa, que é o que me parece admirável. Sabe como é — disse ela, olhando para Foxy, que era precisamente de todas as mulheres presentes a única que não sabia —, o que eu acho admirável é o bebê vivo, perfeito até nas unhazinhas, que se forma quase como se fosse do nada, faça a gente o que faça, fume, beba, caia da escada e até quando a gente não o quer. O que eu admiro — acrescentou ela, sentindo pela cara dos outros que não se estava explicando bem — é o trabalho, a sabedoria, o amor mesmo necessário para fazer cada um de nós, por pior que nós façamos a nossa vida depois.

— Como você é gentil e delicada, Carol — disse Piet. — Como pode alguém assim odiar-me e às minhas casas?

Ele sentia que ela havia aproveitado a oportunidade para melhorar o conceito que se fazia dela. Sabia que tinha parecido uma cadela de cabelos pintados e naquele momento, abandonada pelos Saltz e pelo marido, precisava do amor dos que estavam ali com ela e especialmente dele, que como ela havia nascido num escalão mais baixo da classe média do que aqueles outros.

— Não odeio você — disse ela. — O que acho é que você tem demais para dar aos outros e não deve desperdiçar o que tem dessa maneira.

Depois de um breve silêncio, Angela murmurou:

— Não sei dizer se isso é um novo insulto ou uma reconciliação.

— Já temos as unhas de um bebê — disse Freddy Thorne. — Quem vai ser agora?

— Um homem agora — disse Terry.

Piet sentiu-se enternecidamente escolhido por ela dizer isso.

Ela repousava no chão. Era uma mulher alta, com as pernas dobradas sob as largas ancas e o corte dos quadris. Uma moeda nos lábios. A curva de harpa dos cabelos negros pendentes. Em outros tempos a amara, muito tímido para saber que estavam esperando. Vasos plasmados antes de cheios. Bebeu mais vinho o qual era de uma brancura como a do sol visto através de um nevoeiro, um círculo perfeito menor do que a lua. O eclipse. Condenado o amor? Foxy o olhava enquanto ele bebia, com o rosto rosado emoldurado pelos cabelos pá-

lidos afofados pelo banho de mar. Às vezes a barriga dela tinha gosto de sal. Um brilhante tambor retesado como a curva do oceano acima das acumuladas molas de relógio dos cabelos loiros. O umbigo invertido. O satélite do amor deles girando sem atrito em torno do planeta do útero. Os pedações decrescentes das nádegas que a língua tocava abaixo das pétalas da vulva. Os gritos, remotos, eclipsados.

— É você, Piet — disse Angela.

Esquadrinhou mentalmente o mundo, cidades e campos, campanários e mares, lama e dinheiro, madeiras cortadas, cavacos cheirosos, hinários azuis e a penugem de uma rosa. Mulher. Mergulhou sem resistência nessa verdade: bom mesmo é mulher. O resto nem chega perto. Disse então: — Uma mulher dormindo. — Por que dormindo? Acrescentou: — Porque uma mulher, quando está dormindo, representa todas as mulheres.

— Piet, você está bêbado — disse Carol e Piet compreendeu que, tendo falado com essa simplicidade de si mesmo, a havia ofendido.

O mundo detesta a luz.

A boca e os olhos de Freddy se estreitaram.

— Talvez você queira a mulher dormindo porque, se acordar, se-rá uma ameaça para você.

— Fale por você e não por mim — disse Piet, subitamente aborrecido daquele jogo e desejoso de estar com as filhas adormecidas.

Talvez Ruth e Nancy fossem as mulheres que ele tinha em vista, ensopadas profundamente de sono como pedaços de gelatina de frutas cobertos de açúcar. — Uma mulher dormindo — repetiu.

— Inclusive as unhas de um bebê — acrescentou Freddy Thorne. —

Hum, estamos domésticos demais em matéria de horizontes. Terry?

Ela estava preparada, desde quando começara a olhar para tudo com um sorriso complacente.

— As obras de J. S. Bach.

Piet perguntou, com ciúme:

— Em arranjo para alaúde?

— Em arranjo para qualquer instrumento tocado de qualquer maneira. É nisso que Bach é admirável. Ele não tinha conhecimento da própria grandeza. Tentava apenas sustentar seus dezessete filhos com um dia de trabalho honesto.

— Mais domesticidade — murmurou Angela.

— Não vá atrás disso — disse Piet a Terry. — Ele queria ser grande. Vivia louco para ser imortal.

Dizendo isso, ainda se estava dirigindo a Carol, discutindo sobre as casas dele, os quadros dela, desculpando-se, confessando o seu desespero.

Terry disse serenamente:

— Para mim, ele parece muito desprendido de tudo isso e um homem bem comum. Cheio da simples luz do dia. É admirável sentir-lhe a música nos dedos.

— Muito bem — disse Freddy. escrevendo. — As obras de J. S.

Bach não apenas para instrumentos de cordas. Angela.

— Estou até com vontade de chorar — disse Angela. — Vocês todos têm tanta certeza a respeito do que é bom e eu não posso encontrar nada de admirável para apontar. As crianças talvez, mas devo dizer minhas filhas ou o simples fato de ser mãe, que foi o que Carol já disse? Tenha bondade de me ajudar, Freddy. Deixe a minha vez para depois, que vou pensar.

— A Eucaristia — disse Foxy. — Não posso explicar.

— Agora é a vez de Freddy — disse Piet.

Tinha havido um duplo socorro: Foxy socorrera Angela e ele a Foxy. Nos jogos inventados por Freddy a revelação é que era o perigo. O perigo e o fruto.

Freddy largou o lápis e com uma boca incerta, como se estivesse lendo um texto magicamente materializado no ar, disse:

— A coisa mais admirável que eu conheço é a capacidade de iludir-se do ser humano. Tudo o mais vem muito depois.

— Só no mundo humano — retorquiu Carol. — E isso é apenas uma crostazinha presunçosa no mundo de verdade. Os animais não se iludem. Nem as pedras.

Angela levantou o corpo:

— Oh! Então é o mundo inteiro, tudo o que existe? Neste caso, eu digo as estrelas. Sim, as estrelas.

Surpreso, assustado — parecia afundar nos espaços do rosto límpido de Angela —, Piet perguntou-lhe:

— Por quê?

Ela encolheu os ombros.

— Ora, são tão fixas. Tão acima de tudo. Como se alguém tivesse jogado um punhado de sal que ali ficasse durante bilhões de anos. Sei que se movem, mas não em relação a nós, que somos muito pequenos. Morrem muito cedo. E como são belas: Vega numa noite de verão, Sirius no inverno. Serei eu a única pessoa que ainda olha para elas! Um de meus tios por parte de mãe era astrônomo, Lansing Gibbs. Creio que há um movimento que tomou o nome dele, o efeito Gibbs. Talvez seja uma galáxia. Imaginem, uma galáxia, todos aqueles mundos e sóis com o nome de um homem. Era um homem muito baixo, em conseqüência de alguma doença na infância, com dentes pontudos e pernas arqueadas. Gostava de mim, mesmo quando fiquei mais alta do que ele. Ensinou-me a conhecer as estrelas de primeira grandeza, Vega, Deneb, Antares, Arcturo... Esqueci-me de algumas.

Em menina, eu ficava na varanda de nossa casa de verão em Vermont e me imaginava passeando entre elas, de vida para vida, eternamente. Sim, as estrelas são admiráveis.

— Angela, admirável é você — disse Foxy.

— Angela pode ser admirável — confessou Piet a todos e deu um suspiro. Já passava da hora de irem-se embora.

— Freddy, fale-nos sobre a capacidade de iludir-se — disse Terry. Freddy parecia envelhecido e absurdo, enrolado no seu xale.

Nas aberturas dos pés-de-pato, as unhas dos pés se mostravam horrorosas: encravadas, inflamadas, torcidas umas contra as outras pela constrição diária dos sapatos.

Disse então:

— Sou constantemente procurado por gente com dentes que não têm mais salvação, sofrendo de abscessos que consideram ser apenas nevralgia. A dor deve ter sido tremenda. Devem tê-la sofrido durante meses, sem poderem mastigar ou mesmo fechar os

maxilares, tudo isso porque subconscientemente não querem perder um dente.

Perder um dente significa morte para muita gente. É um símbolo de castração clássico. Preferem ter um membro que doa a não ter membro algum. Têm um medo mortal de mim porque eu posso dizer a verdade. Quando colocam dentaduras, eu lhes digo que têm melhor aspecto do que nunca e eles não querem outra coisa senão acreditar em mim. Tudo isso é merda. Nunca se recupera o sorriso pessoal quando se coloca uma dentadura. Imaginem as mentiras que tem de dizer um médico que trata de câncer. No ano em que cursei a faculdade, vi esqueletos falando em cura. Já vi mulheres com o rosto destruído indo ondular o cabelo num salão de beleza. O engraçado é que não ficamos melhor e ninguém se importa nem um pingo com isso.

A gente nasce para trepar e morrer e, quanto mais cedo morrer, melhor. Carol, você tem razão sobre a máquina admirável que somos ao nascer. O mal é que ela só tem um jeito de funcionar: ladeira abaixo.

— E não ganhamos alguma coisa? — perguntou Foxy. — Compaixão?

Sabedoria?

— Se nós não apodrecêssemos — disse Freddy — quem iria precisar de sabedoria? Sabedoria é o que se usa para disfarçar o mau cheiro.

— Freddy — disse Piet delicadamente, querendo salvar alguma coisa de si mesmo, porque sentia em Freddy um redemoinho que queria tragá-los a todos —, acho que você está profissionalmente obcecado com a idéia da cárie e do apodrecimento. As coisas não apodrecem apenas; crescem também. A vida não é só de descida. Tem altos e baixos. Talvez o último segundo da vida seja uma subida. Imagine-se dentro do útero. Você seria incapaz de imaginar este mundo? O simples fato de existir alguma coisa não é admiravelmente estranho? O

que me impressiona não é tanto a capacidade que tem o homem de iludir-se quanto à eficiência que o homem tem em criar infelicidade. Acreditamos nela. A infelicidade faz parte de nós mesmos. Do Éden para cá, não fazemos outra coisa senão convencer-nos dela. Fabricamos miséria e nos nutrimos de veneno. Mas isso não quer dizer que o mundo não seja admirável.

— Deixe de resistir, Piet — disse Freddy. — Somos perdedores.

Viver é ser derrotado. — Passou-lhe a folha de papel. — Pronto, aqui está o seu mundo admirável.

No papel estava escrito:

Unhas de criança.

Mulher (zzzz).

Bach.

Euc.

••••

Capacidade de iludir-se.

— Não acredito nisso, Freddy — disse Foxy. — Tudo o que as pessoais têm construído você faz desmoronar-se.

— Faço é o meu trabalho — disse Freddy. — Não é o trabalho que eu prefiro, mas todos os dias visto o meu jaleco e trato de trabalhar.

Jaleco. A verdade anti-séptica. Aprendeu a viver dentro dela.

Eu não. É um homem melhor do que eu. Piet deixara-se cair por um profundo precipício gelado. O pensamento de Freddy. Foxy estendeu em silêncio a mão para ele, Terry voltou-se para ele e sentenciou:

— E a esperança não é coisa a que se chegue por meio do raciocínio. É uma virtude, como a obediência. É um dom. Só temos liberdade de aceitá-la ou rejeitá-la.

Angela levantou-se e disse:

— Acho que somos todos iguais, seja em que for que julgamos acreditar. Marido, estou bêbada. Leve-me para casa.

No hall, com o seu cheiro elefantino de guarda-chuva, Piet, risonhamente, meteu o cotovelo no estômago de Freddy e disse:

— Diga a Georgene que sentimos falta dela.

A resposta de Freddy não foi risonha. O seu rosto pareceu cheio de ameaças.

— Ela preferiu não vir. Tem algum recado para ela?

O frio fato de que ele soubesse pareceu passar pelo rosto de Piet.

— Não, diga apenas que todos nós mandamos lembranças — disse Piet prontamente, capaz de agir e esquivar-se naquele plano onde as ações importavam e não se exigia submissão à morte. Duvidava de que Freddy soubesse de alguma coisa. Georgene havia chorado depois de estar com ele, ao cabo do seu longo hiato de inocência, mas Pi-et já lhe havia testado a força antes e sabia que ela podia resistir a toda a pressão do sofrimento, a toda a tentação de confessar. O tom de ameaça de Freddy não passava de um blefe, de um típico tiro no escuro. Era o elemento dele.

— Não acha que deve voltar para casa e ficar com ela? — perguntou Piet, provocando de novo Freddy, que não estava fazendo a menor menção de sair.

— Ela está dormindo — disse ele.

Uma mulher dormindo, fato tão sinistro quanto admirável. Em vez de ir a uma reunião onde o amante poderia estar, preferia dormir. Alimentando a sua aflição. Piet sentia que ela era uma prisioneira da sombra daquele homem com quem era casada e arrependeu-se de tê-la ido procurar de novo.

Carol tinha ficado em silêncio, procurando escutar à volta de Eddie. Levantou-se para dar boa noite. Ela e Freddy, ambos com roupas de banho, deram adeus

juntos da varanda lateral fracamente iluminada. Do outro lado, a casa dos Saltz estava às escuras, com apenas uma lâmpada acesa nos fundos do andar térreo. Tarbox estava arrumada para dormir. A cascata na fábrica de brinquedos resmungava baixinho. Um carro freou perto das pedras na base do prado. Um jato invisível cantava entre as estrelas. O som era como de vidro arranhado. Uma série final de boas noites. Foxy e Terry, sombras vacilantes na rua azul de setembro, se encaminharam para o Mercedes de Gallagher. Sem olhar para trás, ela agitou os dedos da mão esquerda: adeus até eu tocar em você. Angela disse com voz macia: — Pobre Foxy. Por que Terry não teve o bom senso de levá-la para casa já há muitas horas?

— Você pensou que ela estava querendo ir?

— É claro. Estava exausta. Não é para o mês que vem que ela está esperando?

— Não me pergunte. Como é que eu vou saber?

— Houve um momento no meio daquele interminável jogo (e, por falar nisso, você e Freddy não devem resolver os seus casos particulares diante das senhoras como nós, pois não é uma coisa fascinante, nem agradável) em que olhei para ela e me pareceu completamente desolada.

— Não reparei.

— Ela era tão bela quando chegou a esta cidade e nós a estamos transformando numa bruxa.

A sombra do passeio de tijolos sob os lampiões da rua era de um roxo de borra de vinho. Piet viu um insetozinho redondo entrando apressadamente num buraco: um cidadão que ficara até tarde na rua, visto do alto de uma igreja. Não havia uma só voz que o chamasse para casa. Sem pai, sem mãe. *Onvoldaan*. O vinho tinha tirado de foco a lente da cabeça de Piet. Olhou para o alto e viu atrás da tela do campo de beisebol a sua igreja que se

elevava nos fundos, grande, larga e informe, como uma majestosa mancha vazia.

Piet soube por três fontes do afastamento de Ben do seu emprego. Angela tinha sabido depois do jardim de infância, onde tinha passado a ensinar às terças e sextas, embora Nancy já estivesse cursando o primeiro ano primário. Irene é que lhe dissera. A notícia foi dada lisamente por Angela numa voz que era como um cartão impresso.

— Acho que já sabe. Ben vai deixar o emprego.

— Não! Não sabia não. Que coisa! Qual é o novo emprego dele?

Espero que não o obrigue a mudar-se de Tarbox.

— Bem, essa parte ainda está meio no ar. Mas ele já apresentou o seu pedido de demissão. — Angela tinha sido forçada à inanidade, constrangida pela atitude de Irene. O impulso de dar-lhe condolência tivera de ser dominado com esforço. — Não queria saber como estava o aspecto de Irene. Extática. De repente, você sabe como ela esteve bonita todo o verão, pareceu uma pesada judia de meia-idade. Os olhos dela estavam positivamente sombrios quando me disse. E duros também. Estava *fazendo um negócio comigo.*

— Eu nunca soube — disse Piet, sem poder fingir muita surpresa, pois já sabia da notícia — o que era exatamente que Ben fazia.

— Miniaturas para o programa espacial. O que era exatamente é segredo. — Ela estava pondo a mesa para o jantar das meninas. Ficava muito cordial nos momentos em que fazia serviços de casa. Eles dois iriam jantar fora, na casa dos Guerin.

— Quero dizer — murmurou Piet — é se ele era bom nisso. Era apenas um técnico ou o trabalho dele era mais teórico?

— Nas conversas ele sempre adota uma posição teórica.

— Estranho muito isso. Do que Irene costumava dar a entender, toda a exploração do Mariner em Vênus se deveu a Ben. No mínimo, ele estava em pé de igualdade com John Ong. Agora fica-se sabendo que a companhia dele pode calmamente dispensá-lo no momento em que o pobre homem se afasta da trilha certa.

— Acha então que o caso dos Saltine tem alguma relação com isso?

— É evidente que tem. Inteiramente. Os Constantine foram uma devastação para ele. Nenhum deles dorme e Eddie só voa as quarenta horas regulamentares por mês. A própria Irene deixou escapar que Ben dera para perder o trem.

Piet estava apresentando como hipótese o que Georgene lhe havia comunicado como fato, depois do que ouvira de Freddy.

— Não posso crer que tenha chegado a esse ponto.

— Você é muito inocente, Angela. Não pode acreditar que ninguém tenha mais energia sexual do que você. Aqueles quatro não paravam. Carol gosta de ter dois homens ao mesmo tempo. Antes de Ben, ela dormia com aquele rapaz que Eddie costumava levar para o basquete.

— Como sabe de tudo isso?

— Todo mundo sabe disso — disse ele, prontamente.

Angela pensou, parando de servir a canja de galinha em dois pratos castos.

— Mas ela ficava com os dois homens ao mesmo tempo? E onde era? No atelier dela, com todos aqueles tubos de tinta? E o que era que Irene ficava fazendo enquanto se desenrolava esse número acrobático?

Os olhos dela se anuviaram com a visão evocada. Piet ficou satisfeito em vê-la interessada. Mas não podia encontrar, entre todos os homens a quem conhecia, um só com quem estivesse disposto a partilhá-la. Thorne era horroroso e Whitman era puro demais.

Na terça-feira seguinte, Angela voltou da escola com os olhos cintilantes e disse:

— Você tinha razão. Foram os Constantine. Irene me convidou para ir tomar uma xícara de chá com ela. Mas em vez de chá me deu *bourbon* e me contou tudo. Está extremamente aborrecida com tudo isso. Não quer mais nem olhar para os Constantine, embora Carol continue a tentar falar com ela para discutir tudo. Irene reconhece que em parte a culpa foi dela e Ben devia ter juízo bastante para controlar-se, mas ela diz que tudo era fascinante demais para eles, que tinham sido sempre sérios em relação a tudo e nunca tinham tido amizade íntima com qualquer outro casal. Ela e Ben pensaram apenas que era admirável a maneira pela qual os Constantine viviam, com uma filosofia inteiramente diferente e sempre tão tranqüilos e prontos para tudo, comendo qualquer coisa que houvesse e ficando acordados a noite inteira, se estavam com vontade.

Ela diz que. para fazer-lhes justiça, Carol e Eddie podem ser imensamente encantadores. De certo modo, não têm culpa de serem tremendamente amorais. Está até satisfeita com o verão que passaram, contente com a experiência, embora isso houvesse abalado a vida conjugal deles e os deixasse em dificuldades financeiras.

Confessou-me que havia mentido da outra vez e que Ben ainda não tem outro emprego.

— É claro que não. Ela entrou na mecânica do caso? Quero dizer, o efeito de tudo isso sobre Ben foi tão ruim que tiveram de despedi-lo?

— Não falou muito nisso, mas reconheceu que ele não se limitara a chegar atrasado ao trabalho. Havia dias em que não aparecia lá, principalmente depois daqueles longos passeios de barco que duravam o dia inteiro. Uma vez eles chegaram a ir a Provincetown, isso naquele barquinho, que mal dá segurança para se andar na lagoa. Irene diz que ficava aterrorizada a maior parte do

tempo, mas que Eddie é muito competente no mar. Gosto de imaginar a cena: Irene naquele grande chapéu e com a blusa de mangas compridas e Bem procurando todo o tempo resistir ao enjôo. Como duas corujas e dois gatinhos num barquinho verde. A Provincetown! Meu pai e meu tio costumavam fazer a viagem com uma tripulação de seis homens e, ainda assim, as crianças não podiam ir. E é claro que Ben não tem realmente estômago para o álcool, de modo que, mesmo quando ia trabalhar, estava muito enjoado para fazer coisa que prestasse. E

ele não tinha nem uma sala particular. Era um cubículo envidraçado que não o deixava esconder coisa alguma.

— E quanto ao sexo? Ela entrou nisso?

— Mostrou-se muito reservada e eu não quis fazer pressão. Senti que ela se sentia lisonjeada e atordoada com tudo isso. Não sei nem por que ela resolveu me contar alguma coisa.

— Você é a consciência da cidade. Todo mundo sente que deve aplacá-la.

— Não seja irônico. Ela deixou claro que talvez não fosse isso o que tinha ouvido de outras fontes. Disse que Eddie podia ser muito atraente, como se tivesse sentido essa atração sem sucumbir a ela. Quando se sucumbe, deixa de ser atração, não acha?

— Não sei. A técnica nesses assuntos é você.

Piet estava ofendido com a maneira encantada pela qual ela participava indiretamente daquilo tudo.

— Descreveu as noites que passavam todos juntos como de pura conversa. Freddy Thorne e às vezes Terry apareciam. Chegou ao ponto de me dizer que na noite em que ela e Eddie levaram Ben para a cama e todas as luzes da casa dela se apagaram, ela estava realmente na cozinha com Eddie conversando sobre o emprego de Ben, pois ele já havia recebido uma severa advertência.

— Mas não foi o sexo. A bebida e os passeios de barco é que acabaram com ele.

— Irene não o disse precisamente, mas a sugestão que deu não foi certamente essa. Ela até chamou Carol (e isso me surpreendeu, partindo de Irene) de provocadora de homens. Como se ela provocas-se Ben e, depois, não fosse para a cama com ele ou não fosse quando devia ir, não sei ao certo. Tudo isso é muito confuso e muito triste, principalmente quando se pensa nas crianças. Quase tudo acontecia aparentemente na casa dos Constantine porque era mais fácil para os Saltz deixar Bernard, que de qualquer maneira gosta de ler até tarde, tomando conta do irmão. Mas, depois da meia-noite, Irene sentia-se às vezes culpada e ia para casa, deixando Ben a conversar com Eddie. Falavam sobre tudo: espaço, computadores, ensino público e particular, religião. Eddie é tão fora de época que chega a dar gritos quando pensa na Igreja.

— E então Carol ia se deitar com os dois.

— Piet, não é que eu queira diminuir o alto conceito que você faz de Carol, mas na realidade acho isso pouco provável. Talvez nos bordéis de Okinawa aconteça uma coisa dessas, mas aqui, na casa de alguém que nós conhecemos, é absurdo!

— Ela é humana, meu bem. Podia receber um na boca... — Os olhos de Angela faiscaram.

— É isso que você quer que eu faça, não é?

— Não, não, não. Nada disso. Isso é sodomia.

Foxy tinha uma história diferente para contar, procedente de Carol, que conversara com Terry Gallagher. Terry e Carol gostavam de música. Foxy e Carol de vez em quando desenhavam juntas, com uma das encantadoras filhas dos Constantine, Laura ou Patrice, posando de macacão.

— Ela diz — disse Foxy — que os Saltz se mudaram para perto deles. Viviam isolados na cidade e muito

solitários. Quando viram que eram aceitos por ela e por Eddie, não souberam o que era moderação. Ben tinha tido uma criação muito severa e antiga num gueto judeu em Brooklyn...

Piet riu.

— Estou vendo Carol dizer judeu...

Foxy tinha uma mímica muito expressiva e inconscientemente coloria o que dizia com uma reconstituição bem viva. Piet estava com a cabeça pousada no colo dela e o coração do filho dela por nascer batia perto do seu ouvido.

— Ben vivia num gueto judeu e estava ansioso, esfomeado mesmo, por um pouco de movimento. Carol afirma, e está convencida disso, que até os Constantine chegarem à cidade os Saltz tinham sido mantidos a distância pelos casais "bem", os Guerin que vivem a uma rua de distância, os gentis Thorne, os extremamente amáveis Applesmith e os elegantes Hanema, para não falar nos encantadores Gallagher...

— Não é verdade. Nós sempre convidamos Ben para jogar basquete. Não andam de esqui, nem jogam tênis. De quem é a culpa?

Sempre eram convidados para as festas grandes. Os holandeses estão mais em minoria nesta cidade do que os judeus.

— Bem, essa é a impressão de Irene, de acordo com o que diz Carol. — Enquanto falava, Foxy acariciava distraidamente os cabelos de Piet. — É difícil alisar o seu cabelo, sabe?

— Está caindo? Acabarei calvo como Freddy? É comum nos homens ruivos. É a maneira de Jeová de reprimir o nosso vigor. Não pare.

Estou muito sentido que Irene, a quem sempre adorei, pensasse que todos nós éramos anti-semíticos.

— E evidentemente pensava e pensa. Ficou furiosa quando a escola primária escolheu Bernard para tomar

parte numa representação de Natal. E, ainda mais, no papel de S. José. De acordo com Terry, Carol tem certeza de que Irene foi quem realmente trabalhou para a ligação entre os dois casais. A vida conjugal dos Saltz é há muitos anos precária. Só continuavam juntos por causa de Bernard. Jeremias foi um engano. Irene teve uma espécie de colapso nervoso quando soube que estava grávida.

— Lembro-me de que ela ficou bem bonita quando estava grávida.

Adoro mulheres grávidas.

— Estou vendo.

— De acordo com Carol, de acordo com Terry, qual era ou é a queixa de Irene em relação a Ben?

— Acha que ele não tem ambição, nem energia. O pai dela venceu na indústria de roupas feitas trabalhando como um alucinado. Seja como for, Piet, quem sabe por que as mulheres gostam de alguns homens e não gostam de outros? Afinidades químicas? O que Carol diz é que Irene se interessou por Eddie e se entusiasmou por ele da maneira pela qual se entusiasma por tudo: habitação decente, escola de enfermagem ou conservação da natureza. Transformou-o numa causa.

— Sua descrição parece mais de Terry do que de Carol. Esta diria simplesmente: "Ela quis Eddie" e acrescentaria: "Jurou que se consagraria ao objetivo de deitar-se com ele".

— Nada disso. O que ela diria seria: "A cadela ficou no cio e queria ser coberta".

— Que linguagem, minha amada.

— Não balance a cabeça assim, senão você me provoca.

— Mas a verdade é que Irene foi induzida por todos a esse estado de cadelice. Era alguém com quem se conversava logo que se chegava a um coquetel para ficar livre dela pelo resto da festa.

— Carol diz que ela e Eddie costumavam sentar-se depois que os Saltz saíam e dar gargalhadas. Irene estava tão ostensiva.

— O riso dele devia ser amarelo. Acho muito interessante a idéia de Eddie Constantine ser um projeto digno de atenção como a integração racial nas escolas ou a salvação do grou americano. Na verdade, como homem, é indigno de qualquer atenção. E pensar que todos nós confiamos a vida a ele. Que é que Carol diz que ela e Ben fizeram para conter o assalto à virtude do jovem aviador?

— Ela diz que tinha pena de Ben, mas que nunca sentiu a menor atração por ele.

— Por ele ser judeu decerto. Mais uma protestante, anglo-saxônica e nacionalista.

— De fato, é. Eddie parece que detesta gente assim e vive a aborrecê-la por isso, amedrontando-a quando dirige o carro e coisa assim.

— Pensei que ela tivesse sido uma católica que abandonara a religião.

— Ele era católico. Ela era presbiteriana. — Os dedos de Foxy tinham passado dos cabelos para o solo sensível da face, com os seus planos rígidos que ela explorava às cegas. — Além disso —

disse ela com uma voz cujas sombras e alturas musicais tinham-se tornado, como a visão alada de seu corpo e o seu peso perfumado, um corpo que o amor dele habitava —, além disso, estou dizendo, e pare de me olhar assim, ela não acha que o que Ben fazia em companhia deles tivesse de modo algum concorrido para fazê-lo perder o emprego. Carol pensa que ele não tinha muita competência e eu acredito nisso, pois nas ocasiões em que ele conversou com Ken...

— Ken e Ben, os nomes chegam até a rimar...

— ... nas ocasiões em que conversou com Ken, exprimindo o maior interesse pela bioquímica, o segredo

da vida e não sei mais o que, Ken disse que ele não mostra maior compreensão do que a que permitiria a leitura superficial do Newsweek. O que ele procura mesmo é um sentido religioso para a vida e nada poderia aborrecer mais a Ken do que isso. Qual foi mesmo a palavra que ele empregou?

Ah, eclético... Ben tem um espírito inteiramente eclético.

— A minha teoria — disse Piet, fechando os olhos para sentir ainda mais a presença de Foxy, a barriga junto ao seu ouvido, os dedos em sua testa, as coxas nas quais pousava a cabeça — é que os Saltz se aproximaram para que Ben pudesse aprender sobre a aviação de Eddie a fim de melhorar a sua posição no complexo aeroespacial.

Quando entraram naquela velha casa, Carol, sendo ninfomaníaca, se atirou sobre Ben, e Eddie, em vez de ficar olhando, decidiu tentar a sorte com Irene e esta disse consigo mesmo: "Que mal faz? É divertido!"

— Bem, sem dizer tudo tão às claras, é essa mais ou menos a versão de Carol.

— Carol e eu pensamos do mesmo modo.

— Não diga uma coisa dessas! — exclamou Foxy veemente mente e tocou-lhe os lábios para lembrar-lhe a incomparável solenidade do pecado que os unia.

Angela levou para casa novos refinamentos da versão de Irene.

— Ela me chamou à parte depois da aula e me disse quase em lágrimas que Carol está espalhando que ela, Irene, se sentia repelida na cidade pelo fato de ser judia. Ela queria que eu soubesse que isso não era absolutamente verdadeiro e que ela e Ben achavam que tinham sido sempre muito bem tratados e que os afligia muito a possibilidade de que os seus amigos pensassem de outro modo. Diz ela que Carol é extremamente neurótica e que Kevin é o que é em conseqüência da maneira por que ela o trata. Sempre que ela quer pintar,

tranca o menino no quarto e há manhãs em que ele grita tanto que os vizinhos já se têm queixado. Irene diz também que a opinião dela a respeito da inclusão de Bernard no espetáculo de Natal tem sido muito mal interpretada. Ela nunca disse que ele não devia participar de tal espetáculo. O que ela acha é que seria justo a escola promover também alguma espécie de celebração da Hanukkah.

— Está certo — disse Piet. — E por que não fazer também os garotos celebrarem o *Ramadan* maometano, deixando de comer as merendas?

Angela, que estava considerando o caso de Irene muito a sério, do ponto de vista de um liberalismo hereditário, disse:

— Não sei por que você se dá ao trabalho de ir à igreja. Isso cada vez lhe adianta menos.

Georgene tentou lançar alguma luz sinistra sobre o mistério.

Disse pelo telefone a Piet:

— Freddy e Eddie têm conversado...

— Freddy e Eddie estão sempre na sede — disse Piet, rimando.

Gallagher tinha ido falar com as freiras que queriam comprar a propriedade hipotecada em Lacetown e ele estava sozinho no escritório.

— Não me interrompa. Eddie disse que alta noite Ben costumava falar sobre o trabalho que estava fazendo nos foguetes — não há um deles chamado Titã? — e os ridículos desperdícios e rivalidades entre os vários departamentos e representantes do governo. Falou ainda de algumas idéias com que estavam trabalhando em relação a carburantes sólidos e sistemas de orientação com correção própria, nos quais estava colaborando, e Eddie disse que ficou espantado de que Ben lhe estivesse dizendo essas coisas. Julga ele que, se Ben

disse a ele, pode ter dito a outros e que o governo soube disso e o demitiu.

— Não acha que Ben seria capaz de arrasar qualquer espião que tentasse ouvi-lo?

— Freddy é de opinião que foi Eddie quem o denunciou. Está na aeronáutica e é obrigado a comunicar às autoridades qualquer coisa nesse sentido.

— Por que iria ele arruinar o amante da mulher? Pensa que Eddie se importa com isso?

— É claro que se importa. Aquela mulher vive a inferná-lo. É

uma louca, uma completa egoísta.

— E ele não a inferna também?

— Talvez, mas muito menos. Eddie é apenas um garoto crescido que gosta de brincar com motores.

— Desconfio muito dessas idéias de explicar o comportamento adulto por meio da mentalidade infantil. Privam-nos da nossa dignidade viril.

— Escute, quando é que me vem ver de novo?

— Acabei de fazer isso.

— Já faz um mês.

— O tempo voa, hein?

— Meu Deus, como isso é humilhante para mim. Vá para o inferno, Piet Hanema!

— Que foi que eu fiz?

— Nada. Não se fala mais nisso. Adeus. Até a próxima festa.

— Espere.

Ela tinha desligado.

No dia seguinte, ela telefonou de novo, imitando uma secretá

ria.

— Só telefonei para comunicar-lhe, amigo e senhor, em referência à nossa conversa da manhã de ontem, que dois homens de terno e chapéu foram vistos rondando e

depois entrando na casa dos Saltz na Rua Prudêncio Oeste, em Tarbox.

— Quem foi que disse isso?

— Um cliente de Freddy contou a ele, todo nervoso. Quem pode usar chapéu em Tarbox senão os agentes do FBI? Parece que toda a cidade sabe do caso de Ben.

— Acha que ele será eletrocutado como os Greenberg ou trocado com a Rússia por Gary Powers?

— Ha-ha. Desde que você começou a dormir com Foxy está nas alturas como um papagaio. Cuidado com a queda, Piet. Desta vez não vou apará-lo.

— Nunca dormi com aquela senhora excessivamente grávida e excessivamente casta. Olhe, sonhei com você esta noite.

— Oh! Foi um bom sonho?

— Não foi dos piores. Eu estava numa adega cheia de vinhos.

Freddy era candidato a vereador e você desceu comigo à adega para me mostrar o champanha que iam usar se ele fosse eleito. Lá embaixo, cercados por velhos móveis de vime, você me convidou a cheirar o novo perfume que estava usando atrás da orelha. Disse-me muito orgulhosa que o havia comprado no Cogswell. Baixei a cabeça para os seus cabelos, mas você passou os braços em torno de mim e eu compreendi que você queria era que eu a amasse e acordei. Mas os cabelos eram muito mais compridos do que os seus e estavam pintados de vermelho.

— Não era eu, patife.

— Era sim, Georgene. Você falava com essa mesma voz sobre as probabilidades que Freddy tinha de se eleger.

— Venha-me ver, Piet.

— Irei em breve — prometeu ele.

Naquela noite, Angela disse:

— Irene hoje foi quase engraçada. Disse que Ben, não tendo na-da para fazer, fica recebendo em casa aqueles dois mórmons. Eles pensam que são uma tribo perdida de Israel, de modo que se trata quase de uma reunião de família com Ben.

— Que mórmons?

— Você já os deve ter visto andando pela cidade. Dois homens moços com ternos e chapéus de abas largas, tipo Oeste. Parece que faz parte da vida de cada mórmom sair de casa e tentar fazer proselitismo em algum canto. Estes escolheram a nós. Do ponto de vista deles, não passamos de hotentotes.

— Ouvi dizer que eram homens do FBI.

— Irene diz que é o que todo mundo pensa. Diz ela que Carol anda espalhando pela cidade que ele revelou segredos do governo.

— Parece que essa tal Carol anda perdendo os parafusos.

— Encontrei-a hoje no supermercado e ela não poderia ter sido mais gentil. Disse-me que Eddie está querendo me levar para dar outro passeio de lambreta.

No centro da tempestade de boatos, o homem destruído limpava o jardim de folhas secas, fazia consertos e pinturas dentro de casa e levava os filhos à praia nas tardes claras dos fins de semana.

Findo o verão, a praia voltava a ser da posse exclusiva dos nativos, que passeavam com os seus cachorros perto das ondas e soltavam papagaios acima das dunas. As nuvens tinham mudado de qualidade e, em vez das enfunadas escunas do verão, eram agora massas mais cinzentas e mais compridas com mais substância. As charretes das cocheiras de North Mather faziam ponto perto do pessoal de Tarbox e as meninas galopavam através das planícies escuras da ma-ré baixa. Ali, numa manhã de domingo em meados de outubro, Piet passeava com Ruth — desde que ele não fora à igreja

naquele dia, ela não cantara no coro — e viu Ben Saltz a distância, levando Jeremiah pela mão e parando de vez em quando com Bernard para examinar conchas e outros lixos na areia. Piet teve vontade de aproximar-se do homem para manifestar-lhe a sua simpatia, mas tinha receio dele como de alguém atacado de uma doença mortal. A vida dele já era precária demais para que ele se avizinhasse de uma vi-da já inteiramente desmoronada. Angela achava que deviam convidar os Saltz para um jantar tranqüilo só com os dois casais. Piet resistiu durante algum tempo e acabou concordando. Foi Irene quem friamente recusou o convite. Ela e Ben tinham tomado a decisão de não aceitar qualquer hospitalidade, desde que não estavam em condições financeiras de retribuí-la. Em virtude de um acordo tácito entre os outros casais, os Saltz não eram mais convidados para festas, que seriam penosas para eles e embaraçosas para os Constantine. Apesar disso, Piet sentia vontade de espiar para dentro do abismo, de ver a catástrofe de perto. Mudava de itinerário a todas as horas para passar diante da casa deles. As luzes dos Saltz se apagavam bem cedo todas as noites, enquanto as dos Constantine ficavam todas ardendo num desafio. Andavam muito em companhia dos Guerin, dos Thorne e dos Gallagher. Todas as manhãs as crianças mais velhas — Bernard e Laura — de cada casa saíam para a escola seguindo caminhos paralelos através do prado. À tarde voltavam juntos, conversando com mais seriedade do que crianças deviam conversar.

Numa tarde, num dia de semana em que ventava muito, Piet, depois de dar volta ao prado, com a sua camioneta, viu Ben colocando as janelas de inverno na casa. Estavam empilhadas como as cartas verdes de um baralho de vidro e Ben estava ao lado da casa, examinando os números marcados nelas. Com vontade de cumprimentá-los, mas com medo de diminuir a

marcha e ficar preso, Piet se permitiu apenas um olhar. E o que viu foi um ar surpreendente de felicidade. Ben estava deixando a barba crescer de novo. O seu perfil arcaico, enquanto ele se abaixava para ver os números das janelas, parecia adormecido e sorridente. Tinha o ar de um homem que merecia férias como qualquer outro, que tinha feito uma coisa necessária e que estava tratando de sobreviver. Piet teve a impressão de que era um homem que havia tocado o fundo e que repousava em segurança.

Piet sonhou, nessa época de sua vida, que estava a bordo de um avião, um grande jato novo. As particularidades do imenso interior tubular eram perfeitamente claras aos seus olhos, embora ele nunca houvesse voado num avião assim. Depois que saíra do exército, raramente andava de avião. A última vez tinha sido dois anos antes, quando fora fazer uma visita ao irmão em Michigan. O avião para Detroit tinha sido um Electra de motores sujos, que tremia como um cachorro velho. O luxuoso avião do seu sonho deslizava pelo céu como se estivesse imóvel. Cabeças e mãos se afastavam dele por to-da a extensão do compartimento de passageiros com um tapete entre os bancos. A voz do piloto, muito musical e sulista para ser de Eddie Constantine, anunciou jubilosamente pelo alto-falante: "Desta vez nos livramos, pessoal!" Através da janela vedada com borracha ao lado da sua cadeira, Piet viu uma parede de nuvem cinzenta, contorcida e cheia de ramificações, que ficava lentamente para trás, revelando um trecho de céu azul. Tinham-se livrado de uma tempestade. Depois o avião se sacudiu e caiu nos vácuos enormes.

Caiu profundamente através de uma fenda na atmosfera, procurou segurar-se a alguma coisa, não alcançou, escorregou e inclinou-se. O

ângulo de inclinação aumentou e o avião começou a cair. O grande casco corria para a terra. Os detalhes delicadamente elaborados —

os números luminosos nas cadeiras, as tachas cromadas que prendiam os panos para pousar a cabeça — se mantinham estranhamente estáticos por entre o toar crescente do mergulho. Bem à frente no compartimento, uma aeromoça, com os cabelos claros arrumados num penteado alto, se apoiava nas cadeiras para não cair e as cortinas que separavam a primeira classe se enfunavam. A não ser isso, não havia qualquer manifestação de terror, nem ao menos um grito. O *desperdício, pensou Piet. Aquela engenhosa fragilidade completamente traída. O prejuízo. O avião caía a prumo. O líquido no ouvido interno de Piet se agitou e congelou. Sabia que não havia salvação possível daquela queda e despertou na escuridão, convencido da sua morte.*

A respiração de Angela era tranqüila e regular ao lado dele. O

seu pungente cheiro feminino de mel monopolizava a cama quente.

Uma vaga luz orlava as arestas do abajur de linho pregueado na mesa ao lado da janela. Estava em casa. Um navio seguro, imóvel entre as ondas da noite. Levantou a mão encostada ao rosto. A silhueta negra se mostrou chifruda entre as divisões cruciformes e as vidraças azuis. Sua mão. Moveu os dedos. Estava vivo. Entretanto, tendo entrevisto a plena plausibilidade da morte — o ar estrondoso do sonho estivera tão disposto a tragá-lo e tão vorazmente passivo — ele não pôde regressar à ilusão de segurança que é a antecâmara da vida. Pesado como chumbo, ele estava estendido sobre o mais fi-no gelo. Começou a suar. Era um suor frio e pegajoso que lhe cobria a pele e, pendendo-lhe do estômago como uma cadeia, a náusea, a rude náusea supra-renal do pânico, ameaçava arrancá-lo de dentro

para fora. Virou-se mais que depressa e se deitou de barriga para cima.

Não era a primeira vez que ele sentia um pânico assim. Havia antídotos. Pensar em neve. Pensar numa tenda curva bem protegida da chuva. Fingir que as cobertas são um abrigo. Pensar em nudez.

Piet tentou embalar-se com os corpos das mulheres que ele conhecia. As axilas empoadas de Foxy e a fenda de pétalas mais simples do que uma rosa. A parte ossuda e sardenta de Georgene abaixo do pescoço. A sua efetiva nudez, os cabelos grisalhos cortados, a sua luxúria se embotava ao ver isso, talvez a falta de amor os fizesse gozar juntos. Ao contrário da insondável ambrosia de Angela. A cintura flexível e as pernas nervosas de dançarina de Carol. Os seios abundantes e bêbados de Bea Guerin, com um suor nectário entre eles. A vigorosa e elástica bainha das calças de Annabelle Vojt que, embora ambos fossem virgens, deixava-o, na caverna batida pela chuva de um carro parado entre arbustos que batiam com a cabeça, beijá-la ali e estender uma língua exploradora, aplicando o espírito à matéria, de cabeça para baixo, entre as coxas dela, enquanto as costas lhe doíam, os grilos cantavam e os dedos trêmulos de Annabelle lhe penteavam o impenteável cabelo. De família piedosa, no calor do hamburger, o rádio baixo mas aceso, ela às vezes, sem uma palavra, tirava a parede secreta de seda, ondulando o corpo com um movimento que o aborrecia por ser hábil, a bacia levantada do banco do carro, e as calças puxadas para baixo por trás. Apegou-se um instante àquele movimento de prata ondulante que pulava arqueado na memória como um peixe, mas também, como os outros corpos pálidos, aquele foi muito instável para levá-lo ao sono. Estava agitado demais para mergulhar. Nervos e átomos giravam e cintilavam dentro dele. De ossos ocos como

um pássaro, ficaria pairando para sempre, provando repetidamente a mesma acidez.

A respiração regular de Angela perdeu o seu ritmo. Ela se virou com um escorregadio tumulto de lençóis e a marcha dos seus inconscientes suspiros continuou.

Horrivelmente desperto, Piet tentou rezar. Os seus pensamentos derramados em nada tocavam. Um pó gasoso de ônix acima do seu rosto. Alguma coisa outrora sólida tinha sido atomizada. *Nada cobiçarás. Que tem a lascívia no coração*. O insensato *twist* de Pedrick.

Uma sombria tribo do deserto: Mar Morto. Vasos quebrados por um jovem pastor. Pó alaranjado. Mais uma triste ceia. Mórmons, Salt Lake. Hinários fechados a semana toda cheiram a mofo. Desembrulhar um peixe. Perdão. Abaixe-se e toque o chão. Quisera ser superior à sua fé e a perdera. Deus não pode ser usado. A morte se estendia interminavelmente abaixo dele. A vida é uma escória, a consciência escória dessa escória. Piet jazia como um reflexo sobre uma impenetrabilidade mineral sem base. Seus pais eram fragmentos gêmeos de mica cravados em granito. Luz alguma os tocava para a luz. A perda eterna da luz; na queda do avião, sem saber que estava dormindo, tinha feito a frase consigo mesmo, como qualquer ímpio que vai para o trabalho e cujo dia toma um rumo errado. Por que continuar a provocar Deus! O velho muito ocupado tinha viúvas e órfãos para atender, ainda sem saber. Morder diante da morte. Morder. Na-da de gritos dentro do avião. Tudo em silêncio na queda. Graça estoica aprendida nos filmes. A esperança no paraíso esvazia o céu.

Não era hotentote. Venda fora. A matéria é quase nada. um riso cobrindo um vácuo. Angela dorme no berço das estrelas, tecido pelo tio. Nada é sagrado. Trino como o membro e os ovos: Fred Thorne.

Oh, Senhor, esse escarpado enjoo, esse deslizar. Pais pacientes jogando sementes domésticas em turfa

plantaram uma árvore com cujos frutos ele havia alimentado as mulheres. O voraz desespero das mulheres tragara Deus.

De altura do seu medo, Piet viu sua vida minguada e nítida. As três novas casas já vendidas em Indian Hill vistas como de um helicóptero. Gallagher queria mais hectares de terras. Via-se como um desbravador, um construtor de cidades. Gallagherville, Terrytown. Praça Hanema, Praça Angela. Mapas, prospectos, garagens subterrâneas, uma comunidade agradecida aprovando um voto de louvor.

Sir Mathew Galé Escravo, tendo dado emprego a milhares de pessoas, verdadeiro príncipe da Igreja, jantar na Casa Branca, estrelado por Pablo Casais e Ruby Newman. *Este é meu sócio, Sr. Presidente.*

O faiscante sorriso irlandês, costas duras, olhos grandes. Jack.

Esse camaradinha sabido? Posso fazer-lhe festas? Outra voz, mais musical: *Morde?*

Sentindo que os seus pensamentos estavam chegando às raias da insensatez, Piet sentiu a tensão da gratidão, na ansiosa antecipação do sono, e ficou de novo desperto, com o coração agitado. Precisava tocar alguma coisa. Nunca poderia subir com Gallagher porque precisava ter nas mãos um instrumento. Tocar a terra. O avião tinha caído e ele se vira sem recursos, sem igreja, sem virilidade. Precisava tocar em Foxy, nos bicos dos seios, na barriga, ao luar oblíquo. A cabeça dela era cheia de trancas e cruzes. Ela acreditava. Ela adorava o membro dele. Com as suas gazes flutuantes, ela se jogara sobre ele, era dele, a mulher que lhe fora da-da.

Angela se moveu inconsciente e gemeu baixinho. Piet saiu da cama e desceu para tomar um copo de leite. Sempre que sentia saudades de Foxy naquele verão ia à geladeira, à fria caixa pálida cheia de comida iluminada, e alimentava com alguma coisa o seu vácuo interior.

Encostou o rosto ao rosto frio da máquina e pensou na voz dela, nas suas sombras meridionais, na sua travessa secura, na lembrança musical que tinha das partes dele. Formou o nome dela com o alfabeto imantado com que as crianças brincavam na porta da geladeira. FOXY. PIET AM FOXY. Misturou as letras e voltou para a cama caminhando por uma casa cujos móveis conhecidos e cujo papel de parede eram inscrições carregadas de magia malévola. Ao lado de Angela, pensou que, se estivesse ao lado de Foxy, poderia adormecer ainda que deitado sobre cacos de vidro. A insônia era uma falha de ajustamento. Um caminhão barulhento passou e desapareceu.

O peso daquela noite estagnada. O medo corria por dentro dele procurando um lugar onde parar. Annabelle abriria as pernas como para imperiosamente abarcar todo o seu rosto nos lábios do seu jovem pântano. O lampejo lateral delicadamente interrogativo de Foxy: um espírito seco que o media através de véus de arrebatamento. Os grandes olhos ansiosos de suas filhas. De certo modo era uma graça morrer e não atormentar mais as crianças com o aparecimento do pai. A morte de outra pessoa é sempre um secreto alívio. Marés de vida se lançam a Deus para o massacre. Demolição de favelas. Bom Deus, protege desse holocausto a Foxy, a minha mais tímida chama de velas do Teu hálito. Amém. Um horror revolto lhe escavava a casca. Uma espiga translúcida, vazia de sementes. Piet esperava ser esmagado.

A faca chinesa através do olho. A cadeira elétrica limpa na sala ladrilhada. O terremoto que quebra as vigas da catedral. O

tragado oceano mineral. O nó no cordão de seda. A corda de piano do comando. O caranguejo no intestino. O osso de galinha no esôfago. A estrada escorregadia no inverno. O altímetro lido erradamente. O pelotão de

fuzilamento apagando com o pé os seus cigarros espanhóis no pátio de terra batida, outra manhã monótona, exalando filosoficamente. O rapaz da Jônia. A criancinha de membros flácidos estrangulada no berço. O rim apodrecido dourando a pele. O tiro de fuzil purgando o crânio do cérebro. A coronária imensa. A guilhotina. O cabo gasto do elevador. O estrondoso estalo e o pronto colapso do gelo: nos lados de Michigan, os pescadores descem com os velhos carros até ao fundo na bolha de ar e com a respiração presa sobem para a luz dentada. A máquina de debulhar. O tubarão extraviado. A desidratação que incha a língua. A asfixia de rosto arroxeado. A lepra gentil. Crucificação. Estripamento.

Fogo. Gás no banheiro. A machadinha apressada do escalpelador. O *rosto atento de relojoeiro do torturador. O puxão da roda. A aspiração do mar. O roer de gato do leão. A pedra solta, a bota que escorrega, a queda como que em sono. A cólera dos reis. A bala, a bomba, a peste, o naufrágio, a infecção descuidada, a reação errada. O pára-brisa estilhaçado. O erro do médico bêbado resolvido com um encolher de ombros. A sombra da fragilidade no gelo, sob as estrelas implacavelmente geladas: o colapso abafado, o arquejo opaco, o abandonado mergulho.*

— Angela? — A voz dele parecia estranha, arrancada da distância. — Quer acordar um instante e passar o braço por cima de mim?
Tive um pesadelo.

Ela acordou a meio e a meio obedeceu, virando-se para ele e adormecendo de novo deitada de bruços. O braço tentou estender-se para ele, mas parou e caiu ao lado dela. Ele procurou ouvir o ranger da roda do ratinho, mas o que ouviu foi a geladeira estremecer e começar a sussurrar.

Querido Piet:

A maré está subindo tão azul que parece tinta. Um menino de camisa vermelha está ancorado num bote perto da ilha desde a minha segunda xícara de café. Tenho pensado em nós e parece que há muito para dizer até que eu me sento e procuro escrever. Quando estivemos juntos ontem, tentei explicar sobre Ken e eu e o "gozar ", mas você preferiu ficar todo superior e ofendido... Meu amante, não faça isso. Com que timidez escrevo essa estranha palavra, "amante"! Sinto-me ridícula também. Mas você deve ter um nome, e que mais você é de mim?

Ken é meu marido. Amo-o como tal. Sinto que é direito, foi o que tentei dizer, ir para a cama com ele. Não há barreiras entre nós, salvo o tédio, que não é tão grave assim desde que a vida é de qualquer modo uma coisa tão quotidiana. Com você há muitas barreiras — minha culpa em primeiro lugar, uma verdadeira timidez e medo de parecer inadequada em comparação com as outras mulheres que você tem tido, o nosso medo de sermos descobertos, uma impaciência às vezes inútil (eu acho) e precipitação de sua parte, seu hábito desconcertante de zombar de si mesmo e de esperar antagonismo e mesmo o seu extremo carinho comigo que às vezes me assusta, deixe-me confessá-lo. A-crescente a tudo isso os caprichos libidinosos do estado de gravidez. Essas barreiras são muito altas, querido Piet, de modo que o fato de eu não chegar ao fim não quer dizer que eu não suba muito com você. Vou muito alto. Não me peça que diga mais. Não me peça que falte ao meu dever com Ken — que eu senti dantes e ainda sinto agora que é sagrado acima e além de todo o desconforto e descontentamento — nem tente competir.

Não há competição. Não compreendo por que o trouxe para minha vida particularmente neste momento, mas o

lugar que você ocupa foi criado por você e você não se deve sentir inseguro nele.

Trouxe esta carta para o sol cá fora, eu com minha roupa de baixo, naturalmente, pois nenhum dos meus maiôs de banho dá mais em mim. Espero que os bombeiros não cheguem de repente. O

rapaz de vermelho já se foi embora. Não creio que tenha pescado coisa alguma. Relendo isto, acho que me exprimi tão mal, tanta justificação e tantas escapatórias que não sei se vou lhe entregar esta carta. Da sua sonolenta mas contente Foxy.

As cartas de Foxy, sem data e nem sempre assinadas, se acumulavam no fundo de um fichário de aço no escritório de Gallagher & Hanema, debaixo de folhas de papel carbono, num lugar onde Gallagher nunca mexia. Eram de formatos e tamanhos diferentes. Algumas tinham até quatro folhas derramadamente escritas dos dois lados com uma letra nervosa e vertical. Outras continham apenas algumas palavras apressadas e eram simples pedaços de papel que ela lhe passava às mãos nas festas. Sistemático e supersticioso, Piet as guardava todas e lia-as nervosamente nos dias de depressão depois da sua noite de pavor. Lia-as do mesmo modo que uma pessoa insignificante se procura numa fábula cujo herói é um antepassado remoto.

Meu amante!

Toda a minha casa cheira a você — o cheiro da madeira aplainada é você, o vento do mar é você e os lençóis amassados cujo cheiro é mais doce e mais sutil — de nós — são você. Tenho passado estas últimas horas de janelas abertas, cortinas agitadas pelo vento e vistas azuis — tão sua que lhe devo escrever e dizer isso, muito embora Ken esteja lá embaixo esperando a hora de ir para a casa dos Smith Pequenos. Verei você daqui a

poucos minutos. Mas no meio dos outros. Aceite este beijo.

Outras cartas eram mais expansivas e discursivas, didáticas até. Piet sentia nelas uma ânsia de educá-lo, de justificar e de retificar.

Dia Santo dos Fogos

Meu querido amante:

Andei muito pela praia, do lado público, passando pela multidão do feriado (avós italianas sentadas em cadeiras de alumínio pertinho da arrebentação, com as saias até o joelhos e trabalhos de tricô no colo) até onde nenhum dos nossos amigos comuns poderia encontrar-me. A praia aqui é curiosamente diferente, com muitos rochedos e pedrinhas na areia, com mais vento e ondas mais fortes do que o trecho protegido de praia onde as matronas de Tarbox e os seus rebentos costumam ficar. O farol de Lacetown parece bem perto, dentro da névoa. De vez em quando, um par de efeminados de Boston ou de Cape Cod passa com os seus calções exíguos — Freddy os chama de escamoteadores de ovos — e de mãos dadas. A não ser isso, estou sozinha, como uma mulher grávida e, portanto, a salvo de abordagens amorosas, com um amarrotado número do New York no colo que lhe serve de escrivaninha, traçando frases divertidas para o amante dela, que pensa que é judeu.

Já expliquei tudo sobre Peter. Você não é ele, apesar de coincidência dos nomes. Há anos que ele deixou de ser um nome para mim e passou a ser apenas uma sombra, uma sombra entre mim e meus pais, entre mim e Ken. Ele não me amava — eu o divertia, como ashiksa desajeitada e inocente que eu era. Eu era um toy, um brinquedo para ele (toygoy) e a coisa apavorante que descobri é que eugostava disso. Gostava de ser usada e abusada. Nada havia que ele fizesse que não intensificasse o meu amor por ele, até o seu terrível ar

de frieza, o desprezo que me excluía. Ele precisava ficar só mais do que eu podia deixá-lo só. Tudo isso era muito jovem e descontrolado e deve ter sido um reflexo em cada caso da maneira pela qual nossos pais tinham procedido. As ausências de meu pai tinham sido cruéis para minha mãe e desde que Peter não ficasse longe de mim, ainda que a linguagem dele fosse bem porca, eu estava contente. Ou talvez eu fosse atraída justamente por esse orgulho, numa espécie de egoísmo mecânico, em que ele figurava meu pai. Sabe que ele ficou famoso? Há um ano mais ou menos, Time publicou o retrato dele ao lado de um ferro-velho qualquer que ele havia soldado. Ainda mora em Detroit. Com a mãe e solteiro. Houve, portanto, muitos anos em que eu poderia ter tomado o avião para ir ter com ele, nos anos em que vivi com Ken sem filhos, e não fiz nada disso. Teria sido como tomar de novo um sundae de chocolate.

Você e eu somos diferentes, sem dúvida alguma. Senti com você pela primeira vez o que é não ser jovem. Com você, sinto que fiz afinal uso do meu direito de escolher — livre de hábito, de imposição ou de coação. De certo modo, você é o meu primeiro companheiro. O nosso doce pecado é estranhamente misturado com a doçura da gravidez — talvez Ken tivesse esperado demais para me engravidar e agora que isso aconteceu é para outra pessoa que eu encaminho a minha gratidão. Confio em você e tenho medo de você. Eu tinha medo de Peter e confio em Ken. A conjunção dos dois sentimentos é exclusivamente sua.

Estarei propondo casamento? Mulherzinha cheia de manobras.

Nada disso, estou ligada com tanta segurança a Ken que me atrevo a abrir-me assim com você, como o faria a um desconhecido em sonhos, sabendo que todo o meu tempo estava adormecida em segurança ao la-do de meu marido. Faça-me a gentileza de não recear que eu vá to-

má-lo de Angela. Sei ainda mais do que você quanto ela lhe é preciosa, ela e o lar que vocês criaram juntos, e como vocês, no fundo, são bem casados. Não é o nosso cativeiro externo que nos torna, nas poucas tardes furtivas que passamos juntos, tão livres? A mão já está cansada e trêmula. Por favor, não me deixe ainda. Meu holandês do Navio Fantasma — contradição em termos?

Mais tarde.

Entrei na água — deliciosa, como se eu estivesse dentro de um diamante, a água em Woods Hole era muito mais quente — e examinei os seixos. Sabia que durante algum tempo tomei um curso de geologia? Reconheci basalto e quartzo, as fáceis, pretas e brancas, Deus e o Diabo, e depois uma porção de pedras manchadas como bombons, que eu rotulei mentalmente como "granito". Quanta variedade! E que riqueza de tempo temos nas mãos com a redondez macia dessas pedras! Tive vontade de beijá-las. Lembrando-me da sua maciez. Adoro a praia. Creio que só comecei a ser eu mesma quando Ken me trouxe para essa vista do mar.

Então, com grande horror para mim, quem me aparece se não Janet e Harold? Diabo!! Fui eu que fiquei embaraçada e eles é que deviam ter ficado. Mostravam-se cínicos como sempre — tinham deixado as crianças com Frank e Marcia e o que era que eu estava fazendo por ali? Disse-lhes que caminhar era um exercício que me fazia bem e que eu queria desenhar o farol de Lacetown. Viram que eu estava escrevendo uma carta e se mostraram muito engraçados e alegres. Penso que gostam sinceramente de mim, mas me parecem depressivamente corruptos. Quem sou eu para julgar alguém? Entretanto, julgo-me no fundo muito virtuosa e cheguei a chorar, como vocêviu, quando me atribuíram o papel de Christine Keeler.

Ainda mais tarde.

Adormeci. Que coisa estranha acordar entre ondas de luz, com a boca salgada e os cabelos cheios de areia. Tenho de ir para casa. Ken está jogando tênis com Gallagher e Guerin. O número quatro não sei quem é. Você. Resposta a um enigma: o quatro de julho.

Expliquei tudo, Piet? Penso que de algum modo procurarei desembaraçar-nos desses outros, para poupar-lhe esse ar selvagem de infelicidade que lhe aparece nos olhos quando está na hora de você voltar para o trabalho ou quando imagina que o seu telefone no escritório está tocando. De certo modo, porque você suspeita da existência de um céu (o que é como o francês de Harold um apelo a potências superiores), vive no inferno e eu sou um dos seus demônios. Não quero que seja assim, quero ser um repouso para você — ser branca, anônima e espirituosa para você, como a enfermeira que meu pai um dia disse que eu devia ser. Vivo preocupada de que você faça alguma coisa extravagante e desperdiçada para contentar sua consciência espinhenta. Não faça isso. Aceite-me sem remorso. O remorso é horrível para as mulheres. Foi ótimo você me seduzir. Eu não teria trocado isso por tudo o que existe no mundo. Melhor vocêdo que Freddy Thorne.

Isto é uma maneira de dissimular o fato de que, tendo adormecido na areia, fiquei sexual. Desejo sua força, todo você e continuo a ser

Sua amante.

Meu bendito, bendito Piet:

Como fui sem tato e, pior do que sem tato, errada ao usar você hoje como um público para externar os meus sentimentos a respeito de Ken. Como foi cômica a sua raiva — você pareceu espantado de que eu tivesse sentimentos em relação a ele — e como foi triste, no fim, o seu esforço de dissolver a cólera com brincadeiras.

Um dos seus encantos é que você tem um conceito muito alto e muito baixo de si mesmo, com uma rapidez de mudança de um extremo para outro que chega a ser hipnótica. Mas a sua partida me deixou deprimida e com vontade de tentar de novo.

Quando eu disse que ele e eu éramos casados havia sete anos ao passo que você e eu só nos conhecíamos havia poucos meses, nãoquis fazer uma crítica — é claro que a sua novidade em muitos aspectos opera em seu benefício. Mas na matéria misteriosa (para mimcomo para qualquer outra pessoa) da minha reação sexual, há uma vantagem no Palco I e uma desvantagem no Palco II. Talvez os homens gostem de novas mulheres. Mas as mulheres se dão melhor com homens a quem conhecem. Existe nisso uma parte de confiança — hárealmente, sempre que abrimos as pernas, o medo constante de sermos machucadas — e uma parte do triste fato (por que o acho triste?) de que para as mulheres a pessoa tem menos importância sexual do que para os homens. No sexo da verdade em contraste com todos os preâmbulos. Um instrumento firme, conhecido e digno de confiança é só de que precisamos. As partes femininas são extremamente burras e nos metem em muitas dificuldades que exigem todo o esforço das nossas cabeças.

Por que devo justificar-me perante você de continuar a gozar com meu marido? Você me despertou do meu sono de sete anos e Ken colhe os benefícios disso. Não basta ao seu ego saber que você existe em dimensões onde Ken é letra morta? E mais, a ignorância em que ele vive do nosso caso, daquilo que me consome a vida interior, faz dele uma criança, uma criança dentro de uma redoma, uma criança deliberadamente dentro de uma redoma. Ele nunca teve muita curiosidade pela vida, acima do nível molecular. É um homem mascarado que sobe pelo balcão para estar comigo à noite. Descubro em

mim uma profunda frieza para com ele. Dentro dessa frieza, manobro os nossos corpos e descarrego a tensão que você criou em mim.

Deixe-me amá-lo como posso. Ele é, afinal de contas, meu homem. Ao passo que você é apenas um homem. Talvez seja o homem.

Mas não é meu.

Creio que estou fazendo confusão. Tendo decidido, muito antes de dormirmos juntos, que teria você, resolvi colocar cada um de vocês no seu lugar, em compartimentos estanques. Em vez disso, vocês estão usando o meu corpo para manter um diálogo. Quero falar a cada um de vocês sobre o outro, tenho medo de chamar pelo nome trocado. Quero fazer confidencias a Ken sobre você, e a você, sobre Ken. Ele é infeliz em relação à sua carreira e recorre mais a mim agora do que em qualquer época desde o nosso primeiro ano de casados. É claro que eu ofereço muita segurança. Ele me possui dizendo não se pode impregnar quem já está impregnada. Não se pode matar os mortos. Em comparação com você, é tudo muito mecânico, mas a verdade é que a profissão de Ken é demonstrar que a vida é um processo mecânico.

A sua é construir e você construiu maravilhosamente em mim, bendito amante. Respiro em você e, ao escrever isto, sinto falta de sua voz, de seu rosto que me socorre. Acha mesmo que aborrecemos a Deus? Você um dia disse que Deus estava farto da América.

Às vezes penso que você subestima Deus — isto é, que você despreza a fé que o seu medo da morte lhe impõe. Você fez um mau negócio e dá assobios de descontentamento com a parte que lhe toca. Você devia ser uma mulher. A mulher que aparece nos jornais com o filho morto nos braços sabe que Deus a atingiu. Sinto Deus acima de mim, em torno de mim, em você, apesar de você e por sua causa. A vida é um jogo de coisas

perdidas e achadas. Tenho de preparar o jantar de Ken. Amor sem desculpas. Amor.

Piet passou com satisfação dessas longas cartas narcisistas para um bilhetinho que perguntava: *Ainda está dormindo com Georgene?*

Depois que ela lhe falara do judeu, ele lhe falara de Georgene. Em setembro, o instinto dela, ou os falatórios, deixaram-na saber que ele havia voltado. Na realidade, fora o impulsivo lapso no dia em que o bebê dos Kennedy morrera e, no mês e meio passado depois disso, fizera apenas três visitas, gastas principalmente em tentativas de exploração da nova maneira. Encontrou Georgene apática, passiva, sem ânimo e sexualmente sem espírito de aventura.

Fosse na cama de Freddy, fosse do lado de fora ao sol, Piet se mostrava tão nervoso e vigilante que tinha dificuldade em notar a ereção. O bilhete de Foxy parecia uma advertência, um estalo de dedos na escuridão. Esteve com Georgene mais uma vez no começo de outubro. As agulhas dos larícios batiam a cada instante no piso de alcatrão, o sol da tarde caía, o queixo dela tremia e os olhos cheios de lágrimas se negavam a encará-lo. Ele a deixara certo de que não voltaria com facilidade, culpando a intimidade suspeita-mente *gemütlich* de Angela com Freddy, a recente atitude ameaçadora de Freddy, as relações tensas com Gallagher e a sobrecarga de trabalho de Piet, o bem-estar de Georgene — decerto a essência de uma ligação era a independência mútua e Georgene pecara, prejudicando-se, ao tornar-se dependente. O queixo firme dela ainda consentia mas os seus olhos verdes, embora ele lhe agarrasse os ombros nus, se recusavam a olhá-lo. Respondera "Não" à pergunta de Foxy. Não tinha dormido com Georgene desde pouco depois que os Whitman chegaram à cidade e ele vira pela primeira vez Foxy quando batia a porta do carro ao sair da igreja. Datava

retrospectivamente o seu amor desse momento. Georgene continuava a ser sua amiga — e, com um marido como Freddy Thorne, quem poderia censurá-la? — e de vez em quando lhe telefonava para o escritório. Piet confessou isso, admitindo a possibilidade de que Foxy já soubesse, por intermédio de Matt e de Terry. Assim, sendo enganada, Foxy se aproximava bem depressa da condição de uma esposa.

ADIVINHAÇÕES

1. Quem é que tem um metro e setenta e três, é episcopalista e está para estourar?
2. Que é que é menor do que um vagão de carga mas é maior do que a mortalidade?
3. Quem é que tem um metro e não sei quantos centímetros, é muito hábil com as mãos, tem cabelos vermelhos, pés grandes e origens estrangeiras?
4. Que é que é menor do que uma caixa de costura, mas apesar disso, dá satisfação?
1. Foxy Whitman.
2. Uma cama.
3. Um canguru castanho fazendo ponto de agulha. Ha-ha!
4. Certo. Onde está você, amante?

À medida que o caso envelhecia, as cartas de Foxy tornaram-se mais breves e mais humorísticas. Com o outono, ele não pôde ir vê-la com tanta frequência. A reforma da casa estava terminada e Gallagher tinha obtido um rendoso contrato urgente para a ampliação de um restaurante local em estilo antigo. Em vista disso, Piet foi obrigado a passar dias inteiros aparelhando toscamente vigas saídas da fábrica e elaborando efeitos do século XVII em madeira nova. Os proprietários de

Tarbox Inne, dois dinâmicos irmãos gregos, queriam a nova ala pronta para começar a funcionar em novembro.

Havia necessidade de viagens aborrecidas e freqüentes a Mather para comprar tijolos velhos, a Brockton para conseguir ferro forja-do, e a Plymouth para estudos e pesquisas sobre a carpintaria colonial. A tradução das velhas normas honestas em eficiência moderna desgostava Piet. A fraudulenta operação de envelhecimento do que era novo parecia profético do embalsamamento arquitetônico a que estava destinada a sua amada e despreocupada cidade, cuja beleza tinha sido um subproduto da negligência. O que mais o afligia era não poder ir ver Foxy e ele alimentava a absurda esperança de ver surgir a sua inconfundível silhueta nas ruas de cidades estranhas, florescendo nas vielas sórdidas por onde se ia aos depósitos de materiais de construção. Toda camioneta azul lhe dava um baque no coração. Toda a cabeça loira que via numa vitrina lhe parecia uma promessa não cumprida. Encontravam-se de vez em quando em lugares longe de Tarbox — num bar de Mather onde anúncios fluorescentes de cerveja descreviam incessantes parábolas, numa reserva florestal a oeste de Lacetown, onde grandes mosquitos pousavam compactamente nos braços dela sempre que paravam para abraçar-se numa praia de alto-mar ao norte de Duxbury, onde as ondas irrestritas do Atlântico se arrebentavam raivosamente e as altas dunas eram juncadas de latas enferrujadas, cacos de garrafas e roupas íntimas abandonadas. O perigo de serem descobertos parecia maior fora da cidade do que nela, dentro do labirinto de ocupações e visitas que podiam prever. E quando o termo de Foxy se aproximou, ela não quis mais ir para muito longe. Fora de Tarbox, julgavam-se apenas mais um par ilícito, obrigado a um sórdido segredo e ela parecia grotesca na sua gravidez. Na casa dela batida pelos ventos eram gloriosos nus, vasos

sinfônicos de paixão. O sonho deles era passarem uma noite juntos.

Piet: Ken tem de ir a uma conferência — em Nova York, na Universidade de Colúmbia — na terça ou quinta-feira desta semana. Pode dar um jeito de vir ficar comigo ou terei de ir para Cambridge e ficar com amigos — Ned e Gretchen — durante esses dias? Ken quer que eu vá — não quer que eu fique sozinha —, mas eu poderei convencê-lo se houver uma razão. Há? Estou ansiosa e necessitada de ser elogiada por você. Meu tamanho é horroroso ou é uma nova forma de beleza? Que é que acha?

Não pôde dar o jeito. A obra do restaurante estava na sua fase final e Adams e Comeau tinham de ficar trabalhando lá dez horas por dia. E naquele tempo as folhas tinham caído e a estrada da praia parecia transparente. Tinha receio de passar com o caminhão pelo morro da casa dos Thorne rumo à casa dos Whitman que podia ser vista no outono da casa dos Smith Pequenos. Também à noite ele se via impedido de ir vê-la, em virtude de uma nova orientação na vida social dos casais. Angela, na sua fascinação pela psiquiatria, tinha-se ligado muito aos Appleby e a Freddy Thorne, o que significava ambos os Thorne. Os olhos frágeis e levemente estofados de Georgene tinham-se estreitado de maneira peculiar e ameaçadora quando se tratou na conversa da próxima ausência de Ken. Piet disse a Foxy que fosse para Cambridge a fim de colocar-se acima dos fuxicos e se afastasse da tentação de fazer alguma coisa desesperada, reveladora e fatal.

Estou exasperada! Minha mãe resolveu vir dar-me a mão durante a "aventura", de modo que estará aqui em casa de segunda-feira em diante. Pode ir à igreja amanhã?

Depois da igreja, no morro, sob o olho amoedado do galo, Piet desceu o caminho cinzento que passava pelo coreto de ferro rumo às rochas avermelhadas junto às quais Foxy havia parado o carro. Esperando-o de pé com uma aparência alerta de polidez, ela parecia vasta, uma vela enfunada de lã clara, um dos turbantes apertados que estavam em moda naquele outono cobrindo-lhe os cabelos e fazendo o rosto aparecer listrado e gordo. Ele se sentia atraído para a órbita de Foxy. Desejava ansiosamente abraçar, possuir para sempre aquela bola luxuriante, aquela avantajada mulher, cujo aparecimento ali repetia a sua primeira impressão que ele tivera, de riqueza e de arrogância ao voltar para casa.

— Alô.

— Alô. Por que essa cara tão séria?

— Você está bem. Magnífica mesmo!

— O senhor também, Sr. Hanema. Esse terno é novo?

— Foi novo no outono do ano passado. Você não me conhecia naquele tempo. E esse chapéu, é novo?

— Isto aqui se chama um chapéu para ir esperar a mãe no aeroporto e mostrar a ela que se vai indo muito bem.

— É um grande sucesso.

— Acha muito severo? Gostaria de tirá-lo, mas está preso com grampos.

— Acho formidável. Realça o rosado mimado do seu rosto.

— Como você está hostil!

— Posso estar hostil, mas como a adoro ! Vamos para a cama.

— Não seria ótimo? Sabe há quantos dias não nos amamos?

— Muitos.

— Dezenove. Fez duas semanas na terça-feira.

— Não podemos deixar sua mãe de lado?

As palmas das mãos e a área em torno dos lábios de Piet estavam frias. Ele sentia, ali no centro da cidade, que se estava curvando para dentro como um homem na beira de um carrossel.

— Poderei fazer isso se você conseguir livrar-se de Angela e de Gallagher.

— São um par de vigilantes terríveis ultimamente. Como é horrível para mim não ver você! Eu me sinto...

— Diga-me como se sente.

Talvez ela pensasse que ele ia confessar a existência de outra mulher.

— Tenho sentido um profundo terror da morte ultimamente.

— Oh, Piet! Por quê? Está doente?

— Não é a morte prática que me aflige, mas a morte em qualquer tempo, em si, absolutamente.

— E isso tem alguma relação comigo? — perguntou ela.

Ele não havia pensado nisso, mas disse:

— Talvez. Talvez eu tenha receio de que, depois que seu filho nascer, tudo mude.

— Que mude, por quê?

— Sei lá... Você será mãe e o filho não vai ser meu. Não dará mais certo. Você estará muito dividida.

Ela ficou calada, imóvel. O domingo se condensava em torno deles. O céu era um sino que tocava e carros de todas as cores passavam a caminho das casas. Diante do silêncio dela, ele de repente pediu:

— Preciso de você. Preciso ver sua barriga.

Estavam expostos ao sol e ao trânsito e ela resolveu voltar para o carro.

— Telefone — disse ela. — Pode telefonar amanhã antes das nove horas? O avião de mamãe chega às dez e meia. — Pensou um pouco e disse: — Não, não telefone: Ken irá a Boston comigo e deverá estar em casa. Poderia telefonar para você quando saísse para fazer compras à

tarde. Mas você deve estar nas obras do restaurante. Que horror! — disse ela, como se falasse consigo mesma. — Quero que você me veja. Quero que esteja comigo o tempo todo. Quero possuir você.

Como se essa última confissão houvesse confirmado e justificado a impressão que ele tinha de perda, Piet fez um gesto generoso, como se achasse tudo aquilo irremediável.

— Para mim basta você querer. Nós manteremos contato. Seja boa com sua mãe.

A mão dela, enluvada de branco, pareceu vacilar na maçaneta da porta do carro.

— Tenho de ir – murmurou ela. Ali, plenamente visível para a cidade, ele fez uma reverência cômica e viu que ela estava usando, para proteger as pernas, meias elásticas de um cor-de-rosa escuro.

Os luminosos dias de outubro transbordaram para ele com a ausência dela. À noite, quando não havia festas nem visitas, Piet e Angela ficavam em casa, dentro da atmosfera sufocante do desejo dele.

— Pare de suspirar.

Piet levantou os olhos, surpreso, de uma página de *Life,* na qual se viam monges de hábito amarelo que protestavam.

— Não estou suspirando.

— De qualquer modo, a sua respiração é desagradável.

— Desculpe. Vou ver se consigo deixar de respirar.

— Que é que o está afligindo? São as obras do restaurante?

— Nada. Estou apenas um pouco nervoso. Que é que há na geladeira?

— Você já olhou. Vai ficar uma baleia do jeito que anda comendo. Por que não sai e não vai olhar as estrelas? Não posso suportar os seus suspiros.

— Quer ir comigo?

— Daqui a um minuto. — Ela estava absorvida na leitura de um livro, o mais novo de Salinger, que tinha um título interminável e uma capa cor de mostarda, idêntica na frente e atrás — Vão ver uma revelação.

Em que ponto do namoro deles, anos antes, nos rochedos de Nun's Bay, ela o surpreendera por conhecer as estrelas, tendo tido um tio astrônomo? Ela lhe ensinara, com o rosto bem junto dele, a fim de que lhe pudesse seguir a mão que apontava. Procure primeiro as estrelas brilhantes. Depois viaje entre elas. Imagine linhas retas. O orvalho os atingia através da manta. As janelas iluminadas do pai dela marchavam através da grama, mas morriam entre os arbustos podados como tampos de mesa. O hálito quente de Angela falava de lendas acima deles.

Deixou-a ao lado do abajur e se aventurou pela estrada de carros que rangia sob os seus passos na escuridão do pátio, sulcado de verde como uma bola de gude escura. O canto estridente das cigarras rodeava-o. A noite clara ameaçava geada. A rígida cascata das estrelas tinha recebido um golpe lateral. Vega, a rainha do céu do verão, não mais reinava no zênite, tendo cedido o lugar à mais pálida Deneb e a uma débil constelação em forma de casa: Cefeu. Em Andrômeda, Piet procurou o brilho muito débil, que Angela outrora lhe apontara como outra galáxia completa, a dois milhões de anos-luz de distância. Através de oceanos de ônix, aquela luz havia viajado até ele. Como num espelho, o seu olhar, seguido pouco depois pela sua morte, viajaria para o exterior numa eterna linha reta. Sentiu-se tomado de uma vertigem. Entre aquelas multidões cintilantes, sentiu um gigantesco deslizamento, que afundava para o alto. Firmou-se com os olhos na terra escura. As folhas de um galho de lilás quebrado, morto e incapaz de suportar as suas hastes e o outono, pendiam imóveis à luz que vinha da janela. Pensou em Foxy, um vapor, uma

penugem, uma lembrança de axilas empoadas, de lábios secos e depois molhados, a curva penugenta das suas costas onde ele massageava com os polegares o sofrimento de carregar um filho, os eretos bicos de seios de coral provocados pelas suas unhas, a vaga reserva do seu olhar. Ela se tornava informe, indefesa, embaixo da triste emissão do seu sêmen.

Estou abusando de você.

Não. Não pare.

Vou acabar.

Acabe. Não posso desta vez. Acabe, Piet. É mesmo? Você gosta?

Ela assentiu com a cabeça, em silêncio, a boca cheia. A língua o levou ao calor, ajudada pela mão.

Que bom. Engula-me. Ela o engoliu.

As folhas do galho quebrado de lilás, morto e incapaz de suportar as suas hastes e o outono, pendiam imóveis à luz que vinha da janela. Por trás da vidraça, Angela calmamente virava uma página. Acima do pátio quadrado, a cúpula ardente parecia estilhaçada por uma violenta fuga. Dê-me agora aquela por quem você fugiu.

Piet naquela noite não custou a dormir, mas acordou de madrugada, muito antes de amanhecer, sentindo-se ludibriado, por não ter podido sonhar. Angela estava estendida ao lado dele em completa inconsciência. Levou a mão dela ao seu pênis, mas ela escorregou. Aliviou-se do desejo com sua própria mão experimentada. Mas nem assim pôde descontrair-se e dormir. Lembrava-se na infância de uma aconchegada escuridão quente em que ele se podia aninhar, ao toque de uma coberta macia, de um brinquedo felpudo, do barulho da chuva no telhado, de vozes lá embaixo. Agora, no centro do arco da sua vida, aquela primeira escuridão havia recuado a um ponto em que a recuperação era impossível e a segunda, a que o esperava, ainda não era confortável. Rostos súbitos, totalmente desconhecidos, malévolos, faiscaram

através do seu espírito enquanto esse procurava apagar-se no sono. Plantas detalhadas de prédios ainda não construídos, nítidos em todas as alas e cornijas, eram desdo-bradas instantaneamente sobre a sua vacilante superfície interna.

Repetidamente, o coração disparado freava a pretendida dissolução do espírito. Estava ansioso por acordar Angela. O desejo de confessar, de confessar o seu sofrimento, a sua fornicação com Foxy, queimava-lhe a garganta como a premonição de um vômito. Depois de rolar na cama muitas vezes e de muitas posições inúteis, desceu e saiu.

As estrelas haviam rodado a ponto de serem irreconhecíveis.

Era como se fossem vistas de outra Terra, além da Via-Láctea, cheia de silêncio e de estranheza. Andando de leve sobre a grama esbranquiçada pela geada, com gelo nas solas dos pés descalços, localizou afinal, para os lados do sul, acima da cumeeira do galpão, com as hastes gêmeas do pára-raios, uma constelação gigantesca e conhecida: Órion. O gigante do inverno, surpreendido na cama.

Assim, o futuro está mesmo no céu. Tudo já existe. Piet voltou para a sua casa confortável, certo de que havia vencido uma crise no seu amor por Foxy e que daí por diante a amaria menos.

Capítulo quatro

AVANÇO

Foxy sentia que a presença da mãe na casa era uma temível e ótima oportunidade de confessar que tinha um amante. Nenhum benefício prático poderia advir dessa confissão e a mãe, na alegre e eficiente complacência que lhe permitiam o novo casamento e a meia-idade, não exerceu pressão para uma confissão. Ao contrário, presumia que o casamento que escolhera para a filha seria ainda mais plácido depois que o único defeito que ele tinha, a falta de filhos, fosse corrigido. Essa presunção irritava Foxy. A queda do mundo para o abismo era lubrificada por prescrições dessa espécie.

A confissão, ao contrário, subia-lhe ao céu da boca como um balão.

Foxy guardara por tempo demasiado o seu segredo sozinha. As suas duas cargas ocultas haviam crescido paralelamente e, naquele momento, a culpada queria também emergir, ostentar-se, ser satisfeita por um ambiente mais amplo, uma atmosfera ensolarada de consultas e simpatia.

Entretanto, a mãe já estava em casa havia duas semanas e Foxy se mostrava estranhamente obstinada. A sua cor delicada dissimulava uma inconveniente resistência. A criança estava atrasada. Havia pilhérias, em demasia, sobre a possibilidade de quíntuplos, como os que haviam nascido em Dakota do Sul no mês anterior. Ken e a mãe de Foxy — Constante Price Fox Roth, ela pedia que lhe chamassem Connie — se tinham dado muito bem. Vestiam-se da mesma maneira — em orientação e estilo, não em roupas. Ken tinha roupas para todas as ocasiões, para ir para o trabalho, para estar no

trabalho, para estar em casa sem cerimônia, para estar em casa com mais cerimônia, para passear na praia, para jogar tênis, para jogar futebol *touch* com os outros jovens maridos de Tarbox nas tardes de outono, aos domingos. Possuía um armário de ternos arrumados quanto à sua seriedade, paletós-esporte de madras, de linho e de *tweed*, suéteres de pesos diferentes, *slacks e blue jeans* em todos os graus de uso, vários tipos de sapatos-esporte e até um *foulard* e um casaco de fumar quando recebesse alguém em casa e essa formalidade fosse indicada. No mesmo estilo, a mãe de Foxy, agora rica, mudava de roupa o dia inteiro. Entre cinco e meia e seis da tarde, quando as duas mulheres podiam preparar um drinque e esperar a volta de Ken de Boston, Connie se metia num dos seus mais calmos vestidos de coquetel e Foxy, na sua exausta maternidade, via-se obrigada a invejar o corpo da mãe. Embora estivesse engrossando na cintura e minguando nos quadris, era ainda mais compacto e ortodoxamente sexual do que o corpo langoroso, alto e de pés chatos de Foxy. Connie esperava Ken com demasiada ansiedade. Ele havia ficado mais bonito no tempo decorrido desde que os pais de Foxy haviam aprovado o casamento, o mesmo tempo em que Foxy tinha desenvolvido a sua indiferença à aparência dele. A altura elegante com tanto aprumo mantida, a cabeça bem feita agora convenientemente tocada de cinza nas têmporas, os olhos cinzentos vivos como os de uma criança. Connie vivia impressionada pela distinção profissional de Ken, que Foxy acabara por considerar uma frustração depois da longa espera dos estudos, uma decepção. A Sra. Roth estava intrigada com o que Foxy desprezava como aspectos da frieza essencial de Ken — o ímpeto e a precipitação com que ele executava certas ações, como dirigir um carro, encerrar uma conversa ou comprar um carro. "Gosto da casa, Liz", disse ela à filha. "A vista é tão Nova Inglaterra." O sotaque dela parecia a

Foxy exageradamente sulista; o incessante relevo que ela dava às palavras sugeria uma sociedade em menopausa, onde a polidez havia absorvido as paixões mais profundas e se havia tornado uma charada. Mas por trás dessa frívola criatura estranha, com o cabelo armado e habilmente pintado, dessa segunda mulher escolhida para reinar sobre montanhas de máquinas de lavar automáticas, havia a mulher anterior, a esposa da guerra e a jovem mãe, com o seu apressado coque, o vestido de sarja e os sapatos de saltos baixos, com a sua tábua de passar a ferro queimada e o seu Philco envernizado que dava notícias dos dois mares, o seu ar de brava fadiga e o seu jeito de baixar as mãos de repente mostrando temor. Foxy julgava que poderia encontrar essa mulher, se precisasse dela.

A Sra. Roth continuava com entusiasmo proprietário:

— É um verdadeiro castelo! Como foi gentil e ambicioso Ken ter querido esta casa para vocês dois apenas.

— E para a criança também.

— É claro. E você acha que eu iria esquecer a criança? Por causa de quem é que eu estou aqui?

Foxy disse, falando da casa:

— Era um pardieiro velho de verão quando nos mudamos para cá.

Chamamos um construtor muito competente daqui mesmo para transformá-la num lugar onde se pudesse viver. As paredes, a varanda, a cozinha e a pequena ala, tudo isso é novo. Tivemos de cavar um porão.

A mãe de Foxy, apertando os olhos através da fumaça do seu cigarro de filtro vermelho, com a idade da pele do pescoço traída pela cabeça abruptamente levantada, examinou o trabalho de Piet.

Foxy sentiu o coração deslocado por um baque.

— Não sei, Liz. Tudo isso parece um pouco espalhafatoso. Esse estuque é coisa antiga e não

combina bem com você e com Ken.

— Na praia e perto da lagoa — disse Foxy defensivamente — há necessidade de coisa sólida para resistir ao vento.

Desejando agir com tato e sentindo de repente que isso era necessário, a Sra. Roth disse:

— Tenho certeza de que você, morando aqui, irá fazer a casa cada vez mais confortável. — E, mudando de assunto: — Por falar em vento, Libby, você sabe (lembro-me disso porque meu círculo literário tem promovido conferências sobre mitologia grega, que parece ser a grande moda literária este ano) que os antigos gregos e os outros povos daquele tempo pensavam que as mulheres eram fertilizadas pelo vento! O vento, imagine!

Foxy riu.

— Lembra-se, mamãe, de que em Bethesda a velha Miss Ravenel passava os dias a balançar-se numa cadeira de balanço?

Todos os dias, ela encaminhava a conversa para reminiscências de Bethesda.

— Claro que me lembro! — exclamou Connie. — E era isso que ela estava querendo, ser fertilizada pelo vento!

O riso na grande sala de paredes nuas não foi muito entusiástico. Cada uma das mulheres só se havia revelado fértil uma vez.

Ken gostava da presença da sogra em casa porque isso mantinha Foxy ocupada em casa, longe das reuniões dos casais dos quais ele começara a falar a ela como "seus amigos". Quando saíam, iam os três juntos e a mãe de Foxy, com os seus vestidos farfalhantes de púrpura e uma estola de seda branca que ela não parava de fazer esvoaçar e de ajeitar, foi um sucesso social, meio dama de companhia, meio desmiolada. Freddy Thorne e ela deram-se especialmente bem. Depois da festa de Todos os Santos dos Smith Pequenos, ela disse a Foxy: — É um homem tão bem informado a respeito de tudo que custa

a crer que seja apenas um dentista. Foi fascinante quando falou sobre psicologia moderna e sobre os mitos. Não acha que, entre os seus alegres amigos, é ele um dos mais simpáticos?

— Francamente, não, mamãe. Considero-o insidioso e odioso.

— Sério? É claro que aquela boca não ajuda, mas nenhum homem pode ter realmente boa aparência comparado com Ken.

Ela falava tateantemente porque em duas semanas começara a sentir a curiosa ausência de Ken e o efeito negativo que a presença dele causava em Foxy. Ele tinha saído naquela manhã para jogar tênis e tomara café sozinho, havendo deixado a louça de que se servira muito bem lavada, como uma espécie de remoque, na pia da cozinha. — E de quem é que você gosta?

— Bem — disse Foxy —, é triste dizer isso, mas principalmente das mulheres. Terry Gallagher, que é aquela alta com cabelos pretos corridos e que não quis tocar o alaúde, embora o tivesse levado, e de certo modo Janet Appleby. É aquela gorda que no fim bebeu demais e acabou fazendo uma imitação do psiquiatra com quem se está tratando.

— Achei que ela devia ser mais feliz do que é.

— Ela também acha. E dos casais gosto dos Hanema e talvez dos Guerin. Não tenho muitos pontos de contato com Roger, mas Bea, embora goste um pouco de ostentação, me parece sinceramente afetuosa. A tragédia deles é que não podem ter filhos.

— Os Hanema... não é aquele horrível homenzinho ruivo que dava palmadas em todo mundo e de vez em quando plantava bananeira?

— Sim, é ele, Piet. A mulher dele é admirável. Bondosa, serena e divertida.

— Não prestei atenção a ela. Mas, como um grupo, todos me pareceram muito simpáticos uns com os

outros. Vocês têm sorte de ter encontrado amigos com quem se podem divertir. Seu pai e eu não tivemos um círculo assim. Vivíamos sozinhos, sozinhos com você. É

muito bom poder de vez em quando descarregar a tensão.

— Ken pensa que, ao contrário, essa intimidade gera tensão.

Acha que nós nos vemos demais. É verdade que o marido num casal que conhecemos perdeu o emprego em virtude da sua excessiva amizade com outro casal.

— Qual era deles?

— Ele não vai mais às festas. Chama-se Ben Saltz. É um casal de judeus.

Involuntariamente, numa auto-acusação, Foxy ficou vermelha. A mãe dela não deu o menor sinal de lembrar-se da existência de Peter. Em vez disso, enquanto apagava cuidadosamente o cigarro no pires, disse:

— Deve ter sido uma combinação de circunstâncias.

— A mulher de quem ele gostava estava na festa ontem à noite.

Carol Constantine. Cabelos vermelhos com raízes pretas num penteado muito alto. Cintura bem fina. Gosta de pintar. Tenho pensado em comprar um quadro dela depois que você achou muito nuas as paredes daqui de casa.

— Sei quem é. É estonteante agora, mas não tarda a quebrar. E

ela sabe muito bem disso. Bem pouca ajuda pode ela esperar daquele trêfego marido dela.

— Eddie? Nós não o levamos muito a sério.

— Pois deviam. É um jovem italiano muito vaidoso e impiedoso.

Disse-lhe na cara que teria prazer em viajar em qualquer avião pi-lotado por ele, pois ele é pretensioso demais para sofrer um desastre.

— Mamãe! Acha direito você flertar com esses homens que têm idade para serem seus filhos?

— Eu não estava flertando. Estava alarmada. E aquela pobre mulher esquelética dele também.

— Por falar em casais — perguntou Foxy, saudosa de Washington

—, como vão os Kennedy?

— Dizem que melhor do que dantes. É claro que ele sempre foi famoso.

— Ela parece menos ansiosa agora nas fotografias dos jornais.

Naquela praia grega.

— O filho prematuro foi um infortúnio terrível. Mas creio que, desde que eles são católicos, têm um jeito de resolver essas coisas. Um anjo mais no céu, tra-la-lá.

— Acha que nós, episcopalistas, não temos esses jeitos?

— Minha cara Elizabeth — disse a mãe, estendendo a mão para a dela e as duas alianças se chocaram de leve, ouro contra ouro —, devo confessar que já deixei de me considerar alguma coisa. Roth não liga a nada disso, é claro. Quando eu estava com seu pai, eu era principalmente um objeto naval.

— Ele ainda vai à Igreja?

— Nunca pensei em perguntar e agora já faz anos que não o vejo. Está em San Diego. Pode ser que eu nunca mais o veja. Pense nisso.

Foxy não quis pensar nisso. Perguntou cuidadosamente:

— É verdade o que todo mundo diz, que eles quase se divorciaram?

— Os Kennedy. Não temos convívio com muita gente do governo, mas nunca se deixa de ouvir essas coisas. É claro que não se podiam divorciar. Mas poderiam comprar uma anulação de casamento por intermédio, eu creio, do Cardeal Spellman. É claro que, doente das

costas como ele está, não é mais tão ativo quanto antigamente. — A Sra. Roth descansou o cotovelo na borda da mesa e cuidadosamente alisou a pele debaixo dos olhos. — Por que está perguntando?

— Estou curiosa a respeito de divórcios — disse Foxy. Virando um pouco a cabeça para atenuar essa afirmação, viu a manchete do jornal dobrado perto do lugar vazio de Ken: *Derrubado Diem.* Diem.

Dies, diei, diei, diem. — Acho às vezes que seria bom para Ken e para mim.

O planeta girou enquanto Foxy esperava para ver a mulher que responderia, se a Sra. Roth, se a mãe dela.

— É sério? Qual tinha sido?

Foxy procurou proteger-se e disse ligeiramente:

— Muito sério, não. O pensamento vem e vai. Desde que viemos para cá, tenho muito tempo à minha disposição. Logo que a criança nascer, estarei bem.

— Não sei — murmurou a mãe dela. — Se não é feliz com ele, por que não termina tudo antes que haja outro homem no caso? Há quantos anos já que você vive com Ken? Sete?

— Eu não sabia que não era feliz até me mudar para cá. Oh, ma-mãe, é uma confusão tão grande... e tão triste! Ele é tudo o que eu poderia querer, mas não há mais contato entre nós.

— Minha filha... Pode chorar. Sinto tanto isso.

— Ele é tão bom, mamãe, tão terrivelmente bom. Não me vê, não me conhece.

— Tem certeza?

— Tenho sim. Estou vendo outro homem e Ken não desconfia de nada. De nada.

— Quem é esse outro homem? — perguntou vivamente a Sra. Roth.

— Vendo mesmo?

— Não tem importância quem seja o outro homem. É um homem. E é verdade, sim! Estou vendo esse homem

para dormir com ele.

— Seu filho é dele.

— Não, mamãe. O filho é de Ken.

Essa confissão era o pior. Foxy, enquanto soluçava muito páli-da, com o rosto voltado para o solo além dos dedos rosados em que apoiava o rosto, viu claramente que era isso o pior. Se a criança fosse de Piet, haveria ao menos uma justificação e ela não estaria tão fora da razão como estava.

— Bem — disse a outra mulher, encontrando afinal língua para falar —, isso tem de parar.

Foxy sentiu o poder das lágrimas. Por trás desse escudo prateado, ela investiu contra a mãe, negando-lhe uma vitória fácil e pedindo para ser socorrida.

— Mas, se eu pudesse parar, eu não teria começado. Desde o princípio, tudo foi errado. A idéia não foi dele, foi minha. O que mais me mete medo não é magoar Ken, mas magoar a ele, ao outro, de servir-me do amor que ele tem para fazê-lo casar-se comigo.

— Com certeza, o homem é casado também?

— É claro. Todos nós aqui somos casados.

— Ele já manifestou desejo de casar-se com você?

— Não. Sim. Não sei. Não é possível.

— Bem, o meu conselho é certamente romper com ele. Mas eu não tenho autoridade para dizer que o divórcio é sempre catastrófico.

— Mas neste caso seria. Ele ama a mulher.

— Já lhe disse isso?

– Ama a nós duas. E eu não quero ser a cadela que se aproveitou dele.

– A moral anda muito elevada. No meu tempo, eram os homens que se aproveitavam das mulheres. Se ele é quem eu penso que é, não se abalará.

— Quem você pensa que é?

— O empreiteiro. O irlandês alto. Não me lembro do nome, mas ele dançou com você ontem à noite.

— Matt Gallagher? — exclamou Foxy rindo. — Dança bem, mas, ma-mãe, ele é igualzinho a Ken, embora não tão inteligente.

Connie ruborizou-se, percebendo pelo riso da filha quanto havia errado. Disse debilmente: — É o único que tem altura suficiente para você. — Em seguida, mais forte, achou o rumo certo e disse: — Não quero saber quem é o homem. Se soubesse, seria obrigada a dizer a Ken. Prefiro saber o que é que não a satisfaz. Para mim, Ken é perfeito.

— Sei que ele lhe parece isso. Você o disse com muita clareza.

— E ele adora você. É uma questão de sexo?

— Não. Quanto a sexo, tudo bem.

— Você tem orgasmos?

— Ora, mamãe, claro que sim.

— Não seja tão categórica assim. Eu só comecei mesmo a ter prazer com o meu corpo depois dos trinta.

— Bem, devo dizer que neste estado não tenho muito prazer com o meu corpo. Não me posso curvar na cintura e as pernas me doem.

Levantou-se de repente e começou a andar de um lado para outro, carregando os pratos e as xícaras, fazendo a mãe falar com ela em movimento.

— Como foi que esse outro homem pôde continuar com você, neste estado?

— Ele nunca me conheceu senão neste estado. Isso não parece ter muita importância para nós. Ele é muito terno em relação à minha gravidez. A mulher dele deixou de ter filhos. Acredita que há excesso de população.

— Ele me parece tão instável, Liz. Você sempre teve tanto mau gosto.

— Você me fez perguntas a respeito de Ken. O que eu acho que há de errado com ele é que não fui eu que o escolhi. Você o escolheu. Papai o escolheu. Radcliffe e Harvard o escolheram. Todo mundo chegou à conclusão

de que era o que servia para mim e é por isso que ele não serve. Ninguém me conhecia. Ninguém se deu ao trabalho de me conhecer. Eu era apenas alguma coisa para ser empa-cotada e afastada do caminho para que você e papai pudessem ter o seu maravilhoso divórcio.

A acusação era tão grave que ela tornou a se sentar à mesa.

Abaixo do coração repleto, havia um ardor fora do comum.

A mãe massageou os espaços vermelhos e úmidos abaixo dos olhos e respondeu com voz rouca:

— Foi assim que lhe pareceu? Não foi assim, não pensamos em nós mas sinto muito, Liz, sinto muito. Nós ambos queríamos tanto bem a você, você foi sempre tão correta conosco durante aqueles anos terríveis, com sua voz, sua beleza, que ficamos aterrados com o que estava acontecendo entre você e Peter.

— Mas, mamãe — as mãos dela em cima da mesa evitavam tocar-se, lembradas do grotesco bater das alianças —, eu sabia disso. Eu conhecia Peter. Eu sabia que aquilo acabaria por si mesmo, vocês não deviam ter feito nada. Eu perdi toda a dignidade. Esse outro homem e eu. Sei que isso vai acabar. Ele me deixará e irá para outro lugar. Por favor, não fale a Ken sobre isso.

— Nunca pensei em dizer a Ken. Ele não saberia o que fazer e poderia entrar em pânico. Acontece, Liz, que eu não sou uma velha totalmente idiota. Posso perceber as limitações de Ken. Ele é como seu pai. Precisa de uma fórmula para tudo. Mas, dentro das regras, acho que é notável e digno de ser guardado.

— Sei disso, mas é desanimador ter um marido cuja missão é desvendar os segredos da vida e sentir-se morrer ao lado dele, sem que ele saiba ou pareça incomodar-se.

— Tenho certeza de que se incomoda.

— Ele só se incomoda com o seu equipamento e eu faço parte dele.

A Sra. Roth fez-se ouvir de novo.

— Você sinceramente acredita que você e esse outro homem podem terminar? Já não foram longe demais?

Os restos do café na mesa, cascas de laranja e de ovo, o jornal pareciam a Foxy resumir o conteúdo do mundo. Não era de admirar que a criança estivesse relutando por emergir. O peso dentro dela — o feto havia descido desde uma semana e seus movimentos, dantes leves tremores, tinham-se tornado tumultuosos — parecia de chumbo, apavorado, traído. Foxy respondeu à mãe: — Pode ser que já esteja terminado. Quase não nos falamos desde que você chegou. Não temos estado realmente juntos há cinco semanas.

Os dedos da Sra. Roth deslizaram para o rosto e acariciaram como que enternecidamente a forma dos olhos sob as pálpebras fechadas.

— Querida Libby — murmurou ela sem olhar. — A coisa de que mais me lembro daquela horrível casa de Bethesda é o rádio ligado e os seus belos cabelos dourados que eu penteava e tornava a pentear.

— Tudo isso passou, mamãe — disse Foxy, levantando-se e sentindo, assustada, no fim das costas uma frase musical típica de dor.

Aos dez anos, ainda gordinha mas amanhecendo como uma beleza, Ruth era dada a longas sessões solitárias no seu quarto. Piet lhe tinha dado como presente de aniversário um espelho de tamanho natural, uma porta aberta para a vaidade, um presente talvez indis-creto e mimador de pai. Ele tinha acabado receoso de importuná-la.

Quando se aventurava pelo quarto de Ruth, olhava para o espelho à procura de sinais do seu uso e se surpreendia de ver a sua própria imagem, gorda e furtiva. Cercada pelo espelho dela, pelas flores

espalhafatosas do papel da parede que ela mesma escolhera e pelas coleções, cada qual na sua prateleira própria, de livros, conchas, tampinhas de garrafa e das bonecas estrangeiras que os pais de Angela lhe mandavam dos portos em que tocavam nos seus cruzeiros de inverno, por um mapa do mundo no qual os mares eram de azul-turquesa e uma flâmula verde e branca do time de futebol do ginásio de Tarbox, pelos instantâneos colados com durex que ela mesma havia tirado dos pais de braços dados, do ratinho que tinha morrido, do canteiro de lilases em flor, das suas amigas na praia, mas nenhum de sua irmã — assim cercada, Ruth se sentava diante da mesa que Piet fizera para ela e fazia os seus deveres de casa ou escrevia o seu lacônico diário que falava do tempo e de passeios ou, então, aumentava o seu livro de recortes com figuras cuidadosamente recortadas de *Life* ou do *National Geographic,* um sortimento que compreendia Sophia Loren, a Rainha Elizabeth II da Inglaterra, um cachorro russo que viajara no espaço, um grande faraó de pedra ameaçado de submersão pelas obras da represa de Assuã, uma noiva nigeriana nua, uma mãe paquistanesa chorando a morte do filho num terremoto, Jacqueline Kennedy e um conjunto de cantores chamados Beatles.

Nos dias em que Piet voltava para casa antes de Angela, como naquela segunda-feira, sentia a filha ocupada lá em cima. Ela voltava de ônibus da escola às quatro horas. O silêncio atrás da porta fechada, quebrado quando ela fazia arrumações ou cantarolava hinos aprendidos no coro, intimidava-o. Lavara-lhe as fraldas, aquecera-lhe as mamadeiras e agora a sua única função era proteger-lhe a intimidade e abster-se de qualquer interferência. Relia o jornal, sentia vontade de ir consertar a tábua apodrecida do galpão, mas desistia e tratava de preparar um gim prematuro. Depois de terminada a ala do restaurante, inaugurada com um

banquete a que compareceram os vereadores e Kappiotis, o chefe dos bombeiros, que tinha pegado no sono, não havia muito para Piet fazer. Gallagher tinha vendido a propriedade de Lacetown às freiras, mas uma firma de Watertown que tinha como diretor o irmão de um padre ganhara o polpudo contrato para a remodelação. Tinha-se sabido que as propostas na concorrência nem tinham sido abertas. Todo o encanto que Gallagher gastara com as freiras tinha sido pura perda.

Estavam reduzidos a uma única obra, transformar a velha casa Tarbox, na Rua Divindade, num edifício de escritórios e apartamentos.

A velha Gertrude Tarbox, depois de construir-se um paraíso de papel amontoado e de latas, fora levada em setembro para uma casa de repouso, por ordem de primos que viviam em Palo Alto, na Califórnia, por intermédio da agência de um banco de New Bedford. O serviço de Piet mal dava para ocupar Adams e Comeau e Jazinski que, sendo empregados pagos por hora, tinham o direito de trabalhar primeiro. Por isso, Piet ficava quase sempre sem ter o que fazer.

Bebia gim e tentava não pensar em Foxy. Desde que ela se escondera nas costas da mãe, era como um abscesso que a memória da língua tocava de vez em quando, O verão parecia distante como um sonho.

Ela havia desaparecido com a batida da porta de um carro depois da igreja. Faltava-lhe a economia exigida por uma vida dupla, o problema da conservação das energias. As horas atenuadas se estendiam inertes em torno dele. Bebia para matar o tempo.

Angela chegou à casa transbordante de Irene.

— Sabe o que foi que ela fez? Arranjou um emprego na Academia de Moças de Lacetown. Vai começar na segunda-feira, o que significa que eu terei de fazer sozinha todo o trabalho no jardim de infância.

— Diga a ela que isso não é possível.

— Quem foi que disse que não é? Se não posso ir a um psiquiatra, pelo menos posso tomar conta de uma dúzia de crianças sem Irene me atrapalhar com as suas teorias de *kibbutz.*

— Ora, você quer fazer isso.

— De que é que você se espanta? Não quero muita coisa. Não creio que minha vocação seja realmente ensinar crianças tão pequenas, mas quero ver como é que ensinar me afetará agora. Em outras palavras, você não gostaria de que eu trouxesse mais um pouco de dinheiro para casa?

— Está com receio de que eu não possa sustentá-la?

Angela inclinou-se e roçou o rosto no dele suavemente, mas com um pouco de pressa, o roçar de uma asa que vai voar.

— É claro que pode. Mas eu também sou uma pessoa. Minhas filhas estão crescendo. Nancy já passa manhãs inteiras sem chupar o dedo, a não ser que alguma coisa lhe lembre isso.

— Que foi mais que Irene disse? Ben já arranjou emprego?

— Não, e eu não sei nem se ainda está procurando. Mas ela me contou uma porção de coisas. Observa constantemente os Constantine e diz que eles agora estão muito ligados aos Guerin. Roger e Bea vão lá todas as noites e Irene pensa que a atração agora é entre as duas metades iguais dos dois casais. Carol e Bea. Roger e Eddie.

— Ela acha que essa atração pode chegar ou está chegando a algum resultado prático? Vou tomar outro drinque. Você quer também?

— Bourbon, gim não. O verão já passou, Piet. Mas ela não se atreve a pensar nisso. Acha que Carol fisicamente é capaz de tudo e que Bea tem mesmo um temperamento passivo. Ela sempre teve essa tendência

até certo ponto. Flerta com as mulheres e trata a quase todas com carinhos exagerados.

— Mas a diferença é muito grande entre proceder assim e tirar a roupa para fazer mesmo a coisa — disse Piet, pensando que, heterossexualmente, a diferença não era tão grande assim.

Angela pegou o copo dourado de *bourbon* e os seus olhos se tornaram mais azuis com a visualização das cenas que as palavras de Piet haviam sugerido.

— A verdade é que não estamos remoçando e, se a pessoa quer fazer alguma coisa de que sempre teve vontade, não há cada vez menos inibições? As coisas já não são tão sagradas como eram.

— Roger é sem dúvida homossexual, mas o encanto dele sempre foi a sua obstinação em negar isso, salvo na sua maneira de tratar as mulheres, que ou é rude ou excessivamente gentil.

— Na minha opinião — disse Angela —, há uma diferença entre ser homossexual e ser grosseiro com as mulheres. Alguma vez, quando vocês vão jogar golfe, Roger já se adiantou para o seu lado?

— Não, mas se mostra muito delicado e fica impaciente quando alguma mulher entra no jogo. Para mim, o mistério é Eddie. Como Irene pode acusar o homem que foi até há pouco amante dela de ser um invertido ativo?

— Em primeiro lugar, ela não formula claramente a acusação.

Depois, está muito chocada e revoltada. Quando lhe falei disso, ela me disse que Eddie pode ser muito persuasivo. Não sei o que ela quis dizer com isso, mas ela repetiu três ou quatro vezes.

— E onde é que seu amigo Freddy Thorne entra nessa nova combinação?

— Bem, Freddy foi o homem que os pôs em contato. Os Guerin e os Constantine não tinham nada em comum

uns com os outros até Freddy entrar em ação. Acho que ele aparece muito por lá para ati-var a mistura.

— Pobre Georgene.

Angela perguntou vivamente com o lábio superior levantado e os dentes brilhantes:

— Por que pobre Georgene?

— Estou falando de uma maneira geral. Casada com aquele patife.

— Não se pode dizer que ele seja realmente mau. O que acontece é que ele gosta de confusão. De qualquer maneira, Georgene se mostra muito fria comigo, desde que começaram as aulas. Não se espantaria nada se, depois que Irene se afastasse, Georgene deixasse de colaborar no jardim de infância.

— Que foi mais que Irene tinha na cabeça transbordante?

— Deixe eu me lembrar. John Ong parece que está doente. Alguma coisa no peito. Os médicos o aconselharam a deixar de fumar e ele não quer. Não pode.

— Não é possível! Câncer?

— Ninguém sabe. E verdade que ele é mais velho do que qualquer de nós. Isso não é muito aparente, porque ele é asiático.

— Está no hospital?

— Ainda não. Ah! Uma coisa que você vai gostar de saber. Foxy Whitman já teve bebê.

O ar se comprimiu. Uma sensação de sufocação foi seguida por uma despreocupada queda independente do espaço.

— Quando?

— Neste fim de semana. Acho que foi no domingo. Você a viu na sexta-feira à noite em casa dos Smith Pequenos. Ela dançou com Matt Gallagher e talvez isso tenha apressado tudo. Ele pula demais.

— Por que foi que ainda não soubemos disso?

— Ora, Piet, está tomando a coisa tão pessoalmente. Você não é exatamente parente próximo, nem amigo íntimo. Admira que Matt não lhe tenha dito nada no escritório. Terry deve ter sabido logo. Ela é a melhor amiga de Foxy.

— Matt e eu não nos falamos muito no trabalho ultimamente. Ele está aborrecido porque perdemos as obras do convento. Mas a notícia é muito boa. Ela estava enorme. Menino ou menina?

— Menino. Três quilos e pouco. Acha que devemos mandar flores?

Gosto de Foxy, mas parece que não estamos muito na fase de mandar flores.

— Mande-as de qualquer maneira. Afrouxe um pouco a mão. Dinheiro vem e sai, Angela. E flores não nascem no céu. Vêm é da merda, do esterco.

Angela fez uma careta diante da hostilidade dele e saiu da cozinha chamando as filhas.

Ficando sozinho, Piet tentou analisar a felicidade inegável mas incerta que o dominava. Estava salva. A criança tinha sido um menino. Mais uma vez a sorte de Foxy. Gostaria de estar perto de-la, de entrar no quarto anti-séptico onde ela estava, desinflada e rosada, sangrando invisivelmente, respirando inconscientemente, com a pálida boca torcida e os cabelos desfeitos. Via as flores — gladíolos, dálias, jacintos com fitas, rosas vermelhas. Via o copo de água ao lado do rosto indistinto, os cartões de felicitações e um pedaço de chocolate escondido numa gaveta esmaltada. E, numa peça além do seu obsessivo devaneio, esperava-o a consciência de que, tendo dado à luz sem avisá-lo, ela fora culpada de uma afronta e com essa culpa lhe prometera liberdade. Uma vez, sem poder gozar, ela se masturbara na coxa dele metida entre as dela.

É muito desagradável para você?

É claro que não. A juventude tem de ter a sua satisfação.

Não zombe de mim. Já sou tímida demais com você.

Tímida comigo, seu amante?

Sou.

É emocionante ver como as mulheres precisam se esforçar.

Toque em meus seios.

Com prazer.

Mais delicado. Estou quase.

Em cima da geladeira havia um prato de bombons. Para festejar e dar corpo à sua felicidade, Piet comeu um bombom, coisa que raramente fazia com medo de que isso lhe estragasse os dentes.

Embora Foxy tivesse marcado hora três semanas antes, quando ainda estava na maternidade, para aquela sexta-feira à uma hora da tarde, Freddy Thorne ficou surpreso com a aparência dela quando a viu entrar no consultório. Até então, ela havia continuado com o seu dentista de Cambridge, mas para o fim da gravidez os dentes tinham começado a doer e, com a amamentação do bebê, ela dispunha de menos tempo para ir a Cambridge. Ninguém, nem mesmo Piet, negava que Freddy fosse um bom dentista. Contudo, entrando no consultório, ela não podia livrar-se da idéia de que, encorajada pela maternidade, ela estava empenhada no jogo que Tarbox lhe ensinara, o jogo de tentar o destino.

— Olhe quem está aqui! — exclamou Freddy quando ela entrou.

— Que dia bonito! — disse ele, quando a acomodou na cadeira.

— Que é que a está incomodando? — perguntou quando ela abriu a boca.

Três pessoas haviam falado. A primeira fora um homem frívolo e intrometido que ela conhecia. A

segunda fora um conhecido polido e cacete. A terceira era um técnico inteiramente estranho.

Ela apontou com o dedo fora do rosto e com a língua dentro da boca.

— Acho que é o molar superior. Sinto doer quando como chocolate. E aqui, do outro lado, sinto com a língua um buraco onde havia uma obturação. Todos dizem, principalmente minha mãe, que meus dentes se estragaram porque o menino precisou de muito cálcio.

— Tomou cálcio durante a gravidez?

— Não, acho que tomei ferro. Tomava o que o Dr. Allen mandava.

Freddy disse:

— Com a alimentação moderna, o cálcio não é mais problema —

disse ele. — Antigamente é que as mulheres perdiam os seus sorrisos. Posso ver?

O seu toque com os ferros era delicado. Em dado momento, tocou num nervo e imediatamente a mão se tornou mais leve. Um cheiro de hortelã no seu hálito dissimulava o que ele tivesse comido no almoço. Os dedos perfumados lhe tocavam a boca e, como outras coisas que ela havia temido — o adultério, o parto —, a realidade era mais moderada do que ela havia imaginado e não tão ruim assim.

— Os seus dentes são fortes — disse ele, fazendo marcas num daqueles cartões com os dentes impressos, que tinham dado a Foxy na infância a impressão de que ia ouvir um grito. Era curioso que ele tivesse preferido dizer "fortes" em lugar de "bonitos" ou "bons".

Ela contou as marcas e disse:

— Quatro cáries! — Quando estava numa cadeira de dentista procurava sempre falar demais, para afastar o momento em que o motor lhe tocaria a boca.

— Tudo em boa forma — disse ele. — Vamos começar pelo que está doendo.

Tirou uma agulha de injeção de uma bandeja do esterilizador azul. As maneiras dele eram suaves e irresistíveis. Onde estava aquele palhaço irresponsável que ela conhecia das festas?

Depois da injeção, ficaram esperando que a novocaína fizesse efeito. Freddy estava tratando de alguma coisa atrás da cadeira.

Ela bocejou. Toby tinha mamado às duas horas e acordaria de novo às cinco. Olhou pela janela e pensou que estava um pouco quente para aquela altura de novembro. Por que Piet não lhe mandara flores?

Freddy pigarreou e perguntou:

— Sua mãe ainda está aí? Irá hoje à noite?

Os Thorne estavam dando naquela noite uma festa black-tie. para Foxy, isso significava que, depois de semanas de reclusão, iria ver Piet de novo.

— Não. Ela tomou o avião na terça-feira. Afinal.

— Ken não gostou da presença da sogra em casa.

— Gostou mais do que eu. Já me habituei a viver sozinha.

— Ela me pareceu bem alegre.

— E é. Mas na realidade não tenho tido muito contato com ela desde que saí da universidade. Já sou muito velha para ter uma mãe a meu lado.

Quando se aproximava o momento de Freddy usar o motor, Foxy sentiu a vontade de contar tudo — as primeiras dores musicais, os intervalos cada vez menores, a despreocupação absurda dos médicos e das enfermeiras, a anestesia como uma asa roçagante que a envolvesse, o olhar espantosamente pesquisador do recém-nascido, a sua idéia ainda sob a ação da anestesia de que ele se parecia mais com Piet do que com Ken e o fato miraculoso de que ela, a frágil Foxy, fosse uma boa amamentadora, uma árvore alimentícia.

— Ela não parecia com muita pressa de voltar para junto do marido — disse Freddy.

— Notei isso também. Falava muito lentamente de "Roth", quando se lembrava dele. O que eu penso é que ela vê a vida dela como uma espécie de história de Cinderela e, agora que a história chegou ao fim e ela é feliz para sempre, sente-se meio enfastiada.

— Ela se deu bem com Ken?

— Muito.

Freddy não esperava uma resposta tão lacônica. Delicadamente barrado, passou a língua nos lábios e disse:

— Pareceu também gostar de mim.

— Ora, Freddy ! Quem é que não gosta?

A enfermeira, que estava trabalhando num canto com um esterilizador, sorriu. Sentindo a ironia, ele perguntou de maneira mais seca:

— Conversamos sobre fertilização. Ela lhe disse?

A enfermeira saiu da sala.

— Falaram sobre mitos, não foi?

— Em parte. Chegamos à conclusão, se bem me lembro, de que as mulheres podem ser fertilizadas pelo vento como o podem ser por homens, desde que acreditem nisso. Toda a concepção é imaculada, conforme a desculpa mais à mão.

Aquele sorriso leve: que queria dizer?

— Tolice isso — disse ela. — Nós, mulheres, somos evidentemente indefesas.

– São mesmo?

— Do contrário, por que haveria tantos filhos únicos? Eu detestava ser filha única. Meu pai vivia ausente. Tínhamos muitos ventiladores.

— Tinham? — Ele havia perdido o fio da pilhéria, do vento.

— Um em cada canto da casa. O que eu sei é que não pretendo absolutamente que meu filho seja único.

— Ainda está sentindo o dente? — perguntou Freddy.

— Só um pouquinho. Para que aquele divã? — perguntou ela, olhando para uma sala ao lado, mal fechada por uma cortina, onde se via uma ponta do divã. Queria afastar a conversa da sua pessoa. O

rádio estava tocando mecanicamente "Chá para Dois".

— Não é para o que está pensando — disse Freddy.

— Não estou pensando nada. Estou apenas perguntando.

— Em vez de almoçar, tiro às vezes um cochilo.

— Sempre quis saber como era que você podia ir a tantas festas e trabalhar no dia seguinte. Mas que foi que pensou que eu pensei?

Indicou por mímica a enfermeira, juntou as palmas das mãos no rosto para indicar "dormir" e franziu os lábios para reforçar o seu sentido.

— Não — sussurrou Freddy. — Pensei que você julgasse que eu faço abortos.

Foxy sentiu-se chocada e teve vontade de sair correndo da cadeira.

— Nunca pensei nisso.

— Mas os dentistas tratam disso também. O arranjo é perfeito.

Eles têm tudo: a cadeira, o anestésico, os instrumentos...

Ela julgou que ele estivesse dizendo essas coisas para aumentar de importância aos olhos dela, para inflamar com implicações o conceito que ela fazia dele. Se ele tivesse estudado medicina, teria aspirado ao poder sobre a vida e a morte. Não podendo e contentando-se com a odontologia, ainda tinha a mesma aspiração. Ela o repeliu: — Não quero saber dessas coisas.

— Não deve estar sentindo mais nada — disse ele. E começou a trabalhar com o motor.

De cabeça para baixo, com o rosto quente encostado à cabeça dela, Freddy se dissolveu num par de ventas cabeludas, uma dança de dedos que sondavam e

crescentes brilhantes de vidro dos óculos e das lentes de aumento que colocava à frente deles. Tinha uma aura maternal, cheirando a sabonete. Foxy descansou. Os seios come-

çavam a ferroar e ela prelibou o alívio, quando saísse do consultório, pegasse o menino no berço que deixara em casa de Bea Guerin, voltasse de carro para a sua casa na praia e, tirando as roupas, desse a sua acumulada riqueza à boquinha ávida. Ele tinha começado no peito direito naquela manhã, e naquela tarde deveria ma-mar no esquerdo. Vinte minutos e o efeito da novocaína já se teria dissipado. Poderia almoçar um resto de salada com um sanduíche de atum. Como a vida devorava inocentemente os dias! Como era tolo.

Como era cristãmente neurótico sentir, abaixo da benigna superfície mista de envelhecer e crescer, de amamentar, comer e dormir, de amor fingido e roubado e real, um terror, um erro convergente, uma culpa que se encaminhava para a purgação! O pobre Freddy, o chefe do seu grupo, se revelava como um dentista competente. O rádio tocava "Lady Be Good". Sob a manta vermelha das pálpebras fechadas, Foxy viu que deveria em breve romper com Piet e não sentiu dor. A música do rádio parou no meio.

A voz incaracterística do locutor fez-se ouvir apressadamente:

"Um boletim extraordinário! Ouviram-se tiros em Dallas perto do cortejo presidencial. Vamos repetir: houve tiros em Dallas nas proximidades do cortejo do Presidente Kennedy".

Houve um segundo de agudo silêncio. Então a música recomeçou, tocando "Lady Be Good". O relógio do consultório marcava uma hora e trinta e seis minutos da tarde.

Freddy tirou a broca dos dentes dela e perguntou:

— Ouviu?

— Ouvi, sim. Que significa isso?

— Algum texano maluco — disse Freddy e voltou a trabalhar. —

Pode cuspir — disse por fim.

A enfermeira, com os olhos arregalados depois de ouvir o rádio, entrou na sala para limpar os ferros e ouvir mais.

— Acha que foram os comunistas? — perguntou ela.

A música tornou a ser interrompida e ela fez o sinal-da-cruz.

A notícia foi repetida, com a afirmação adicional de que os tiros tinham sido dados contra o cortejo. Tinham-se contado três tiros.

O erro de voltar a transmitir música não foi repetido. Palavras espaçadas por silêncios firmaram a triste verdade. Haviam atirado no presidente, o presidente tinha sido atingido, um tiro atingira a cabeça, o estado do presidente era grave, tinham chamado um padre, o presidente tinha morrido. Foxy tinha esperado na cadeira mais dez minutos para saber o pior. Logo que foi anunciada a morte de Kennedy, ela saiu. A enfermeira estava chorando, com os olhos abertos, como os de uma boneca, que só pode fechar os olhos deitada. Foxy, grata a ela por demonstrar a sua emoção, bateu-lhe de leve na mão.

— Minha família não votou nele — disse a moça —, mas íamos todos votar agora.

Freddy parecia descontraído e acalmado por essa confirmação do caos. Levando Foxy até a porta, perguntou no corredor:

— Isso acaba com a nossa festa, não acha?

— Deve cancelá-la — disse Foxy. Não iria ver Piet naquela noite.

— Mas eu já comprei toda a bebida — protestou Freddy. Foxy saiu para o pequeno jardim na frente do consultório de Freddy, onde havia uma árvore espectral

sem folhas. A bandeira já estava hasteada a meio mastro no edifício dos correios. A rua estava tão silenciosa que se ouvia uma lixadeira mecânica trabalhar numa casa bem adiante. Através das vitrinas, viu na pizzaria, no Star de Tarbox e na oficina de sapateiro que era também o ponto dos *bookmakers* vultos congregados em volta de rádios. Pensou na atitude de indiferença de Freddy diante da notícia, errada e desprezível...

Mas ela, por acaso, fora melhor? Tentou imaginar o morto, um homem jovem quase da sua geração, com quem ela poderia ter dormido. Um marido distante havia morrido e isso deixava um vácuo menos do que mostrava o vácuo já existente. Onde devia haver tristeza havia uma ternura reflexa, um encolhimento pessoal. Na esquina de Cogswell, ela olhou para a igreja congregacional no alto e sentiu seu coração, cordeiro cego, bater mais forte. O Plymouth estava parado junto às pedras. Ela tinha de apressar-se por causa do filho. Subindo a ladeira sob a luz intermitente do sol, Foxy imaginou a boquinha ávida e desdentada do menino. O peito esquerdo doeu ansiosamente. Experimentou o lado direito da boca e viu que ainda estava dormente. O sorriso torto iria assustá-lo? Pareceu-lhe então que o cadáver era de Piet e o fundo de seu estômago caiu, enquanto a cidade em torno dela recebia o peso da culpa nos telhados sujos e tentava erguer-se, para tornar-se uma prece.

Os Thorne resolveram dar a festa, apesar de tudo. No fim da tarde, depois que Oswald tinha sido capturado, Johnson empossado e depois que os motores da perpetuidade nacional haviam demonstrado a sua força, Georgene telefonou para todas as casas dos convidados e explicou que comidas e bebidas já tinham sido compradas, que os convidados já tinham comprado os vestidos e passado a ferro os smokings, que ela e Freddy

iriam sentir-se muito sozinhos naquela noite e as crianças ficariam muito desapontadas.

Naquele dia terrível, não via nada de mais em que casais que se conheciam exprimissem juntos o seu pesar. De certo modo, Georgene explicou a Angela, seria um velório, um jantar de cerimônia seguido de dança, bem no estilo do morto. Freddy ficaria muito sentido se não fossem e todos sabiam como ele era vulnerável.

A moda naquele outono era de grandes decotes e Piet, chegando às nove horas, viu-se cercado de seios nus. Hesitara muito em comparecer. A sua natureza supersticiosa reclamava alguma celebração religiosa, alguma cerimônia em honra do homem bravo que tinha sido Kennedy, muito embora Piet fosse republicano. Sabia que Freddy iria dizer inconveniências. Além disso, não se sentia bem. Tinha uma porção de aftas na língua e nas gengivas; desde que Foxy se tornara inacessível, Angela também deixara de dar-se a ele; por fim, o seu *smoking* era velho, aproveitado ainda do sogro, e estava com a gola fora de moda e mostrando nos ombros a sua caspa. Entrando na sala dos Thorne, viu ombros nus e seios expostos flutuando através da luz das velas, por entre as máscaras africanas, as almofadas espalhafatosas, os pufes de vime, as arcas espanholas com correias e as velhas poltronas desbotadas. Troncos ardiam na lareira de pedra. A mesa do bar, coberta de linho, de copos e de garrafas, formava um campo ondulante de fogo refletido. Janet Appleby usava um vestido verde sustentado por alças finas como cordões de sapatos que não pareciam à altura do peso sustentado e que se estreitava numa fenda profunda como o sulco vertical de uma fronte contraída. Marcia Smith Pequeno, num vestido laranja sem sutiã, ostentou, quando se curvou para a frente, com os brincos trêmulos, para bater a cinza do cigarro num cinzeiro de cobre, seios cônicos pendentes na sombra como raízes

tubulares soltas na água. Georgene estava de branco, com dois pedaços de fazenda fina cruzados para formar um enfaixamento atlético e ático, que lhe esmagava os seios dando-lhe uma aparência de rapaz. Carol Constantine tinha-se metido numa túnica azul severamente estreita nos tornozelos e castamente alta na frente, mas aberta atrás num decote que ia até as vértebras do sacro. Irene Saltz - porque os Saltz estavam presentes em parte graças à renovação da confiança com o emprego de Irene e em parte por uma insistência perversa de Freddy — tinha um simples vestido de coquetel de veludo preto. O seu decote oval invertia os arcos assustados das sobrancelhas, enquanto ela vigiava ansiosa e ciumentamente a sala para ver o que estavam fazendo Ben, Carol e Eddie. Piet comoveu-se de vê-la. Como ele, ela achava errado estar ali. E tinha perdido peso. A humilhação caía-lhe bem.

Bea Guerin deslizou para ele com o rosto levantado, os seios perlados de suor sustentados à frente numa rígida carapaça escarlate como dois bolos açucarados oferecidos quentes no próprio vaso de metal em que tinham sido feitos.

— Oh, Piet — disse ela —, não é horrível estarmos todos aqui, não termos podido deixar de vir, em vez de ficarmos em casa para lamentar sozinhos o triste acontecimento?

Ele baixou os olhos, sentindo uma fome por aqueles seios tão redondos e levantados que formavam um ângulo cheio de covinhas contra a parede do colo de Bea. *Por que não quer andar comigo*? O

lábio superior levantado mostrava a pequena separação entre os dedos da frente. Ela pousou no braço dele a mão trêmula para apoiar-se ou como uma advertência. *Você está cercado de gente maldosa.*

Embaraçado, tomou um gole de martíni e sentiu as aftas arderem.

— Soube que tem visitado muito os Constantine — disse ele.

— E como são chatos, Piet. Roger gosta deles, mas não passam de uns chatos egocêntricos. Depois de algum tempo, vê-se a diferença que faz não terem cursado uma universidade.

— De quem é que Roger gosta mais? De Eddie ou de Carol?

— Não seja cínico, Piet. Nos outros não reparo, mas em você isso não me agrada. Você não é cínico. Por que finge que é?

— Responda à minha pergunta.

— Carol pode ser divertida, mas é fria. Fria e grosseira. Acho

— e isso é tremendamente triste — que ela tinha sinceramente amor a Ben, amor de verdade, mas jamais quis saber disso e agora não quer nem reconhecer o fato. Tudo isso é muito sem nobreza. E o pior de tudo são as cruéis imitações que fazem deles.

— Mas Ben é tão chato.

— Acho que eles não se importavam muito com isso, Piet, porque também são chatos. A vida é tão horrível, todo mundo é tão chato.

E Roger é extremamente chato.

— E eu não sou?

— Por enquanto não, meu doce Piet. De modo algum. Mas você não gosta de mulheres pequenas. É um traço tão napoleônico que você tem.

Piet riu e olhou por cima da cabeça de Bea. Onde estava Foxy?

Correu os olhos pela sala repleta inutilmente. Sentiu que com a sua ausência ela conseguia sobre ele uma ascendência moral que completava o triunfo, a real superioridade de ter dado à luz um filho. A compaixão o esvaziou. Sentia-se abandonado, pequeno. Perguntou a Bea: — Onde estão os Gallagher?

— Matt disse a Georgene que iam com as crianças a uma missa especial. Foi polido pelo telefone, mas não muito.

— Matt está ficando muito independente. E os Ong?

— John está muito doente.

— É grave ou não é?

— Freddy diz que ele está morrendo.

Morrendo. Antes de vir para a festa, Piet tinha visto com as filhas pela televisão o caixão ser tirado do avião sob os refletores do campo de aviação.

— Não perguntou onde estão os Whitman — disse Bea.

— Não estão aqui?

— Piet, você não sabe dissimular. Não faço a menor idéia de onde eles estão, mas você os está procurando com os olhos desde que chegou. Não é muito lisonjeiro isso.

— Estou pensando é em ir pegar outro drinque. Para vencer o pânico. A geladeira. As estrelas.

— Piet — disse Bea com voz terna, vendo que ele ia afastar-se

—, eu poderia gostar de você, se você me deixasse.

Junto à mesa das bebidas, Carol estava flertando ao mesmo tempo com Harold e Frank.

— Frank — disse ela —, uma citação de Shakespeare. Ninguém sabe mais o que dizer.

— "Boa noite, meu doce príncipe?" — disse Angela. Piet surpreendeu-se de vê-la ali, com a bela cabeça suspensa à luz vacilante.

Frank Appleby, com os olhos vermelhos, pensou um pouco e disse:

— "A dívida da ambição está paga".

— É uma citação? — perguntou Carol.

— De *Júlio César.*

— E que é que acham da idéia de que Oswald é um homem digno? —

perguntou Harold. — Francamente, tive de rir. Eu estava comendo a sobremesa, *gateau avec des fraises*, com três dos meus amigos mais republicanos, inclusive Frank e o jovem Ed Foster, que, como Frank sabe, pensa que Bob Taft está ficando cor-de-rosa na ponta. *Un peu de rose au fin*. Naturalmente a primeira impressão de todos, inclusive dos comentaristas de rádio, que são todos liberais...

— Você é mesmo conservador? — perguntou Carol, interrompendo-o.

— Harold e Frank são diferentes — respondeu Janet. — Frank é federalista. Tem um amor sincero pelos Fundadores da Nação. Harold é ultramontano. Com ele, tudo é uma forma de ostentação.

— *Merci pour votre mot très incisif.* Posso continuar? Bem, naturalmente, todo mundo presumia que o culpado fosse um fanático da direita. Mas às duas e meia, quando voltei para o escritório e começaram a chegar os pormenores a respeito de Oswald, o jovem Ed me telefonou positivamente exultante e disse: "Já soube? Não foi gente nossa. Foi gente do outro lado !"

Talvez porque todos os presentes houvessem experimentado a mesma inversão de opiniões, a história não fez o sucesso que Harold esperava.

— Desde que McCarthy morreu, todos os verdadeiros lobos estão na esquerda — disse Frank.

— De uma coisa tenho absoluta certeza — disse Freddy: — Ele não fez isso sozinho. Houve muitos tiros. E o crime foi muito bem sucedido.

O desacordo foi geral e Janet disse:

— Você vê conspirações em toda parte, Freddy.

— Ele acha — disse Angela — que todos nós fazemos parte de uma conspiração para proteger-nos uns aos outros da morte.

— Para afastar a noite. Foi o que eu disse.

Piet se admirou de que Freddy pudesse lembrar-se de alguma coisa que tivesse dito. A massa amorfa estava criando um esqueleto com o cálcio extraído da vida frouxa e sem rumo de Piet. Freddy tinha dado para olhar Piet de forma áspera e intencional.

– Uma conspiração, que vou revelar a vocês —, disse Harold — é que devem comprar, quando a Bolsa reabrir. O mercado não se sentia muito feliz com Kennedy e vai adorar Johnson. É exatamente a espécie de velho malandro com que o mercado se sente feliz.

Carol estremeceu com as longas costas nuas.

— Aquele homem triste e rude. Era como o roupeiro da escola aceitando a presidência da turma, cheio de humildade e de erros de gramática. Freddy, você vai nos deixar dançar?

— O que os meus convidados quiserem será feito. Francamente, não sei qual é a maneira correta de agir. Este é o meu primeiro presidente assassinado. Ainda era menino quando deram cabo de Lincoln.

Ben Saltz ouviu isso e aproximou-se. O rosto dele acima da barba pareceu a Piet de uma brancura de concha, um fragmento de um passado desmoronado.

— Entretanto — informou ele a Freddy —, este país tem desde 1865 um recorde pouco invejável de violência política. Quatro presidentes foram assassinados e ainda houve os atentados contra Truman e contra os dois Roosevelt. Teddy ficou realmente ferido na sua malograda campanha de 1912 e isso para não falar em Huey Long.

Não há um só país a oeste dos Bálcãs com qualquer coisa que se aproxime disso. O primeiro-ministro da Inglaterra vai a toda parte acompanhado apenas de um guarda-costas.

— Nós lutamos pelo direito de portar armas — disse Frank.

— Ben, vai dançar comigo, não vai, Ben? — perguntou Carol. —

Não quer dançar comigo, Ben?

O sorriso de leão esculpido apareceu, mas os olhos permaneceram dúbios, assustados, humanos. Carol agarrou o braço de Harold e disse:

— Se Ben tem medo, você vai dançar comigo, não vai, Harold?

Dance comigo, já que Janet tem tanto desprezo pelas suas elegantes idéias políticas. Música, Freddy.

Georgene estava no meio da sala com o ar de uma *hostess* indecisa quanto aos seus deveres. Piet aproximou-se dela e deu-lhe um gole do seu copo.

— Carol está muito alta — disse ele.

— Por que não a leva para a cama? Você sabe muito bem onde é.

— Isso é que eu não vou fazer. Ela me arranharia todo. O que estou admirando é a sua inspiração de juntar os Saltz e os Constantine.

— É claro que a idéia foi de Freddy e não minha.

— Mas você aceitou. Freddy tem uma porção de idéias que você deixa morrer.

– Ora, Piet — disse ela irritada —, tudo começará a ser muito chato se as pessoas não souberem mais ter os seus casos em particular. — Nós éramos diferentes, estava ela dizendo; éramos secretos, corajosos e bem melhores do que esses casais corruptos. Passou a mão pelos cabelos grisalhos como se estivesse tirando agulhas de larícios. — Eu sou a única pessoa abandonada que parece ter algum senso de discrição.

— Ora, aí está uma observação interessante.

— A intenção não é essa.

— Doce Georgene, que é que você está fazendo com toda essa discrição, agora que eu não estou mais presente?

— Ora, os homens se sucedem em minha vida. Já perdi até a conta. Chegaram a abrir um caminho através do bosque. Interessa-lhe?

— Claro que sim. Você foi maravilhosa comigo.

— E qual foi o resultado disso?

— Comecei a amedrontar-me. Fiquei certo de que Freddy sabia.

— E que era que tinha isso? Eu estava controlando Freddy.

— Talvez eu não esteja sendo inteiramente honesto.

— Nunca está e nunca esteve — disse Georgene e, como uma carta jogada, mostrou o corte e saiu do jogo.

As mulheres são assim mesmo, pensou Piet. Nunca perdem a oportunidade de um serão. Pedagogia desde o tempo da maçã. Sereis como deuses.

Roger Guerin se aproximou dele.

— Já guardou os seus tacos de golfe? — perguntou ele.

— Pode ainda haver um fim de semana quente — disse Piet.

Eddie Constantine se aproximou deles com o corpo dobrado.

— Já olharam por dentro do decote de Marcia? Os peitos descem até o umbigo.

— Você sempre soube que eram assim — disse-lhe Piet.

— Saber é uma coisa; ver é outra. Estávamos na cozinha conversando sobre alguma coisa indiferente, poluição do ar, eu creio, e eu olhei por acaso e os vi pulando. Fiquei em tal estado que tive de vir dobrado até aqui para disfarçar.

Roger riu reservadamente com um canto da boca, como alguém que aprendeu a rir muito tarde na vida, e Piet compreendeu que era demais ali e que Eddie só dissera aquilo para divertir e excitar Roger. Meu membro,

dizia ele secretamente, é grande como uma fuselagem de avião. E as mulheres não passam de lixo.

— E Janet? — perguntou Roger. — Com aqueles dois cordões de sapatos?

— Do jeito que eles estão apertados — disse Eddie —, tenho a impressão de que ela está com uma bunda sobressalente, caso a primeira se gaste. Ah, Roger, sabe o que foi que a maluca da Carol fez comigo uma noite dessas? Estava... bem... no meu colo... e começou a balançar a perna para cima e para baixo até que botou o pé na minha boca! Foi grande, quase vomitei. Experimente com Bea.

Piet afastou-se, e, ficando de pé em atitude de expectativa, fez Janet separar-se dos Smith Pequenos e de Freddy Thorne. Quando ela se aproximou, ele lhe tirou o copo da mão, sem encontrar resistência. No espaço murado pelo corpos deles, Piet perguntou:

— Como vão as coisas, Jan-Jan. Como vai o seu belo médico?

— Aquilo é um patife, um filho da mãe. Ainda não me disse que deixasse de ver Harold.

— Todos nós pensávamos que você tinha deixado de ver Harold há séculos.

— Você é um amor, Piet. Ingênuo, mas um amor.

— Escute. Por que acha que seu psiquiatra tem o dever de dizer a você que deixe de ver Harold?

— Porque eu amo o psiquiatra, está aí o porquê. É um alemão gordo e velho com uma perna mecânica e eu o amo. É um lixo e eu o adoro. Bastaria que ele desse ao menos um arroto em minha intenção e eu nunca mais queria saber de Harold. Mas ele não é capaz de dizer isso, o velho retardado.

— Que é que ele diz?

— Já estou indo lá há cinco meses e a única sugestão que ele me deu é que, em vista da fábrica de produtos

farmacêuticos, toda a vez que eu tomo um comprimido estou copulando com meu pai. O

comprimido é o sêmen dele. Perguntei a ele: "Que é que eu vou fazer quando tiver dor de cabeça e precisar tomar duas aspirinas?"

— Não chore, Janet. Escute, você acha que Angela deve ir? Está querendo ir desde que você começou o tratamento. Que é que eu devo fazer como marido?

— Não a deixe ir. Arranje um amante para ela, mande-a para a Iugoslávia, tudo menos isso. É degradante. Ela ficará toda agitada e é tão serena. Nada tem de neurótica.

— Está começando. Disse-me que se sente tão desprendida de tu-do, como se estivesse morta.

— Conheço muito bem esse sentimento. Angela e eu somos um pouco parecidas.

— E o que ela diz também. Acha que pelo fato de vocês duas terem busto grande, vocês se sentem melancólicas.

— Angela que fale por si mesma. Não quero ser parecida com ninguém. Vai buscar outro *bourbon* para mim ou não?

Quando Piet chegou à mesa das bebidas, Freddy Thorne se aproximou dele.

— Podemos falar um momento em particular?

— Que ótimo, Freddy! Afinal, você tem alguma coisa para me dizer em particular.

— Faça o favor de notar que eu não estou sorrindo.

— Mas está todo sorridente por dentro!

Quando ele voltou com *bourbon*, Janet estava empenhada em animada conversa com Harold e Piet deixou-se ser levado para um campo por Freddy.

— Piet — disse Freddy, falando secamente. — Vou direto ao assunto. Sei tudo sobre você e Georgene.

— Que é que você pensa que sabe?

— Ela mesma me disse. Vocês foram amantes.

— Eu e Georgene?

— Quer dizer que ela mentiu?

— Poderia ter mentido para conseguir vantagem em algum caso pessoal com você. Ou você pode estar mentindo agora. Quando acha que isso aconteceu?

— Deixe de brincadeiras. Você nem sabe quando foi.

— Está bem. Confesso. Foi no verão passado. Éramos parceiros no tênis. Perdi a cabeça, com o lindo vestido branco, as sardas e joguei-a na linha de serviço, ganhando o *set*. Desculpe, desculpe, desculpe.

Sentia a boca seca, embora tivesse acabado de tomar o seu terceiro martíni, que estava ali vazio, com a azeitona no fundo como um ovo verde gorado.

Freddy tentou com algum sucesso parecer uma presença ameaçadora, uma nuvem carregada de tempestade, com a estreita calva majestosa. Quando franziu a testa, apareceram nela rugas bifurcadas.

— Vou fazê-lo sofrer — disse ele e se encaminhou para a cozinha a fim de ir pegar mais gelo.

Angela, vendo Piet abalado, deixou Ben falando sozinho e se aproximou do marido, perguntando:

— De que era que você e Freddy estavam falando? Você está pá-

lido como um fantasma.

— Ele me estava aconselhando a ir fazer um tratamento dos dentes com ele.

– Você não me quer dizer. Foi a meu respeito?

– Exatamente, Angela. Pediu-me a sua mão. Diz que ama você há anos.

— Ele sempre diz isso.

— Diz mesmo?

— É a maneira que tem de me importunar.

— Mas você gosta de ouvir essas coisas. Posso ver por sua cara.

— Escute aqui, por que é que você implica tanto com Freddy?

Que foi que ele lhe fez?

— Ele ameaça a minha fé primitiva.

Foxy entrou na sala em companhia de Ken. Usava um vestido prateado. Os seios mostravam-se orgulhosos do leite. Houve um lento e luminoso embelezamento da parte superior do seu corpo quando ela se voltou à procura de Piet. Ela estava ali por ele. Havia abandonado a casa e o filho quente naquela noite trágica apenas para procurá-lo e protegê-lo de qualquer mal entre aquela gente sórdida. Ouviu-a explicar a Georgene.

— Chamamos uma pessoa para tomar conta da criança, a filha do Dr. Allen. Depois que ela chegou, devíamos sair logo mas não pudemos desprender-nos da televisão.

— Que está acontecendo agora? — perguntou a voz profunda de Roger.

— Estão passando principalmente velhos filmes — disse Foxy. —

O que mais impressiona são as entrevistas coletivas aos jornalistas. Ele era tão rápido, tão espirituoso e tão atento. Com ele, dava de novo prazer ser-se americano.

— Eu o amava — disse Bea Guerin, numa voz cuja miséria parecia distante e vinda de dentro dela, uma desgraça que se fizesse ouvir de um mundo subterrâneo. — Nunca poderia votar nele. Nunca pude acreditar naquelas tolices socialistas que ele queria. Acho que as pessoas têm de ser elas mesmas ainda que isso seja apenas sofrimento, mas eu gostava da maneira pela qual ele se portava e se vestia, sem usar chapéu, nem sobretudo.

A música encheu translucidamente a sala. Doris Day, "Caíram Estrelas em Alabama". Freddy gostava de Doris Day.

— Freddy! — exclamou Carol. — Você é um anjo! Onde está Roger?

O tapete de rosetas de cana entretecidas foi arrastado para os pés da *chaise longue* de cetim e Carol e Roger, ela ágil e ele um pouco rígido, começaram a dançar. — Oh, sua mão está gelada — exclamou ela.

— De segurar um copo de bebida — disse ele, embaraçado, e colocou no centro ossudo das costas nuas de Carol a mão de lado e meio dobrado como a de uma criança que dorme.

Os outros olhavam inquietamente. Tratando de pegar um copo de bebida para si e para sua mulher, Ken Whitman deu a volta com cuidado pelo chão sem tapete e, enquanto esperava que Freddy lhe levasse gelo, começou a conversar suavemente com Janet. Ben Saltz encaminhou-se para ficar ao lado de Foxy. Angela tocou no braço de Piet e disse: — Vamos dançar?

— Quer mesmo? Parece uma impiedade dançar sobre a sepultura do pobre homem.

— De fato, mas é preciso. Não podemos deixar Carol e Roger, sozinhos. Está ficando muito embaraçoso para eles.

Era ela familiar, firme e flexível nos seus braços. Ele nunca havia sabido dançar direito e Angela se habituara a seguir os passos vagos, com as coxas e a bacia delicadamente unidas ao corpo dele. As alturas eram iguais. Ela raramente usava perfume, de modo que dos cabelos e da pele se desprendia um cheiro não específico, mas absolutamente bom, como a água, a vida ou a própria existência considerada em contraste com o vácuo predominante entre as estrelas.

— Onde estão Irene e Eddie? — perguntou Piet.

— Na cozinha, falando sobre poluição atmosférica.

— Como podem? — Depois de tudo isso, espero que você receba as confidências magoadas de Irene com um grão de sal.

— Bem, Ben está conversando com sua amiga ex-grávida, de modo que Irene teve de voltar para Eddie.

— Tudo isso é muito complicado. E, quanto à outra, ela é, sem dúvida, ex-grávida, mas nunca foi especialmente minha amiga.

— Eu estava brincando. Não resista. Descanse o corpo. Deslize.

— Estou detestando esta festa. Quando é que podemos ir para casa?

— Mas é o tipo de festa que você adora, Piet.

— Sinto que estamos insultando Kennedy.

— Nada disso. Até ontem ele era apenas o nosso presidente em Washington. Agora pertence a todos nós. Está aqui conosco. Não o está sentindo?

Piet olhou admirado para os olhos azuis dela. Havia em Angela uma permanente estranheza que, através de todas as desilusões, continuava a encontrá-lo. Percebendo isso, desgostou-se com essa sutil servidão, e ansiava por separar Foxy de Ben. Inabilmente, pisou no pé de Angela.

Ken e Janet começaram então a dançar, logo seguidos de Freddy e Irene. Em dado momento, Eddie Constantine aproximou-se como se fosse reclamar Irene, mas, em vez disso, virou-se e bateu no ombro de Piet para dançar com Angela. Piet foi então tirar Georgene, que estava encostada à mesa das bebidas.

Quando começaram a dançar, ela perguntou:

— Acha que ainda é muito cedo para o presunto? Compramos um pouco de salmão, mas nenhum católico apareceu.

Ele a acusou.

— Você e sua nobre discrição. Seu marido acaba de abrir o livro comigo.

— Freddy? Por quê?

— Por ter um caso com você.

— Não brinque. Aqueles tempos foram preciosos, ao menos para mim.

— Não estou brincando. Ele me afirmou que você disse tudo a ele. Posições, datas, fases da lua.

— É mentira! Nunca disse nada sobre nós, embora ele tentasse muitas vezes fazer-me confessar. É assim mesmo que ele age. Espero que você não tenha confessado nada.

— Não confessei, mas de simples obstinação. Calculei que ele sabia de tudo mesmo.

— Ele conversa muito com Carol e com Janet. Talvez alguma delas tenha-o feito sentir que sabe de alguma coisa.

— Tem certeza de que ele não sabe? Tem certeza de não ter dito a ele uma noite antes de adormecer, calculando que eu estava de qualquer maneira perdido e precisando enfrentá-lo com alguma coisa para compensar um caso que ele tivesse tido com Carol?

— Carol? Sabe disso?

Ele gostou de senti-la experimentar medo nos seus braços. Era uma dissolução do corpo quase indistinta da disposição sexual.

— Não. Mas ele está lá todo o tempo e Carol não é mulher de fazer muitas cerimônias.

— E você? — perguntou ela. — Você está mesmo perdido?

— Tenho de estar, uma vez que Freddy age como se soubesse.

— Ora, Freddy... Ele não quer saber de nada. Quer apenas que todo mundo pense que ele sabe de tudo. Mas se eu não valho nem essa dificuldade para você, não adianta dizermos mais nada, não é?

Mas não venha correndo para mim na primeira vez em que precisar variar um pouco de mulher.

Afastou-se abruptamente dele e Piet, vendo-a atravessar a sala, compreendeu que durante todos aqueles meses, mesmo com Foxy, ainda havia considerado Georgene sua amante.

Foxy estava do outro lado da sala dançando com Frank Appleby.

Marcia estava perto e, com ágil presteza, aconchegou-se ao peito úmido da sua camisa, perguntando:

— Que foi que houve com você, Piet? Não está divertido como de costume.

— Nunca procurei ser divertido.

— Mas era. Você se mostrava tão encantado de estar conosco na praia, na esquiagem, em toda parte. Agora nem se interessa mais, como se tivéssemos virado uma gente feia e idiota. É seu trabalho?

Que é que está fazendo agora, depois que terminou aquelas abominações em Indian Hill?

— Fomos salvos pelo gongo. Ainda na semana passada, iniciamos uma grande obra na rua Divindade. Levaram Gertrude Tarbox para uma casa de repouso e o banco de New Bedford ao qual a casa está hipotecada vai transformá-la em edifício de escritórios. Tiramos três caminhões cheios de números do *National Geographic.*

Dizer isso a Marcia o perturbou, porque estava trabalhando o dia todo na casa, sozinho, manobrando uma lixadeira mecânica e hipnoticamente fascinado pelo barulho da máquina e pelo desaparecimento de muitos anos de sujeira acumulada, só soubera do assassinato do presidente às três horas da tarde, quando Jazinski voltara de uma hora de almoço excepcionalmente longa. Ensurdecido pelo barulho, Piet deixara a bala transpassá-lo sem doer.

— Que necessidade há de mais escritórios em Tarbox? — perguntou Marcia irritadamente.

— Nem queira saber. A verdade é que há uma grande procura de salas no centro para companhias de seguros, pedicures, *etc.* Alcoólicos Anônimos vão instalar uma agência aqui. Isto aqui não é mais o lugarzinho idílico do tempo em que você veio para cá, Marcia. Já somos tristemente suburbanos.

— Piet, quando é que você vai-se separar de Gallagher? Frank e Harold falaram num almoço com um homem de Boston que conhece isto por aqui e afirma que Gallagher está a ponto de requerer falência.

Deve uma enormidade ao banco e continua a jogar. Se não tivesse feito negócio com as freiras, no verão, seria obrigado a suspender todos os pagamentos.

— Nem pense nisso, meu bem. Matt não pode perder. Vivemos num universo em expansão.

Para acalmá-la, para estancar-lhe o espírito crítico, ele desceu a mão para as nádegas dela que eram estreitas, empinadas e de reação pronta como as rodinhas na frente de um trator. A um toque de comando dele, ela aproximou mais o corpo de tal modo que os lá-

bios de Piet recuaram da aura fria de um brinco pendente.

— Como vai Frank? — perguntou ele.

— Na mesma. Talvez pior. Ir para a cama não o acalma mais. Ele precisa é de sair de debaixo daquela cadela neurótica.

— Ora, todos nós precisamos de sair de debaixo de alguma coisa.

— Eu não. Eu preciso de Harold. Para maltratar-me. Ele é belamente cruel.

— Belamente?

— E galante, à moda antiga. Eu sou dele, mas ele respeita a minha independência. Somos um belo par à antiga, não acha?

— Sim, como a Rainha Vitória e o Príncipe Albert. Mas vamos falar do meu caso. Não acha que preciso sair de debaixo de Angela?

— Ora, Piet, você morreria se não tivesse Angela.

Não teve resposta para isso e cantarolou na concha fria do ouvido de Marcia a música que vinha da eletrola.

Ela interpretou mal o gesto e encostou o corpo mais sinuosamente ao dele. Piet correu Os olhos pela sala à

procura de socorro. Ken ainda estava dançando com Janet. Freddy havia substituído Eddie como o par de Angela. Eddie e Irene estavam conversando, encostados à parede. Frank estava preparando mais bebida. Foxy tinha desaparecido. Doris Day estava cantando "Moonglow".

Harold, havendo percebido o olhar de Piet, aproximou-se e enterrou os dedos na carne oliva do braço de Marcia, dizendo:

— Estão falando agora em dar-lhe uma chama eterna. *Une flamme éternelle*. Pelo amor de Deus, ele não foi o Soldado Desconhecido nem nada. Foi apenas um político habilmente fabricado que pegou por acaso uma bala de um anônimo. *Chérie, est tu livre*?

Marcia, que tinha dormido sobre o corpo de Piet e tinha acordado, disse com voz rouca: — Estou.

— Então venha comigo. *Pardonnez-nous*, Piet.

Piet preparou o seu quarto martini. E Foxy? Estaria nos bosques? Onde é que estava Ben? Não estava dançando ali na sala. Ela estava para os judeus como uma mariposa para a luz. Os dedos de Ben, treinados em trabalhos de miniaturização, deslizando pelas coxas acima até chegar à pálida penugem. O clitóris, ondulando através de uma película leitosa, rosado como um rubi, molas em forma de amor-perfeito. Toda em sombrias distâncias sorridentes, Foxy se deitaria e guiaria. Ben, leonino, oculto numa moita de propriedade de Thorne. Além daquelas janelas, ela se abrira a outro amante.

Piet se voltou da janela cheio de dor e teve a impressão de que os pares estavam dançando sobre a tampa envernizada do caixão de Kennedy. Uma ilha de luz numa nação em luto. As aftas doeram, especialmente uma que estava bem na raiz do lábio superior e que a língua tinha de se esticar para alcançar. Uma confusão

de membranas assim nunca teria evoluído das algas sem alguma assistência. Deus nos deu uma mão.

Sentiu que devia tomar outro drinque. Não havia jantado e estava com o estômago vazio. O agarramento de Marcia o havia excitado. Meio-mastro, contido, mas engurgitado. Os rins davam sinal como o toque suave de um sino silencioso para que a bexiga fosse aliviada. O banheiro dos Thorne. Ali Georgene se lavava antes e depois. As pernas dela escorriam dele, devia dormir mais com Angela.

Ladrilhos hexagonais, papel higiênico azul, toalhas lilases... Ela saía do chuveiro nua, com o sexozinho com uma frescura de avenca.

Subindo a escada, olhou para a sala em penumbra onde algumas cabeças estavam vendo a repetição trêmula da retirada do caixão do bojo do avião. Ben estava ali, com o perfil prateado como o de um patriarca diante do Sinai nas gravuras da escola dominical. Roger e Carol juntos num pufe. Frank chupava um charuto no qual se sucediam os reflexos de luz enquanto o caixão virara viúva, a viúva virava Johnson, Johnson virava comentarista. Abutres. Foxy devia estar na cozinha. A porta do banheiro estava fechada. Bateu e ouviu-lhe a voz musical: — Um minuto.

— Sou eu — disse Piet e empurrou a porta. Ela estava sentada no vaso, com o vestido prateado levantado, assustada, com um papel azul na mão como um farrapo de céu. A pressão do assento oval lhe alargava as coxas claras e apertadas pelas ligas. Os bicos, mas não os saltos, dos sapatos tocavam os ladrilhos hexagonais.

— Eu te amo — saiu do fundo dele como um dente que lhe houvessem arrancado.

— É uma loucura você estar aqui — disse Foxy, num sussurro que reverberou no espaço ladrilhado. Em seguida, com incongruente deliberação, limpou-se, deixou o papel cair no vaso e, virando o corpo, sem se

levantar, desceu o cabo prateado da descarga. Foxy se levantou do turbilhão e concertou o vestido. Diante dele, ela parecia alta, levemente desafiante e hostil, com os lábios estranhamente manchados do novo batom rosa que estava na moda. Ele verificou se a porta estava trancada e passou por ela para urinar.

Depois de uma relutância inicial, o arco dourado se estabeleceu.

— Que alívio vê-la sozinha. Onde é que podemos nos encontrar?

Ela falou apressadamente, acima do barulho que ele fazia.

— Não sabia se você queria me ver. Tem andado tão afastado.

— Desde que seu filho nasceu, tenho tido muito medo de você.

Achei que era o fim para nós.

— Não é verdade. Só se você quiser que seja.

— O fato é que durante todo o outono tenho andado com medo de tudo. Da morte, de meu trabalho, de Gallagher, de minhas filhas, das estrelas. Toda a minha vida parece apenas uma longa descida.

— Mas não é. Você tem uma boa vida. Sua família, sua bela casa, eu, se você me quiser. Não podemos falar aqui. Telefone-me segunda-feira. Estou sozinha de novo.

Puxou a descarga, mas a caixa não estava cheia ainda.

— Espere. Quero ver seus seios.

— Estão cheios de leite.

— Eu sei. Só um instante. Preciso vê-los.

Escutaram para ver se havia passos na escada, mas nada ouviram. Só a música lá embaixo e o monólogo da televisão. Ela abriu a boca e a língua vermelha como um esturjão, tocou-lhe o lábio superior enquanto ela estendia a mão para trás, a fim de desabotoar. O

vestido e o sutiã se abriram juntos. Fruto.

— Oh, Deus!

— Sinto-me tão feia — disse ela, corando.

— Com tantas veias e tão repletos. E duros nas pontas aqui.

— Não os provoque. Tenho de ir para casa dentro de uma hora.

— Para amamentar?

— Sim. Que rugas feias você tem aqui. E aqui. Não feche tanto a cara, Piet. E cabelos brancos ! Estes são novos.

— Amamente-me.

— Não, querido!

— Amamente-me.

Ela cobria um seio, alarmada, mas ele se havia ajoelhado e pegou o outro com a boca. O fluxo grosso e lento foi a princípio enjoadamente adocicado. A luz forte do banheiro lhe queimava as pálpebras e parecia tingi-lo de um profundo rosa líquido até as pontas doloridas dos joelhos nos ladrilhos gelados. A mão de Foxy envolveu-lhe a nuca e ora o aconchegava mais ao seio, ora advertia, tocando-lhe a orelha, que ele a estava machucando. Piet abriu os olhos. O bico do outro seio saía como uma cereja dentre os dedos de marfim, fechados em proteção. Fechou os olhos. Jatos de leite roubado lavavam-lhe a língua, as gengivas. Ela brincava com os seus cabelos. Ele lhe acariciava as nádegas vestidas. Estava quase a afogá-lo em rosa.

De repente, bateram na porta sem trinco a apenas alguns centímetros deles. Ele abriu os olhos para a luz e viu a outra mão de Foxy, com anéis, receber a lactação do outro seio. Ela disse então, musicalmente como dantes:

— Um momento, sim?

A voz lúcida de Angela respondeu:

— Oh! Desculpe, Foxy. Não há pressa.

— Está bem — modulou Foxy, lançando a Piet um frenético olhar de interrogação. Os seios nus eram círculos gigantescos. Uma escrava cristã despida para ser torturada.

O corpo dele latejava de medo. As mãos se torciam como títeres acionados por cordéis, mas o cérebro tomava conhecimento da situação. Não havia outra porta. A cortina do banheiro era de vidro translúcido. Quem entrasse, não poderia deixar de ver-lhe o vulto.

Havia uma pequena janela cujo peitoril lhe dava à altura do peito.

Compreendendo que faria barulho ao abri-la, fez sinal a Foxy para abrir a descarga. Quando ela se curvou para tocar a haste prateada, a forma dos seus seios mudou, suspensos à frente com as pontas longas, gotejantes. Aberta a janela, firmou o pé na borda da banheira e se levantou para a janela. Havia árvores daquele lado da casa, mas nenhuma suficientemente próxima para que pudesse agarrar-se a ela. Compreendeu que devia sair pela janela com os pés para a frente e deixar-se cair. Foxy abriu as duas torneiras da pia para abafar qualquer barulho. Olhou-a e imaginou que ela sor-ria enquanto enxugava os seios com uma toalha e fechava o vestido.

Ficou em pé na escorregadia borda da banheira e passou a perna pelo peitoril da janela. Em seguida, apoiando as mãos no alto do radiador, conseguiu passar a outra perna também. Deslizou o corpo pelo telhado, sustentando o peso apenas com as mãos. Tinha de deixar-se escorregar. Poderia haver pregos naquelas ripas onduladas.

E a altura? Três metros a três metros e meio. As casas velhas costumavam ter o pé-direito alto. Largou-se. Cair foi a princípio um sussurro, depois o choque com o chão. O contrário de um toque de harpa. Bateu com os calcanhares na grama endurecida pela geada.

Deu uma cambalhota para trás, preocupado em não manchar o *smoking* quando devia dar graças a Deus por não ter fraturado algum osso.

Acima dele, um rosto rosado desapareceu e uma janela foi fechada.

Estavam salvos. Ficou sentado na grama, sentindo os pés doerem.

Da sombra da árvore mais próxima, uma voz de mulher se fez ouvir.

— Que espetáculo, Piet! — Era a voz de Bea Guerin.

— Que belo tombo! Fiquei impressionado — disse Ben Saltz ao lado dela.

— Que é que vocês dois estão fazendo aí? — perguntou Piet, levantando-se e limpando as roupas.

— Ben me trouxe até aqui para ver um satélite em que ele miniaturizou alguma coisa — disse Bea.

— Ora, um pequeno elemento apenas. O meu antigo grupo o desenvolveu, talvez com duas ou três idéias minhas. Pensei que iríamos ver passar agora, mas só vimos foi uma estrela cadente.

— Tão bonito — murmurou Bea. — Foi uma claridade azulada como um fósforo riscado. Depois, mais nada. Desde menina que não vejo um cometa.

— Não foi cometa — disse Ben. — Apenas um meteoro, um pedaço de matéria inerte, que se queimou por atrito em contato com a nossa atmosfera. Os cometas são incandescentes e têm órbitas elípticas.

— Oh, Ben, você é formidável, sabe tudo, não acha, Piet? Mas aqui entre nós, que era que você e Foxy estavam fazendo?

— Por que Foxy?

— Por que a vimos fechar a janela.

— Tem certeza de que era Foxy? Eu pensei que fosse Angela.

— Angela coisa nenhuma. Então eu ia me enganar com aqueles belos cabelos cor de mel de Foxy? Estavam-

se amando? Dentro do banheiro?

— Puxa, é preciso ter nervos de aço — disse Ben. — E corpos bem acolchoados. Já tentei fazer isso num bote e desisti. Francamente, não é meu estilo.

— É claro que não estávamos fazendo nada disso! — exclamou Pi-et, irritado. — Vocês dois são grotescos.

— Por que fica assim? Todo mundo sabe de você e de Foxy — disse Bea, com a mesma voz queixosa com que lamentara a morte de Kennedy. — Seu caminhão fica parado lá uma porção de tempo. E todo mundo acha isso bom.

— Meu caminhão não tem estado lá há meses.

— Também, no estado dela, o que era que você queria?

— É uma coisa que eu nunca aceitei, sabem? — disse Ben. — A proibição da cópula durante a gravidez. Creio que isso acabará sendo uma superstição pseudomédica, como era há trinta anos a idéia de que era anti-higiênico amamentar os filhos.

— Fique descansado, Piet — disse Bea. — Não contaremos a ninguém o que vimos, salvo a Roger e a Irene.

— E a quem é que devo dizer que vi você e Ben esfregando-se aqui?

— É da regra que você só pode dizer a uma pessoa, mas não a Angela, porque ela dirá a Freddy Thorne e então todos ficarão sabendo.

Quando os três voltaram juntos para a casa, Doris Day estava cantando "Stardust". Angela descia do banheiro e perguntou:

— Onde era que vocês estavam?

Piet respondeu:

— Ben nos levou para mostrar lá no alto uma estrela feita por ele, mas não conseguimos ver nada.

— Estavam olhando para o céu embaixo das árvores? Estavam fazendo tanto barulho que eu os ouvi do

banheiro.

Piet se afastou. Tinha perguntas a fazer a todas as mulheres.

Sentia ainda na boca o gosto enjoado do leite.

Foxy estava na cozinha conversando com Janet, que se virou de costas para que os dois amantes pudessem conversar.

— Tudo OK? — perguntou ele a Foxy.

— É claro.

— Foi imaginação minha ou você estava rindo de mim?

— Ora, você estava frenético. Era como uma comédia do cinema mudo. Teve medo de Angela. Por quê? Afinal de contas, ela só iria encontrar o marido dentro do banheiro com outra mulher. Não seria o fim do mundo. Talvez você me estivesse ajudando a tirar um cisco do olho.

Piet recorreu às suas exaustas reservas de indignação moral.

— Não posso compreender que você tenha rido de mim. Com todo o nosso amor em jogo.

— Escute, é melhor pararmos. Freddy Thorne está com cada olho enorme para cá e aí vem Harold Pequeno.

Harold apareceu e disse, continuando uma conversa iniciada em outra parte:

— Se eu acreditasse no Senhor Jesus onipotente, diria que isso foi um castigo por ter ele deixado entregue à própria sorte o nosso mais firme aliado no sudeste da Ásia só para agradar a uma esquerda de invertidos neste país. *La gauche effeminée.*

— Oh, Harold — disse Foxy —, não fale assim como se estivesse imitando o Cardeal Richelieu. Você pensa que nós o acharemos inteligente se for para a direita. Nós já o chamamos inteligente agora.

— Harold — perguntou Piet —, já pensou em pedir a mão da jovem viúva? Você e Madame Nhu fariam um par

formidável. Ambos têm uma maneira muito enérgica de expressar-se.

— E ambos falam francês — acrescentou Foxy.

— O ruim com essa *merde* de país é que não há um meio respeitável de não ser liberal.

— Ora essa — disse Piet. — Eu não sou liberal. Olhe para os corretores seus colegas. Fazem chantagem com os pobres e servem aos ricos. Que é que há de liberal nisso?

— São idiotas. *Idiots*. Você nunca se aventura longe deste paraíso bucólico e não sabe como são imbecis. Só se interessam na verdade pela diferença que há entre dirigir um Buick e um Cadillac.

– Horrível — disse Piet, e vendo Carol sozinha junto à harpa sem cordas, aproximou-se dela.

— Que foi que você andou dizendo àquele tal de Freddy Thorne?

— Não sei, mas uma coisa vou-lhe dizer, Piet Hanema. Foi ele a única pessoa que continuou a procurar-nos depois que vocês todos deram o gelo a mim e a Eddie por causa da pobre Irene. Pobre Irene, uma ova. Você viu como ela levou Eddie para a cozinha logo que chegou aqui?

— Vamos dançar, beleza.

Doris Day estava cantando "Under a Blanket of Blue". As costas de Carol sob a mão de Piet eram nuas, flexíveis e expressivas da imensa facilidade com que ele na cama poderia enlaçar nos braços e saciar a nudez daquela nervosa dançarina. O seu polegar tocava na aresta de uma das omoplatas e a palma se estendia úmida sobre o espinhaço da coluna. As pontas dos dedos sentiam os gordos inícios dos lados dela que desciam, ganhavam músculos e se tornavam o centro do mundo e o trono contra os golpes no qual até uma mulher frágil é ampla e forte. Com a sua fluidez vestida, Carol estava-se entregando, pastando no corpo dele. Os corpos das

mulheres são co-mo peças de um jogo de armar, que podem ajustar-se ou não, conforme elas queiram. Carol moveu imperceptivelmente o ângulo da bacia até que ele sentiu o pênis acariciado. Esfregou-se de leve de um lado para outro e dobrou o pescoço para que ele pudesse ver-lhe os seios. Soprou no ouvido dele. A música parou e ela se separou dele, dando um suspiro. Murmurou: "Você é um cachorro" e afastou-se, nua da nuca à cintura. Sereia. Escorrega das mãos como um pedaço de sabão.

Cachorro mesmo. Quando lhe tinham dito na universidade, ao chegar tarde de um encontro com uma pequena que lhe deixara a boca seca, as cuecas molhadas e os dedos vivos com o cheiro de maré baixa de uma vagina, que os pais tinham morrido num desastre, ele pensou que se tivesse estado lá, se estivesse em Grand Rapids, fosse por que fosse, a sua presença teria alterado o conjunto de circunstâncias o bastante para que seu pai e sua mãe não morressem. Do mesmo modo, sentira-se culpado da morte de Kennedy, quando Jazinski lhe dera a notícia. Subitamente velho, procurou uma cadeira. Sentia o joelho doer.

Ainda mancando, fez uma visita a Foxy na terça-feira seguinte, quando a nação retomava a sua vida normal. Os três dias de onipresente luto haviam passado para aqueles casais de Tarbox como três feriados tensos, cada qual com o seu estilo próprio. Todas as tardes os homens jogavam futebol *touch* no campo atrás da casa dos Appleby, enquanto as mulheres e as crianças permaneciam na casa, vendo televisão na biblioteca. Durante os longos trechos sem interesse das cerimônias de Washington ou das autópsias de Dallas (Piet e suas filhas, chegados da igreja, estavam vendo televisão quando Oswald foi morto; Ruth voltou-se calmamente e perguntou: "Isso foi de verdade?", ao passo que Nancy em silêncio levou o de-do à boca), algumas das mulheres saíam, arrumavam-se no feno de Frank e ficavam vendo

os seus homens jogarem, afogueados e pedindo a bola aos gritos. Depois do jogo, naquele longo fim de semana, os homens e as crianças bebiam sidra em copos de papel e havia uma corrida geral para junto da televisão, enquanto se tomavam coquetéis e as crianças esgotavam os estoques de biscoitos, passas e maçãs de Janet. Repetidamente, como os pensamentos giratórios de uma noite de insônia, Haile Selassié e De Gaulle marchavam pela Avenida Pensilvânia, uma dançarina de *strip tease* dizia que Jack Ruby tinha às vezes um temperamento violento, Lee Oswald, sorridente, era levado por um corredor cheio de gente onde o esperavam um chapéu enterrado até os olhos e câmaras que funcionariam louca-mente. A viúva e um dos irmãos passavam tão perto da câmara que as imagens ficavam turvas ao lado de uma área indeterminada de flores e terra. A cúpula aparecia diante ao sol do sul. Entre rufos de tambores, o caixão brilhava e desaparecia. As crianças começavam a chorar, provocadas pelas outras. Outro drinque? Estava na hora de ir para casa. O espaço nos carros quando voltavam para casa era repleto de perguntas que não tinham sido feitas, com o indizível problema do assassinato de um rei, com um desagradável terremoto para as crianças, com um aperto esquisito no estômago que só parava com o sono. A escola e a terça-feira chegaram como um alívio.

Piet parou o seu caminhão bem à vista na entrada de carros. Os lilases dos Whitman estavam sem folhas e os olhos de Piet doeram com a luz. Foxy abriu a porta ao segundo toque da campainha.

Parecia delicada, como que recuperada de uma doença ou como se tivesse acabado de torturar-se com um banho excessivamente quente.

— É você? Que bom!

— É mesmo? Está sozinha? Vim ver o garoto.

— E a mim não?

Logo que entrou, ele a tomou nos braços e abraçou, como se não houvesse garoto, como se não houvesse no mundo inteiro ninguém se-não eles. Sob o seu grosso vestido de casa, entre os seios erguidos e a bacia ossuda, um vazio indefeso se estendia sobre a lembrança da barriga crescida. Um leve som, menos choro do que o arranhar de algum portal de necessidade, elevou-se na sala. Foxy abraçava-o numa atitude de choro e ele, num reflexo, baixou a cabeça para beijar-lhe o pescoço. A língua e os dedos dela, como que libertados da timidez da longa ausência, tentaram timidamente alcançá-lo, mas, cegos como abelhas numa nuvem de fumaça, se encaminharam para os lugares mais absurdos — o queixo de barba crescida, um olho que mal teve tempo de fechar-se...

Ele disse a ela:

— O menino está chorando.

Foram juntos até o berço do bebê na sala.

— Como se chama? — perguntou Piet.

— Você deve saber.

— Angela me disse, mas eu me esqueci. Lembro-me de que pensei que era um nome muito antiquado para um casal tão moderno.

— Tobias.

— Não é o nome do gato?

— Não, o gato é Cotton. Tobias foi o avô de Ken.

— Por que não lhe deu o nome do pai de Ken?

— Ken aparentemente não gosta do pai.

— Pois eu pensei que o pai fosse perfeito, o perfeito advogado de Hartford.

— E é. Foi uma surpresa para mim.

— Ken é cheio de surpresas de vez em quando, não é? Eu o acho fascinante.

— Está procurando fazer propaganda de Ken comigo?

— Por que estamos discutindo, Foxy?

— Não sei. O bebê o aborrece.

— Amo o bebê. E amo você como mãe.

— Mas não mais como amante?

— Bem... — murmurou ele, sentindo o embaraço roer-lhe o estômago —, você ainda não pode, não é?

— Não posso ter contato ainda por duas semanas. Mas penso que uma pequena prova de afeição é possível. Por que está tão remoto?

— Acha? — Como poderia ele dizer-lhe da quietude que encontrara ali, da lagoa enchendo as janelas, da aura de pérola em torno do menino, da graça contida e seca de Foxy, como se estivesse limpa de sono e de egoísmo, daquele casto ar encantado e da supersticiosa relutância que ele sentia em contaminá-lo? — É que eu penso que talvez não tenha direito algum a estar aqui agora.

– Por que não agora? Que direito teve alguma vez? Nunca fui sua mulher. Você me procurava para uma cópula extraconjugal. Eu gostava, consentia e achava bom. E agora? Será que fiquei suja por ter um filho?

Piet sentia que ela também gostava muito de falar com essa aspereza, que era alguma coisa que renascia nela, a pretexto dele, do mais profundo da sua experiência. Tobias continuava nos braços dela. A voz da mãe tinha-o embalado e ele dormia. Piet gostou daquela falta de jeito materno, da sua confiança já displicente de que o filho era dela para ser cuidado.

— Como pode me querer? — perguntou ele. — Você tem essa criaturinha maravilhosa e tem Ken, que foi que o deu a você.

— Ele não gosta do menino.

— Impossível.

Foxy começou a chorar.

— Eu meto medo a ele, sempre meti. Não o culpo. Sou um fracasso, Piet.

— Não diga isso — murmurou ele, sentindo-se obrigado a passar os braços em torno dela e do menino e

a dizer: — Você é linda.

Os soluços dela não passaram.

— Não gosta de falar comigo?

— Claro que gosto.

— Não gosta mesmo de falar comigo? Não quer nada comigo senão ir para a cama? Não pode esperar por mim mais umas semanas?

— Por favor, Foxy. Não seja bobinha.

— Tive medo de tomar éter porque poderia gritar seu nome. Ando pela casa dizendo "Piet, Piet" a esta inocente criança. Arrastei o pobre Ken para aquela horrível festa só para ver você e você ar-riscou a vida para não ser visto comigo.

— Deixe de exagero. O risco não foi tão grande assim. Fiz aquilo para me proteger tanto quanto a você.

— Ainda está machucado da queda.

— Não. E do futebol que joguei nestes dias.

– Ó, Piet, estou começando a reclamar de você. Não me deixe ainda. Você é a única coisa real que eu tenho. Ken é irreal. Essa lagoa é irreal. Eu mesma me sinto irreal. Só existo para cuidar desta criança. Para isso é que fui posta aqui e isso me enlouquece.

— Acalme-se — disse ele. Mas sentia raiva e estava tão deprimido que não pôde explicar que continuarem a encontrar-se seria tão mau quanto dantes fora bom. Tinham tido entrada na sala de brinquedos de Deus e tinham sido felizes no chão durante toda a tarde, mas tinha chegado a hora de guardar os brinquedos nas caixas e colocar as cadeiras no lugar.

As noites perto do Natal são movimentadas no centro de Tarbox, com as estrelas de papel prateado e as coroas enchendo as vitrinas e as silenciosas figuras do presépio no coreto. Naquele ano, com as bandeiras ainda a meio mastro, algumas lojas — a joalheria, a padaria sueca — tinham-se abstido de apresentar as habituais exposições. Nas lojas de preço fixo, brilhantemente iluminadas e

onde as músicas de Natal soavam sem remorso, Piet, que procurava com as filhas um presente para Angela, encontrou-se com Bea Guerin no balcão das velas. Ao vê-la, o coração bateu mais forte e as mãos caídas latejaram. Ela se voltou e viu-o. O sorriso instintivo se aprofundou ao perceber a exagerada alegria com que ele a via.

Ruth e Nancy prosseguiram incertamente por uma ala de aparelhos para cozinha. Piet deixou-as. Sabia que se decidiriam por meia dúzia de toalhas para pratos e por um objeto qualquer que estaria perdido ou quebrado no Ano Novo.

Inocente de crianças, Bea parecia estranhamente jovem e imaculada. Mais do que jovem, parecia desprendida de todos os laços.

Piet aproximou-se dela e perguntou acusadoramente:

— Velas?

— Roger gosta. Eu não. Tenho medo de um incêndio.

— Por que vive numa casa de madeira? Todos nós vivemos...

— Gosta até de velas de verdade na árvore porque era assim que se fazia na casa dele.

— Por falar em sua casa... — disse Piet, sentindo que começava a ficar vermelho, dentro da loja cruelmente iluminada —, não sei se se importaria que eu um dia destes, de manhã ou de tarde, fosse inspecionar o trabalho de remodelação que fiz? Há algumas coisas lá que eu gostaria de ver como ficaram com o correr do tempo.

— Ainda não notei qualquer diferença. Mas só dará prazer em aparecer lá para ver.

— Diga-me qual seria um bom dia.

— Hoje é quinta-feira. Vamos deixar para depois do fim de se mana. Segunda-feira?

— Terça seria melhor para mim. Segunda é o meu dia de acertar as contas. Às dez?

— Nunca antes. Não sei o que há comigo. Não consigo mais me vestir muito cedo.

Nesse momento, Ruth apareceu, trazendo pela mão a lacrimosa Nancy e Piet notou surpreso que sua filha mais velha estava quase tão alta quanto Bea. Enquanto o pai olhava para outros lados, ela tinha abandonado o reino da miniatura. E, àquela luz forte, viu também que o rosto dela, embora ainda de uma criança, tinha já a qualidade vaga, a contida interioridade de uma mulher.

Ao lado dele, Bea, como se tivesse agora licença para saber-lhe os pensamentos, murmurou:

— Ela vai ser grande como Angela.

Na festa da véspera do Ano Novo que os Hanema deram, Foxy perguntou a Piet:

— Quem é ela?

— Ela quem?

Estavam dançando na sala colonial que era pequena demais para isso. Empurrando para o lado as cadeiras e as mesas, Frank Appleby e Eddie Constantine tinham arranhado um pouco os lambris. As velhas tábuas de pinho estalavam com o peso pouco habitual dos pares que dançavam e Piet receava que todos eles fossem acabar caindo no porão. A idéia da festa tinha sido mais de Angela do que dele. E-la, que ultimamente se mostrava mais arredia dos amigos do que ele, parecia apreciá-los mais. Conseguira até convencer a pobre Bernadette Ong a ir a festa, sozinha, embora John ainda estivesse no hospital.

— A mulher que tomou meu lugar — disse Foxy. — Sua atual amante.

– Isso é coisa que não existe, Foxy.

— Ora, eu conheço muito bem. Ou Angela ficou de repente mais apaixonada?

– Apaixonada não, mas tem sido mais amável ultimamente. Acha que ela tem um amante?

— É possível, mas não me interessa. A única pessoa que me interessa em Tarbox é você. Por que não me telefona mais?

— É o Natal. As crianças, com as férias, não têm ido à escola.

— Ora, as crianças... Elas não o atrapalham durante todo o verão.

– Há mais uma agora. — Ele receou tê-la ofendido, ter sido por demais rude. Bateu-lhe afetuosamente nas costas rígidas. — Não aprecia mesmo nenhuma das suas amigas? Você gostava de Angela.

— Era quando eu estava começando a amar você. Agora não a tolero. Por que ela deve ser dona de você? Ela não o faz feliz.

— Você é uma mulher implacável.

— Sou mesmo.

Ela baixou as pálpebras e continuaram a dançar. Aquele corpo, com as suas plácidas planuras e as intratáveis durezas, era obscuramente dele, uma posse difícil de avaliar naquele momento em que a jóia da barriga desaparecera.

Disse, afinal:

— Acho que podemos conversar. Seria bom ver você.

Perfídias sobre perfídias que se amontoavam e articulavam.

— Estou em casa todo o tempo.

— Ken vai voltar a trabalhar na segunda-feira?

— Ele nunca pára de trabalhar. Foi a Boston todos os dias durante as férias, menos no dia de Natal.

— Talvez esteja vendo uma mulher.

— Eu bem que gostaria. É uma coisa que eu mereço. Mas acho que ele só vai ver uma célula.

Ele riu e disse:

— Estou morrendo de vontade de ver você, mas tenho receio de ser uma decepção. Não espere demais. Conversaremos apenas.

— É claro. Não se pode copular com uma jovem mãe.

— Creio que você me interpreta mal sobre isso deliberadamente.

Adoro seu filhinho.

— Não tenho a menor dúvida disso. É a mim que você não ama.

— Amo, amo demais. Estava tão profundamente em você, amava-a de maneira tão terrível que tenho medo de voltar. Creio que isso nos foi dado como um presente e que insistir será tentar o destino. Penso que esgotamos a nossa sorte. E porque amo você, não quero que você sofra.

— Está bem, mas chega. Freddy e Georgene estão olhando.

A música chegou ao fim. Piet afastou-se de Foxy, satisfeito de livrar-se dela, embora ela parecesse, sozinha com o seu vestido pelos joelhos da cor de talos recém-cortados, a menina tímida de Maryland, comprida e jovem, que ela lhe havia descrito muitas vezes e em quem ele nunca acreditara.

Ouviu na cozinha a voz clara e queixosa de Bea, que contava alguma anedota e o chamava. Mas no estreito corredor Bernadette Ong o bloqueou.

— Quando é que vai dançar comigo de obrigação, Piet?

Ele tomou um tom grave.

— Bernadette. Como vai John? Quando é que ele volta para casa?

Ela estava bêbada porque deu um passo à frente e esbarrou nele.

— Quem sabe? Os médicos não estão de acordo. Uns dizem que talvez saia em breve. Outros dizem que não. Com o seguro do governo cobrindo tudo, talvez fiquem lá para sempre com ele.

— Como é que ele se sente?

— Ele não liga. Tem os livros. E fala pelo telefone com Cambridge.

— Isso é bom, não é?

— Não sei, Piet. Não o quero de novo em casa como ele estava, passando as noites sem poder respirar e assustando os meninos.

— E era assim?

Bernadette, com o corpo enrolado em seda, uma pequena cruz de ouro, ouviu um disco começar na eletrola e abriu os braços. Piet viu o marido moribundo dentro dela como uma larva num casulo. Passou rapidamente por ela e encaminhou-se pela escada.

— Já vou descer. Parece que ouvi uma criança chorar.

Lá em cima, cativo da sua mentira, entrou no quarto onde as filhas dormiam. Lá embaixo, as vozes de Angela e de Bea estrondavam e se revezavam. Sua esposa e sua amante. Na cama, Bea tinha-o extasiado, com a pele açucarada, granulosa, as solas dos pés frias, o aperto líquido e leve da vagina, uma furtiva estreiteza abrindo-se para uma vastidão onde o seu sêmen se perdia. Com os olhos empapuçados fechados, ela lhe chupava os dedos e assim foi penetrada duas vezes. Ela parecia flutuar na sua cama num nível de felicidade pouco alterado pela chegada ou saída dele e assim lhe impunha um desafio. Afinal, confessava que ele a estava machucando ou enrolava o dedo atrás da orelha dele a fim de agradecer-lhe.

Era a menor mulher que já tivera, a mais passiva e a mais remota, nesses momentos de ânsia, de qualquer palavra ou de qualquer pergunta. Ele se sentia como todas as respostas. Quando chegava afinal a hora em que ele se retirava, ela se enrolava rapidamente num roupão de banho, mostrando numa fração de segundo os seios e as nádegas suspensos como líquido colhido numa pele muito fina. Ecto-plasma.

Deitou-se onde a respiração das duas filhas se cruzava. A de Nancy era úmida e quase inaudível. Poderosa queda através do silêncio. A frágil teia dos átomos fiando-se. O ratinho na sua roda celestial. Ali. Isso. É. A de Ruth, mais profunda, renovava-se com segurança, aproximava-se da forte aspiração de um adulto. Um barco viajando rio acima. Todo o vapor. Dentro em pouco rapazes. Brincadeiras de banheiro, desenhos tentando bustos: adolescência. Quando ela foi Helen Keller num espetáculo da escola, esbarrava nos mó-

veis pela casa com uma venda nos olhos e não havia jeito de fazê-

la tirar. Amedrontava-se. Devia ser. Tão brava no coro e tão amo-lada. A respiração crepitou, e acelerou o ritmo. Um sonho. Agachou-se mais entre as duas camas e segurou-lhe a cabeça. A respiração se normalizou. A cabeça mudou de posição. Bela adormecida.

Maçã envenenada. Sou o seu único amor. Todos os que vierem me repetirão, serão ecos meus. Sombras. Sono.

Um tiro ao longe. Embaixo, seus amigos cantavam "Auld Lang Syne". Embora o seu lugar como dono da casa fosse junto deles, Piet ficou onde estava, esperando até que o barulho cessasse e ele pudesse recolher de novo o fio frágil da respiração de Nancy e o sussurro testemunhal da neve do lado de fora das janelas.

A visita a Foxy foi uma decepção. Era uma segunda-feira de inverno de um vento que doía nos ouvidos. O caminhão se sacudia na estrada da praia e o rádio através da estática dizia que o Papa Paulo VI quase fora atropelado pela multidão em Jerusalém. A casa estava fria. Foxy usava um suéter grosso, camisola de flanela e sandálias de peles. Movia-se e falava bruscamente, zangadamente, como para aquecer-se.

— Quer um pouco de café? — perguntou ela.

— Quero, sim.

— Estou gelada. E você?

— O termostato está aberto?

– A fornalha fica acesa o tempo todo. Não está ouvindo o barulho? Fico pensando a todo tempo que vai explodir.

— Mas não vai.

– Um amigo de Ken que construiu uma casa em Cape Cod acha que erramos em não escavar um porão completo debaixo da sala.

— Isso custaria no mínimo dois mil dólares mais.

– Valeria a pena. Pense na gasolina que eu gasto indo fazer visitas em Tarbox para me aquecer. Janet, hoje: Carol, amanhã. Fi-co sabendo de todas as sujeiras.

— Quais são as sujeiras?

— Não há muitas. Creio que todas nós estamos cansadas. Janet se mostrou muito curiosa sobre a infância de Ken e Carol pensa que você está se encontrando com Bea Guerin.

— A doce Carol.

— Venha tomar café na cozinha. Lá está melhor.

— Acho que devíamos ter adotado outra combinação de janelas, pelo menos para o inverno. Mas neste caso as janelas teriam de ficar trancadas.

— E que iria ser da vista de Angela?

O tom sem humor fê-lo recordar-se dos tempos em que ela, nos seus braços, falava do duplo roubo, do homem e da casa de Angela.

Na cozinha menos fria, onde os Whitman tinham instalado de novo o aquecedor elétrico, ela disse:

— Você acharia graça se me visse à noite com Ken de um lado e Toby, do outro. É só assim que posso sentir um pouco de calor.

Embora ele soubesse que ela tinha a intenção de provocar-lhe ciúmes, sentiu ciúmes, imaginou-a deitada

entre o marido e o filho. Sabendo que o interesse dele pela criança a irritava, ele perguntou:

— Como vai o jovem?

— Crescendo. Tem dois meses e já se parece com o pai de Ken. O

mesmo riso judicial.

Ela lhe deu o café numa caneca sem pires como a um trabalhador. Ela o olhou atentamente e disse:

— Dois meses são mais do que seis semanas.

Ele compreendeu ao fim de algum tempo a significação das seis semanas.

— Ah, sim. Mas você quer? Comigo?

— O que é preciso saber é se você quer comigo.

— Claro, claro que sim. Eu amo você. Evidentemente. Mas devemos? Começar tudo de novo. Palavra que isso me amedronta. Já não pagamos a nossa dívida à sociedade? Desistir de você uma vez foi um sacrifício bem grande.

Receou que ela fosse ironizá-lo. Mas ela assentiu solenemente com a cabeça e perguntou ao fim de algum tempo:

— Eu o amedronto?

— Você não. Mas não seria direito agora.

— Está bem. Então pode ir. Vá-se embora, Piet. Obrigada por tudo. Foi tudo ótimo.

— Não faça isso. Não seja cruel.

Estava esperando que ela chorasse e sentiu de repente os olhos molhados.

Ela assumiu o papel principal.

— Não sei como deve agir uma amante abandonada. Não nos ensinam isso em Radcliffe. Talvez eu tivesse escolhido os cursos errados. Da próxima vez, procurarei ser melhor.

— Não faça isso — pediu ele.

— Não faça o quê? Não faça uma cena? Não seja uma cadela? Tudo o que o pobre homem trabalhador fez foi

chegar aqui, fazer-me tirar as calças e apaixonar-me por ele. Agora, não crie problemas para o inocentinho, não atrapalhe a vida dele. Está bem, Piet. Não farei nada disso. Pode ir. Volte para Bea. Volte para Georgene.

Volte para Angela. Pouco me importa!

Ela não chorava e ele tinha de fazer alguma coisa para sufocar as faíscas que saíam dos olhos dela e o estavam aniquilando.

— Não podemos... agora?

— Como? Mais uma vez, como um favor? Não estou tão necessitada assim.

Mas a integridade dos olhos dela tinha sido quebrada e ela estava a ponto de chorar. Ele ouviu a própria voz tornar-se direta e quente, estendendo-se para as reservas de sombra que ele e Foxy tinham partilhado.

— Quero esfregar-lhe as costas e saber do seu bebê.

Ela alisou a pele embaixo dos olhos.

— Acho que tem razão a nosso respeito — disse ela. — Só não quero é saber exatamente quando isso acontecerá.

Ela o estava libertando e aquele era o mais gracioso dos seus dons. Sabia que daí a uma hora estaria livre e com a consciência tranqüila.

— Não é melhor subirmos? — perguntou ele. — Precisaremos de cobertas.

— É preciso deixar a porta aberta, para ouvirmos o menino. Está dormindo no quarto dele.

Lá em cima estava mais frio ainda. Ficaram meio vestidos na cama. Ele passou as mãos pelas costas e pelas nádegas dela até que ela pareceu adormecida. Mas, quando ele parou, ela se voltou para ele e perguntou, como se pudesse haver uma recusa:

— Você não quer vir dentro de mim?

— Terrivelmente.

— Delicadamente.

Ela tinha sido distendida pela criança. A preciosa estreiteza virginal tinha desaparecido. Beijou-lhe os seios, embora um cheiro de leite azedo o perturbasse. Ela lhe afastou o rosto. Devia guardar-se para o filho. O longo corpo abaixo dele parecia rígido, masculino.

Um peso caiu sobre a cama e Piet sentiu um baque no coração. O

rosto de Foxy abriu-se num sorriso. Era o gato, Cotton. Ronronando, o animal aninhou-se complacentemente na depressão das cobertas entre as pernas dos amantes. "Tenho dois amantes", murmurou Foxy.

Mas o medo se acendera em Piet e o seu clarão iluminava o mundo —

o escritório de Gallagher & Hanema, a casa colonial em Nun's Bay Road, a inconfundível camioneta parada em frente à casa dos Whitman. Tinha de apressar-se. Perguntou a ela:

— Acha que vai conseguir?

— Creio que não. São muitas emoções.

— Posso então?

Ela fez um sinal de assentimento rígido e ele acabou com algumas estocadas rápidas, abraçando-a durante o tremor com que ela recebia o seu orgasmo e que ele a princípio confundira com o dela.

Ela o olhou e perguntou:

— Já?

— Eu sei. Sou muito egoísta no amor. Tenho de ir.

Vestiu-se rapidamente para evitar a discussão e a recapitulação que ele sabia que ela desejava. Era bom que a última não tivesse sido boa para ela. Via agora que a demora dela sempre fora uma espécie de cobiça. Quando abriu cuidadosamente a porta, o menino começou a chorar.

Talvez naquele dia ele tivesse descoberto um tesouro de crueldade em si mesmo, porque, sozinho com Bea mais tarde naquela semana, bateu nela. Ela estava

acima dele de quatro pés como um mamífero, os seios balouçantes e, como para marcar um limite à felicidade, ele havia agarrado as nádegas, os lados flácidos e, virando-a para baixo dele, tinha-lhe esbofeteado as faces com força suficiente para deixar uma marca. Vendo-lhes os olhos incrédulos, batera novamente nela para banir todas as dúvidas e estabelecê-los firmemente nessa nova fronteira. Já a havia explorado passivamente em todas as posições. As bofetadas distraíram-no e ele viu que tinha achado um novo método de prolongar o tempo em que poderia habitar uma mulher.

Bea fechou os olhos esperando outra bofetada e, quando ela não veio, arregalou-os com a surpresa do reconhecimento.

— É isso o que Roger faz.

— É o que dizem.

— Pensei que fosse porque ele não podia copular normalmente, porque eu não era capaz de excitá-lo de outra maneira. Mas com você não é assim.

— Não, a causa é você. Você é um convite. É um belo buraco branco onde a gente pode jogar tudo: esperma, socos, cuspe.

Cuspiu entre os seios dela e levantou o braço como se fosse dar-lhe um soco.

Os olhos dela, tão claros que quase não tinham um traço de azul, se arregalaram de alarma e ela virou a cabeça para o lado no travesseiro.

— Às vezes, penso que sou maluca — murmurou ela. — Provoco os outros à violência. Eddie me torce os pulsos o tempo todo. Por favor, Piet, prefiro que não faça isso. Sirva-se de mim, mas não me maltrate, salvo se for absolutamente necessário. Na realidade, não gosto disso. Talvez fosse melhor gostar.

— Sim, eu sei que você deve odiar isso — disse Piet, escondendo o rosto nos cabelos de Bea. — Perdão.

Estava, entretanto, satisfeito, porque, insultando-a, havia fortalecido a base do seu amor, dando ao seu coração um ponto de apoio para pular. Amava qualquer mulher com quem se deitasse, mas com cada uma delas o seu coração era mais intimidado pelo contra-golpe do tempo. Agora, com Bea, fizera um ativo de culpa e podia arremessar-se com segurança no lago tranqüilo do seu corpo e da sua cama. Bea chupou-lhe os dedos e a sua boca inferior se abriu até que ele se perdeu completamente e experimentou um orgasmo estranho, como uma osmose sem crise, um fluxo de luz sobre os tetos cobertos de neve. A morte não mais parecia temível.

O telefone tocou e ele soube com surpresa que era Foxy. No mês decorrido desde o coito insatisfatório na casa fria, ela havia telefonado e eles mal se haviam falado nas festas.

— Gallagher está aí, Piet? — perguntou ela.

— Está sim.

— Pode sair e ligar para mim de um telefone público?

— Agora?

— Por favor, Piet. Preciso falar com você.

A voz dela tinha claramente um tom de irritação e ele imaginou que estava com um lenço amarfanhado entre os dedos.

— Está bem.

Saiu para a rua e entrou numa cabina telefônica em que havia um cheiro de galochas. Ligou o número dos Whitman e ouviu o telefone chamar três, quatro vezes, sem ser atendido. Imaginou que Foxy se havia suicidado e lhe telefonara nos últimos momentos de consciência, caindo então em coma enquanto a criança chorava abandonada.

— Alô — disse Foxy com voz fria, impessoal, vaga.

— Sou eu. Por que demorou tanto a atender?

— Oh, Piet, você telefonou tão depressa.

— Não era o que você queria?

— Eu estava com Toby.

— Que é que há?

Ela hesitou.

— Queria saber como vai você. Tenho tido muitas saudades e compreendi que o meu esforço para não telefonar e que eu queria que fosse uma punição para você não era punição coisa nenhuma e portanto...

Ele riu, tranqüilizado, mas desconfiado, porque não era da natureza dela ser hesitante.

— Bem, é punição para mim também. Mas calculei que, a menos que tivéssemos alguma coisa para dizer um ao outro, seria melhor não nos falarmos. Admirei o seu tato. — Diante do silêncio dela, acrescentou apressadamente: — De vez em quando pego as suas cartas para ler.

Era mentira. Havia meses que não fazia isso. Como se sentisse isso, ela riu.

— Mas eu tenho uma coisa para lhe dizer. Boa notícia, que lhe vai agradar. A casa agora está aquecida e a culpa não foi sua.

Quando instalaram a fornalha, o homem colocou o termostato muito perto de uns canos de água quente na parede, de modo que o termostato pensava que a casa estava quente quando só ele é que estava, fechando então o calor. Ken e Frank Appleby descobriram isso numa noite em que beberam demais. Os Applesmith têm aparecido muito por aqui ultimamente.

— Muito gentil, meu bem, mas o culpado fui eu. Eu era o empreiteiro. Devia ter visto isso e não vi. Estava mais interessado em deitar com você.

— E gostava de estar comigo? Nunca tive certeza. Sou de algum modo virginal.

— Virginal e prostituída ao mesmo tempo. Eu adorava estar com você. Mas não acha que assim é melhor? Você pode olhar Angela cara a cara e eu a Ken.

— Ora, nunca me incomodei com Angela. Tinha a impressão de que de certo modo ela estava de acordo.

O assunto lhe desagradava. Não gostava de que fizessem pouco de Angela. Achava que suas amantes deviam venerá-la desde que ele zombava dela por intermédio dos corpos delas.

— E Toby, como vai?

— Muito bem, já levanta a cabeça e parece escutar o que eu digo. Ao contrário do pai.

— Não está bem com Ken?

— Muito não.

— E foi para isso que me telefonou e me fez sair debaixo desta neve?

— Não. — A palavra pareceu um som metálico que o receptor tivesse feito por si mesmo. Quando a voz de Foxy se fez ouvir de novo, o som morrera por completo. Sentia, escutando-a, que estava patinando numa superfície de cristal, a pura essência dela que as mãos de Deus haviam levantado antes de lançar-lhe a alma num corpo. — Piet, meu incômodo está com duas semanas de atraso. E só pode ter sido você.

— Eu o quê? — Mas compreendeu instantaneamente. Aquela casa fria, aquela despedida.

— Não é apenas o atraso, mas a inteira transformação que estou sentindo, como quando estava grávida de Toby.

— Não está sentindo isso cedo demais?

— Já faz um mês.

— E não acontece que logo depois de um parto essas coisas ficam um pouco desreguladas?

— Mas eu já fiquei incomodada duas vezes.

— E não pode ter sido Ken?

— Não. Ele usa aquelas coisas.

— Essas coisas podem-se rasgar.

— Com Ken não. De qualquer maneira, não têm sido muitas vezes.

Não se sente bem comigo desde que nasceu a criança. E ele está preocupado com o trabalho dele. Outros cientistas, judeus primeiro e agora japoneses, estão tomando a frente dele nas pesquisas.

— Mas quantas vezes?

— Duas, quando poderia ser ele, mas foi com a coisa. E outra, há poucos dias, quando eu pensei que isso faria vir o incômodo.

— E você não se está sentindo bem?

— Não. Agitação. Insônia. Piet, Piet me desculpe, acho isso tão estúpido.

— Por que deixou naquele dia, se...

— Eu não sabia, você não parecia com vontade de fazer isso e meu velho diafragma não serve mais...

— Presumi que você usasse a pílula. Todo mundo está usando.

— Como é que sabe? Fez um inquérito?

— Deixe de ironias, ouviu?

— Está bem. Mas não uso a pílula porque Ken não confia nela.

Diz que é muito complicada e que pode ter outros efeitos. E depois, você pode me considerar muito ingênua, mas eu pensei que, enquanto estivesse amamentando, isso não seria possível.

Ele riu.

— Essa velha crendice? Sempre me esqueço de que você é do Sul e ouviu essas coisas desde a infância.

— Oh — murmurou ela com a voz trêmula —, como é bom ouvir você rir de mim. Você não imagina o inferno em que eu estou vivendo.

Telefonei para você porque já estava ficando quase maluca e depois, quando você ligou, tive medo de atender e menti. Sou uma mentirosa, Piet.

— Todos nós mentimos — disse ele, sem saber por que não desligava o telefone naquele mesmo instante e

não se libertava. Mas o receptor leve e oco lhe estava ligado como o corpo à alma.

— Que é que vamos fazer? — perguntou Foxy.

— Vamos esperar alguns dias. Tome alguns banhos quentes, o mais que puder suportar. Se ainda não vier, vá a um médico e faça o teste da coelha. Assim, ao menos, teremos certeza.

— Mas eu não posso procurar o Dr. Allen. Em primeiro lugar, ele estranharia que eu já estivesse grávida de novo. E poderia dizer a alguns dos amigos dele.

— Os médicos nunca dizem nada. Mas você e Ken não têm um médico em Cambridge? Vá procurá-lo, se preferir. Mas não é preciso ter pressa. Ainda pode vir. Angela às vezes se atrasa três e até cinco semanas. É terrivelmente incerto. É um milagre que ela não fique grávida.

Apesar de tudo, Foxy riu.

— Pobre Piet com as suas mulheres, tendo de traçar o seu caminho de acordo com as fases da lua. Acho que eu era uma sobressalente.

— Nada disso — murmurou ele e surpreendeu em si o prazer e o terror de que ela se tivesse mostrado duplamente fértil e de que ele tivesse sido capaz de fazer mais vida florescer na terra.

— Vai me telefonar, Piet? Você não precisará fazer nada. Eu me encarregarei de tudo. Mas é tão duro, Piet, tão duro estar sozinha.

— Vou telefonar amanhã — disse ele. Sentiu que havia necessidade de uma palavra de despedida e murmurou:

— Foxy, depois de anos de pensamento, cheguei à conclusão de que só há duas espécies de situações no mundo: aquelas em que podemos fazer alguma coisa e aquelas em que não podemos como as estrelas e a morte. E cheguei também à conclusão de que é um grande desperdício de energia, um pecado mesmo, preocuparmo-nos com as coisas a que não podemos dar

jeito. Por conseguinte, tome banhos quentes e acalme-se. Estamos nas mãos de Alá.

Aborreceu-se por não ter tido a coragem de dizer "Deus". Mas Foxy, tranqüilizada como se não o houvesse escutado, disse:

— Telefone-me amanhã, Piet, e eu aposto que tudo isso terá desaparecido como um pesadelo e nós poderemos voltar ao nosso bom e confortável alheamento.

E, assim, "alheamento" foi a última palavra.

Começou então um pesadelo de telefonemas diários, de pequenas esperanças falsas (a sensação de ardor parecia menos distinta hoje, ela tinha sentido uma estranheza uterina depois do banho escaldante daquela manhã, um alívio de referência sobre questões médicas na Biblioteca de Tarbox admitia a possibilidade de irregularidades menstruais depois do parto) e de acabrunhamento e crescente certeza. O primeiro exame de laboratório foi negativo. Mas o médico de Cambridge explicou que nas primeiras fases da gravidez a exatidão era de apenas 90% e insinuou discordância em face da precipitação dela. Era um homem ríspido, de nariz adunco e com consultório cheio de troféus de golfe, que poderia ter reconhecido num instante os sintomas e diagnosticado a incidência dessa infecção não incomum dos cálculos da sociedade decente pelos objetivos cegos e de longo alcance da cidade, que para Foxy e Piet parecia tão isolada. Durante toda uma noite mal dormida, ela ficou tremulamente com a boa notícia que só poderia dar a Piet pela manhã.

Mas a chance de dez por cento se dilatou fascinantemente em vista da recusa do organismo de Foxy em libertar o seu microscópico cativo, capitular e sangrar. Piet discutia com ela pelo telefone e enfrentava-a com a sua paciência, com a sua recusa a culpá-la. Ele deixara de ser amante dela, tinha estado com ela em

despedida, era feliz com a sua rara e remota esposa, tinha-se deixado levar pela ingenuidade de Foxy, ela não tinha direitos sobre ele — nada disso era preciso dizer, pois era tacitamente aceito. Ela se desculpava, ridicularizava-se, propunha levar o filho já nascido e desaparecer da cidade. Mas, por enquanto, só ele sabia do segredo dela e só ele podia partilhar com ela daqueles dias de sofrimento. O som da voz dele era a única coisa na terra que não lhe era estranha. Combinaram encontrar-se, por piedade de um para com o outro e pelo desejo, como o de boxeadores em *clinch*, de trazer mais para a presença um do outro o que o estava fazendo sofrer. Em Lacetown, havia um grande supermercado, cujo imenso local de estacionamento ficava sempre limpo de neve para a descarga dos caminhões e onde poucos carros eram deixados. Das suas amizades, apenas Janet de vez em quando fazia compras ali.

Sexta-feira. Piet sentiu um baque no coração ao ver sozinho no asfalto o MG preto dos Whitman. Deixou a camioneta num canto e se encaminhou para o carro. Foxy abriu a janela. Um floco de neve se prendeu na sobrancelha esquerda dela.

— Pensei que Ken fosse para Boston nesse carro.

– Tomou o trem hoje, porque estava prevendo uma tempestade.

Entre.

Depois de entrar e fechar a porta do carro, ele disse:

— Pensa sempre em tudo, Ken.

— Por que é que você não gosta dele? Ele não tem culpa de na-da.

— Quem foi que disse que não gosto dele? Admiro-o e invejo-o.

Ele tem um título universitário.

— Pensei que fosse porque ele me tinha a mim.

Riram: dela, de si mesmos, de todos. Saindo dos limites de Tarbox, adquiriram uma perspectiva. Seus

amigos e suas casas pareceram pequenos e distantes. Só eles, Foxy e Piet, eram de tamanho natural. Só eles tinham cessado de brincar com a vida e tinham si-do levados, graças à biologia, àquela intensidade de definição. A crise em que estavam os lisonjeava como um pano de fundo de veludo. Ela estava sentada meio de lado ao volante, com os joelhos tocando a alavanca de mudança, as longas pernas em *slacks* amarelos de lã e os cabelos soltos sobre os ombros do seu capote de general russo.

— Você está com muito bom aspecto — disse ele, batendo-lhe na coxa. — Depois das nossas conversas desesperadas pelo telefone, pensei que fosse encontrar você mais arruinada.

Ela riu.

— Nós, mulheres, temos de manter as aparências.

— Parece que já não há muitas dúvidas.

— Eu não tenho. Ia esta tarde fazer outro exame. Tenho hora marcada, mas talvez não possa ir por causa da tempestade.

— É engraçado como essa chance de dez por cento ainda se mantém.

— Você sempre disse que nós abusávamos da sorte.

— Sinto muito que a ocasião que deu causa a tudo isso não tivesse sido melhor para você.

— Lembro-me perfeitamente. Passamos da sala para o quarto. O

gato pulou em cima da cama. É tudo tão tolo, não acha? O adultério. Como cria problemas!

Ele encolheu os ombros, relutando em concordar.

— É uma maneira de ter aventuras, de sair pelo mundo à procura de conhecimentos.

— Que é que vamos fazer agora, Piet?

— Nós sabemos que não se pode zombar de Deus.

— Nunca zombei de Deus.

— Não. O seu deus está aí entre as suas pernas, informe, tímido, à espera de ser tocado. Está muito bem, Foxy. Não pretendo me queixar. Creio que de certo modo é porque acho você tão bonita.

Não esperava isso e o fato me irrita. Parece me inteiramente fora dos eixos ainda querer você.

Ela acomodou as pernas mais confortavelmente. Um joelho tocou o dele e foi prontamente afastado.

— Esperava então ter ódio de mim?

— Um pouco. Esses dez dias têm sido um inferno. Em comparação com a sua voz pelo telefone, você parece feliz.

— Isso é que é o pior de tudo. Sinto-me feliz. Sinto-me feliz em ter um filho seu. Todo o meu ser anseia em seguir em frente e tê-lo.

— Mas não pode. Não pode, não pode.

— É claro. Concordo absolutamente com você.

Mas o rosto dela se tornara carregado de tensão. Um soluço ficou preso na garganta de Piet. Olhou-a, indeciso, com medo do rosto dela. A respiração de Foxy estava agitada e a sua face estava molhada de lágrimas. O corpo, dentro do grosso capote, procurava ajeitar-se junto ao dele, mas o feitio dos bancos e do chão do carro dificultava. Ele recuou um pouco e viu, apressadamente, no rosto contorcido, absolvição, permissão para que lhe fosse tirado das entranhas o fruto do amor deles.

— Mas como? — murmurou ele. — Suécia? Japão? Como é que se fazem essas coisas?

— É triste, não é? — perguntou ela. — Não conhecemos as pessoas indicadas. Sei que há quem faça abortos por toda parte e aqui estou eu sem saber o que devo fazer.

— Por que não fala com Ken? Ele conhece médicos.

— Não posso dizer a Ken.

— Não pode mesmo? Isso facilitaria tudo. Vocês poderiam ir de avião ao Japão, onde ele faria uma

conferência.

— Ele não é homem para isso.

— Estava brincando.

— Sei disso. Escute, Piet, estou disposta a tudo para resolver essa situação, menos dizer a Ken. Ele não saberia o que fazer. Ele e muito... complacente. E de certo modo eu também sou complacente.

Já me submeti uma vez, mas não farei isso de novo. Não irei suplicar, nem justificar por nós, quando foi tão certo o que fizemos.

Prefiro a morte. Dito assim, parece mais dramático do que é. Você poderia dizer a Angela que dormiu comigo e os dois poderiam absolver isso e até viverem melhor, mas a nossa vida conjugal é diferente. Não somos assim tão ligados. Fizemos um contrato virtual, que não permite a nenhum de nós cometer erros tão grandes assim.

Isso arrasaria Ken. Estou me fazendo compreender?

Ele viu que ela não diria ao marido, do mesmo modo que meses antes não quisera instalar armários fechados. Ela era a freguesa e havia necessidade de atender-lhe aos caprichos.

— Por que então não diz que o filho é dele e não põe no mundo mais um Whitman? Poderia ter cabelos ruivos mas talvez em algum de vocês haja um gene de cabelos ruivos.

Ela falou com cuidado depois de morder a ponta da língua. As mulheres cujas línguas não podem ficar nas bocas são as mais sexuais.

— É possível. Mas parece-me, quando imagino a criança a crescer e cada dia se parecendo menos com Ken e cada vez mais com Piet Hanema, que isso seria um verdadeiro inferno para nós dois. E eu prefiro tomar uma dose maior de inferno agora e liquidar o caso.

— Minha pobre Foxy.

Inclinou-se para o lado dela e beijou-lhe a ponta do nariz. As mãos dela não se moveram. É possível que

tivesse encolhido os ombros.

Um carro Mercury marrom parecido com o de Janet Appleby chegou ao local de estacionamento. Mas o homem que dirigia era desconhecido. Olhou para eles um instante e começou a manobrar o carro. O

fato produziu em ambos uma parada de coração e contaminou a segurança do esconderijo.

— Vamos sair daqui — disse Piet – senão nos encontrarão congelados nos braços um do outro.

Em casa, protegido da nevasca, entre os barulhos de Angela na cozinha e as brincadeiras belicosas das filhas, Piet procurou ver a sua situação como relativa em qualquer sentido, salvo no absoluto que a apontava como uma catástrofe idêntica à morte. Gravidez é vida. A natureza nos engoda com o sexo para fazer-nos continuar na escalada da montanha. Os deslizes são olhados com benignidade.

Grandes homens têm tido filhos ilegítimos: Grover Cleveland, Carlos Magno. Ninguém se importa, uma pilhéria amável, cerveja parda, Lord Norfolk saúda seu filho natural. Uma alma a mais: três bilhões e mais uma. De qualquer maneira, ela acabaria mudando-se para Los Alamos ou Denver com o marido e ele nunca mais veria a criança. Pelo cano. Piet Hanema, pai de uma nova nação. À sua saúde.

Tomou o martíni duplo e um temor como um bolo de azia subiu ao encontro da bebida. Ken. O seu temor se relacionava com o rosto de Ken, a estranheza imposta pela sua levemente rude vacuidade e a vingança que ele procuraria tirar. Amedrontado, deprimido, Piet viu que vivia num mundo moral exclusivamente masculino, que só os homens exigiam justiça e que, como uma criança cercada de travesseiros para não cair, ele caíra adormecido entre mulheres. Ficara surpreso de ouvir Foxy falar ligeiramente de Ken. Para o espírito de Piet, Ken era interminável e não havia limite para a ofensa

cheia de ramificações de infligir a Ken a paternidade de uma criança. A paternidade é o poder de concepção de um homem. Vulnerável. Delicado. Seu pai plantando gerânios com os dedos manchados, com a perspectiva da estufa implicando uma infinidade de linhas retas. Em criança, preferia aquele lado quente à sala onde a mãe fazia laços de fita. Havia no silêncio do pai uma missão que o intimidava. Homem rígido, com uma boca estranha em vista da dentadura. Pensando bem, tinha sido muito bom que os dois tivessem desaparecido.

Tudo é relativo. Como um menino em dificuldades, pensaria em alguma coisa pior. Tinha sido melhor não fazer parte da equipe de futebol do que ser atacado de poliomielite. Tinha sido melhor não ser convidado para a festa de Annabelle Vojt do que dar acidental-mente um tiro na vista de Joop e cegá-lo para sempre. Seria pior estar morto do que estar naquela situação. Seria mesmo? Como se tivesse morrido, ele transpusera os limites de uma grande escuridão. Plantara nos flancos sedosos de Foxy uma semente que tinha a sua cara e naquele momento desejava ser pequeno, passar pelos escorregadios corredores e, como um assassino, atacar. Não! Que Deus me perdoe. Só Deus. Deus, que mata com tão majestosa leveza, diatomáceas e baleias, poderia matar mais uma vez, obliterar tudo de cima com um simples gesto de dedo pelo peito dela, e eliminar aquele monstruoso crescimento. Seja feita a Tua vontade.

O rosto de Ken, com um mínimo de polidez. Pálido de ambição e de estudo. As entranhas de Piet se agitaram de novo. Bebeu para acalmá-las. A bala. O pelotão de fuzilamento sonolento. O reino terrível onde a vida salta da impecável treva. Ato premeditado de Deus. Barro misturado com cuspe. A vulva de Foxy, de pétalas de coral, mais escura dentro, os olhos como sinos gêmeos suspensos de uma árvore e tangidos por todos os ventos.

Mas ela sofria. Abaixo da mulher, havia um animal, um homem como ele, ou melhor, uma criança idosa, julgando, conjeturando, esperando, ansiando. Como era monstruoso ter uma coisa presa a si mesmo e nutrindo-se da pessoa como um cogumelo. Os seus testículos se encolheram em reação. Pobre suave Foxy. Arrancar. Colhe, Senhor. Liberta-me.

Bebeu. Havia uma doçura no fim de cada queda. Bea. Podia desconfiar. Sabia algumas coisas. Tinha-o visto saltar da janela e divisara a cabeça dourada de Foxy à luz do banheiro. Na cama com ela, só não confessara a última decepcionante visita daquela segunda-feira em que, invadindo sem querer os direitos de paternidade de Ken, conjurando no mundo mais uma alma responsável, ele se tornara legalmente culpado. Sofrimento, prisão, morte, incineração, extinção, anonimato eterno. Os risos dos amigos. As maldições dos jornais. Viu Bea sorridente, com os seios liquefeitos, o corpo uma pequena lagoa, seu membro suspenso nela como uma enguia adormecida e compreendeu por que gostava dela: era estéril. O seu sêmen podia mergulhar para sempre naquele abismo branco sem encontrar qualquer obstáculo.

A sua solidão se tornou desolada. A tempestade rugia tristemente, uma coisa sem existência, uma agitação. Acabou de beber o copo e foi à cozinha.

Angela estava preparando o jantar em companhia das filhas.

Talvez em conseqüência da ternura gerada pela presença das filhas, talvez simplesmente excitados pelo fato de estarem bem abrigados da tempestade, Angela levou-o para a cama cedo e, como uma nuvem quente que descesse, amou-o sentada sobre ele, na posição clássica de Andrômaca a consolar Heitor.

Na manhã seguinte do sábado, o telefone da casa de Piet tocou.

Foxy perguntou, ofegante, com os lábios encostados ao fone:

— Angela está por aí?

— Não. Está lá fora limpando a neve com as meninas. Que é que você diria se ela tivesse atendido?

— Perguntaria se ela iria à festa do Fundo Cardiológico de vestido curto ou comprido.

— É arriscado mesmo, sabe? Ela estava agora mesmo a ficar menos desconfiada de você.

— Desculpe, mas não podia deixar de falar com você. Pensei que você iria à casa dos Gallagher ontem à noite. Por que não foi?

— Não fomos convidados. Quem era que estava lá?

— Todo mundo, menos vocês, os Saltz e os Ong. Havia um novo casal que me pareceu muito emproado e jovem.

— Matt não me disse uma palavra. Mas o que é que há?

— O exame. Foi positivo. Não há mais dúvida, Piet!

— Uhh!

Ficou fascinado, enquanto mergulhava nesse fato, com a delicadeza dos seus móveis, a mesa de telefone de pernas finas e o espelho com a sua moldura dourada de folhas de acanto. Tais coisas tinham sido feitas por homens sem preocupações e de mãos leves.

— Oh, Piet — exclamou ela dentro do silêncio de chumbo —, eu me tornei uma carga tão pesada para você!

— Não. Ainda penso em você como leve e boa.

— De qualquer maneira, desligue se Angela aparecer, creio que encontrei alguma coisa.

— Foi?

— Freddy Thorne.

Ele riu.

— Freddy tirar isso de você? Isso se chama um aborto.

— Está bem. Vou desligar e não o aborrecerei mais. Obrigada por tudo.

— Não. Espere. Diga-me o que é. Não seja tão sensível.

— Estou muito aflita, querido, e não gosto de que riam de mim.

— Está bem. Freddy Thorne...

— Ele me disse uma vez que os dentistas podem fazer abortos.

Têm instrumentos, a cadeira, o anestésico...

— E possível. E daí?

— E então, na noite passada, na casa dos Gallagher, ele se aproximou de mim e eu puxei o assunto, perguntando se ele sabia de alguém que fizesse isso.

— Você disse a ele que estava grávida.

— Não. Deus me livre. Disse apenas que conhecia uma pessoa que estava, uma ótima moça de Cambridge que estava desesperada.

— Igualzinha a você.

— Tem certeza de que Angela não está escutando?

— Espere aí. Vou até a janela para ver onde ela está. — Voltou daí a pouco e disse: — Está tirando a neve da entrada de carros como se disso dependesse a vida dela. A tempestade deve tê-la perturbado.

— A mim, não. Fui até Cambridge para levar a urina. Depois, tivemos de lutar para chegar à casa dos Gallagher.

— Freddy Thorne olhou para você com aqueles olhos apertados e descobriu logo que era você quem estava grávida.

— Com certeza, mas não disse isso.

— Que foi que ele disse? Consultou a sua lista de abortos e marcou hora para você?

— Não, mas disse uma coisa muito esquisita. Disse que tinha de ver a mulher e o homem também.

— Esquisito mesmo. A mulher e o homem?

— Sim, e, desde que eu sou a mulher, é evidente que ele quer falar com você, que é o homem.

— Você está concluindo demais. Freddy não é organizado assim.

Está jogando verde.

— Não me pareceu. Falou de maneira muito séria e categórica.

Mais como dentista do que como homem de sociedade.

— Você despertou o dentista em Freddy, hein? Não quero falar com ele. Não gosto dele. Não confio nele. Não tenho a menor intenção de que nos coloquemos à mercê dele.

— E à mercê de quem você acha que nos devemos colocar?

A porta da frente foi nesse momento aberta. Piet desligou disfarçadamente e voltou-se para o hall como se estivesse apenas olhando para o espelho. Era Nancy, com as faces em fogo. De olhos arregalados, estendia para ele na palma da mitene de couro o que parecia uma bola de neve, mas era meio cinzenta. Era um pássaro congelado, com uma cabeça vermelha e uma mancha negra no peito, um pardal colhido pela nevasca. Cristais lhe aderiam ao olho aberto, redondo como a cabeça de um grampo de chapéu. Numa maneira direta que antecipava os protestos dele, a menina disse: — Mamãe achou isto aqui na neve todo duro e eu vou botar o bichinho no radiador para ver se se esquenta e vive de novo. Mas eu duvido.

O baile do Fundo Cardiológico se realizava anualmente no Clube dos Amvets de Tarbox, um edifício esguio de cimento armado perto da Rua Musquenomenée. O clube continha um bar e duas carreiras de boliche no andar térreo e um salão de baile com um bar sobressalente no andar de cima.

Naquele ano, os casais que Piet conhecia compareceram ao baile sem muito entusiasmo. Os Constantine tinham ido a Boston com os Thorne e os

Gallagher para assistir a um jogo dos Celtic. Os Hanema tinham ido principalmente por gentileza para com Irene Saltz, que fazia parte naquele ano do comitê do Fundo Cardiológico e tinha dito a eles (não digam isso a ninguém, especialmente a Terry Gallagher) que talvez aqueles fossem os seus últimos tempos em Tarbox, pois haviam oferecido um emprego a Ben em Cleveland. Os Whitman estavam numa mesa com os Applesmith e os Guerin tinham levado o casal novo. O nome deles era Reinhardt. Tinham o rosto liso, pareciam socialmente ansiosos e Piet mal olhou para eles. Queria apenas dançar com Bea. Angela estava meio cansada depois do trabalho todo que tivera com a neve de manhã e Foxy estava fazendo um visível esforço para não tomar conhecimento dele. Só a presença de Bea, um círculo como a borda de um sino branco em que a sua voz ressonava, prometia repouso. Lembrava-se dela como uma piscina calma onde poderia mergulhar até o umbigo. Logo que começaram a dançar, ela disse: — Você está com algum problema, Piet. Sinto isso no seu corpo.

— Talvez seja no seu corpo — disse ele. Mas ela não estava bê-

bada e se afastava um pouco dele. Piet havia tomado três martínis ainda no jantar em Tarbox Inne e estava suando. Queria esmagar os seios dela contra o seu peito e pacificar a alma.

— Não — disse ela, não querendo ceder à pressão dos braços dele. — O caso é com você. Não tem mais a elasticidade habitual. Não está com o corpo erguido. Não disse que você ia encontrar gente sem piedade?

— Ninguém foi impiedoso comigo. Nessa mesma conversa, e me surpreende que se lembre dela, você me perguntou se eu não queria...

— Lembro-me, sim. Você quis, mas não voltou. Por quê? Não gostou?

— Como gostei! A última vez, então, foi tudo ótimo.

— E foi por isso que não apareceu mais?

— Não pude. Tem razão. Há uma complicação em minha vida, agora, uma terrível complicação. Se eu conseguir me desembaraçar, vai me querer de volta?

— É claro. Sempre.

Mas falava de longe. Cheio de tristeza, ele a apertou como uma cataplasma de encontro à dor que sentia no peito, onde traições geravam traições. Frank Appleby, que dançava com a Reinhardt, cruzou por acaso o olhar com ele e sorriu. Almas perdidas. Alô no inferno. Frank não tinha amante grávida e parecia infinitamente feliz. As vantagens de ter estudado em Exeter. Limpa-se tudo.

Bea recuou e procurou afastar-se dele, olhando alguma coisa por trás dele. Piet voltou-se assustado. Era Foxy.

— Não é justo que você monopolize este homem adorável, Bea.

Ela falou depois de passar por Piet e o toque da mão dela no seu braço era seco e rígido. Manobrando para dançar com ele, ela disse, com a voz um pouco áspera e a boca franzida:

— Fui encarregada por sua mulher de lhe dizer que ela está com muito sono e quer ir para casa. Mas dance um minuto comigo.

Mas o corpo dela era anguloso e nervoso e eles dançavam como por obrigação. Ela estava usando, contra o seu hábito, um perfume enjoativo, que lembrava flores apodrecidas. Em contraste, Bea estava perfumada a limão. Ela tinha flutuado nos seus braços como um fantasma.

O consultório de Freddy Thorne cheirava a eugenol, a fluido para limpar tapetes e a balas. Levando Nancy pela mão, Piet se lembrou do temor que lhe causaram na infância aqueles odores de sala de dentista — o estômago apertado, a consciência de que lá fora havia

sol e liberdade e o desejo de passar a próxima meia hora dormindo. Na mesa das revistas, as capas de Time e de Newsweek mostravam De Gaulle e Marina Oswald. Ambos pareciam cansados. A enfermeira de Freddy sorriu tranqüilizadoramente para a menina nervosa e o coração de Piet, apesar da sua preocupação pelo encontro com Freddy, encheu-se de gratidão e, logo a seguir, de interesse por ela. Jovem e fresca. Seria o mesmo que comer aipo, sal-gando cada talo partido. Freddy já teria? Duvidava muito. Tinha muitas dúvidas a respeito de Freddy.

A palma da mão esquerda de Freddy ardia de vergonha. Invejou a pequena Nancy, cujo medo era apenas da dor. Quando tentou ler um muito manuseado Look, a filha se esfregou contra ele. Em sentido contrário. Dois gatos. Eletricidade é medo. Pedrick tinha dito uma vez que se podia conceber Deus como ondas eletromagnéticas. Nancy sussurrou alguma coisa que ele não pôde ouvir. Exasperado, perguntou em voz alta: "O quê?"

A menina fez "Psiu!" e levou a mão aos lábios dele. Ele a embaraçava. Acabara por confiar apenas na mãe. Angela é que a teria levado normalmente ao dentista, mas naquele dia haveria uma reunião depois das aulas no jardim de infância e Piet, diante do desafio do destino, aceitara com relutância. E à mercê de quem você acha que nos devemos colocar? Agora a indecisão e a repugnância se agitavam dentro dele e só o cansaço reduzia o seu dilema a alguma coisa que podia ser suportada.

— Ele vai botar em minha boca aquela coisa que roda? — perguntou Nancy de maneira mais inteligível.

— Aquilo se chama motor. Só se você tiver alguma cárie.

— Veja se eu tenho — disse ela, escancarando a boca, muito grande, como a dele.

— Não posso ver, querida, porque não sou dentista. Mas se você tiver alguma, deve ser bem pequena porque seus dentes são pequenos e você é pequena.

— Diga a ele para não fazer isso.

— Mas ele tem de fazer. É a obrigação do Dr. Thorne. Se não o deixarmos consertar as coisas agora, será muito pior depois.

Entraram juntos na sala de Freddy. Uma vez ali, sentada na cadeira azul, com a água dançando no vaso ao lado do seu ouvido e com o Dr. Thorne conversando amistosamente com o pai, Nancy sentiu-se mais descansada e deixou o dentista seguir por entre os caminhos reverberantes dos seus dentes.

— Duas — disse ele afinal, fazendo marcas no seu cartão. — Na-da mau.

— Duas? — perguntou Nancy. — E vai doer?

— Acho que não — disse Freddy untuosamente. — Vamos ver se pode ficar quietinha. Quanto mais quieta você ficar, menos sentirá o motor.

Terminado o sofrimento de Nancy, quando Freddy dava os últimos retoques nas obturações, Piet perguntou:

— Podemos agora falar um momento em particular?

— Estou um pouco atrasado para atender aos meus clientes hoje

— disse Freddy, encarando-o através das lentes com que complementava os óculos quando trabalhava.

— Está bem — disse Piet, satisfeito. — Não tem importância.

Qualquer outra hora.

— Agora mesmo. Posso sempre arranjar um minuto.

— Um minuto ou dois — murmurou Piet, vendo a rota de fuga bloqueada.

- Agora vá conversar com Jeannette, Nancy. Quem sabe se ela não tem balas?

Fez Piet passar para a sala ao lado, onde guardava a velha cadeira para ser usada numa emergência. Da

janela, via-se a ponta do telhado da igreja congregacional, como um pedaço de ouro batido pelo sol. Piet sentiu o rosto vermelho. Freddy limpou os óculos e esperou. Anos de malícia lhe haviam enriquecido o rosto congestionado.

— Nós dois conhecemos uma senhora...

— Nós dois conhecemos várias senhoras.

— Uma senhora alta, de cabelos loiros e longos.

— Uma bela senhora. Ouvi dizer que é muito boa na cama — disse Freddy.

— Disso eu nunca soube — disse Piet. — Mas ela e eu estivemos conversando...

— Não na cama?

— Acho que não. Pelo telefone, talvez.

— Acho o telefone muito insatisfatório.

— Já tentou a masturbação?

– Meu caro Piet, não disponho de muito tempo. Fale. Sei de que se trata, mas fale.

— Essa senhora me disse, ou disse a alguém que me disse, que você tem conhecidos que podem executar operações que não são de natureza dentária.

— Talvez tenha, talvez não tenha.

— Minha impressão é de que não tem — disse Piet, fazendo menção de dirigir-se para a porta fechada.

Freddy fê-lo parar com um toque, um toque calibrado de técnico.

— E se eu tivesse?

– Mas pode? Eu preciso confiar em você. Responda sim ou não.

— Vamos dizer sim.

— Então, Freddy, essa senhora precisa de você.

— Mas, Piet, você está falando dela. E entre nós dois? Você também precisa de mim?

— É possível.

— Provável.

— OK. Provável.

Freddy riu. Raramente se viam os dentes de Freddy. Eram pequenos, separados e cheios de tártaro.

— Tenho ódio disto que estou fazendo — disse Piet. — Você está blefando. Enganou-a para fazer com que eu a traísse, a ela e a mim. Você é um imundo.

— Não estou blefando. Posso conseguir isso. Não é fácil, há algum risco para mim, mas é seguro. O homem é um idealista, um fanático. Acredita que com isso está prestando um serviço à humanidade. É em Boston. Conheço pessoas que o utilizaram. Em que mês ela está?

— Segundo.

— Ótimo.

— É realmente possível?

A boa notícia se espalhou narcoticamente pelas veias de Piet.

Sentia-se submisso, grato como um cão.

— Posso fazer a minha parte. E você? Pode fazer a sua?

— Dinheiro? Quanto é que o homem pede?

— Trezentos. Quatrocentos. Depende.

— Não há problema.

— Quanto ao homem, não. E quanto a mim?

— Você também por dinheiro? — perguntou Piet, satisfeito em ver mais uma vez confirmado o seu desprezo por Freddy. — Está bem.

É só dizer.

— Escute. Dinheiro não se discute entre velhos amigos como você e eu. A verdade é que estamos acima do dinheiro como instrumento de troca.

— Que mais lhe posso dar? Amizade? Lágrimas? Eterna gratidão?

Um novo equipamento de caça submarina?

— Não é hora de brincadeiras. Estamos discutindo uma questão de vida e morte e você não pára de fazer brincadeiras. Deve ser por isso que as mulheres o amam,

Piet. Vou ser direto com você, Piet. Há um assunto não resolvido entre nós. Você esteve com Georgene, certo?

— Ela é quem sabe. Não me lembro.

— Por outro lado, embora eu sempre houvesse admirado sinceramente sua esposa, ela nunca...

— Nunca mesmo. Ela não consentiria. Ela odeia você.

— Ela não me odeia. Sente-se até um pouco atraída por mim.

— Ela pensa que você é um patife.

— Cuidado. Quem está dirigindo o espetáculo sou eu e já estou farto dos seus insultos. Quero apenas uma noite. Sou muito modesto. Uma noite com Angela. Tome suas providências. Diga a ela o que quiser. Diga-lhe tudo, que é melhor. A confissão faz bem à alma.

— Você está pedindo o impossível — exclamou Piet. — E vou lhe dizer por quê. Porque nada pode fazer. Você é um sujeito baixo e indigno.

Freddy colocou dois dedos espetados na testa.

— Estes aqui são obra sua. Você é o técnico. Eu sou apenas um pobre trabalhador da classe média que tanto quanto se sabe não fez uma carreira de andar com as mulheres dos outros. — A cabeça calva de Freddy tinha-se tornado horrenda, como a parte inferior de alguma mole criatura marinha cega cuja boca faz também o papel de ânus. — Você mesmo é que cavou a sua sepultura, Holandês.

Piet moveu-se de novo para a porta e dessa vez Freddy não o impediu. Piet abriu a porta e recuou assustado. Nancy estava ali escutando. Tinha um pirulito na mão e os olhos, embora não tivessem palavras, sabiam de tudo.

Quando Piet falou a Foxy pelo telefone da proposta de Freddy, ela disse:

— É engraçado. Sempre pensei que ele e Angela dormiam juntos ou que, pelo menos, já tinham feito isso.

— Qual foi a sua base para pensar assim?

— Oh, a maneira que eles têm de agir nas festas. Sempre muito ligados e à vontade.

— Tanto quanto sei, ela nunca foi infiel.

— Isso é propaganda ou queixa?

— Você está muito alegre. Que é que sugere que devemos fazer?

— Eu não tenho sugestão alguma. Isso depende de Angela, não acha?

— Está brincando. Eu não posso falar nisso a ela.

— Por que não? — perguntou ela, com a impaciência superando a fadiga em sua voz. — Não é coisa tão absurda assim. E quem sabe se ela não vai gostar de afastar-se de você por uma noite?

Será uma ofensa para ela, quis explicar Piet. Freddy Thorne irá ofender Angela. Mas disse:

— Se eu disser a ela, terei de contar tudo sobre nós.

— Não sei por quê. Se ela o ama, fará isso apenas porque você pede. Desde que você aja direito. Ela é sua esposa, pois que trabalhe para merecer isso. Nós, as outras, temos servido a você. Está na hora para ela de fazer alguma coisa pela causa.

— Você é cruel, não é?

— Ainda não, mas estou caprichando.

— Por favor, Foxy. Não me faça pedir isso a ela.

— Não estou fazendo você fazer coisa alguma. Como é que posso?

Isso é entre você e ela. Se você tem medo ou ela é muito sagrada, teremos de agir com Freddy de outra maneira ou de procurar outro caminho. Eu poderia tentar o meu médico de Cambridge, que não é católico. Posso dizer a ele que vou ter um colapso nervoso e isso talvez não seja uma mentira.

— Acha mesmo que eu posso pedir isso a ela? Você faria isso para salvar Ken?

— Faria isso para salvar a mim. Na realidade, já propus.

— Propôs o quê? Dormir com Freddy?

— Que voz é essa? Não compreendo por que fica assim. É claro que fiz mais ou menos essa proposta. Não levantei a saia para ele, mas que é que eu posso ter para ele se não isso? De que mais falam os homens e as mulheres? Ele me recusou. Até, na minha opinião, com um pouco de gentileza. Disse que eu lhe lembrava a mãe dele, de quem ele sempre teve muito medo. Talvez fosse isso que lhe deu a idéia de dormir com Angela. O que ele quer realmente é ofendê-

lo.

— Por causa de Georgene?

— Porque você sempre o desprezou.

— Não acha, então, que ele a queira sinceramente?

— Escute, não me obrigue a elogiar sua mulher. Todos sabem que ela é magnífica. Não faço uma idéia do que Freddy sinceramente quer. Só sei é o que eu sinceramente quero. Quero que isso deixe de crescer dentro de mim.

— Não chore.

— A natureza é tão burra. Está fazendo todas as minhas glândulas maternas funcionarem. Sabe o que significa isso, Piet? Sabe qual foi a grande coisa que eu descobri a respeito da gravidez? É

uma coisa que nunca podia ter imaginado. Nunca se está sozinha.

Quando se tem um filho dentro de si nunca se está sozinha. Já é uma pessoa conosco!

— Você realmente pensa que ela...

— Ora essa! Ela é humana como todo mundo. Não sei o que ela vai fazer ou deixar de fazer. Você parece que pensa que isso é uma coisa pior do que a morte. Ela é sua divina esposa. Resolvam isso vocês dois para que eu possa trabalhar em outra coisa. Acho que já fiz muito para conseguir Freddy Thorne para nós.

— Bem, vou tentar — disse Piet. — Você tem razão. Não espero que ela aceite. Pode até exigir o divórcio. Mas, se aceitar, Foxy...

— Sim?

— Se sairmos disso tudo, será o fim do nosso... de nós.

— É evidente — disse Foxy e desligou.

— Angela?

— Hein?

Estavam na cama, no escuro, quase dormindo. Não se tinham amado. Piet não tinha a intenção de estar com ninguém nunca mais.

— Você acreditaria se eu lhe dissesse que estou em profundas dificuldades?

— Acreditaria.

— Que espécie de dificuldades? — perguntou ele, surpreso.

— Você e Gallagher não se estão mais entendendo.

— É verdade. Mas não é só isso. Com Matt eu posso me entender depois de resolver o resto.

— Quer dizer o que é? Estou com sono, mas poderei ouvi-lo.

— Não posso dizer o que é. Pode aceitar isso?

— Posso.

— E se eu lhe dissesse que pode me ajudar muito fazendo determinada coisa?

— Um divórcio, por exemplo?

— Não, nada disso. Mas tem pensado no divórcio?

— Ora sim, ora não. Isso o alarma?

— Muito. Gosto de minha casa.

— Isso não é a mesma coisa que ter amor por mim.

— Amo também você, evidentemente. Não... a coisa que lhe quero pedir só levaria uma noite.

— Dormir com Freddy Thorne? — perguntou ela.

— Por que disse isso?

— Acertei, não acertei?

Piet ficou um instante estendido na cama como um homem mergulhado na água, com a cabeça apenas do lado de fora. Afinal, repeliu:

— Por que disse isso?

— Porque ele sempre me disse que um dia iria para a cama comigo. Há anos que ele vem querendo ter algum motivo de ascendência sobre você. Conseguiu afinal?

— Conseguiu.

— E é isso o que ele quer?

O seu gesto de assentimento com a cabeça fez a cama tremer.

— Não se escandalize — disse ela com uma voz macia como a escuridão da noite. — Ele está trabalhando nisso há anos e nunca fez segredo disso comigo e sempre achei que devia vir. O que sempre achei estranho foi que ele nunca me pedisse isso pelo seus próprios méritos, mas presumisse que só poderia conseguir isso exercendo pressão sobre você. É claro que eu não o amo, mas ele pode ser atraente às vezes e eu tenho sido bastante infeliz com você, de modo que isso poderia ter acontecido naturalmente, se ele fosse mais direto. Quer saber de uma coisa triste?

Ele fez novo gesto de assentimento, mas dessa vez o tremor da cama foi um efeito teatral, deliberadamente provocado.

— Ele é o único homem da cidade que já se interessou por mim.

Eddie Constantine um dia saiu comigo para dar um passeio na lambreta dele e não deu em nada. Não tenho capacidade de interessar aos homens. Que é que há de errado comigo?

— Nada.

— Deve haver alguma coisa. Não estou no comprimento de onda de ninguém. Nem mesmo das crianças, agora que Nancy não é mais uma menina. Vivo muito sozinha, Piet. Não toque em mim. Isso às vezes

ajuda, mas agora não. Eu realmente não me sinto presente, compreende? Foi por isso que falei em procurar um psiquiatra. Preciso ir a uma escola onde o assunto estudado seja eu mesma.

Ele sentiu que um trato se estava formando nas sombras.

— Uma pergunta — disse Angela. — Estou incrivelmente curiosa, mas só lhe farei uma pergunta. Confia em Freddy? Acha que ele fará a parte dele?

— Não sei por que, mas acho. Talvez ele sinta a necessidade de me dar a impressão de que é um homem de honra.

— Só me quer uma vez?

— Foi isso o que ele disse.

Ela riu e virou-se para o outro lado.

— Parece que não desperto paixões fortes nos homens.

As palavras eram abafadas, mas o tom era irônico. Ele se levantou num cotovelo para ouvi-la melhor. Estava chorando? Iria morrer?

Ela continuou:

— Prefiro que não seja aqui na cidade. Será preciso vigiar muitos carros e muitas crianças. Os Thorne vão esquiar no fim de semana do Aniversário de Washington?

— Claro. Nunca perdem nada.

— As crianças estarão nas cabanas e nós provavelmente ficaremos no mesmo andar. Você já dormiu com Georgene?

Ele hesitou, mas viu que já haviam passado para outro compartimento da sua vida em comum e confessou:

— Em outros tempos.

— Muito bem, então. Tudo resolvido. Não, Piet, não me toque.

Tenho mesmo de dormir.

O pavilhão de esqui ainda mostrava na tabela fotografias do local no verão. O defunto relógio de cuco

ainda mal-assombrava o seu canto, enevoado por teias de aranha. O aparelho de televisão crepitava com notícias a que ninguém prestava atenção. Os proprietários ainda andavam de um lado para outro com cinzeiros e bandejas de gelo, deixando ao passar um rastro de censura. Os preços tinham sido aumentados. O molho de passas no presunto era menos generoso. Um quarteto de estranhos jogava bridge e os casais de Tarbox entregavam-se a jogos com palavras no chão. O uísque lhes aquecia os corpos com um triunfante langor — eram os sobreviventes, os felizes, os empregados, os sadios, os ricos.

Começaram a ir deitar-se mais cedo do que no ano anterior quando Freddy Thorne havia brindado os Applesmith com as suas fantasias. Jonathan Smith Pequeno, que tinha quase treze anos, estava mais desperto do que os pais e fez Frankie Appleby, dois anos mais moço e já tonto de sono, jogar e perder uma partida de xadrez a-trás da outra. A única maneira de mandá-lo para a cama foi Harold e Marcia irem dormir na cabana aquecida a gás onde Júlia e Henrietta já estavam deitadas. Os Appleby sem demora os seguiram. Naquele ano, os dois casais estavam em cabanas em cantos opostos, por insistência de Janet. Em seguida, os Guerin, embora Freddy pedisse insistentemente a Roger que ficasse para mais um drinque e Bea lançasse olhares quentes de despedida para Piet, saíram para a noite sem lua, rumo à sua cabana. Assim, só ficaram os Gallagher, os Hanema e os Thorne. Os Whitman não esquiavam. Eddie Constantine, promovido a ainda maiores responsabilidades, estava pilotando um maravilhoso jato novo, o Boeing 727, para San Juan. Os Saltz, que tinham anunciado que naquele inverno iriam esquiar, haviam aceito a proposta de Cleveland e iam deixar Tarbox, de acordo com rumores autorizados, e se haviam tornado, portanto, párias. Ao fim de algumas pilhérias, Matt

Gallagher pigarreou e disse que ele ia para a cama. A ênfase significava que Terry poderia ficar, se quisesse. Mas ela também se levantou e disse que ia acompanhá-lo.

Quando os Hanema e os Thorne ficaram sozinhos, Freddy disse a Pi-et:

— Você e Matt não parecem terem muito para dizer um ao outro ultimamente.

— Ele faz a parte dele e eu faço a minha.

— E a sua parte parece que não é muito grande agora, não é mesmo?

— Será em breve. Logo que o inverno acabar, vamos voltar a Indian Hill para construir mais seis casas.

Um ano antes, ele não teria dado a Freddy a satisfação de uma resposta assim, que era quase uma justificação.

— Bem, é esta a noite? — perguntou Angela.

O rosto parecia febril do sol e do vento e os olhos tinham mergulhado tanto no exercício fora de costume e na beleza do dia que as íris e as pupilas não se podiam distinguir. Tinha mudado o costume de esqui e estava com um suéter malva e calças brancas até os tornozelos. Estava descalça. Tinha-se tornado Janet Appleby.

Georgene levantou-se e disse:

— Não quero saber de nada disso. Vou para o quarto e pretendo trancar a porta e tomar um comprimido para dormir: vocês três façam o que quiserem. Mas não me metam nisso.

— Mas foi você que começou tudo, Georgie — disse Freddy. Isso é apenas o meu olho por olho, o meu molho para o seu peixe, *etc.*

— Vocês são desprezíveis. Todos vocês — disse ela e subiu.

Mal ela saiu, Freddy disse:

– Vamos dar isso por encerrado. Queria apenas ver as reações de vocês.

– Nada disso — murmurou Angela. — Há uma espécie de trato e nós vamos cumprir a nossa parte. Vamos subir logo porque, com o exercício todo que fiz hoje, daqui a pouco estarei com sono.

Piet descobriu que não podia olhar para nenhum deles. Disse sem levantar os olhos:

— Vamos dar a Georgene um minuto para entrar no quarto. Você não precisa pegar a sua escova de dente, Freddy?

— Ela toma a pílula, não toma? — perguntou Freddy.

— É claro. Seja bem-vindo ao paraíso.

Piet continuou sentado no sofá enquanto eles subiram. Angela lhe deu boa noite com um beijo no rosto, mas ele não se moveu.

Freddy a seguiu com as mãos brancas encostadas ao peito e a boca aberta como se quisesse formar uma bolha.

O corredor do andar de cima estava em silêncio. Uma lâmpada ardia no centro. A porta de Georgene parecia solidamente trancada.

Os Gallagher conversavam no quarto adjacente. Angela fez Freddy entrar no quarto e saiu para ir ao lavatório. Quando, depois, Freddy voltou do lavatório, ela estava com uma camisola de dormir de algodão com uma flor verde pintada na altura do pescoço. Era uma camisa como uma criança poderia usar. Quando Angela, que tinha estado escovando os cabelos, se curvou para apagar a luz do abajur, a luz penetrou na fazenda simples e lhe ostentou o vulto silhuetado e a curva da barriga. Os grandes seios nadaram na lua alaranjada como peixes num aquário. A luz se apagou e ela foi substituída por um fantasma.

— Não quer tirar a roupa? — perguntou ela a Freddy.

Ela o estava esperando. Freddy sentiu a proximidade dela como um animal sente a proximidade da água, de uma presa ou de um as-saltante.

— Gostaria, mas não quer beber um gole antes? Não há nada aí?

— Você realmente precisa de um drinque? Já não bebeu demais?

Ele sentiu as mucosas da boca arranhadas como se tivesse engo-lido alguns blocos quadrados. A sensação descia até o estômago. A presença havia tanto esperada cristalizara os venenos dele.

— Vi Além do Princípio do Prazer na mesa de cabeceira. Vejo que ainda lê Freud.

— Gosto deste livro. É muito severo e elegante. Ele diz que nós, como todos os animais, carregamos a nossa morte em nós — o orgânico querendo reverter ao estado inorgânico. Para descansar.

— Faz anos que li isso. Acho que na ocasião duvidei.

Paralisado, ele começou a desabotoar a camisa. Estava imobilizado pela visão de um drinque — cor de âmbar, anuviado com o gelo

— e pela crença de que aquela destilação lhe dissolveria as inibições. Ela tentou ajudá-lo a despir-se até que, irritada com a pró-

pria falta de jeito, desistiu. Foi até a janela, olhou para fora rapidamente, tirou a camisola e, com os seios pulando, meteu-se por baixo das cobertas bem esticadas.

— Ih! Como está frio! — exclamou ela, puxando as cobertas até a cabeça. — Depressa, Freddy!

Ele imaginou Piet lá embaixo com a garrafa de uísque e, vestido ainda com a roupa de baixo, entrou na cama.

— Ah! Vestido não vale — disse ela.

— Você me meteu medo dizendo que a cama estava fria.

— Neste caso, vamos esquentá-la — disse ela e tocou-o na frente. — Oh, você não está excitado.

— É o choque — murmurou ele.

— Piet nunca... — disse Angela e parou. Ia dizer: "Piet nunca deixa de estar excitado". Em vez disso, disse: —

Não lhe interesso.

— Você me atordoa. Sempre tive amor por você.

— Não é obrigado a dizer isso. Não sou nada de especial. Às vezes olho-me no espelho e vejo este pesado corpo de camponesa com pequenos pés vermelhos, uma cabeça oval que não combina com o resto. Piet diz que eu pareço um golfinho.

Ela se lembrou de que ele a chamava assim na cama quando, voltando as costas para ele, conservando-o dentro dela, expunha as curvas das nádegas ao contato das suas mãos.

— Como você e Piet vão indo?

Ela compreendeu que Freddy queria falar e que isso lhe daria sono.

— Melhor. Ele tem andado preocupado com alguma coisa ultimamente, mas basicamente penso que estamos mais unidos agora do que jamais estivemos.

— Como você então concilia uma coisa com outra?

— Com quê? Com o fato de estarmos agora na cama? Ele me disse que eu devia fazer isso e as mulheres de minha família sempre foram esposas muito obedientes. Além disso, eu estava curiosa de ver como seria. E devo dizer, Freddy, que você está sendo passivo. Ti-re logo essas roupas insultuosas.

Ela o ajudou e, quando ele ficou nu, explorou com pequenos apertos os lados e os braços.

— Freddy Thorne, você está engordando.

Os dedos desceram mais.

— E ainda pequeno.

Delicados e tépidos, os órgãos genitais dele pareciam na sua mão cozidos, descascados e já frios que ela ia levar para a mesa.

A sensação fez Angela langorosa. Nunca havia imaginado que pudesse ser assim tão calmo ao lado de uma mulher. Ela nunca pudera segurar Piet tanto tempo. Nem mesmo quando estava dormindo.

Experimentando, Freddy pôs a mão nas costas dela, como se estivessem dançando. A pele dela parecia-lhe escura, oleosa e negroide. Músculos chatos e enormes articulados uns nos outros, nádegas como luas levantadas de uma terra antiga. A branda força do corpo dela o decepcionava. O fato de que Angela, a mais distante das mulheres, cuja tímida e sensível capacidade de escutar tinha despertado na sua língua loquaz a ansiosa arte de uma broca trabalhando perto da polpa, pudesse esconder nas suas roupas a mesma voraz abundância de carne das outras mulheres, afligia Freddy, que tocava a pele macia e escura como lava com a náusea de desilusão.

— Vamos falar — pediu ele.

Queria que a voz dele descesse do silêncio para perdoá-lo.

— Há alguma coisa que você quer que eu faça? Alguma coisa especial?

— Apenas falar. Não tem curiosidade de saber qual é o nosso trato?

— Não. Tenho medo de saber. Acho que já fomos longe demais para saber de tudo. Talvez seja horrível da minha parte, mas nunca quis saber de Piet e das mulheres dele. Para mim, isso faz tanto parte dele quanto ele ir ao banheiro. Talvez você não compreenda isso, mas ele é muito agradável quando está em casa.

— Fale-me mais sobre isso. Nunca pude imaginar você e Piet copulando.

— Você é muito engraçado, Freddy. Você me idealizou ou me confundiu com outra pessoa. Piet e eu não... — não pôde pronunciar a palavra, talvez por consideração para com ele — tão freqüentemente quanto ele deseja, mas é claro que fazemos isso. Cada vez mais, para dizer a verdade.

— Nunca dormiu com ninguém a não ser Piet?

— Nunca. Mas acho que devia.

— Porquê?

— Porque assim seria melhor na cama.

— Para ele. Bobagem. Vamos enfrentar a realidade, Angela. Você se casou com um canalha. Um cafetão. Ele a está explorando. Intimida tanto a você que é capaz de trepar com quem ele mande.

— Não é assim, Freddy. Com você, sim. Eu confio mais ou menos em você. Você é como eu. Quer ensinar.

— Eu pensava nisso. Depois aprendi a coisa definitiva e não quis aprender mais nada.

— Que coisa foi essa?

— Nós morremos. E não morremos por um segundo que ainda está no futuro. Morremos a cada instante em todos os sentidos. Toda a refeição que fazemos vai quebrando o esmalte.

— Eh! Você está maior.

— A morte me excita. Morrer é ser trepado por Deus. Será delicioso.

— Você não acredita em Deus.

— Acredito na morte. Sinto-a todos os dias entre os dentes dos outros.

Ele estava esperando mantê-la a distância com aquela violência de visão, mas ela se aconchegou mais a ele.

— Piet tem medo da morte — disse ela.

— Isso se tornou o estilo dele. Serve-se disso como uma auto-justificação. Não perdoa ao mundo a morte dos pais.

— Os homens são tão românticos — disse ela. — Piet gasta todas as suas energias desafiando a morte e você gasta as suas aceitando-a.

— É essa a diferença entre nós. Os machos contra as fêmeas.

— E você se julga fêmea?

— Sem dúvida. É claro que eu sou homossexual. Mas qual é o homem nesta cidade que não é, exceto o velho Piet?

— Freddy, você só está dizendo isso para ver qual é a minha reação. Seja sincero.

— Mas estou sendo. Qualquer pessoa que entenda um pouco de psicologia pode ver que eu tenho razão. Veja bem. Frank e Harold.

Trocaram de mulheres porque são esnobes demais para treparem um no outro. Janet sente isso e lhes serve de pretexto. Guerin e Constantine. São feitos um para o outro.

— Roger, sem dúvida...

— Constantine é pior. É um sádico realizado. Ou Gallagher e Whitman. Padres frustrados. Saltz e Ong talvez não, mas Saltz vai-se embora e Ong está morrendo. De qualquer modo, não contam porque não são cristãos. Eu sou o pior de todos. Quero ser mãe de todo mundo. Gostaria de ter seios para amamentar a todos. Por que você acha que eu bebo tanto? Para fazer leite.

— Tem pensado realmente em tudo isso? — perguntou Angela.

— Não. Estou inventando tudo isso para distrair a sua atenção da flacidez de meu pau. Mas é isso mesmo. Piet está sozinho. Por isso é que as mulheres da cidade o estão despedaçando.

— É por isso que você sempre o odiou?

— Odiei nada. Eu o amo. Nós dois o amamos.

— Você não é homossexual, Freddy, e eu vou provar isso.

Ela se levantou na cama, com os seios nadando à luz das estrelas e colocou a bacia acima dele, com uma coxa levantada sobre o quadril dele. — Venha. Ponha em mim.

Ele tinha retido uma meia firmeza, mas o calor da vagina o queimou como um dedo passado com muita rapidez pela chama de uma vela.

Sentindo-o minguar de novo, ela perguntou:

— Que é que eu posso fazer?

— Quer chupar?

— Como? Não sei.

Com pena dela, vendo através da sua confissão a mansão de inocência que os Hanema haviam escondido por trás das suas portas, Freddy disse:

— Chega. Vamos falar mal da vida alheia. Diga-me se acha que Janet ainda vai para a cama com Harold.

— Ela fez questão de que as cabanas ficassem em pontos opostos.

— Ora, a distância é de apenas trinta metros, o que não quer dizer nada quando se quer. A minha idéia sobre Janet é que, sendo filha de um fabricante de remédios, acredita realmente em curas.

Ela teve a criança, então arranjou um amante, acabou fazendo psicanálise e ainda tem a expressão de quem está com dor de cabeça.

— Quero fazer psicanálise — disse Angela.

A voz dela era lenta e o peso descansava todo na cama, fazendo-a baixar no meio, de tal modo que Freddy tinha de fazer força para não escorregar para ela. Com sua voz cariciosa, as mãos nos seus cabelos, ele lhe falou então de psicanálise, de si mesmo, de Marcia e Frank, de Irene e de Eddie, do câncer de John Ong, do destino deles todos, imersos numa das eras de trevas que flagelam a humanidade entre os renascimentos, entre a morte e a ressurreição dos deuses, quando não há nada para servir de orientação senão o sexo, o estoicismo e as estrelas. Angela, que se lembrou pelo tom e pelo ritmo dele de seus pais e de seu tio falando, do incansável pedantismo de Gibbs, da estéril pregação branda vinda dos peregrinos, em que ela tinha sido gerada e da qual tinha parecido que Piet iria salvá-la, cochilou, despertou, ouviu Freddy ainda discorrendo e caiu irresistivelmente no sono. Ele, depois de tê-la conservado a distância, aprofundando a sua vergonha e consumando a sua vingança, sentiu-se crescer forte e impávido e

masturbou-se junto à barriga dela, tendo o cuidado de não sujá-la. Depois os dois, paralelamente, flutuaram para o amanhecer, com os rostos mais descansados do que crianças.

Lá embaixo, Piet, depois de ter tomado mais um *bourbon*, sentira frio ao lado da lareira apagada. Sentia-se também aborrecido e insultado. Tentou usar a manta para cobrir-se, mas era muito pequena. Subiu na ponta dos pés, escutou na porta do seu quarto e bateu na de Georgene. Experimentou o trinco. Cedeu. Georgene, embora a princípio indignada por ser abandonada pelo amante e traída pelo marido, aceitou Piet na cama, porque não havia realmente outro lugar onde ele pudesse ficar e estava fazendo frio. Ela o fez jurar que não fariam nada. Piet concordou. Mas, deitado ao lado dela, a proximidade e o perigo da insônia conspiraram para tornar a resolução dela irreal. Ele propôs coçar-lhe as costas. Ela o convidou a tomar o seu corpo. Como sempre, apesar dos muitos meses perturbadores decorridos, gozaram juntos. Ela jogou o rosto para o lado como se tivesse sido esbofeteada. Uma suavidade ondulante se misturou ao seu langor, as coxas se levantaram para recebê-lo mais plenamente e ele compreendeu que havia exagerado o seu problema e que o destino podia ser aplacado.

Capítulo cinco

A PRIMAVERA VOLTOU

No prado de Boston há um pequeno pavilhão sombrio cercado de um calçamento desigual de tijolos e bancos de cimento e tábuas, para concertos de bandas. Foi ali que Piet esperou que Foxy descesse do consultório de um dentista num edifício de escritórios de seis andares na Rua Tremont. Era em meados de março e quase não havia mais ninguém no parque.

Freddy e Foxy tinham combinado tudo entre eles com tanta eficiência que Piet se sentiu excluído. Nenhum deles quis explicar-lhe os arranjos feitos. Foxy, pálida na Rua Caridade, com o nariz afilado pelo vento, levando nos braços um saco de compras, disse-lhe:

— Você não terá de fazer nada. Prefiro até que não saiba quando vai ser. Só quero saber é de uma coisa. É isso mesmo que você quer? Quer que a criança seja destruída?

— Quero. — A simplicidade dele chocou-a e ela ficou ainda mais pálida. — Há outros meios?

— Tem razão — disse ela, friamente. — Não há nenhum.

Mais tarde, com alguma relutância, explicou-lhe o plano pelo telefone. Ken tinha de ir a Chicago durante três dias para participar em meados de março de um simpósio de bioquímica, a partir da quarta-feira, 18. A quarta-feira era também o dia de folga de Freddy e ele poderia levá-la ao idealista de Boston que por trezentos e cinqüenta dólares faria o aborto. Freddy ficaria com ela e a levaria de volta para casa em Tarbox. Sozinha em casa,

no fim da estrada da praia, ela só precisaria alimentar-se e a Tobias, que dormia doze horas por dia. Georgene iria vê-la pela manhã e à tarde e Foxy poderia telefonar-lhe a qualquer hora, chamando-a. Se surgissem complicações, ela seria internada no hospital de Tarbox como um aborto natural e se diria a Ken que o filho era dele. Piet discordou de que Georgene soubesse.

— Ela já sabe que houve alguma espécie de horrível trato —

disse Foxy. — É a decisão de Freddy e ele tem direito a ela. Compreenda que, se me acontecer alguma coisa, ele será acusado de cúmplice de homicídio.

— Nada lhe acontecerá.

— Esperemos que não. Georgene pode aparecer aqui de uma maneira que nem você, nem Freddy podem. Marcia sobe e desce todos os dias por esta estrada. É especialmente importante que você se conserve afastado. Esqueça-se de que eu existo. — Ela não lhe quis dizer o endereço do homem que ia fazer o aborto até que ela tivesse falado de novo com Freddy. — Freddy tem receio de que você faça alguma coisa dramática e maluca.

— Tem receio também?

— Não. — O tom dela não era amável.

Freddy telefonou-lhe naquela tarde, deu-lhe o endereço na Rua Tremont, proibiu absolutamente que ele os acompanhasse e tentou dissuadi-lo de montar guarda no parque. Piet teve vontade de cancelar tudo, de libertar Freddy da obrigação contraída e de deixar a barriga de Foxy crescer, mas viu que não era possível. Não dependia mais dele. Foxy e Freddy prosseguiriam, independentemente dele. Tinham-se tornado deuses em ação na supernatureza onde a vida é criada e destruída. Colocou o fone no gancho sentindo náusea, com a mão inchada como a de um afogado, a frágil baquelite mais viva do que ele.

Um vagabundo se aproximou dele no parque, com a mão estendida.

Piet recuou como se receasse ser esfaqueado. O outro homem vacilou com a palma da mão vazia. Piet procurou escutar. Estavam-lhe pedindo alguma coisa. Dime. O miserável homem queria dez centavos. A sua voz se retirava para trás das barbas, para as murmuradas raízes da língua. Piet deu-lhe vinte e cinco centavos. "Deus lhe pague, amigo." Anjo disfarçado. Nunca dar as costas. Homens que batiam à porta durante a Depressão. Os pastéis de sua mãe. Pão lançado às águas. Tire o casaco, dê o manto. Quem dá aos pobres empresta a Deus. Ninguém acredita. A filantropia é uma impostura para evitar o comunismo. Em criança, queria saber quem era o próximo que se devia ajudar. Velhas histórias cansadas. Pães e peixes, conversa fiada. Pão limpo. Sentiu fome. Uma leveza nos braços e nas pernas, sensação estranha, como conhecer a comida? Estranhos anjos, os desejos. Vêm do fundo de nós, habitam as nossas máquinas. Piet negou a sua fome. Se fosse até a cafeteria da esquina, Foxy morreria. Ficou sem comer. A bela frase de sua mãe. *Bem, meu filho, passe sem isso*. Os braços sujos de farinha levantando-se para a prateleira da despensa. Glória. Uma máquina de amor passava por cima dele e lhe achatava as tripas. Nunca mais. *Moeder is dood*.

Horas cruéis foram passando. O coreto, os tijolos com uma camada de gelo, os esquilos posando para instantâneos, os bandos de pombos, os galhos com as pontas gotejantes de névoa — tudo isso se tornou o único mundo que Piet conhecia. Todos os outros — a estufa, o exército, a casa e as festas dos seus amigos de Tarbox — eram precedentes fantasmas, estradas trilhadas às pressas para chegar ali. A fome interrogou-lhe a vaporosa cabeça, mas ficou sem resposta. Podia perder a hora de Foxy. A faca. Pedir dez centavos, receber vinte e cinco. Quinze por cento de lucro. Estava

protegendo o seu investimento. O seu ser se expandia para o alto na forma de um cone que se afinava para a prece. Resolveu tudo. Livrai-me dela, ela daquilo, nós de Freddy. Restituí-me o meu canto sossega-do. Num ângulo oblíquo, havia inserido o plano da sua vida onde as ocupações diárias se acumulavam como pó. Abajur, café. Ela havia introduzido uma dimensão drástica. Ele tinha sido um inocente entre as árvores. Ela exigira que ele soubesse. Um nó na corda reta da sua vida. O nó era certamente o pecado. Piet rezou para que fosse desatado.

No alto, os galhos do olmo pousavam num céu de lã suja. Deltas de erosão fotografados no alto acima da terra esgotada: vitrais.

Passos que voltavam do almoço ressoaram por toda a parte no parque como dentro de uma abóbada. Um pequeno inseto avermelhado rastejando por uma aresta de tijolo. Aquilo já havia acontecido. Quando? A cabeça inclinada assim. Exatamente. O espírito afundou nos abismos do passado, procurando saber quando havia acontecido o outro inseto. Levantou os olhos e viu a igreja de Park Street, majestosa. Olhou em torno dele para a cinzenta multidão que passava e todas as pessoas lhe pareceram miraculosas porque podiam guardar atrás dos rostos satisfeitos o conhecimento de que em breve, sob o céu esparsamente caiado, murchariam ou seriam ceifados.

Igreja. Sino. Três. Enfraqueceu, quebrou a resolução, correu para tomar café e comer uma, não, duas roscas de canela. Quando saiu do café, o céu amarelo entre os edifícios estava cheio de Foxy. Correu pela rua acima, convencido da sua irremediável culpa.

Mas o carro de Freddy, o conversível Mercury amarelo, ainda estava parado, com metade das rodas em cima do passeio, numa rua transversal. Ainda estava lá. Voltou para perto do coreto.

Sentiu os pés entorpecidos. Havia mais umidade em Boston do que em Tarbox. Mais ao norte. Ao seu temor por Foxy juntou-se a preocupação de que dessem por falta dele em casa. Viu então a última porta se abrir e um vulto que devia ser o calvo Freddy aparecer. O corpo de Piet pareceu flutuar, sem pés, para o alívio e saber. Freddy Thorne, que estava abrindo a porta do carro, levantou a vista e apertou os olhos, aborrecido de vê-lo. Nenhum deles pensou em falar. Uma negra de óculos de aros de metal e uniforme de enfermeira apareceu na porta ajudando Foxy.

Ela estava consciente, mas entorpecida. O rosto pontudo, meio sonolento, mostrava manchas vermelhas como se o tivessem esbofeteado. Os olhos se detiveram em Piet e passaram adiante. Os cabelos estavam caídos, todos de um lado, como trigo joeirado e a gola do seu capote de general russo estava abotoada abaixo do queixo, como suporte.

Só muitos dias depois, quando Foxy havia sobrevivido às quarenta e oito horas sozinha na casa com Toby e passara pelo teste da volta de Ken de Chicago, foi que Piet soube por ela, que soubera por Freddy, que no momento da anestesia ela havia entrado em pânico. Tentara bater na enfermeira que lhe chegara a máscara ao nariz e, através dos primeiros vapores do éter, tinha dito em prantos e aos gritos que queria ir para casa, que a criança tinha de nascer e que o pai da criança ia chegar naquele momento mesmo, arrombar a porta e fazê-los parar.

Depois que ela disse isso a ele pelo telefone na segunda-feira, o silêncio de Piet foi tão grande que ela riu para quebrá-

lo.

— Não fique arrependido por não ter ido arrombar a porta. Eu não queria que você fizesse isso. Era meu subconsciente falando e, só depois que voltei à

consciência, pude acalmar-me. Foi direito o que fizemos. Não podíamos agir de outro modo, não acha?

— Não pude pensar em outra coisa.

— Tivemos sorte de que tudo corresse bem. Devemos agradecer...

a quê? A nossas boas estrelas.

Tornou a rir, um riso perfunctório, ao telefone.

— Sente-se deprimida? — perguntou Piet.

— É claro. Mas não porque tenha cometido qualquer pecado, desde que foi isso o que você me pediu e o que tinha de ser mesmo feito para bem de todos. Mas acontece que estou agora de novo diante do meu problema.

— Que problema?

— Minha vida, Ken, esta casa fria. O fim do nosso amor. E meu leite secou e Toby não quer aceitar as mamadeiras que eu faço. Ainda por cima, Cotton desapareceu.

— Cotton?

— Meu gato. Não se lembra mais dele? Ainda na quarta-feira de manhã, ele estava aqui correndo atrás de ratos na beira da lagoa e, quando eu voltei para casa naquela noite, não o vi mais. — E o receptor foi ritmicamente arranhado pelos soluços dela.

— Por que não conversou mais comigo antes de fazermos isso? —

perguntou Piet.

— Eu estava zangada, o que acho que é o mesmo que dizer que eu estava com medo. E que era que podíamos dizer? Tudo foi dito. Você não teve coragem de fazer o filho passar como de Ken e eu sempre soube que não podia afastá-lo de Angela. Não, não discuta.

Ele ficou obedientemente calado.

— E agora, Piet. Que podemos esperar um do outro?

— Bem pouco — respondeu ele, depois de pensar.

— Para você, será mais fácil, Piet. Terá sempre alguém a procurar. Não negue. Eu não. Não tenho ninguém. E quer saber de uma coisa horrível?

— Se você quiser me dizer.

— Não posso mais suportar Ken. Nem olho para a cara dele, nem respondo quando me pergunta alguma coisa. Foi ele quem me fez matar meu filho. Pelo menos, é a espécie de coisa que ele seria capaz de fazer.

— Não foi ele. Fui eu.

Foxy explicou, como já havia feito uma porção de vezes, que Ken, negando-lhe um filho durante sete anos, matara nela alguma coisa que só outro homem poderia reviver. Terminou perguntando:

— Por que não vem conversar comigo? Só conversar?

— Acha que devemos?

— Não, não devemos. Mas estou deprimida, amor, terrivelmente deprimida.

Pronunciou essas palavras com uma languidez artificial aprendida nos filmes. O *script* exigia que ela desligasse nesse momento e ela desligou. Perdendo outra moeda, ele discou o número dela da cabina telefônica, onde era um cadáver esquisito de pé num caixão de alumínio. Na casa de Foxy, ninguém atendeu. É claro que devia ir vê-la. A morte, uma vez convidada, deixa por toda parte o seu rastro enlameado.

Georgene, fiel às ordens de Freddy, foi fazer uma visita a Foxy naquela segunda-feira por volta do meio-dia e ficou surpresa de ver a camioneta de Piet parada na entrada de carros. Sentiu que o trato não estava sendo cumprido. Pensava que com o aborto terminaria o domínio de Foxy sobre Piet. Acreditava que uma vez Foxy eliminada, a utilidade dela, Georgene, para Piet seria restabelecida. Tinha visitado Foxy na noite de quarta-feira, duas vezes na quinta e uma vez na sexta. Levara chá e torradas para a convalescente, mudara as fraldas de Toby e lavara duas cestas de roupa suja. Na sexta-

feira varrera e arrumara tudo para a volta de Ken. Os seus sentimentos em relação a Foxy tinham-se alterado durante esses dias de conspiração doméstica. Desde que a conhecera na festa dos Appleby, tinha antipatizado com ela. Quando Foxy lhe roubara Piet, essa simpatia se transformara em ódio, com sua implicação de respeito. Mas, tendo a mulher mais jovem à sua mercê, Georgene se permitira um pouco de ternura. Via em Foxy uma mulher destinada a arriscar-se e a sofrer, uma mulher poupada a qualquer tentação de conformar-se com o desagradável e cujos próprios erros eram obscuramente invejáveis. Impressionou-se com a dignidade de Foxy. Ela sabia que precisava de ajuda e não tentou em momento algum afastar Georgene de dar essa ajuda com protesto, ironias, confissões ou aviltamento pessoal. Era evidente que Foxy aceitava a presença de Georgene como o que realmente era, um acidente. Georgene admirava secretamente a coragem de Foxy. Não falavam de Freddy, nem de Pi-et. Discutiam o tempo, os trabalhos de casa e a maneira de cuidar dos filhos. Na tarde da sexta-feira, o último dia em que havia necessidade de Georgene, ela levou a pequena Judy e, na festiva atmosfera da recuperação, Foxy, já normalmente vestida, serviu biscoitos e vermute. Levantaram desajeitadamente os copos como para brindar uma à outra: duas mulheres que tinham dado jeito numa confusão.

Georgene não tinha sido convidada a aparecer na segunda-feira, mas teve vontade de ir para saber de Foxy e perguntar se ela queria algumas compras. Ao ver a camioneta de Piet, o ciúme explodiu dentro dela. Houve uma múltipla destruição e a primeira coisa aniquilada foi a terna camaradagem que havia começado a sentir pela outra mulher. De Piet, ela não esperava nada senão que continuasse a existir e a iluminar-lhe sem querer a vida. Sabia que a química do amor estava toda dentro dela,

era obra sua. Até o poder que ele tinha de feri-la com a sua indiferença era um poder que ela havia criado e concedido. Fizesse ele o que fizesse, não poderia evadir-se da província da liberdade dela, da sua livre decisão de amar.

Empurrou a porta e entrou sem bater. Piet e Foxy estavam sentados bem longe um do outro, em cantos opostos da mesinha de café.

Georgene sentiu que havia invadido um silêncio. A sua indignação foi frustrada pelo fato de não os haver encontrado abraçados. Não obstante, Piet ficou embaraçado e fez menção de se levantar.

— Não se levante — disse Georgene. — Não tive a intenção de interromper esse encontro amoroso.

— Não era nada disso — murmurou Piet.

— Oh! Um encontro de almas. Que bonito! Foxy, só vim aqui para saber como está passando e perguntar se quer que eu faça algumas compras. Mas estou vendo que já voltou ao normal e não precisa mais de mim. Ótimo.

— Não tome esse tom, Georgene. Estava agora mesmo dizendo a Piet como você é maravilhosa.

— E não foi ele que disse isso? É um insulto.

— Está zangada por quê? Acha que eu e Piet não temos o direito de conversar?

Piet moveu-se na sua cadeira e disse:

— Acho que me vou embora.

— Claro que não vai — disse Foxy. — Acabou de chegar. Georgene, tome uma xícara de café. Vamos deixar de enigmas.

Georgene não quis sentar-se.

— Não pense que eu tenho qualquer sentimento pessoal a esse respeito. Não é de minha conta o que vocês dois fazem ou, melhor, não seria se meu marido não tivesse arriscado o pescoço para salvar o de vocês. Mas acho, para o bem de vocês, que a menos que estejam pensando em fugir juntos, é muita imprudência

deixar a camioneta de Piet bem visível da estrada por onde Marcia pode passar a qualquer momento.

— Marcia está com o psiquiatra em Brookline — disse Foxy. —

Fica ausente todos os dias de dez às duas da tarde e às vezes mais quando almoça com Frank.

— Angela também está indo ao psiquiatra — disse Piet, para fazer conversa.

— E como é que você agüenta com a despesa? — perguntou Georgene.

— Não agüento. Mas meu sogro agüenta e os dois combinaram isso.

— E o que era que vocês dois estavam planejando quando eu entrei?

— Nada — disse Piet. — Estávamos até sem ter o que dizer.

— Por que não posso falar com o pai de meu filho? — perguntou Foxy.

— Não foi filho, foi um peixe, menos que um peixe — disse Piet. — Não foi nada, Foxy.

— Claro que era alguma coisa. Não era você que o estava carregando.

Georgene teve ciúmes daquela briga, daquela ostentação de co-rações altivos. Ela e Freddy raramente brigavam. Dormiam, iam a festas juntos e entediavam-se o dia inteiro, como dois veteranos inválidos. Só Piet lhe tinha dado notícia de um mundo de vegetação heráldica onde cada mulher era a rainha de algum homem.

— A minha opinião sincera — disse ela — é que um de vocês deve mudar-se de Tarbox.

— Por quê? — perguntou Foxy.

– Para o bem de vocês. Para o bem de todos. Vocês estão empes-tando o ar.

— Se o ar está empesteado — disse Piet —, é por causa de seu marido.

— Ora, Freddy quer ser apenas humano. Sabe que todos o julgam ridículo e assume o papel para viver melhor. De qualquer modo, não disse exatamente o que eu pensava. Talvez nós é que estejamos empesteados e vocês dois nos incomodam com tanta inocência. Piet, por que você continua a atormentá-la com a sua presença? Faça-a voltar para Cambridge com o marido. Ou acerte as contas com Gallagher e saia daqui. Vá para Michigan. Vocês assim se destruirão um ao outro. Passei o fim de semana aqui com ela. Você não sabe por que ela passou.

Foxy interrompeu-a secamente.

— A decisão foi minha. Sou muita grata à sua ajuda, Georgene, mas eu me teria arranjado sozinha. E nós nos teríamos arranjado sem Freddy, por mais que ele tivesse feito. Quanto a Piet e a mim, não pretendemos voltar a dormir juntos. Creio que você está dizendo que ainda o quer. Pode ficar com ele.

— Não é isso o que eu estou dizendo! Nada disso!

— Acho que estou em leilão — disse Piet, pilheriando. — Não acham que devem deixar Angela fazer também o seu lance?

Estavam achando graça, ele e Foxy. Georgene os estava divertindo e despertando uma consciência mais viva de um pelo outro.

Vendo-a ali tremer como uma intrusa, sabiam que estavam comandando tudo. Tendo conseguido o aborto dos seus inferiores, estavam em segurança e sempre existiriam um para o outro. Tinham os rostos satisfeitos de animais que acabaram de comer.

— Não sei mais o que estou querendo dizer — exclamou Georgene.

— Estou muito contente de vê-la tão feliz, Foxy. Acho-a muito corajosa.

— Não sou feliz — protestou Foxy, sentindo o perigo.

— Bem, mais feliz. E eu também me sinto feliz. A primavera já chegou e o inverno foi muito longo lá no

meu morro. Quando é que vamos voltar a jogar tênis?

A reunião do conselho municipal naquela noite cheirava a uísque. A política não interessa a Piet. Os holandeses, no Estado onde ele nascera, viviam excluídos do poder municipal e não lutavam por ele. A sua família tinha sido republicana sob a impressão de que era o partido da anarquia. Achavam que o governo era uma ilusão que os governados não deviam incentivar. O mundo da política não tinha mais realidade para Piet do que o mundo do cinema e as reuniões do conselho, de que fazia parte, eram para ele extremamente desagradáveis. Ia às reuniões para ver os amigos, mas aquela noite nenhum se sentou ao lado dele.

Quando a reunião acabou, por volta das onze horas, todos correram para os carros, planejando uma reunião em casa de um deles.

Mas Angela disse que estava com sono e queria ir para casa.

No carro, Piet perguntou:

— Que é que há com você? Está morta?

— Um pouco. Todas aquelas discussões sobre pedágios e posse de terra me deram dor de cabeça. Por que não podem fazer isso sozinhos sem nos aborrecerem?

— Como se foi hoje com o psicanalista?

— Não muito bem. Senti-me cansada, obtusa, e não sabia o que estava fazendo ali.

— Sobre que foi que vocês dois falaram?

— Quem fala sou eu. Ele escuta.

— E nunca diz nada?

— Idealmente.

— Você fala a meu respeito? Diz que eu a obriguei a dormir com Freddy Thorne?

— Só no princípio. Agora estamos falando de meus pais. Na última quinta-feira, disse de repente que meu pai sempre trocava de roupa no banheiro. Se eu estava

no quarto fazendo alguma coisa, ele ia para o banheiro e voltava de lá com o pijama vestido. A única vez em que pude vê-lo mesmo foi quando espiei para dentro do banheiro.

— Espiou, Angela?

— Sim e até hoje fico vermelha de pensar nisso. Mas ele me irritava. Sempre que entrava no banheiro, abria as duas torneiras da pia para que nós não o ouvíssemos fazer nada.

Nós: Louise, a irmã raramente vista, uma cópia em papel carbono de Angela, dois anos mais moça, que vivia em Vermont, com o marido professor. Louise se casara cedo, não era bonita como Angela, mas talvez fosse melhor na cama, mais suja. Pensou então em Joop, seu irmão, mais moço e mais puro. Ele é que se devia ter casado com Angela, deixando para ele, Piet, a suja Louise.

— Louise chegou a ver o pênis dele? Vocês duas conversavam sobre isso?

— Na verdade, não. Éramos terrivelmente inibidas. Mamãe sempre dizia como era bela a natureza e a casa era cheia de livros de ar-te. Os de Miguel Ângelo, os que mostram Adão, são muito interessantes com os seus pênis pequenos e flácidos, de modo que quando eu vi você pensei...

— Que foi que você pensou?

— Tentarei analisar com ele o que eu pensei.

Pouco depois, sentiu que Angela estava começando a cochilar e disse:

— Acho que nunca vi mamãe nua. Nenhum deles parecia jamais tomar um banho, pelo menos enquanto eu estava acordado. Acho que não sabiam de muito a respeito de sexo e houve um dia que fiquei escandalizado quando minha mãe de passagem aludiu aos meus lençóis manchados. Não me estava

repreendendo, estava quase brincando. Deve ter sido isso que me escandalizou.

— A única coisa boa que papai fez — disse Angela — foi obrigar-nos a levantar o corpo logo que nos começaram a nascer os seios. Ficava furioso quando nos via curvadas.

— Tinha vergonha deles?

— Vergonha, não. Mas pensava que nunca iria acostumar-me com eles, assim pontudos e balançando.

Piet viu na imaginação os seios de Angela e disse:

— Fico muito sentido de ver que você só fala sobre seu pai.

Pensei que eu é que era o seu problema. É verdade que quem está pagando é ele.

— Não sei por que isso o aborrece. Ele tem dinheiro e nós não temos.

Merissa ficara em casa tomando conta das crianças. Merissa, como em geral acontece aos filhos de pais separados, era determinadamente polida, tranqüila e convencional. Logo que entraram em casa, ela disse:

— Houve um telefonema. De um Sr. Whitman. Tomei nota do número.

Entregou-lhe um papel do bloco amarelo de recibos de Gallagher

& Hanema e Piet viu o número do telefone de Foxy.

— Sr. Whitman?

Merissa, que estava ajuntando os seus livros para ir embora, olhou-o sem curiosidade. Tinha já sofrido na vida um turbilhão de culpa e não queria passar de novo por isso.

— Ele pediu que o senhor telefonasse para ele logo que chegasse, fosse a que hora fosse.

— Mas já é tarde demais — disse Angela a Piet. — Leve Merissa para casa e eu telefonarei para Foxy amanhã de manhã.

— Não — disse ele, sentindo que Angela, do mesmo modo que Foxy, estava ali naquele momento tentando protegê-lo do seu destino, que era fruto dos seus atos. — Talvez ainda precisemos de Merissa. Vou telefonar agora para Ken.

Angela protestou.

— Merissa tem aulas amanhã e eu estou exausta.

Mas a voz dela carecia de força e os movimentos de Piet, quando discou, foram cuidadosos como os de um leproso cuja pele está caindo.

Ken atendeu na segunda chamada.

— Piet — disse ele. Não era um cumprimento. Ken ia dar um nome a alguma coisa.

— Ken. Foxy e eu tivemos uma longa conversa.

— Sobre quê?

— Sobre vocês dois.

— E?

— Nega que você e ela são amantes desde o verão passado?

O silêncio de Ken se prolongou. Um médico impaciente diante de uma esperança procrastinada. Piet viu que não havia brilho de luz, que a verdade estava solta e os cercava como o oxigênio, como a escuridão. Como um moribundo que, depois de meses de uma ilusão de cura, volta-se para a esperança de uma outra vida, Piet deu um suspiro e disse: — Não, não nego.

— Bem, já é alguma coisa.

O rosto de Angela, abandonado e silencioso, estava na franja da visão de Piet, enquanto ele escutava.

— Ela também me disse que ficou grávida de você no inverno e que você tomou providências para um aborto enquanto eu estava em Chicago. É verdade ou não é?

— Quero saber as regras desse jogo — disse Piet. — Posso ganhar ou só me resta perder?

Como se fizesse uma concessão, Ken disse:

— Piet, acho que o melhor é você e Angela virem até aqui esta noite.

— Mas ela está muito cansada.

— Posso falar com ela no telefone?

— Não. Iremos até aí. — Desligou e disse: — Temos que ir até lá, Angela. Pode ficar mais um pouco, Merissa?

Ambas concordaram. Ele havia adquirido naqueles últimos momentos ao telefone a dignidade difícil dos que não podem cair mais. O

seu rosto era uma máscara, enquanto o sangue lhe fervia num tumulto em que se revezavam a vergonha e o medo, condensando-se momentaneamente em pequenos atos — a abertura da porta, a procura das chaves nos bolsos, um sorriso de adeus a Merissa e a promessa de que não demorariam muito — necessários para que saíssem da casa para a névoa, a caminho.

Não era grande a distância da casa dos Hanema para a casa dos Whitman. Por isso, Piet e Angela não tiveram muito tempo de falar.

Angela, juntando tudo o que já sabia, perguntou:

— Há quanto tempo isso vem acontecendo?

— Desde o verão. Acho que ela só me chamou para fazer as obras com essa intenção.

— Isso me ocorreu, mas nunca pensei que você fosse proceder assim. Pensei que isso era contra a sua ética. Enganei-me. Mas os seus homens e Gallagher?

— Fiz um trabalho respeitável para ela. Foi só depois das obras, quando o meu carro não tinha mais razão de estar ali, que as coisas deixaram de ser direitas.

— Ah! Isso não lhe pareceu direito?

— Claro que não. Por motivos religiosos, foi pesado e triste.

Ela estava muito grávida.

Agradava a Piet falar sobre isso, como se sob essa outra forma ele tivesse amado secretamente Angela e lhe pudesse revelar então a imensidão do seu amor.

— Isso é que surpreende — disse ela. — Ela estar grávida. Deve ser muito difícil a Ken aceitar isso.

Piet encolheu os ombros.

— Fazia parte dela. Se ela não se incomodava, eu também não.

Na realidade, isso fazia tudo parecer mais inocente, como se parte dela continuasse fiel a Ken, sem importar o que fazíamos com o resto.

— Quantas vezes ao todo você dormiu com ela?

— Trinta. Ou quarenta.

— Quarenta?

— Você é que quis saber. — Ela estava chorando. — Não chore.

— Estou chorando porque você parecia tão feliz ultimamente e eu pensei que fosse por minha causa. Era por causa dela.

— Não, não foi por causa dela.

Sentia dentro de si um ponto dolorido, um poço oculto, o fato de Bea.

— Não? Quando foi a última vez?

O aborto. Ela não devia saber. Mas era uma coisa muito grande para esconder. Como uma árvore. À sombra, o chão ficava suspeitosamente nu.

— Há meses. Concordamos em que seria a última vez.

— Depois que a criança nasceu?

— Sim. Seis ou sete semanas depois. Fiquei surpreso de que ela ainda me quisesse.

— Você é tão modesto. — O tom era despido de ironia, morto. —

Por que parou?

Tendo faltado à verdade nos outros pontos, Piet foi pródigo em sinceridade nesse.

— Começou a ser mais incômodo do que agradável. Eu estava ficando cruel com você e não via mais minhas filhas, que estavam crescendo longe de mim. Quando ela teve a criança e foi um menino, pareceu claro que tudo

estava acabado. Há um tempo para amar e um tempo para morrer.

Angela tinha parado de chorar, mas o choro se mostrava na voz dela como um ponto gasto, sob a ação da erosão.

— Você a amou?

— Não sei se o termo é bem esse. Mas tinha prazer em estar com ela.

— E tinha prazer também em estar com Georgene?

— Sim, mas de maneira menos complexa. Ela era menos exigente.

Foxy estava sempre querendo educar-me.

— Houve outras?

— Não.

A mentira durou enquanto subiam a última ladeira antes da casa dos Whitman.

— E eu? Tinha prazer em estar comigo?

— Oh, sim, estar com você é como estar no céu. — Em seguida, disse apressadamente, tendo chegado a uma decisão: — Uma coisa você deve saber, desde que Ken já sabe. Depois, quando calculei que o nosso caso já estava acabado, Foxy ficou grávida de mim — não me pergunte como, pois foi muito ridículo — e nós conseguimos de Freddy Thorne que tomasse as providências para um aborto. O preço dele foi aquela noite com você. Parece horrível, mas não havia outro recurso. Você foi formidável e isso encerrou absolutamente tu-do entre mim e Foxy. Está acabado. Só estamos aqui esta noite para ouvir as reprimendas.

Tinham chegado. Piet desligou o motor e ficou alarmado com o silêncio de Angela. Por fim, ela disse com voz sumida:

— É melhor você me levar para casa.

— Não seja boba. Você tem de vir. Sem você, não terei coragem.

Foi Ken quem abriu a porta. Apertou solenemente a mão de Piet, olhando-o como se quisesse tirar um instantâneo. Recebeu Angela com uma solicitude que se aproximava do flerte. A sua voz e os seus ombros de homem preenchiam confortáveis espaços onde só Foxy tinha padecido à deriva e abandonada. Tomou-lhe os casacos e Angela, correndo os olhos em torno, ficou fascinada com a maneira pela qual tinha sido reformada a casa que deveria ser dela.

— Foi você que escolheu o papel das paredes? — perguntou ela em voz baixa a Piet.

Foxy estava na sala, dando a mamadeira ao filho. Sem poder levantar-se, cumprimentou-o com um sorriso.

Angela sentou-se na velha poltrona de couro e Piet numa cadeira de vime que a mãe dela tinha mandado de Maryland. Ken ficou de pé, disposto a conduzir a reunião de uma maneira professoral. Angela e Foxy emprestavam à sala a nutritiva graça do testemunho feminino sem o qual nenhum ato, desde que Adão deu nome aos animais, tem sido completo.

Ken perguntou o que gostariam de beber. Angela disse que nada.

Piet pediu alguma coisa que tivesse gim. Desde que a temporada do gim-tônica não havia começado, talvez um martíni europeu meio a meio.

— Ken, qual é o primeiro ponto da sua agenda? — perguntou afinal.

Ken não tomou conhecimento da pergunta e disse a Angela:

— Quanto sabia de tudo isso?

— Tanto quanto você. Nada.

— Deve ter desconfiado de alguma coisa.

— Tenho muitas desconfianças a respeito de Piet, mas ele sempre consegue livrar-se delas todas.

Ken continuou a conversa com Angela.

— Mas você está em Tarbox o dia todo. Eu fico ausente doze horas por dia, de sete às sete.

— Que é que está sugerindo, Ken? Que eu sou descuidada como esposa?

Foxy disse:

— Uma das coisas que fazem de Angela uma boa esposa para Piet, melhor do que eu poderia ser, é que ela se deixa cegar.

— Isso é que não sei — murmurou Angela.

Foxy não podia deixar sem resposta essa leve farpa de Angela e disse:

— Estou lhe fazendo um elogio. Acho isso uma bela qualidade.

Nunca pude ser a mulher displicente e resignada. Sou ciumenta por natureza. Ficava furiosa nas festas quando via você chegar com aquele sorriso secreto de posse e levar Piet para a cama.

Piet teve um sobressalto. Aquilo não era agradável para Ken.

Tinha de mudar de assunto. Procurou obter uma informação inocente.

— Como foi que descobriu?

— Disseram a ele — interveio Foxy. — Uma mulher. Uma mulher ciumenta.

— Georgene — disse Piet.

— Exato.

— Não — disse Ken. — Foi Marcia Smith Pequeno. Encontrei-me com ela outro dia na rua e ela me perguntou se ainda havia obras na casa para que a camioneta de Piet ficasse tantas vezes parada aí em frente.

— Não seja ridículo! — exclamou Foxy. — Isso foi o que vocês dois combinaram para dizer. É claro que foi Georgene, Piet. Eu sabia, quando ela nos encontrou aqui juntos na semana passada, que iria fazer alguma coisa

baixa. Ela não tem amor na vida e não pode tolerar que os outros tenham.

Piet não estava gostando das maneiras dela. Parecia que deviam mais consideração às duas pessoas a quem haviam ofendido.

— E você, então, disse tudo a ele?

— Sim, sim. E, uma vez que comecei a falar, não pude mais parar. Sinto muito por você e não sinto. Foi você quem me pôs nesse inferno.

Angela sorriu para Ken e disse:

— Estão brigando.

— O problema é deles — respondeu Ken.

— Georgene encontrou-os juntos na semana passada? — perguntou Angela. — Piet me disse que estava tudo acabado.

— Pois ele mentiu para você, meu bem — disse Foxy.

— Não menti nada! — exclamou Piet. — Só vim até aqui porque você estava deprimida. Nada fizemos e quase não conversamos. Com-binamos que o aborto terminaria tudo o que já devia ter há muito terminado.

— Acha mesmo?

Os olhos baixos. Um procedimento que misturava capitulação e desafio. Piet sentiu que aquele corpo claro suplicava que lhe fosse poupada uma nova humilhação como a de Peter.

Ken voltou-se para Angela.

— Que é que sabe? Sabe que na festa do dia em que Kennedy morreu, os dois se estavam agarrando lá em cima no banheiro? Sabe que durante algum tempo ele teve Georgene e Foxy e agora tem outra mulher?

— Quem?

— Bea.

— Cara Bea — murmurou Angela, com os dedos nas tachas da poltrona. A dor tão superiormente sofrida. A traição das lésbicas.

Roupas de ginástica e poesia. Toque meu braço. Hóquei.

— Puro boato — exclamou Piet. — Que provas tem disso?

— Deixe disso, Piet — murmurou Angela.

Ken continuou no seu papel de professor.

— Sabe do aborto?

Piet perguntou a Foxy?

— Por que ele não deixa minha mulher em paz?

Angela fez um sinal afirmativo e disse a Ken:

— Parece que fizeram isso tanto por você quanto por eles. Uma mulher cínica teria a criança e diria que era sua.

— Só se fosse totalmente cego. Posso distinguir perfeitamente quem é um Whitman e quem não é.

— Basta ouvi-los — disse Piet. — Começaram a dar aulas no berço.

Ken voltou-se para ele.

— Entre as providências que estou estudando figura uma queixa criminal contra Freddy Thorne. Você seria um cúmplice.

— Mas por que, pelo amor de Deus? — perguntou Piet. — Foi a coisa mais cristã que Freddy Thorne já fez. E não era obrigado a fazer isso. Fez isso por piedade, por amor mesmo.

— Amor por quem?

— Por seus amigos.

E Piet, dizendo isso, sentiu o coração vibrar com o nervosismo do amor, como se ele e Freddy, derrubada a parede que os separava, se tivessem afinal compreendido. O ódio e o amor procuram ambos conhecer.

— Ele fez isso — disse Ken — porque gosta de se intrometer.

Mas não se trata disto, nem daquilo. Já aconteceu e eu não vejo outro caminho. Falando de maneira técnica, há

reações que são reversíveis e outras que não são. Isso me parece irreversível. A simples infidelidade poderia ser contornada, até uma ligação prolongada, mas com meu filho no ventre...

— Não seja tão supersticioso — disse Foxy.

— ... e então essa monstruosa operação com Thorne...

— Mas como pode julgar? — perguntou Angela. — Segundo Piet, foi a coisa mais misericordiosa que ele já fez.

Ken continuou a falar, com uma voz que tinha uma curiosa hesitação adolescente.

— Vou tentar de novo explicar. É claro que não tenho muito valor para qualquer de vocês. Mas esta noite é muito importante para mim e eu tenho o direito de dizer o que penso. De certo modo, sinto-me satisfeito e benevolente porque, como cientista, devo procurar a verdade e consegui-la plenamente. Quero ser digno dela e não recuar.

Piet se serviu de mais gim. Foxy piscou os olhos e sacudiu o menino. Angela tomou um gole de conhaque e continuou sentada na poltrona.

— Em química — disse Ken — as moléculas têm laços entre si. Em alguns casos, os laços são fortes e em outros são fracos. Embora atualmente, com as valências atômicas, possamos explicar por que, antigamente, o fato tinha apenas um valor prático. Escutando minha mulher esta noite, não só pelo que ela disse, com as suas espantosas e frias maneiras de enganar, mas também pela alegre plenitude com que ela revelou tudo, chego à conclusão de que não há um laço forte entre nós. Acho que devia haver. Somos ambos descendentes da mesma espécie de pessoas, somos ambos inteligentes, podemos levar um plano até o fim e ficamos juntos durante um longo tempo que ela me diz agora que foi enfadonho para ela. Ela me disse, Piet, que não sabia mais o que era o amor até você aparecer. Não, não diga nada. Talvez eu

seja incapaz de amor. Sempre julguei que a amava, que sentia por ela o que se presume que você sente. Eu queria que ela tivesse um filho meu quando tivéssemos espaço para ele. Dei-lhe esta casa...

— Você deu esta casa a você mesmo — disse Foxy.

— Foxy! — disse Piet.

As mãos de Ken, mais jovens do que o resto do corpo, que tinham traçado diagramas num plano enquanto ele falava, caíram desconsoladamente ao longo do corpo. Ele se voltou para Piet:

— Está vendo? Não há laços. Talvez haja entre você e ela. Melhor para vocês.

— Pior para eles, eu acho — disse Angela.

Ken olhou-a surpreso. Parecia-lhe que tinha sido suficientemente claro.

— Vou me divorciar.

— Não vai nada.

— Vai mesmo?

Angela tinha falado com Ken e, depois, Piet com Foxy.

— Se você se divorciar dela, terei de me casar com ela — disse Piet, sentindo que as palavras lhe haviam fugido da boca. Eram uma ameaça, uma queixa ou uma promessa?

— Foi o pedido de casamento mais gentil que eu já recebi —

disse Foxy secamente, mas tinha dado o nome certo: um pedido de casamento.

— Meu Deus, meu Deus — exclamou Angela. — Sinto-me mal, sinto-me mal.

— Pare de dizer as coisas duas vezes — disse-lhe Piet.

— Mas ele não a ama — disse Angela a Ken. — Só procurou ajudá-

la desde o verão.

Ken disse:

— Não sei o que você vai fazer. Só sei o que eu vou.

— Mas não se pode divorciar dela por alguma coisa que já acabou — disse Piet. — Ela está arrependida. Ela confessou. É seu filho que ela tem nos braços. Bata nela se quiser, saia de Tarbox, volte para Cambridge com ela, qualquer coisa. Mas não reconheço um só homem equilibrado...

— Não sei como eu poderia ser mais equilibrado. Tenho todos os motivos legais.

— Deixe de ser filho de advogado por um segundo. Procure ser humano. A lei é morta.

— O ponto principal de tudo — disse Ken, sentando-se afinal —

é que ela não está arrependida.

— Claro que está. Olhe para ela. Pergunte a ela — disse Piet.

Ken perguntou gentilmente, como se estivesse despertando:

— Está arrependida, Foxy?

Ela olhou com os límpidos olhos castanhos e disse:

— Seria capaz de lhe lavar os pés todas as noites e beber a água.

Ken voltou-se para Piet, satisfeito com o êxito da sua experiência.

— Viu? Ela está zombando de mim.

Foxy se levantou, colocou o menino no ombro e começou a bater-lhe rapidamente nas costas.

— Não posso tolerar isso. Ser tratada como uma coisa — disse ela. — Desculpe, Angela, sinto muito o que você está passando, mas esses homens são horrorosos com toda essa pena de si mesmos.

Parou um instante na porta para apanhar uma manta e, nesse momento, no silêncio estabelecido com o ato dela, Tobias arrotou.

Ao ouvir isso, Angela deu uma gargalhada. Ela estava com o rosto escondido nas mãos. Naquele instante, revelou-o, como se, sacerdotisa de si mesma, estivesse

reverentemente abrindo as folhas laterais de um tríptico. Piet viu que o rosto, perdido em si mesmo, era como uma anêmona-do-mar disposta a ser alimentada por qualquer onda que sobre ela rolasse.

— Quero ir para casa — disse ela a Ken. — Estou cansada e preciso de um banho. Tudo está resolvido? Você vai se divorciar de Foxy e Piet vai se divorciar de mim. Quer casar-se comigo, Ken?

Ele respondeu com uma gentileza que confirmou Piet na suspeita, que vinha desde a infância, de que o mundo era povoado por gente mais alta, mais sábia, mais graciosa e menos ávida do que ele.

— Você me está tentando — disse ele. — Gostaria de a ter conhecido anos antes.

— Anos antes, não procurávamos senão ser boas crianças — disse Angela. Em seguida, perguntou a Piet: — Que faremos? Quer se mudar esta noite?

— Não dramatize, Angela. Nada está resolvido. Acho que todos nós precisamos ainda de pensar um pouco sobre isso.

— Já está recuando da sua proposta? — perguntou Ken.

— Que proposta?

— Piet. Há uma coisa de que você precisa saber a nosso respeito, meu e de você, que por algum motivo, maneiras modernas talvez, não consegui exprimir e que não creio que esta discussão lhe tenha feito ver, a julgar por esse seu jeito sorridente. Tenho ódio de você. — Pensou que isso soava falso e emendou: — Tenho ódio do que você fez a mim, do que você fez a Foxy.

Piet pensou que Angela o defenderia aos menos com um vago protesto, mas ela permaneceu em silêncio. Ken continuou:

— Em menos de um ano, você e esta cidade doente arruinaram tu-do o que minha mulher e eu tínhamos construído em sete anos. No fundo desse aspecto

brincalhão, você gosta de destruir. O Vingador Ruivo. Você está gozando tudo isso. Está gozando o sofrimento dessa mulher.

Aborrecido de ser assim insultado, Piet se rebelou. Levantou-se e disse a Ken:

— Ela é sua mulher, você que a conservasse em sua cama. Você já a havia perdido antes mesmo de começar. Nenhum homem que se respeitasse teria casado com ela no rebote como você. Não me culpe se não foi possível nascerem flores neste — já perto da porta, seguindo Angela, fez um gesto circular com os braços que abrangia a casa, os móveis de Cambridge, a soma dos anos de casamento —, neste tubo de ensaio.

O carro seguia através do nevoeiro. Angela perguntou:

— Ela era muito melhor na cama do que eu?

— Era diferente. Fazia coisas que você não faz. Creio que dá mais valor aos homens do que você. Mas talvez seja mais insegura do que você e é provavelmente um pouco masculina. Fisicamente, você é mais do que ela em toda parte, é tensa e as reações dela não são plenamente desenvolvidas. Também é jovem, como você disse uma vez.

A resposta cabal dada por ele ofendeu Angela, como se só então ela se convencesse de que ele realmente conhecera a outra. Começou a dar gritos desvairados e escorregou para o chão do carro, batendo desesperadamente com a cabeça e com os braços. Piet freou o Peugeot e deu a volta ao carro para abrir a porta do lado dela.

Quando ele a puxou para fora, ela parecia desconjuntada e flácida como uma boneca ou uma pessoa bêbada. "Respire forte", disse ele.

Angela obedeceu e foi-se pouco a pouco acalmando. Os faróis de um carro avançaram lentamente para ele dentro do nevoeiro e pararam.

A porta do carro foi aberta e a voz de Harold Smith Pequeno se fez ouvir no silêncio.

— Tudo bem por aí?

— Tudo. Obrigado. Estamos apenas gozando a aragem do mar.

— Ah, é você, Piet! Quem é que está com você?

— Angela.

— Alô — disse Angela, como em confirmação.

— Que tal a festa, Harold?

— Não houve festa. Apenas cerveja. Um *peu de bière*. Carol o procurou depois da sessão, mas não o viu mais.

— Não teríamos podido ir, mas de qualquer maneira, obrigado —

disse Piet. — Quem é que está com você?

— Marcia, é claro.

— Por que é claro?

A voz de Marcia fez-se ouvir dentro do nevoeiro.

— Pare com isso, Piet. Você é um velho sujo.

— E você um amor. Boa noite a vocês.

— Boa noite, Hanema.

As duas luzes vermelhas foram diminuindo e desapareceram. No silêncio, houve então o rugido do mar invadindo os canais na maré que subia. Os gritos dela tinham sido animais, menos do que animais, os ruídos de um mecanismo desarranjado. Piet quase não podia acreditar que o mundo se reconstituísse — o nevoeiro de uma hora da madrugada, a geografia familiar de Tarbox — depois de tal perturbação. Mas Merissa, depois que Angela lhe agradeceu e contou uma mentira sobre a nova saída, pegou calmamente os livros que tinha lido ao pé da televisão. Enquanto Piet a levava de carro para casa, ela exalava um perfume de tangerina e falou do terrível terremoto que tinha havido em Anchorage, no Alasca. Quando ele voltou, encontrou todas as luzes de baixo apagadas e Angela no-banheiro lá em cima. As veias azuis nos seus seios, o fantasma de

um queimado de sol nos ombros e nas coxas. Estava deitada na banheira, ensaboando preguiçosamente as partes pudendas. Depois esfregou circularmente, bateu os cabelos molhados em alguns picos esparsos e virou o corpo a fim de que a água a lavasse e tirasse o sabão. Os peitos se balançaram e mergulharam na água cor de pérola suja. O cabelo estava preso num coque que lhe expunha ternamente a nuca.

— Perdão — disse Piet —, mas tenho de me sentar no vaso. Estou que não me agüento.

— À vontade. Não se importe comigo.

Ele se sentou e uma sensação de alívio se misturou com a visão fascinante dos pés dela — rosados e pequenos. Foxy tinha nos pés longos dedos preênseis. Uma noite, em casa dos Constantine, vira-a pegar um lápis com os pés e escrever na parede Elizabeth.

— Como se está sentindo? — perguntou ele a Angela.

— Desesperada. Se me passar uma lâmina, eu cortarei os pulsos.

— Não diga uma coisa dessas. — Um novo fluxo diarréico tinha adiado a sua resposta por um instante. De onde poderia vir tanto veneno? Seria possível que o gim matasse as enzimas?

— Por que não? Isso lhe pouparia todos os aborrecimentos de um divórcio. Não creio que meu pai me deixe ser muito generosa.

— Você pensa — um terceiro fluxo, mais reduzido — que vai haver isso? Tenho um medo de morte daquela mulher.

— Ouvi você pedi-la em casamento, Piet.

— Ela é que fez as minhas palavras parecerem isso. Francamente, prefiro continuar casado com você.

— Talvez eu não prefira continuar casada com você. . .

— E com quem você iria viver?

— Com ninguém. Comigo mesma. A verdade é que você nunca me deixou ser eu mesma. Todas essas festas

a que você me fez ir e me obrigou a dar para que você pudesse seduzir as mulheres daqueles homens horríveis.

Ele gostava de falar com ela assim displicentemente mesmo de coisas desagradáveis. Gostava de concordar com ela, porque afinal de contas era um estudioso dela.

— São horríveis mesmo. Só há duas espécies de homens nesta cidade: os patifes do alto da classe média e os patifes do fundo da classe média. Os do alto cursaram a universidade. Eu fico mais ou menos no meio.

— Que foi que achou de Ken? — perguntou ela.

— Detestei-o. Um verdadeiro computador. Colocam-se os dados e sai a decisão.

— Não sei — disse Angela, movendo devagar as pernas dentro da água. — Acho que ele mostrou mais coragem do que qualquer de nós.

— E, por falar em divórcio, fique sabendo que ele não tem a menor intenção de se divorciar dela. Quer apenas assustar a ela e a nós para proteger a sua honra de colegial.

— Ela não me pareceu amedrontada. É justamente o que ela quer.

Do contrário, por que iria dizer tudo a ele numa noite?

Ele limpou-se e puxou a descarga. O cheiro de canela podre no pequeno banheiro embaraçou-o por causa da mulher. Esta levara uma toalha aos olhos e gemia baixinho:

— Meu Deus, meu Deus!

— Que é, meu bem?

— Ficarei tão sozinha. Você foi a única pessoa que tentou se aproximar do meu verdadeiro eu.

— Vire-se que eu lhe esfrego as costas.

As nádegas eram ilhas vermelhas arrepiadas pelo calor. Um estreito canal de água passava entre elas. As costas eram um animal castanho zebrado pela fita do sutiã e marcado por três pequenas cicatrizes nos lugares onde tinha havido verrugas.

— Isso não vai acontecer — disse ele, passando-lhe sabão nas costas. — Não vai acontecer.

— Mas talvez aconteça alguma coisa — disse ela, com voz pequena e submissa. Mas quando ele acabou e ela se levantou, Angela foi colossal. Baldes de água caíam-lhe das tinas entre os seios e as pernas e voltavam à banheira.

— Alguma coisa pode acontecer, Piet. Você me insultou terrivelmente. Fui em parte culpada, mas essa é minha fraqueza e eu tenho sido complacente com ela.

— Você está falando como seu psicanalista.

— Ele diz que eu não tenho respeito próprio e é verdade. Com você acontece a mesma coisa. E estivemos esta noite com duas pessoas que têm algum e você deve reconhecer que perdemos para elas.

— Foi o *round* dele. Eu já tive o meu.

— Não suporto quando você fica com essa cara. Você devia ter visto a sua cara esta noite. Quando você disse que teria de se casar com ela, o seu ar foi de uma incrível felicidade, como se todos os problemas estivessem resolvidos.

— Não pode ser verdade. Não quero me casar com ela. Prefiro me casar com Bea Guerin. Ou com Bernadette Ong.

— Você dormiu com Bernadette.

— Nunca. Ela me deu entrada, porém, e com o marido à morte.

Pare com isso. Não quero me casar com Foxy. É a você que eu amo.

Comparada com você, Foxy não vale nada.

Calculou que tinha de fazer alguma coisa acrobática. Tendo tirado toda a roupa menos as cuecas, atirou-se de joelhos e enlaçou com os braços as coxas dela. Os ladrilhos estavam frios e o corpo dela ainda fumegante. Ela lhe empurrou em protesto a cabeça, bloqueando um impulso amoroso. A vulva era de um castanho rosado.

Pergaminho. Egito. Lótus.

— Não me faça deixar você — pediu ele. — Você é que guarda minha alma. Serei eternamente maldito.

— Será bom para você — disse ela, ainda lhe empurrando a cabeça. — E será bom para Foxy também. E você tem razão. Ken não é sexualmente atraente. Dei-lhe uma entrada hoje e não houve nada. Nem uma faísca.

— Não brinque, Angela. Pense nas meninas.

— Viverão bem comigo.

— Vão sofrer.

— Você não disse sempre que elas deviam sofrer, senão não a-prenderiam a ser boas? Pare de me pegar.

Embaraçado, ele se levantou. A meio metro dela, tirou as cuecas. Estava tumescente.

— Eu bem que gostaria de dar-lhe uma surra.

Ela baixou os braços. Os seios ficaram livres, lívidos e delicados como feridas.

— É claro que você gostaria — disse ela.

Ele sacudiu o punho cerrado. Ela recuou e esperou altivamente.

Durante o mês de abril depois daquela noite, Piet teve muitas conversas, como se a cidade, sentindo-o condenado, se estivesse apressando para dizer-lhe tudo. Freddy Thorne um dia o fez parar no meio da rua e disse:

— Está aí o que você me fez. Recebi uma carta paranóica de Ken Whitman a respeito daquela pequena ortodontia pélvica que executamos. Disse que não pretendia por enquanto tomar qualquer ação legal, mas que se reservava esse direito. Tudo psicopaticamente formal. Citou quatro leis em que eu estava incurso com indicação das penalidades máximas, tudo muito bem datilografado. Perfeito anal-erótico. Que foi que houve?

Piet contou-lhe tudo, menos que a traição partira de Georgene.

Devia ao menos isso aos Thorne. No fim, perguntou:

— E você ficou preocupado com a carta?

— Meio a meio. Ele não vai fazer nada. Foxy não deixará.

— Freddy, você vive num mundo de fantasia povoado de mulheres.

Não tive mais notícias dela e estou preocupado. Você não poderia mandar Georgene lá para saber como vão as coisas?

— Acho que os dias de mensageira de Georgene terminaram, Piet.

Ficou furiosa quando encontrou você lá e até hoje estou procurando acalmá-la. Nem pense nisso, certo?

Georgene lhe telefonou na sexta-feira à tarde para o escritório. Gallagher estava escutando, mas ele deixou Georgene falar.

— Piet — disse ela —, fui até a casa dos Whitman hoje porque Freddy me disse que você estava muito preocupado, e não encontrei ninguém lá. Está tudo trancado e já há os jornais de quatro dias acumulados na porta.

— Marcia sabe de alguma coisa?

— Diz ela que desde a terça-feira nenhum carro passou por lá.

— Mas não é possível. As pessoas não podem desaparecer assim!

— Calma! Você não é Deus e não pode proteger os Whitman do que eles quiserem fazer um com o outro.

— Obrigado por tudo. Obrigado pelo conselho e obrigado principalmente por ter contado tudo a Whitman.

— Não disse quase nada a ele. Mas confesso que falei maliciosamente na sua camioneta parada lá na casa. Pela reação dele, vi que já desconfiava de alguma coisa. Apesar de tudo, perdão.

— Nada disso. Quem lhe deve pedir perdão sou eu se alguma vez a ofendi. Nunca tive essa intenção.

Foi Gallagher quem lhe deu a explicação. Tendo ouvido essa conversa, chamou Piet ao seu escritório e ali lhe contou uma coisa estranha. Ken Whitman havia aparecido na casa dele na terça-feira bem cedo, antes mesmo do leiteiro. Estava molhado, amarfanhado e cheio de areia. Tinha andado a noite toda pela praia dentro do nevoeiro e só pela manhã tirara um cochilo dentro do MG. Piet pensou, com um sentimento de culpa, que naquela noite tinha dormido o sono dos justos ao lado de Angela. Ken havia dito que tinha ido procurar Gallagher porque era o único homem de Tarbox a quem respeitava. E Terry poderia compreender Foxy. Ken contou-lhe tudo e perguntou o que devia fazer. Os dois o aconselharam a voltar para Foxy. Ele a amava, havia um filho por quem ambos eram responsáveis e eram um belo casal. Terry disse que não há quem não prevarique ou não sinta a tentação. Mas Ken foi irredutível, embora não mostrasse sentimento de vingança. Falava das pessoas envolvidas no caso como elementos químicos, sem paixão. Para ele, a única solução era o divórcio. Terry começou a chorar, mas Ken não deu muita importância a isso. O que ele queria saber deles era se Piet se divorciaria de Angela para casar-se com Foxy. Se eles pensassem que sim, quanto mais cedo, melhor. Se eles achassem que Piet recusaria, seria melhor esperarem e, em vez do divórcio, separarem-se apenas. Ele ia voltar para Cambridge e ela ficaria na casa. Ele gostaria muito de que os Gallagher prestassem alguma assistência a ela.

— Terry disse algumas verdades a ele, você bem sabe que ela nunca pôde gostar muito de Whitman. Depois ele agradeceu e saiu.

Mais tarde Terry foi ver Foxy e encontrou-a arrumando as malas.

Estava absolutamente calma e disse que iria com o menino para a casa da mãe em Washington. E é lá que presumo que ela esteja.

— Que é que acha que eu devo fazer, Matt?

— E eu e Terry conversamos muito sobre isso e chegamos à conclusão de que você tem uma coisa a fazer. Ver o blefe dele. Faça saber aos Whitman, ou pelo telefone a Ken ou por carta a Foxy, que você não pretende de modo algum casar-se com ela. Quando tiverem certeza disso, voltarão um para o outro.

— Mas acha mesmo que é isso o certo? Ou essa é apenas a solução que agradaria a Terry, a você e ao papa?

— Escute, Piet, não gosto de me meter nos seus assuntos. Já lhe dei a minha opinião. Siga-a se quiser que essa confusão tenha um resultado decente. Mas eu não posso saber o que você realmente quer.

— Ora, Matt, no momento eu nada posso fazer. Só me resta é deixar as coisas correrem e rezar.

— Isso é o que você sempre faz — disse Matt sem hesitação.

Ao chegar a casa, Angela disse-lhe que tinha recebido um telefonema de Washington.

— Foxy?

— Como é que você sabe? Então ela tem telefonado para você, embora me dissesse que não.

— E não telefonou. Gallagher é que me disse hoje onde eles estavam. Ken apareceu lá na terça-feira e contou tudo a eles.

— Pensei que você já soubesse. Terry me contou há alguns dias.

— Por que não me disse nada? Tenho andado tão preocupado.

— Quase não nos temos falado. — Era verdade.

— E que foi que ela disse?

— Está muito calma e disse que estava na casa da mãe. Tinha pensado no caso e, quanto mais pensava, mais se convencia de que devia divorciar-se quanto

antes de Ken, enquanto o filho ainda está pequeno. Não quer que Toby leve a vida infeliz que ela levou.

Disse ainda e me pediu que eu lhe dissesse que ela absolutamente não espera que você me deixe. Disse que ama você, mas que o caso do divórcio é entre ela e Ken e que você não tem obrigação alguma para com ela. Disse isso no mínimo duas vezes.

— E que foi que você disse?

— Que é que eu poderia dizer? Sim, não, muito obrigada.

Piet deu um suspiro e disse:

— Que pena! Isso tem sido um verdadeiro pesadelo.

— Não se sente culpado do divórcio deles?

— Um pouco, não muito. Estavam mortos um para o outro e de certo modo foi até uma sorte para eles que eu tivesse provocado esse desfecho.

— Não saia daqui ainda, Piet. Não tive nada para dizer a Foxy, mas tenho uma coisa para lhe dizer. Podemos tomar um pouco de conhaque?

— Ainda quer conhaque depois de um jantar desses?

— Vá buscar o conhaque, por favor. O filme na televisão está quase acabando. Queria esperar que as meninas tivessem ido dormir, mas estou com disposição é agora. Vá ver o conhaque.

Ele ainda estava servindo o conhaque quando ela começou.

— Acho que Foxy enfrentou a situação dela e que nós devemos enfrentar a nossa. Você tem de sair de casa, Piet. Não quero mais viver com você. Saia esta noite.

— Sério?

— Sério.

— Então há mesmo necessidade de conhaque. Agora diga-me por quê. Está tudo acabado com Foxy.

— Não sei ao certo, mas não importa. Creio que ainda gosta de-la, mas, ainda mesmo que isso não aconteça,

fiquei sabendo de Bea, e, se não for Bea, será outra. Não vale mais a pena.

— E as meninas? Não vale a pena para elas também?

— Deixe de se esconder atrás das meninas. E, na verdade, acho que também não vale a pena para elas. E deixe-me dizer uma coisa que eu penso que é verdade. Você não me ama, Piet Hanema. Não ama.

Não ama.

— Amo, sim. É evidente.

— Não, não ama. Você nem me deu a casa que eu queria. Preparou-a para ela.

— Pagaram-me para isso, mas a você eu adoro.

– Você me adora como uma maneira de não me amar. Gosta dos meus seios e da minha bunda, eu sei. Gosta principalmente de não me fazer sentir nada e ser frígida para que você se sinta justificado em correr para as outras.

— Adoro você, preciso de você.

— Está precisando, então, da coisa errada. Para mim chega. Estou cansada de ser maltratada.

— E eu a maltrato? Bem, de certo modo, talvez. Mas só ultimamente, meu bem. Eu queria você, mas você não me dava nada.

— Você não soube pedir.

— Talvez eu saiba agora.

— É muito tarde. Sabe o que é que eu penso? Ela é exatamente a sua xícara de chá.

— Isso é tolice, superstição.

Mas, dizendo isso, ele pensava de outro modo e acreditava que havia, por trás da cortina dos casais, das casas e dos dias, um Deus calvinista que nos lança no mundo em absoluta liberdade sem tentar, nas nossas preces, nem consultar as nossas vontades. Angela se tornara a mensageira desse Deus. Lutava com ela como uma mulher violada deve lutar, para intensificar o ato.

— Sou seu marido e sempre serei — disse ele. — Prometo que os meus dias de aventuras acabaram, embora não representassem muita coisa. Você imagina que houve comentários e está agindo por orgulho ferido e também por esse egoísmo que esses danados psiquiatras dão a todo mundo que se mete com eles. Que é que esse homem sabe das crianças ou da sua solidão depois que sair de casa? Quanto mais infeliz você for, melhor será para ele. Isso é uma impostura, Angela, simples feitiçaria. Daqui a cem anos, as pessoas se espantarão de que tivéssemos levado isso a serio. Como nós pensamos hoje das sanguessugas e das sangrias.

— Não me mostre mais a sua ignorância. Quero lembrar-me de você com algum respeito.

— Não vou sair de casa.

— Então saio eu.

— Para onde você iria?

- Há tantos lugares. Poderia ir para casa e jogar xadrez com papai. Poderia ir para Nova York e ver a exposição de Matisse. Poderia ir esquiar nas montanhas e dormir com um instrutor. Posso fazer uma porção de coisas depois de separar-me de você, Piet.

O filme chegava ao fim. Cactos. Crepúsculos no deserto. A vitória do bem e da justiça.

— Se você está falando a sério — disse ele —, quem vai sair sou eu. E ainda numa base experimental.

Tudo correu com muita polidez. Juntos, puseram as meninas na cama e arrumaram uma mala, na qual Angela não se esqueceu de colocar uma garrafa de gim. Beijou-o no rosto e Piet saiu.

Passou o primeiro fim de semana no escritório de Gallagher & Hanema, dormindo no sofá de imitação de couro.

Quando ficou claro que Angela não ia telefonar chamando-o, mudou-se para o terceiro andar do edifício

de apartamentos e escritórios que estava construindo na casa que fora de Gertrude Tarbox.

Embora as obras tivessem recomeçado em Indian Hill, com a construção de seis casas de vinte mil dólares, Jazinski já podia resolver a maior parte dos problemas. E muitas vezes, quando Piet telefonava para algum fornecedor, ficava sabendo que Gallagher ou Leon já haviam tomado essa providência. Desse modo, ficava a maior parte do tempo no centro da cidade sem ter o que fazer.

Na Sexta-Feira Santa, com a Bolsa fechada, Harold Smith Pequeno se encontrou com ele nas ruas de Tarbox.

— É terrível, Piet, *c'est terrible*. Que foi que os Whitman fizeram com você?

— Os Whitman? Nada. Foi Angela que exigiu que eu saísse de casa.

— *La belle ange*? É inacreditável. Vocês sempre foram o casal perfeito. Já os Whitman são o contrário. E não compreendo como fizeram isso com você. Por que não resolveram o caso deles sem meter você no meio?

— Escute, quem você acha que foi usado neste caso?

— Foxy *clairement* o usou. Era o único meio que tinha de livrar-se daquele *zombie*. Não seja usado, Piet. Volte para sua casa e esqueça aquela cadela.

— Não a chame de cadela. Você não sabe nada de nada.

— Está bem, mas sou seu amigo. *Ton frère.* Que é que você vai fazer?

— Não vou fazer nada. Angela não me telefonou e não parece ter necessidade de mim.

— Está esperando que ela telefone? Não espere. Vá procurá-la.

Qualquer dia destes, quero que vá tomar um drinque lá em casa.

– Je comprends. Merci. Bonjour

O convite para o drinque na casa dos Smith Pequenos nunca se concretizou. Poucos dos amigos que ele e Angela tinham tido o procuravam. Os Saltz, provavelmente a instâncias de Angela, o convidaram para jantar. Mas os móveis já estavam prontos para a mudança e a noite deprimiu Piet.

Piet saiu cedo. Já lhe fazia falta o silêncio do seu pequeno quarto, a falta de exigências das suas quatro paredes. Ben pôs a mão no ombro dele e mostrou o seu lento e arcaico sorriso.

— Você está em situação difícil, Piet, e é uma pena que não seja judeu. Todo judeu espera momentos difíceis em sua vida e tem uma filosofia para isso. Deus o está experimentando. *Nisayon Elohim*. Tudo se resolverá, Piet. Foi muito bom tê-lo conhecido.

Irene se despediu beijando-lhe o rosto. Foi um beijo rápido e ardente que lhe reacendeu o desejo das mulheres.

Naquela mesma semana, dias mais tarde, telefonou para Bea. A voz dela no telefone pareceu assustada e culpada.

— Como vai, Piet? Quando é que vai voltar para Angela?

— Vou voltar? Ela parece viver melhor sem mim.

— Mas à noite deve ser terrível para ela.

— Você gostaria de me ver, para tomarmos chá, uma tarde destas?

— Francamente, não. Acho que você já tem mulheres demais para dar-lhe preocupação.

— Não tenho mulheres.

— Pois todo mundo está dizendo que você está vivendo com um bando delas.

— Todo mundo está errado. Eu só gostava de mulheres casadas.

Lembravam-me minha mãe.

— Deixe de tolice. Mas você sabe que Roger perdeu muito dinheiro com uns investimentos aconselhados por aqueles amigos invertidos dele em Boston e veio procurar-me chorando? Adorei isso.

— Então, porque ele está falido, você não pode dormir comigo.

— Falido, não. Você idealiza tudo, como idealizou a mim. Mas ficou tão assustado que concordou afinal em adotar uma criança. O

mais estranho agora é que as crianças são escassas e quase que só há pretos.

— Era isso que você queria? Adotar uma criança?

— Há anos. Logo que soube que não poderia ter filhos. Todo mundo pensou que fosse Roger, mas era eu. Oh, Piet, desculpe que o esteja aborrecendo com essas coisas.

— Não, você bem sabe que não me aborrece.

Ela de repente começou a soluçar no telefone.

— É horrível, Piet, que você precise de mim e eu tenha de me negar quando antes era eu que precisava de você e você acabou vindo.

— Ora, Bea, gostei muito de saber da adoção e de Roger ameaçado de ir para o asilo dos pobres.

Ela riu.

— E sabe que você me ajudou muito no caso da adoção? Roger ficou muito assustado quando soube que você e Angela tinham-se separado. Agora está muito sério a respeito da nossa vida.

— Ele sempre foi sério.

— Agora, Piet, me diga, eu nunca fui muito real para você, não é mesmo?

— Não, Bea. Você nunca foi muito real para mim. Um beijo.

— Um beijo. E mais outro. Mais outro.

No domingo, ao levar as filhas para a casa depois de uma visita ao Museu de Ciência de Boston, Piet

entristeceu-se ao ver a quadra de basquete vazia. Era aquela a época do ano em que os jovens casados de Tarbox iam jogar ali. Whitman se fora, Saltz tinha-se mudado, Constantine estava pilotando jatos para Lima e para o Rio e Thorne e Smith Pequeno sempre tinham considerado o jogo um pouco vulgar. O mato estava nascendo numa fenda no asfalto e os aros, tortos e sem rede, precisavam ser consertados. Angela recebeu-os do lado de fora. Vendo a direção dos olhos dele, disse: — Você podia tirar aquilo dali. Ou gostaria de convidar seus amigos para jogar? Isso eu poderia tolerar.

— Em primeiro lugar, não tenho amigos. Todos eles eram seus amigos. De qualquer maneira, seria artificial e pouco agradável, não acha?

— Acho. Como foi a sua expedição? Artificial e pouco agradável?

— Não, foi divertida. Nancy chorou no planetário quando a má-

quina fez as estrelas girarem, mas não sei por que gostou da Mulher Transparente.

— Lembrou-se de mim — disse Angela.

Piet pensou que a frase de autodepreciação fosse o prelúdio para a sua readmissão na casa. Desejou intimamente que assim não fosse. Sentiu que já havia passado pelas piores noites de solidão.

Na solidão, estava recuperando um sentimento elementar de surpresa diante de tudo, que perdera com a infância. Até as suas visitas a Angela, apesar do constrangimento, tinham um tom agradável de frescura.

— Como vai passando? — perguntou ele.

— Muito ocupada. Tive de travar conhecimento de novo com meus pais. Minha mãe diz que durante dez anos eu os esnobei. Eu não tinha pensado nisso, mas talvez seja verdade.

— E as meninas? Sentem menos a minha falta?

— Um pouco menos. Ruth outro dia se mostrou muito zangada comigo e disse que era absurdo que eu as fizesse perder o pai só porque ele queria mais espaço na cama. Acho que Jonathan ou Fred-die disseram a ela que eu era má de cama e ela chegou a essa conclusão. A discussão foi feia e forte. De mulher para mulher.

— A santinha. Duas pobres santas.

— Está com bom aspecto.

— Vou me ajustando. Todo mundo me deixa de lado, o que por um lado é bom porque não me cria problemas. As únicas pessoas com quem ainda converso um pouco são Adams e Comeau. Estamos fazendo alguns armários para um casal novo em Lacetown.

— Pensei que você estivesse em Indian Hill.

— Jazinski e Gallagher estão tratando disso, e para mim com plantas que não se adaptam de modo algum ao morro.

— Estive em casa de Matt numa reunião com algumas pessoas de North Mather que detestei. Gente de dinheiro.

— Matt está subindo.

— Terry me pareceu muito aborrecida.

— E você? Aborrecida? Feliz? Assaltada por propostas de nossos amigos?

— Bem, algumas sondagens, mas nada de sério. Uma mulher separada é um peixe diferente para eles. Um pouco mais esquivo.

— Acha então que estamos separados?

Ela não respondeu. Correu os olhos pelo terreno e de repente o seu rosto se animou, como se se tivesse lembrado de alguma boa notícia.

— Sabe que me está acontecendo uma coisa muito estranha, Piet?

Comecei a ter sonhos. Sonhos de que me posso lembrar. É uma coisa que há anos não me sucede.

— Quais são os sonhos?

— Nada de muito importante ainda. Sonhei que estava num elevador e apertei o botão. O elevador continuou parado e eu pensei:

"Deve já estar no andar que eu quero". Ou estou numa loja para comprar um macacão de esqui para Nancy e me oferecem tudo, luvas, sapatos, tudo, mas eu permaneço serena e polida, porque comprei lá um macacão para Ruth e sei que eles têm o que eu quero.

— Bons sonhos.

— Tímidos e comuns. *Ele* não concorda, nem discorda, mas a minha idéia é de que o meu subconsciente tentou morrer e agora está criando coragem de reaparecer e exprimir as coisas que eu quero.

Não para mim, mas para os outros.

— Ele? É para ele que você está sonhando. Como uma criança que faz xixi para o papai.

— Você é um homem tão ciumento. E sempre sonhou com tanta facilidade. Tenho certeza de que você me inibia, dormindo ao meu la-do.

— Não poderíamos ter partilhado os nossos sonhos?

— Não. Você sempre fez tudo sozinho. Sabe quando era que eu me sentia mais sozinha? Quando nos estávamos amando. — O silêncio que se seguiu mostrou que isso precisava ser suavizado. — Tem sabido de Foxy?

— Nada, Angela. Nem sequer um postal. Para mim, é um alívio.

Bernadette Ong se encontrou com Piet na rua, à porta de uma livraria que vendia principalmente revistas. Ficaram sob o toldo da livraria. Bernadette tinha tirado o casaco. A corrente fina de um crucifixo apareceu na gola de uma blusa de seda suja. Em contato com a morte, ela começara a se sujar, como um mineiro.

Piet perguntou logo por John e ela respondeu num tom de quem quase perdeu as esperanças.

— Tão bem quanto se pode esperar. Vive à custa de drogas e não fala muito inglês. Costumava perguntar por

que ninguém o visitava, mas agora parou com isso.

— Tenho tido vontade de fazer-lhe uma visita, mas tenho também os meus problemas. Com certeza, já sabe que eu e Angela estamos separados.

— Não, não sabia. Vocês eram o último casal de quem eu teria pensado isso. John, como você deve ter percebido, teve sempre uma ponta de amor por Angela.

Piet nunca havia imaginado semelhante coisa. Disse impulsivamente:

— Por que não posso visitá-lo agora? Tenho tempo e você parece que vai voltar para o hospital.

A aventura de visitar o moribundo serviu para mostrar a Piet de quanto tempo ele dispunha e a liberdade que tinha para usá-lo.

Fazia longos passeios pela praia. Naquele prismático abril, a grande baía nunca era duas vezes a mesma. Em alguns dias, com a maré alta, sob o sol forte, ondas musculosas mais azuis do que o aço de tungstênio abriam esponjosos penhascos na areia e levavam até o alto das dunas pedaços de madeira e outros destroços, deixando ao retirarem-se pequenas poças onde o céu se refletia. Quando a maré baixava, nessas poças se espalhavam o malva, o salmão e o momentâneo verde do crepúsculo. Às vezes o mar era de uma púrpura carregada. Em outras ocasiões, sob um céu baixo de chuva, era de uma cor de água suja. Filas espumejantes vinham correndo do horizonte para se acabarem na praia. Piet parava de vez em quando para colher uma planta, uma concha. Pedaços de madeira redondos como seixos rolados, varões de ferro mumificados na espuma alaranjada da oxidação, rastros profundos de cavalos, os diminutos rastros dos cães, pegadas de pares humanos que tinham desaparecido, os traços deixados pelos moluscos, vagos como uma fotografia mal revelada na cuba da maré — nada era tão insignificante que não merecesse a atenção de Piet.

Na sua solidão, encontrava companhia no movimento das ondas, especialmente as mais distantes que erguiam no ar braços de espuma como para saudá-lo. O mundo era mais platônico do que ele havia imaginado. Descobriu que os amigos lhe faziam menos falta do que a amizade e que o que ele sentia, pensando em Foxy, era a nostalgia do próprio adultério — a aventura, os estratagemas, a tensão, as novas paisagens que permitia descortinar.

Às vezes, voltando pelas dunas, via a casa dos Whitman no alto da sua colina relvada. Mas a casa não o via. As janelas, que em outros tempos ele tinha olhado eufórico e apreensivo, estavam vazias.

Estava ficando cada vez mais distraído. Um dia, no centro, viu uma mulher desconhecida. O passo elástico denotava instrução, um espírito libertado do andar arrastado dos camponeses, um posterior bem feito e pernas torneadas. Piet andou mais apressado pelo outro lado da rua a fim de ver-lhe o rosto e então descobriu que era Angela.

Como era estranho que ela tivesse ciúmes dos sonhos dele e o acusasse de sonhar com muita facilidade! Talvez porque todas as noites ele se encharcava de gim, os seus sonhos tinham passado a ser raramente memoráveis — nebulosas imagens reiteradas de confusão e desajustamento. Ele era um menino, na realidade o pai dele, caminhando ao lado do pai, que era na verdade seu avô, a quem não conhecera e fora um dos muitos marceneiros holandeses que tinham emigrado para ir trabalhar nas fábricas de móveis de Grand Rapids. Tinha as mãos calejadas e o menino as sentia cheio de me-do. Ou então estava no enterro de John Ong e, de repente, o caixão se abria e John saía correndo para trás do altar, poeirento como um inseto e todo envergonhado. Esses sonhos faziam Piet acordar antes do amanhecer com um gosto ruim na boca. Levantava-se, urinava, bebia um

copo de água e tomava a resolução de beber menos gim no dia seguinte. Dois sonhos eram mais nítidos. Num deles, ele e um filho, que era tanto Nancy quanto Ruth mas era menino. Era inverno no sonho. O vento soprava com força e o caminho abaixo da neve era de gelo. Piet tinha de tomar o braço do filho para que ele não escorregasse. Se ambos caíssem ao mesmo tempo, seria a morte. De repente, a avó de Piet estava à espera deles num cubo fechado por paredes invisíveis onde não havia neve. Ela estava com um vestido de algodão e um suéter fino desabotoado. No sonho, Piet quis saber havia quanto tempo ela os esperava e deu graças as Senhor por estarem salvos, antecipando a entrada no clube cheio de árvores e de grama. Quando acordou, estranhou que tivesse sonhado com a avó, que morrera de pneumonia quando ele tinha nove anos.

Falava pouco inglês e tinha a mania da limpeza, motivo pelo qual não consentia que Piet e Joop entrassem na sala ou outra qualquer peça a não ser a cozinha.

O outro sonho foi estático. Piet estava sob o céu estrelado.

Tentava mudar a posição das estrelas por um esforço da sua vontade. Mas elas continuavam a brilhar inflexíveis e ele pensou que, no fim, o seu coração não resistiria ao esforço. Acordou com uma dor aguda no peito.

Foxy estava de volta à cidade. A notícia correu de Marcia Smith Pequeno, que a vira passar no MG de Ken pela Estrada de Nun's Bay, a Harold, a Frank, a Janet, a Bea e a Terry no supermercado e daí a Carol e aos Thorne, juntando-se à visão tributária que Freddy tivera dela naquela tarde, saindo do drugstore de Cogswell.

Terry achou-se no dever de telefonar para Angela, que recebeu a notícia tranqüilamente, como se isso não lhe interessasse. Só Pi-et, quando o delta dos rumores se

entrelaçou, ficou seco, sem que ninguém lhe dissesse. Mas não era preciso. Ele já sabia. Na terça-feira, recebera no escritório esta carta de Washington: *Caro Piet: Devo ir à Nova Inglaterra por alguns dias e estarei em Tarbox no dia 24 de abril, para tirar os móveis. Gostaria de aparecer para conversarmos? Não fique nervoso. Não tenho nenhuma pretensão a pleitear.*

Amor.

F.

Depois de "pleitear", a palavra "mas" tinha sido riscada. Encontraram-se pela primeira vez por acaso no parque de estacionamento da cidade. Compreendeu que estava despreparado para vê-la —

de longe, a cadência dela, a linha do corpo alto curvando-se para colocar um saco de compras no carro, o fulgor loiro dos cabelos amarrados, a impressão do tono muscular do seu abdome, a vertiginosa certeza de que entre bilhões de pessoas no mundo não havia senão ela. Chamou-a e ela se aproximou, mais moça do que havia ficado na sua lembrança, mais suave e delicada. Tendo vivido tanto tempo com fragmentos congelados dela, não estava preparado para encontrá-la tão viva, tão integral e tão presente.

— Piet, você está com um aspecto horrível.

— Ao contrário de você.

— Por que não penteia mais o cabelo?

— Você tem até a pele queimada.

— Meu padrasto tem uma piscina. E lá já é verão.

— Aqui o tempo ainda não se firmou. A mesma coisa de sempre.

Tenho passeado muito pela praia.

— Por que não está vivendo mais com Angela?

— Quem disse que eu não estou?

— Ela. Antes de lhe escrever, telefonei para sua casa e ela me disse. Ia despedir-se dos dois.

— Ela não me disse que você havia telefonado.

— Com certeza não pensou que tivesse importância.

— Misteriosa, minha mulher.

— Ela me disse que eu viesse pegar você.

Ele riu.

— Se ela lhe disse isso, por que me perguntou por que eu não estava vivendo com ela?

— Por que não está?

— Por que ela não me quer.

— Isso é apenas uma meia-razão.

Com essa observação, mudaram de tom e a conversa se tornou mais fácil, mais trivial, como se tivessem passado por uma decisão.

— Para onde vai levar essas compras? — perguntou Piet.

— São para mim. Vou passar este fim de semana na casa. Ken prometeu ficar em Cambridge.

— Você e Ken não vão se reconciliar?

— Ele está feliz. Diz que agora está trabalhando também à noite e pensa que está na pista de alguma coisa importante. Voltou às estrelas-do-mar.

— E você?

Ela encolheu os ombros, como uma colegial procurando uma resposta bastante grande para cobrir a sua ignorância.

— Não se sentirá deprimida em ficar sozinha na casa? Ou trouxe o garoto?

— Não, deixei Toby com mamãe.

— Que é que vamos fazer? — perguntou ele. — Somos um par de órfãos.

Ele levou o saco de compras para o quarto dele e os dois passaram o fim de semana ali. No sábado, ele a acompanhou até a casa da lagoa, ajudando-a a escolher os móveis com que queria ficar.

Ninguém os atrapalhou. A velha cidade lhes alcovitou a inocência.

Foxy confessou a Piet que, prevendo que iria dormir com ele, levara o seu diafragma e comprara um novo tubo de geléia vaginal na farmácia de Cogswell. Enquanto ele se sentia rejuvenescer com o bálsamo do amor, ela parecia mais velha. A impressão que ele tinha da sua maciez e transparência foi substituída pela aspereza arrepiada das suas nádegas, o cinzento aspecto desagradável das axilas raspadas, a sua cintura grande depois do nascimento do filho.

Quando ela andava pelo chão do apartamento, os pés chatos eram bem diferentes dos de Angela quando andava pela velha casa. À noite, dormindo, ressonava, empurrava-o para a beira da cama e se debatia com pesadelos. Na primeira manhã, ela o acordou com as mãos no seu pênis, com o rosto deformado pelo desejo. Disse em prantos que era um erro estar ali com ele e resistiu quando ele quis possuí-la.

Perguntou depois maliciosamente se ela, fingindo que não queria, fizera tudo mais excitante para ele.

Comeram na lanchonete de Musquenomenée. Discutiram Angela, Ken e o aborto, nunca demorando num assunto o suficiente para esgotá-

lo ou mesmo para expirá-lo. O simples fato de estarem juntos barrava todas as discussões, como se tudo mais fosse ou muito importante ou muito insignificante. Piet sentia, mesmo quando estavam imóveis um ao lado do outro, que estavam correndo através do espaço, juntos, mas ainda não entrelaçados. Ele dormia mal ao lado de-la. Ela ainda sentia dificuldade em ter o orgasmo. Desistindo de consegui-lo, entregava-se a ele em posições escravas, como se, testemunhando na boca ou entre os seios o fluxo da sua ejaculação, esta passasse a ser dela. Ela ainda usava a aliança e ele, olhando-a, pensava tristemente que, se se casassem, ele não lhe poderia dar um brilhante tão grande.

Ela não se fazia difícil. Era ao contrário uma boa companheira, simples e franca. Depois do desagradável episódio da escolha dos móveis (ele não se atrevera a tocar nela na casa que tantas vezes havia violado), saíram a passear pela praia. Ela lhe mostrou o lugar onde escrevera uma longa carta, que ele provavelmente já esquecera. Ela de repente disse que a sua promiscuidade e falta de delicadeza eram uma vantagem para ela. Podia ser tão prostituta com ele quanto quisesse, pois ele não a julgava. Ele disse que isso era o resultado do seu calvinismo. Só Deus julgava. De qualquer maneira, ele a achava totalmente bela: caroços, espinhas, pés chatos, ronco, tudo. Ela riu ao ouvir isso, mas a qualidade do seu riso mostrava que ela era valiosa e que, por baixo da sua displicência, julgava-se impecável. Piet acreditava nela, nesse conceito que ela tinha da própria perfeição e ansiava pelo momento em que poderia ficar de novo junto do seu longo corpo no triste apartamento.

Ela o chupava preguiçosamente enquanto ele lhe afagava os belos cabelos. E como era linda a sua concha de coral, coral com toques de borgonha, com os seus rolos de cabelos em M ou em W. Beijá-la ali, quando ela se desdobrava do portão à câmara, da câmara ao universo, era um prazer cego como o de provar o infinito, ate que ele a mordia, ela lhe cravava as unhas nas costas e gozava.

Poderia quebrar-lhe o pescoço. Esquecia-o por completo. O ser a nu. A máquina que faz o sal no fundo do mar.

Piet pensava que as bocas eram nobres. Viviam na antecâmara do cérebro. Os órgãos genitais ficam muito abaixo com labregos, mas quando a boca condescende, o corpo e o espírito se casam. *Eu te amo, Elizabeth, tua exuberância toda em pétalas, teu precioso escrínio de nada, forrado de botões escorregadios.* Foi assim na manhã do domingo, sob o clangor suspenso dos sinos.

— Oh, Piet! — suspirou Foxy. — Nunca me possuíram assim. Nunca ninguém me conheceu assim.

Era na tarde dos domingos que ele via as filhas. Por sugestão de Foxy, foram os quatro jogar boliche em North Mather. Ruth e Nancy arregalaram os olhos de espanto com a intrusão da Sra. Whitman, mas Foxy as fez interessarem-se pelo jogo e as ensinou a manejarem a pesada bola.

Foxy havia planejado tomar o avião de volta para Washington no domingo à tarde, mas ficou para passar a noite.

— Será que Ken sabe onde você está dormindo?

— Deixe para lá. Ele pouco se importa. Tem motivos para isso, vamos reconhecer. Depois, Ken é o homem menos neurótico que eu conheço. Resolveu assim e assim é que vai ser.

— Isso parece admiração.

— E é. Sempre o admirei. Mas não o queria.

— E a mim?

— A você eu quero. Por que é que acha que fiz essa viagem to-da?

— Para ver os móveis.

— Que me interessam os móveis? Nem sei onde é que eu vou viver.

Mais tarde, naquela noite sem fim, distendida pela fadiga, de-marcada apenas pelo crescimento periódico dentro dele de alguma coisa que não era dele, um impulso que vinha das trevas atrás dele e caía sobre ele com sua estranha brancura bifurcada, Foxy disse num suspiro: — É bom ter de sobra, não é? De sobra de verdade.

— Sexo é como dinheiro. Só quando é demais é que é bastante.

— Parece uma frase de Freddy Thorne.

— Meu mentor e salvador.

Ela lhe fechou os lábios com dedos que cheiravam a maré baixa.

— Não. Não posso suportar outras pessoas, nem mesmo os nomes.

Vamos imaginar que só nós dois existimos. Não formamos um mundo?

— Claro. É uma pergunta melindrosa e você é a melindrosa resposta.

— Uhh! Chega a me doer.

— E a mim não?

— Piet?

— Hammmm.

— Que maneira é essa de responder?

— Não é resposta, é gemido. Estou na fossa. Mais uma trepada e podem preparar meu caixão. Chupe-me. Haammm.

Cada gemido parecia esvaziar-lhe o peito, criando um vazio interior que correspondia ao vazio sob as estrelas. Ela o ameaçou.

— Vou deixá-lo.

— Não pode. Experimente.

— Posso, sim. Você não tem obrigação nenhuma comigo. E eu não sei nem se quero me casar com você.

— Oh! Continue. Haammm. Misericórdia! Você é o máximo, Foxy!

— Tem razão. Isso repousa.

Diante da maravilha do corpo nu, suado e trepado, ele disse

"Ah! Você é minha" e encostou o rosto ao dela. A ponta do nariz estava fria. Sinal de saúde. Somos todos eLivross que nos banhamos no irracional.

Na manhã de segunda-feira, despediram-se sob um sol oblíquo e violento. Ela lhe deu a mão a apertar e ele a levou à boca, empurrando a palma com a língua e lhe desejou boa viagem. Encostando-se à janela do MG, deu-lhe um sopro no ouvido e aconselhou-a a dormir no

avião. Não havia conclusão, nem nada para ser dito. Quando depois da triste palavra *Ciao* e de um adeus, ela partiu no MG, ele não sentiu nenhum aperto no coração.

A falta dela só se tornou real e pesada à tarde, quando se encontrou na rua com Eddie Constantine. Ele devia ter sabido de alguma coisa porque exclamou:

— Soube que o pegaram com a boca na botija!

Num domingo, em meados de maio, Piet levou as filhas à praia.

Nancy correu e enfrentou as ondas em companhia dos três filhos dos Ong, que tinham sido levados por uma babá. Ruth ficou ao lado de Piet não muito feliz, pronta a queimar-se e a deixar-se ser bela como uma adolescente, já velha demais para brincar na praia. Piet a amava, mas já não tinha conforto algum para oferecer-lhe e fechou os olhos.

De repente, o sobrenatural se afirmou. Uma nuvem se havia desenvolvido do lado do norte, sem ninguém notar. Uma lufada de vento frio correu pela praia e a mudança foi tão súbita que foi recebida com um murmúrio de espanto. As gotas grossas começaram a cair ainda com o sol, como lanças de fogo. Então o sol desapareceu.

Houve uma carreira geral. O céu lívido cobria tudo. O horizonte verde de morros baixos, atrás do qual ficava Tarbox, parecia mais pálido do que a densa atmosfera que o comprimia. Um relâmpago de muitas pontas se abriu no céu no norte, para os lados de East Mather. Logo depois, ouviu-se um trovão calamitoso. Uma mulher gritou e uma criança riu. Todos se enrolavam em toalhas e em mantas.

A temperatura caíra muitos graus em poucos minutos.

Um momento depois de Piet chegar com as filhas à camioneta, o aguaceiro desabou, ensopando-os. Piet tratou de levá-las para casa. Naquele momento de perigo, as meninas deviam ficar com a mãe.

Recusou a xícara de chá que Angela lhe ofereceu e se dirigiu para o centro de Tarbox, sentindo que o grande acontecimento do ano havia começado a arrefecer.

O aguaceiro foi sucedido por uma chuva firme. Piet parava o carro nos fundos do seu edifício quando ouviu a sirena que dava o sinal de incêndio. Subiu rapidamente, tirou o maiô de banho, vestiu-se e desceu. Havia gente correndo pela rua e Piet correu também.

A igreja congregacional estava pegando fogo. O raio de Deus a atingira.

A acre fumaça amarela se elevava em grossos rolos da cornija e da cúpula que sustentava o galo dourado a cinqüenta metros no ar.

Embaixo, entre as colunas dóricas, os bombeiros estavam afastando os homens da igreja que tinham corrido para salvar o serviço de comunhão, o altar e o púlpito de nogueira e os retratos de velhos ministros, pilhas de velhos sermões caindo aos pedaços e algumas almofadas novas da última remodelação. Piet, que outrora fizera parte da igreja, tinha vontade de ir ajudá-los, mas os bombeiros e a polícia tinham formado um cordão de isolamento pelo qual só os cachorros passavam.

Uma aclamação um tanto irônica se elevou da multidão de curiosos quando Kappiotis, com o rosto protegido por uma máscara e de machado na mão, subiu por uma escada. Subindo cada vez mais devagar, com uma curvatura no corpo que revelava medo, fundiu-se com uma massa de fumaça e desapareceu, para reaparecer pouco depois, descendo. Alguns adolescentes atrás de Piet ensaiaram uma vaia, mas a multidão, por falta de compreensão e vergonha, ficou em silêncio.

As chamas começaram a subir da base da cúpula. O sino, com a sua forma pesada e triste como a de uma viúva embrulhada num manto, foi iluminado por um clarão de baixo. Os jatos de água das mangueiras se

cruzavam sobre a curva cerúlea da cúpula, mas não escondiam o galo que girava ao sabor do vento.

Começaram a chegar bombeiros das cidades vizinhas, de Mather e Lacetown e até de Quincy e Plymouth. Os rapazes que gritavam de perto de Piet tinham sido substituídos por uma mulher que chorava.

A multidão que, a princípio, havia acorrido ao local desprotegida e nua, já estava coberta de guarda-chuvas e de capas. Casais olhavam de carros com o rádio ligado. Uma parte do telhado ruiu com um torvelinho de fagulhas. A última coluna da esquerda começou a fumegar como uma vela de bolo de aniversário depois de soprada. Circulava pela multidão a incredulidade diante da coexistência da chuva e do fogo, como se houvesse uma rebeldia na natureza a que lhes tinha sido dado assistir. Piet olhava para o incêndio de co-ração leve, cheio de gratidão por ter visto alguma coisa acima dele, acima de qualquer culpa.

Rostos conhecidos começaram a surgir da multidão. Piet viu os Appleby, os Smith Pequenos e os Thorne debaixo de uma árvore, perto da biblioteca. Os homens estavam rindo e Freddy tinha levado cerveja. Angela estava também presente. Tinha levado as duas meninas e era curioso que quem estivesse chorando fosse Ruth, que sentia que Jesus houvesse destruído a igreja d'Ele, onde ela tanto cantara em Seu louvor, para agradar ao pai. Piet abraçou-a, mas o casaco de couro dele estava molhado e Ruth se esquivou ao contato desagradável.

— Isso é muito depressivo para elas — disse Angela. — Vamos para casa.

Quando Nancy disse que queria ficar, ela disse: — O incêndio está quase acabado. O melhor já passou.

E era verdade. Quase não havia mais chamas visíveis em torno do esqueleto calcinado.

— O galo! — exclamou Nancy, apontando para cima.

O galo, muito acima do fogo como da chuva, foi de súbito alcançado na base por jatos de fogo, que, entretanto, logo se extinguiram. Embora o impacto fizesse o pináculo da torre estremecer, o galo continuou no seu lugar.

Piet viu a mulher afastar-se, olhar ainda uma vez para trás e prosseguir, levando as filhas virgens. De repente, esbarrou com Carol Constantine. Estava com um guarda-chuva e convidou Piet a abrigar-se sob ele, em companhia de suas filhas Laura e Patrice.

— É terrível isso, não é mesmo, Piet? Eu gostava tanto dessa igreja!

— Nunca vi você nela.

— É claro que não, pois eu sou presbiteriana. Mas olhava para ela vinte vezes por dia do meu quintal. Eu realmente seria muito religiosa, se Eddie não fosse tão contra tudo.

— Onde está Eddie? Voando?

— No céu. Toda vez que chega me conta como as porto-riquenhas são boas na cama. É um prazer quando ele parte. Mas por que é que eu lhe estou dizendo isso?

— Porque está triste com o incêndio da igreja.

Carol convidou Piet para uma xícara de chá. O chá se prolongou no jantar em companhia das filhas. Ele tirou as roupas molhadas e vestiu um suéter e umas calças muito apertadas de Eddie. Quando as crianças já estavam na cama, surgiu a idéia de que ele passaria a noite lá. Nunca tinha dormido com uma mulher tão esguia e flexível. Era bom, depois das suas exaustivas experiências com Foxy, estar com uma mulher que gozava prontamente, com gritos de gratidão e delicadas acomodações, que colocava um travesseiro atrás dos quadris, que deixava a cabeça cair para fora da cama, com os cabelos desgrenhados e o corpo arqueado, que enrolava as pernas em torno dele como se ele fosse um trapézio do qual ela tinha medo de cair no abismo do mundo.

Hotel Larry & Linda
St. Thomas, Ilhas Virgens,
Charlotte Amalie, 15 de maio.
Querido Piet:

Só de escrever seu nome, sinto-me toda mole e desmaiada por dentro. Que é que eu estou fazendo aqui, tão longe de meu marido, de meu amante ou de meu pai? Só tenho Toby e ele, pobre alminha, foi terrivelmente queimado pelo sol graças à mãe idiota habituada à marcha paulatina do verão de Tarbox, que o torrou e a si mesma ao sol tropical, um pontinho branco lá em cima sem nuvens, do tamanho de uma ervilha. Chorou a noite inteira, sempre que se movia na caminha. Por outro lado, este hotel, anunciado como "um lugar de sossego dentro da tradição de rum e sol das ilhas "(o folheto, que me foi dado por um agente de turismo em Washington, está aqui em cima de minha mesa), fica de fato a duas portas de uma boate onde uma banda de aço toca a noite inteira e numa rua de ladeira onde se ouvem até a madrugada o roncar dos Volkswagen e os gritos dos adolescentes negros. Resultado: levo sustos a noite inteira e passo os dias exausta.

Ainda há pouco entrou aqui uma arrumadeira com sandálias de papel e falando uma algaravia que eu mal posso decifrar como inglês. Olhou para Toby de um jeito que parecia haver um homem adulto deitado nu ali. Não creio que sejam muitos os turistas que vêm para cá com crianças. Talvez pensem que os bebês nos são trazidos em cestas de roupa, todos empoados, de olhos azuis e prontos a dar ordens.

Paz de novo. A arrumadeira o ajeitou a meu pedido, fez as camas, tirou algum pó aqui e ali e saiu. Toby voltou a dormir.

O pior é que a mãe dele está com sono também. Lá fora a rua está incandescente, mas o sol chega aqui em

listras amarelas sobre o chão verde... Piet, acho que vou gostar disto aqui, logo que acabar de doer. Quando vim de carro do aeroporto, desejei que você estivesse ao meu lado... O jeito com que eles fazem as casas, de zinco, de latas amassadas e de madeira, tu-do unido com buganvílias em flor, e o ar macio, depois que saltei do avião em San Juan, como um beijo depois de uma boa... Perdão, meu amante, estou com sono.

***

Depois de um bom sono, a jovem e loira candidata a divorciada levantou-se e tratou de se vestir, tendo o cuidado de não tocar nas coxas, nos braços e na especialmente sensível barriga, tudo queimado de sol, mudou as fraldas sujas do filho e se atirou no ofuscante tumulto da cidade num heróico esforço à procura de comida. Aqui não há nada que se pareça com um supermercado de Tarbox ou Lacetown, embora eu possa comprar aqui toneladas de relógios suíços e máquinas fotográficas, tudo isento de direitos. Os restaurantes, tirando os dos hotéis de luxo e as boates que só se abrem à noite, só vendem hamburgers ensopados de chili. Nesta época do ano, quase todos os que não são negros parecem ser efeminados. As vozes são inconfundíveis e se ouvem por toda parte. Por fim, encontrei uma espécie de cafeteria com os preços absurdos das ilhas, perto da feira que preenche os meus exigentes padrões sanitários (sou uma velha rabugenta, meu bem!)e me dá leite para a mamadeira de Toby num tranqüilizador cartão fechado. Larry e Linda não me servem de muito. São refugiados de Nova York, com jeito de artistas, e eu tenho a suspeita de que ela o salvou de ser um efeminado.

Ele só procura ficar diante de mim de perfil, ao passo que ela deve pensar que fica melhor de frente, pois é só assim que me aparece com os grandes peitos apontados como faróis de carro numa noite escura. Fiquei

espantada de saber que ela é cinco anos mais moça e posso ver o esforço que fez para me tratar numa base de nome de batismo. Parecem náufragos. Falam de Nova York o tempo todo, dizendo como era horrível viver lá — amor-ódio, como diria Freddy Thorne —, e se queixam sem parar dos empregados. Mas os jantares são bons e leves. O sistema é americano — café e jantar —, no intervalo cada qual que se arranje como puder: dezoito dólares.

Mas é você em quem eu penso, com quem me preocupo. Aqueles dias foram grandes, hein? Eu como uma call girl e você como um bandido escondido. Deprimi-o? Você me pareceu tão atordoado quando nos despedimos e satisfeito de que eu estivesse partindo. Isso me fez chorar o tempo todo em que estive na Universidade de Boston. Ken me levou para almoçar no clube dos professores e eu chorei mais um pouco, a tal ponto que as mesas em torno ficaram muito solenes. Acho que ele pensou que eu estivesse chorando por causa dele, o que de certo modo era verdade, e eu vi que ele lutou contra o impulso cavalheiresco de esquecer tudo e me receber de volta. Ele se tornou tão distinto e cortês sem mim — as alunas dele devem adorá-lo. Ele tinha comprado um terno novo e ficou muito lisonjeado de que eu tivesse notado isso, como se estivesse interessada por ele quando todo o tempo eu sentia você entre as minhas pernas e estava neuroticamente ansiosa porque havia deixado Toby no laboratório e os técnicos poderiam dissecá-lo. Horrível, não é? Ken foi muito carinhoso e até o pesou numa balança que diz até os miligramas.

***

Passaram dias. Esta minha carta para você parece toda errada, sem lógica, frívola e metida a engraçada. Relendo o que já escrevi, tive de rir quando vi o que escrevi sobre os seios da pobre Linda, que tem na

verdade um belo busto. Ela e Larry formam um par perfeito, simpático e frágil, que procura fazer para mim as vezes de pai, ou de irmãos. Você nem sabe como são sensuais e basicamente preguiçosos. Talvez a nossa geração seja a última no mundo a ser movida pela "ambição ". Esses dois parecem inteiramente convencidos de que o mundo nunca os deixará morrer de fome e que a vida existe para ser "gozada" — o que é uma idéia bárbara. Mas é repousante, depois dos nossos amigos de Tarbox que só falavam de si mesmos, encontrar quem converse sobre arte, teatro e assuntos internacionais. Acham Johnson um cacete mas se sentem mais felizes com ele do que com Kennedy, porque K. era, como nós, um produto semi-educado da guerra-fria, e podia um dia virar tudo de pernas para o ar num erro de cálculo. Como Lincoln, viveu para se tornar um mártir, uma recordação. Um mártir de quê? Da rejeição sexual de Marina Oswald em relação ao marido. Desculpe, mas estou usando a carta para você para discutir com Larry. Mas fiquei triste de ele pensar que alguém como nós (se K. era como nós) não tinha capacidade para nos governar, o que quer dizer que não temos capacidade de nos governar. Venham, portanto, com imperadores, semideuses, robôs, o que quiserem. Larry me fez saber, durante um merengo no Gato Queixoso, que é a boate daqui da rua, que a ambivalência sexual dele estava em fase de correção, mas eu declinei, embora ele dance maravilhosamente, de participar da cura.

E assim voltamos a você. Quem é você? Você é fraco? Esse tema da sua "fraqueza " surgiu muitas vezes nas bocas dos nossos amigos, quando nós todos vivíamos dentro de um círculo mágico. Mas eu penso que eles queriam dizer apenas que você não usava toda a sua força. Suas virtudes são obsoletas. Posso imaginá-lo em outros tempos como um cavalheiro, um esplêndido cavalheiro ruivo, enérgico, leal, vivendo da terra,

consertando armaduras com grampos de cabelos, entrando furtivamente em castelos e estalagens, realizando ideais impossíveis mas precisando dessa impossibilidade para ligar-se a eles. Antes que eu o conhecesse, Bea Guerin descreveu você como um homem antiquado. Na realidade, ir de Ken para você é dar um passo atrás.

Comparado com Ken, você é primitivo. O futuro pertence a ele ou ao caos. Mas minha vida pertence a mim agora e eu devo examinar as coisas de perto. Não valho muito (apesar dos meus vagos ares intelectuais, tão vagos quanto os de Freddy e ele sabia disso). Mas sei que poderia ser sua mulher. Como ambição, é humilde, mas explícita. Ainda que nunca mais nos encontremos, fico satisfeita de ter sido útil e de ter sido usada.

Muito obrigada.

A questão é saber se eu devo (eu ou qualquer outra mulher) submetê-lo ao casamento. Seria muito mais generoso deixar você vaguear e sofrer. Há tão pouca gente para que vagueie. Nós, mulheres, somos quase todas, agora, domésticas e avarentas.

Você se casou com Angela porque o seu instinto lhe dizia que ela não tentaria possuí-lo. Eu não, tentaria isso mesmo. Para ser dominada pelo seu corpo, eu teria de dominar você com o meu espírito. Entretanto, a fagulha subconsciente que dentro de mim ama a raça quer lhe dar liberdade para violar, fugir e gastar-se, agora que a arte de construir pertence quase exclusivamente a contabilistas. Desde que você começou a chegar à minha casa com a sua camioneta e partir apressadamente uma hora depois, senti em você e amei em você um gênio para a solidão, para considerar-se alguma coisa fora deste mundo. Se você deseja ser o marido do mundo, que direito tenho eu de querer você para mim só?

Toby está chorando e Linda está aqui. Vamos a um piquenique em Magen's Bay.

***

De noite. A banda de aço aqui na rua está me chamando para sair. Quanto ao que escrevi hoje à tarde, tenha a bondade de compreender que são esforços para atingir a verdade, apesar de todas as confusões. Não tenho o menor receio de procurar saber a verdade a nosso respeito. Com Ken eu estava sempre com medo.

De gozar até a frieza final, nós partilhamos de tudo.

Você teria gostado do lugar aonde nós fomos. A areia de coral não é como a areia de sílica. É branca, porosa, respira e as marcas dos pés nela são profundas. Sinto os pés crescidos e cada vez mais chatos. As conchas são pequenas e variadas, unhas de criança para Carol. Lembra-se daquela noite? Eu senti tanto ciúme de Angela. Magen's Bay tem moitas que dão sombras.

Estou ficando bem queimada. Linda me fez vestir um biquíni.

Cobrimos o berço de Toby com um filó por causa dos mosquitos e ele também se está queimando. Aprendi a dirigir com a mão do lado esquerdo. Os advogados são horríveis. Você odiaria tudo isso. O casamento é uma coisa às claras, à luz do dia, com champanha, mas o divórcio se faz às escuras, em lugares distantes, cheios de bichos, nas mãos de lúgubres advogados. Mas ao fim da rua principal, quando não há mais casas que vendam relógios, há uma velha igreja luterana, quadrada, que cheira a cedro, com placas em dinamarquês. Estive lá no domingo. A congregação era toda de pretas gordas que cantavam até os hinos alegres-com gemidos. O sermão de um jovem branco foi muito intelectual — acima do meu gabarito. Os negros aqui são simpáticos, mais suaves do que os de Washington, de que eu tinha medo em menina, sem aquela dureza e vergonha americanas.

Gosto aqui dos veados — pelo menos chegaram a uma espécie de acordo e não atormentam nenhuma mulher cativa. Os barcos no porto são fascinantes. Linda

me arranjou um carrinho de criança e eu ando com Toby um quilômetro pelo menos pela beira do cais. Meu pai me falava muito de barcos e acho que ainda posso distingui-los. Admiro a madeira talhada de alguns barcos de pesca das ilhas mais primitivas. Não há um pedaço de metal e tudo é bem encaixado. As nuvens são passageiras, translúcidas, como se não fosse essa a intenção da natureza.

Quando chove e faz sol, dizem aqui que o diabo está batendo na mulher.

Você está bem? Ainda está lá? Se tiver voltado para Angela, mostre isto a ela, se quiser. Pense em mim com agrado e sem medo. O seu destino não é necessariamente o meu. Escreverei de novo, mas nem sempre. Há coisas para fazer mesmo aqui. Linda me encarregou de dirigir o trabalho dos empregados de manhã em troco de uma redução nas diárias e começou a me confessar a vida amorosa dela.

Toda sua,

Foxy.

P.S.: Larry diz que o homem é o mais sexual dos animais e o único que prevê a morte. Creio que se poderia fazer uma adivinhação com isso.

P.P.S.: No Gato Choroso, já estou dançando com negros, o que é um ato de audácia para uma moça do Sul. A última pessoa negra que tocou em mim foi a enfermeira do dentista. São uma gente muito macia e todos presumem instintivamente que eu quero dormir com eles. Como é triste acreditar instintivamente que o corpo vale alguma coisa! Depois de semanas de castidade, lembro-me do ato do amor como a exploração de uma coisa tão triste que tem de ser feita aos pares. Ninguém a pode fazer sozinho.

P.P.P.S.: Parece que não consigo mais remeter esta carta. Mau sinal?

John Ong morreu no mesmo dia em que a França propôs outra conferência para restabelecer a paz no Laos e a China comunista resolveu emprestar quinze milhões de dólares ao Quênia. Piet ficou admirado com a extensão do necrológio no Globe. Nascido em P'yong-yang, refugiado político, asilado em 1951, descobridor com um finlandês de uma partícula elementar cuja vida se mede em milionésimos de segundo, lista de cargos como professor, sociedades científicas. Deixou mulher e três filhos. Tarbox, Massachusetts. Funerais particulares. Dispensa de flores. O amigo deles. Piet passou o dia exaltado com a grandeza oculta de John imaginando os telefonemas que estavam sendo dados entre os casais que ele e John tinham outrora conhecido. A mesma turma de rapazes cabeludos se reunia na esquina de Cogswell depois das três e o mesmo céu azul brilhava através do esqueleto queimado da velha igreja, encimado por um galo dourado intato.

Naquela mesma semana, para tratar de negócios, Piet foi à casa de Jazinski em Elmerest Drive e viu na garagem o novo saco de golfe de Leon. Quando a bela esposa de Leon, com os cabelos penteados e laqueados, lhe abriu a porta, ele viu de novo que tinha ficado para trás, quando lhe notou o rosto sorridente, o sorriso com que recebia o chefe do marido, atenuado pelo olhar firme e um curioso movimento da ponta da língua, como se ela tivesse ouvido muitas opiniões desfavoráveis a Piet. Por trás dela (não o convidou a entrar: sua reputação?), viu a cozinha toda preparada e arrumada como uma dependência de um navio a caminho de mares mais quentes.

Antes do fim de maio, Gallagher chamou Piet para uma conferência séria. Disse ele que virtualmente a sociedade entre eles estava dissolvida. Em troca dos seus ativos tangíveis — inclusive os móveis do escritório, algumas ferramentas e a camioneta, bem como o nome

da firma —, estava disposto a dar cinco mil dólares a Piet e acreditava que estava sendo generoso. Piet, rebelde como sempre quando se via diante de uma solução, pediu vinte e acabou concordando com sete. Não imaginara que fosse receber coisa alguma, tendo abdicado, depois do fim de semana com Foxy, de todos os seus direitos. Para atenuar a sua culpa, refletiu que Gallagher, que conhecia bem o valor de tudo, lhe dera sete mil dólares pela sua parte, porque ela valia muito mais. Com isso, despediram-se.

Gallagher disse em tom comercial que Piet precisava compreender que aquilo nenhuma relação tinha com os problemas pessoais dele e que ele e Terry sinceramente esperavam que ele se reconciliasse com Angela.

Enquanto isso, do outro lado da cidade, Bea Guerin se encantava com a criança de cor que tinha adotado. "Eu e Roger integramos Tarbox racialmente", disse ela pelo telefone a Carol. "Somos os últimos cruzados do mundo!" Bernadette Ong despertou para a viuvez como se o flanco dela tivesse sido aberto como uma enorme boca dentro da qual ardia o sal. Respeitara o desejo de John de ser enterrado sem religião e se sentia mergulhada numa culpa intermitente quando os filhos a interrogavam. "Papai foi para um lugar que não podemos imaginar. Sim, falará a língua dele ali. Sim, o papai sabe onde é. Sim. ele conhecerá vocês por mais velhos que vocês estejam, no fim da vida de vocês." Ela estava ao pé da cama quando o marido morrera. Um momento, havia uma respiração débil e uma boca de forma humana; no momento seguinte, havia apenas um buraco preto, preto e profundo. Marcia Smith Pequeno teve um choque.

Depois de ter convidado duas vezes os Reinhardt sem que os convites fossem aceitos, foi fazer uma visita a Deb Reinhardt, uma diplomada por Vassar, de lábios finos, que lhe disse que ela e Al, embora gostassem muito de Marcia e Harold pessoalmente, não se queriam

misturar com os amigos deles, que ela qualificou imperdoavelmente de "turma quadrada". Assim, os Reinhardt, o jovem sociólogo que tinha sido eleito para a secretaria do conselho da cidade, um ilustrador de livros para crianças, o novo ministro unitário de Tarbox e suas mulheres uniformemente tranqüilas formaram um grupo social diferente, que fazia os seus vestidos, promovia leituras de peças, conservava o sexo no seu lugar, fazia experiências com o LSD, abraçava causas liberais ainda mais militantemente do que Irene Saltz. Os indignados Applesmith passaram a chamá-los de "agitados".

Georgene Thorne sofreu uma breve visão. Triste com a derrocada de Piet e com a sua participação da mesma, tinha começado a dar longos passeios indesejados aos museus da cidade e a praias e locais distantes. Num dia, ia do local de estacionamento para a praia com os filhos, quando o riso de um casal que estava dentro da água lhe pareceu meio familiar. O homem era velho, barbado e barrigudo e jogava água em cima de uma mulher alta e esbelta, muito elegante num biquíni preto. Terry Gallagher! O homem devia ser o marido da professora de alaúde, o ceramista. Georgene voltou apressadamente com os filhos para o carro e não contou o fato a ninguém, nem a Freddy, nem a Janet Appleby, que, depois da descoberta do bilhete a Freddy, acabara por se tornar a sua melhor amiga.

Janet tinha também os seus segredos. Numa tarde de sábado, voltando da casa dos Smith Pequenos, vira o MG de Ken parado na entrada de carros dos Whitman e parou impulsivamente. Encontrou Ken na frente da casa, queimando galhos secos. A princípio, ela conversou em tom de brincadeira, mas ele sentiu, talvez porque sempre tivesse gostado dela, uma plenitude desequilibrada pela beleza do dia. Ela encaminhou então a conversa para o seu estado de espírito, a sua solidão e a sua mágoa. Então, sem muitas palavras, mas com suficiente clareza,

ofereceu-se para ir dormir com ele naquele momento na casa vazia. Depois de pensar bem e com igual tato e clareza, ele recusou. A essência das suas razões estava na seguinte frase: "Acho que ambos precisamos de tempo para gerar mais respeito próprio". O encontro deles foi assim de quase consumação, um exercício da liberdade para ambos. O primeiro momento do adultério é o mais livre. Depois desenvolvem-se constrangimentos que imitam o casamento. Janet e Ken passaram a ser melhores, portanto, graças ao seu encontro ali sobre a lagoa, sob a luz derramada do dia. Os rostos deles pareceram um ao outro superfícies planetárias de pele e de tensão, que transbordam vertiginosamente dos olhos e da boca. A oferta dela tinha sido instrutiva para ele: a recusa dele o tinha sido para ela. Durante anos, guardaram preciosamente esses minutos na lembrança, fora de toda a proporção com a circunspecção que mostraram.

Os casais, embora se tivessem prontamente cerrado à companhia de Piet, para livrarem-se de contaminação pelo seu insucesso, passaram a viver constrangidos e inquietos, como se esse insucesso tivesse sido um sacrifício ritual. Angela, que passara a ser livre, era uma ameaça a todos os casais e, embora as esposas continuassem durante algum tempo a telefonar-lhe polidamente, recebendo em troca frieza e distância, raramente era convidada para as reuniões. Na verdade, as reuniões tinham quase cessado. As crianças que cresciam faziam exigências cada vez mais complexas e alarmantes. Os Guerin, os Thorne, os Appleby e os Smith Pequenos ainda se reuniam mas sem muito entusiasmo. Uma noite, quando em outros tempos Freddy teria organizado algum jogo de salão fascinante, juntaram duas mesas e começaram a jogar bridge. E isso se tornou um hábito. Os Gallagher, livres da ligação com os Hanema, gravitaram para a órbita dos homens de

dinheiro das vizinhanças e começaram a andar a cavalo. Os Saltz mandavam cartões a todos pelo Natal. Os Jazinski tinham-se mudado para uma velha casa perto do prado e tornaram-se unitários. O Dr. Allen tinha aprendido a colocar anéis intra-uterinos. O Reverendo Pedrick, encantado, havia recebido contribuições de católicos e de congregacionistas para a reconstrução da sua igreja. Uma fundação nacional ofereceu-se para igualar dólar por dólar as contribuições dos particulares e há possibilidades de serem conseguidos fundos federais destinados à restauração dos monumentos históricos. Mas corre na cidade o rumor de que haverá não uma restauração, mas, sim, um edifício moderno parabólico e em forma de tenda, erguido como uma onda prestes a arrebentar-se.

Piet Hanema foi assistir à demolição da velha igreja e viu o galo ser recuperado e entregue a Pedrick, que posou para os fotógrafos com ele na mão. De repente, percebeu que estava no mesmo lugar onde vira Foxy pela primeira vez e onde se encontrara com ela pouco antes da chegada da mãe e ficou certo de que se casaria com ela e, ao mesmo tempo, amedrontado de que isso não aconteces-se.

Agora, embora não se tenham passado muitos anos, a cidade quase não se lembra de Piet, com a sua camioneta sempre cheia de tábuas, os cabelos ruivos, o chapéu de veludo e o casaco de couro cor de abricó, com uma ponta de lápis na fita do chapéu e um suéter caro de caxemira arruinado pela poeira, os olhos vermelhos co-mo se tivessem sido esfregados com muita força na noite anterior e a pele embaixo deles dobrada, como se o seu criador no último instante houvesse apertado o barro. Angela, que ensina numa escola de moças em Braintree, ainda é vista por ali conversando com Freddy Thorne numa esquina ou passeando na praia com um senhor bem vestido e sorridente, o pai dela. Ela tomou o

avião para Juárez em julho e se divorciou num dia. Piet e Foxy se casaram em setembro. O pai dela, metendo empenhos em todo o canto de San Diego, conseguiu um emprego do governo para o seu novo genro, o de inspetor de construções federais, especialmente quartéis, na área Boston-Worcester. Os Hanema vivem em Lexington, onde, pouco a pouco, entre pessoas iguais a eles, foram aceitos como outro casal.

FIM

O AUTOR E SUA OBRA

Só o galo da torre permaneceu intato depois do incêndio que destruiu a igreja protestante da cidadezinha de Tarbox, onde se passa a história de Casais trocados. O galo é o símbolo de Cristo.

Se não fosse isto, talvez pouca coisa se pudesse concluir após a leitura desta obra. Apontado como superficial e pornográfico por uns, o livro é, no entanto, para outros uma séria crítica à sociedade americana.

John Updike, seu autor, nasceu em 1932 em Schillington, região de colonização holandesa da Pensilvânia, filho de protestantes holandeses e alemães. Teve uma infância e adolescência muito pobres, além de uma educação puritana. Seu pai era diácono da igreja luterana e professor. Esta origem talvez explique o fato da presença de um significativo símbolo religioso no fim de páginas e páginas recheadas de realistas cenas eróticas. O adultério praticado sistematicamente no dia-a-dia, o alheamento dos problemas sociais e políticos, a troca de parceiros sexuais numa variação impossível de acompanhar não estão isentos de uma certa sensação de presença de elementos da religião calvinista. Casais trocados deixa então de ser apenas erotismo e obscenidade, para se tornar uma crítica à sociedade dos Estados Unidos, que perdeu a pureza e a simplicidade dos tempos dos colonizadores, para entregar-se aos prazeres materiais da sociedade de consumo. Entre estes prazeres, o adultério coletivo, para fugir da monotonia e do tédio.

Esta visão da opulenta sociedade de seu país talvez explique também a falta de adaptação de Updike à mesma. Procurando fugir ao seu envolvimento, vive com sua mulher e quatro filhos na cidadezinha de Ipswich, de dez mil habitantes, em Massachusetts, numa casa do

século XVII, de treze cômodos. Escreve na parte da manhã, numa saleta situada em cima de um movimentado restaurante no centro da cidade, estimulado pelo barulho do ambiente. À tarde participa de reuniões do Partido Democrata, toca flauta ou passeia pela praia com os filhos.

Com quarenta e um anos, já publicou dezenove livros. Ao lado de Norman Mailer, John Updike é considerado um dos mais talentosos escritores americanos de hoje. Estimulado pela mãe (também romancista), Updike já em criança rabiscou suas primeiras histórias.

Depois de diplomar-se na Universidade de Harvard, revelou seu talento escrevendo novelas humorísticas para a sofisticada revista *New Yorker*. Reuniu essas histórias em dois volumes, ao mesmo tempo que iniciava sua carreira como romancista, publicando, em 1959, *The poorhouse fair*. Seguiram-se: *Rabbit, run* (1960), *The centaur* (1963), controvertida biografia de seu pai, *On the farm* (1966).

Casais trocados (*Couples*, em inglês), em 1968, teve grande sucesso e causou polêmica. Embora salientando as notáveis qualidades de seu estilo, já reveladas nos livros anteriores, a crítica atacou duramente John Updike, considerando-o mais um escritor que teria embarcado na fórmula fácil da literatura comercial. Mas parece que Updike não se deixou fascinar pelos dólares que arrecadou com o sucesso de Casais trocados. Em 1970 volta com *Beach: a book* e em 1971 com *Rabbit Redux*, uma continuação de *Rabbit, run.* A crítica acolhe com aprovação as novas obras do romancista. Seu estilo brilhante se alia agora a novas idéias e novos problemas: a conquista da Lua, a guerra do Vietnam, as drogas, o racismo.

Updike publicou também poesia e mais de duzentos contos, os últimos num volume intitulado *Museus e mulheres e outras histórias* (1972).